

Joaquim Ferreira dos Santos

ENQUANTO
HOUVER
CHAMPANHE,
HÁ
ESPERANÇA

Uma biografia de

ZÓZIMO
BARROZO DO
AMARAL





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

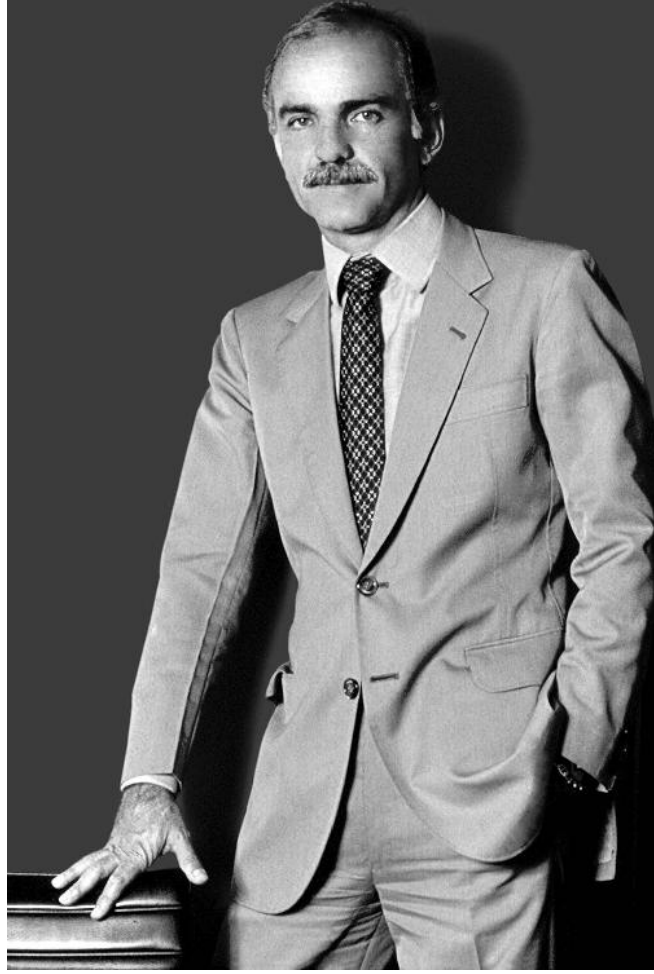
A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





Zózimo

Em casa dos Mayrink Veiga

• Aconteceu no Rio, como poderia ter acontecido perfeitamente em Paris, Nova Iorque ou Londres. A beleza da noite não teria sido diferente, assim como a elegância ou a categoria. Diferentes seriam apenas os convidados, mas sua relação dificilmente incluiria mulheres tão bonitas.

• Bonitas e bem vestidas, como ocorre sempre que são anfitriãs Carmen e Tony Mayrink Veiga, que receberam na quinta-feira para um jantar *black-tie* proporcionando aos convidados uma noite de diversão e requinte.

• Esta, aliás, se impunha a partir da entrada, onde as senhoras se despojavam de seus casacos de pele a que foram obrigadas a recorrer para defender-se da baixa temperatura da noite. E se estendia pela casa inteira, cujo *décor*, já naturalmente bonito, tinha a valorizá-lo uma ornamentação de flores de todas as cores do maior bom gosto.

• Estava resplandescendo o apartamento dos Mayrink Veiga, um reflexo da personalidade das *hostess*, que receberam com um modelo cor de toante com a *griffe* de *Mme Grés*.

A abertura do *buffet* revelou ainda uma vez o toque pessoal de Carmen, presente, por exemplo, nas cavaquinhas ao molho de creme *gruyère*, *capaletti au basilique* ou ainda na salada, *opre inventiva*.

Entre os inúmeros presentes estavam os Embaixadores e Srns Hugo Gouthier, Luis Bastian e Paulo Paranaguá, o Conselheiro-Geral da França e Srta Tommaso Troite, Adelaide e Ari de Castro, Maria e Frank Torrese, Maria José e Teófilo com Marcos e Eduardo Magalhães Pinheiro, e Sergio Figueredo, Carmen e José Gueiros, Titá e Mario Vinhas.

Destacava particularmente a atenção a algumas certas mulheres, como Ana Luiza Capandua (de preto de renda) com Gustavo Afonso, (de preto, bordado, etique- Guimaraes) com Zeslio, Regina Marconraz com Paulo Fernando, Claudia Niedbará (de novo penteado, com tranças) e Bebel Marcoudes Ferraz (de verde



água, reproduzindo sua cor de olhos) com Mariazinha, Iara Andrade (de roxo) com Roberto, Maria da Glória Antiel com Rodolfo, Mercedes de Orleans e Bragança com Eudes, Elsa Martinnelli (de preto) com Pierre Drap.

• Estavam também as Srns Josefina Jordan, Lourdes Catão, Claudine de Castro, os Srs Nelson Batista, Pedro Leifão, Guilherme Guimarães, Bernardo Gouthier, Luis Williams, Hugo Jeremias, além evidentemente, ajudando a receber de Antonia e Antenor Mayrink Veiga.

Zózimo

Sinceridade

O deputado Gustavo Krause foi eleito secretário de Assuntos Regionais, para a qual estava indicado mas não quer a qual estava exercido da franqueza. O encontro que teve com Fernando Henrique, para definir a sua participação no Governo registrou o seguinte diálogo:

— Presidente, estou empregado?

— Está.

— É, presidente, mas trata-se de um emprego ordinário.

Fernando Henrique ouviu, chamou Paulo Renato Souza e logo em seguida Krause foi contemplado com o Ministério do Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

■ É a Chechênia, hem?
Chechênia capital Clitória.

Férias

O presidente Itamar Franco já decidiu quando embarcava para Portugal já na condição de embaixador do Brasil. Antes disso, Itamar passará o mês de janeiro em Juiz de Fora. De papo pro ar.

■ Itamar Franco nomeou o Ministério. Fernando Henrique, o Paulistão.

Mini-Municipal

O prefeito César Maia quer ampliar a rede municipal de teatros, lançando, no início de 85, o Teatro Municipal Infantil.

A secretária de Cultura Helena Severo recebeu a tarefa de seleccionar os teatros desativados da cidade e verificar qual poderá ser alugado pela Prefeitura para tornar-se um espaço destinado exclusivamente às crianças.

Olha o tubarão!

Decidido a pôr um ponto final nos comentários de que estaria fazendo irritações contra seu futuro colega de Ministério Paulo Renato Souza, o empresário Sérgio Motta convidou para um passeio no próximo fim de semana, Praia de Faro para pegar onda na Praia de Faro para pegar onda na Praia de Faro.



O repêto, a pedida, agora exibindo lingerie. Modelo Juliana Galvão, ganhadora para ninguém.

RODA VIVA

- Os casais Yara e Roberto Andrade e Terezinha e Albe embarcando para passar as festas de fim de ano em B.
- O apresentador Sérgio Peres da Silva está comemorando frente do programa "Voz Populi".
- Jean Paul Gaultier: fará uma palestra sobre moda.
- A cidade.
- O ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Kluge, vem ao Brasil na ocasião da assinatura de um tratado de cooperação econômica, dia 23, em Brasília.
- Baby e Evelina Montenegro de Carvalho reúnem a Santa Tereza para o Natal.

[Arquivo/Agência O Globo]

*Joaquim
Ferreira
dos
Santos*

**Enquanto
houver
champanhe,
há esperança**

Uma biografia de
Zózimo Barrozo do Amaral



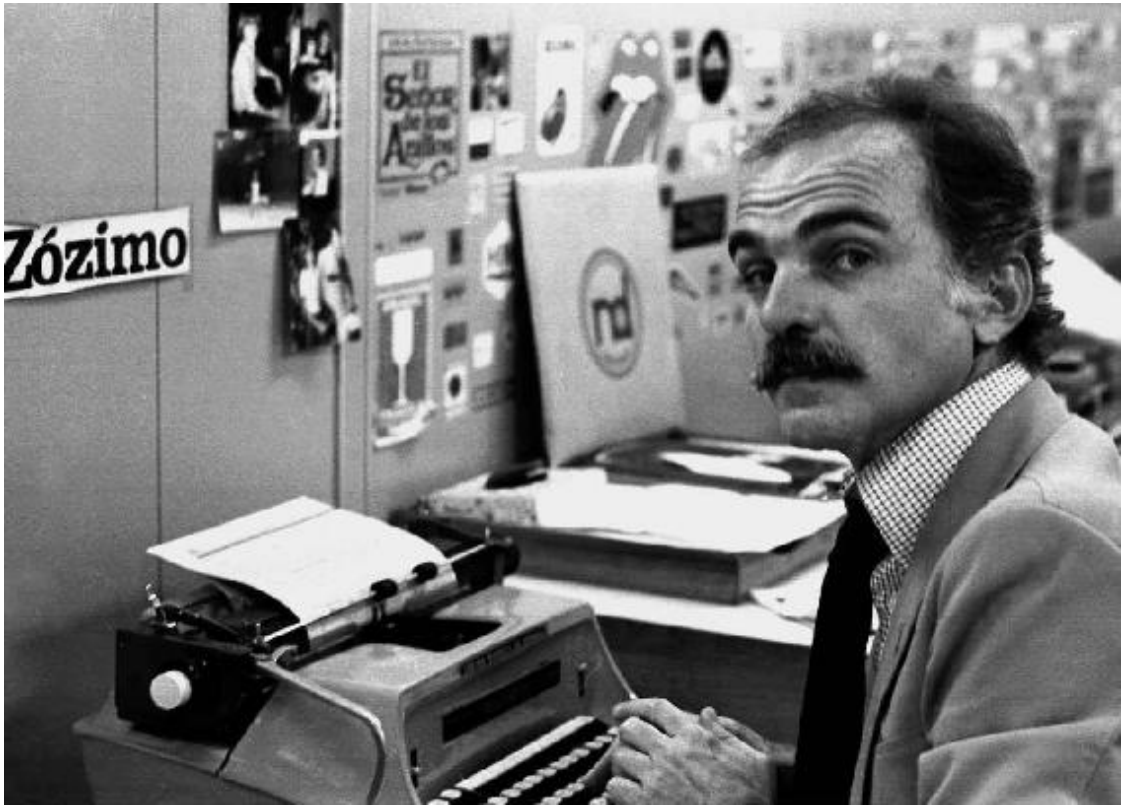


Foto de Joëlle Rouchou.

Copyright © 2016 by Joaquim Ferreira dos Santos

Preparação

Kathia Ferreira

Revisão

Eduardo Carneiro

Tamara Sender

Vania Santiago

Pesquisa iconográfica

Gabriel Bernardo

Checagem

Rosana Agrella da Silveira

Capa e projeto gráfico

Victor Burton

Tratamento de imagens

Anderson Junqueira

Foto do autor

Leo Aversa

Revisão de EPUB

Marina Góes

Vanessa Goldmacher

Geração de EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0016-8

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 30 andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro– RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Eduardo e Vera

1

O chefe da cela, o estudante Valter Bezze, foi o primeiro a ver. Tratava-se de Zózimo Barrozo do Amaral, o elegante colunista social do *Jornal do Brasil*, o novo preso político enviado pelos militares para se juntar aos cinquenta que já estavam naquela cadeia. Era a noite de 2 de abril de 1969 no segundo andar do Batalhão da Polícia do Exército, na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Chovia, um vazamento pingava num dos cantos, os trovões e relâmpagos pareciam sonoplastia de filme de terror. Só faltavam os lobos uivando. O espanto revelado por Bezze, um dos organizadores da célebre Passeata dos Cem Mil pela avenida Rio Branco, no Centro, em junho do ano anterior, vinha de um outro tipo de constatação. Não era filme de terror psicológico. Estreava o terror político.

“Pessoal!”, gritou Bezze para dentro da cela. “Os homens enlouqueceram! Eles agora estão prendendo eles mesmos!”

O AI-5 tinha sido baixado pelo general Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968 e jogava nas prisões centenas de estudantes, políticos, intelectuais, guerrilheiros e todo tipo de opositor ao regime, gente de atividade bem diversificada, mas que os militares julgavam subversivamente nivelados pela ideia de querer derrubá-los do poder que haviam usurpado em 1964. Zózimo foi o único colunista social preso em vinte e um anos de ditadura — e, glória das glórias, por duas vezes. Seu crime: publicar notinhas no jornal.

A nota-estopim da primeira prisão, quando foi recebido pelo espanto sarcástico de Bezze, saíra no canto à direita da coluna *Zózimo*, publicada no *Jornal do Brasil* em 1º de abril de 1969. Vinha no estilo que seu autor praticava como novidade no jornal, havia menos de dois meses, e avançava em tom

editorial e opinativo, na linha de pioneiros nesse tipo de jornalismo na cena brasileira como Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued e Álvaro Americano. Zózimo jogava com os mesmos trunfos desses colunistas e oferecia informação diversificada, e não só registro de batizados e casamentos, conforme se fazia no início do século XX. O humor refinado estava presente em seus textos com a sutileza necessária para a época, ou seja, para uma imprensa sob censura prévia. Era das boas notícias da temporada barra pesada de 1969: um colunista social podia ser articulado, bem-pensante, com talento literário e, como confirmava na chegada à prisão, charmoso dentro de um blazer, calça e camisa social em tons diferentes de azul.

Zózimo não era inocente do “crime” que lhe estava sendo imputado. Havia informado a um colega na redação que, com a notícia, pretendia comemorar à sua maneira o quinto aniversário do golpe militar, ocorrido em 1º de abril de 1964. Tentou ser discreto. No título botou “100 anos depois...”, aparentemente homenageando o século da Guerra do Paraguai (1864-1870), o país que servia de pano de fundo à cena hilária narrada por ele. A nota saiu assim:

- Os jornalistas que fizeram a cobertura do almoço que reuniu na Foz do Iguaçu na semana passada os presidentes do Brasil e do Paraguai, generais Costa e Silva e Alfredo Stroessner, estão até agora sem entender o insólito da presença ativa e participante de cerca de 100 indivíduos de má catadura, responsáveis pela segurança do chefe de Estado paraguaio, que praticamente ocuparam o Brasil durante um dia inteiro. Deles partiram todas as ordens e esquemas envolvendo os problemas de segurança, com um desembaraço e uma desenvoltura dignos de quem está em seu próprio país. (...)

- Perguntem aos jornalistas e aos diplomatas do Itamaraty que lá estiveram o número de cotoveladas e empurrões que levaram e terão uma ideia dos desmandos dos truculentos elementos que compõem a guarda pessoal de Stroessner.
- Pois até o general Lyra Tavares, ministro do Exército, foi de uma feita empurrado pelos atuantes cotovelos dos policiais e se não é amparado pelas pessoas que se encontravam ao seu redor teria caído.
- Curiosamente, porém, a valentia e a determinação da guarda paraguaia contrastavam com a lividez do general Stroessner quando este se viu compelido a entrar num helicóptero a convite do presidente Costa e Silva para uma visita *à vol d'oiseau* das Cataratas do Iguaçu.

A nota fora publicada na terça-feira da Semana Santa. Qualquer um sabia dos riscos de ser pregado à cruz caso juntasse na mesma frase a palavra “general” e conjugações do verbo “cair”. Os brasileiros deveriam saber que o general paraibano Aurélio de Lyra Tavares, empurrado de um lado para outro em Foz do Iguaçu, não cairia de jeito nenhum. A notícia tinha sido passada por um amigo de Zózimo, um nome jamais revelado, que estava no almoço da abertura da rodovia BR-277, ligação do Porto de Paranaguá com a Ponte da Amizade, na fronteira com o Paraguai. Em tempos democráticos, diante de problema com o conteúdo de uma informação cabe reclamação e pedido de acerto. Naquele tempo, a resposta era outra. O que queria dizer o colunista com a expressão “má catadura”? Seria uma forma sutil de trazer aos corações e mentes dos leitores, pela associação com a rima, a palavra amaldiçoada, “ditadura”, jamais deixada publicar pela censura?

Ter adjetivado como “lívido” o semblante do general-ditador paraguaio ao subir ao helicóptero também insinuava

lamentável disposição do colunista. Onde já se viu? De um lado ou de outro da fronteira, donos de todos os poderes, militares brasileiros ou paraguaios não tinham medo de nada. As trevas caíam absolutas sobre a ordem continental. O que fazer, então, para mostrar que com as Forças Armadas não se tira sarro? Prenda-se o autor da notícia. A culpa era do jornalista.

No mesmo dia da publicação, Zózimo recebeu um telefonema do Ministério do Exército pedindo que comparecesse ao prédio da instituição, no Centro do Rio. Não havia especificação sobre o assunto nem sobre o horário da visita. O tom soava amistoso. Ele deveria falar com um coronel responsável pelas tratativas do dia. E lá foi Zózimo, de guarda-chuva, debaixo de uma tempestade, para o encontro com os militares brasileiros. Já na portaria do ministério, envolveu-se num entrave cômico-burocrático com a sentinela. Estava sem documentos e, “ordens do comandante”, só se entrava naquele prédio com algum papel de identificação. “Tudo bem, meu amigo”, Zózimo tentou explicar ao guardinha, “mas acho que só quem vem aqui por vontade própria é que tem de se identificar. Quem vem aqui chamado, como eu fui, pode ser liberado da formalidade.”

O argumento surtiu efeito e Zózimo subiu ao andar indicado. Lá já não estava o coronel do convite, que embarcara mais cedo para o feriadão da Semana Santa. Um capitão tomou para si o personagem de inquisidor-geral da República. Mostrou a coluna do jornal com a nota circulada por caneta vermelha.

“Foi o senhor que publicou isso?”

“Foi, está assinada.”

“Então eu tenho ordens do ministro de prendê-lo.”

“Pois não, eu poderia antes telefonar para o jornal e avisar...?”

“Não, não me venha com o jornal. Qualquer pessoa, menos o jornal.”

Zózimo ligou para o pai, pedindo que avisasse o jornal e fosse pegar seu carro estacionado numa calçada ao lado do ministério. Não havia o que prever do desfecho daquilo — e a coreografia seguinte tanto podia assustar quanto matar de rir. No pátio interno, esperando uma escolta, ouviu a ruidosa chegada de um jipe em alta velocidade, que fez a volta no pátio cantando pneus e parou com uma freada diante do colunista. De dentro saíram dois soldados armados de metralhadoras, compenetrados na gravidade da missão. Prontos, apressados e engatilhados para qualquer reação.

“Fui preso como se prende o mais perigoso dos subversivos: duas metralhadoras para um guarda-chuva”, contaria Zózimo mais tarde, com seu jeito de cauterizar com humor as apoquentações da vida. “Se eu ainda estivesse com um guarda-chuva Brigg...”, continuou, referindo-se ao clássico modelo inglês.

O quartel do Batalhão da Polícia do Exército, para onde o jornalista foi levado, ficaria logo em seguida conhecido como a central do terror engendrado pela repressão militar no Rio. Mas, naquela Quarta-Feira Santa de 1969, a prisão ainda era exercida com alguma dignidade. Caetano Veloso e Gilberto Gil tinham passado sete dias ali antes de seguirem para a Vila Militar, na Zona Oeste. Tinham estado presos pelo estilo de vida, pela música que faziam e por terem cantado, na boate Sucata, na Lagoa, embaixo de um estandarte do artista plástico Hélio Oiticica com a foto de um bandido morto e a inscrição “Seja marginal, seja herói”. Os baianos ficaram em celas individuais, no térreo, de clima mais sombrio. Zózimo foi direto para o segundo andar, num salão de uns cinquenta metros quadrados apenas com presos políticos.

Bezze, por exemplo, era do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (Caco), da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma referência da política de agitação estudantil. Ele estava no seu quinto mês de prisão, era o mais antigo de todos ali e uma espécie de líder da cela. Por alguns dias dividira o cargo com Ênio Silveira, editor da *Civilização Brasileira* e filiado ao Partido Comunista Brasileiro, também preso assim que o AI-5 radicalizara a opção dos militares pela ditadura. Ênio era alto. Quando estava dentro da cela e precisava de ajuda externa, curvava-se para meter a cara na portinhola por onde entrava a comida e gritar, falsamente educado: “Senhor Cabo da Guarda!, por favor, Senhor Cabo da Guarda!” O tom, de escrachada ironia, evocava filme B mexicano, e os presos riam baixinho. A impressão era de que o Sargento Garcia, o algoz gorducho do Zorro, apareceria do outro lado.

Quando Zózimo chegou para passar a Semana Santa, Ênio já estava solto e Bezze tornara-se a referência de comando na cela. Tratava-se de um homem também alto, bonito, de fala sedutora. Tinha sido inscrito pelos pais aos dez anos no Partido Comunista, e desde então discursava em público. Administrava com inteligência os humores reclusos, não deixando que o astral dos prisioneiros caísse. Graças a ele reinava certa ordem. Quem quisesse podia ler livros estocados numa pequena biblioteca, entre eles *O estrangeiro*, de Albert Camus, e *A semente do diabo*, que em edições futuras ganharia o título de *O bebê de Rosemary* — os dois livros passaram pelas mãos de Caetano e Gil. Tinha sido ideia de Bezze deixar no fundo da cela uma mesa comunitária. Nela, todos deveriam colocar alguma coisa trazida na visita dos parentes.

Naquela noite, Bezze estava fora da cela, cuidando de detalhes da burocracia da prisão. Foi quando viu o preso chegando no seu conjunto de azuis. Ao dar as boas-vindas,

perguntou-lhe o nome. Ao ouvir “Zózimo”, pensou logo no colunista famoso. Não podia ser, claro! O que estaria um arauto da burguesia capitalista, preocupado em noticiar as festas dos novos nobres, fazendo ali? Como não lhe conhecia o rosto, continuou a conversa de boas-vindas. Pensava estar usando o tom da mais pura brincadeira carioca quando perguntou: “Não vais me dizer que és o Barrozo do Amaral?” “Sou eu, o próprio”, ouviu como resposta.

Foi aí que Bezze se voltou para a cela e anunciou o novo companheiro de infortúnio com o “Pessoal! Os homens enlouqueceram! Eles agora estão prendendo eles mesmos!” — uma das melhores definições sobre aquele momento do desvario ditatorial. Qualquer um era suspeito.

Na noite da chegada de Zózimo, o clima ainda era de confraternização entre iguais, quase todos com o perfil típico de opositores do regime, como estudantes, engenheiros agrônomos envolvidos com a reforma agrária, profissionais liberais. Gente enquadrada por algum desvio de pensamento naquilo a que os militares chamavam “subversão”. Entre revolucionários de esquerda, guerrilheiros apologistas da luta armada, comunistas de diversas dissidências, a prisão era uma condecoração. Faltava o champanhe, mas sobrava gentileza até dos militares responsáveis pelo cárcere. O bom papo reinava, num coquetel ideológico atrás das grades. Ao longo da história brasileira só havia notícia de colunista social preso em dias de tempestade, quando a avenida Atlântica alagava e ficava impossível sair do Golden Room do Copacabana Palace.

Estar trancafiado no presídio da PE na Barão de Mesquita valia como certificado de que já não se fazia “colunista social” como outrora. Na verdade, Zózimo achava essa definição limitadora para o *mix* de notícias que apresentava em mais da metade da página 3 do caderno de cultura do *JB*, o *Caderno B* — onde estava desde 4 de fevereiro de 1969, após iniciar a

carreira no jornal *O Globo* cinco anos antes. Seus problemas acabavam a partir daquele momento, pois já tinha como abrir o currículo ou preencher a linha de profissão na ficha do hotel em Paris: “Preso político.” E preso num endereço politicamente nobre. Juscelino Kubitschek passara por ali para prestar depoimento. Era o encontro do colunista social herdeiro do estilo consagrado por Ibrahim Sued com os socialistas herdeiros da Coluna Prestes. Davam-se bem. A tal mesa comunitária no fundo da cela, inventada por Bezze, introduzia aqueles prisioneiros no capítulo que eles julgavam ser o próximo da história brasileira: “O socialismo vem aí e todos precisamos nos acostumar desde já a dividir.” E esta era uma das frases recorrentes do bom humor no xadrez.

No segundo dia de cana, Quinta-Feira Santa, Zózimo fez sua primeira contribuição para o mesão. Colaborou com um quinhão sofisticado para que os companheiros de cela ficassem ainda mais determinados a lutar pela causa. Marcia Barrozo do Amaral, sua mulher, conseguiu visitá-lo e levou uma cesta da Lidador, fina loja de importados. A cestinha estava repleta de queijos *camembert*, *brie*, *roquefort* e outras estrelas da *fromagerie* francesa. Zózimo, morto de vergonha com a ostentação em pleno território dos que brigavam pela ascensão do proletariado faminto, colocou as iguarias no mesão socialista. Depois, cochichando, deu um toque em Marcia: “Da próxima vez traz Catupiry.”

Como as relações com os presos eram cordiais, mas sem exageros, os militares só impediram a entrada do vinho francês na cela. Deve ter ficado com o “Senhor Cabo da Guarda”. Mesmo assim, encantados, todos degustaram *camembert* com água da bica. Dois dias depois daquele banquete lá estava novamente Marcia com outra cestinha de delicadezas. Dessa vez elas falavam o português mais carioca possível. Nada de importados. Tinha Catupiry, queijo de minas e mortadela.

Tudo gostoso, e agora politicamente compatível com o cenário espartano do presídio. A turma comeu, agradeceu e foi dormir.

Bezze, que percebera a mudança de sotaque no cardápio, no dia seguinte puxou uma expressão séria. Chamou Zózimo no canto: “Olha aqui, meu prezado colunista. Nós estamos presos, jogados neste fim de mundo, mas nem por isso perdemos a nossa dignidade, compreendeu? Estamos aqui trancados, feito animais, mas eu falo em nome do grupo e vou te dizer o seguinte: Queremos respeito!, tá me ouvindo?, respeito!” Zózimo ficou paralisado.

Até aquele momento vinha sendo tratado com sorrisos. Era carioca da gema. Passara a infância jogando bola com os moleques da favela da Praia do Pinto, torcia pelo Flamengo no Maracanã, transitava sem problemas entre os grupos da cela. Todos pareciam gostar dele, e ele, por sua vez, tinha certeza de estar sendo claro na reciprocidade. As diferenças de classe social evaporavam-se ali. Eram iguais na mesma noite escura desenhada pela ditadura.

“O que houve? O que foi que eu fiz?”, perguntou diante da bronca. Bezze pigarreou para dar mais gravidade ao discurso e prosseguiu: “Da primeira vez a sua mulher trouxe *camembert*, *brie*, um banquete delicioso. Ontem foi Catupiry. Antes que a coisa chegue ao Polenguinho, eu quero te dizer o seguinte: só queijo francês! Do bom! Nós somos socialistas, mas gostamos é de queijo francês, morou?!”

Por mais trinta segundos — o rosto silenciosamente fechado, vermelho, expressão da mais furibunda ira, numa pausa dramática espetacular —, Bezze continuou no que poderia ser considerada a melhor performance teatral de sua vida. Parecia prestes a chamar o Senhor Cabo da Guarda e denunciar o companheiro por alguma má conduta. Em seguida, não aguentou. Antes que Zózimo acreditasse demais

naquilo, explodiu numa gargalhada. Era tudo brincadeira. Naquele fim de mundo, qualquer queijo seria bem-vindo.

E assim se passaram os dias da Semana Santa de 1969 na Barão de Mesquita. Até que na segunda-feira pós-Páscoa o coronel ressuscitou, quer dizer, o coronel que havia convocado Zózimo para a conversa no Ministério do Exército voltou do feriadão, desfrutado com a família na Região dos Lagos. Descansado, chamou o preso ao seu gabinete. Deu-lhe uma admoestação por causa da nota da nova Guerra do Paraguai. Exigiu um desmentido. Segundo o militar, a fonte do colunista estava errada: o general Lyra Tavares nem sequer comparecera à inauguração da rodovia, o que lhe tirava as condições de ser empurrado por quem quer que fosse. O militar ainda passou algum tempo explicando ao jovem colunista como se fazia jornalismo para família, como se respeitavam generais, fossem brasileiros ou paraguaios. E finalmente libertou-o e permitiu que voltasse à sua caserna jornalística para catar notinhas mais positivas que ajudassem no esforço geral em prol do desenvolvimento da nação.

No dia seguinte, 8 de abril, de volta à redação, Zózimo publicou um “desmentido”, ou melhor, já que colunistas detestam essa palavrinha, uma “retificação” carregada do sabor das pressões da época. A toda hora a TV era tomada por algum guerrilheiro que, num depoimento forçado, se dizia arrependido da opção pela luta armada e disposto a seguir os caminhos democráticos. No caso da retificação de Zózimo, poderia estar acontecendo o mesmo. Eis a nota:

- Ao ministro Lyra Tavares estou precisando fazer uma retificação. O ministro não foi empurrado por agentes de segurança do presidente Stroessner nas solenidades realizadas em Iguaçu. Lá não tendo estado, acreditei em informante que se revelou irresponsável. Na realidade o

general Lyra Tavares nem compareceu à cerimônia na Ponte Internacional, pois, achando-se muito fatigado, disto foi dispensado pelo presidente da República.

Desse jeito, Zózimo teria sido preso — o que torna o acontecimento ainda mais escalafobético — por uma “barriga”, que, na linguagem jornalística, significa “erro de informação”. A punição pior para um jornalista que dá uma “barriga” é ter de fazer o desmentido, a declaração pública de que fracassou na tentativa de flagrar a verdade dos fatos. Bastaria esse mea-culpa a Zózimo. Em 1969, porém, tudo precisava passar também pela humilhação da prisão.

Zózimo acertou a nota conforme a ordem do coronel, mas a cena do crime não ficou clara. Lyra Tavares, segundo a reportagem do *Globo* publicada no dia seguinte à inauguração da rodovia, em 28 de março, estava realmente entre os relacionados no evento — o que seria uma pista para confirmar a veracidade da nota de Zózimo. A reportagem tem um tom inequívoco de *press-release*. Parece um texto preparado previamente pela assessoria militar, passado aos repórteres e, como era comum na época, publicado na íntegra, sem que eles confirmassem as presenças previstas. Pode ser que Lyra estivesse no *release*, mas, dispensado, por cansaço, não estivesse na cerimônia de fato.

Zózimo jamais comentaria a retificação ou a pressão que sofreu para publicá-la. Cercou de estranhezas a coluna daquele dia para tentar sinalizar isso. As notas pareciam escritas com os militares da Censura olhando por cima do ombro do redator, e eles desde o AI-5 habitavam a redação. Além da retificação, Zózimo informava que o mesmo Aurélio Lyra Tavares recebera a grã-cruz da Ordem de Mérito Militar. Mais: falava da aula inaugural dos cursos da Escola Superior de Guerra, proferida na véspera pelo ministro Hélio Beltrão.

Comentário de Zózimo ao final dela: “Aconselho muito aos leitores a aula inaugural em questão. Quem a ler vai compreender muito melhor os objetivos que o governo persegue e a realidade nacional.” Tamanha empolgação os leitores só tinham visto o colunista usar para elogiar alguma safra de champanhe.

A prisão mereceu citação num boletim da Central de Inteligência Americana (CIA, na sigla em inglês) sobre a América Latina já em 3 de abril, dia seguinte à chegada ao presídio. De acordo com o texto da CIA, a ocorrência demonstrava que as autoridades militares estavam “determinadas a continuar prendendo especialmente intelectuais e jornalistas que em seu julgamento são suspeitos de manterem contato com movimentos de esquerda”.

Zózimo, que descrevera o empurra-empurra na rodovia sem qualquer intenção de ser de esquerda, continuou nos meses seguintes a publicar notas guiando-se por sua bússola profissional — a de privilegiar o que julgasse notícia. A da censura das músicas “Cálice” e “Bolsa de amores”, ambas de Chico Buarque, saiu primeiro na coluna. Também foi o primeiro a divulgar o surgimento, em código, óbvio, de um novo compositor na praça, um certo Julinho da Adelaide, pseudônimo do mesmo Chico para burlar as proibições do regime. Eram notas do contra, mas sem ostentar oposição política. Da mesma maneira que Chico Buarque, guardava-se para quando o Carnaval chegasse — e segurava o bloco, dava um tempo, indignando-se apenas com questões municipais.

Na intimidade de suas vidinhas domésticas, porém, os militares de 1964 gostavam de uma pândega — e Zózimo pagou por divulgar isso. Foi o motivo da segunda prisão. Corria o doloroso ano de 1972, com as prisões abarrotadas e já sem espaço para delicadezas de mesas comunitárias. A estudante Míriam Leitão e a ativista Dilma Rousseff, que depois

seguiriam credos opostos na economia, estavam sendo torturadas pela crença nos mesmos pontos de vista esquerdizantes. O Rio, querendo alegrar a cena nacional, anunciava, por intermédio de Zózimo, a sua próxima atração cultural:

- A estreia mais badalada da próxima semana será a do musical *Vem de ré que eu estou em primeira*, trazendo de volta Leila Diniz aos palcos. O local é o Salão de Viena.
- Pelo título deve se tratar de uma revista sobre automobilismo.

Depois de ter dado uma entrevista para *O Pasquim* em novembro de 1969 (“você pode amar muito uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso já aconteceu comigo”), Leila tornara-se a inimiga-pública-número-um da família brasileira. De todas as famílias. A esquerda desprezou-a por estar pedindo liberdade sexual num momento em que a questão era a liberdade política. As feministas consideravam suas declarações de vulgaridade única, uma afronta à causa. A direita achava-a uma prostituta.

Leila perdeu os empregos. A revista “sobre automobilismo” representava sua volta à cena depois de ter engravidado, sem casamento, do cineasta Ruy Guerra. Era um símbolo do que se chamava de esquerdismo comportamental, já que a prática política usual de oposição estava proibida. Não obstante, o comandante do Forte de Copacabana gostava dela, e em 1º de fevereiro de 1972 Zózimo noticiou:

- O coronel Osmany Pilar é um dos maiores fãs do musical de Leila Diniz, em cartaz no Salão de Viena. Na semana que passou, apareceu para assistir ao espetáculo três vezes.

Nos anos de chumbo, de um lado ou de outro, tudo soava grave. O Estado-Maior do Exército enquadrou o coronel. Onde já se viu um militar aplaudindo, e por três vezes!, uma vedete que já tinha contrariado a moral vigente da família cristã e agora encenava um espetáculo falando palavrões? Osmany era gente boa. Gostava de andar com a sociedade e chegou a dar uma festa, com dinheiro público, no Forte de Copacabana, convidando Tereza de Souza Campos, Lourdes Catão e outras madames.

A nota sobre o espetáculo de Leila Diniz saiu no jornal mais pela curiosidade da coisa do que por qualquer fito de denúncia de incoerência ideológica do milico. Não era Zózimo vingando-se com um deboche da prisão de 1969. Pelo contrário, a nota, tão a favor, tinha sido passada pelo próprio Osmany. Num encontro com Zózimo, o coronel contara suas idas ao show, elogiara a performance de Leila e, como não via problema na confissão, afinal era apenas um show de vedetes com o mocotó de fora, não disse o famigerado “mas pelo amor de Deus não publique!”. Qual o mal em ver um espetáculo de música e humor como aquele?, ele deve ter se perguntado enquanto levava o esporro de um superior no Ministério do Exército.

O coronel, chamado aos brios cívicos por estar jogando o jogo do inimigo e elogiando uma subversiva notória, precisava fazer o que na época era esperado por seus superiores. Não lhe sobrou senão a alternativa de enquadrar o amigo jornalista. Prenda-se o suspeito de sempre. Mandou um jipe com quatro soldados até o apartamento de Zózimo, meia dúzia de quadras depois do forte, já em Ipanema, e recolheu-o aos costumes até o fim do dia. Dessa vez, Marcia foi dispensada de preparar tábuas de queijos. O coronel precisava da encenação, precisava dar um desconforto público ao colunista, para mostrar pulso forte. “Você me sacaneou”, desabafou com Zózimo, que retrucou com um “Não era a intenção, mas você tem bom

gosto”. Osmany pediu então que o poupasse de outras publicações.

Liberado, na manhã seguinte o colunista social voltava à redação com nova medalha. Quase um Santo Guerreiro em eterno duelo contra as Forças Armadas, o Dragão da Maldade. Quanto a *Vem de ré que eu estou em primeira*, teve carreira discreta. Dalva de Oliveira, no elenco, cantava “Bandeira branca” em dueto com Leila, mas Zózimo não publicou. “Bandeira branca” poderia parecer um jeito de “intelectuais de esquerda” sugerirem que os militares deveriam parar de guerrear com os brasileiros.

Uma noite, Chico Buarque de Hollanda, amigo do diretor do espetáculo, Tarso de Castro, deu uma canja. A plateia embevecida ouviu o compositor, também perseguido pelo regime militar e obrigado a um exílio na Itália encerrado em 1970, cantar o clássico “Escurinho”, de Geraldo Pereira. Tudo ia bem e feliz até que Chico, ligeiramente bêbado, resolveu se aliviar ali mesmo e urinou com a maior discrição possível num vaso de plantas que decorava um dos cantos do proscênio. Foi a última cena de *Vem de ré*. O dono do Viena, um militar aposentado, urrava no dia seguinte ao ser notificado da chanchada: “O palco é a continuação do meu lar, vocês urinaram no meu lar!”

E demitiu todo mundo. No *JB*, Zózimo encontrou transtornada sua secretária, e eventualmente repórter, Marly Gonçalves. As duas prisões, por motivos absurdos, deixaram-na em pânico. Foram episódios que serviram a ela de conscientização política. Qualquer brasileiro, até mesmo em meio à Semana Santa, poderia ser considerado suspeito. E foi aí que a ficha caiu: ela, inclusive. Ainda mais secretariando um subversivo daqueles. Marly, pelos muitos anos da ditadura militar, passou a temer, no radicalismo do destempero paranoico, que um dia o I Exército levasse não apenas Zózimo,

mas ela e, depois, Fred Suter, o outro jornalista da coluna. A aproximação com o colunista, de que tanto se orgulhava, começava a soar arriscada para a ex-secretária do funcionalismo público, agora metida nesse negócio de oposição ao regime.

Zózimo percebeu o potencial de comicidade do medo e resolveu assustar Marly. Pegou um envelope do I Exército que havia sido enviado à coluna com um *release* e forjou uma carta assinada por um general. O militar fictício espinafrava uma nota que havia sido publicada sobre um jantar na casa da grã-fina Carmen Mayrink Veiga, em que a coluna elogiava como grande arte da ceia uma guarnição de caviar da melhor procedência russa. Dizia a carta, deixada displicentemente sobre o rolo da máquina de escrever de Marly, mas dirigida ao titular:

As suas insinuações elogiosas aos valores comunistas lhe custarão mais uma prisão, seu esquerdinha. E está na hora de levar também aos quartéis esses seus asseclas, porque tudo isso aí não passa de uma célula de esquerda fingindo de coluna social.

Marly acreditou. Naquele mesmo dia, diante de uma nota que elogiava o frango à Kiev servido em um jantar de Lourdes Catão, perguntou muito séria a Zózimo: “O frango à Kiev está liberado pelos militares?”

2

O primeiro Zózimo Barrozo do Amaral nasceu no Ceará, filho de uma família muito católica, e foi assim chamado em homenagem ao papa grego que governou a Igreja entre março de 417 e dezembro de 418 (o nome significa “guerreiro abnegado”, e teve como seu primeiro portador um romano que abrigou cristãos em cavernas). Esse Zózimo I cearense, filho de uma doceira, Roza, também com a marca do Z no nome, migrou na adolescência para o Rio de Janeiro a fim de estudar na Escola Politécnica. Formou-se em engenharia e começou uma carreira vitoriosa na Capital Federal. Avô do futuro colunista, ele foi o fundador da dinastia Barrozo do Amaral. Enricou, tornou-se um homem requintado e, em 17 de maio de 1930, aparecia com destaque na edição do *Jornal do Brasil*, na página de *Notas Sociaes*. Liderava a lista de adesões ao jantar que homenageava no Jockey Club um certo professor Fernando Magalhães, recém-chegado de viagem à Europa.

O engenheiro Zózimo I fundou a Sociedade Brasileira de Urbanismo, um escritório instalado no Centro da cidade, na General Câmara, uma das ruas desaparecidas para a abertura, em 1945, da avenida Presidente Vargas. Participou tanto da construção de estradas de ferro pela Bahia como da pavimentação da avenida Atlântica, em Copacabana, e pôs seu nome em dezenas de obras no Rio, quase sempre relacionadas com as da prefeitura do Distrito Federal. *Self-made man* típico, ostentava os símbolos da ascensão social obtida com méritos indiscutíveis. Andava num Cadillac rabo de peixe dirigido por um motorista português, Lopes, de uniforme e boné. Ia no banco de trás fumando grossos charutos cubanos e vendo passar a cidade grande, já com o afrancesamento de

avenidas largas concebido pelo prefeito Pereira Passos. O Rio estava civilizado. As obras viárias e o comportamento do velho Zózimo mostravam isso. No Natal, servia patê de *foie gras*, caviar e champanhe francês no seu belo apartamento no edifício Messidor, na rua Almirante Tamandaré, no Flamengo, endereço de moradores ilustres como o advogado Gustavo Capanema e o futuro prefeito Sá Freire Alvim.

Zózimo I espalharia o bom resultado financeiro de seu trabalho para as gerações seguintes. Poderia, no entanto, ter sido ainda mais rico. Em 1929, apenas seis anos depois da inauguração do Copacabana Palace, um dos marcos iniciais da Zona Sul carioca, ele quase se tornou dono de 20% do espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas. A cidade descobria a vocação à beira-mar depois de passar três séculos construindo sua civilização doméstica, comercial e industrial no Centro e nos subúrbios da Zona Norte. Aos poucos, desde as obras de Pereira Passos, na primeira década do século XX, e depois, nos anos 1920, com o prefeito Carlos Sampaio, traçavam-se avenidas e bairros na direção da Zona Sul. Valorizavam-se pela primeira vez o banho de mar e o *dolce far niente* sobre a areia quente. Foi aí que o engenheiro Zózimo apresentou o projeto de uma Cidade-Jardim.

Ele propunha rasgar o Morro do Cantagalo e abrir uma passagem, que, em seguida, continuaria sobre as águas da lagoa, em linha reta, para a circulação de carros entre Copacabana e Ipanema. Quanto a esse novo aterro criado às margens e sobre a lagoa (400 mil metros quadrados de sua área seriam aterrados), sua empresa desenharia a Cidade-Jardim, um conjunto de casas e ruas que ocuparia aquele deserto e uniria os bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea e Jardim Botânico. A ideia de Zózimo-avô era dotar o Rio de seu primeiro bairro residencial planejado, uma espécie de cidade dentro de outra. Se outros lagos, outras lagoas e

outros pedaços do mar haviam sido ocupados no Centro, qual o problema de se tomar um naco da Lagoa Rodrigo de Freitas? Na defesa do projeto, incluído no Plano Agache, que no início dos anos 1930 tratava de uma série de transformações urbanas no Rio, o engenheiro escreveu:

A Cidade-Jardim surgirá em uma zona sem movimento, que será largamente transitada, um novo núcleo importante de população a contribuir para os cofres da prefeitura, facilitando a conservação dos logradouros públicos.

À exceção da abertura do Corte do Cantagalo, feita mais adiante ao constar de outros planos, o visionário Zózimo ficou com seu desenho no papel. Diante da proposta de aterrar 20% do espelho d'água da lagoa, ninguém reclamou dos danos ambientais ou paisagísticos que a Cidade-Jardim provocaria. Essas questões ainda não possuíam apelo. O problema alegado foi outro. O engenheiro queria a concessão de todo o negócio para sua empresa, em troca das benesses que a obra levaria para a cidade, enquanto a prefeitura ganharia apenas com a cobrança de impostos sobre os serviços. Os novos terrenos e construções seriam vendidos por Zózimo I.

Obstado em seu plano mais extravagante, o engenheiro foi em frente, com imenso sucesso em obras mais mezinhas pelo Rio e norte do país. Teve cinco filhos. As duas mulheres, de prendas do lar, casaram-se bem. A mais nova delas, Maria Henriqueta, ou Maria Branquinha, esposou Assis Chateaubriand, o Chatô, *tycoon* de um império jornalístico que se chamava Diários Associados. Foram núpcias rápidas e suficientes apenas para gerar um filho e uma boa fofoca. Na carta de despedida, malas feitas, Branquinha, em litígio com o mulherengo Chatô, que já tinha outra em seu lugar, escreveu: “Levo só o que é meu — e o que não tenho certeza se é seu”,

insinuando que o filho talvez não fosse dele. A outra filha, Belkiss, contraiu núpcias com o literato paulista Guilherme de Almeida, eleito nos anos 1950 pelos leitores de um jornal O Príncipe dos Poetas Brasileiros. Moraram em São Paulo e foram poeticamente felizes para sempre.

Dos homens, dois seguiram a carreira do pai. Miguel, apelidado Pinga-Fogo por causa de seu gênio explosivo, foi engenheiro da Caixa Econômica, e como prova de sucesso virou sócio do exclusivo Country Club, condado grã-fino construído por ingleses à beira da praia de Ipanema; Geraldo, o Dodô, de inclinações boêmias, tornou-se engenheiro da Central do Brasil. O terceiro, Zózimo Barrozo do Amaral Filho, mais conhecido como Boy, formou-se em direito. Nunca exerceu a profissão.

Boy foi dono, entre os anos 1940 e 50, da Casa Bancária de Depósitos e Descontos, um pequeno banco instalado numa sala da rua Sacadura Cabral, na Saúde, o que lhe permitia, ao assinar documentos, se apresentar ora como banqueiro, ora como advogado. Dono de bom tino financeiro, associou-se a amigos capitalistas, esteve na sociedade da Carbrasmarm, empresa fabricante de lanchas, e foi o que mais tarde se chamaria de “lobista” de grupos empresariais entre políticos.

Exibia acima de tudo, e este era seu grande capital, uma personalidade deliciosamente exuberante, afável, divertida, o que lhe garantiu ótimos contatos entre os ricos. Nunca teve um trabalho convencional. Mostrava-se também com alguma excentricidade, a começar por certas camisas nas quais o apelido, recebido na infância, vinha bordado no bolso. Dava carteiradas de fiscal de Diversões, quase um bico oficial de quem criasse boas relações com o poder — e ele, charmoso, vestido de um jeito elegantemente natural, as tinha aos montes. Frequentava, por exemplo, o gabinete de Capanema, ministro da Educação. Ter Boy na roda de conversa era uma

atração pela quantidade de casos e pela graça com que os narrava. O termo só entraria na moda mais adiante, mas já ali nos anos 1930 Boy apresentava ao Rio de Janeiro o que se chamaria de “borogodó”.

Tratava-se também do descendente preferido do patriarca cearense, sempre disposto a ser financeiramente generoso com um filho tão querido. Boy vestia-se com ternos claros. Dava a impressão o tempo todo — os cabelos gomalinados, os vincos da calça perfeitos, a camisa social com boas abotoaduras — de estar saindo do banho naquele instante. Era um típico grã-fino carioca. Fino, mas sem ostentação, como se a classe lhe fosse um dom de nascença.

Um dos endereços em que Boy expunha sua vocação para o nada fazer e a boa lábia aplicar era o das salas e piscinas do Country Club, um paraíso sofisticado na então deserta Ipanema. Boy não saía de lá. Um dia os brasileiros se rebelaram contra os privilégios dos ingleses fundadores e passou-se uma lista de adesão entre os associados. Quando chegou a sua vez de assinar o protesto, Boy disse que não o poderia fazer. Não era sócio. Ia ao clube havia anos, sim, mas não pagava mensalidade nem qualquer outra taxa associativa. Simplesmente não era do quadro, mas, além do irmão Miguel, possuía amigos nele — e como todos o queriam por perto, lá estava ele diariamente curtindo as delícias gratuitas daquele nirvana tropical. Boy era um *bon-vivant*. “Vivo das rendas”, maliciava.

Carioca dos bons, zero de preconceito. Tanto podia frequentar o Country como manter relações com personagens da Turma dos Cafajestes, playboys endinheirados da Zona Sul que, numa época pré-rock and roll, dedicavam-se a estripulias diversas. Entronizavam cabritos em boates (por incrível que pareça, levavam mesmo os bichos para dentro das boates), brigavam com soco-inglês, soltavam barbantino cheiroso nos

salões perfumados com colônia francesa e mostravam o bumbum pela janela dos carros. Ibrahim Sued iniciou-se na cena carioca como simpatizante da Turma. Depois, já colunista social, narrou a mais clássica história de Boy, típica da escola cafajeste.

O playboy Ali Khan — também conhecido como Príncipe, Milionário e Ex-Rita Hayworth, numa hierarquia de apresentações que variava de acordo com a cena em que estava — visitava a boate Vogue, em Copacabana, a central chique da noite carioca, e precisou ir ao banheiro. Boy, sempre por ali, naquele que era um de seus pontos mais queridos de diversão, teve então uma ideia. Pediu a Paulo Andrade Lima, assessor do então ministro da Justiça, Negrão de Lima, que lhe emprestasse o revólver e foi ao banheiro atrás de Ali Khan.

O playboy estava ocupado dentro de uma cabine, o que se ajustava perfeitamente ao plano de Boy. A ação foi simples. Deu um tiro para o teto do banheiro. Queria apenas ver Ali Khan saindo feito um louco dali, o que de fato ocorreu. Em pânico, com as calças na mão, sem saber o que estava acontecendo, mas como qualquer interessado em salvar a pele, o sujeito já não era príncipe, playboy, milionário nem sedutor de estrelas. Fazia-se apenas um humanoide, um rato assustado atravessando a pista de dança, fugindo para a rua na tentativa de se livrar daquilo que, pelo estampido, imaginava ser um atentado contra a sua nobre existência, talvez o ódio de um marido traído. No dia seguinte, sem citar nomes, os jornais anunciaram em manchete: “Tentaram matar Ali Khan.” Ibrahim — autor do bordão “em sociedade tudo se sabe” — foi o único a contar a história tal como se deu. Pura cafajestagem carioca.

Boy é o pai do herói deste livro.

“Meu pai”, diria décadas depois o colunista Zózimo Barrozo do Amaral num programa de TV, “era um homem charmoso...

sofisticado...”, e seguiu, reticenciando o perfil do seu progenitor querido, procurando com cuidado as palavras. Até que chegou, com jeitinho, àquela em que devia estar pensando desde o primeiro momento, mas que preferira anteceder de adjetivação mais clássica: “...meu pai era um mulherengo.” A palavra saiu carinhosa, no sentido positivo do termo, de alguém que apreciava as mulheres. A expressão correta.

As associações e referências a Boy, e todos são unânimes em dirigir afeto em sua direção, não passam pelo elogio ao exercício de alguma profissão ou ofício. Ele desconhecia o estresse, e nem era porque a palavra ainda não estava na boca do povo. Era-lhe da índole o despreocupar. A confusão com Ali Khan só não complicou porque Benjamim Vargas, o Bejo, irmão do presidente Getúlio Vargas, demoveu a polícia de qualquer tentativa de aplicar a lei sobre o seu grande chapa.

Anos antes, a propósito, Boy estava com Bejo, agora numa das mesas de uma boate do Copacabana Palace, e aí foi a vez de o irmão de Vargas dar tiros (atirava-se muito naqueles tempos). Uma senhorita de nome Rosa Conceição Conde, de corpo avantajado, passou por eles e recebeu de Bejo o gracejo pouco sutil de “baleia”. A moça reclamou com o irmão, que estava mesas atrás, e este jogou uma cadeira em cima do assediador. O Copa era o lugar mais seletto do Rio, mas isso acontece nos melhores cenários. Bejo puxou do revólver e, em meio à fumaceira de cigarros Chesterfield, atirou, atingindo a perna da “baleia”, perdão, a perna de Rosa Conceição. Dessa vez, Boy só foi culpado por estar no centro do *saloon* de faroeste, ou melhor, à mesa do Copa.

Outro destaque que se dá ao currículo de Boy na história alegre do Rio de Janeiro é o de ter sido ele o inventor da palavra “esticada”, no sentido de identificar o hábito boêmio de ir de bar em bar, ou de um restaurante para uma boate, numa mesma noite. Prolongar a noitada. Boy tinha estofos para

tamanha ousadia semântica, não criou a palavra a partir da experiência alheia. Sabia do que estava falando.

Sem o encargo dos trabalhos a que todos os demais mortais se submetem e em torno deles perdem o melhor tempo de suas vidas, tratava-se de homem dedicado às boas agendas. A estafante rotina de Boy era composta de almoço no Jockey, tardes na Hípica, carteado na casa de amigos, a esticada de logo mais — e, como é intrínseco aos mulherengos, o culto ao sexo feminino. Essa última parte não seria problema, afinal, era um craque na arte benigna de tratar a todas com o carinho merecido — não fosse o fato de ter se casado em 1939, agregando mais um “Z” a esta história, com Elza Rodrigues Peixoto.

“Não se mete com esse rapaz que ele não presta”, dizia a mãe dela, atijando por vias transversas a curiosidade da filha cada vez que Boy passava na rua e se insinuava. Elza teve antes um namorico com o cineasta Mário Peixoto, seu primo, que chegou a convidá-la para fazer uma cena do seu revolucionário *Limite*. Não topou. Assim que a mãe morreu, ela evidentemente demonstrou interesse imediato por Boy, vizinho de uma rua próxima — os dois moravam no então pacato bairro do Jardim Botânico, na Zona Sul.

Casados, Elza e Boy ficaram morando na casa que a mãe dela deixara — dois andares, em terreno pouco fundo, mas com um desenho de fachada elegante e um interior refinado. Os móveis do *living* traziam a assinatura da renomada loja Leandro Martins, com um jogo de sofá azul, poltronas amarelas e mesinhas laterais cheias de figuras chinesas em marfim. Na parede, um quadro grande ilustrado por dois huguenotes numa paisagem de outono. Na sala, forrada de tapete persa, a decoração em móveis de mogno, com tudo se deixando iluminar por dois candelabros italianos de Murano, castiçais em *vermeil*. As paredes, cobertas de espelhos

bisotados. Não havia um clima intelectual, de livros espalhados em estantes, mas boas mesas para de vez em quando se fazer um carteadado. Essa bonita casa branca, de janelas verdes, muro de pedra, um conjunto de elegância rivalizado apenas pela residência dos vizinhos alemães, muito ricos, os Pockstaller, ficava no número 35 da rua Frei Leandro, num Jardim Botânico que ainda era um grande quintal entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e a Floresta da Tijuca, verde por todos os lados, aos pés do Morro do Corcovado e do Cristo Redentor.

Boy e Elza formavam um casal moderno, e não só porque desde o início do casamento cada um ocupava seu quarto. Ela, de prendas do lar, educada em colégio religioso, nas suas muitas horas vagas lia Proust. Bonita, assistia aos desfiles da Casa Canadá de Luxe, a grande referência da moda feminina, dirigida por sua amiga Mena Fiala. A Canadá, a única com geladeira especial para guardar estolas de pele, dava descontos a quem comprava as roupas desfiladas — mas na plateia só Elza, muito magra, entrava nos vestidos apresentados pelas manequins. Era com eles que frequentava o roteiro de Boy, com destaque para a ronda dos cassinos, o da Urca, o Atlântico, no Posto 6 da praia de Copacabana, e o do Copacabana Palace.

Isso tudo até que nasceram os filhos. Cravejados pelo “Z”, Elza e Zózimo Barrozo do Amaral Filho resolveram passar a marca aos rebentos. Tiveram um casal: Izabel, a caçula, e Zózimo, o III, o futuro colunista, nascido em 28 de maio de 1941 na Casa de Saúde São José, a um quilômetro de casa, no Humaitá.

Para diferenciar o menino dos outros Zózimos, sem o apoio cafona do Neto, ele foi registrado como Zózimo Bráulio Barrozo do Amaral. O Bráulio — que pelo resto da vida seria odiado, ainda mais quando nos anos 1990 passou a ser eufemismo de “pênis” numa campanha do Ministério da Saúde

pelo uso da camisinha — era homenagem a um parente, major do Exército. Os íntimos chamariam o filho de Boy e Elza de “Major”.

Eles apareciam nas colunas sociais, queridos por todos. Mas nem tudo foram *potins* ou jardim de flores na casa do Jardim Botânico. O dramaturgo Nelson Rodrigues, com seus dramas de adultério e demais falências do relacionamento familiar, rondava. Elza, sempre tensa e reservada, era de poucas palavras. Triste. Hoje talvez fosse diagnosticada com algo em torno de depressão. Pouco abraço e pouco carinho aos filhos, que se contentavam com a atenção das babás. A relação com Zózimo Bráulio seria sempre distante, cercada de inseguranças por parte dele, que pelos anos afora pouco a citaria. Em conversas com os amigos mais chegados, trocava o silêncio pela queixa discreta sobre a ausência daquele afeto fundamental.

Boy, socialmente afável, no dia a dia doméstico permitia-se constantes rompantes. Escafedia-se com regularidade na interminável agenda de almoços na sede do Jockey Club, na esquina da Rio Branco com a Almirante Barroso, no Centro. Era onde se encontravam — sem direito ainda a ar-refrigerado, as janelas abertas para o barulho da avenida — os políticos, industriais e empresários mais influentes do país. De noite, rareava ainda mais em casa. Estava às voltas com alguma namorada, dedicado à sorte no jogo ou à capacidade de iluminar as rodas.

Elza, vaidosa, comprava cortes e cortes de tecidos. Ia acumulando-os nos armários, em quantidades industriais. Nem sempre lhes dava algum formato, de vestido ou blusa. Simplesmente estocava. Entre os sinais de bom gosto, colecionava porcelana da dinastia Ming.

Ah, sim, as crianças!

Zózimo e Izabel foram alfabetizados no Externato Menino Jesus, na própria rua Frei Leandro. A dona do colégio, uma senhora de nome Helena, sofria a particularidade de lhe faltar um braço, perdido num acidente de bonde. Em casa, nas ausências de Boy e Elza, quem ficava de olho nos meninos era um pelotão de empregados: a fabulosa cozinheira Virgínia, regente de almoços elogiados; a babá Vitalina, que chegou a ser denunciada por vizinhos por maus-tratos a Izabel; a babá Nilza, mulata de corpo escultural; e a copeira Edith, loura descendente de alemães. As duas últimas, suspeita-se na família, também não resistiram à sedução de Boy, um homem nem aí para essa bobagem de preconceito que estigmatiza moças tão bonitas só por serem de outra classe social.

Zózimo, o Bráulio, puxou ao pai. Brincalhão, fazia sucesso tanto nos círculos dos meninos ricos como nos dos mais pobres, na grande mistura que era o Jardim Botânico, próximo das favelas da Praia do Pinto e da Catacumba, ajuntamentos que cercavam o anel da Lagoa Rodrigo de Freitas. Como Boy e Pinga-Fogo, irritava-se com facilidade. Quando o rosto muito branco, ligeiramente dentuço, de olhos azuis, era tomado por um vermelho-ira, a humanidade devia sair da frente. Não levava desaforo para casa, e era amplo o leque de acontecimentos que considerava desaforados. Não admitia perder no futebol nem sofrer contrariedade de importância ainda menor. Partia para cima do adversário. Nesses embates quebrou o braço duas vezes.

O garoto gostava de passar o tempo jogando pelada no meio da rua Frei Leandro esquina com a Custódio Serrão, ainda forrada só de terra batida. O resto do seu cardápio era o dos meninos da época, ainda sem TV: pião, bola de gude e, às vezes, subindo os morros, a pipa. Aos domingos, Boy e Elza levavam os dois filhos para andar em charretes puxadas por bodes, na praça Quintino Bocayuva, uma área de lazer que

depois desapareceria sob as pistas de acesso ao túnel Rebouças.

Eram belas crianças e cresceram assim. Izabel, já na adolescência, carregava o apelido de Izaboa da Lagoa. Zózimo, apesar do corretor odontológico, não fazia feio. Sua primeira namoradinha foi uma certa Valkiria, bonita e pobre, que morava numa vila próxima. Como Boy, favorecido por uma boa altura e gestos delicados, desde pequeno levou sorte na arte da conquista. Dava preferência às garotas mais apresentáveis — mas não se deixava paralisar por rigores estéticos. Sempre encontrava alguma graça na que estivesse interessada nele.

Izabel, um dia, penalizada com a paixão não correspondida que uma amiga sua, Maria Luiza, gordinha, tinha por Zózimo, resolveu presenteá-la. Investiu parte da mesada na compra do amor do irmão. Pagou algo em torno do preço de dois gibis do Cavaleiro Negro, o herói preferido do garoto, para que ele fosse ao cinema com Maria Luiza. Era o aniversário da menina e não podia haver presente melhor do que sair com o bonitão. Ele topou. Foram ao cinema. Trocaram beijinhos como se fossem namorados. Maria Luiza nunca soube do negócio, jamais desconfiou que o amor fora comprado. Ficou feliz em ficar com o galã disputado, que por enquanto não passava de um segredo do Jardim Botânico.

Os Barrozo do Amaral da Frei Leandro viviam financeiramente bem. Boy especulava com ações, e com uma tacada certa dada no final dos anos 1960 fez a volta ao mundo com Elza no navio *Caronia*. Não desperdiçava. Cuidava das finanças domésticas com zelo (“bebida só em bar, jogo só em clube e festa só na casa dos outros”). Sabia-se possuidor de um capital superior a todos os outros, mais econômico: o de ter amigos ricos. Um deles era Joaquim Rolla, o matuto mineiro que ganhou parte do Cassino da Urca num jogo de cartas.

Rolla tornou-se também dono do majestoso Hotel Quitandinha, em Petrópolis, na serra fluminense, e os dois Zózimos, mais Elza e Izabel, passavam temporadas gratuitas por lá. Foram muitas. Com a proibição do jogo, em 1946, pelo general Gaspar Dutra, aquele palácio foi definhando, mas marcou para sempre quem o vivenciou. Zózimo Bráulio lembraria terem sido as imagens do Quitandinha, com jogadores em *black tie* ou *summer*, a mais antiga lembrança daquilo que na vida lhe seria usual: luxo e sofisticação. Tomou gosto por esse tipo de vida a partir daquele cenário.

Outras viagens felizes eram as que levavam a família até o sítio do tio Geraldo, o Dodô, em Coroa Grande, Itaguaí, no litoral do estado. Com seu estilo boêmio-intelectual e uma vocação meio à esquerda, Dodô percorria um roteiro diferente dos cassinos de Boy — gostava dos cabarés da Lapa, *bas-fond* onde Ali Khan jamais colocaria os sapatos de cromo alemão. O compositor Ismael Silva e o malandro Madame Satã dominavam a cena na mesa ao lado daquela em que Dodô bebia. Zózimo, o filho, gostava de se enfiar na boa biblioteca do tio. Dividia com Izabel livros de Oscar Wilde e Graciliano Ramos.

As férias ainda eram curtidas no sítio do tio Armando, irmão de Elza, em Mangaratiba, também no litoral fluminense, e geralmente ficavam cercadas de boas histórias. Um dia, em meio a uma brincadeira na cachoeira, Zózimo calculou mal um pulo e caiu de boca numa pedra. Lascou boa parte do dente frontal esquerdo e viveria com ele assim até a vida adulta. Sem grilos. Da mesma forma que conseguia encontrar encanto nas mulheres mais desprovidas, algumas delas também achavam um charme o dente quebrado do dentuço — vai entender? Ele sorria agradecido, sem constrangimento.

Acima de tudo, e desde pequeno, Zózimo tinha humor. Já usava essa arma para enfrentar as contrariedades da

existência. Em outra cena da infância, passada na fazenda do tio Armando, grande produtora de bananada, empurrava um cavalo para o estábulo quando escorregou e caiu dentro de uma fossa. Coberto até a cintura pela mais absoluta merda, Zózimo teve um primeiro impulso, talvez o mais antigo registrado pela família, de transformar em riso um acontecimento lamentável. “Tio, isso é bananada, não é?”

Nas festas de Natal, sempre na casa do patriarca cearense, a história surgia lembrada às gargalhadas. Era um dos melhores momentos das noites que, infelizmente — e Nelson Rodrigues pede licença para entrar novamente no recinto —, não seguiam assim. Bebia-se muito. Tio Geraldo era alcoólatra. Os outros, mesmo sem o diagnóstico médico, não se intimidavam diante de uma garrafa — e, gole após gole, os dramas da família vinham à tona, servidos junto com o peru da ceia, o caviar e demais requintes. Aqueles Natais confirmavam, sem literatura, com sofrimento real, a frase de Tolstói: “Todas as famílias felizes se parecem, mas cada família infeliz é infeliz à sua maneira.”

Um dos jeitos de a família Barrozo do Amaral ser infeliz no Natal era violando o pacto de silêncio, cumprido o resto do ano, em torno do filho de um dos tios de Zózimo, concebido fora das bênçãos conjugais. O outro era lembrar a ausência da matriarca, a gaúcha Georgetta Tupper, descendente de alemães, a mãe dos cinco filhos do engenheiro cearense que fundara a dinastia. Ela se apaixonara por outro homem. Indiferente ao prestígio social e à grana que o marido lhe proporcionava, foi embora, deixando-o e mais os filhos, ainda bem pequenos.

Zózimo I reagiu mal ao abandono. Passou uma temporada com os meninos na Europa. Na volta disse que a mãe tinha morrido. Só bem mais tarde, já adultos, Boy e demais irmãos descobriram a mentira. A mãe estava viva. Passaram a

encontrá-la às escondidas e jamais perdoaram o pai de terem sido privados da presença dela em boa parte da vida. Quando chegava o Natal, liberados pelo álcool, Boy e os irmãos assacavam a história contra Zózimo I — e dava-se a balbúrdia, afloravam-se os ressentimentos. Papai Noel batia em retirada. Com o fantasma de Nelson Rodrigues tomando nota na soleira da porta, a ferida reabria-se, sempre dolorida, naquela que deveria ser a noite feliz.

Izabel e Zózimo Bráulio só foram entender as brigas, os sentimentos confusos que tumultuavam a família, muitos anos depois. Além das cenas de agressão verbal que viam na festa, rompantes inexplicáveis entre os adultos, as duas crianças sofriam repressões incompreensíveis para quem carregava poucas informações sobre os bastidores do enredo doméstico.

No aquecimento do Carnaval de 1947, os irmãos cantavam em casa a marchinha “Cadê Zazá”, de Roberto Martins e Ari Monteiro, promessa de sucesso para o tríduo momesco:

Cadê Zazá? Cadê Zazá?
Saiu dizendo vou ali, já volto já
Mas não voltou
Por quê? Por que será?
Cadê Zazá, Zazá, Zazá?

Sem ela vou vender o bangalô
Que tem tudo, mas não tem o seu amor
Sem ela, pra que serve geladeira?
Pra que ventilador?
Pergunto e ninguém diz onde ela está.
Cadê Zazá, Zazá, Zazá?

Zózimo e Izabel, em torno dos seus seis e cinco anos, cantavam a canção na cozinha, empolgados com a sua

sonoridade ingênua e divertida, quando eis que do quarto aparece Boy. Dessa vez, ele estava mais bravo do que costumava ficar nos momentos em que era contrariado. Vinha de dedo em riste: “Nunca mais vocês cantem essa música! Ouviram? Nunca mais!” E voltou furioso para o quarto, batendo portas, sem maiores explicações. Muitos anos se passaram até que Izabel e Zózimo soubessem que aquela marchinha *nonsense* simplesmente reproduzia, com toda a alegria do Carnaval carioca, um dos dramas da família Barrozo do Amaral.

Evidentemente, os autores da composição não sabiam nada daquele clã — mas quem pode explicar a misteriosa sensibilidade das antenas dos artistas, mesmo os compositores de Carnaval? Estava tudo ali na letra. O que dava para rir dava para chorar. A história de Zazá — a mulher que desaparece de uma casa abastada, com todas as geladeiras e os ventiladores, e deixa para trás a vida de luxos porém sem amor —, contada com leveza na marchinha brincalhona, se encaixava perfeitamente, só que de um jeito dramático, na história da mãe de Boy, aquela que um dia sumiu.

E, pior, com um toque mais arrepiante ainda. Aos ouvidos de Boy, os compositores não inventaram um abandono qualquer para ganhar o Carnaval. Para ele, tudo parecia verídico. Doloroso. A trama se encaixava perfeitamente na sua infelicidade. A coincidência na lembrança da mãe batia chocante até naquele mínimo detalhe, algo que os meninos, ao cantarem a música, não sabiam: na intimidade da família, o apelido de Georgetta Tupper era Zazá!

3

Os nomes de Boy e Elza Barrozo do Amaral surgiam de vez em quando nas listas de grã-finos que participavam de festas noticiadas no *Diário Carioca* por Jacinto de Thormes, o pseudônimo do carioca Manuel Bernardez Muller. Foi o primeiro colunista social moderno da imprensa brasileira. O sujeito escrevia bem, tinha umas ideias avançadas sobre o assunto e era uma figuraça.

Maneco Muller, como a mais fina sociedade o conhecia, penteava o cabelo com gomalina, sublinhando as calvas que em 1945, aos vinte e três anos, começavam a riscar sua cabeça com severidade dramática. Insinuava um quê de Nick Holmes, o detetive americano dos quadrinhos que surgiria pouco depois. Na boca carregava um cachimbo com jeito de Sherlock Holmes. A seu lado, estava sempre seu cachorro. Esguio, o bicho atendia pelo nome de outro detetive, agora um sábio das investigações humanas — William Shakespeare Jr.

O design final era o de um jovem elegante, e Maneco, por mais que passasse a exagerar no tipo que inventou para sua performance de colunista, era mais ou menos assim mesmo na vida real. Pertencia a uma família de diplomatas (avô, pai e irmão, todos chamados Lauro Muller). Filho da charmosa uruguaia Negra Bernardez (o príncipe Edward de Gales, futuro rei Edward VIII, apaixonou-se por ela quando esteve no Rio, em 1931), Maneco era rico. Vivia entre seus pares, circulando pelo Country Club e pelo Copacabana Palace. Às vezes deixava escapulir um sotaque inglês, mas não por afetação. Era resquício da educação em Londres, onde passou três anos, antes dos dez, acompanhando a mãe (Negra Bernardez,

sempre irresistível aos poderosos, estava então casada com um general italiano).

Maneco gostaria de seguir a diplomacia, como seus predecessores, embora também não achasse má ideia ser escritor ou goleiro do Botafogo. Era de bons modos, atitudes regidas pela mais fina etiqueta, *pero mucho macho*. Foi por isso que naquele 1946, quando o editor Prudente de Moraes Neto convidou-o para ser colunista social do *Diário Carioca*, o jornal mais avançado do Rio, Maneco reagiu de um modo descontraidamente carioca: “Mas, Prudentinho, isso é coisa de veado!”

O ofício já estava espalhado pelos jornais e revistas havia algum tempo com suas chochas coberturas de chás, casamentos e batizados, tudo com um jeito antigo e desimportante. Gilberto Trompowsky, que assinava G. de A., borrifava suas descrições com alfazema do início do século, como neste soporífero exemplo tirado da edição de dezembro de 1937 da revista *Ilustração Brasileira*:

- Nos salões senhoriais da sra. baronesa de Bonfim grupos elegantíssimos se encantam com o ambiente arranjado com infinito bom gosto e, principalmente, com o ar de bondade que irradia da sra. baronesa de Bonfim, figura ilustre de uma ilustre família, que habituou todo o *grand monde* carioca às suas recepções, notáveis pela sua elegância e grande distinção... Atenciosa e encantadora, a srta. Maria José Lynch e suas irmãzinhas oferecem deliciosas *gourmandises*.

O escritor Lima Barreto, um suburbano defensor dos arruinados que usava um português sem preocupação com o que pudesse ser *raffiné*, classificava aquilo de “bobagem”. Em

20 de outubro de 1911, já tinha escrito na *Gazeta da Tarde*, do Rio:

Há uns tais diários sociais, vidas sociais etc. Em alguns tomam colunas e, às vezes, páginas. Aqui nesta gazeta ocupam quase sempre duas e três. Mas isso é querer empregar espaço em pura perda. Tipos ricos e pobres, néscios e sábios, julgam que as suas festas íntimas ou os seus lutos têm um grande interesse para todo o mundo. Sei bem o que é que se visa com isso: agradar, captar o níquel, com esse meio infalível: o nome no jornal.

Mas, para serem lógicos com eles mesmos, os jornais deviam transformar-se em registros de nomes próprios, pois só os pondo aos milheiros é que teriam uma venda compensadora. A coisa devia ser paga e estou certo que os tais diários não desapareceriam.

Naquela época as colunas sociais tentavam se fazer respeitáveis ensinando o leitor a se comportar. Lima Barreto ficava encolerizado diante dessa estética dos arrumados. Na mesma crônica, disparava:

Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como devem cumprimentar e outras futilidades. Se há entre nós sociedade, as damas e cavalheiros devem saber estas coisas e quem não sabe (...) tome professores. Que dirão os estrangeiros, vendo pelos nossos jornais que não sabemos abotoar um sapato?

As colunas sociais moviam-se inúteis com suas dicas civilizatórias e a infundável relação dos nomes de quem havia tomado chá anteontem — ah, se cada nomeado pagasse um

tostão!, como recomendava Lima Barreto, os jornais impressos conseguiriam superar, um século depois, até mesmo a concorrência digital! Ninguém sério se preocupava com aquilo. Mesmo ressabiado (“não passa de jornalismo na base do *tout en bleu, tout en rouge*”) e com medo do que fossem falar nas rodas de fofoca (afinal, ele lutava boxe em academia), Maneco topou a tarefa execrada por Lima Barreto. Impôs apenas a condição do pseudônimo protetor. Foi Prudentinho quem o batizou de Jacinto de Thormes, o português de elite que protagonizava o romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.

O personagem da literatura queria a modernização do modo de vida português. O personagem do jornalismo, encarnado por Maneco, buscava a seu jeito a modernização daquela “coisa de veado”. A coluna social visitaria outros salões além dos alimentados com o doce dos *petits-fours* e a lavanda de limpar a ponta dos dedos. A partir dele, embora ainda com tintas bem leves, esse tipo de jornalismo começaria a formar, ao lado do futebol, do samba, da prontidão e de outras bossas, mais uma das coisas nossas.

Jacinto de Thormes percebeu que o Rio de Janeiro balançava de uma forma diferente. O que hoje se chama de Rio antigo despedia-se, os almofadinhas já não perseguiam as melindrosas na avenida Rio Branco. A polícia do Estado Novo esvaziava a Lapa, e a diversão noturna bandeava-se, assim como o resto da cidade, para Copacabana. O Rio, que havia se civilizado com o infatigável bota-abaixo do prefeito Pereira Passos na modernização do Centro, tornava-se glamorosamente cosmopolita, ou *chic*, como se dizia em francês, a língua dos chiques. O fechamento dos cassinos ajudava a espalhar a diversão noturna pelas boates da Zona Sul, ampliando a geografia carioca — naquele momento a cidade que importava a uma coluna social ficava entre a igreja

da Candelária, no Centro, e o Copacabana Palace, logo na entrada do bairro. As pessoas com nome e sobrenome estavam nessa faixa de onze quilômetros em linha reta. Quem seria o primeiro a noticiar o surgimento dessa nova cidade?

Maneco estruturou a coluna seguindo o que apreciava nos jornais americanos, aquilo que ele chamava de “notas sincopadas”. Um ritmo diferente daquela antiguidade de valsas, *gourmandises* e ar de bondade que irradiava das baronesas do Trompowsky. Mas teve que adaptar o modelo aos trópicos. “O Rio era uma das cidades mais divertidas do mundo, como disse a revista *Time*”, afirmou Maneco em 2001 ao repórter Geneton Moraes Neto, que postou a entrevista em seu blog. “A cidade tinha, além da praia, os cassinos, os grandes shows e um lado que faço questão de citar: a cultura. Basta lembrar que Getúlio Vargas convidou Gustavo Capanema para ser ministro da Educação e Cultura. Capanema simplesmente pediu a Carlos Drummond de Andrade que fosse chefe de gabinete. (...) Todos os grandes escritores, os Portinari, os Villa-Lobos, não apenas atuavam no Rio: a gente convivia com eles. É a diferença. Não era o intelectual lá e o social aqui. Evidentemente, havia na sociedade coisas fúteis. Mas eles participavam das revistas, havia o costume de todos irem ao Municipal para ver balé, ver ópera.”

O *Diário Carioca* era o melhor lugar para quem queria mexer com as teias de aranha do jornalismo. Chega de beletrismo! Chega de nariz de cera!, aquela ridícula abertura de texto que custava a entrar no assunto! Para se falar de um choque de automóveis na Rio Branco, antes se anunciava o crescimento vertiginoso da frota na cidade! Chega também de ponto de exclamação! As notícias não precisariam mais desse sinal de escândalo para chamar atenção! Era um truque fácil de encher algum fato de sentimento e transformar tudo numa gritaria que parecia o Vicente Celestino cantando o drama de

“O ébrio”! Na música popular, o sucesso naquele fim de década de 1940 era o samba-canção, o gênero que ensinou o país a falar mais baixo e logo radicalizaria a lição passando a cátedra à bossa nova.

Notícia devia ser curta. Jogo rápido. De preferência com o ponto chegando o mais rápido possível na frase. Assim. O jornalismo, aquela parada de contingência rumo à publicação do grande romance, começava a mudar de direção e se transformar ele mesmo numa profissão, com uma maneira própria e digna de dizer as coisas. A influência da imprensa americana, sua pretensão de objetividade e papo reto, entrava na moda.

Essas novidades que estavam sendo implantadas no revolucionário *Diário Carioca* em breve se disseminariam, como normas modernas, por todas as redações. Chegavam o *lead* e o *sublead*. As informações principais — os famosos “quem?”, “o quê?”, “quando?”, “onde?” e “por quê?” — deveriam estar logo nos dois primeiros parágrafos. Mais: a adjetivação deveria ser usada com moderação, fosse o texto mais formal, fosse mais coloquial, não importava. O importante era ser substantivo.

Era uma profissão em formação. Evandro Carlos de Andrade, que começou a carreira no *Diário* na virada dos anos 1950 e se tornaria diretor de Jornalismo da TV Globo, na década seguinte chegou a ser ao mesmo tempo repórter de Política de *O Estado de S. Paulo* e chefe da sucursal do *Jornal do Brasil*, em Brasília. Os salários eram baixíssimos nas redações, quando pagos. Paulo Francis, crítico de teatro do *Diário Carioca*, fazia um arrazoado sobre uma montagem de *Ésquilo* quando se lhe aproximou da mesa um funcionário da administração. “O senhor estaria interessado num corte de casimira inglesa?”, perguntou o homem, propondo pagar o salário atrasado em mercadoria.

Maneco, os bolsos forrados, trabalhava despreocupado. Seu texto tinha humor, ironia, elementos que a trinca Prudentinho, Danton Jobim e Pompeu de Souza tentava implantar no jornal. Eles apresentaram ao novo colunista, como sugestão de caminho a seguir, o texto “1943: eram assim os grã-finos em São Paulo”, reportagem cheia de risinho maldoso que o jornalista sergipano Joel Silveira publicara na revista *Diretrizes*. As mulheres elegantes do grã-finismo paulista são descritas como “orquídeas que nascem de dezenas de enxertos”. Nunca o *high society* fora visto de maneira tão crítica e sem qualquer vírgula de deslumbramento. De deuses da raça, os ricos viraram sapos do brejo. Os colunistas sociais citados no texto não tiveram melhor sorte. Cornélio Procópio, que na *Folha da Manhã* se escondia sob o pseudônimo de Jerry (ninguém queria se comprometer com aquele *métier*), foi ridicularizado por Joel, também conhecido como “Víbora”. Nem a dentadura de Jerry escapou do seu veneno:

Os problemas do mundo não chegam até ele, e se chegassem Cornélio saberia como enfrentá-los: faria muxoxo e telefonaria para Fifi, Fifi sem problemas nem angústias. No mundo elegante de São Paulo, Jerry é mais importante do que d. Odete Matarazzo ou d. Irene Crespi. D. Odete tem fábrica, d. Irene tem dinheiro. Mas Jerry tem uma coluna diária na *Folha da Manhã* que é o oráculo da elegância paulista. A coluna de Jerry consagra ou põe abaixo qualquer pretensão grã-fina. Mas sua linguagem é sempre amena, porque um grã-fino nunca se compromete. O estilo de Jerry é como sua dentadura: uma coisa certa e limpa. Impossível é, porém, alguém saber se Jerry nasceu assim, com bons dentes, ou seu sorriso é realização de algum odontólogo caro.

O “Víbora” reproduziu, então, uma nota mundana de Jerry sobre um jantar grã-fino no Guarujá (SP). Eis um trecho da dentadura, ou melhor, do estilo do colunista paulista descrevendo uma festa na casa normanda do casal Ramos de Azevedo:

- Debaixo das amendoeiras frondosas, indiretamente iluminadas, em mesinhas de quatro, no ambiente simpático daquela casa normanda, o sr. e a sra. Francisco Ramos de Azevedo conversam com amigos num finíssimo jantar que a um grupo grande de pessoas tiveram a amabilidade de oferecer.
- O vinho corria louro e generoso como a alegria franca da reunião, como as chamas ainda mais louras daquelas pequeninas velas que iluminavam as mesas, como a amabilidade da cativante d. Zuleika, que, elegante num *slack* marrom e rubi, a todos distribuía atenções e incalculáveis gentilezas.

O carioca Jacinto de Thormes desprezou, é claro, o texto de Jerry e procurou para si algo próximo da escola de Joel. Começou a abusar do coloquialismo, tal qual a geração modernista de 1922. Em pouco tempo o lutador de boxe estava apto e aplicava, agora como colunista, em notas curtas, verdadeiros *jabs* sobre a ridicularia alheia. Em 25 de janeiro de 1950, escreveu sobre os bastidores cinematográficos:

- Segundo estou bem-informado, virá ao Rio a bonita senhora Esther Fernandes, estrela daquele cacetíssimo filme mexicano chamado *Santa*, que tanto sucesso fez por estas bandas. Acompanhando a senhora Santa virá a senhora Carril, esposa do Hugo del Carril, também cacetíssimo

cantor de tangos. Como vemos, as celebridades ameaçam o Carnaval.

Em 3 de fevereiro de 1950, Jacinto disse o seguinte sobre o empresário que comandava o Quitandinha Palace:

- O senhor Joaquim Rolla ficou meio atrapalhado para apresentar os três forasteiros. Finalmente puxou do caderninho e foi lendo com boa pronúncia chinesa: senhor Hsi-Jui, senhor Yen Chu Tang e senhor Pin-Yuan Tang. Cada amigo!

No mesmo dia, escreveu também:

- A aflita senhorita Jeanine Steinberg é o que tecnicamente chamamos de “secretária social”. O seu patrão é o *full-time* milionário senhor A. Doderó, conhecido nos pampas, nos Alpes, nos Andes e no Pico da Bandeira também. A senhorita Jeanine chegou um dia antes do seu patrão, isto é, anteontem. Reservou o superapartamento do Copa, regulou a refrigeração, verificou o funcionamento do banheiro, mandou mudar o colchão, avisou a imprensa sobre a chegada, recomendou a dieta, a dose de *drinks* e passou o dedo pelos móveis para verificar a possível existência de poeira. Ontem, correu a piscina avisando aos conhecidos que “ELE vai chegar agora mesmo!”. Vida dura, meu Deus!

E em 24 de abril de 1951, sobre as novas atividades do renomado crítico musical Lúcio Rangel:

- O senhor Lúcio Rangel está tomando aulas de saxofone-tenor. Na primeira aula começou logo a tocar “Cai-cai balão” com admirável maestria e alguma saliva.

Jacinto divertia-se. Ele mudava também o posto de observação sobre o que ia na vida social. Se o Palácio do Catete abrigava o presidente e o Monroe, na Cinelândia, juntava os senadores, o Vogue, em Copacabana, recebia os ricos e afins — era para onde a República agora ia depois de despachar. Maneco não saía dali. Antes havia o complexo de diversões do Copacabana Palace, com o salão de shows do Golden Room, o cassino, a boate Meia-Noite e o restaurante Bife de Ouro — tudo requintado, mas espalhado pelo prédio. No Vogue, pela primeira vez a elite reunia-se, num só espaço, fora das mansões e misturava-se com — a palavra já estava na coluna — as celebridades.

A boate Vogue, no térreo do hotel de mesmo nome, foi inaugurada em 1947 para acolher os zumbis chiques que vagavam na noite, perdidos, sem rumo desde o ano anterior com o fechamento dos cassinos. Ficava na avenida Princesa Isabel e tinha dois ambientes. Num, o mais elevado, a que se chegava por três degraus, coreografava-se o potentado dos ricos. Eram os Rocha Miranda, Galdeano, Moreira Salles, Saavedra, Nabuco, Mayrink Veiga, Catão, Bastian Pinto, Guinle, Duvivier, Gallotti, Klabin, Monteiro de Carvalho, Hime e outros brasões. A parte mais baixa foi apelidada por Jacinto de “Sibéria”, a geladeira para onde eram mandados os vipinhos.

A história do colunismo social moderno no Brasil começou nesse cenário. A expressão “ver e ser visto” — a cara que o Rio viria a ter — passava a ser regada com champanhota gelada e cenas inéditas, divulgadas por fotógrafos que passavam em busca de um flagrante ou um prato de comida, o “picadinho *relation*”. O primeiro grande jornalista daquele espetáculo que inventava uma nova cidade era o homem do cachimbo. Do sofá de couro avermelhado do Vogue, Jacinto de Thormes tomava nota de tudo, ou quase tudo — fazia vista grossa diante dos que

discretamente se retiravam para os quartos do hotel, uma espécie de *plus* aos clientes especiais, como o craque botafoguense Heleno de Freitas.

Tereza de Souza Campos assistia ao espetáculo de sua mesa na parte alta da boate e, a seu jeito, também se fazia escândalo: ela repetia vestido. Mesmo para quem comprava nas *maisons* de Jacques Fath, Jean Patou, Coco Chanel, Elsa Schiaparelli, Christian Dior, isso não era prática “bem” — e Jacinto emprestava a coluna para que ela fizesse a defesa desse desapego. Era a grande dama da turma. A Casa Canadá, a mesma de Elza Barrozo, mandava-lhe um vestido com sua última criação (no dia seguinte à festa, ela devolvia), tudo pela honra pré-marketing de emoldurar senhora tão distinta. A cabeça era feita por Renault, a grife mais elegante dos cabelos, o mago da tesoura do salão do Copacabana Palace. Tereza, via-se, era uma mulher especial, cercada de outros tantos “mais” — a mais bonita da sociedade, a mais educada, a mais classuda. Só havia um “menos” no seu currículo de méritos. Enquanto todas as outras esparramavam frascos e mais frascos comprados na Guerlain, de Paris, ela enfeitava os que chegavam mais perto com a ausência absoluta de qualquer inebriante químico que não fosse o perfume natural de sua pele morena.

O Vogue apresentava-se como a original mistura de restaurante e boate, uma simbiose de diversão inédita na cidade. O *mix* era invenção do “barão” austríaco Maximilian von Stuckart, ex-funcionário do Copacabana Palace, nobre apenas por ser dono de um faro agudo para implantar aqui as novidades curtidas mundo afora pela nova classe dos ricos. Ele importara um *chef* de cozinha russo, Gregoire Berezansky, e juntos lançaram os primeiros modismos gastronômicos num Rio que apenas aprendia a usar o guardanapo sobre o colo (o Bife de Ouro, do Copa, e o restaurante do Jockey, no Centro,

eram as referências de boa comida). As estrelas do *début* carioca no mundo *gourmet*, assinadas pela dupla Max von Stuckart/Berezansky, foram o picadinho, criado a partir das referências locais, e dois importados da mesa russa, o estrogonofe e o frango à Kiev.

Com o Vogue, começou-se a sair de casa para comer fora. Jacinto informava ter nascido ali o hábito da feijoada de sábado, um dos itens fundamentais da carioquice (tido como das classes humildes, o prato estreava num cardápio fino). Tudo regado a uísque (a moda era o Buchanan's, de garrafa pequena) e, para quem quisesse radicalizar no projeto popular, havia a batida de limão feita com cachaça.

Os estrangeiros chegavam aos montes. Tinham visto em algum filme que o Rio de Janeiro, no fim do mundo, era a versão moderna do paraíso. Não havia pecado do lado de baixo do equador. A guerra acabara e era o melhor lugar para comemorar. Von Stuckart colocou um piano no meio do salão do Vogue e chamou o também austríaco Sacha Rubin. Ele introduziu uma “novidade” (palavrinha *frisson* que o colunismo inventado por Jacinto de Thormes adorava): cada cliente “famoso” (outra palavrinha ícone) era saudado com uma música-tema. Todo o salão voltava seus olhos para o homenageado, que adentrava o recinto com a melodia favorita sonorizando seus passos e ecoando na caixa de inveja de todos os demais. Carmen Terezinha Solbiati, futura Mayrink Veiga, chegava e Sacha tocava “I love Paris”, a música preferida da dama, filha do melhor baronato do café paulista, dona de apartamento na Cidade Luz. “Solitude”, anunciava Jacinto. A de Boy Barrozo era “Aquarela do Brasil”.

O Vogue tinha notas musicais ao gosto de todos os seus clientes e notas jornalísticas para todos os colunistas. Era tanto assunto que alguns eles preferiam nem noticiar. Jorge Goulart, um dos cantores da casa — Elizeth Cardoso, Angela Maria e

Nora Ney também foram contratadas —, contaria anos mais tarde ter sido ali um dos primeiros palcos públicos do uso de cocaína depois de sua proibição no Brasil, em 1921. Uma noite, contou o cantor em sua biografia, um rapaz foi ao banheiro no subsolo e quando voltou à mesa quase matou de desaforos a mulher. A indigitada sacudira o guardanapo onde ele guardava seu vício, desperdiçando a poeirada branca para tudo que era lado.

O Vogue foi o primeiro “aeroporto” onde o playboy Porfírio Rubirosa “aterrissou” pilotando seu Constellation particular, avião obtido meses antes no divórcio com Barbara Hutton. Jacinto escreveu que o playboy teria carregado da boate, para seu apartamento no Copacabana Palace, vários casais, ocorrendo então o que classificou, sutil como ainda se pretendia entre as pessoas elegantes, de “praticamente uma orgia”.

Naquele salão de vaidades, o Rio se modernizava ao peculiar estilo que parecia estar escolhendo como futuro. Eram apenas 2,4 milhões de habitantes na virada para a década de 1950 na única cidade brasileira que merecia ser chamada de cidade — o resto era um punhado de vilas ao redor da pracinha-e-igreja. O Vogue era a síntese da festa do pós-guerra. Fumava-se muito, gritava-se outro tanto para se fazer ouvir, e às vezes as vozes abafadas pela balbúrdia da plateia eram de atrações internacionais como a cantora francesa Juliette Gréco. Maneco escreveu com humor sobre o dono do Vogue, onde a cocaína, como se viu, e o lança-perfume também tinham um tráfego sem grandes constrangimentos:

- O senhor Max Stuckart vai colaborar com o suplemento dominical de *A Manhã*. Explica ele: “Na vida já experimentei de quase tudo. Jornalismo é a primeira vez.”

E em 25 de janeiro de 1950:

- Em São Paulo corre fortemente um boato. O cineasta Fernando (*Caminhos do sul*) de Barros e a atriz Maria (*Anjo Negro*) Della Costa preparam divórcio amigável. No *Vogue* confirma-se.

No mesmo dia publicou nota que parecia um poema-piada de Oswald de Andrade:

- O navio *Brasil* chega hoje com uma respeitável leva de senhores interessados nos trópicos. O navio está repleto de Adams, Adley, Brooks, Clayton, Fischer, Jolly, Jones, Irving, Polson, Schroeder e companhias limitadas. Muita ervota, reumatismo, algumas filhas estrábicas e máquinas fotográficas à beça.

O novo colunista social, se quisesse, não seria mais obrigado a levar os ricos a sério. Estava liberado para se interessar até mesmo pelo que acontecia longe dos salões. Pela primeira vez entrava gente de biquíni e calção num espaço tão cheio de panos e rapapés. Em 7 de fevereiro de 1956, ele contava:

- A barraca do senhor Mário de Oliveira é sem a menor dúvida a mais confortável da praia de Copacabana. Além de todos os refrescos e das moças bonitas, o senhor em questão lança de seu apartamento, que fica num último andar da avenida Atlântica, um telefone cujo fio vai até a barraca onde dá expediente. Trata-se de grupo composto ainda de outras celebridades como Ary Barroso, Luiz Jatobá e Dorival Caymmi.

Ao currículo de méritos de Maneco deve ser acrescentado também o de ter inaugurado o bordão, um truque que ficaria

para sempre no repertório dos colunistas sociais. Uma expressão de sua lavra foi “Depois eu conto”. Vinha geralmente presa a um acontecimento social e dava a impressão de certa impaciência de Maneco com o assunto. Como estava, por exemplo, na edição de 2 de março de 1955: “Ontem aconteceu o elegante jantar da senhora Irene Guinle. Depois eu conto.” E nunca mais voltava ao assunto.

A coluna social era o reino das mil e uma noites dos tempos modernos. Os ricos e seu *way of life*, sem princesas oníricas nem príncipes de quadrinhos, tudo gente real, pareciam não ter preocupações banais com aluguel ou preços de açougue. Os jornais precisavam de um equilíbrio entre tragédias e sonhos para alimentar seus leitores e investiram nos colunistas como encarregados da segunda parte da missão. Eles dariam as boas notícias, falaria das mulheres incríveis, deusas que dominavam línguas — e que, apesar dos maridos, andavam aparentemente à solta —, e do poder desses homens de bigodinhos finos. Acenariam aos leitores com a esperança de que o fracasso em algum momento é inerente à existência de todos, mas é possível ser feliz, vestir roupas de gala, comer do bom e de graça. Que não desistissem!

André Jordan escrevia na *Vanguarda*, um vespertino de João Neder, e logo depois seguiria para o *Diário da Noite*, junto com João Rezende. Marcos André estava em *O Globo*, na coluna *Bazar*; José Álvaro, no *Diário da Noite*; Chuck substituíra Roberto Vasconcellos no *Correio da Manhã*; o Barão de Siqueira Junior assinava na *Tribuna da Imprensa*; e Jean Pouchard, pseudônimo de Mauro Valverde, o mais venenoso de todos, também dava plantão no *Diário Carioca*. O persistente Gilberto Trompowsky continuava assinando G. de A. nas publicações dos Diários Associados, como *O Jornal* e a revista *O Cruzeiro*. Em meados dos anos 1950, três revistas dedicavam-se exclusivamente ao noticiário da vida social: a

Rio, da Rio Gráfica Editora, de Roberto Marinho (depois, editora Globo); a *Rio Magazine*, de Alfredo Tomé; e a *Sombra*, de Walter Quadros. Havia ricos suficientes para todo tipo de leitor.

Não era bem aquilo que Maneco queria, mas ia em frente. Parecia o Pestana, personagem de Machado de Assis no conto “O homem célebre”: fazia sucesso com polcas, mas queria compor sinfonias. Maneco preferiria estar ao lado de Machado, escrevendo contos imortais — notas sociais era o que a vida lhe oferecera e ele as fez com dignidade. Avançou na observação dos costumes, deu ares naturais a discussões sobre o divórcio e, nos limites da ocupação, modernizou as cabeças. Até hoje a representação do rico elegante é a do sujeito magro, alto, de cabelos gomalinados — exatamente como Jacinto de Thormes ficou no inconsciente nacional.

No fim de 1950, premido pela falta de notícias que acomete o jornalismo no período de férias e festas, ele criou mais um truque para encher seu espaço. Passou a listar as dez mulheres mais bem-vestidas da temporada anterior. A elegância formal, marcada ainda por padrões rigorosos de vestir, vindos da França, estava na moda. Valorizavam-se eventos como a eleição da Miss Elegante Bangu (a fábrica de tecidos), no Copacabana Palace, e os bailes de debutantes, outra atração importante no show de notícias de Jacinto. As vencedoras eram sempre meninas do Colégio Bennett, protestante, mais liberal que os católicos Sion ou os Sacrés-Coeurs de Jesus e de Marie.

A relação das Dez Mais (a partir de 1954 trocava para As Dez Mais Elegantes, ampliando o conceito, diminuindo a importância do costureiro e valorizando o conjunto da mulher) fazia a edição de 1º de janeiro, data antes inóspita para a venda de jornal, ser um sucesso de banca. A lista ganhava chamada de primeira página, outro avanço de prestígio conseguido por

Jacinto para o colunismo social, com a foto de todas as senhoras em vestidos longos. Como exigia o costume da época, nenhuma mulher casada era chamada pelo nome próprio, mas pelo do marido. Nenhuma trabalhava. Ainda não era de bom-tom mulher casada frequentar escritórios.

Os elogios publicados pelo colunista em diferentes edições da década de 1950, informando por que aquelas senhoras mereceram a distinção de ser o que todas as outras queriam — uma Dez Mais do Jacinto —, podem ferir suscetibilidades das feministas do século XXI. Hoje, desmoralizariam as eleitas e elas consultariam advogado sobre a possibilidade de processo. Na época, algumas foram apresentadas elogiosamente assim:

- Pela segunda vez a senhora Caldeira abre a lista. É sem dúvida a mulher mais elegante do Brasil neste momento. Nascida Cristiane Florence Perin, esposa do grande homem de negócios de São Paulo, mora numa das casas mais encantadoras da capital paulista. Está neste momento em Paris fazendo compras.
- A senhora [Walter] Quadros, esposa do editor da revista *Sombra*, teve em 1951 o ano mais elegante de sua vida. Esteve no Festival de Veneza, participou de um desfile de tecidos brasileiros, apareceu em todas as revistas francesas e americanas, esteve na Bienal de São Paulo e em toda parte recebeu grandes elogios pelos seus vestidos ultracoloridos e a sua beleza de mulher morena.
- [A senhora Mello Viana] viajou muito, fez muitas compras este ano. Veste-se sempre em grandes costureiros, de preferência Dior e Jacques Fath. As poucas vezes que apareceu no Rio e São Paulo bastaram para que fosse

chamada de “a mais elegante esposa de um homem público do Brasil”.

- Os vestidos de baile da senhora José Willensens Junior são tão famosos quanto sua raríssima coleção de orquídeas. Acaba de sofrer com seu marido um lamentável desastre de automóvel na estrada Rio-São Paulo. Felizmente tudo está bem.

- A senhora Vicente Galliez é perfeita *hostess*, admirável decoradora. A elegância vai aos detalhes mínimos da sua casa de campo, à cor de seu automóvel e à perfeição dos jarros de flores.

- A senhora Aloísio Muniz Freire já foi a debutante número um do Brasil e a *glamour girl* do Rio de Janeiro. Com o seu marido (Pecô) forma um par muito elegante. Fica extraordinariamente bem de *tailleur* e roupa esporte. A sua coleção de óculos está ficando famosa, a variedade é enorme (30 pares). Leva uma vida repleta de glamour.

- A senhora Ligia Muller esteve em Paris, aonde levou os estampados de algodão nacional que causaram sucesso e, às vezes, espanto aos parisienses desacostumados com o tropical das cores e desenhos fortes. Veste-se gastando pouco. Acredita que uma *nurse* inglesa pode ser (no gênero) tão elegante quanto a melhor freguesa de Dior.

Em 1956, a coluna se transferiu para o jornal *Última Hora*. Ali, Jacinto encontrou Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto, dono de uma coluna de humor que, desde 1954, inicialmente na revista *Manchete*, fazia sua versão das Dez Mais. Para concorrer com as dez mais bem-vestidas, Lalau

(apelido de Stanislaw) criou a lista das Dez Mais Bem Despidas, as famosas Certinhas do Lalau. No lugar dos longos das madames, os biquínis audaciosos das vedetes escancaravam um pouco além do que a moral da época permitia. Mas isso, como diria Maneco, depois eu conto. Agora é hora de Boy Barrozo do Amaral deixar o Vogue, dar um tchau para Sacha Rubin ao piano e levar o colunista do futuro, o adolescente Zózimo Bráulio, para as aulas do ginásio no Colégio Santo Inácio, em Botafogo.

4

O padre Barros era o mais rigoroso de todos os professores do Colégio Santo Inácio, a Santa Sé do ensino religioso no Rio. Foi onde Boy, com a boa intenção de colocar o filho nos rumos da elite carioca, matriculou Zózimo em 1952, aos onze anos, na admissão, a série de passagem do primário para o ginásial. Do alto do púlpito, Barros clamava aos alunos sobre o vício da masturbação, o mal de todos os males, a mais veemente e, óbvio, única prática sexual dos jovens daquela escola: “Tua alma vai para o inferno, queimar por toda a eternidade...”

Um dos colegas de turma de Zózimo era o futuro cineasta e escritor Arnaldo Jabor. Ele liderava o grupo de adolescentes que queria discutir o dogma com o padre austero, o representante de Deus mais próximo a eles. Brincar com o pinto não podia estar carregado de tanta culpa. Todo dia, no entanto, Barros passava a informação sobre a proibição rigorosa. Jabor atravessou a adolescência com a impressão de que o Senhor era um sujeito de maus bofes, obrigando todos aos rigores da eterna vigilância.

“Mas, padre, o cara passa uma vida santa. No último dia, antes de morrer, falta a uma missa. Vai para o inferno?”

“Por toda a eternidaaaade...”, vaticinava o padre, ajudando com a vogal esticada a aumentar o eco que o pé-direito alto da sala já reverberava e que parecia ter conexão direta com a Sala Suprema.

Jabor dava trabalho.

“Deus é infinitamente bom?”

“Sim, infinitamente...”

“Ele sabe tudo o que vai acontecer?”

“Sim.”

“Então”, fechava Jabor, “se ele sabe que fulano vai pecar e vai para o inferno, para que ele cria o cara?”

Os diálogos dos protagonistas eram bons, prontos para serem transformados em crônicas do cineasta cerca de cinquenta anos depois. A turma na plateia também era da pesada — outro futuro cineasta, Cacá Diegues, uma série apenas na frente, sofria igualmente com os interditos católicos. O cenário arquitetônico do Santo Inácio, deslumbrantemente opressivo, servia de fundo: abóbadas góticas, salas escuras, uma igreja numa das alas, imagens de santos e uma galeria de rostos de velhos padres espalhados pelas paredes. Do centro das molduras, olhavam firme, como se cobrassem estudo e pureza de corpo. “Quantas vezes praticaste o ato solitário?”, era a pergunta que os padres faziam, numa obsessão irrefreável, aos sábados, durante as confissões semanais que preparavam para a comunhão na missa de domingo. Outra pergunta contumaz: “Teve maus pensamentos, meu filho?” — e na amplidão do que pudesse ser “mau” cabia todo tipo de depoimento.

Zózimo, um aluno de notas medianas, destacava-se fora da escola por um quesito mundano: vestia-se com personalidade. Jabor lembraria por muitos anos a primeira vez que o viu. O colega estava de calças curtas, com um incrível mocassim e óculos Ray-Ban, “como se nos pés evocasse um indígena americano e nos olhos um aviador da Segunda Guerra”. Ficou com inveja, um pecado pouco advertido no colégio. A mesma elegância não aparecia nos cadernos de Zózimo. Apresentava alguns acertos promissores no português, mas só. Não gostava do Santo Inácio. Em casa, para a irmã Izabel, dizia sentir “falta de ar” quando chegava à sala de aula. Reclamava dos padres, fechados e implicantes. Não terminava uma semana sem ficar “retido” por indisciplina. Às vezes, a punição era ficar em pé no corredor durante o recreio, de frente para uma imagem de

Cristo. Falar “merda”, por exemplo, como uma vez fez ao tropeçar numa cadeira, dava direito ao castigo.

Acostumado ao clima solto da “escola tico-tico” em que estudara o primário, com a dona Helena amiga de seus pais, o garoto se abatia com o distanciamento afetivo dos religiosos. Pedia que Boy o tirasse de lá, embora gostasse dos colegas, e todos se lembrariam dele como um cara solidário e parceiro. Na aula de educação física, atuava como um goleiro de méritos, titular da seleção do colégio. Autoapelidou-se Zózimo Borracha, para lembrar o goleiro Luiz Borracha, astro do Flamengo nos anos 1940.

De acordo com as notas, os alunos recebiam no fim do mês títulos que iam de “conde” a “imperador”, passando por “duque” e “príncipe”. Era um exercício para os líderes do futuro se acostumarem à hierarquia de nobres. Em um semestre, Zózimo chegou a ser “duque”, mas logo voltou à condição de “conde” e com ela se conformou.

Ele reclamava de todas as etapas do ritual. Da farda cáqui usada ao longo da semana, cheia de botões dourados, e da farda branca, de luxo, para a missa aos domingos. Todo dia, ao entrar no colégio, beijava-se a mão do padre-prefeito, Barreto, que se postava ali, imóvel, batina negra, com as mãos estendidas em oferenda. Eram trezentos meninos. “Eu ainda me lembro do vago cheiro de sabonete e cuspe no dorso cabeludo da mão do padre”, escreveu Jabor décadas depois.

Zózimo se sentia deslocado quando chegava a época das Missões, o mês em que os alunos eram estimulados a contribuir, com dinheiro, para a evangelização do mundo. Os padres acirravam uma competição para ver quem pingava mais na lista, quem já se destacava pela generosidade — e esses começavam a ter mais prioridade que os outros no grande percurso que todos iniciavam rumo ao paraíso divino. Uma das formas de contribuir era comprando rifas. Boy admirava a

educação dos jesuítas, mas era mais dos prazeres terrenos. Sua adoração aos santos poderes da Igreja católica ia até certa quantia. Podia ser classificado como discreto nas doações, o que fazia com que Zózimo, mais uma vez, não se destacasse entre seus pares.

Os alunos passavam rápidas temporadas internados numa espécie de retiro espiritual, numa casa que o Santo Inácio mantinha numa colina da então longínqua praia de São Conrado. Ouviam palestras, confessavam maus pensamentos, comungavam o corpo de Cristo e brincavam de um jeito que incorporava mais ou menos o clima sobrenatural daquilo tudo. No inverno, os padres jesuítas andavam com capuz. Todas as cenas ao redor pareciam às voltas com almas e geografias de outros mundos.

Uma noite, Luiz Roberto Londres, que viria a ser médico e diretor da Clínica São Vicente, na Gávea, ouviu de seu quarto, no início da noite, um berro. Era do colega João Dantas, que dormia. Jório Salgado Gama Filho, que seguiria carreira no Itamaraty, resolveu pregar-lhe uma peça dentro do espírito religioso do educandário. Convocou os colegas, todos encobertos por lençóis brancos, como se fossem fantasmas de desenho animado. A sofisticação da cena veio do fato de Jório, antes da ação, colocar as mãos num bloco de gelo. Entrou com os outros fantasmilhas no quarto de Dantas, encostou-lhe os dedos gélidos no braço e, dirigindo-se aos outros fantasmas, disse-lhes com voz trêmula, tomada emprestada de uma chanchada de Grande Otelo: “Vamos rezar pela alma do nosso amigo morto.” Acordado pela voz, pelo gelo e pela ala de fantasmilhas, Dantas abriu o berreiro. Tentou pular da cama. Só aí, diante da gargalhada de todos, percebeu que ainda estava vivo.

Eram momentos de comédia eucarística, intervalos de bagunça juvenil em meio a um ambiente de extrema

solenidade. A rotina fazia-se sem risos, porém. Depois das preleções dos padres, todos se retiravam para cubículos onde, sozinhos, meditavam sobre o que tinham acabado de ouvir e escreviam suas impressões. Guardados, esses textos teriam valor histórico imenso, mas eram incinerados. Por causa deles, Cacá Diegues, que escreveu confessando ter tido delírios místicos nessa antessala da clausura, quase se tornou padre, tal o brilho religioso e literário de suas confissões.

O produtor de cinema Joaquim Vaz de Carvalho consideraria “um milagre” a sobrevivência de todos “àquela inoculação de culpa”. A sedução do pecado perseguia a turma. Foi nos colégios religiosos que surgiu a expressão “catecismos” para identificar as revistas pornográficas do desenhista Carlos Zéfiro. Eram colocadas dentro dos catecismos de verdade, o que dava a impressão de que o menino estava vendo imagens sagradas do Espírito Santo, quando, de fato, regalava-se com os poderes da carne. Zéfiro foi quem mostrou aos garotos dos anos 1950 as primeiras imagens de mulheres nuas — e já fazendo sexo, já gemendo, já verbalizando o que queriam, educando para as posições do evento que a Igreja considerava tão pecaminoso. Padre Barros primeiro apreendia as revistas. Depois, queimava-as numa espécie de ritual de exorcismo.

Ele contava a história de um aluno atropelado por um ônibus no momento que lhe passava pela cabeça um pensamento lascivo. No dia da missa do sétimo dia, o morto teria aparecido minutos antes na sacristia. Fez ao padre o pedido de que rezasse a missa por outro. Não perdesse tempo. Ele já estava “com a alma danada”, entregue às tais chamas do inferno desde o momento do mau pensamento, o único que tivera em toda a sua curta vida — e por isso fora atropelado pelo ônibus do diabo.

De resto, o assunto era aquele. Os meninos se apertavam os bicos do peito, um beliscão doloroso, na crença de que,

conforme rezava a lenda urbana, uma camada de gordura ali denunciaria os punheteiros contumazes. “O vício solitário é um pecado mortal porque cada vez que você o pratica são milhões de seres humanos que poderiam nascer e que morrem na vala comum dos esgotos”, dizia padre Barros. Um dos truques da turma era esfregar a pasta Lugolina no rosto para esconder as espinhas, outro fator corpóreo que entregaria o atleta das bronhas adolescentes.

Era o sexo possível. As moças insistiam em levar a virgindade até a cama nupcial e entregá-la como honra ao mérito ao marido. Cacá Diegues e muitos dos alunos do Santo Inácio iniciaram suas vidas sexuais no roteiro entre os quartos das empregadas, os bordéis em quitinetes de Copacabana e o famoso Castelo da Lili, na rua Alice, a Casa Rosa de Laranjeiras. No colégio, continuava a caça a qualquer pulsação sexual, fosse a punheta, o cinco contra um, o descabelar do palhaço e outros vulgos chulos usados pela turma para aliviar a tensão e descascar a banana. “O diabo nos espreitava detrás das estátuas de Santa Teresa em êxtase, nas coxas dos anjinhos nus, nos seios fervorosos das beatas acendendo velas”, diria Jabor.

Certos padres tinham tesão nas mãos dos alunos e procuravam alguma nesga de carne sob os decotes. Nem todos, diga-se. Um padre, que atraía os garotos com números de mágica, tentou beijar Jabor uma vez num canto da clausura. Quando ele comentou o caso no confessionário com outro padre, este mudou de assunto, segundo Jabor, “como se a pedofilia fosse uma prática necessária à manutenção do celibato”.

O sexo trazido pelo diabo, por mais que se orasse, permanecia em todos. Era chicoteado com violência pelo padre Barros, mas não adiantava. Servia como pano de fundo do colégio — cada um dava o seu jeito. Um dia, numa palestra, e

Zózimo estava na plateia, um padre contou a história de um escoteiro que cavalgava pelas praias do Havaí. Jovem, bonito, carregava também o orgulho da sua castidade. Súbito lhe apareceu, passeando pela mesma praia, uma linda havaiana *au grand complet*. A moça começou a dançar um hula-hula endemoniado e o escoteiro ficou fascinado. O padre era novo na escola e a turma achava ter finalmente encontrado uma alma gêmea no andar de cima. Parecia que agora, graças a Deus, valia acreditar na fé. Alguém da Igreja, da mesma maneira que eles, sentia o desfalecimento de quando estavam próximos a uma menina. A havaiana, cheia de curvas, rebolando tudo o que sabia e que mais tarde seria copiado nos filmes de Elvis Presley no Havaí, ofereceu os lábios úmidos para um beijo. “Foi aí que se deu o milagre”, gritou o padre. “Nosso herói, à beira do colapso, reuniu suas últimas forças e, rezando entre os dentes, chicoteou o cavalo. O escoteiro ouviu a voz do Senhor e saiu galopando. Chorando, afastou-se para bem longe da linda havaiana, uma enviada do demônio. E assim ele continuou puro e cavalgando pela vida sem pecado.”

Em 1956, com quinze anos, na quarta série ginásial, com um metro e setenta de altura (vinte e seis centímetros a mais do que constava na sua ficha de inscrição na admissão, em 1952) e com cinquenta e seis quilos (dezenove a mais), Zózimo ouviu pela última vez esses sermões. Ao final do ano, recebeu um boletim de notas constrangedoras, com um resultado global de 4,65. Tinha sido ótimo aluno na exótica cadeira de trabalhos manuais, com 9. Em ginástica levou “excelente” na prova de eficiência física. Em canto orfeônico, para quem gaguejava ligeiramente, teve um surpreendente 5,9. De resto, nas matérias que importavam, foi lamentável. Em latim, ficou com 1,22; em matemática, com 1,63; e em ciência, com 3,28. Em português foi bem. Numa redação que apresentou em agosto tirou nota 9 e só perdeu um ponto certamente por causa das

vírgulas trôpegas que espalhou pelo texto. O professor deu como tarefa para a classe escrever uma carta com um pedido de emprego. Escreveu Zózimo Bráulio:

Excelentíssimo senhor, venho, por meio desta, solicitar-lhe um favor, que não lhe será custoso fazê-lo.

Sabendo que V. Excia. ocupa um alto cargo na direção do país, peço-lhe que empregue um rapaz de confiança, consciente de seus deveres, e que se encontra desocupado por circunstâncias alheias à sua vontade.

O indivíduo do qual lhe falo é moço, instruído e capacitado a fazer qualquer trabalho. Sabe falar correntemente inglês e um pouco de francês.

Sendo V. Excia. um homem bondoso, bem sei que não irá me negar tão prestimoso favor.

Agradecendo-lhe desde já, subscrevo-me atenciosamente.

Esse texto, razoável apesar da profusão de pronomes, deu a Zózimo a média 6,13 em português. Infelizmente, não o impedia da tragédia. A média final abaixo de 5 o reprovava. “Zereta na caderneta”, ele lembraria anos mais tarde e pelo menos por duas vezes usaria na coluna a expressão, obra-prima de um professor do colégio que vibrava com o fracasso alheio.

Dentro de mais um rigor do Santo Inácio, a média baixa expulsava o aluno. Ali não se admitiam punhetas nem reprovações. Zózimo não ficou exatamente contrariado. Alguns colegas suspeitam até de ele ter feito corpo mole para ser jubilado e, conforme pedia, cair fora para se livrar do “sufoco”, respirar. Numa última blasfêmia, agora sem punição, deu um aliviado “graças a Deus” quando soube que estava fora — e foi ao cinema.

5

A se acreditar no cinema, jornalista não presta — e o colunista nova-iorquino J.J. Hunsecker, interpretado por Burt Lancaster em *A embriaguez do sucesso*, de 1957, é a prova clássica espetacular desse ser humano lamentável. Trata-se de profissional em alguns momentos cínico, em outros, mal-intencionado. Nenhum elogio a fazer. Poucas vezes o cinema foi tão fundo no submundo do jornalismo, especialmente no segmento das colunas sociais. *A embriaguez* era lama *noir* para tudo que é lado. Um filmaço adorado pela crítica — o resto da redação detestou. Zózimo viu o filme em 1958 e o citou pelo menos uma vez, como lição “pelo avesso” de ética jornalística.

O diretor Billy Wilder já tinha mostrado em *A montanha dos sete abutres* os excessos dos jornalistas para conseguir seu pão quente, ou seja, notícias quentíssimas. Há dezenas de títulos em que o cinema trata essa raça como escória da humanidade. Em *A embriaguez* seria a vez de o diretor Alexander Mackendrick contar sua versão, como se servisse um linguine com trufas ao molho de arsênico.

Querem os pesquisadores que em 1781 um certo Henry Bate, do *Morning Post*, de Londres, esteve preso por um ano após publicar aleivosias sobre a vida conjugal do duque Richmond. Foi o mártir da causa, a pré-história desse tipo de jornalismo. Henry Bate é o mais antigo registro que se tem de coluna de notas e, como se vê, já com aquela chamada de “Hot! Hot! Hot!”, seguida da porta da cadeia batendo. Já o formato de coluna, do tipo que conhecemos hoje, só seria inventado um século depois.

O colunista J.J. Hunsecker, do jornal *New York Evening Graphic*, o personagem maligno de Burt Lancaster, foi inspirado no pai de todos os colunistas, o polêmico Walter Winchell. Entregue ao culto da fofoca, Winchell começou, em meados dos anos 1920, o grande livro do moderno colunismo de notas — ok, mas também pode me chamar de colunismo social. Antes de Winchell havia a coluna de Cholly Knickerbocker, pseudônimo criado por John W. Keller e usado entre 1891 e 1896 no *New York Recorder*, depois no *New York American* (posteriormente, *New York Journal American*), e adotado, entre outros, por Maury Paul, que o usou de 1917 até 1942. O personagem Cholly Knickerbocker alargou os limites do *Registro Social*, a seção que antecedeu as colunas e era apenas uma monótona relação de eventos do mundo dos ricos.

O compositor Cole Porter lembrou-se de Cholly Knickerbocker na hora de escalar uma grife do colunismo social para a letra de “High society calypso”, tema de musical homônimo da Broadway. Também está na abertura do filme: a cena mostra um bando de artistas liderados por Louis Armstrong cantando a caminho de uma festa de ricos a letra de Cole Porter, que diz: “Nós estivemos por muitos anos na *Variety*/ agora nós vamos para a coluna de Cholly Knickerbocker.” Esses versos são século XX na veia. Flagram o sonho de subir na escala editorial, ter o nome registrado na coluna social e não mais apenas numa revista de artistas. É passar a existir de um jeito mais amplo. Os músicos que saíam na *Variety* queriam melhorar de vida, ser do *society* e mudar para outra publicação.

Em *A embriaguez*, o colunista Hunsecker cobra um preço alto de quem almeja tamanha glória de ascensão. Manipula o poder de ter uma coluna como se exibisse uma metralhadora. Imoral é pouco para defini-lo. O canalha sabe que uma linha de jornal é o novo sopro bíblico: pode dar vida ou tirá-la. Não

tem uma coluna, mas um balcão de negócios a serviço da ambição humana de subir na escada social. É um gângster de *black tie* remexendo o lixo da informação, à cata de traições e afins. Chantageia políticos, artistas e policiais com a arma de sua profissão: alguma migalha de segredo que obteve no passado. Sexo fora do padrão da normalidade da época rendia primeiro notas jornalísticas e depois notas de dólares. “Por que tudo que você diz soa como ameaça?”, pergunta-lhe, apavorado, um senador que, como os demais personagens do filme, se sente subjugado pelo poder do colunista.

A *embriaguez* é uma caricatura das lendas que sobrevoavam a figura de Walter Winchell, que começou a carreira como ator de espetáculos de baixa produção na Broadway. Como a verba era curta, pegou para si também a função de escrever notas dos bastidores para revistas gratuitas que divulgavam as peças do quarteirão de Nova York. Já havia ali maledicências, sarros sobre os colegas, truques ainda de índole benigna para chamar atenção do público. O primeiro emprego de Winchell em jornal foi no *New York Evening Graphic*. O formato era basicamente o mesmo usado nas revistas: notas curtas, fáceis de ler. Só que agora ele aumentava o volume na tecla dos escrachos. Valorizava o repertório de divórcios e demais infelicidades conjugais, colocava veneno. Estava, enfim, publicado o primeiro rascunho daquilo que a história dos escândalos registraria mais tarde como “invasão de privacidade”.

A fofoca existia desde os tempos bíblicos. Walter Winchell foi quem primeiro a faturou na imprensa. Logo em seguida, e por causa do sucesso dele, todos os jornais americanos teriam a sua coluna de babados, tornando aquela seção parte fundamental no espelho de um diário. Winchell especulava sobre a vida sexual alternativa de galãs de Hollywood e sobre infidelidades, todo aquele material torpe que as colunas sociais normais discutiam nas internas, mas, diagramadas pela

necessidade de serem finas, era deixado no café da redação. Com Winchell, a fofoca vencera. O “quem come quem”, a pergunta que move a humanidade, chegava às bancas.

Para recolher essas informações, e todos os malfeitos correlatos, Winchell não se incomodava em escolher suas fontes entre taxistas, chantagistas e outras rimas ruins — o que Hunsecker mostra no filme de um jeito caricato. Aquele tipo de colunismo punha em cena um novo profissional, o assessor de imprensa, um sujeito pago por quem se interessasse — artistas, políticos ou donos de restaurante — em ter nota a seu favor na coluna ou evitar notícias que pudessem ser a pá de cal em sua reputação.

Em *A embriaguez*, o assessor de imprensa Sidney Falco (Tony Curtis) também é tratado como vilão, um sujeito de mil caras e outras tantas mentiras. Ele não começa o dia tomando café. Seu alimento básico é pegar o jornal da manhã e ver se o colunista publicou seu pedido, aquela notinha que lhe dará o pão da subsistência. “Vocês não viveriam sem as nossas informações”, diz Falco, defendendo os assessores de imprensa. “Conversa fiada”, rebate o colunista Hunsecker. “Um assessor de imprensa encontra escândalos de gente famosa e os dá ao colunista em troca da divulgação de outras notas, aquelas pelas quais seus clientes pagam. É um trabalho vergonhoso. Agora, venha aqui, Falco, e acenda meu cigarro.”

O pioneiro Winchell teve um programa de rádio e nele criou a sonoplastia de um telégrafo sendo acionado ao fundo da locução de suas notas. Aumentava a tensão das informações curtas, dava sensação de urgência a todas elas. O homem foi um sucesso também na TV. Despachava de clubes noturnos como o Stork, em Nova York, onde criaram o sanduíche Winchell Burger, em sua homenagem, e onde possuía o privilégio de ter um telefone à mesa. Aos poucos, com o poder ampliado, circulando pelos nichos políticos, filiou-se à mais

direitista política americana e transformou-se, no início dos anos 1930, num arauto particular e reacionário do que seria justiça. A seu favor, passou a apresentar no currículo o fato de ter sido um dos primeiros a alertar sobre o perigo de um sujeitinho de bigode fino que começava a discursar contra os judeus na Alemanha.

Winchell, com sua coluna de pílulas onde cabia tudo, principalmente o que ninguém até pouco tempo publicaria, tornou-se uma das primeiras celebridades saídas das redações. O jornalista passava para o outro lado do balcão. Virava notícia. Winchell era estrela como as do cinema. Fez filmes em que representava a si mesmo, apresentou uma série de reportagens policiais na TV e viu surgir uma multidão de colunistas em suas pegadas, gente como Elza Maxwell, Hedda Hopper e o novo Cholly Knickerbocker, a partir de 1945 encarnado por Igor Cassini. Todos eram queridos pelos leitores; contudo, fofoqueiros eram encarados com temor pelos que poderiam ser notícia ou se envolver com eles nos bastidores.

Em *A embriaguez*, tudo é puxado para o pior que o jornalismo pode apresentar. Ninguém presta, todos são movidos pelo mais cru interesse. Notícia é moeda de troca e tem sempre um preço. As cenas são rodadas à noite, quando todos os gatos são pardos e as sombras dos gângsteres corpulentos, dos casais a um drinque da separação e dos jornalistas farejando desgraça surgem sem distinção. Na manhã seguinte, vale a sombra que está impressa, e a silhueta do colunista de notas, esse herói moderno, sempre fica melhor que a de seus personagens.

No final da década de 1940, uma pesquisa dizia que, fora da política e da religião, o homem mais poderoso dos Estados Unidos era Walter Winchell, que gostava de aparecer com um chapéu — e a notícia chegou ao Brasil, onde Jacinto de

Thormes, de cachimbo, se apresentou para ser o primeiro a viver o papel, mas sem gosto especial pela fofoca detratora.

Zózimo, em 1958, quando viu *A embriaguez*, nem sonhava com o assunto. Tinha dezessete anos. Via o filme impressionado com uma história em que a estrela era o pecado da injúria, da traição e de todas as suas outras formas de representação das trevas humanas, e saudava a liberdade de estar de frente para a vida real e não mais a celestial. O colunista sem princípios era como a havaiana rebolando na frente do escoteiro — só podia estar com o diabo no corpo. Dessa vez, no entanto, Zózimo não precisaria mais confessar aos padres do Santo Inácio ter se exposto a tanta vilania de um ser e pagar com dúzias de ave-marias.

Zózimo, expulso do Santo Inácio, viu o filme junto com os colegas do novo colégio, o liberal Andrews, também em Botafogo — meu Deus!, garotas lindas sentadas na cadeira ao lado!

6

Zózimo, agachado, fazia asas de borboleta com giz no chão da sala do Colégio Andrews, como se sinalizasse um voo da bichinha do fundo da classe até a porta, talvez o roteiro de fuga que idealizasse para si próprio — o de bater asas e cair fora, matar a aula. Ele tinha a companhia do colega Ary Coslov, futuro diretor de teatro e TV. De cócoras, lá iam eles, aproveitando o intervalo entre as aulas de português e matemática para ilustrar o chão com aquela traquinagem — mais uma no currículo de Zózimo, um ótimo aluno na nova escola, só que um tanto ou quanto bagunceiro.

A borboletinha começava a bater asas perto das últimas carteiras e, sempre rabiscada no chão, já estava chegando à porta de saída quando, agachado e de costas, o estudante encostou nas pernas de alguém atrás dele. Era o professor, que entrava na sala. Com o impacto, Zózimo chegou a cair para a frente. Nada de grave, fisicamente — o pior mesmo foi ser obrigado a abandonar, como se fosse uma borboleta travessa, a aula que nem sequer iniciara. Naquele dia também foi impedido de ir ao recreio. Enquanto os colegas brincavam no pátio, ele limpava com um pano de chão tudo o que fosse borboletinha. Estava outra vez de castigo. Deus não servia mais de bedel, como no Santo Inácio, mas a educação liberal também tinha seus rigores.

Boy e Elza, com a reprovação da quarta série ginásial pelos padres jesuítas, haviam transferido o filho para o Andrews, da família Flexa Ribeiro, de suas relações pessoais. Era um colégio moderno e, ao contrário da maioria dos outros que recebiam a elite carioca — São Bento, Santo Inácio, Santo Agostinho, Bennett, Sion —, sem orientação religiosa determinante. Cada

um que seguisse seus mandamentos, e, desde que não fosse durante a aula, Carlos Zéfiro que educasse os interessados. A liberdade religiosa fazia com que o Andrews abrigasse uma expressiva massa de jovens judeus, já que as escolas da comunidade iam só até o primário.

Havia judeus, católicos, espíritas, talvez umbandistas — isso, porém, era o de somenos. Não se usava uniforme (o que dava mais uma chance de Zózimo se exibir em suas roupas bem cortadas) e, acima de tudo, o Andrews desfilava deliciosamente misto, um colégio onde se dava o paraíso bíblico de homem e mulher conviverem na mesma classe. Não havia havaianas seduzindo jovens escoteiros na praia, mas quase. Uma das colegas chamava-se Maria Lucia Dahl, que, vinte anos depois, como já deixava insinuar o corpo adolescente, topou fazer um ensaio fotográfico para a *Playboy*. O pecado morava ao lado e, ao contrário do que pensavam os padrecos do Santo Inácio, devia ser vivenciado com naturalidade. No Andrews, ninguém ia para o inferno por ter maus pensamentos. No máximo, seria posto para fora da sala, suspenso ou advertido por mau comportamento. E essa via-crúcis pedagógica, vivida sem a culpa cristã, porém cheia de anotações na caderneta, foi mais ou menos rotina para Zózimo no Andrews.

Em 30 de agosto de 1957, seu primeiro ano no colégio, ele “foi surpreendido fumando”. Na semana seguinte, em 3 de setembro, foi “excluído” da aula de português e suspenso por dois dias por “atitude desatenciosa com o professor”. No dia 30 de outubro, outra carimbada em vermelho na caderneta. Chegara atrasado.

Em 1958, no segundo semestre, foi expulso da sala quatro vezes — por conversa, brincadeira, desobediência ou por estar sem o material.

Em 1959, também no segundo semestre, nos dias 17 e 29 de setembro, foi expulso da sala por estar “lendo revista” e “conversando”. Nas duas ocasiões, em aulas de filosofia.

Em 1960, foram dois casos de expulsão, agravados com suspensão. Em agosto, ficou em casa cinco dias, “por ter formulado pergunta imprópria, maliciosa”, ao professor Maia, de história natural. Mais adiante, em 4 de novembro, foi a vez de o professor Leslie, de filosofia, botar o rapaz para fora da aula e puni-lo com dez dias de suspensão. “O aluno”, segundo a ficha de Zózimo no arquivo do Andrews, “apresentou o pé descalço e sem meia. Ao ser tirado da sala, esmurrou violentamente a porta”.

Sebastião Lacerda, o futuro editor de livros, fundador da Nova Fronteira, estava na classe. Alguém começara a bater ritmicamente com os pés no chão, e como Zózimo era sempre o primeiro suspeito dessas bagunças, o professor chamou-lhe a atenção. Para pretextar inocência — de vez em quando não tinha culpa se a humanidade zoava no lugar dele —, tirou o sapato. Sem meias, colocou os pés em cima da mesa — queria mostrar que estava prenhe de inocências. Foi quando o professor Leslie expulsou o futuro colunista, que seria responsável por centenas de notas explicando como se comportar bem nos ambientes.

Zózimo adorava o Andrews. Apesar das baguncinhas, era reconhecido pelos professores como ótimo aluno. Fez os três anos do Clássico, curso que direcionava o estudante para matérias de humanas dando pouca ênfase a cadeiras típicas do Científico, como física, química e matemática. Se em 1958 sua média em português foi 6,51, em 1960 ela pulou para 8,81. Tirou 10 num trabalho sobre *Dom Casmurro*.

No Andrews, dois professores mudaram em definitivo a vida de Zózimo. Chamavam-se Olmar Guterres da Silveira, de latim, e Fábio Freixeiro, de português, mestres na arte de fascinar os

alunos com os fatos da evolução da língua. Davam também gramática histórica. Anos depois, sempre que houvesse uma oportunidade, Zózimo e o colega de classe Renato Machado, futuro repórter da TV Globo, os citariam. Diziam ter sido eles que consolidaram em suas inteligências as noções básicas do português e permitiram que, a partir de suas aulas, tivessem prazer e segurança em escrever.

Eça de Queirós, um dos autores mais citados nas aulas, tinha entre os alunos um fã de carteirinha: Sebastião Lacerda. Este conheceu os primeiros livros do escritor português através do pai, Carlos Lacerda, jornalista e governador do então estado da Guanabara no início dos anos 1960. Zózimo leu a *Cidade e as serras* e *O primo Basílio* no Andrews. Gostava de ficar ao telefone citando trechos para Renato — e sentia tanta alegria ao ler alguns, principalmente aqueles em que Eça reforçava a tecla humorística, que caía na gargalhada.

Uma palavra do primeiro capítulo de *O primo Basílio* lhe era especialmente querida na época: “Jorge enterneceu-se, pôs-lhe sobre as pálpebras dois beijos chilreados.” E Zózimo foi logo ao dicionário, um gesto que Freixeiro estimulava entre os alunos e ele faria por toda a vida, para saber que o adjetivo empregado, pouco familiar aos ouvidos brasileiros, queria dizer beijinhos com ruídos delicados aplicados em sequência.

Claro que passou algum tempo pedindo às colegas um “beijo chilreado”, o que a repressão da época nem sempre permitiu, mas o prazer do vocabulário original marcou-o. No futuro, a busca de palavras especiais perseguiu-lo-ia — e, a propósito, o uso abusivo dos pronomes, principalmente com sentido cômico, *nonsense*, era outra brincadeira do grupo de Zózimo, Renato e Sebastião. Adoravam uma mesóclise despropositada.

Para quem vinha de colégio religioso, o Andrews parecia o céu na terra. Maria Lucia Dahl, ex-aluna do Sion, só de meninas, lembra-se do ritual a que as freiras submetiam as

alunas flagradas em algum malfeito abominável — conversar na sala de aula, por exemplo, era considerado uma ofensa a Deus. Segundo as regras divino-escolares, a pecadora não merecia carregar o crucifixo ao pescoço, um acessório fundamental do uniforme. Marcava-se então o dia em que, no pátio do Sion, a moça devolveria a cruz à direção do educandário. Ficaria suspensa de Cristo por alguns dias.

O liberalismo do Andrews situava-se no avesso do avesso do que boa parte da turma sofrera nos colégios religiosos. Zózimo escrevia com giz o aviso “Senhor inspetor, favor não alimentar os animais” na portinhola de vidro através da qual os bedéis olhavam do corredor para dentro da sala de aula. No Santo Inácio, a diatribe adolescente seria crime suficiente para o responsável passar a meia hora do recreio pregado na cruz.

Sebastião, Renato e Zózimo chamavam-se Os Três Mosqueteiros. De curtição, faziam espadas de papel e fingiam duelos no meio do recreio, o que sempre chamava atenção de alguma garota. Viviam juntos o tempo todo. Tinham em comum os colégios religiosos do passado, a vibração por Eça, a euforia pela vizinhança das meninas. O que lhes era diferença foi aos poucos se acertando.

Renato sentiu-se de início deslocado, até mesmo tratado com desprezo por Zózimo, um aluno reconhecido em todo o colégio como dono de uma ironia afiada, arma mortal na arte de cutucar o próximo. Quase um *pré-bullying*. As frases curtas do colega, sopradas sempre com um sorrisinho de lado, feriam o espírito sensível e acuado de Renato, rapaz vindo do interior do estado, de Nova Friburgo, de uma classe social mais baixa.

Zózimo personificava o garoto Zona Sul típico, representante da classe média carioca, sócio da Hípica, com os pais na coluna de Jacinto de Thormes, e ainda por cima inteligente, antenado com os modismos, cada vez mais bonito. A futura *promoter* Anna Maria Tornaghi, de uma turma mais

jovem, suspirava de longe. As meninas eram disputadas por Renato e Zózimo com os resultados previsíveis, ou seja, a favor do segundo. Foi o caso da nadadora Ana Maria Horta, atleta do clube Guanabara, primeira namorada firme de Zózimo, aluna do Andrews. Renato queria ser Zózimo. Da mesma maneira que Arnaldo Jabor no Santo Inácio, ele se impressionava com seu estilo. Tinha-o, já na escola, como “figura decisiva na formação de gostos, de princípios, de juízos de valor sobre as pessoas, sobre o que elas queriam da vida, o que é correto na sociedade, uma inteligência fundamental para aqueles últimos anos de inocência”.

Renato procurava saber onde o colega encomendava os mocassins (ele fazia os seus no Motta, eram ok, mas o quente, de Zózimo, ficava numa loja da rua Dona Mariana, em Botafogo), e ia atrás dos endereços. Queria saber onde Zózimo fazia as calças (num calceiro do Largo do Machado), onde fazia as camisas (Otto, Copacabana) e onde os blazers (no mesmo Ernesto Marques que fazia alguns de Boy). Queria se vestir com o mesmo glamour — e, quem sabe, um dia conseguir garotas tão lindas quanto as de Zózimo. A família de Renato uivava, pois o padrão Barrozo do Amaral fugia ao seu escopo financeiro. De imediato, sem grandes custos, Renato seguiu o *look* do clã ao usar um lenço no bolso do paletó, uma maneira econômica de emular o visual de Boy.

Quando ficaram parecidos, os mesmos mocassins nos pés, Renato e Zózimo passaram a formar uma dupla da qual as meninas deviam manter certa distância. Eles davam pequenas reuniões na casa de Renato, em Copacabana, com pais bem liberais. Festinhas simples, com o mesmo ritual matador de sempre. Papo e cuba-libre para começar. Com as coisas bem encaminhadas, colocavam Frank Sinatra na vitrola e aumentavam a excitação do momento. Chamavam a moça para dançar e colavam nela. Roçavam as pernas, mais os genitais,

com o máximo de vigor que a parceira, fingindo não saber o que acontecia, permitisse — tudo na evolução do ritual que anos mais tarde ganharia a alcunha de “mela-cueca”. Garotas não davam, ou seriam estigmatizadas pela pecha de “galinha” — mas aos poucos se preparavam para ir à forra, na década seguinte. Os rapazes saíam doloridos dessa esfregação, que chamavam de “Chico contra Chico”, numa tradução maliciosa para a dança do *cheek to cheek*. Alguns ganhavam beijinhos sem língua. Pouco prazer, todavia era a aproximação possível com o corpo feminino. Daquele roça-roça arrumavam assunto para conversar e charlar mais tarde entre eles.

Estudavam juntos após o colégio na casa de Renato, onde havia um quadro-negro, e também na Frei Leandro, 35, onde, na lembrança de Sebastião Lacerda, sempre havia menos família (“o velho Boy ia para a cidade, para o Jockey, a Izabel estava no colégio, a mãe estava não sei onde”). Os três ficavam no torpor adolescente do nada fazer, pouco estudar, muito fumar e pegar o carro de Boy para andar, andar, até gastar toda a gasolina. Uma noite, nesse endereço, o intervalo entre os exercícios do colégio tornou-se inesquecível.

Zózimo lembrou aos amigos que, embaixo da escada para o segundo andar, Boy, mais uma vez ausente de casa, mantinha uma adega — que tal se dessem um tempo nos estudos e fossem assaltá-la? Beber começava a ser um dos detalhes marcantes do perfil do rapaz. Nenhum grande porre ainda, no entanto, além de fumar mais do que todo mundo e ser mais descolado que todo mundo, começava a se destacar também por ser o que mais participava do esvaziamento de garrafas. Ele foi o primeiro da turma a achar cuba-libre “uma bebida para garotas”.

Aberta a adega, Zózimo deu prioridade a uma garrafa de *bordeaux* francês, o Saint-Émilion, que ouvira numa conversa do pai ser um dos carros-chefe da coleção. Não se estudou

mais naquela noite — e Zózimo abria em sua biografia a primeira das muitas garrafas que lhe seriam prazer e assombrada maldição. Para Renato Machado foi uma aventura memorável. Mais tarde um especialista em vinhos, naquele momento ele se introduzia no assunto em que se destacaria pelo conhecimento e pela elegância do bom uso das palavras para descrevê-lo. Um dia, já profissional de renome no reconhecimento das boas safras, narrou o que aconteceu naquela noite:

Não soube nem me dei conta do primeiro contato que tive com um vinho de Bordeaux. Foi na casa de Zózimo Barrozo do Amaral. Nas nossas cabeças intensas, naqueles anos de descoberta e exageros, existia sempre em primeiro lugar a travessura, a transgressão.

Por impulsão nos lançamos a um armário embaixo da escada, que fazia de adega. Os adultos não estavam. Iríamos quebrar regras, entrar num lugar proibido, roubar o que nos era vedado ver. Tínhamos visto um filme da Nouvelle Vague em que Jean-Claude Brialy presidia uma festa intelectual avançada, à luz de velas, recitando para moças vestidas de negro um poema alemão ao som de Wagner. À volta, havia vinho.

Nada estava certo naquela cena, muito menos no filme, uma bobagem *cult*, chatíssimo. Mas, embalados pela modernidade do filme, tentamos repetir o clima de tresloucada poesia, o que certamente nos fazia diferentes. Não sabíamos que éramos iguais a outros ridículos de outras épocas, inocentes como todos.

O Saint-Émilion acabou roubando a cena porque nada mais sem graça do que acender velas e fazer pose existencialista. Mas pouca gente se lembra dos

existencialistas franceses, de Sartre, de Juliette Gréco ou do franco-belga Jacques Brel.

Com a vela, percorremos os rótulos na esperança de encontrar poeiras antigas que nos contassem alguma história. As garrafas estavam maltratadas — não pelo tempo, mas pelas condições impróprias de guarda. Na cena que fabricamos, o vinho adquiriu significados poéticos, fantasiosos. Era proibido, deveria ser caro e estava escondido dos jovens malcomportados. Não era para boêmios sem lei.

Os três existencialistas — Renato, Sebastião e Zózimo — divertiam-se tanto à luz de vela como à luz da Light, que lá fora iluminava um novo Rio de Janeiro. A cidade oferecia uma agenda cultural, pós-rock and roll, pós-existencialismo francês. A grande novidade, em cartaz desde a estreia, em 1956, era o filme *Ao balanço das horas*, com Bill Haley e Seus Cometas. Os jovens começavam a dar as cartas. A Black Horse, boate perto do Copacabana Palace, não exigia terno e gravata. Também não apresentava música ao vivo — era boate *hi-fi*. O toca-discos reproduzia a música dos melhores artistas, e o som que saía da caixa, escolhido pelo discotecário, era o rock de Elvis Presley e Little Richard. A noite ficara jovem.

Zózimo estava na noite (Beco da Fome, Galeria Dezon) da mesma maneira que seu pai continuava (Boy, a propósito, usando as influências de um amigo general, liberara o filho do temível serviço militar). Aos poucos, graças à turma do Andrews, o rapaz foi se interessando por acontecimentos com um verniz mais cultural (onde se incluíam os filmes exibidos no Cine Paissandu), uma boemia impregnada de informação além da safra do uísque. Mas nada ainda muito claro. Em alguns momentos da adolescência, dava demonstrações de que

poderia embicar para versões atualizadas daquela de Boy dando tiro no Vogue.

Gostava, por exemplo, de ir até a favela da Catacumba, na Lagoa, para comprar cabeça de negro, uma bomba junina mais forte que as usadas para comemorar os santos do mês. Só que não havia nada de cristão no que fazia com elas. Depois da compra, seguia até as margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, a um quarteirão de casa, num ponto muito usado pelos casais para namorar dentro dos carros. O filho de Boy então ganhava vulto.

Ele acendia a cabeça de negro, jogava embaixo do carro e ficava esperando o resultado. Em geral, os casais saíam assustados e, do mesmo jeito que Ali Khan, correndo com as cuecas na mão para fora do banheiro, tentavam ajeitar as roupas que tinham tirado para ajudar o namoro. Assim como Boy não era da Turma dos Cafajestes, Zózimo estava longe da Juventude Transviada surgida com o embalo do rock — mas, cada um a seu tempo, inspiravam-se naqueles modelos extravagantes de diversão.

Quem via, agora durante o dia, o adolescente Zózimo pescando caraúna na mesma lagoa podia tê-lo como exemplo de alguém empenhado em relaxar dos estudos com lazer saudável. Qual o quê! Ao final da jornada — e qualquer um retirava quilos de peixe da água ainda limpa —, o destino de parte da pescaria não era o proveito gastronômico. Ele deixava que os peixes passassem um pouco do ponto de saúde e, já donos daquele cheirinho nauseabundo, gostava de ir para a rua Jardim Botânico com todos espetados numa fieira de barbante. Era só esperar o bonde despontar lá longe e se aproximar, junto com os outros moleques da rua, alguns mais tarde situados em altos postos da vida da cidade, para jogar, sem dó, a enfiada de caraúna dentro do curso de trilhos urbanos.

Continuava brigão, jamais propenso a levar desaforo para casa. E tinha um termômetro sensível para registrar o que seria um desaforo — uma frase de Boy: “A dimensão do insulto quem avalia é o insultado!” Se Boy, na padaria da esquina, engalfinhou-se com o padeiro por causa do atraso de uma fornada de bisnagas, falar mal do Flamengo ou levar fechada no trânsito eram insultos avaliados como de grande dimensão por Zózimo, que voava para cima do oponente. Não tinha técnica de luta. Apanhava e batia em proporções semelhantes.

Carlos Eugênio Lopes, o Carlô, colega desde os bancos do primário, esteve próximo de Zózimo em muitas dessas brigas e salvou-o de complicações maiores. Numa delas, o rubro-negro se atracava com o jornaleiro tricolor da esquina da Frei Leandro com a Jardim Botânico, numa segunda-feira pós-Fla-Flu. O homem jogou Zózimo ao chão e ia golpeá-lo na cabeça com uma barra de ferro quando Carlô segurou seu braço e encerrou a pugna.

Continuava em vigor a saga dos Zózimos, todos com o sangue subindo rapidamente à cabeça. Aproximando-se dos vinte anos, o Bráulio encontrava no Andrews uma turma ligada em outras diversões (brigou apenas uma vez na escola, em defesa de um colega que sofria *bullying* por certos trejeitos efeminados). Divertia-se com as brincadeiras da idade, mas também com livros, filmes, peças de teatro e demais badulaques culturais. O Museu de Arte Moderna, recém-inaugurado no Aterro do Flamengo, começava a ser uma grande referência de eventos na cidade, e ele gostava de andar por lá com Sebastião e Renato. Juntou a seus prazeres a música clássica e passou a frequentar com o pai concertos no Teatro Municipal.

Outros colegas do Andrews juntavam-se aos Três Mosqueteiros, como Ary Coslov, Joaquim Vaz de Carvalho, aquele que já estudara com ele no Santo Inácio e se tornaria

produtor de cinema, Rubens Gerchman, futuro artista plástico, e também uma das mais belas meninas da escola, loura de olhos verdes, extremamente meiga e discreta, interessada nos movimentos das artes modernas, uma jovem culta. Era Marcia Kuperman, futura artista plástica, *marchand* — e algo mais.

7

Era um jantar de uma noite de setembro de 1961, com Boy numa cabeceira, Zózimo na outra, mais Izabel, Elza e o amigo Carlô nas laterais. De repente, Zózimo, vinte anos, desabou sobre o prato. Parecia cena de filme, e o jovem ficou emborcado ali, sem machucado aparente, porém sem sinal de vida. Desmaiado. As mulheres gritaram seus espantos. Boy e Carlô o levaram para um sofá. Depois do telefonema para o Hospital Miguel Couto, pedindo uma assistência (que era como se chamava a ambulância), o pai subiu ao segundo andar e confirmou o que já suspeitava. Trouxe de lá e mostrou a todos um vidro de Gardenal, tranquilizante com que ele próprio se tratava. Vazio. Zózimo tinha tomado tudo. Estava desiludido, deprimido e passionalmente desesperado por achar que havia perdido a luta pelo amor de Marcia Kuperman.

Eles eram colegas de turma no Andrews, passaram os três anos do Clássico juntos, mas o namoro mesmo começara apenas no encerramento das aulas. A perspectiva de tomarem rumos diferentes fez com que precipitassem uma relação, antes restrita apenas a um companheirismo mais próximo. Declararam-se apaixonados numa reunião na casa de Renato Machado — e este poderia ter sido o início de uma bela história de amor entre jovens da boa classe média da Zona Sul não houvesse dois detalhes embaraçosos. Marcia já tinha um namorado, de posição social bem melhor, da família dona da Wrobel Engenharia. Mais: era judeu, como ela. Zózimo escolhera — como se o amor tivesse escolha, diriam os cínicos românticos — uma namorada de outra religião e que já tinha namorado.

A overdose de barbitúricos remetia, agora em português dramático, a uma aula de inglês famosa no Andrews, quando o professor Dante mais uma vez repetia a história do amor impossível de Romeu e Julieta, vítimas dos conflitos entre as famílias Montecchio e Capuleto. Dante usava o sofrimento dos jovens ingleses para motivar a atenção dos alunos, todos na faixa etária dos heróis da tragédia. Dava certo. Numa época de repressão de todas as ordens, sempre havia alguém que se encaixava numa proibição — e ali estavam Zózimo e Marcia, impedidos, especialmente pela religião, de seguirem em frente com seus projetos de amor.

O namoro, do pátio do Andrews ao início oficial na casa de Machado, ficaria como um pacto, de conhecimento restrito àquele grupo de amigos. O namorado oficial de Marcia, também do colégio, trazia consigo todos os itens de segurança que configuravam um bom casamento, e a relação já vinha de pelo menos um ano. Zózimo, além da dissonância religiosa, não tinha, em termos práticos, de vida real, muito o que oferecer. Divertido, inteligente, com os mocassins certos. O dia a dia, no entanto, se faz de outras materialidades.

Ao sair do Andrews, ele passou no vestibular para a Pontifícia Universidade Católica, a PUC, no início de 1961. Mais uma vez seguindo os passos do pai, matriculou-se em direito. Não tinha noção do que se tratava, mas, entre os exemplos domésticos, descartara incontinenti a possibilidade de ser engenheiro, como o avô e os tios, por não gostar de cálculos. A advocacia pareceu uma atividade mais possível ao rapazote de dezenove anos, preparatória até para, quem sabe, tentar a diplomacia mais adiante. Para ajudá-lo na decisão houve o fato de que também se inscrevera no curso a patota do Andrews — Sebastião Lacerda, Joaquim Vaz de Carvalho e Renato Machado. Zózimo dividiu 1961 entre a PUC e o amor proibido com Marcia. Pela primeira, a paixão acadêmica, que

nunca existira, só decaía. Já a paixão pela segunda só aumentava.

Marcia seguiu a vocação natural de lidar com artes visuais e matriculou-se na Escola de Belas Artes, no Centro. Zózimo era tão assíduo no belo prédio da avenida Rio Branco, que chegou a ser confundido com mais um aluno do curso. Participava das discussões do momento nas artes plásticas, como a ruptura entre os concretistas do Rio e de São Paulo. Depois das aulas, o casal podia sair no Jaguar emprestado por Boy, onde Zózimo, aos dezesseis anos, aprendera a dirigir tendo o pai como professor. O carro impressionava: cinza, forrado de couro vermelho com o painel em madeira iluminado por uma luz azul. Aos sábados, depois do almoço, Boy botava Zózimo e Izabel dentro e saía dando voltas na lagoa. De vez em quando, aproveitando as ruas ainda vazias, entregava a direção ao garoto — e era com esse Jaguar ostentação, placa 13-01-98, que Zózimo pegaria a namorada no Centro. Circulavam pelo Parque da Cidade, na Gávea, e por outros lugares longe das multidões. Um dos clássicos dos romances escondidos do Rio, o restaurante Os Esquilos, na Floresta da Tijuca, estava na rota do casal. A comida ali sempre foi ruim, mas o amor a tudo tempera.

Os Kuperman, moradores de Copacabana, frequentavam o Clube Israelita Brasileiro, a meia dúzia de quadras de sua casa, e, religiosos convictos, não admitiam que o romance vingasse. Nada contra o rapaz, o problema é que era um góí. O pai de Marcia, Bernardo, engenheiro, e a mãe, Lilia, mostravam-se intransigentes. Questão de tradição. A moça precisava esposar um judeu. Naquela semana do quase suicídio, Marcia, sob ordens da família, rompera em definitivo com Zózimo. Não poderiam se ver mais. Ela havia ficado noiva de Wrobel.

No clã dos Barrozo do Amaral, amigos, principalmente os mais íntimos, como Carlô, enfrentavam longas conversas sobre

o drama passional. Zózimo falava em lutar por seu amor e, dado a explosões de agressividade, era também pródigo em explosões de tristeza. Chorava a rejeição. Ficava horas ouvindo Charles Trenet, cantor romântico francês, especialmente “Que reste-t-il de nos amours”. Na mesa de cabeceira, um volume em francês de *Bonjour tristesse*, de Françoise Sagan. O consumo de cigarros ultrapassara a marca de um maço por dia (logo chegaria a três, depois, quatro). Ele misturava Luiz XV sem filtro, comprado na esquina, com o francês Gitanes, de algum contrabandista. A cultura francesa, para o bem (Godard entrava na moda via Cine Paissandu) e para o mal (a fumaça do cigarro), dava as cartas. O poeta da onda era Jacques Prévert, objeto de saraus reflexivos entre os jovens, ídolo de Renato Machado.

O sofrimento da turma era em francês — e teve uma noite, no Bar Lagoa, que Zózimo discutiu com um sujeito da mesa ao lado porque ele sintonizara o rádio de pilha na estação em que Jacques Brel cantava a dilacerante “Ne me quitte pas”. Achou que ele sabia de seu drama e debochava. A turma do deixou, em português, afastou os dois.

Carlô costumava lembrar ao amigo a profusão de pretendentes. Realçava, empolgado, a beleza e a sofisticação de Suzana Velloso, uma também namorada de Zózimo, a primeira a chegar à casa da Frei Leandro assim que se espalhou a notícia do gesto radical com os barbitúricos. Ela era filha de um famoso advogado, Fernando Cícero Velloso, e de Odette Bouças. As duas famílias se gostavam e eram católicas. “Por que você não fica com ela?”, insistia Carlô.

Não faltavam namoradas, flertes e afins nesses interregnos com Marcia, idas e vindas dolorosas provocadas pelo anel de noivado no dedo do rival. Carlô e Zózimo namoraram duas irmãs, que moravam na rua dos Oitis, na Gávea, e seguiam para lá no carro do pai do primeiro. A casa das moças,

humildes, ficava numa vila, e os rapazes da vizinhança não gostavam daquele choque social, dos playboys namorando suas meninas. Um dia, quando saíam da vila, tiveram o carro torpedeado por uma chuva de pedras ciumentas.

Com o coração em crise, tomado pela ausência de Marcia, Zózimo acabrunhava no segundo andar da Frei Leandro, 35. Não queria mais saber de garota alguma. Havia também a bela Helena Costa, filha do arquiteto Lucio Costa, outra namorada do período. E alguns brotos interessantíssimos que poderiam ajudá-lo a esquecer Marcia e fazer, como se diria mais tarde, a fila andar. Chegava-se a meados de 1961. A música de sucesso era “Amor em paz”, bossa nova de Tom e Vinicius na gravação de João Gilberto. Dizia: “Eu amei,/ e amei, ai de mim, muito mais do que devia amar.”

O quadro geral parecia ruim. A faculdade, cheia de leis em latim, não era para o seu bico. “Chato demais”, confessava aos amigos. O mais inesquecível de todos os professores, o de introdução à ciência do direito, um catedrático chamado Sbrozek, mestre absoluto na matéria, fazia-se tão duro e impenetrável nas aulas que, quando morreu, os alunos deram uma festa em comemoração.

A tentativa de suicídio durante o jantar e o aviso dos médicos de que se a ambulância tivesse chegado ao hospital cinco minutos depois nada poderia ter sido feito foram decisivos para Boy. Ele precisava ajudar o filho a encontrar outro caminho. Considerava uma humilhação ele estar sendo preterido no projeto de casamento e temia pelas consequências em sua alma frágil. Após o gesto duro contra si mesmo, o pavio curto do rapaz poderia armar algo de maior gravidade e, pior, contra outrem. Na semana de setembro em que Zózimo foi liberado do Hospital Miguel Couto, onde esteve internado para lavagem estomacal e descanso, Boy tomou a decisão. Precisava mudar o filho de cenário e de preocupações.

A sensibilidade estava à flor da pele. Um dia, ao saber que um colunista do *Correio da Manhã* elogiara a beleza da irmã Izabel, vista no Iate Clube dentro de um biquíni um tanto ousado para a época, ele correu até em casa. Invadiu a gaveta dela. De tesoura em punho, cortou em pedaços a veste que era tida como despudorada.

Zózimo, apaixonado, escrevia lindas cartas para Marcia:

Não vale a pena, e isso peço-lhe não duvidar, uma vida sem amor. Ou melhor: amor é a força mágica que move as vidas e estas só poderão assim ser consideradas a partir do momento que se vejam animadas pelo sopro quente da paixão. O simples mergulhar no próprio subjetivismo não bastará se o âmago do ser não estiver sacudido e perturbado pela sensação mais terrível que um coração pode suportar — a de amar. O indivíduo não pode ser comparado a um balão murcho cujo simples riscar de um fósforo incendeia a pequenina peça que o incha e o torna uma realidade como balão. Assim somos nós todos, uma pequena fagulha, saída não se sabe de onde, e estará iniciado todo um complicado processo de integração vivencial. Dentro da vida, uma outra vida. Paralelamente à eternidade das ideias, a imortalidade dos sentimentos.

Anos mais tarde, já colunista, diante de alguma história parecida, ele diria com ironia o bordão “Ah, o amor!”. Virou uma marca da coluna e servia de título para anunciar os encontros e desencontros da espécie. Naquele momento não cabia qualquer brincadeira. Zózimo amava profundamente Marcia. Ai de quem fizesse humor com sua tragédia. Trancava-se no quarto, envolvido pelo mobiliário pesado de jacarandá, comprado do diplomata Mauro de Freitas, amigo de Boy que ia para o exterior. Nas paredes, flâmulas do Flamengo. Nos

cantos, coleções de gibis do Tarzan e romances policiais do francês Maurice Leblanc, com as aventuras de Arsène Lupin, o ladrão de casaca. Colado no tampo da escrivaninha, um texto famoso estimulava o rapaz a persistir na busca de seus desejos. Era a transcrição do poema “If”, de Rudyard Kipling, com a tradução para o português feita por Guilherme de Almeida, o tal Príncipe dos Poetas Brasileiros, casado com a tia Belkiss. Em 1954, a família fora a São Paulo participar dos festejos dos quatrocentos anos da cidade e Zózimo ficara próximo de Guilherme. O “Se” do tio permaneceu durante muitos anos na linha direta dos olhos de Zózimo. De tanto lê-lo enquanto fazia os trabalhos escolares, sabia trechos de cor:

Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso
(...)

Resta a vontade em ti que ainda ordena: persiste!

Kipling, em tom existencialmente épico, conclamava Zózimo a esperar, sem desespero. Boy permitiu que ele trancasse a matrícula na PUC. Para que o filho pensasse melhor e esquecesse Marcia, fez mais. Contatou o amigo Jorge Taunay, que trabalhava com o cônsul brasileiro em Paris, Antônio Azeredo da Silveira, o Silveirinha, também seu amigo. Havia na capital francesa um trabalho na Casa do Brasil, um escritório comercial que funcionava como apêndice das embaixadas. Não precisava de diploma, de prova, só de QI — o Quem Indica. Zózimo tinha as duas indicações e ainda uma terceira. O diplomata Roberto Assumpção, que também trabalhava lá, deu o empurrão final. Era emprego na medida,

pois requeria apenas o conhecimento da língua e dedicação de meio expediente. Zózimo topou. O pai de Marcia havia proibido peremptoriamente a filha de vê-lo por qualquer motivo. O que ele ficaria fazendo por aqui?

Em Paris, ele bem que tentou esquecer sua bela judia carioca. Namorou bastante. Uma das moças foi Lina Margarida, filha de Silveirinha. Alguns anos depois, em 20 de agosto de 1966, ela seria assassinada pelo marido, Mário Guaraná, que começara a namorá-la em Paris logo após o fim do caso com Zózimo. Depois de matar a mulher por ciúmes, Guaraná se suicidou.

A temporada de Paris foi um grande fim de semana jogado fora. Conseguiu os direitos para que amigos do Andrews montassem no Rio a peça *Ping-pong*, de Arthur Adamov. De resto, pouco a declarar. Zózimo não fazia nada na Casa do Brasil. Sebastião Lacerda e Vera Flexa Ribeiro, que haviam começado um namoro na escola, passaram por lá e viram mais. O amigo sofria com a ausência de Marcia e a bebida começava a se tornar mais que uma companhia fiel. Estava magro, fumando muito, deprimido com o exílio amoroso. Um dia, na refrega de um jogo de futebol, deu entrada no ambulatório de um hospital público parisiense. Precisou colocar uma tala protetora numa das pernas.

Mais adiante, chega ao Jardim Botânico um cartão-postal de uma praça de Roma com o seguinte texto no verso: “Nesta praça fui a uma cervejaria antiquíssima que sem favor nenhum foi o lugar mais do barulho que já visitei na Europa em matéria de bares. É todo de madeira, e bichos empalhados.” Diante desse tipo de notícia — um especialista em bares da Europa?! —, Boy enviou ao filho uma carta apreensiva. Entre outros sermões, pedia que fosse ao trabalho, de um jeito sério, e pensasse no futuro. Reforçava os motivos que tinham resultado em sua ida para Paris: mudar de vida. Não só

esquecer Marcia, mas inventar uma profissão, um rumo. A viagem não era um projeto, brincava Boy, para que virasse um “pile”, de Pigalle, o bairro boêmio de Paris. Foi aí que Zózimo, afiando o humor que lhe seria pão, escreveu uma carta-resposta. Ok, papai, tudo bem. Iria se comportar — só que “pille” era com dois eles.

Além do fantasma, cada vez mais real, de ter criado um filho com propensão a ser um novo *bon-vivant*, o preocupado Boy recebeu na carta seguinte a notícia de mais uma ida de Zózimo ao departamento médico. Contraíra hepatite e perdera dez quilos. Suzana Velloso, de passagem por Paris, ficou impressionada com a magreza do ex-namorado — e também com a imensa solidão em que ele se encontrava.

Não haviam se passado sete meses desde sua chegada a Paris quando Zózimo recebeu nova carta de Boy, agora com a passagem para que voltasse ao Brasil. Ainda doente, ele retornou ao casarão da Frei Leandro, onde assustou a todos com o emagrecimento e o aspecto amarelado. Estava com a cabeça bem parecida com aquela que carregava no início deste capítulo — confusa. Perdeu a data de um concurso para o Itamaraty, o que talvez transformasse sua vida — “era o que eu queria de fato fazer”, repetiria muitas vezes no futuro, declarando-se “um diplomata frustrado” nos poucos momentos em que resmungava da vida. Em 1963 passou em mais um vestibular — tirou nota 10 em redação —, agora para um surpreendente curso de sociologia, da então Universidade do Brasil, depois Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mas a esperança de ir em frente e pegar um canudo universitário despencou mais rápido do que a aventura do curso de direito. Na PUC foram sete meses antes de cair fora. Na UFRJ não chegou a ficar mais do que dois meses.

Uma das diversões de Zózimo eram as aulas de vida, nada acadêmicas, na Casa Rosa de Laranjeiras. Boa parte dos

homens da mais fina classe média carioca, dos anos 1940 a 70, iniciou-se sexualmente ali. Foi o caso de Zózimo. Continuaría o curso da matéria com uma empregada doméstica na vizinhança do Jardim Botânico, e logo se tornaria rapaz com desenvoltura suficiente no assunto para, numa noite, descer a movimentada rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, fazendo amor com a moça no banco traseiro do carro de um amigo.

Na Casa Rosa, já em 1962, ele frequentava principalmente os serviços de uma jovem a quem chamava de “namorada” e com quem esteve em muitas noites daquela temporada. Obrigava os amigos a acompanhá-lo e a também ter uma namorada lá — o que aconteceu, sem reclamação, diga-se, com pelo menos um deles. Numa noite, o tempo passava e Zózimo não saía do quarto da “namorada”. Quando o leão de chácara foi chamado para ver o que acontecia, deu-se a melódia. Dentro do quarto fazia-se o previsível, nada de grave. Fora dele, expulso sem consideração pelo brutamontes, Zózimo, em estado etílico, meteu-se em mais uma briga.

Pensando positivo, pode-se dizer que ele estava fazendo tudo, quase tudo errado, é verdade, para esquecer Marcia (a propósito, ela viajara para fazer um curso de francês em Paris quase no mesmo instante em que ele voltava ao Rio). A tentativa mais interessante foi o breve encontro dele com um futuro fenômeno nacional — a modelo Duda Cavalcanti. Ela também estava retornando, depois de um curso de três anos na Suíça, e apresentava-se para ser, por toda a década de 1960, a mais perfeita tradução da mulher carioca, aquela que ao lado de Leila Diniz começaria a virar de cabeça para baixo os tabus da opressão.

Duda tinha sido colega de Izabel no Santa Marcelina, colégio religioso do qual foi expulsa após empurrar uma freira durante uma discussão sobre a ousadia de uma roupa que usava. Ao retornar da Suíça, tinha dezoito anos, um metro e

setenta e seis, cabelos negros escorridos, e trazia na bagagem duas novidades da moda internacional. A primeira era no território do vestir: pares e pares de calças Lee, a versão americana e *fashionable* do brasileiríssimo “brim Coringa não encolhe”. A outra novidade dava-se no território do desvestir: não usava sutiã.

Para completar o perfil, Duda tinha um olhar felino, caminhava com um jeito sem frescura, ao mesmo tempo educado, de selvageria sofisticadamente pacificada pelos bons roteiros das civilizações por onde andara. O cronista Carlinhos Oliveira chamá-la-ia de “uma catedral de carne” e dizia que estava criada uma nova filosofia entre os homens de boa vontade: o dudaísmo. Querem alguns que foi a bossa nova que introduziu o Brasil no mundo moderno — outros preferem dar esse crédito a Duda.

Em 1964, quando Vinicius de Moraes entrou com ela no bar Veloso, em Ipanema, e anunciou “senhoras e senhores, eis o meu novo poema”, Zózimo já conhecia o soneto. Às vezes iam ao bar Bem, em São Conrado, região deserta sinônimo de pecado. Conversavam em francês. Frequentavam também o bucolismo do sítio de um amigo comum. Ela o chamava de “Zozimô”, como se fosse um amante francês — nada, porém, que abalasse a paixão dele pela loura de olhos verdes do clã dos Kuperman. Zózimo e Duda também estiveram juntos quando ela já namorava Renato Machado, nos bastidores do Grupo de Orla. É o grupo de teatro que, neste momento, abre suas cortinas e apresenta o surpreendente capítulo em que marxismo e surrealismo, ao som do *twist*, vão às vias de fato em Caruaru.

8

O I Festival de Teatro de Estudantes do Nordeste, em julho de 1962, em Caruaru e Recife, Pernambuco, era um evento integrado na pauta da esquerda camponesa que naquele momento agitava o estado. Miguel Arraes, que seria eleito governador em outubro, avançava na aliança com os camponeses. A cidade de Jaboatão dos Guararapes, conhecida sutilmente por Moscouzinho, eleitora na década de 1940 do primeiro prefeito comunista brasileiro, tinha mandado um contingente enorme e inflamado de ativistas. O teatro, acreditavam quase todos aqueles jovens saídos de vários estados, deveria estar engajado na grande obra de transformação nacional. Deveria ser uma das mãos a ajudar a colocar o proletariado no poder e acabar de vez com a arte alienante da burguesia! A reforma agrária começaria pelo palco!

Eis o clima do festival patrocinado pelo Ministério da Educação, politizado da coxia à bilheteria, passando pelas bandeiras vermelhas que cobriam o cocoruto da plateia — tudo isso, no entanto, até que entrasse em cena o Grupo de Orla, do Rio de Janeiro, para apresentar *A bola, a serra, a liça*, três textos curtos de Tite de Lemos.

“Eu quero tomar café”, dizia o primeiro ator a subir ao palco — ele se chamava Zózimo Bráulio, conforme assinado no programa. A estrutura era meio de coro grego, ou jogral, ou sabe-se lá o quê. Ele dizia a fala e cruzava o palco, misterioso, seguido pela mesma nuvem de pó azulada que acompanharia os demais personagens. Estavam carregados de uma forte maquiagem branca. Usavam malha unissex que lhes torneava o

corpo e dava um componente erótico ao espetáculo, deixando-o ainda mais estranho.

A explicação para aquilo sumiu com o tempo, assim como sumiram os bonequinhos de cerâmica que nos intervalos do festival todos compraram na famosa feira de artesanato de Caruaru — numa época em que seu grande artista, Mestre Vitalino, ainda estava vivo (morreria meses depois, em janeiro de 1963). Para os padrões teatrais do futuro, a nuvem de pó azulado nas cabeças remeteria a alguma montagem da Ópera Seca, a companhia de vanguarda criada por Gerald Thomas nos anos 1980. Depois de Zózimo Bráulio, os outros atores diziam frases igualmente soltas — mas sempre repetindo que também queriam tomar café. Já os outros grupos do festival queriam mesmo era tomar o poder no Brasil.

O Orla apresentava pela primeira vez ao público nordestino a última novidade em dramaturgia: uma montagem pautada pelas lições do Teatro do Absurdo, uma das modas da virada para os anos 1960 e que tinha em Ionesco e Samuel Beckett os seus mais ilustres representantes. Tinha ido parar ali porque Sebastião Lacerda havia conseguido um canto para a turma num DC-3 militar, sem pressurização, que seguia para Pernambuco. Do Rio a Recife foram, no total, incluindo as paradas, vinte e quatro horas ionescas — sem tomar café. “Nada deve fazer sentido, quanto menos sentido melhor”, acreditava Renato Machado, que dirigia a turma.

Ninguém sabia que a peça ia ser apresentada num festival com tamanha efervescência esquerdizante. As influências do grupo misturavam a descontinuidade da Nouvelle Vague francesa, a incomunicabilidade dos filmes de Michelangelo Antonioni, o surrealismo de Luis Buñuel, o existencialismo de Jean-Paul Sartre e o absurdo teatral. Tudo servido com raspas do pó do chifre de rinoceronte de Ionesco. *Nonsense* total. O grupo soava à frente do seu tempo, mas longe também da luta

de classes. Nenhum de seus membros entendia muito bem do que tratava o texto. Todos, porém, confiavam no vanguardismo de Tite.

O estudante cearense José Wilker, cujo grupo se apresentava com uma leitura esquerdista da peça infantil *A volta do camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, estava na plateia. De início, achou a montagem do Orla bonita, ousada, e ele sabia o que dizia, pois uma década depois estaria no Rio atuando em peças de vanguarda. Aos poucos também foi ficando entediado. Considerou a encenação, com o país pegando fogo, despropositada.

As vaias logo se fizeram ouvir — e amplificadas por um requinte de crueldade da época. A plateia, da mesma maneira que meio século depois só sairia de casa com seus celulares, estava armada com os rádios transístores da marca Spica, a última palavra em modernidade. Wilker se lembraria para sempre da cena. Além das vaias, todos ligaram os rádios no mais alto volume para deixar claro o repúdio e o protesto contra os cariocas.

O Orla começara em 1959, no mesmo ano de estreia do grupo paulista Oficina, que se consagraria no cenário teatral brasileiro. O teatro era moda, mexia com o impulso criativo daquela geração. A ideia surgiu em reuniões de alguns representantes da turma de Zózimo no Andrews. Renato Machado e Ary Coslov gostavam de teatro, tanto que o primeiro teria, no futuro, carreira de ator e o segundo, de diretor. Levaram para as reuniões Tite de Lemos, irmão de criação de Renato, o escritor Heitor O'Dwyer e os irmãos Alberto e Marcos Flaksman, alunos do Colégio Pedro II, no Humaitá. Os encontros eram na casa de Renato. Zózimo frequentava alguns, pautados principalmente pelos laboratórios de Stanislavski, “a pesquisa da emoção”. Um dos exercícios era feito com todos os atores deitados no chão e se

tocando, para que os sentimentos aflorassem — era boa desculpa cultural, num tempo de forte repressão, para se tocar o corpo do outro.

Outro exercício era imitar o circuito dos profissionais de teatro do Rio. Depois dos ensaios, ia-se ao La Gondola, na Sá Ferreira, no Posto 6, e dali, a pé, pela areia da praia de Copacabana, de madrugada, até o outro canto da praia, no Leme, no La Fiorentina — as duas cantinas italianas funcionavam como pontos de encontro da classe. Na primeira, Paulo Francis, por causa de um comentário sobre Tônia Carrero (“não sei se dormi com ela, não costumo dormir com mulheres da idade da minha mãe”), foi cuspidado na cara pelo amigo da atriz, o ator Paulo Autran. Na outra, o diretor de cinema Anselmo Duarte, ganhador da Palma de Ouro em 1962 por *O pagador de promessas*, disse: “Ganhar em Cannes é fácil, difícil é ser elogiado na Fiorentina.”

Zózimo acompanhava a turma a algumas sessões do Teatro Tablado, porém sem grandes interesses na questão dramatúrgica. Curtia os amigos, sim, seu gosto por elementos da cultura crescia, sim, mas era uma maneira também de encontrar Marcia, participante discreta do Orla — na aventura de Caruaru e Recife ela assinava, sem estar lá, os figurinos.

Quanto à participação de *A bola, a serra, a liça* no festival, no *Jornal do Commercio* de Recife o crítico M.C. classificou a montagem de “mediocre”. Sua colega, Maria José Campos Lima, discordou: “Foi um espetáculo correto, contudo monótono no emprego do estilo de Beckett. Não era para Caruaru...” Nelson Xavier, que mais tarde faria carreira como ator de peças engajadas, era colaborador da coluna *TV&Teatro* no mesmo jornal. Considerou tudo muito alienado no artigo “No quarto ou na praça?”, justo num momento em que “o povo é massacrado no Rio, de onde vem essa juventude dourada de cabelos azulados”.

No programa da peça, os dois personagens feitos por Zózimo são identificados como Falador Vivo e Graves, sem nome próprio, essa caretece que não cabe no mundo do absurdo. Foram suas únicas apresentações como ator do Grupo de Orla. Os amigos dizem que a timidez e o ar cínico, além da ligeira gagueira, ajudaram-no a imprimir mais humor ao texto. De início, ia ao festival apenas para cuidar da produção. Na última hora, no entanto, Ary Coslov precisou ficar no Rio e Zózimo prontificou-se a entrar em cena. Atuou com as roupas do colega, quase a metade de seu tamanho, o que acabou funcionando, pois a malha ficou mais justa e risível. Não comprometeu no fiasco geral das coisas. Sua melhor arte era outra.

Zózimo era ótimo dançarino de *twist*. Tinha aprendido na temporada parisiense — sim, ela serviu para alguma coisa —, e quando chegou de volta ao Rio a novidade ainda não tinha estourado. Participava de concursos de dança (seu *twist* era do tipo europeu, com o mesmo amassa-barata nos pés divulgado pelo cantor americano Chubby Checker, mas com um jogo de mãos mais coreografado) e chegou a ganhar um deles, com Celina Affonseca Andrade de *partner*, no programa *Hoje é dia de rock*, que Jair de Taumaturgo apresentava na TV Rio, no Posto 6. O dinheiro do prêmio Zózimo pingara na caixinha que ajudou a levar o Orla para o Nordeste.

Depois da última apresentação do grupo na turnê nordestina, num clube do Recife, houve uma festa regada a *twist*. Zózimo, bem-vestido, já sem a malha da peça, foi para o meio da festa com um atrativo extra ao lado. Seu par, excitante, era Duda Cavalcanti, agora namorada de Renato. Ela também participou do grupo como atriz. Foi, segundo o crédito no programa da peça, a Vadia na montagem de *A serra*, enquanto Renato fazia o Vadio. Uma das performances dela em Caruaru era cruzar o palco, aos pulos, repetindo “modesta,

porém honesta”. Duda continuava um segredo carioca. Tinha feito apenas uma série de fotos, clicadas por seu namorado no final dos anos 1950, Otto Stupakoff, que permaneceriam inéditas.

Sem saber, Caruaru foi palco da primeira audição pública do mito — a performance de Zózimo e Duda dançando ao ritmo de “Hit the road, Jack”, cantada por Ray Charles, foi sensacional. O clube parou para vê-los exhibir toda a graça e descontração de dois jovens moderninhos da Zona Sul carioca. Em seguida, Zózimo voltou à pista com a segunda mulher mais bonita do baile, uma pernambucana associada do clube — e aí foi demais para o machismo nordestino.

Os rapazes locais não gostaram de todo aquele sucesso. Dessa vez nem era uma questão de protestar *à la* Nelson Xavier com alguma frase do tipo “*twist* numa hora dessas, enquanto o povo do Rio é massacrado?”. O que aconteceu em seguida foi por ciúme mesmo, inveja e todo aquele coquetel de sentimentos mesquinhos que move a humanidade diante de exhibições de superioridade.

Depois das danças, Zózimo, Alberto Flaksman e Renato saíram do salão para fumar um cigarro e foram cercados por um grupo de dez jovens do clube. Ao ouvir o primeiro “veado”, e mesmo com a absurda desvantagem numérica, foi Zózimo, o brigão de outros capítulos, quem topou a provocação. Partiu para cima do autor do grito e acertou um belo cruzado no queixo do sujeito. Seguiu-se um lamentável festival de pugilato, com os cariocas levando a pior. Duda entrou na roda e tentou retirar Zózimo, todo amarfanhado, de baixo de cinco nordestinos que o pugilavam de tudo que é jeito. A refrega só teve fim quando um diretor puxou o revólver que levava na cintura e deu um tiro para o alto.

Todos a salvo no Rio, o Orla, sem Zózimo em cena, ainda montou uma peça de vanguarda, na qual o texto era dito em

câmera lenta, com as palavras beeeeeeeem esticaaaaadas. Depois houve uma mudança de rumo. Contaminado pela época, o grupo procurou repertório engajado e, sem que o público protestasse ou percebesse, encerrou a carreira em 1965. Renato Machado continuaria por algum tempo sua trajetória de ator, até abraçar o jornalismo. Marcos Flaksman seria um importante diretor de arte, Tite de Lemos se tornaria jornalista.

Para o resto da vida, sempre que Alberto e Zózimo Bráulio se cruzavam, comentavam às gargalhadas que haviam enfrentado a turma de Lampião e que aquilo, nas mãos de Beckett, teria dado uma peça do Teatro do Absurdo. O título, inventado por Zózimo, seria “Abilino e Braulino em Caruaru”.

No Rio, a única referência à passagem do Orla pelo festival foi feita no jornal *O Globo*, na coluna *Reportagem Social*, de Ibrahim Sued. O registro, certamente conseguido por Boy, amigo do colunista, indicava que tinha sido um sucesso.

9

Na virada para os anos 1960, o Brasil já era um país cercado de colunistas sociais por todos os lados, e o mineiro José Mauro Gonçalves, que se iniciara na atividade em Belo Horizonte e mudara-se para o Rio, resolveu fazer um recenseamento. Dividiu em grupos os personagens que frequentavam aqueles espaços.

Havia o *horseligne*, o conglomerado dos grandes ricos, cheios de grana havia pelo menos três gerações. Discretos, reuniam-se em pequenos eventos, seguindo velhas etiquetas do servir à mesa e se comportar nos salões. O empresário e colecionador de arte Raymundo Castro Maya, dono da Cia. Carioca Industrial, que fabricava a Gordura de Coco Carioca, era *horseligne*.

O grupo dos *big shots* enfileirava empresários mais interessados em negócios do que em folguedos. Nas telas dos cinemas, atendiam pela alcunha de *tycoons*. Eram os Peixoto de Castro, que tinham a concessão da Loteria Federal, e os Monteiro Aranha de Carvalho, ligados à indústria do papel e à implantação da Volks no Brasil. Ao final do jantar, segundo José Mauro Gonçalves, retiravam-se para um salão onde fumavam charutos e bebiam *armagnac*.

A turma *salon société* manifestava veleidades intelectuais — devia inclusive usar palavras como “veleidade” ao curtir a nostalgia dos cafés literários europeus. Gostava de se reunir ao redor de algum escritor francês que passasse pelo Rio, tudo dentro de rigor compenetrado e austero. O pintor e crítico de arte Oswaldo Teixeira do Amaral e a cantora lírica Gabriella Besanzoni Lage puxavam o grupo. Cultivavam esculturas de Rodin, detestavam modernistas.

Os mais divertidos de todos, que desde os anos 1940 começaram a dar o tom das colunas, eram os do café-*society*, em bom português carioca, o café-soçaite. A turma vivia em festas em lugares públicos, restaurantes, cafés, clubes noturnos. O ponto de encontro mais glamoroso de todos, apresentado em seu início por Jacinto de Thormes, era o Vogue, que seria consumido por um incêndio em 14 de agosto de 1955 no qual morreriam cinco pessoas.

Ser do café-soçaite era perder os pudores dos ricos antigos, enclausurados nos salões, e brincar de aparecer ou, como se diria no século XXI, “causar”. Ao contrário dos *horseligne*, os do café-soçaite não viam problema em terem as festas veiculadas no jornal. Pelo contrário. Convidavam os fotógrafos. Posavam sorridentes. O registro social transformara-se na prova cabal, sem necessidade de reconhecimento em cartório de propriedade imobiliária, de que eles existiam. Estavam vivos. O capital deixava de ser apenas financeiro. Alguns dos membros do café-soçaite só carregavam no bolso o charme milionário de ter borogodó. Não tinham grana, mas lábia. Levavam a vida numa maciota tal, numa falta de suor tamanha, que pareciam ser de fato o que lhes era apenas sonho: ricos.

Era o caso do colunista Ibrahim Sued, o divulgador definitivo do grupo e ele próprio um membro da espécie. Ele está entrando em cena. Não é mais apresentado pelo piano de Sacha Rubin, que, a propósito, antes do fim do Vogue, já tinha aberto uma boate com o seu nome no Leme, a Sacha's. Ibrahim é anunciado aqui pelo samba “Café-soçaite”, de Miguel Gustavo.

Doutor de anedota e de champanhota,
estou acontecendo no café-soçaite.
Só digo *enchanté*,

muito *merci, all right*,
troquei a luz do dia pela luz da Light.
Agora estou somente
contra a Dama de Preto,
nos dez mais elegantes eu estou também.
Adoro River Side, só pesco em Cabo Frio,
decididamente eu sou gente bem.
Enquanto a plebe rude na cidade dorme
eu ando com Jacinto
que é também de Thormes.
Terezas e Dolores falam bem de mim,
eu sou até citado na coluna do Ibrahim.
E quando alguém pergunta como é que pode,
papai de *black tie* jantando com Didu,
eu peço outro uísque, embora seja pronto.
Como é que pode?
Depois eu conto.

Lançada em 1955, “Café-soçaite” explicava em três minutos, em linguagem sapeca, as ramificações entre a sociedade e a imprensa. Era a oportunidade de um “pronto” (sem dinheiro), como Ibrahim Sued, jantar com o empresário Didu de Souza Campos e virar gente “bem”. Como é que pode? Ora, a grana já não estava necessariamente no banco, mas no nome colocado por um amigo influente na lista de convidados, na beleza de uma mulher ou na desenvoltura coloquial do cidadão. O capital era outro. A família Guinle, notabilizada antes pela construção de portos, usinas e estradas, surgia agora nas colunas catapultada por novos valores. Os negócios estavam decadentes, no entanto um de seus filhos, Jorginho Guinle, virara playboy internacional e conquistara a atriz hollywoodiana Rita Hayworth. Essa era a nova fortuna.

O novo brilho social valorizava o fato de se fazer engraçado, ter informações para trocar e até arriscar palavrrório entre o francês e o inglês. Principalmente, e era o caso do herói do sambinha, ter muita esperteza, *merci* e *all right*. Ouvir atento, silenciar surdo quando preciso e ser elogiado por Tereza de Souza Campos, a mulher do Didu. A Dolores da letra era a americana Sherwood Bosshard, casada com o mesmo Jorginho Guinle. Era o mundo *enchanté* do depois-eu-conto e do descanso na River Side, a residência de verão do casal Leda e Vicente Galliez, na serra de Petrópolis (a propósito, a música não deu sorte aos dois, que se separariam em janeiro de 1956).

E quem seria a Dama de Preto? Ninguém. Era uma personagem criada por Ibrahim na coluna que mantinha na página 4 do primeiro caderno de *O Globo*. Tratava-se de uma senhora sempre de mau humor e disposta a exalar veneno e contrariedade. Um truque, uma maneira de o colunista se manter fora das situações negativas e inventar um contraponto às notícias, em sua maioria pontuadas por elogios. Algumas pessoas diziam que era Beki Klabin, outras, Elisinha Moreira Salles, e as duas — tão Damas de Preto! — ficavam aborrecidas.

O tom descontraído de noticiar o café-soçaite mostrava que o *grand monde* sério dos ricos pomposos já era. *Dépassé*. Pesado, papos sem gargalhada, baixa libido. Viva o verdadeiro século XX trazido pelo fim da guerra, pela reprodução do comportamento dos ricos que se viam no cinema e pela algaravia contente do café-soçaite! Tudo publicado por seu arauto, Ibrahim Sued, em notinhas como estas, todas da década de 1950:

- A senhorita Vera Dolabella, que andava desaparecida, reapareceu em companhia de um conhecido *bachelor* da cidade, e tornou a desaparecer.

- Enquanto não se inaugura a linha de ônibus Méier-Arpoador, o lugar mais “bem” da praia continua sendo o quarteirão do velho castelo dos Catão. A sra. Tereza de Souza Campos usou no sábado e repetiu no domingo o mesmo *maillot* azul.
- Bife de Ouro está sendo chamado o restaurante da sucessão, frequentado pelos principais nomes da política, como o presidente Café Filho, o ex-presidente Dutra.
- Do *international set*: minha amiga Kim Novak saiu muito com o galante instrutor de *ski* Tony Kastner.
- Até hoje não apareceu a estola da senhora Gisa Faria.
- Com as centenas de colunas que inflacionam os jornais categorizados e os descategorizados, continuamos encontrando em letra de forma nomes de pessoas cujos cadastros são o mais *shangai* possível e senhoras e senhoritas que compõem o grupo *cocktail-girls* e *cocktail-ladies* da cidade.
- O sr. e sra. Carlos Guinle receberam para elegante jantar *en petit comité*.
- E por hoje é só. Existe muita gente trabalhando com cola e papel.

Em sua coluna, Ibrahim recuou uma casa — escrevia mal — na revolução que Maneco Muller, o criador do personagem Jacinto de Thormes, fizera no *Diário Carioca*. Mas avançou meia dúzia de outras. Radicalizou a impressão de que havia mudança de guarda na sociedade — o dinheiro, agora, era trazido também pelo comércio urbano e pela atividade imobiliária que transformavam o Rio. A imprensa se modernizava e seguia a onda social. Uma nova burguesia industrial aparecia enquanto o Brasil se despedia dos barões do café, dos Orléans e Bragança e do que cheirasse a passado

imperial e agrícola. Ibrahim, sem esse discurso todo, representava isso.

Ninguém sabia mais onde estava o dinheiro: paquerando vedetes do *chorus line* do Night and Day? Na festa que Guiomar e Gustavo Magalhães deram para a atriz Ginger Rogers? No quadro de Alberto Giacometti, de meio milhão de dólares, que a também atriz Hedy Lamarr pediu a Jorginho Guinle por uma noite de amor? Ou estourando um champanhe na nova geração de boates pós-1953, como Arpège, Drink, Cabeça Chata, Plaza Hi-Fi Bar, Au Bon Gourmet, Fred's, Texas Bar e Cangaceiro?

Na sabedoria de sua sintonia fina aos novos tempos, Ibrahim abriu a porta da esperança para todos os candidatos. Sua coluna café-soçaite misturava empresários (“o sr. Aloysio Salles, que deve estar chegando dos EUA, foi muito feliz nos negócios do cacau nos States”), profissionais liberais, políticos, governos (“estou informado que o governo inclina-se a entregar a exploração do petróleo boliviano aos cinco grupos que participaram do final dessa altíssima concorrência. Em sociedade tudo se sabe”), artistas (“Silvio Caldas e Jorge Veiga preferiram não mais dividir o microfone do Vogue”), mulheres notáveis pela beleza (“Ava Gardner portou-se como uma *lady* na abertura do Festival de Cannes, eu estava lá”). Todos cabiam no café-soçaite. Os escroques, os aproveitadores em geral e as aspirantes a ascensão social também podiam ser bem-vindos, desde que tivessem a misteriosa entidade do charme. Eram os donos da nova riqueza mundana, os “colunáveis” (outra expressão de Ibrahim). Mais do que nunca a coluna social passava a ser de variedades e subia o tom, pretensiosa, querendo ser um jornal dentro do jornal. Tinha sido coisa de veado. Com Ibrahim, virava coisa de jornalista — pela primeira vez um repórter estava no comando.

Ou se era *kar* (o que fosse bonito, bacana e bem apresentado) ou *shangai* (cafona, chinfrim). Ibrahim inventava até palavras. Havia quem o achasse, com seu ginasial incompleto, um tanto ou quanto *shangai*, mas seu estilo novidadeiro era *kar*. Os cães ladravam, como garantia uma de suas expressões mais usadas, mas a caravana ia em frente. E a caravana era ele próprio. Sozinho. Os cães, coitados, que não passavam de *shangais*, eram os intelectuais furrecos, ladrando suas incompetências e invejas. Outras do seu vocabulário diário: champanhota, caixa-alta (rico), caixa-baixa (metido a rico), locomotiva (líder), su (de sucesso), rebu (confusão), bomba (notícia importante), dragar (namorar), geração pão com cocada (juventude dourada), cocadinha (moça bonita), pantera (mulher deslumbrante), NI (pessoa de Notória Importância), linda de morrer, boneca e deslumbrada (novas-ricas), bola preta (para rejeitar), bola branca (para enaltecer), periferia (não colunáveis), *sorry*, periferia (para confirmar um furo) e não convide para a mesma mesa (referindo-se a inimigos).

Ao contrário do criador de Jacinto de Thormes, de família rica, Ibrahim Sued não tinha onde cair morto. Sua dinastia começava nele mesmo. Filho de imigrantes árabes do bairro da Tijuca (nunca perdoou o pai, um camelô, por ter abandonado a família), dormiu em pensões de Copacabana, foi caixeiro de loja, colocava a calça do terno embaixo do colchão para acordar com o vinco passado... Teve a dieta típica de certo tipo de vitorioso perfeito para biografias de autoajuda: o sujeito que comeu o pão que o diabo amassou e não gostou. A natureza, e agora começam as boas notícias, jogara esteticamente a seu favor. Ibrahim era bonito, olhos verdes, moreno alto, atlético e sensual. Circulava pela pérgula do Copacabana Palace com uma estatura física que compensava a falta de berço. Pé-rapado apenas para quem o conhecia. Aos demais — e o

escritor Oscar Wilde dizia que só os muito superficiais não julgam pelas aparências —, Ibrahim parecia um sultão chegado na véspera de algum emirado árabe cheio de petróleo.

No momento em que Jacinto de Thormes começava no *Diário Carioca*, em 1945, Ibrahim fazia-se notório apenas pelas eventuais performances na Turma dos Cafajestes. Tudo gente fina, funcionários do Banco do Brasil, como o jornalista Sérgio Porto, oficiais da Força Aérea Brasileira, boêmios como o futuro documentarista de cinema Carlinhos Niemeyer, milionários como Mariozinho de Oliveira (herdeiro do Moinho da Luz, dos cigarros Veado e da cerveja Cascatinha), arruaceiros especializados em brincadeiras como colocar pedras de gelo dentro do biquíni de coristas no Golden Room do Copacabana Palace. Faziam as festas do Caju Amigo. Numa delas, no Au Bon Gourmet, a atriz americana Jayne Mansfield dançou com os seios desnudos em cima de uma mesa — e Ibrahim estava na turma do gargarejo.

Os cafajestes, as hospedarias, a pérgula do Copa, a luta pela vida e a grana curta, eis as suas faculdades. Começou a trabalhar em jornal como fotógrafo da madrugada. Em 1946, clicou o líder da UDN Otávio Mangabeira numa posição em que o brasileiro parecia beijar a mão do general americano Dwight Eisenhower. Foi uma humilhação para as cores nacionais — e o início da arrancada de Ibrahim, até que em 1954 se tornou colunista do *Globo*: no alto da página vinham o logotipo de *Reportagem Social* e, ao lado, o seu nome.

Ele não queria ser elegante no texto, não queria ganhar a glória literária, essas abstrações as quais não tinha ideia de como atingir — e para que mesmo atingir? Queria o palpável. Ganhar a vida. Era o invasor. Era o que era, sem disfarces, sem cachimbo. Queria chamar atenção com um estilo de boxeador rude, sem prosopopeias, e logo no início mandou seu recado:

- Determinados cavalheiros, que estão sempre acompanhados de senhoras que estão caindo pelas tabelas, deviam andar de atestado de óbito no bolso, para, quando elas caírem mortas, não terem trabalho, é só puxar o atestado e mandar para o necrotério. E por hoje é só. Para falar a verdade, aos sábados eu tenho preguiça de escrever.

Jacinto de Thormes jamais escreveria período tão longo, sem ponto de respiro, e tão carregado de “quês”, vírgulas e outros paralelepípedos estilísticos. Também não seria tão grosso. Mas eis o jeitão da fera. Tudo truncado, aos tropeções, meio gago, porém com sangue pulsando. Numa coluna de 1955, na revista *Rio Magazine*, Ibrahim explicou no feitio que lhe era inerente, sem teoria, mas com informação, o que, afinal, era esse tal de café-soçaite:

- Os jantares de Didu e Tereza de Souza Campos, de Baby e Eva Monteiro de Carvalho, de Dirceu e Vera Fontoura são preocupações da crônica social que fala do *café-society*. O *café-society* está numa conversa de fim de noite dos compositores Antônio Maria e Marino Pinto, o que às vezes impede muita gente de trabalhar no dia seguinte.
- Os artistas americanos que passam pelo Rio são sempre recepcionados pelo casal Jorge e Dolores Guinle. As grandes noitadas dos rapazes do Jockey (Waldemar e Lucio Schiller, João Neder, Daniel Tolipan, João Carlos Osório) podem ser assunto do *café-society*.
- Os papos do Fernando Ferreira, Carlos Souza Gomes, Armando Pires do Rio, Ladislau de Abreu, Hermes Machado, Roberto Leão Veloso e Renato Ladeira, nos jantares do Vogue, são quase sempre transformados em letras de forma. As reuniões na residência do Galeão do

ministro Nero Moura (um dos bons partidos do Rio) são assuntos dos colunistas sociais.

- As peladas no Arpoador, as feijoadas das tardes de sábado ou os almoços na pérgula da piscina estão no dicionário do café-*society*.
- As preocupações chaplinianas de Sérgio Figueiredo, o *bikini* de Carmem Terezinha Solbiati e os namoros de Danuza Leão também entram nas conversas do café-*society*.

Cabia todo mundo, desde que se estivesse empenhado em festejar a vida em alto-astral e apostar nas forças ocultas do magnetismo pessoal. A expressão café-soçaite, dependendo do pesquisador e de sua origem, pode ter sido criada pelo escritor James McKinley Bryant, em 1941, no livro *Cafe society register*, onde alinhavava nomes de artistas, jornalistas, grã-finos, garotas lindas de atividades duvidosas, industriais... Mas quem a colocou em moda foram os colunistas americanos Maury Paul e Lucius Beebe. Tinha origem no fim da Lei Seca, em dezembro de 1933, quando os ricos saíam para se divertir nos *night-clubs* e restaurantes, espaços semiabertos onde se misturavam aos astros do cinema, dos esportes e afins, na farra de raças que no futuro seria chamada de vips. Aquelas pessoas podiam se conhecer, entretanto não eram íntimas, não se frequentavam. Festejava-se estar vivo, num encontro registrado pelas recentes máquinas fotográficas portáteis e em meio ao novo fundamentalismo mundano que Walter Winchell formatara para o jornalismo: a fo-fo-ca. Ainda não havia a necessidade de se apurar com duas fontes. Bastava ter “ouvido dizer”.

Ibrahim Sued misturou-se a esse teatro no lado de dentro da cena e contou aos leitores o mundo de fantasia dos ricos. Virava o rosto quando via traições conjugais — isso era coisa para os *Mexericos da Candinha*, a coluna fofoqueira

especializada em flagrar artistas pulando a cerca, geralmente com gente do soçaito, da *Revista do Rádio*. Ibrahim não traía os seus. Gostava de exhibir com sutileza a rapidez dessa impressionante escalada social. Nos textos usava sem parcimônia o pronome “nós”. Como nesta nota de 13 de janeiro de 1955, sobre a festa de aniversário de Tereza de Souza Campos, que continuava sendo a grande musa do elenco social carioca.

- O sr. Ari de Castro foi o *host* da noite. Reuniu em casa antes do jantar no Sacha’s para uma champanhota. A sra. de Castro encontra-se em sua fazenda no Uruguai e seu marido estava com a dupla incumbência de festejar os aniversários da sra. Tereza de Souza Campos e do sr. Gabriel Ferreira. Tereza, logo que chegou, me disse: “Meu maior presente de aniversário foi você ter incluído o Didu na lista dos elegantes.” Ele, de terno escuro, camisa vermelha, colarinho branco, gravata preta e cravo na lapela. Ela, com um bonito vestido vermelho. O casal mais elegante do Brasil justificava o título. Depois de gastarmos um pouco do estoque de Dom Pérignon do anfitrião, partimos para a noite do Leme. A sra. Ivone Monteiro, com um bonito vestido rosa, estava mesmo uma boneca. Lourdes e Álvaro Catão, Maria Helena e Luis Fernando Lopes, Irene e Carlinhos Guinle, Lilian e Joaquim Xavier da Silveira, Murilo e Marilu Montenegro, Nininha Leitão da Cunha, Nicole Hime, Dulce Cardoso de Almeida Flyn, Carmen Terezinha Solbiati, Daysi Quentel, Roberto Seabra, Osvaldo Vidigal, Antonio Alberto Torres e os sempre simpáticos Célia e Robert Singery participavam do acontecimento. A sra. Maria Luisa Ferreira, com a sua palestra de sempre: “Este lado da *boîte* é uma beleza!” Nós, sentados na pequena pista de cima, ocupávamos todo o “lado das velas” da *boîte* do sr. Carlos Machado. Aliás, é o

lado “bem” da *boîte* em questão. Para as pessoas “bem”, as celebridades, como no El Morocco, de Nova York, e como no Vogue do Rio. Convencionou-se que o *trace* de cima é “bem”. Coisas que acontecem nas melhores sociedades do mundo.

Conforme foi crescendo na profissão, Ibrahim tornou-se truculento no trato pessoal, irascível com os comandados que não seguiam seu pique. O homem não perdia tempo com pequenas educações, fingindo-se gente boa, fazendo salamaleques com a plebe rude e ignara dos invejosos. Dava a todos “bola preta” e saía altaneiro: “*Sorry*, periferia.” Gostava do poder da coluna e exercia-o ao gosto do momento, sempre fiel ao seu temperamento vulcânico. Uma vez meteu-se numa briga no Sacha’s e ficou surpreso quando Sacha Rubin tomou as dores do oponente. Avisou: “Sacha, eu vou fechar esta casa” — e com o seu bombardeio de notinhas logo as portas estavam, temporariamente, cerradas. O Bife de Ouro do Copacabana Palace teve mais sorte. Quando chegou à sua mesa uma cerveja quente, sinalizou que a preferia gelada jogando a garrafa para o alto. Apesar do noticiário negativo dos dias seguintes, o restaurante sobreviveu e, magnânimo, continuou a dedicar ao intratável freguês o mesmo desconto de 20% de antes.

Aos poucos, foi aumentando seu caderninho de fontes. Em meio à mundanidade festiva, pingavam notícias quentes da política, da economia, do que julgasse importante. Ninguém ensinou, não havia escola de jornalismo nem para os ricos. Aquilo era uma terra de ninguém, dando sopa. Foi juntando tudo num *cassoulet* com tempero próprio, a feijoada de feijão-branco servida como jornalismo e todos os outros ingredientes no mesmo caldeirão da página 4 do *Globo*: os novos príncipes do comércio urbano, sucessores dos duques imperiais e do baronato rural, fervidos com rumores do Itamaraty, mexericos

culturais e o vaivém do quem-come-quem pelos pontos sofisticados do Rio (“Genaro Acetta circulando nos clubes noturnos devidamente acompanhado por uma *brunette*” — uma morena, no estilo Ibrahim). Ao fundo, como faziam as vedetes do teatro rebolado, todos pareciam levantar os braços e gritar “oba!”.

Ibrahim aparecera no momento certo, no meio da cidade que vivia os chamados “anos dourados” do Rio, a década de 1950, o auge da felicidade de ser brasileiro — e a coluna, com o tom para cima, irradiava isso.

Lá vinha Jorge Eduardo Guinle, o Jorginho, já separado de Dolores, conquistando Jeanne Crain, na coluna de 20 de setembro de 1956. No mês seguinte, lá estava o jovem diplomata Afonsinho de Mello Franco diplomando-se advogado com um show de italiano na defesa da tese em Roma. E lá estava o próprio Ibrahim, único jornalista brasileiro no casamento de Grace Kelly em Mônaco, na fila de cumprimentos do casamento do xá da Pérsia, mergulhando na piscina dos Matarazzo, em São Paulo, e levando um papo cheio de gargalhadas com Getúlio Vargas na varanda do Catete.

Ibrahim circulava pela festa carioca, mas sempre que podia colocava em prática outra de suas invenções semânticas: botava o pé no jato. Mandava notícias de Hollywood (onde a indústria do cinema se mostrava anfitriã generosa na tentativa de cooptar jornalistas na luta contra a TV). Namorou as atrizes Ava Gardner e Elaine Stewart. Seguiu pelo menos uma vez por ano até Paris, ou aonde mais o convidassem para a cobertura de algum festival ou inauguração de hotel. Um colunista tinha todos os bilhetes aos paraísos que escolhesse. Corria atrás do prejuízo, como se diz, de anos e anos mal vividos. Topava quase todas as ofertas.

Às vésperas de publicar a relação das debutantes que adornariam o seu concurso *glamour girl* (os colunistas sociais

José Rodolpho Câmara, da *Manchete*, e o Barão de Siqueira Junior, de *A Noite*, também se dedicavam ao negócio de agenciar festas, um subproduto da profissão), Ibrahim recebeu a visita de uma bela senhora da sociedade. “Quero que minha filha seja *glamour girl* — e faço qualquer coisa por isso”, ofereceu-se a mulher. Ibrahim — contando a história décadas depois, sem nomes — diz ter demorado a reparar que ela usava blusa de musselina, transparente. Foi aí que ele tergiversou. Garantiu que a lista estava pronta e, delicadamente, levou a mãe até o elevador.

Em 1955, preferia usar o poder de colunista para ensinar a plebe rude a lustrar seus modos e se comportar dentro da etiqueta vigente.

- Moça solteira faz uso de cartão de visita apenas no meio feminino, abrindo exceção para os seus professores, o padre e o médico da família.
- A roupa clara nunca deve ser usada em reuniões à noite.
- Nas festas dos 15 anos, os pais devem presentear a debutante, que pela primeira vez se apresenta vestida de baile, com uma joia.
- Os saleiros modernos, pequeninos, devem ser sempre usados à mesa, mesmo nos jantares de cerimônia.
- Senhora acompanhada de cavalheiro jamais se dirige ao garçom.
- Um rapaz solteiro retribui convites, convidando casais para jantar em lugares públicos, restaurantes ou boates.
- Para peixe, vinho branco; para carne, vinho tinto; à sobremesa, *champagne*. Ou, então, *champagne* para todos os pratos.
- Na rua, uma mulher não dirige cumprimento a um homem. Aguarde que a iniciativa seja deste, mesmo que

haja toda a intimidade.

- Nunca se deve pedir lenço emprestado.
- É de mau gosto perfumar excessivamente o papel de cartas.
- O homem deve evitar ao máximo o uso de joias. Um homem sóbrio e elegante usa apenas cigarreira e abotoaduras.

Ibrahim lançou a lista dos Dez Homens Mais Elegantes. Nomes de grã-finos e políticos como Octávio Guinle, Aloysio Salles, Oswaldo Aranha, dom João de Orléans e Bragança, Paulo de Oliveira Sampaio, Marcelo Garcia, Eduardo Bahouth, Cesar Mello Cunha, Didu de Souza Campos (casado com Tereza, o casal 20), Negrão de Lima e o sambista Ataulfo Alves. Seus limites entre o jornalismo e o empreendedorismo comercial eram largos, podia até misturar os dois. Uma vez deu notas favoráveis aos negócios da família Marcondes Ferraz, que, entre outras atividades, estava introduzindo no Brasil a marca GE. “Quero agradecer pelas notas”, disse um dos diretores da empresa. Ibrahim sugeriu uma geladeira — e o empresário, tomado de carinho pelo “Turco”, como era chamado, ensinou-lhe que uma coluna de notas tinha um poder de fogo superior. Ibrahim aprendeu. Como as definições de ética ainda não estavam muito claras para a profissão, logo seria sócio silencioso de restaurante. Enriqueceu. Jacinto de Thormes passaria seus últimos anos morando de favor na casa da ex-mulher.

Estava por cima da carne-seca. Seguro, dono da situação, começou a curtir com a cara dos seus personagens. Chamava os inimigos de “chumbetas” ou “chumbregas”. Um dia anunciou a chegada ao Brasil do príncipe Waterman, um nobre alemão com castelos na Bavária, casa em Biarritz e apartamentos em Sutton Place, em Nova York, e na avenida

Foch, em Paris. Fez com que passeasse por todas as boates, e os chumbregas começaram também a vê-lo nos salões. Era tudo mentira, era sua maneira de denunciar os que queriam alardear prestígio a qualquer custo. Não morria de amores pela sociedade, um agrupamento em que via um monte de desocupados nadando no dinheiro preguiçoso das heranças, enquanto a plebe rude ralava e não tinha nada. Estava agora do lado dos contemplados pela sorte, mas vinha do outro lado da cidade — e sabia da injustiça.

Com a fome resolvida, procurava outras vitaminas no bufê das festas. Os jantares, que podiam parecer acontecimentos de papos vazios e anotações para crônicas cínicas de Jacinto de Thormes, para Ibrahim revelavam-se aquários para pescar notícias. Entre um canapé e outro, desde que bem observadas, havia manchetes. O ministro, animado por duas taças, mostrava a minuta de um decreto ainda inédito, o industrial abria o jogo sobre uma grande fusão de empresa e o banqueiro dava uma informação de bastidores da bomba que agitaria o mercado nos dias seguintes.

Foi ele quem introduziu a mística do “furo”, da “bomba” e da *hard news* no cenário frívolo do colunismo. Apurar as informações, na escala industrial que o formato exigia, com duas dezenas de notícias exclusivas por dia, tornou-se operação de guerra e pela primeira vez um colunista passou a ter auxiliares na operação (os jornalistas Elio Gaspari, Ricardo Boechat, Fernando Carlos de Andrade e Márcia Bahia trabalharam com ele). Ralava. Guimarães Rosa, que não falava com jornalistas, passava os bastidores do Itamaraty, contudo isso só foi divulgado depois da morte do escritor. Ibrahim não revelava fontes. Falava com presidentes, banqueiros. Gaspari jamais ouviu dele a frase que considera a pérola máxima da egolatria jornalística: “O rei me contou.”

“Olho vivo que cavalo não desce escada”, dizia em outro de seus intermináveis bordões — e o caravaneiro do colunismo tocava em frente. Para os revisores do *Globo*, sempre ávidos por mexer em seus escorregões vernaculares, o “Turco”, ao crescer de prestígio, inventou uma cutucada. Mandava as laudas encimadas com um carimbo orgulhoso e brigão: “Favor esquecer Camões. Não mexer no meu estilo. *Merci.*”

Algumas colunas, para evitar constrangimentos, eram revisadas pelo diretor-secretário, Ricardo Marinho, irmão de Roberto, dono do jornal. Ibrahim circulava com o patrão, praticante de salto a cavalo, na Hípica. Numa tarde, no final de 1963, quem acompanhava os dois era Boy, sócio do clube. De pouca intimidade com Ibrahim, das noites do Vogue, e menos próximo ainda de Marinho — o *tycoon* indo para a pista com os cavalos e ele, para o carteadado —, Boy declarou-se preocupado com o filho. Relatou o abandono dos cursos de direito, de sociologia, as brigas, a paixão mal resolvida, a relação extravagante com um grupo de teatro — e, a favor, disse que o garoto escrevia bem, argumento que na época fazia as pessoas se interessarem por jornalismo. Zózimo já fizera um texto para o Instituto Brasileiro do Açúcar e do Alcool, sobre o qual conversara entusiasmado com o pai. Escrever poderia ser a solução para seu impasse profissional. Autorizado pelo filho querido, Boy avançou na conversa com Marinho. Será que ele não tinha um lugar para Zózimo no *Globo*? Marinho tinha: “Manda ele lá no jornal amanhã.”

E assim, em 18 de dezembro de 1963, aos vinte e dois anos, animado, Zózimo Barrozo do Amaral vestiu um terno feito no Alberto Marques e — para sempre agradecido por Ibrahim estar próximo no momento em que seu destino foi selado — apresentou-se ao chefe de reportagem do *Globo*, Leonídio de Barros. Tornava-se o novo repórter para assuntos da cidade.

10

“Hoje eu acordei deprimido”, foi como Ibrahim Sued, que não era dado a frescuras da alma, começou sua coluna do dia 8 de maio de 1963. Na linha seguinte, porém, já de tacape em punho, mostrava que o papo passava longe do fru-fru existencial. “Não estou querendo imitar os subintelectuais que gostam desse chavão para começar suas crônicas. Mas estou deprimido com o racionamento de luz nesta nossa Belacap.” Ibrahim dizia que desde o ano anterior pedia providências, e nada havia sido feito. O Rio de Janeiro, a tal Belacap (Brasília era a Novacap), confirmava naquele início de ano a marchinha “Vaga-lume”, de Vítor Simon e Fernando Martins, feita em 1954 para o Carnaval do ano seguinte: “Rio de Janeiro, cidade que nos seduz,/ de dia falta água,/ de noite falta luz.” E depois de distribuir bola preta para o governador do Rio, Carlos Lacerda, “que deveria ter entrado em entendimentos com o governo federal...”, Ibrahim finalizava: “O resultado é que estamos sem luz e humilhados durante 40 minutos por dia.”

Por coincidência, Ibrahim passaria os três dias seguintes mandando a coluna de Brasília, mais exatamente de dentro do Palácio da Alvorada, ou da Granja do Torto, residência oficial do governo, onde privava de boa intimidade com o presidente João Goulart. O colunista social da burguesia carioca enviava notícias quentinhas diretamente da mesa de refeições do homem que ameaçava mandar o país para o socialismo. Tornaram-se amigos de infância desde a década anterior, quando Jango circulava pela noite do Rio e “dragava” vedetes como Edith Morel, Fernanda Villamayor, Mara Rúbia e Angelita Martinez. O presidente mancava de uma perna, não tinha qualquer *sexy appeal*, mas fazia o que mandava no

cinema o humorista Zé Trindade, o grande cômico das chanchadas brasileiras: “O negócio é perguntar pela Maria” (não importando qual Maria...). Jango perguntava e levava as respostas para casa.

Nas horas vagas, passava notas para Ibrahim e o tinha como fiel escudeiro, um dos poucos a dar notícias positivas de seu governo. Os dois sabiam que a regra-mãe do colunismo é: “Aos que passam notícias, todo o amor do mundo. Aos demais, os rigores da lei de imprensa.” O patrono religioso do grupo seria São Francisco, aquele do “é dando que se recebe”. Por isso Ibrahim subiu nas tamancas quando viu em 11 de maio, ao lado de sua coluna *Reportagem Social*, um generoso espaço dado a uma resposta do governador Carlos Lacerda — que não lhe passava informações — à sua nota do dia 8 sobre o racionamento de energia. Pior: a resposta de Lacerda criticava Jango, hospedeiro de Sued naqueles dias (“Se no Rio os boatos se espalhavam, aqui em Brasília tudo estava tranquilo, inclusive no Torto, residência oficial do presidente da República”, dizia Ibrahim em sua coluna do dia 11).

Sem que o colunista fosse avisado, o diretor-secretário, Ricardo Marinho, publicara a carta de Lacerda. Não havia informação relevante nela, apenas aleivosias diversas. O inimigo político de Jango defendia-se da nota de Ibrahim com um texto cujo título era “O racionamento de energia e a posição do governo estadual”. Ele mencionava as medidas que seu governo tinha tomado para enfrentar a crise, estocava o rival (“descaso e imprevidência”) e expunha publicamente a parcialidade de Ibrahim:

Espero que suas ligações com o governo federal não o levem a desmentir sua justa reputação de bem-informado repórter e, sim, possam servir para acordar ainda a tempo o governo de Brasília, que encontrou em você o seu melhor paladino.

A carta de Lacerda, publicada ao lado da coluna em que Ibrahim noticiava, orgulhoso, os furos de seu *tête-à-tête* amigo com Jango, foi um escândalo. Onde já se viu levar um pito público de Lacerda, em sua própria página, sem qualquer aviso do jornal de que a carta seria publicada? O colunista sentiu-se traído e a seu jeito, vulcânico, encerrou parceria de nove anos. Pediu as contas e foi para o *Diário de Notícias*. Além da mágoa, havia um *plus* tentador. No jornal da família de João e Ondina Dantas, metade do pagamento que conseguisse com anúncios iria direto para sua conta bancária. Inventava-se, enquanto o código de ética se recusava a chegar às redações, a figura do jornalista corretor de anúncios.

O poeta Augusto Frederico Schmidt escrevia para *O Globo* e assessorava a direção na gerência de crises. Esta tinha contornos inéditos. Como substituir a estrela da companhia? Ibrahim era uma das poucas assinaturas num produto parcimonioso em divulgar a identidade de seus craques. Roberto Marinho não gostava de tornar esses nomes quase tão fortes quanto o do jornal que os protegia — e tinha suas razões empresariais.

Marinho e Schmidt avaliavam como erro investir no nome de um profissional, oferecer a ele espaço para fazer a consagração da sua marca e, de repente, perdê-lo para a concorrência. A ideia vencedora na substituição foi a de dar ao próximo colunista um nome fantasia. Se o jornalista que a estivesse fazendo precisasse sair do jornal mais adiante, ótimo, que fosse à luta. Alguém da redação o substituiria, sem trauma, e principalmente sem que o leitor ficasse sabendo dos desarranjos da fofocalhada interna. Mais: sem uma personalidade real a se responsabilizar pela coluna, ficava mais fácil ao proprietário do jornal colocar notas de seu interesse. O colunista escalado não teria ilusões. O dono do espaço seria

sempre, primeiro e único, “o nosso companheiro redator-chefe Roberto Marinho”.

Num tempo em que as redações podiam ser compostas por gente de diversas formações (alguns literatos, outros semianalfabetos), num período sem exigência de diploma de jornalista, Schmidt (poeta, dono de supermercado, de livraria, cartola do Botafogo, editor de livros) escolheu para a vaga o advogado Álvaro Americano. Era o contrário de Ibrahim. Sofisticado e culto. Além disso, já estava na redação, onde escrevia editoriais. Faltava-lhe apenas a experiência de apuração, essa “praga” que Ibrahim inventara para o colunismo social. Em 20 de maio de 1963, com o desenho da coluna anterior, o mesmo título de *Reportagem Social*, inventado por Ibrahim para mostrar que ali se publicava notícia de campo, lá estava, ao lado do título, o “nome” do novo colunista: Carlos Swann.

A elite brasileira tinha *composé* culto. Não se movia ainda pelo deslumbramento das compras em Miami, mas pelo passaporte cheio de carimbos europeus. Cultura dava status. Exibiam-se nas rodas as estolas de pele e também livros lidos, salões de ópera e museus percorridos. Schmidt quis acenar para esse leitor. Lembrou-se do *Diário Carioca* — que fora até Eça de Queirós para identificar seu colunista social como Jacinto de Thormes — e chegou ao protagonista de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust: Carlos Swann. A pedra de toque da sacada foram as tramas ligadas ao mundo dos ricos e a referência constante de que os livros do escritor francês poderiam ser lidos como uma coluna social. E sob essa aura de sofisticação intelectual, tão ao gosto grã-fino de 1963, Carlos Swann reencarnou em Álvaro Americano e se deixou entronizar como repórter social.

Americano era da boa elite carioca, homem de leituras refinadas. Ao assumir a coluna, ficou de olho nos formatos que

Maneco Muller (por meio do personagem Jacinto de Thormes) e Ibrahim Sued haviam lapidado. No início, inteligentemente, tentou pegar a mão abusando do repertório mais fácil, com um exagero de notas sociais e de salões. Morno demais. Contudo, dava a impressão de que aos poucos, começando pelas primeiras lições, pegaria no tranco. Em seguida tentou fazer um *mix* e continuar na linha evolutiva do colunismo pátrio. Manteria aberto o leque de assuntos, informando sobre economia, política, cidade e sociedade, criação de Ibrahim, e saudaria Jacinto amarrando as notícias com o texto leve.

Não foi possível. O Swann de Americano era chatíssimo. Faltava a bossa com que Jacinto salpicara o gênero, assim como faltava a notícia bombástica trazida por Ibrahim. Não havia escola nem regras a seguir para aquilo, o xis do problema era o grande diferenciador dos homens e das mulheres: Sua Alteza, primeira e única, o Talento. Não é a fórmula, mas o Autor.

O texto de Americano vinha cheio de “consta que”, “circulam rumores”, platitudes que não cabiam a um repórter, profissional pago para identificar o que é rumor e o que é notícia, deixando a primeira opção de lado e publicando a segunda. Outro cacoete de Álvaro Americano: adorava a pseudobossa de encher a nota de interrogações (“Você sabe quanto gasta a Pequena Cruzada, por semana, para manter suas 200 criancinhas?”), publicou no dia seguinte ao da estreia). Ibrahim jamais cometeria tal engano. Sabia que sua função era fazer perguntas às fontes e publicar as respostas. O leitor, já cheio de apoquentações e dúvidas na rotina da vida real, não comprava jornal para ser confrontado com novas questões.

Em 11 de setembro de 1963, ele publicou a nota “Vaia em Brasília”. O começo era um enorme nariz de cera na coluna de

notas, espaço em que o sabor da coisa deveria ser o jogo rápido.

- Parecerá até que temos alguma coisa contra o sr. Clidenor Freitas, presidente do Ipase, sobre quem por mais de uma vez esta coluna já se manifestou. Nada disto. Nem conhecemos o sr. Clidenor. Como deixar de noticiar coisas como a ocorrida no dia 3 em Brasília? O caso foi o seguinte: (...)

O leitor roncava.

Só depois dessa peroração sem objetividade surgia uma história sem graça de divergências entre o poderoso e seus funcionários. Zero de bordão ou agressividade jornalística. Em suma, faltava molho ao culto Americano, um homem tenso que não se destacava pessoalmente nos salões da existência pelo uso social do humor. A sua coluna emulava tempos antigos, tanto que a nota seguinte à do senhor Clidenor tinha como título o espantoso enunciado de “Campanha da criança retardada”.

O correto Álvaro Americano, preparadíssimo para qualquer função que requisitasse o emprego da intelectualidade, infelizmente tinha a graça no volume morto — uma peça que na revolução dos anos 1960, dos Beatles às saias curtas de Mary Quant, de Cassius Clay bailando na frente de Sonny Liston a Andy Warhol pintando lata de sopa, fazia toda a diferença.

Americanos ficou um ano e meio sozinho, até que conseguiu um repórter para ajudá-lo. O rapaz era tão cru nessa atividade quanto ele no colunismo, só que levava jeito. O seu escolhido, Zózimo Barrozo do Amaral, vinte e três anos, estava havia um ano na reportagem da editoria de assuntos da cidade, metido com uma agenda de buracos de rua, acidentes de trânsito e

outras mixarias. Qualquer um que o visse na redação, no entanto, perceberia que ele tinha o *physique du rôle* de uma coluna social. Das lentes de contato aos sapatos de couro cromado alemão, era quase um personagem da burguesia proustiana, e o francês perfeito o tornava ainda mais natural ao ambiente literário. Ele rescendia a aristocracia e a todos os seus bons modos.

Os repórteres do *Globo* usavam terno, mas o corte e o tecido denunciavam a compra em suaves prestações na Casa José Silva ou, entre os mais abastados, na Torre Eiffel ou Windsor, lojas masculinas da classe média. Zózimo vestia alfaiataria. Não consultava mais o mesmo caderninho de endereços de moda que passara para Renato Machado na adolescência. Continuava usando os serviços dos alfaiates do pai, o veterano Ernesto Marques, e, depois, seu filho e sucessor, Alberto Marques, de quem seria o mais fiel modelo e divulgador. A família ocupava ateliê na rua da Quitanda, próximo da multidão requintada que frequentava a sede do Jockey Club, e disputava a alta sociedade com o italiano José de Cicco, de Copacabana, este, o velho preferido de Ibrahim e Getúlio Vargas. As camisas de Zózimo, sempre com monograma, como as de Boy, agora eram feitas pela camiseira Nilza, assistente dos Marques. Os preços eram altos. Colunistas, porém, tinham tabela especial: uma notinha no jornal, e tudo bem.

Não era só a roupa que desenhava com nitidez o perfil de Zózimo. Aquele repórter tinha uma elegância natural, um *aplomb*, uma compostura tão nobre que nele não seria afetado botar um termo esnobe para designá-lo com correção: *sprezzatura*, uma palavra italiana que Boy adorava incrementar entre suas falas. Ao mesmo tempo, ainda que carregado desses elementos caracterizadores da elite, Zózimo era de trato suave. Conversava com todo mundo, puxava papo sobre o ataque do Flamengo e não parecia ter aprendido

etiqueta nas dicas publicadas por Ibrahim. Seu tom de voz, educadamente baixo, vibrava de satisfação por ele estar nos lugares em que estava, fossem quais fossem, e o bandeirão do *Globo* fazia parte do seu roteiro. Parecia gostar da vida, até mesmo do jornalismo, este inesperado que as boas relações do pai colocaram em seu caminho como surpresa e maravilhosa salvação. Seu porte, de gestos sóbrios, formava o pacote que o identificava como alguém da elite, sem que ninguém confundisse aquilo com o famigerado ar de superioridade. Era gente boa.

Mais: ao contrário de Americano, que andava com os braços presos ao corpo, reprimido, circulava pela redação com uma atitude corporal que um editor consagrado como Sergio Noronha, do *Jornal do Brasil*, em conversas particulares notaria como fundamental para avaliar um jornalista. “O andar rápido dá a impressão de que está correndo atrás da notícia, e no caso do Zózimo era verdade. Jornalista que se arrasta pela redação dá a impressão de que está se dirigindo ao café”, dizia Noronha, adepto de um método de seleção pouco acadêmico para se descobrir bons repórteres. “Escrever é fundamental, claro, mas se não houver tempo para avaliar isso, ponha o grupo de candidatos para andar na redação. O bom repórter anda aflito. Zózimo quase corria entre as mesas.”

Americano e Zózimo se conheceram nessas caminhadas, e, se tinham passadas diferentes, de resto se reconheceram imediatamente como da mesma classe social. Gostavam das grandes orquestras do *swing* e detestavam o *cool jazz* da moda. Adoravam Dostoiévski, e um dia Zózimo deu de presente ao novo amigo a coleção em papel-bíblia das obras completas do escritor russo. Comprou-a do livreiro Ademar França, que circulava nas redações vendendo clássicos. Os jornalistas liam. Em casa, Zózimo comentava com Boy e Izabel a felicidade de encontrar Americano pelo caminho.

Seu ânimo como repórter da Geral variava. Depois de breve período de entusiasmo pela “ralação” nas coberturas de rua, a luz vermelha já se acendera — e o rapaz mostrava-se entediado com a rotina e a pouca amplitude dos interesses que abordava. “De novo esse buraco na Rio Branco?!”, reclamou uma vez com o chefe de reportagem. Nada pessoal. As pautas da Geral naquele tempo, início dos anos 1960, repetiam-se muito. João Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho, os dois então jovens filhos do *tycoon*, passaram pela reportagem geral na fase de treinamento para assumirem mais tarde a presidência da empresa — e ambos, sem que isso fosse proposital, pegaram como pauta “a inauguração da nova iluminação do Corcovado”.

Zózimo cobriu aumento de preço dos legumes na feira, nascimento de girafa no Zoológico, remoção na favela do Pasmado, novo aumento dos legumes... Vibrou quando foi encarregado da cobertura, em datas diferentes, da visita ao Rio do ator italiano Alberto Sordi. Aquilo tinha um glamour mais parecido com o que queria para a vida. De resto, a reportagem geral, com sua repetição suarenta, em poucos meses tornara-se chatice cercada de desimportâncias municipais.

O convite de Americano renovou-o para o trabalho. Faziam a coluna em uma das salas da redação, chamadas de “aquário” na gíria da profissão porque protegem os peixes mais graúdos com suas paredes de vidro. A redação ocupava o segundo andar do número 35 da rua Irineu Marinho, na região central da cidade — um espaço desenhado por uma arquitetura de decoração pesada, com móveis escuros e paredes descuidadas. Pouquíssimas mulheres. Na reportagem geral, que tratava de assuntos das ruas da cidade, apenas Marisa Raja Gabaglia, uma bela morena mignon que anos mais tarde se tornaria colunista da *Última Hora* (foi uma das primeiras defensoras públicas da liberdade sexual feminina), brilharia como repórter de vídeo da TV Globo e ficaria ainda mais famosa ao

ter um namorado, o cirurgião plástico Hosmany Ramos, preso como ladrão. Na reportagem da editoria de Polícia, só Albeniza Garcia, tão confiável que, nos anos 1990, quando estava em *O Dia*, os sequestradores do empresário Roberto Medina exigiram sua presença como segurança no momento em que libertaram sua presa.

Era um ambiente masculino, mas nem todos os homens tinham a elegância poética de Augusto Frederico Schmidt, que escrevera discursos para Juscelino Kubitschek e defendia a necessidade, qualquer que fosse o texto, de se colocar neles “umas borboletas entre os parágrafos”. Essas delicadezas ali eram raras. Havia escarradeiras nos cantos. Um repórter de Polícia desfilava com um revólver na cintura. Repórteres chacoalhavam fichas do controle de frequência dos Alcoólicos Anônimos que carregavam nos bolsos. Foi por esse desvão da saúde que Samuel Wainer, dono da *Última Hora*, atacou o rival Paulo Bittencourt, do *Correio da Manhã*. “Sibarita conservado em álcool” era como chamava o desafeto. Dependendo do momento, podia ser engraçado.

Na mesa dos revisores, José Alvarenga tirava os olhos da máquina, gritava o nome de um repórter e, imitando o copidesque Graciliano Ramos, que fazia o mesmo numa antiga redação do *Correio da Manhã*, berrava, pretextando crítica ao texto que estava lendo: “Assim não dá, Carlos Alberto, ‘via de regra’ é boceta!”

Zózimo se sentia mais em casa na coluna do que reportariando o calor dramático que matava o urso do Zoológico, uma pauta inevitável de verão. Achava-se preparado. Conhecia muita gente na sociedade, um grupo que já lhe era próximo pela frequência na Hípica, pelas amizades do pai no Jockey. O tio Miguel, sócio do Country Club, tinha casa em Petrópolis e lá era vizinho de Ivo Pitanguy, cirurgião plástico que começava a consertar o visual da sociedade

carioca. Zózimo foi herdando essas amizades, todas mais velhas que os seus vinte e poucos anos. Tinha também as camaradagens feitas no Andrews e no Santo Inácio, cheios de bons sobrenomes. Não podia se comparar com Ibrahim, contudo seu caderninho de telefones chegava à redação mais recheado do que o do “Turco” nos primeiros meses de trabalho. O resto ele agradecia aos ensinamentos de Americano (“o seu Ziegfeld, o criador da estrela”, segundo o colecionador Gilberto Chateaubriand, referindo-se ao produtor teatral americano).

Um desses toques foi o de saber diferenciar os amigos pessoais dos amigos da coluna. Ter uma coluna de jornal não era exatamente o caminho mais rápido para fazer amigos. Para cada nota publicada, deixava-se de fora uma dezena de outras. Esses pedintes, explicava Americano, ficam uma fera e começam a falar mal de você. Dizem que você está mascarado. Pior. Que vive a soldo de figurões endinheirados. “O ser humano é insaciável”, continuava Americano numa conversa de redação, “e para o colunista o pior deles é o que quer sair todo dia. Saiu na semana passada e reclama, pode se tornar inimigo se não sair esta semana. Toma gosto pelo vício e quer novas doses da droga de ver seu nome piscando no jornal.”

Eleito em outubro de 1965 o novo governador do estado da Guanabara, Negrão de Lima lembrou-se de Álvaro Americano, seu ex-redator de discursos, e chamou-o para secretário de Administração. Estava de bom tamanho a temporada ao telefone no jornal perguntando por novidades. Em dois anos e meio, paparicadíssimo, não revolucionara o colunismo, todavia aumentara a coleção de condecorações, com medalhas da ordem disso, de mérito daquilo etc. Era a sua vaidade. Começara a coluna com cinco e a deixava, em novembro daquele ano, com vinte, agradecido aos puxa-sacos. Quando o

dress code pedia, elas lá estavam na lapela. “Ninguém é condecorado porque fez mal a alguém”, dizia.

Na coluna, a sucessão se fez de um jeito natural. Como pretendiam Roberto Marinho e Augusto Frederico Schmidt ao optarem pelo pseudônimo, o leitor não percebeu qualquer anormalidade. Saiu Americano, entrou Zózimo em novembro daquele ano — e a imagem do jornal não sofreu qualquer arranhão. Quanto a Zózimo, aos vinte e quatro anos, a vida parecia finalmente entrar nos eixos. Seis meses antes, ele protagonizara uma notícia que não saíra na coluna, mas que até aquele momento era a melhor de sua vida: ele se casara em 19 de maio de 1965 com a sua tão sonhada Marcia Kuperman.

Ela voltara do curso de francês em Paris e não só encontrara Zózimo ainda apaixonado, como também com uma linha nova no currículo: estava empregado. Parecia mais sério em seus propósitos, totalmente voltado para o trabalho, e com isso ainda mais bonito. Além do choque de religiões, a vida anterior — sem salário, sem profissão definida, de briga em briga no meio da rua — não ajudava o pretendente. Quando começou a trabalhar no *Globo*, puxado logo para a coluna importante de Álvaro Americano, o perfil ficou mais cacifado. Merecia uma chance.

Marcia, numa atitude de coragem para a época, daquelas que só o grande amor explica, rompeu o noivado com o engenheiro da família judaica e resolveu enfrentar as consequências. Lutaria por sua paixão. Zózimo faria a sua parte, além de apresentar a carteira profissional assinada por Roberto Marinho. Se a família queria um judeu para esposar a filha, ele se converteria. A experiência do Santo Inácio causara-lhe sérias dúvidas sobre o catolicismo. Por que não dar uma chance ao judaísmo para finalmente ter uma personalidade religiosa de que gostasse? Fez os cursos necessários, aprendeu algumas rezas, incorporou ao nome um Abraão para preencher

a necessidade das cerimônias e colocou a estrela de Davi no cordão do pescoço. Conseguiu, depois de quatro anos de insistência e dedicação, o “sim” da família dela.

Sem necessidade de ser circuncidado, pois já o era, e depois de tomar o banho ritual nas pedras da Urca, Zózimo esposou Marcia. Era um final mais feliz que o drama das famílias Montecchio e Capuleto das aulas de inglês no Andrews. Casaram-se — ele finalmente sem o aparelho dentário que o acompanhava desde a adolescência — numa festa com músico tocando violino, Boy de solidéu, Renato Machado com lençinho no bolso do paletó e o noivo quebrando copo com o pé.

Zózimo e Marcia, depois de uma lua de mel na Bahia, passaram a morar num apartamento da rua José Linhares, no Leblon, presente do pai dela. Coisa simples, de classe média digna, mas decorado com o bom gosto de Marcia, já em atividade como pintora. Ao fundo, nos rádios e nas TVs de toda a vizinhança, o refrão do maior sucesso musical de 1965, um iê-iê-iê de Roberto Carlos, dava o tom desta história: “E que tudo o mais vá pro inferno.”

A novidade era a supremacia da juventude como o novo ideal de existir. Se antes todos queriam ser maduros e experientes (“envelheçam”, sugeria Nelson Rodrigues aos menores de vinte e cinco), a moda era a obediência à revolta jovem. Ser sensato e sábio não tinha levado a nada, só a guerras — chegara a hora de tentar outra abordagem. Os homens estavam cabeludos, como se fossem roqueiros. As mulheres botavam as asinhas e mais as pernas de fora, liberadas pela pílula anticoncepcional.

Era hora de as colunas sociais avançarem também, seguirem a tendência internacional de tudo aparecer com um frescor jovem, iconoclástico. Zózimo, com a vida pessoal resolvida, arregaçava as mangas para colocar nas páginas um

Carlos Swann mais cabeludo — e fazer a sua parte na revolução pop da década de 1960.

11

Em 8 de setembro de 1966, depois de quase um ano oficializado como o Carlos Swann da *Reportagem Social*, na página 4 do primeiro caderno do *Globo*, Zózimo publicou a nota emblemática de que a velha guarda estava deixando o poder e o Rio de Janeiro sofisticado precisava de um novo colunista para narrar isso:

- O Sacha's foi vendido. O velho e querido Sacha achou melhor se desfazer de sua boate, a última realmente elegante da cidade, entristecido com o seu declínio que é também o declínio de uma época que teve no Vogue e na sua própria boate o auge. Desaparece assim a última boate que restava onde a exigência da gravata era a primeira das condições impostas a seus frequentadores, e que durante muitos anos funcionou como ponto de reunião da nossa melhor sociedade.

Zózimo estava encarregado de tirar a gravata das notinhas e vesti-las com camisa de Ban-Lon vinho, para que o colunismo acompanhasse a cara da cidade e se reinventasse. Se o Sacha's, no Leme, “já era”, tonitroava em Copacabana o Le Bateau, na praça Serzedelo Correia, com uma frequência tão sofisticada — todo mundo dançando o iê-iê-iê — que acabaria se tornando problemática. Uma noite Antonio Gallotti foi barrado na porta. A casa estava lotada, mas o empresário tomou o gesto do porteiro como ofensa pessoal e fez o que estava a seu alcance para mostrar com quem o sujeitinho estava falando. Era o presidente da Light. Mandou cortar a luz.

Anos depois, o jornalista Elio Gaspari diria que Zózimo, ao se transformar em Carlos Swann em novembro de 1965,

escolhera a profissão certa na hora errada. O Brasil vivia a ditadura envergonhada do marechal Castello Branco e, logo em seguida, experimentaria a escancarada do general Costa e Silva. Gaspari apontava as armadilhas da época:

Para um colunista social, o risco não estava em ir preso, ser censurado ou coisa do gênero. O perigo morava na avacalhão profissional. O veneno estava no elogio. Dona Yolanda, a mulher do general Arthur da Costa e Silva, circulava com vestidos de musselina inadequados para sua idade e suas pernas. Quem tinha dinheiro não queria aparecer. Um corretor da Bolsa que deu uma grande festa para o plantel de um festival internacional de cinema foi preso semanas depois. Quem queria aparecer não tinha modos.

Zózimo, uma coluna para fechar por dia, não tinha tempo para teorizar sobre o que estava fazendo. Era jovem demais no assunto para chegar, reinventar a roda ou já querer sentar à janela do ônibus — ou da limusine, no caso de um colunista social. Metia a mão na massa e dava-se por satisfeito se, ao fim da jornada, conseguisse fechar o espaço.

Em 1967, estava em Brasília na posse de Costa e Silva. Não se embasbacava. Numa cena viu o absurdo da falsa normalidade palaciana:

- Um grupo conversava animadamente em um canto quando seus componentes começaram a se agitar, com gritinhos das senhoras e saltos largos dos homens. Do bolso da casaca (alugada) de um circunspecto senhor, saíra sorrateiramente uma barata que, quando foi notada, já passeava desenvolta pela lapela.

Como ser elegante num tempo em que se vivia, como ele diria mais tarde, “ao lado de gente que maneja com destreza um fuzil mas é incapaz de segurar corretamente um talher”? Como ser civilizado em transmitir as notícias da corte se JK, “um de seus mais buliçosos e megalomaníacos políticos”, transferira em 1960 a capital para “uma cidade sem entranhas, sem caráter, sem passado e sem remorso, feita de encomenda para governantes despóticos e autoritários”? Se era um tempo ruim para fazer coluna social, que tal não fazer uma coluna social e espalhar “cacos” entre as notas?

Em 12 de agosto de 1967, deu nota com o título “Only for women”. Descrevia à moda antiga como fora elegante o almoço da senhora Vera Stehlin e citava meia dúzia de presenças, tudo exatamente como faziam seus antecessores. De repente, abriu um parágrafo e anunciou: “É preciso não confundir Jabaquara com Babaquara.” A origem do *nonsense* partia do fato de o colecionador Gilberto Chateaubriand morar naquele mesmo e fino edifício Jabaquara de Vera, em Copacabana. Era uma piada entre os dois, desconhecida do resto da humanidade, e não fazia qualquer sentido com o que vinha antes ou depois daquele convescote de plácidas senhoras. E daí? Na época os Beatles escreviam “Imagine-se num barco num rio com árvores de tangerina e céu de marmelada”. Fazia sentido para alguém mais além de Lennon e McCartney? O mundo estava sendo reescrito e Zózimo queria se divertir como um Jabaquara. Babaquara era o “Fool on the hill”.

Em 30 de abril de 1968 ele publicou:

- Pela primeira vez, que me conste, realizou-se na cidade um almoço a um chefe de governo, o primeiro-ministro da Tailândia, sem lugares marcados. Os convidados tinham que ir servir-se no *buffet*, o que aliás acarretou dificuldades à esposa do estadista visitante, que, sendo de baixa estatura,

quase não alcançava as iguarias. A propósito, alguém pode explicar a este modesto escriba por que veio ao Brasil o *premier* da Tailândia?

A mudança da capital do país para Brasília deixara um evidente vácuo de grana, de jantares de embaixada, de carros oficiais estacionados à porta do Copacabana Palace e demais cenas de fausto com que o poder político sempre ajudara o Rio a ficar mais requintado. A cidade se tornou mais pobre de personagens e histórias. Antes, os políticos saíam do Palácio Monroe, onde ficava o Senado Federal, na Cinelândia, atravessavam a rua, entravam na boate Night and Day, no segundo andar do edifício Serrador, encontravam suas vedetes e com elas voltavam à rua. Passavam de novo na calçada do Monroe, seguiam para o lado ímpar da avenida Rio Branco e entravam no edifício São Borja para os despachos regimentais com as vedetes nos lençóis de linho das *garçonnières* que eles usavam exclusivamente para isso. Foi-se a capital, e com ela os despachos burocráticos e carnais de Suas Excelências.

Foi a década em que o Rio despediu-se de uma cidade e começou a inventar outra. Em novembro de 1968 Zózimo esteve em todos os eventos que celebraram no Rio a visita da rainha Elizabeth: num jantar no convés do iate *Britannia*, num almoço no Museu de Arte Moderna e num outro jantar, oferecido pelo governador Negrão de Lima, na embaixada inglesa, em Botafogo. Neste último havia quinhentos convidados, a nata dos grã-finos cariocas, numa noite de longos e *black ties* com condecorações. Numa foto publicada na coluna, Carmen Mayrink Veiga “ostentava”, talvez pela última vez em público, “o seu maravilhoso conjunto de safiras, brilhantes, esmeraldas e rubis”. Em outra, Álvaro Americano usava todas as suas medalhas e ainda passou nota, em *off*, explicando que outros homens na festa faziam uso errado de

condecorações. Ele aparece ao lado, segundo a legenda pomposa, de “S.S. A.A. I.I., os príncipes D. Pedro Henrique e Dona Maria de Orléans e Bragança”, sendo que as letras dobradas em caixa-alta queriam significar o plural de Suas Altezas Imperiais. Os três personagens pareciam tristes, como se pressentissem a despedida dos bons tempos em que os reis eram reverenciados em maiúsculas. Até as escolas de samba, com os desfiles revolucionários do Salgueiro, já deixavam os reis brasileiros e louvavam os escravos e os heróis negros.

Aqueles três eventos, com suas etiquetas, seus rubis e suas condecorações, ficaram para a República carioca com o mesmo gosto do último baile do Império, realizado na Ilha Fiscal, ali perto de onde ficara atracado o *Britannia*. O Rio continuaria com sua índole básica de comemorar — já os personagens, as roupas e os cerimoniais seriam outros. Menos pompa, idem para as circunstâncias. Nelita Abreu Rocha, futura Leclery, estava na recepção na embaixada e à sua frente, na fila de cumprimentos à rainha, ia o escritor José Carlos Oliveira, um dos intelectuais boêmios mais folclóricos da cidade. Quando a rainha lhe ofereceu a mão, Carlinhos a segurou educadamente, mas, ao tentar uma reverência, talvez porque o álcool potencializasse os estragos do nervosismo, ele deu uma leve golfada na luva da soberana. A digna senhora, sem manifestar espanto, dentro do maior rigor da fleuma britânica, imediatamente levou a mão para trás. Ao voltar com ela aos olhos da convidada seguinte, Nelita testemunhou que a rainha já estava com nova e limpíssima luva.

O futuro seria mais ou menos assim, cheio de inconvenientes — ou pior. Como diziam os punks, que depois anarquizaram Elizabeth em músicas: “*No future.*” Não haveria em breve muito o que festejar. Niomar Moniz Sodré, dona do jornal *Correio da Manhã*, de oposição aos militares, uma das presenças da recepção no navio, dois meses depois trocaria o

longo de Guilherme Guimarães por um uniforme de presidiária, trancafiada em Bangu como subversiva. Ostentar diamantes no sopé do Morro Dona Marta, como fizera Carmen Mayrink Veiga na embaixada, seria o máximo da cafonice depois da felicidade dos hippies se beijando na lama de Woodstock.

Zózimo/Swann estava de olho nessas mudanças. Ainda não podia fazer como os galgos na recepção aos reis ingleses, que cruzaram o prédio da embaixada — afinal, moravam ali — e foram acariciados pela rainha. Os bichos em seguida continuaram pelos salões, paparicados por uns e outros, mas sem dar muita importância à solenidade. Zózimo também continuaria indo às festas, e muitas, e dando importância a elas, e descrevendo seus detalhes com seriedade — aos poucos, porém, alargava os endereços. No fim de semana seguinte ao badalo imperial, assistia a um ensaio da Mangueira na quadra da escola (para a escolha do samba-enredo do desfile) e noticiava um quiproquó na tribuna de imprensa durante um jogo do seu Flamengo no Maracanã.

Discretamente, ia colocando suas particularidades em cena e experimentando até onde podia fazer com que aquilo fosse de interesse também dos leitores. Em 15 de julho de 1968 devolveu, sem citar nomes, uns cascudos nos padres que o haviam atormentado no Santo Inácio:

- Conhecido colégio católico da Zona Sul vem através de certos padres avançadinhos pregando o socialismo. Um deles chega até a dizer em reuniões com os pais de alunos que o fim justifica os meios. Mas continua a manter a seguinte escala de classificação de merecimento dos melhores da classe: quem tira nota 7 é conde; 8, duque; 9, príncipe; 10, rei. Ao hibridismo saído disso tudo poderíamos denominar socialismo coroadado.

Zózimo queria mudar o cardápio:

- Escreve-me um leitor dizendo que sempre lê nesta coluna elogios a menus dos grandes jantares e *soupers* e nota que os pratos servidos e elogiados são geralmente pratos franceses, como *canard à l'orange*, *langouste au thermidor*, *crème aux champignons*. Em sua opinião, não devíamos desvincular-nos de nossas origens lusitanas pelo que tomo a liberdade de enviar como sugestão para as grandes *hostesses* cariocas a receita de um cozido à portuguesa.

Seguiu-se, em 30 de agosto de 1968, a caudalosa receita do troço, um prato até aquele momento jamais comido ou apresentado em suas páginas por qualquer colunista social. Puro deboche. Zózimo, *ça va sans dire*, gostava mesmo era do Bife de Ouro, o restaurante chique que no Copacabana Palace acompanhava a terceira geração de colunistas sociais do Rio. Pedia quase sempre o Chateaubriand com *sauce béarnaise*, que citara como um *must* numa coluna de 1966, num dos poucos momentos em que a língua inglesa lhe serviu de muleta para segurar a pose do texto. No cardápio do Copa estava também o *steak* Diana, o *paillard de filet* com molho de carne. O Rio gastronômico (tinha ainda o Le Bec Fin, o Le Mazot, o Lucas, o Ariston, o Chateau, o Nino...) não era uma cidade de muitos garfos, mas Zózimo se divertia em cruzá-los enquanto apurava as notas. Como tudo o mais, sem preconceito. Trabalhando no Centro, gostava de almoçar um feijão-manteiga com costela de boi no Escondidinho, no Beco dos Barbeiros, muitas vezes em companhia de Boy, que ia dar uma olhada na Bolsa de Valores.

No menu da coluna, os pratos variavam. Via-se o dedo da direção do jornal em muitas notas, um ranço oficialesco que

atravessava outras páginas também. De vez em quando, ouvia-se a gargalhada de Zózimo tentando abrir espaço. Nesta nota, de 26 de junho de 1968, intitulada “Molecagem”, ele dá um puxão de orelha em jovens que faziam algo parecido com o que ele, poucos anos atrás, adorava fazer:

- Por pouco um acidente de sérias consequências não perturbava a tranquilidade dos sócios do Iate no último domingo, à hora em que jantavam. Segundo se soube depois, um grupo de garotos desatou, sem que ninguém percebesse, as amarras do iate *Fontainebleau II*, do milionário americano Ben Novak. Mr. Novak, que jantava tranquilamente no próprio iate, percebeu tarde que estava à matroca, sendo que alguns marinheiros tiveram até que se jogar na água para que o barco fosse novamente preso ao ancoradouro.

Devia estar rindo ao redigir o desespero de Ben Novak à matroca, só que agora estava do outro lado do ancoradouro, no papel de colunista equilibrado. Sabia que era preciso ir com calma com o barco por aquelas raias do jornalismo em que nunca prestara atenção especial. Avançar com o humor de rua, moleque, mas acenar ainda para o pedantismo de outrora e não assustar quem o mantinha no emprego. A coluna de 29 de fevereiro de 1968 abria com o título “Notte d’amore e passione popolare”. Transcrevia no italiano original do estilista Emilio Pucci o que ele havia achado do desfile da Portela no Carnaval. Eram quarenta linhas sem tradução, com a desculpa do colunista pelo deslumbramento: a declaração havia sido feita do próprio punho do declarante e com exclusividade.

Quanto à língua francesa, Swann, como se fosse o próprio Marcel Proust, tratava-a como a língua do leitor — e nem lhe passava pela cabeça oferecer uma tradução a quem pagava o

jornal em português. Todos deveriam entender o que ele recortava das revistas parisienses (elas só chegavam ao Rio uma semana depois de lançadas). Quem não alcançasse o significado das frases que ele reproduzia deveria ir até o colunista da página 3 do caderno de cultura, o *Segundo Caderno*, onde era servido um arremedo de francês de primeira série ginasial. “Ademã”, despedia-se Ibrahim, “que eu vou em frente.” O colunista estava de volta ao *Globo* desde 1º de junho de 1967, depois da curta experiência no *Diário de Notícias*. Sua coluna, de meia página, agora se chamava *Ibrahim Sued Informa* e ficava no *Segundo Caderno*, inicialmente na página 3, e, a partir de julho de 1968, na página 2.

Zózimo equilibrava o esnobismo mostrando que podia degustar sabores de outras línguas. Em 25 de setembro de 1968, arriscou uma quase crônica cheia de carioquice e bom humor com o título “O drama”. A nota vinha em destaque, cercada de fios, como se o colunista dissesse “é isso que eu quero mostrar”, e o resto fosse canapé.

- A dona de casa aflita liga para a Cia. do Gás para fazer uma reclamação (o gás, não é novidade, anda péssimo). O telefone custa muito a dar linha. Afinal, o ruído. Disca. Sinal de comunicação. Tenta de novo. Sua Excelência, o ruído, demora mais cinco minutos para dar o ar de sua graça. Disca. Sinal de comunicação. Mais algumas tentativas. Até que enfim. Meia hora depois, consegue chamar. A companhia não atende. O telefone chama, implora, e nada. Resolve, então, ir pessoalmente. Enfrenta uma enorme fila. Mais meia hora. Chega diante do funcionário e conta-lhe seu drama. E ouve: “Essas reclamações, só por telefone, minha senhora.” Tal episódio ocorreu anteontem no Rio, no

mesmo dia em que *O Globo* informava que um foguete dera a volta em torno da Lua e voltara à Terra.

O texto poderia ser menor, mas os longos períodos de Álvaro Americano já estavam substituídos por um estilo moderno. Crítica e humor iam sendo servidos aos poucos, como um *sorbet* entre os pratos, para ir depurando o sabor. Era operação a longo prazo.

A *Reportagem Social* by Zózimo/Swann tinha um jeitão de coluna social antiga. As fotos eram de senhoras placidamente sentadas e senhores tensamente engravatados observando o fotógrafo sem sorrir, num clima de festa sem dança e papo sem gargalhada. As notas ofereciam linhas repletas de vaguidão. “Estou seguramente informado de que o governo, nos próximos dias, baixará enérgicas medidas no sentido econômico-financeiro-e-social”, em 21 de dezembro de 1968. Ou “correm rumores”, em 5 de março de 1968. Ou montes de notas autocongratulatórias, do tipo “conforme eu previra”, como se ele próprio se espantasse com o acerto de alguma informação. Algumas eram esticadas, truque para preencher o espaço, e pareciam carregadas demais de homenagem ao texto editorialista de Álvaro Americano — demorava-se a entrar e a sair do assunto. Havia declarações oficiais de títeres da República militar, no aceno dos donos das páginas aos patrões do dia. Nenhuma novidade: coluna que não é assinada por alguém de verdade acaba sendo de todos. Fica sem personalidade, uma colcha de retalhos, um balcão para os negócios mais diversos.

Carlos Swann continuava de olho na sociedade e em suas festas, noticiário que ocupava a metade da coluna. Sobrenomes cunhados pelos colunistas do passado persistiam, assim como seus hábitos ostentatórios. A nota “Imbituba! Imbituba” saiu em 13 de dezembro de 1968, dia da publicação do AI-5, que,

para o resto do Brasil, significaria “a casa caiu”. Nesse dia, com as prisões se enchendo, a dama da sociedade falava das casas de férias:

- Confidência de Lourdes Catão: “Prefiro ir para nossa casa de verão em Correias no inverno. No verão, os fins de semana ficam cheios de programa, de almoços em *palazzo*-pijama, de cineminha. Nessa época, prefiro ir para nossa fazenda em Imbituba, Santa Catarina, onde passo os dias andando a cavalo — e os cavalos lá são pangarés — com meus filhos.”

Décadas depois, essa nota só poderia ser lida com um ponto de ironia percorrendo-a criticamente. Em 1968, Zózimo deixava a dubiedade no ar e divertia-se na mistura com os de sua classe. Comparecia às festas. Os amigos estavam lá, comia-se do bom e do melhor, e, perigo, perigo, bebia-se do ótimo. Não doía. Ele não reclamava de assédio, porque nem todos sabiam que aquele jovem magro, atracado no copo de uísque, sem caderninho de anotação visível, era o Carlos Swann de *O Globo*.

“Jantar formal”, de 25 de setembro de 1968, é uma nota típica do formato d’antanho que às vezes ainda carregava:

- Para um elegante jantar *black tie* de lugares marcados receberam Gilda e Frânzio Salles. Ao redor da enorme mesa da sala de jantar, ornamentada com lindo arranjo de flores disposto numa sopeira de prata, reuniram-se o embaixador da Holanda e a sra. Van der Brandeler (ela, com conjunto muito bonito de brilhantes e esmeraldas), o embaixador e a sra. Afrânio de Mello Franco, os srs. e as sras. Octacílio Gualberto — Maria Eudóxia de brocado branco, curto,

muito elegante —, Carlos Taquenho... [e vários outros nomes].

Todas as descrições de roupas e adereços eram de Marcia Kuperman, agora Barrozo do Amaral, que acompanhava o marido colunista. Longe de ser obrigação conjugal, ela adorava a “tarefa”. Vinte anos após Jacinto de Thormes, as senhoras com brilhantes e esmeraldas ainda eram chamadas pelo nome dos maridos, que, por sua vez, continuavam trajando *black tie*, obrigatório em quase todas as festas. Discretamente, Zózimo sinalizava que estava em outra. Num evento na Hípica para o Festival Internacional da Canção, dizia que “predominaram os *smokings* da moda, camisa branca, *col roulê* (sem gravata) — na moda *Swann*”.

Álvaro Americano (aos amigos tudo) aparecia muito. Agora no poder estadual, estava por trás do chorrilho de notas, todas evidentemente simpáticas, sobre Negrão de Lima (de quem seria o indicado a candidato à sucessão, não tivessem os militares proibido as eleições). Em outubro de 1968, o ex-Swann recebeu em nome de Negrão o príncipe Gholam Reza Pahlevi no Copacabana Palace. Descrevendo a festa, Zózimo comenta que, “numa roda de boa conversa comandada por Álvaro”, o senhor Oswaldo Aranha Filho, “um dos cinco maiores caçadores do Brasil”, conversava animadamente com o príncipe sobre o irmão deste, “o príncipe Abor, considerado um dos cinco maiores caçadores do mundo” (Zózimo queria se referir a Abdul, outro irmão e príncipe, este sim o predador). Alguns anos depois, os movimentos a favor dos animais levariam até mesmo salões como os do Copa a proibir o encontro daqueles matadores — mas, em 1968, a revolução dos costumes não havia chegado aos trópicos. Matar animal ainda era coisa de macho. Quem o fosse gostava de alardear o fato e

não se aborrecia se, no dia seguinte, a bravata fosse estampada no jornal.

Em 26 de junho de 1968, o pau comia nas ruas, a Passeata dos Cem Mil mudava a história do Brasil, mas a burguesia não tremia e jantava do melhor na frente do colunista, um dos seus. Foram duas as festas das quais Zózimo participou no primeiro fim de semana daquele mês que balançaria o Brasil. A primeira era *black tie* em torno da despedida dos Cathanhead (“ela, a extremamente *racée* Maria Helena”) no Chateau, “que estreava sua nova decoração” (“das festas mais simpáticas a que tenho comparecido ultimamente”). Entre os presentes, senhor e senhora Carlos Eduardo de Souza Campos (“Tereza estava uma beleza de branco de crepe e *torsade* de pérolas na cintura”). No sábado, foi a vez de o casal Antenor Mayrink Veiga receber no “amplo e elegante apartamento do Golden Gate” para um jantar em honra do chanceler da Tunísia e senhora (“dos visitantes mais interessantes que tem o Brasil recebido ultimamente”). Entre os convidados, os casais Charles Stehlin (“Vera de *matelassê* preto”), Alberto Proença de Faria (“Lourdes de *chemisier* rosa-*saumon*, o máximo da elegância”) e Sergio Bahouth (“Carmem [Bahouth] de preto de musselina e saia de plumas”).

- Um grupo deixou a residência dos Mayrink Veiga e sob o pretexto de mostrar a vida noturna do Rio ao chanceler da Tunísia acabou “esticando” na Sucata, na qual a animação e o iê-iê-iê eram comandados pelo sr. Santos Bahdur.

Foi um ano agitado, nas ruas e nos salões. Antes de Elizabeth I, Zózimo esteve atrás do cortejo do xá Reza Pahlevi, recebido com casquinha de siri na cobertura de Carlos e Heloisa Lustosa (com um longo de musselina preto *by* Guilherme Guimarães). Presentes, o senhor e a senhora

Antônio do Amaral Sampaio (“Frankie sensacional com um longo de tecido oriental”), e mais, segundo o *drop-name* inevitável nas colunas sociais:

- Encontrei também o senador e a sra. Lourdes Catão, o sr. e a sra. José Carlos Leal (Olívia de longo de tecido de prata, muito bonita), o sr. e a sra. Carlos Eduardo de Souza Campos, o banqueiro e a sra. David Guimarães, o sr. e a sra. Gustavo Afonso Capanema (Ana Luiza, de rosa, elegantíssima), a escritora Rosemary Murphy, que foi levada pelos Tuthlil, as sras. Carmen Mayrink Veiga (linda, de longo *imprimé*, com um ombro só) e Raquel Jardim, a srta. Eloisa Dolabella, o secretário Álvaro Americano e o sr. Roberto Marinho.

A turbamulta gritava lá fora. Dentro da coluna, apenas a novidade do vestido em um ombro só e o desenho da página. Alguém estava percebendo as mudanças e gostando. A partir de meados de 1968, a coluna aparecia sempre cercada dessa coisa linda, desse diamante e pétala de rosa que emocionam desde o jornalista mais frio até o dono do jornal, passando pelo Departamento Comercial. O resto da página ao redor da coluna de Carlos Swann estava coalhado de Sua Excelência Maior, Deus em forma de centimetragem — os anúncios dos patrocinadores. Tinha até anúncio no rodapé. Tiravam-se cinco centímetros de altura de informação — e daí? Se não havia acordo ético de relação entre os jornalistas e a empresa, imagina como essas delicadezas de espaço editorial eram tratadas entre empresa e leitor? O consumidor estava comprando menos informação e mais anúncio? Que fosse reclamar ao bispo.

Quem comprou o espaço publicitário, não por coincidência, mas porque era assunto de fundo de tantas notas noturnas, foi

o uísque Natu Nobilis. Dizia o texto da publicidade: “Diante dele qualquer *whisky* fica com complexo de inferioridade” — com o detalhe de que a palavra inferioridade vinha com as letras em declive, como no clássico desenho de um pênis brochando. Poucos anos depois o anúncio seria impossível, pois qualquer um veria ali a insinuação politicamente incorreta de que os concorrentes perdiam a virilidade, mas Natu Nobilis dava potência ao seu bebedor e uma dose extra de tesão — e não corrosão do fígado.

Seguro, prestigiado pelo reconhecimento da publicidade a seus pés e por alguns aumentos de salário, o colunista comemorava e às vezes, no outro dia, não conseguia trabalhar. Moacyr Padilha Filho, herdeiro do futuro governador do estado do Rio no início da década de 1970, chefiava a redação e fechava a coluna na ausência do titular. O hábito do álcool, que desde o final do Andrews começara a acompanhar Zózimo com certa insistência, estava sendo facilitado pelo trabalho. Os eventos eram todos em torno dela, a bebida. Muito uísque e até o modismo dos drinques (gostava do *alexander*, uma bebida cremosa e enjoativa à base de creme de leite que provocava ressacas terríveis). Os anfitriões faziam questão de que o jovem e poderoso colunista experimentasse do melhor e com abundância. Na pele de Swann, ele descobriu uma nova paixão: o champanhe. Em seu louvor, em dezembro de 1968, aproveitando o pretexto de uma nota que colocava o champanhe francês em perigo pelo aumento da produção americana, fez três colunas seguidas ensinando os brasileiros a saborear melhor. E descreveu com o carinho e o espaço em geral devotados às grandes musas das colunas sociais:

- O *champã*, delicioso e precioso (mesmo) líquido muito frequente nas mesas de reuniões da alta-roda, tem uma série de regras que uma grande *hostess* ou um grande

connaisseur não podem desconhecer. Referem-se elas à melhor maneira de comprar, conservar e servir, matéria de interesse, se não geral, pelo menos das pessoas que sabem viver.

- Olhe com atenção no rótulo do *champagne* que você está comprando se a marca não lhe é familiar. O nome *champagne* e a indicação da data da fabricação devem figurar no rótulo ou na *collerette*. As marcas mais famosas inscrevem também um número precedido das iniciais NM, que é a inscrição do registro profissional de um fabricante, ou seja, daquele que vinifica, reúne, engarrafa e comercializa seus próprios vinhos.
- O *champagne* pode ser bruto, muito seco, seco e meio seco, sendo que este último parece ser o tipo preferido das mulheres.
- O congelador corta o vinho do *champagne*. Não o deixe ficar na geladeira muito tempo antes de servi-lo. Uma hora é o suficiente. A temperatura ideal para o *champagne* ser degustado é a de 8 graus.
- O guia do *bon-vivant*, no que se refere à degustação do *champagne*, arte que os franceses exercem com devoção, diz para nunca se pôr o copo para gelar. A bebida perde grande parte do seu sabor e não borbulha.
- Muito cuidado e precaução ao transportar um *champagne* de um lado para outro, pois qualquer batida arriscaria afetar a rolha. Para retirá-la, faça-o por meio de movimentos lentos e circulares, evitando sempre o espocar. O mais aconselhável é retirá-la vagarosamente deixando o gás acumulado no gargalo sair aos poucos e produzindo um quase imperceptível “pffff”.
- O copo, ao começar a receber o líquido, deve estar quase na horizontal, sendo erguido aos poucos, à medida que vai

sendo vertida a bebida, para evitar a formação demasiada de espuma.

- O *champagne* é o mais aristocrático dos vinhos, é uma arte com regras e preceitos bem determinados. Ele encontra talvez o seu melhor lugar se for servido como aperitivo, pois abre o apetite. Mas se você jantar *au champagne*, saiba que essa bebida combina melhor com peixes, crustáceos e aves, e que é menos recomendada para o *foie gras*. Mas não fica mal com qualquer tipo de prato.
- Se você encerra uma refeição com *champagne*, o que já não está tão em moda, sirva o tipo seco, sendo o *brut* aconselhado para todas as outras ocasiões.
- Abstenha-se sempre de servir *champagne* às pessoas que declaram detestar vinhos espumantes, pois o desperdício seria imperdoável. Não se importe no caso de servir-lhes água.

O colunista, que poucos anos antes estava roubando o vinho da adega do pai, agora tinha a seu dispor, de graça, as melhores marcas de *champagne*, como gostava de escrever, em francês, e demonstrar aproximação com o que anunciava ser uma forma de levar a vida com arte. Tinha também *champa*, *champã*, *champanhe* ou *champanhota* a rodo.

Na redação, matava um leão por dia. No início, trabalhava com um assistente. Não era para apurar notas, mas para dar os telefonemas, botar a fonte ao telefone e por outro motivo ainda mais prosaico: precisava de alguém para datilografar a coluna. Sua mãe, Elza, insistia para que ele fizesse um curso Ted numa loja próxima de casa, pois “a datilografia estava na base de tudo”. Zózimo argumentava ser a datilografia uma necessidade de secretárias. Eis que agora lá estava a seu lado Paulo Lima, mais tarde um importante produtor de espetáculos

independentes, com a função de botar à máquina o texto da coluna.

Paulo possuía experiência do *frisson* daquele trabalho, pois ajudara a colunista social do caderno *Ela*, publicado aos sábados (*O Globo* tinha três colunas sociais nesse dia). No início ela assinava Nina Chaves, mas, ao se separar do marido, foi proibida por ele de usar seu sobrenome. Virou Nina Chavs, uma solução mais glamorosa. Ela editava as colunas *Linhas Cruzadas* e *Borbulhantes*, que emulavam uma Louella Parsons, a colunista americana perita em misturar fofocas de celebridades com modismos e algo mais. Entregava romances proibidos, era levemente do mal. Nina fazia tanto sucesso que a cantora Maria Bethânia, em 1968, mudou a letra do sambinha “Café-soçaite”. Na parte final, no lugar de “Como é que pode?/ Depois eu conto”, Bethânia cantou: “Como é que pode?/ Nina Chavs conta.”

Um dia, ao fazer com Walmor Chagas e Cacilda Becker uma entrevista para o *Ela* sobre a estreia de *Quem tem medo de Virginia Woolf?*, Paulo teve que ouvir do casal uma série de acusações ao *Globo*, entre elas a de que nada havia sido publicado sobre a peça até aquele momento no jornal porque a produção do espetáculo se recusava a pagar propina aos colunistas. Paulo contou na redação e Zózimo escreveu a seguinte nota:

- Apesar das excelentes críticas publicadas nos jornais, caiu sensivelmente nos últimos dias o movimento de público da peça *Quem tem medo de Virginia Woolf?*. O fato é explicado pelo número de pessoas que, não se sabe por quê, nutre uma certa antipatia pela atriz Cacilda Becker e se recusa a assistir a suas peças, mesmo que elas, como agora acontece, tenham recebido elogios unânimes da crítica.

Walmor e Cacilda leram-na diante do público do espetáculo, disseram que aquilo comprovava que, para sair no jornal, só pagando. Foram ao *Globo*. Fizeram um escarcéu na sala de Rogério Marinho, com Nina Chavs presente. Mudaram um pouco a conversa e disseram que tinham sido chantageados por Paulo. Mais: que Paulo desdenhara e que não ia adiantar nada a reclamação deles, pois Nina era amante de Augusto Frederico Schmidt. Aí, configurado o baixo nível, Nina deu a reunião por encerrada, Rogério disse que falaria com Zózimo e o casal teve que sair da sala.

Paulo ouviu o relato do encontro da boca de Zózimo, que lhe deu a notícia da visita “com seu costumeiro ar de deboche”, e o barraco se encerrou com a gargalhada do colunista. Ficou por isso mesmo. Paulo usava três aparelhos de telefone para colocar as fontes no ouvido de Zózimo. Para conseguir uma linha, o tempo médio de espera era de dois minutos. Paulo ficava com todos os aparelhos nas orelhas até ser despertado pelo sinal de um — e aí começava a enfiar o dedo no dial, discando com todo o cuidado, pois errar um número seria se sujeitar a mais uma longa espera.

A vida de colunista, que o leitor do outro lado do balcão poderia fantasiar como eivada de charme, tinha realidade pesada. Mais: a grana era curta para um homem casado. Em 1^o de junho de 1966, Zózimo conseguiu, por intermédio do secretário Álvaro Americano, um bico de redator na Secretaria de Administração. Em 1967, acumulava com um trabalho na Superintendência Nacional de Abastecimentos, a Sunab, lotado no Serdiv, o Serviço de Diversão do órgão. Ficou ali apenas um ano. Ele havia combinado com quem lhe conseguira o posto que não poderia estar sempre no batente, mas acabou indo menos ainda do que se esperava para manter as aparências — e foi demitido. Em agosto de 1968, a

Confederação Nacional da Indústria lhe assinou a carteira de trabalho.

Todo jornalista tinha outro trabalho, porque os salários nas redações não pagavam as contas. Carlos Castello Branco, o grande Castelinho do noticiário político, estava registrado entre os funcionários do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem como procurador, nomeado sem concurso por JK. Quem agilizou a nomeação foi o secretário de Imprensa do presidente, o escritor Autran Dourado. Normal. A ética só alcançaria o relacionamento das redações com o funcionalismo público ali pelos anos 1980.

Em 1966, para relaxar e se perfumar do verdadeiro glamour, Zózimo começou a tirar férias anuais em Paris, enquanto seus colegas de redação iam para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Gostava de frequentar a Brasserie Lipp (Ibrahim preferia o luxuoso Maxim's), de passado boêmio e intelectual, abrigo de Hemingway. Almoçava com o jornalista Armando Strozenberg, correspondente do *Jornal do Brasil*, e perguntava sobre o trabalho dele, como era a relação com os editores. O *JB*, jornal que começava a ser o sonho de consumo de todo profissional do setor, surgia como opção no mercado carioca. Zózimo falava da necessidade de fazer uma coluna com o próprio nome e sujeita a menos interferências.

Enquanto nada acontecia, mergulhava com afinco na vida real de colunista. Depois de Paulo, teve como ajudante Marly Gonçalves, uma loura bonita, de olhos verdes e de personalidade agitada. Ela começou a trabalhar na coluna em 1967, aos vinte e seis anos. Era funcionária pública da Secretaria de Administração, subordinada a Álvaro Americano, e, por sugestão dele, topou acumular os empregos. Achava também que seria moleza. Mas, como se viu com a musa Cacilda Becker invadindo a redação para se transformar em vilã, numa coluna social nada é fácil. Mesmo atender ao

telefone, que de início poderia parecer burocrático, na prática não se revelou tanto:

“Quero falar com o Carlos Swann”, pedia a voz do outro lado.

“O Zózimo?!”, devolvia Marly.

“Minha filha, aí não é da coluna do Swann?”, insistia a voz.

“É”, dizia Marly, tentando controlar, sem acender, o pavio curto.

“Pois então me chama ele.”

Era preciso paciência e dedicação, mas Marly logo se encantou com Zózimo, seus olhos azuis e seu jeito doce de falar. Aos poucos foi colocando a mão na massa, encarregando-se de algumas notinhas no fecho da coluna — um espaço para registros chamado *Do Telstar:*, com dois-pontos mesmo. O *Telstar* foi o satélite de comunicação, lançado pela Nasa em 1962, que permitiu a primeira transmissão ao vivo de imagens de TV entre os Estados Unidos e a Europa. *Do Telstar:* era quase uma subcoluna na *Reportagem Social* do Swann. No espaço, sempre ao pé da página, desovavam-se as informações insignificantes. Começava ali uma operação de troca de gentilezas que marcaria para sempre o colunismo de notas.

No *Telstar:* saíam os registros que a princípio interessavam apenas a quem passara a informação — em troca da publicação ali, a fonte, um assessor de imprensa ou relações-públicas, daria mais adiante, em outro dia, talvez no mês seguinte, uma informação relevante, que interessasse realmente ao leitor. O clássico “toma lá dá cá”. Um empréstimo em confiança. Aos poucos, o esquema viraria um tormento, pois as fontes, insaciáveis, ofereciam mais notas de interesse particular do que público. Queriam mais e mais espaço para veicular notícias de suas assessorias, pois faziam acordos com empresas e garantiam que conseguiriam emplacar a notícia no jornal.

Um troca-troca infernal e discutível, pois o leitor não sabe dessa negociação. Acha que tudo que é publicado ali assim o foi porque o jornalista achou relevante. Não. No *Telstar*: o colunista estava pagando em espaço para que o assessor faturasse e, no futuro, lhe passasse informações realmente jornalísticas — o que, até hoje, quase nunca acontece. A boa fonte, ensinava Álvaro Americano, não cobrava nada. O leitor comum não sabia que no *Telstar*: eram jogados os assuntos menos importantes — era a versão impressa da antiga “Sibéria” do Vogue.

Eis um apanhado de registros no *Do Telstar*: de dezembro de 1968:

- O restaurante Nino apresenta novo cardápio de verão. • De partida para Nova York, Anna Maria Tornaghi. • Ionita e Jorginho Guinle aderiram à praia de Ipanema. • O sr. Santos Bahdur distribuindo charutos entre os amigos. Patrícia deu à luz um bonito menino. • Tudo empate novamente na casa do casal José Luiz de Magalhães Lins. Nininha deu à luz ontem, na Casa de Saúde Santa Lúcia, um menino, quarto filho do casal, que já tinha duas meninas e um menino. • A família Almeida Braga (Kiki e João Carlos), incluindo os quatro filhos, seguiu para Verbier, em busca dos esportes de inverno. • Di Cavalcanti flanando ontem no Centro da cidade, coisa que raramente faz. • Almoçava anteontem no Bife de Ouro o embaixador Hugo Gouthier, que chegou ao Rio para uma permanência de sete dias, com o sr. Guilherme Romano. • A embaixatriz Gilda Sarmanho devorando com apetite a obra de Marcuse. • Paletós com ombreiras, *évasé*, seis botões (só três abotoados) e golas à Napoleão são as últimas bossas da moda Cardin para

homens. • Carmem Bahouth fazendo uma temporada de shoppings e teatros em Nova York. • Regressou da Amazônia, impregnado de novos conceitos sobre futurologia, o sr. Arthur Bernardes Alves de Sousa. • Chega hoje da Grécia o cabeleireiro Jambert, trazendo o troféu Gloire, que ganhou ao lado de Alexandre, Carita e Armand, no Congresso de Intercoiffure de Atenas. • Ligeiras complicações de saúde impediram a viagem aos Estados Unidos do sr. M.F. do Nascimento Brito. • Em seu lugar irá, no sábado, o sr. Bernard Campos, que estará de volta na próxima quinta-feira.

Esses dois últimos registros, logo se saberia, eram de interesse do próprio Zózimo.

12

Zózimo Barroso do Amaral estava enchendo de pancada certa mulher de nome Carmela, numa cabeça de porco da rua Gomes Freire, no Centro do Rio, no início dos anos 1950, quando invadiu o apartamento, em defesa da citada senhora, um homem de nome José Teixeira de Brito. Zózimo não vacilou. Matou o valentão a vassouradas. Esse Zózimo Barroso do Amaral, que tinha também um Gastão como segundo nome e um “s” no sobrenome “Barroso”, não era o colunista, mas assombrou-o por muitos anos. Por causa da homonímia, Zózimo, o jornalista, várias vezes precisou tirar certidão em cartório para provar que não era o assassino. Naquela época, se tanto, gostaria de estar acertando as contas com os padres do Santo Inácio.

Essa trapalhada de nomes teve um momento hilário quando o crime passional do homônimo foi parar, no final da década seguinte, na pasta que o temível Departamento de Ordem Política e Social (Dops) da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro mantinha com informações sobre o jornalista. Em nome de Zózimo Barroso do Amaral até aquele momento constavam ali — demonstrando a lamentável qualidade dos serviços da turma de arapongas — os recortes de jornal com a notícia publicada nas páginas policiais e o processo contra o indigitado Zózimo Gastão Barroso do Amaral, o assassino reles. Apenas uma anotação tinha de fato a ver com o colunista:

DOPS/DIVISÃO DE INFORMAÇÕES, 24/7/69

SD/SAF nº 6494

Referência CIE/69. Protocolo DI/2514/69

Zózimo Barrozo do Amaral. Sem qualificação, segundo dados reservados de 28/8/68, um dos colaboradores da nova revista *Mundo Jovem*, dirigida por Pedro Paulo Lomba e que circulará dentro de breves dias. A revista em apreço abordará problemas políticos, sociais, humanos e culturais, dirigidos aos jovens.

A revista *Mundo Jovem*, dirigida pelo casal Pedro Paulo Lomba e Suzana Lomba, ex-Suzana Velloso, ex de Zózimo, circulou por três edições no final de 1968. Pautava-se pela revolução que a juventude estourava em todas as ruas do mundo, com matérias sobre Herbert Marcuse, sexo livre, contracultura, maconha, o filme *The endless summer* (Alegria de verão), a Banda de Ipanema, além de histórias em quadrinhos apimentadas, artigos do jornalista Nelson Motta etc. Zózimo assinava como diretor responsável, mas, na prática, se responsabilizava pouco pelo produto final. Atarefado como Swann, quase não ia à redação da revista, numa casa da rua Mena Barreto com Sorocaba, em Botafogo, modernosamente pintada de vermelho. “Vamos nos unir na posse do território ainda virgem ou aliviá-lo dos escombros; vamos feri-lo, mesmo a contragosto, para as fundações, o estabelecimento da obra”, dizia o arquiteto Marcos de Vasconcellos no editorial do número um, como se arquitetasse biblicamente a construção de uma nova civilização. “Se eles algum dia vierem a destruí-la, que dos seus escombros se faça uma nova construção que sobreviva às guerras, ao ódio, à mentira e ao medo. Assim deverá ser feito.”

A capa era uma banana pornograficamente em pé, semidescascada, com uma chamada para a matéria “Saudação à crítica especializada”. Revelava uma arruaça jovem bem realizada graficamente, assim como toda a revista. No auge dos seus vinte e sete anos, Zózimo, que pela primeira vez tinha seu

nome impresso num produto jornalístico, colocou a revista na mesa de Roberto Marinho, que o advertiu sobre o mau gosto da brincadeira.

Não foi a única experiência de Zózimo como editor naquele período. Ele assinava também o folheto *A Atiradeira*, que reunia as fofocas da Academia Athayde de Jiu-Jítsu, em Ipanema. O logotipo era um estilingue. Zózimo passou dois anos lutando ali sem jamais ter trocado de faixa, interessado principalmente em defesa pessoal. Na academia parecia querer disciplinar o impulso, pelo menos torná-lo menos suicida na busca de brigas. Levava jeito, segundo o advogado e instrutor João Carlos Austregésilo de Athayde, dono da academia, mas lhe faltava tempo. Uma vez por mês, Zózimo recolhia as fofocas que o professor lhe passava — podia ser sobre um sujeito com um quimono malcheiroso ou a disputa Zózimo-Athayde pelos encantos da calipigiamente fabulosa, candidata a modelo, Rita Burra. Depois, redigia imitando coluna social de jornal sério, ou seja, a sua.

Havia quase três anos fazendo-se passar por Carlos Swann, desde que em novembro de 1965 assumira a *Reportagem Social* porque Americano fora trabalhar como secretário de Negrão de Lima, cansara. Queria aparecer com a própria identidade, como os jovens das artes, das políticas, dos movimentos estudantis, a turma que no momento balançava o mundo. Começou a externar insatisfação com Ricardo Marinho, que passou a lhe dar chamadas na primeira página. A nota de 1^o de junho de 1968 anunciando que o jovem Luiz Jasmin tinha pintado o retrato da primeira-dama Yolanda Costa e Silva ganhou foto do pintor e de sua obra na capa do jornal. Logo adiante também foi parar ali a nota de que os sinos da igreja de São José, silenciados havia tempos por causa das reclamações, voltariam à ativa. Era uma maneira, acompanhada de um *plus* no salário, de afagar — mas

significava pouco para o ego de um jovem que, todos avaliavam assim, realizava bem o seu trabalho. O *Jornal do Brasil*, com uma vendagem menor, conseguia transformar seus colaboradores em estrelas do jornalismo. Quase todas as suas matérias saíam assinadas, havia forte exposição dos nomes da equipe. Léa Maria, a colunista social que saíra do *Globo* depois de um conflito com Nina Chavs, era mais conhecida na cidade do que Zózimo.

Alberto Dines, diretor de redação do *JB* desde 1962, tinha percebido aquele fator de charme: a valorização do profissional. O nome do jornalista piscando para o leitor. O primeiro tinha sido Carlos Castello Branco, o repórter político maranhense. Ao contratá-lo, Dines lembrou-se da *Max Lerner Column*, distribuída em dezenas de jornais nos Estados Unidos. Por que não uma *Coluna do Castello*? E assim foi batizado um dos espaços nobres da história do jornalismo brasileiro. Depois viriam, no *JB*, ainda pelas mãos de Dines, as colunas de Gilda Chataignier, Léa Maria e outros. Os repórteres pegaram as rebarbas dessa ideia generosa e passaram também a assinar as reportagens. Os profissionais do *Globo* permaneciam anônimos, desconhecidos por seus vizinhos de bairro.

Desde 1966 Ibrahim Sued tinha uma coluna dentro do programa *Jornal de Vanguarda*, na TV Globo, tornando-se uma personalidade ainda mais conhecida, mesmo que nesse veículo seus erros ficassem mais evidentes. O “Turco” reforçava o tipo, gaguejava, fingia não conseguir pronunciar palavras mais complicadas. Tinha aprendido que aquela era a sua assinatura — e sublinhava o que pudesse configurar uma marca de personalidade. Com isso colocava outros passos à frente de Zózimo. Começava um tempo em que o jornalista tornava-se celebridade — isso não lhe aumentava em nada a qualidade, mas aumentava o salário.

Walter Fontoura, chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* em São Paulo, foi encarregado por Dines de procurar Zózimo e convidá-lo a editar o *Informe JB*, a coluna de notas políticas da casa, vaga com a saída de Pedro Gomes. Sem sucesso. A coluna também padecia do anonimato. Zózimo gostava do *Globo*, da família Marinho. Queria escrever seu nome com todos os zês no jornal. A coluna que fazia era um sucesso, cercada de anúncios com uma marca de ironia cada vez mais evidente. Por que não assinar essas gracinhas bem sacadas, fruto de um trabalho exaustivo e transpirando humor crítico original? Em 17 de julho de 1968 ele escrevia:

- A população de Pirassununga deu um grande suspiro de alívio quando soube que o governo tinha decretado o confinamento do sr. Jânio Quadros em Corumbá, interior de Mato Grosso. Pirassununga vive da exportação de cachaça e a ida de JQ ameaçaria reduzir consideravelmente as reservas dos alambiques locais e conseqüentemente a arrecadação do progressista município.

Catorze dias depois, alfinetava:

- Há tempos que o bizarro costume de cheirar rapé, que intumescce os narizes e leva ao Nirvana seus cultores, desaparecera de nossos salões. Mas agora reaparece gloriosamente, guardado, *comme il faut*, em artística caixinha de prata, nos bolsos do novo embaixador da Dinamarca, que anteontem apresentou suas credenciais ao presidente Costa e Silva. O atchim vai ser geral.

As palavras ainda eram enormes, o texto poderia ficar pela metade, mas o tom era novo, a escolha do assunto, deliciosa. Por que não assinar essas *boutades* redigidas no tom certo da

refinada avacalhação carioca? Zózimo já tinha a percepção de que o segredo era aperfeiçoar o *mix* que Jacinto de Thormes e Ibrahim haviam começado. Dar arte final. Não só a gracinha, mas a notícia importante do mundo político ou da cidade, todas convivendo sem preconceito. Era preciso também equilíbrio no trato da sociedade. Dar seus eventos — e a coluna era um festival de Terezas e Carmens — sem se esquecer de, uma vez ou outra, tirar um sarro de suas pretensões. Como nesta nota, também de julho de 1968, em que narra o cancelamento de uma festa com nobres europeus no Rio:

- As muitas senhoras que já estavam imaginando *toillets* reais, encomendando tiaras e ensaiando reverências, precisam ter um pouco de paciência. Ainda não será dessa vez que elas terão a oportunidade de se exibirem nos salões com a graça, a pompa e a circunstância de suas ilustres bisavós, as condessas, as marquesas e as baronesas dos tempos do senhor Dom Pedro II.

Quando citados em grupo, ou anonimamente, os ricos tinham abordagem assim, não seriosa. Individualmente eram mais respeitados. Um homem que achou uma joia de Josefina Jordan na boate Jirau elegeu a coluna como porta-voz para intermediar sua devolução ao preço de um resgate de “25 milhões de cruzeiros antigos”. Recebeu o “de acordo” no dia seguinte através de outra nota, na qual Jordan dizia esperar apenas a marcação do local da entrega. Pouco tempo depois, uma negociação dessas seria caso de polícia. Em 1968, ninguém via problema. A revolução dos costumes queimava as primeiras barricadas em Paris e na avenida Rio Branco.

Zózimo/Swann fazia o possível para manter o tom. Ele não seria nem Jacinto de Thormes, olhando o mundo com o cachimbo no canto da boca, nem o doidão acendendo um

baseado antes do tempo. “Vai, com jeito vai” era uma marchinha que ele uma vez citaria como filosofia de vida. Tudo muito bom, sem dúvida, com o espírito atrevido de emular a juventude das ruas e enfrentar novos colonistas, como o irreverente Daniel Más, um jovem espanhol. Daniel comandava uma página inteira no *Correio da Manhã*, publicando preferencialmente notícias venenosas que combinassem com seu sobrenome. Cansado de exaltar, o colonista passava a malhar.

Zózimo, por sua índole pessoal, talvez gostasse de partir para a briga, mas a coluna estava colocando em seus ombros um impulso civilizatório. Procurava outros meios de criticar o mundo, embora concordasse que o colonismo precisava mudar. Daniel era seu amigo. Substituía no *Correio* a atriz Rosita Thomaz Lopes. Ela havia sido escalada pelo jornal, também preocupado com a chatice daquelas colunas sempre de bons modos, como elemento-surpresa para dar um sacode no noticiário. Não deu certo. Carmen Mayrink Veiga telefonava todo dia para Rosita, que, intelectual, revirava os olhos, querendo morrer de tédio ouvindo a descrição deslumbrada que a grã-fina fazia das próprias festas. Durou pouco. Rosita, ao escrever, era só elogios, essa coisa antiga.

O trauma provocado pela saída intempestiva de Ibrahim Sued do *Globo* em 1963 ainda estava recente e era usado pelos diretores do jornal como argumento principal para não colocar o nome de Zózimo no alto da página — mesmo que Ibrahim estivesse de volta e com o próprio nome em sua página. Duas colunas de notas assinadas seria demais. *O Globo* não queria enfrentar novamente o perigo de criar uma estrela e em seguida vê-la abduzida pela concorrência. Álvaro Americano, ainda secretário de governo de Negrão de Lima, já tinha falado sobre a insatisfação de seu protegido com Bernard Campos e

M.F. do Nascimento Brito, do *JB* — aqueles personagens da seção *Do Telstar*. E o acaso traçou o resto da história.

Bernard conheceu Zózimo em meados de 1968 num daqueles eventos que faziam a delícia dos colunistas sociais — o voo inaugural de empresa de aviação. Se não era o voo, era o cardápio, ou era o avião. Sempre havia uma companhia de aviação alardeando uma novidade e convidando o colunista e sua esposa para as delícias de atravessar o oceano e nada pagar e a nada ser obrigado — a não ser, se fosse o caso, se assim achasse conveniente, depois dar uma notinha simpática. A dispensa do pagamento de imposto de renda pelos jornalistas (um cala-boca criado pelo governo de Getúlio Vargas) já tinha expirado, mas, para os que gostavam de viajar, a profissão continuava sendo um negócio dos céus, porque se ganhava desconto de 50% nos bilhetes. Ser colunista era melhor ainda: tudo *free*.

Bernard e Zózimo sentaram-se em poltronas vizinhas numa dessas mordomias, mais exatamente o voo que em 1968 inaugurava os serviços da Varig na rota Rio-Tóquio. Era um “avião da alegria”, a ponto de *O Globo* ter liberado, além de Zózimo, outros dois colunistas da casa, Ibrahim e Nina Chavs, para a viagem. Foram vinte e sete horas para chegar de uma cidade à outra, e Bernard teve tempo de sobra para fazer a proposta definitiva: levar Zózimo para o *JB*, aumentar seu salário e assinar o que escrevesse sem qualquer pseudônimo. Era tudo o que ele queria ouvir. Consultou o colega de voo, o também jornalista e naquele momento secretário do governo Negrão de Lima, Arnaldo Niskier. Na volta, aproveitou a parada nos Estados Unidos para, conforme Boy, esticar com Ibrahim até os cassinos de Las Vegas — e entre uma roleta e outra pensar mais um pouco.

Zózimo viu Ibrahim desfazer-se de todo o dinheiro que carregava em uma impressionante maré de má sorte na roleta.

O “Turco” jogava o que não tinha, e Zózimo começou a suspeitar que a polícia entraria em cena a qualquer momento. Ibrahim permaneceu frio. Quando atingiu uma boa quantia de perdas, telefonou para o cônsul do Brasil em Los Angeles e — em sociedade tudo se sabe — este lhe garantiu um cheque.

Em 5 de julho daquele ano, Zózimo deu metade da coluna para noticiar o voo — “que só pode ser bem classificado pela palavra perfeição”. A viagem tinha começado no dia 26 e levara também Yolanda Costa e Silva, mulher do general-presidente. Zózimo agradeceu o convite perfilando todo tipo de elogio ao luxo da recepção, à elegância das japonesas em seus trajes, ao corpo diplomático, tudo perfeito, chegando finalmente ao irrepreensível e bem-dosado “não faltou sequer a inesquecível experiência de um terremoto”. A Varig é chamada de “grande empresa”, elogiada por uma “fieira de êxitos” etc. Foi seu primeiro voo inaugural. Muitos viriam.

Quando Zózimo disse “sim” ao *JB*, em janeiro de 1969, Alberto Dines já tinha tudo esquematizado. Mexeria no tabuleiro do jornal. Sem sofrimentos. Léa Maria, a colunista social, detestava a função. Reclamara quando, no processo de valorização dos profissionais da casa, seu nome fora colocado em destaque, encimando a coluna — justamente o sonho de Zózimo. Havia tempos pedia para fazer qualquer outra coisa, menos se dedicar ao relato de festas e afins num momento em que o mundo explodia na busca de igualdade social. Queria distância dos ricos e de suas joias compradas com o sacrifício do povo brasileiro. Ela admirava os hippies despojados, os homens e mulheres engajados. Namorava Fernando Gabeira, o chefe da Pesquisa, que todos sabiam envolvido na luta armada — e, como prova disso, antes mesmo de sequestrar o embaixador americano Charles Elbrick, ele já tinha esquecido armas no apartamento que um amigo emprestara para ele se encontrar com Léa. A moça era das primeiras, quando

começavam as passeatas na avenida Rio Branco, a descer do prédio do *JB* e se juntar aos manifestantes. Seu primo, Daniel Aarão Reis, que mais tarde se tornaria um aclamado intelectual de esquerda, era membro do grupo que idealizou o sequestro do embaixador. Léa preferia a festa democrática das ruas aos rapapés no apartamento dos Mayrink Veiga. Dines tirou-a desse cenário “alienado”. Ela fazia a coluna de comportamento da mulher moderna, uma das revoluções dos anos 1960 e que o *JB* estava cobrindo mal (*O Globo* tinha um caderno inteiro para isso, o *Ela*, cujos primeiros passos foram dados pela própria Léa).

Zózimo selou seu compromisso com o *JB* num jantar no Le Bec Fin. Bernard, Manoel Francisco do Nascimento Brito, Dines e Álvaro Americano estavam à mesa. No dia seguinte, um tanto mais tímido que antes, um tanto mais gaguejante do que sempre, estava no gabinete de Roberto Marinho para dar a notícia. Era dentro da redação, decorado com tapeçaria do francês Jean Lurçat. Zózimo agradeceu o carinho e o aprendizado daqueles cinco anos, mas estava de saída. Marinho tentou seduzi-lo: “Meu filho, você vai fazer a maior besteira da sua vida. Todo mundo sabe quem é Swann, mas ninguém sabe quem é Zózimo.” O velho homem de imprensa ouviu então uma resposta desafiadora, bem representativa do mundo jovem da década de 1960: “Dr. Roberto, o senhor está na verdade dando um argumento a meu favor. Carlos Swann é o senhor, o pseudônimo é seu, a coluna é sua. Está na hora de as pessoas saberem quem é Zózimo Barrozo do Amaral.”

13

Manoel Francisco do Nascimento Brito carregava em seus um metro e oitenta e nove centímetros de altura uma mistura de referências. Era vaidoso (adorava gravatas suíças, “as melhores do mundo”), atleta (jogou basquete, futebol, golfe, lutou jiu-jítsu com os Gracie, pescou em alto-mar), herói de guerra (cobriu as costas brasileiras como piloto da FAB), educado (estudou jornalismo na Universidade de Columbia) e tinha humor não acadêmico. Adorava verbalizar vulgaridades (ficou célebre a conversa com editores em que explicava serem as mulheres judias portadoras de peles vaginais extras). Foi amparado na observação dessas trivialidades comicamente sacanas que, pelo menos uma vez, acertou publicamente na mosca.

Foi no início dos anos 1990. Os editores do *JB* recebiam a visita de Zélia Cardoso de Mello, que dias depois assumiria o Ministério da Economia no governo Fernando Collor. Brito entrou na sala, ouviu um pouco e, chamado para outros compromissos, saiu. Tinha visto o suficiente. Mais tarde, os jornalistas lhe relataram o que a economista dissera, todos baseados num palavrório de tecnicismo bonito. A sensibilidade de Nascimento Brito fora mais aguda. Veterano no trato com autoridades, percebia em rápidos minutos o que gostariam de esconder. “Vocês viram como ela se senta?”, perguntou, emudecendo os editores. “Essa moça vai acabar se metendo em algum escândalo!”

Numa cruzada de pernas, a ministra mostrara a ele trechos da calcinha, e com isso, na avaliação de seu olho sagaz, revelara as costuras dos perigos em que não só meteria a economia brasileira (confisco da poupança, por exemplo),

como também afrontaria a moral palaciana (ela sairia do cargo após um *affair* brega com um colega casado). Mas desses babados o novo colunista, Zózimo Barrozo do Amaral, trataria na época devida.

O atlético Maneco, como era chamado pelos íntimos, ou doutor Brito, como seus funcionários se dirigiam a ele, respeitosamente, esteve à frente de uma equipe que realizou uma das mais sensacionais reformas da imprensa brasileira. Juntos, transformaram o *JB*, entre os anos 1960 e 80, num dos melhores jornais já feitos no país. Era onde todo jornalista queria estar.

Nos idos de 1952, aos sessenta e um anos de idade, o *Jornal do Brasil* tinha a sua primeira página inteira dedicada aos anúncios classificados. Por dentro, algumas notícias — nada com muita empolgação pelo ofício de informar o que ia pelo mundo. Chamavam-no jornal por uma liberdade poética. O material jornalístico entrava no que sobrava de espaço entre os anúncios. Era “o jornal das cozinheiras”, conforme uma vez discursou, querendo ofendê-lo, o presidente Juscelino Kubitschek, pois não havia melhor lugar para se encontrar uma doméstica. De resto, nulo. Nenhum poder de reivindicação. A empresa, administrada pelo conde Pereira Carneiro, estava satisfeita com os lucros. Fazia um serviço de utilidade pública, era bem recompensada — por que complicar? Outros que fizessem esse tal de jornalismo.

Maneco assumiu funções executivas no *JB* em 1948. Em 1954, ano da morte do conde, a viúva, a condessa Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, deu-lhe o cargo de diretor-geral da Rádio JB. A condessa — também sua sogra, pois ele era casado com Leda Marina, enteada do conde — era uma mulher informada, com amigos na intelectualidade. Queria mudar o perfil do jornal. Visitou redações americanas para saber como algumas tinham feito transição parecida,

trocando o comércio dos classificados por notícia. Foi estimulada por sua pesquisa entre os americanos a dar o salto corajoso: trocava a imagem vencedora de jornal de pequenos anúncios, o único com esse perfil no Rio, pela de jornal qualificado, mas de rendimento a se ver no futuro. Foi aí, a partir de 1956, que começou a segunda missão de Nascimento Brito na empresa — o jornalismo brasileiro nunca mais seria o mesmo.

Ele passou a dirigir o jornal e a ditar seus rumos, todos voltados para um leitor requintado, a elite carioca. Odylo Costa Filho, como editor, deu início à reforma. O diagramador e artista plástico Amilcar de Castro mexeu primeiro nas páginas de esportes, para não espantar o leitor. As fotos ainda eram raras, porém de qualidade, e começaram a ficar mais abertas. Devagar, tirou os fios que sujavam o visual, abrindo claros entre os textos. Ele vinha da *Manchete*, onde a ousadia tinha lhe custado o emprego. Adolpho Bloch, o dono da revista, achava que deixar espaços em claro na página era jogar papel fora.

Na capa, também devagar, Amilcar foi encostando os classificados na lateral esquerda e no rodapé. Três anos depois — a grande data da mudança foi a edição de 2 de junho de 1959 — eles desenhavam na primeira página apenas um L, como se servissem de meia moldura a notícias, manchetes, fotos, essas especificidades jornalísticas. Havia menos espaço para os tradicionais “procura-se empregada”, no entanto o Departamento Comercial não reclamou porque agora anunciar ali era mais caro e não só as empregadas se interessavam. As grandes empresas também. O jornalismo se qualificou e o anunciante, *idem*. Ficaram todos satisfeitos.

Nos anos 1960, o *JB* tornou-se um dos mais bonitos jornais do mundo. Foram várias peças notáveis que, sob a batuta de Nascimento Brito, reformavam o velho veículo das cozinheiras

e aos poucos o levavam até o pico da pirâmide social, transformando-o no mais sofisticado jornal do país — o diário dos patrões. O *JB* avançava sobre as novidades trazidas pelo *Diário Carioca*, contratando alguns de seus profissionais e insistindo na qualidade dos textos. Havia muita coisa a fazer. As reportagens do *Diário*, como de todos os jornais, começavam na primeira página e depois continuavam até por três páginas diferentes na edição. O *JB* fazia um resumo delas na primeira — as chamadas —, deixando que se iniciassem e terminassem, completas, em uma única página interna.

Reynaldo Jardim criara, em meados dos anos 1950, o *Suplemento Dominical* (o *SDJB*), que fornecia aos intelectuais e literatos um caderno de páginas fartas para experiências (o movimento neoconcretista surgiu ali). O editor Jânio de Freitas foi quem levou essas reformas do *SDJB* em torno da cultura para a virada da década de 1960. E, assim, consolidou o *Caderno B*, até então carregado de matérias que não conseguiam entrar no primeiro caderno, como uma referência da cultura na cidade. Se antes da reforma o *JB* se parecia com qualquer outro jornal, depois todos os outros tentariam se parecer com o *JB*.

Pautado pela busca da qualidade e pela observação do moderno jornalismo americano, Nascimento Brito e seus Blue Caps transformaram um calhamaço de classificados num dos monumentos da modernidade nacional, ao lado do traçado de Brasília por Niemeyer, dos acordes dissonantes da bossa nova por Tom Jobim e da câmera na mão do Cinema Novo de Nelson Pereira dos Santos. JK dava o clima para o Brasil criar. Nascimento Brito preocupava-se em liberar seus profissionais para seguir ao ritmo da marchinha que consagrou em 1958 a vitória brasileira nos campos de futebol da Suécia: “Com o brasileiro não há quem possa.” E dizia: “Só reclamo do jornal

depois de impresso, porque senão a redação fica medrosa e não faz nada, paralisa. De jornal não impresso cuida o editor.”

Quando Zózimo chegou, em fevereiro de 1969, o jornal vivia uma fase de acabamento dessas mudanças. Era um processo que M.F. do Nascimento Brito, como ele assinava na página de editoriais, comandava do sexto andar do prédio da avenida Rio Branco, 110, no Centro da cidade. O editor-chefe, Alberto Dines, dois andares abaixo, repercutia com brilhantismo, desde 1962, o clima da empresa, e aos poucos desenhava uma redação profissional para o jornalismo brasileiro. Algumas das novidades:

1. Criou a reunião dos editores, pela manhã e à tarde, para acertar os rumos da edição do jornal que sairia no dia seguinte. Todos se reuniam para um *brainstorming* e iam dando subsídios para o fechamento da primeira página. O jornal virava um produto de equipe, pensado por todos e com uma orientação firme.
2. Dividiu o jornal em editorias. Antes eram todas juntas (Internacional, Esporte, Política, Economia), sem tarefas definidas. Não existia o rótulo de Cidade para as matérias locais, por exemplo. Era Polícia. Surgiu a primeira editoria de Fotografia do país.
3. Criou o arquivo fotográfico, para organizar as fotos publicadas e as sobras. Antes, os fotógrafos guardavam consigo os negativos.
4. Exigiu a compra de dicionários para a redação.
5. Fez o Departamento de Pesquisa, com biblioteca e arquivo de reportagens de jornais e revistas, e o transformou numa editoria que produzia reportagens especiais.
6. Valorizou a assinatura dos textos.

7. Elevou os salários para tentar fazer com que os jornalistas tivessem apenas um emprego (os classificados continuavam uma mina e permitiam que o jornal criasse tabela própria de valorização de seu time, um verdadeiro escrete na época).
8. Privilegiou os profissionais de bom texto e nível cultural, formando uma redação intelectualizada. Clarice Lispector foi contratada para escrever crônicas. No *Globo*, Nelson Rodrigues debochava, dizendo que, por ser de mau gosto literário, “o crime passional estava proibido no *JB*”.
9. Criou um curso de formação de jornalistas, a Escolinha do *JB*.
10. Contratou Zózimo Barrozo do Amaral.

Zózimo, um jornalista da alta classe média mas criado jogando futebol no meio da rua, era um movimento perfeito para consagrar o *JB* como o jornal com o espírito da cidade — e olhe que eram quase vinte diários concorrendo com a mesma intenção. Alguns: *Correio da Manhã*, *O Globo*, *O Dia*, *A Notícia*, *O Jornal*, *Luta Democrática*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Tribuna da Imprensa*, *Diário de Notícias*, *Jornal dos Sports*, *Última Hora* e o semanário *O Pasquim*. O *Diário Carioca* expirara em 1965. Jacinto de Thormes transformara-se, e gostava disso, em cronista esportivo.

O espírito do *JB* era de independência e de linguagem arrojada, enfrentando a censura com as diatribes de Dines e a coragem do clã de Maneco. Um dia, impávido e colosso, coberto com as condecorações que ele próprio havia pregado na farda, conta a lenda das redações que lá ia o presidente Arthur da Costa e Silva visitando as instalações do *JB*. A seu lado, resignada, a condessa Pereira Carneiro explicava o funcionamento da engrenagem, como se dividiam as editorias,

o processo de envio das páginas para a oficina e demais generalidades da operação. Generais, no entanto, detestam generalidades. Impacientes, querem ir direto ao ponto de suas ordens do dia e saber o que lhes é de interesse e regimento.

Foi o caso do general Costa e Silva. Quando a condessa informou que uma matéria narraria a visita, ele quis saber: “Tem elogio?” Pereira Carneiro sorriu, gentil. Disse que, bem, seria publicada uma matéria narrando os detalhes da visita. Adjetivos não iam bem com o texto jornalístico moderno. Costa e Silva, franco como o generalíssimo espanhol que o antecedeu na divulgação das ditaduras, agradeceu. Naqueles termos editoriais a publicação não lhe interessava. Abria mão da pseudo-honraria. Quem gostava de objetividade era jornalista, seu negócio era outro. “Eu gosto mesmo é de elogio.”

Zózimo estreou em 4 de fevereiro de 1969, uma terça-feira, um dia sem nobreza, mas inevitável porque naquela época o *JB* ainda não circulava às segundas. Lançar a coluna no domingo, para uma plateia maior, porém sem continuidade no dia seguinte, seria estranho. Nenhuma matéria ou anúncio cumpriu o dever comercial-editorial de criar uma expectativa, excitar os leitores com o perfil do novo contratado — e com razão. O colunista não tinha perfil suficiente para isso. Nunca assinara nada com o próprio nome. Era uma aposta.

O *début* foi com chamada de capa dentro de fios com o título “*Caderno B* sai hoje com duas novas atrações”. Sobre a coluna de Zózimo, que se chamava simplesmente *Zózimo* e ocupava um pouco mais que a metade da página 3 do *Caderno B*, informava que seria “bastante movimentada” e espanaria para longe o pó do passadismo impresso: “Zózimo faz questão de esclarecer que não é colunista social, que sob sua assinatura o leitor encontrará noticiário diversificado, voltado para a vida da cidade.” Resumindo: um colunista mais perto da máquina

de escrever do que do bufê. Preferindo servir o leitor a ser servido pelo garçom.

A outra novidade era a missão de Léa Maria. A ex-responsável pela coluna de notas na página 3 do *B* passava a Zózimo o endereço — e o abacaxi que ela tanto detestava. Poderia parecer um prêmio de consolação, só que era mais uma boa sacada editorial de Dines. Num momento em que Leila Diniz já soltava a franga da liberdade sexual e os sutiãs viravam cinzas pelas praças do mundo, Léa passava a editar uma seção com o título *Mulher*. Nada a ver com os moldes do costureiro Gil Brandão, que *O Jornal*, dos Diários Associados, publicava para a dona de casa. Léa Maria, enturmada com a fina flor da vanguarda Zona Sul, fazia “a cobertura completa de todos os assuntos de interesse feminino”, dizia a chamada da primeira página junto com a de Zózimo.

Ela estreou bem. *Mulher* daquele dia 4 de fevereiro tinha como atração uma entrevista com Ira de Furstenberg, ex-esposa do playboy Baby Pignatari, italiano naturalizado brasileiro. Era para ser uma coluna a favor da mulher, mas para que a coisa não se cobrisse de um cor-de-rosa exagerado e *démodé*, Léa assumiu ar emancipado. Partiu para cima logo na primeira pergunta: “Não é constrangedor vir assim, receber mesada de um ex-marido?” Ira, mostrando que os sinais do que era mulher moderna e antiga estavam confusos, respondeu firme: “Não acho, não. Vim fazer uma pessoa cumprir o prometido. Vim tratar de um negócio.”

A chamada para essas mudanças vinha abaixo da dobra do jornal, um reconhecimento editorial de que o nome de Zózimo estava longe de ser um apelo para os leitores — e isso numa terça-feira em que as notícias do alto da capa estavam, como se dizia na gíria da época, de lascar o cano. Quem se interessaria pela manchete “Cao Kÿ fará concessões para acabar com impasse”? Talvez para contrabalançar a suspeita de elitismo

com a chegada do colunista, a edição escolheu para a primeira página duas fotos da miséria carioca. Numa delas, mulheres se empurravam no pátio do então Ministério da Educação e Cultura para conseguir cadernos e lápis grátis. Na outra, meninas da favela da Catacumba, na Lagoa, perto da casa onde Zózimo passara a infância e a adolescência, brincavam com um leitão enorme refestelado dentro de uma poça de lama, a possível causa da onda de doenças na comunidade.

Na primeira página ainda estava o “L”, com anúncios margeando à esquerda e no rodapé. Um exemplo de classificado no “L” daquela edição de 4 de fevereiro de 1969:

Precisa-se de mocinha. 15 a 17 anos. Para ajudar com uma criança. Dar referências.

Na capa do *Caderno B*, onde estreava o colunista que finalmente assinava seu nome, estava uma matéria sobre discos voadores, em que se dizia que nem tudo visto no céu como tal assim o era. Seria uma piada? Metalinguagem? O *Caderno B* brilhava como um espaço ousado, o mais perfeito espelho da Zona Sul, com intelectuais de ponta explicando as artes a cada página. Seria demais, no entanto, achar que a matéria do “nem tudo que voa é disco voador” podia ser uma piada interna para falar do novo colunista da página 3 — ele, que tinha todo o jeitão de colunista social, falava das festas da sociedade, mas, de fato, como queria a primeira página, assim não o era.

Por dentro do *B*, os anúncios de uma temporada cultural quente. No teatro, estavam em cartaz Glauce Rocha com *Inspetor, venha correndo*, no Princesa Isabel, entre o Leme e Copacabana; e o Oficina, de Zé Celso, que derrubava as paredes do palco italiano com *Galileu, Galilei*, na Maison de France, no Centro. A MPB brilhava com *De Cabral a Simonal*,

no Teatro Toneleros, em Copacabana; Ataulfo Alves, no Novo Sarau (na Gustavo Sampaio, no Leme); Maria Bethânia, na Sucata. No Cine Paissandu, no Flamengo, começava um festival com os melhores filmes de 1968 (*Pickpocket*, *As duas faces da felicidade*, *Os guarda-chuvas do amor...*).

Os restaurantes e boates para ir depois dessa maratona cultural, pelo menos os anunciados naquela semana no *Caderno B*, eram Bierklause, Castelinho, Le Relais, Acapulco, Churrascaria Tijucana, Sucata, Drugstore e Sobradinho — todos desaparecidos. José Carlos Oliveira, que dividia o espaço dos cronistas, na página 2, com Carlos Drummond de Andrade (a partir de outubro de 1969) e Clarice Lispector, às vésperas daquele Carnaval escrevia sobre a Banda de Ipanema, que saía nas ruas pelo quarto ano consecutivo. Trecho: “Lá vamos nós, os inocentes, os desesperados de Ipanema.”

O nome *Zózimo* vinha no alto da página num corpo de letras quase do mesmo tamanho daquele usado para imprimir o cabeçalho do jornal na primeira página. Era um logotipo classudo, criado pelo diagramador Ivanir Yazbeck. A assinatura completa do nome, que havia feito Barrozo do Amaral deixar no *Globo* a alcunha de Swann, vinha ao pé da página. Entre as notas daquele dia, nenhuma notícia bombástica que fizesse o diretor de redação gritar o cinematográfico “parem as máquinas!”. Poderiam ter saído na véspera ou no dia seguinte — mas serviam como boa apresentação do que viria por aí. Eram onze notas (e mais o *Ponto Final*, a versão do *Do Telstar*:), algumas um tanto grandes, outras chupadas de publicações estrangeiras. O estilo estava acanhado, duas delas começavam com lamentáveis advérbios de modo (um “realmente” e outro “evidentemente”). O *mix*, no entanto, era curioso.

A veterana Carmen Mayrink Veiga, nas páginas desde Jacinto de Thormes, e queridíssima por Zózimo, estava lá.

Palpitava sobre os desfiles que acabara de ver na Europa (“a moda agora estará sempre dirigida ao binômio jovem e pra frente”). Como contraponto a essa velha guarda, vinha a única foto da coluna, o rosto moderno de Heleninha Brenha, da nova sociedade. A legenda informava o que ninguém, apenas a família da moça, estava interessado em saber: “Heleninha Brenha está indo para Lisboa comemorar os 90 anos da avó de seu marido.”

Em sua estreia, Zózimo entregou aos leitores do *JB*, ainda em porção limitada, aquilo que mais lhe interessava — o humor, a sacada tirada dos fatos jornalísticos, apresentados por um olhar com o frescor inconveniente dos jovens. Ele narra o encontro do ex-ministro da Justiça de JK e futuro de Ernesto Geisel, o septuagenário Armando Falcão, e o imortal e octogenário Austregésilo de Athayde. Falcão pergunta pela mãe do escritor (noventa e quatro anos) e este pela avó do político (cento e seis anos) — ambas são dadas com saúde extraordinária. Daí encerra a nota sobre os não exatamente populares senhores:

- Isto significa que tão cedo a Academia Brasileira de Letras não mudará de presidente e por muitas dezenas de anos ainda teremos o sr. Falcão atuando na política brasileira...

Não havia crítica direta à longevidade dos senhores, nem precisava. Zózimo estava apresentando as reticências de sua ironia e seu espírito crítico. A propósito: vinte anos depois, em 4 de fevereiro de 1989, Zózimo congratulava o aniversário da coluna e reproduzia a nota, explicando que ela estava na primeira coluna publicada no *JB*. Como os dois cidadãos mencionados ainda estavam vivos e atuantes, Zózimo reproduzira as notas. Ao final, depois do “por muitas dezenas

de anos ainda teremos o sr. Falcão na política brasileira”, ele botou simplesmente: “Pois é.”

Em destaque na coluna, um editorial como o de Álvaro Americano, porém sem nariz de cera. Reclamava da derrubada de árvores para se fazer um viaduto em Botafogo e da retirada de um frontispício, de Mestre Valentim, do Passeio Público. Um colunista que podia ser social, mas saía dos salões e passeava pela memória da cidade. Parecia bater perna pelos bairros, e o fato de o *Jornal do Brasil* estar no centro do Centro, no meio de sua principal avenida, ia ajudar como posto de observação. O poder político tinha se mandado para Brasília, a grana estava em São Paulo e o Rio, sem árvores, sem obras de referência, podia estar perdendo a força do charme, todavia naquele momento os problemas ainda eram apenas os da violência administrativa municipal — e Zózimo estava atento.

Acima de tudo, havia já na primeira coluna a imensa gargalhada sobre a grã-finagem. Ele sempre fora um dos personagens daquele mundo, os pais frequentando o Jockey e as colunas de Jacinto. Agora tornava-se a própria personificação em papel de jornal dos ricos, o arauto de seus feitos — só que, no embalo dos anos 1960, estava de olho nos defeitos e suas ridicularias. Uma nota anunciava que não vinha para animar o coro dos contentes, e sim rir deles e ficar com o riso em riste. Em “Viagem diferente”:

- Uma senhora do *society*, muito conhecida e que passa grande parte do ano viajando, teve que fazer uma outra viagem, mas esta a contragosto e bem mais curta do que as anteriores à Europa, à Ásia ou aos Estados Unidos. Teve que descer de Itaipava, pois as autoridades haviam descoberto que num grande terreno de sua propriedade ela alugava por

50, 100, 150 cruzeiros novos, mensais, pequenos lotes onde famílias miseráveis construíaam seus barracos de favelados.

O tom não era de denúncia, tanto que o nome da senhora é omitido, mas de *disgusting*, algo proustiano, do tipo “bem, isso não é sério”. Ele estava no caminho certo que previra na conversa com Roberto Marinho, no *Globo*. Dava para perceber que havia algo diferente naquela página, uma grife com chancela personalizada e não mais um pseudônimo entubando notas da direção do jornal. Era um colunista em carne, osso e também músculo. Naquele mesmo ano, num show na boate Sucata, Abelardo “Chacrinha” Barbosa, apresentador de TV, já colocava o colunista entre os seus bordões gaiatos: “Alô, alô, Zózimo Barrozo do Amaral, como vai o seu pau?”

Ele tinha dado apenas a primeira no jornal, mas ia bem, obrigado, o pau do Amaral.

“E aí, Verinha, tinha *champa* da boa?” Vera Bocayuva, vinte e três anos, chegava todo dia à redação do *Jornal do Brasil*, no terceiro andar do prédio, por volta do meio-dia. Sabia que seria essa a primeira pergunta de Zózimo, seu chefe. Quase sempre a resposta era afirmativa. Ela foi a primeira repórter da coluna, atividade para a qual não havia se preparado. Era formada em desenho de moda por uma universidade americana. A vida que levava e o sobrenome tornaram natural a aproximação com Zózimo. Filha do deputado Bocayuva Cunha, amigo de Nascimento Brito e bem relacionado na sociedade, ela era típica representante da geração pão com cocada, como rotulava Ibrahim Sued. Frequentava praias e festas, sem preocupações profissionais.

Quando entrava em casa e perguntava à empregada quem tinha ligado, a cocadinha ficava sabendo que, além dos recados dos amigos da praia, havia os de senhores sérios e bem mais velhos. Ela os conhecia apenas das páginas dos jornais, assinaturas como a do próprio Ibrahim e Zózimo, ainda no papel de Carlos Swann. Eles sabiam dos contatos de Verinha, eram amigos de Bocayuva Cunha, fonte generosa, um homem articulado com as facções de esquerda. Uma coluna se faz de diversidade, e ela, jovem, frequentadora do Le Bateau, da praia da Montenegro, rua que depois se chamaria Vinicius de Moraes, em Ipanema, e do Cine Paissandu, sabia de tudo que acontecia no mundo jovem. Os colunistas passaram então a, num só telefonema, pegar notas de política com o pai e, em seguida, do frenesi jovem com a filha. Era um segmento difícil de ser vasculhado por homens mais velhos. Ansiavam por

informações daquilo que, seguindo a onda francesa, chamavam de *jeunesse dorée*.

Verinha tinha sempre alguma coisa para passar aos amigos do pai. Quando este a convocou para trabalhar — qualquer emprego, mas que parasse com a rotina de praia-e-festa —, a jovem não teve dúvida. Levaria aquilo a sério. Disse que poderia ajudar os colunistas a encher suas páginas.

A operação trabalhista foi simples. Bocayuva Cunha falou com Maneco Brito, que falou com Zózimo, que achou ótima a ideia — afinal só tinha a secretária, Marly Gonçalves, que levava do *Globo*, para ajudar na garimpagem das notinhas. E lá estava Verinha, agora profissionalmente, fazendo a ronda das *champas* para o novo colunista social do *JB*. Ela logo percebeu as durezas de um batente. Cobrir a sociedade jovem era diferente de frequentá-la. O que era notícia?

Um dia, uma nota que começou com apuração de Pomona Politis, fonte de Zózimo no Itamaraty, passou pela mão de Marly e foi escrita por Verinha. Era uma combinação explosiva de duas novatas — Zózimo estava viajando — e deu-se o *tilt* inevitável. Elas se acusaram pela “barriga” e não se chegou à conclusão sobre o responsável pelo erro de informação. Lamentavelmente, saiu que o embaixador Renato de Lacerda Lago assistia comovido, no Itamaraty, à condecoração da esposa, a embaixatriz Esther Proença do Lago, com a medalha Tamandaré. A nota, em sua tentativa de exatidão, colocava até um chapéu Belot na cabeça de Lacerda do Lago — e tudo teria sido de fato elegante, lindo e nobre, merecedor de espaço jornalístico, não fosse o fato tristemente real de que o embaixador já não estava entre nós havia dezessete anos. Sua Excelência morrera enfartado.

A embaixatriz ligou enfurecida, passou um sabão em Marly e em Zózimo, que chegara da viagem justamente no dia da publicação da nota. Não havia o que fazer a não ser partir para

o lamentável desmentido. Zózimo foi para a máquina — ele agora já datilografava, com dois dedos — e acertou o status do embaixador. *Errare humanum est.*

- Quem assistia comovido ao lado do embaixador Vasco Leitão da Cunha à condecoração da embaixatriz Esther Proença do Lago, viúva do embaixador Renato do Lago, com a medalha Tamandaré, era o embaixador Mauricio Nabuco, seu velho amigo. É óbvio que a pessoa que informou a coluna cometeu um equívoco.

Apesar dos problemas, Verinha poderia ter continuado por muitos anos com o trabalho. Gostava da tarefa. O jornal lhe pagava para frequentar festas e bater papo ao telefone. Ela foi uma das vítimas, no entanto, do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, em 4 de setembro de 1969. Verinha estava na casa da família, em Santa Teresa, acompanhando pela TV o desfecho do sequestro: ao mesmo tempo que os presos políticos trocados pelo embaixador chegavam ao México, o embaixador chegava em casa. Foi aí, em meio a esse troca-troca, que duas dezenas de soldados do Exército interromperam o almoço de domingo dos Bocayuva Cunha. A família foi presa e, antes de chegar ao xadrez, todos já sabiam o motivo. Helena, irmã de Vera, alugara outra casa da família, em Santa Teresa mesmo, para os sequestradores. Ela era da Dissidência Comunista da Guanabara, grupo que apoiara o MR-8 na ação. Com exceção de Helena, os Bocayuva eram inocentes — mas foram necessárias duas semanas em cana para deixar isso claro.

Na primeira semana de cadeia na Vila Militar, em Deodoro, Verinha recebeu de Zózimo e dos colegas do *JB* uma cesta de comidinhas e bebidas. Viu Paulo Francis passando, preso, do outro lado do pátio — e foi advertida pelo pai a desconhecer

quem quer que fosse, inclusive o famoso jornalista do *Pasquim*. Não houve tortura, apenas o terror natural da prisão, a indignação pela arbitrariedade e os interrogatórios *nonsense* do major Moacyr Fontenelle.

“O que a senhora faz?”, perguntou o major, que depois ganharia honras militares por prender Cid Benjamin, jornalista, um dos líderes do sequestro.

“Eu trabalho na coluna do Zózimo”, respondeu Verinha. Ela tentou colocar alguma notinha de humor no interrogatório, esvaziando qualquer suspeita que ainda pudesse existir sobre a sua virulência política. “Conto amanhã o que Didu e Tereza de Souza Campos fizeram ontem à noite.”

“Por que a senhora não conta o que a gente faz na luta contra o terrorismo?”, devolveu Fontenelle.

“É porque eu não conhecia o senhor, agora vou passar a noticiar.”

Verinha não pôde mais noticiar nada. Depois de ser libertada, ainda se refazendo do susto, recebeu a visita em casa de Wilson Figueiredo, editorialista do *JB*. Ele cumpria ordens da condessa Pereira Carneiro. Lamentava muito, mas os tempos não permitiam que o jornal mantivesse em seus quadros alguém envolvido em uma questão de segurança nacional. Verinha, colunista por seis meses, estava demitida do trabalho de ir às festas pautada pela coluna. Voltava a ser apenas uma linda cocadinha na praia do Posto 9, a da intelectualidade de Ipanema.

As tentativas seguintes foram Diane Lisbona, ex-aluna de Alberto Dines na PUC, e Gilda Chermont de Brito, também da alta sociedade. Parecia que Zózimo gostaria de deixar esse braço social para um repórter, enquanto ele caía com mais dedicação na apuração das notícias. Anna Maria Tornaghi, a ex-colega do Andrews, agora com escritório de relações públicas, chegou a fazer *freelance* para a coluna. Ela acertou o

mesmo tipo de contrato com Fernando Zerlottini, o novo redator da coluna *Reportagem Social*, que continuou a existir assinada pelo personagem Carlos Swann após a saída de Zózimo do *Globo*. Anna firmou contrato ainda com Daniel Más, no *Correio da Manhã*. Cada colunista pagava a ela do próprio bolso e com favores diversos. Zózimo, por exemplo, tinha conseguido uma boca-livre para Anna e convidados no Flag, o bar e restaurante de José Hugo Celidônio, em Copacabana. A experiência não foi adiante. Como distribuir as notas sem parecer privilegiar alguém? Todos três colunistas reclamavam ao mesmo tempo de terem sido negligenciados por Tornaghi. Nada que abalasse a amizade dos três, que se adoravam na vida real e curtiam trocar farpas.

“O colunista Daniel Más, na plateia do Municipal, vendo Ella Fitzgerald, estava elegante no seu conjunto de colete e terno roxo-quaresma”, escreveu Zózimo, como se alguém pudesse ficar elegante num charivari cromático daqueles. “Zózimo Barrozo do Amaral finalmente aparou o bigode”, devolveu Daniel, achando *old fashioned* a mania do amigo de cultivar um bigode que não se via mais em rosto jovem algum.

Renato Machado, que havia largado o teatro e estava na editoria Internacional do *JB*, passava para o colega do Andrews muitas notas por escrito (“depois ele colocava as vírgulas dele, o desenho dele, e ficava muito elegante”). Chegou a substituí-lo pelo menos uma vez, numa ausência do titular para cobrir o torneio de tênis de Roland Garros, na França. Carlos Leonam, com experiência de coluna — antes da chegada de Zózimo ao *JB* editava a deliciosa *Carioca Quase Sempre* —, também assinou a página durante férias ou viagens do titular. Por alguns meses Zózimo fez a coluna só com a ajuda da secretária, Marly. Nem sempre tinha a sorte de receber a visita de um Elio Gaspari, por exemplo, que chegava, já tendo deixado a coluna de Ibrahim e trabalhando como repórter da

Veja, cheio de informações. Contava de boca as histórias e Zózimo pedia uma colher de chá maior ainda. Que o amigo se sentasse e datilografasse o que tinha, com seu texto impecável.

O sonho de consumo de Zózimo chamava-se Telmo Martino, o redator que desde 1970 trabalhava no *Correio da Manhã* com Daniel Más, colunista também adepto da ideia de que as colunas sociais andavam precisando de uns cascudos — e a propósito de cascudos, Telmo e Daniel levaram muitos, de homens que não gostaram do modo como haviam sido citados. Uma vez, por exemplo, o banqueiro Antonio Carlos de Almeida Braga cruzou com Daniel no Aeroporto Santos Dumont e deu-lhe vários. Dias antes tinha sido chamado de “gordo” numa nota. No dia seguinte ao encontro no aeroporto, viu no jornal uma correção típica de Daniel Más: “O banqueiro Braguinha está magro como uma sílfide” — e aí só coube a Braguinha cair na gargalhada e deixar para lá.

Daniel Más dava um sacode com uma coluna serelepe. Chegava à redação de óculos escuros, para esconder as avarias que os adversários (anotem-se ainda os safanões de Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Gustavo Dahl, José Colagrossi, o Zezito, e Eric Waechter) lhe faziam nos olhos e onde mais os socos acertassem. Tinha dias que Daniel ia de sobretudo amarelo. Pulava na mesa e gritava: “Chegou o sol, e o sol sou eu.” As notas, na contramão dos bons modos de Carlos Swann, Ibrahim e Zózimo, eram apimentadas além do ponto. Como não frequentava a alta sociedade, embora estivesse louco para chegar a seus salões, Daniel Más inventava notícias, separações, traições e toda sorte de esquentamento jornalístico. Era um tempo em que as colunas não chamavam ninguém de “boa-praça”. Pelo contrário. Era a redação contra o resto do mundo. Daniel foi ficando sozinho, uma porta atrás da outra batendo-lhe na cara. Numa dessas diatribes, noticiou que na véspera o cronista Rubem Braga havia desmaiado, bêbado,

em cima de um prato de macarrão no Antonio's — e a própria repórter da coluna, Maria Lucia Rangel, em protesto, pediu demissão. A mão da coluna pesara demais.

Zózimo queria humor, farpas, sim, mas com elegância, e que não lhe tirasse as fontes. Algo irreverentemente classudo, que quando o atingido reclamasse pudesse até ser convencido, numa boa conversa de telefone, de que a nota irônica lhe era simpática. Telmo Martino, o redator de Daniel Más, era o que os ingleses chamam *witty*, o sujeito culto de tiradas rápidas e divertidamente mal-humoradas. Sacaneava com erudição. Não escrevia frases, envenenava palavras. Tinha apreço orgulhoso, como era típico do jornalismo da época, de a cada linha fazer um inimigo.

A coluna de notas que Telmo escreveu entre 1973 e 1985 no *Jornal da Tarde*, do grupo do quatrocentão *O Estado de S. Paulo* (na época, *rempli de soi-même*, o *Estadão* torcia a cara para colunas sociais), não tinha notícias exclusivas. Telmo desconhecia esse negócio de perseguir o furo de reportagem e acenar ansioso para o Prêmio Esso, o estresse básico da pauta de um jornalista convencional. Não era um repórter, mas um monumento de estilo constituído de precisão redacional e maldade inteligente. Trinta anos depois de Joel Silveira, era o novo “Víbora”. Sua coluna parecia feita na medida e nada mais para o projeto moderno do *JT*, que também apostava em longas reportagens de bom texto, no feitio do *new journalism* americano. Com seu tom entre o jornalístico e o literário, Telmo era aonde o *JT* queria chegar. Um objeto não identificado na sufocada, pela censura e pela caretece, imprensa nacional.

A atração daquela tripa vertical do segundo caderno do *JT* era justamente o estilo do texto de Telmo. Assim como suas roupas recendiam a Savile Row ao voltar, nos anos 1960, de uma temporada como redator da BBC, em Londres, o perfume

literário mais próximo a inspirar sua escrita era o de escritores com tendência ao humor sofisticado, como Evelyn Waugh. Telmo juntara a classe de suas frases à boa percepção de que jornalismo é pau na canalha, algo que Zózimo, ainda preso à necessidade de na noite seguinte ir às festas, fazia com cuidado. Trinta anos depois de Jerry/Cornélio Procópio, Telmo cruzava a avenida Paulista na contramão dos rapapés. São Paulo abria o *Jornal da Tarde* tremendo.

- Os livros de Nélide Piñon, Rachel Jardim, Neide Archanjo, Hilda Hilst e Marina Colasanti não participarão do Baile do Livro. Não querem passar a noite inteira tomando um inevitável chá de cadeira.
- O escritor de novelas Antonio Calmon tem algo em comum com James Joyce. Prefere o artista quando jovem.
- Todos os americanos que são cantores e instrumentistas de jazz já foram avisados. Só assinarão contrato para apresentação em festival paulista com cláusula especificando que o texto de apresentação não terá humor assinado por Carlos Eduardo Novaes. Como descobriram os músicos do Free Jazz Festival, enfrentar plateia fria é difícil. Esquentar plateia constrangida é impossível.
- Tudo leva a crer que Jorge Amado aprendeu a escrever com as cozinheiras baianas. Ele exagera tanto nos temperos típicos que o essencial se torna indiferente.
- Sem paciência para esperar um historiador que talvez nunca apareça, José Mojica Marins resolveu fazer, ele mesmo, um filme sobre os seus filmes. Dá, assim, mais uma

prova de que acreditou nos que decidiram chamá-lo de *auteur* do fantástico precário.

- Dias Gomes é como costureiro brasileiro. Não lança moda, mas entra, rápido, na que está fazendo mais sucesso.

As celebridades surgiam na coluna como “escadas”, coadjuvantes de um show onde o astro era o talento de Telmo. Quase todas eram tratadas como decadentes, mas com que elegância! Num tempo em que a ditadura censurava as páginas políticas dos jornais, aquele espaço parecia ter a primazia de falar mal da humanidade. Era o jeito de ser do autor, que, nas horas vagas, afiava a língua com outras serpentes cheias de chocalhos, Ivan Lessa e Paulo Francis, seus maiores amigos. O deboche era-lhe parceiro de todos os momentos — e incontrolável.

O escritor Humberto Werneck conta que estava na redação do *Jornal da Tarde* em 1972 quando o jornalista Flávio Márcio convidou Telmo, de natureza tímida e ainda desambientado, a conversar enquanto diagramava uma página. A fim de impressionar o recém-chegado e animar a conversa que não deslanchava, Flávio desabafou do nada:

“Sabe, eu gostaria mesmo é de ser uma puta internacional.”

E Telmo:

“Ué, viaja!”

Pela coluna não viajavam mais do que cem personagens, gente que ele tratava obsessivamente com uma marca especial. Para cada um, abria vírgulas e colocava um apostrofo mordaz, geralmente cruel, quase sempre exato e definitivo. A cantora Tetê Espíndola carregou para sempre o epíteto de “sirene do apocalipse”. Othon Bastos era “o ator que podia ter sido Johnny Carson, mas preferiu ser Ferreira Netto”. A psicanalista Betty Milan, “La Goulue do Lacan-can-can”. Aracy

Balabanian, “a primeira atriz da Lassie School of Acting”. Lélia Abramo, “a última fã da Bruxa Malvada do Oeste”. Todas essas pessoas recebiam nos demais jornais um tratamento cheio de pompas e circunstâncias. Telmo as colocava no tamanho natural de suas verdadeiras dimensões humanas. Todas impressas com o seu currículo de ridículos. Claro, às vezes tinha troco.

Um dia, alvejado por essas alcunhas, o poeta Mário Chamie aproveitou que Telmo passava à sua frente numa festa e sapecou-lhe um chute na bunda. O crítico Olney Krüse, que fazia curadoria de arte *kitsch* — e ele próprio, com suas roupas e anéis, segundo Telmo, era um tumultuado exemplo desse tipo de arte —, foi até a mesa do colunista no *JT*. Tirou-lhe os óculos, jogou-os ao chão e pisoteou as lentes até que virassem pó. Nada disso impressionou Telmo (“inocente como uma mosca que aceita convite de aranha”). O processo judicial e a agressão física são do jogo do colunismo, glórias que devem ser anexadas às primeiras linhas do currículo. O humorista e escritor Millôr Fernandes, um dos poucos ídolos nacionais de Telmo, dizia que jornalismo é oposição, o resto não passava de armazém de secos e molhados.

O colunismo de Telmo era o que havia de mais bem escrito no mundo do glamour em São Paulo, embora enxergasse toda aquela cena pelo lado oposto (“O melhor da ópera é o lustre”). Se os personagens citados sofriam, os leitores morriam de rir. Ele criou tribos. Quando falava de alguém bicho-grilo, cabeludo ou fã da cantora argentina Mercedes Sosa, chamava de tribo “poncho-e-conga”. Para se referir à colônia italiana rica e fã de música clássica, cunhou a tribo “Scala e scarola”. O político Paulo Maluf, o empresário Henry Maksoud e descendentes da riqueza árabe eram da tribo “quibe-e-quilate”. O rabino Henry Sobel e seus associados de fé faziam parte da tribo “kosher-e-kibutz”. Os orientais da turma da artista

plástica Tomie Ohtake, comilões e educados, “tempura-e-mesura”.

Telmo partia do princípio de que seu leitor tinha tanta informação quanto ele. Enquanto os manuais de redação exigiam clareza, não perdia tempo explicando as piadas encartadas nas referências que citava aos borbotões. O baiano Caetano Veloso, por exemplo, era chamado de “Mallarmé do afoxé”, “o Cocteau do agogô” ou “o Rimbaud do bongô”. As notas conversavam com a elite intelectual, os ricos de ideias — os outros ricos, os que não entendiam, que fossem ler o Tavares de Miranda, que escrevia como se fosse um tabelião no cartório. Era o colunista concorrente, da *Folha de S.Paulo*. Usuário de gravata-borboleta no pescoço e no texto, cobria os quatrocentões do dinheiro velho. Só elogio e salão de chá.

O sonho de Zózimo era ter Telmo na mesa ao lado, na redação do *JB*, para radicalizar o que queria imprimir na coluna. Um colunista bobão, sem fontes, que só fala com assessores, pode tropeçar num furo e um dia fazer estrago na concorrência. Mas e nos outros trezentos e sessenta e quatro dias do ano? “Notícia-notícia é uma obrigação no resto do jornal, mas deve ser um detalhe na coluna”, dizia Zózimo. “O principal é ter graça, mexer com o leitor e provocar um riso inteligente nele.”

Em 1972, ele foi a São Paulo apenas para almoçar com Telmo, que ainda era um simples redator do *Jornal da Tarde*. Fez-lhe uma proposta salarialmente dos sonhos, potencializada pela chance de voltar a morar no Rio. Foi aí que o *Jornal da Tarde* resolveu transformar seu colaborador numa estrela e o presenteou com a coluna mais um salário suficiente para comprar todo o estoque da Savile Row que julgasse necessário.

Era uma noiva difícil, fosse qual fosse o nome que o profissional tivesse, aquela que Zózimo procurava para dividir

um aquário de redação e, na saúde e na doença, se entregar em dupla à busca insaciável de informações para divertir o leitor. Jogar em equipe. Até mesmo naquilo que o país tem de mais notável, o futebol, a tradição brasileira não é de espírito coletivo — é a de dar asas aos craques. A saúva e também o individualismo, os males do Brasil são. Entre as duplas de criação estão Pelé e Coutinho, Bebeto e Romário, Rivaldo e Ronaldo — e assim ganhamos muitas taças com nossos times ou seleções. Sobram outras poucas. É o país de Oscarito e Grande Otelo, Cosme e Damião, Tônico e Tinoco, Tom e Vinicius, Tancredo e Trancado, Erasmo e Roberto, Carequinha e Fred, Jackson do Pandeiro e Almira, Mônica e Cebolinha — e Zózimo e Fred.

Fred Paulo Suter era elegante, a despeito de gostar de uísque com suco de maracujá. Vestia-se apenas com camisas na cor azul-clara, como Zózimo (de uma delas, comprada na Brooks Brothers, de Nova York, tinha onze unidades, exatamente iguais). Andava para dentro, com o braço colado ao corpo, sem qualquer possibilidade de ginga ou balanço, com passos curtos e medidos. Falava baixo, sorria sem ruído, quase sempre com a mão na boca, e parecia sonhar com a invisibilidade. Uma postura física que alguns rotulavam de fina e outros de reprimida. Detestava futebol. Claro, não era brasileiro. Fred nascera na Suíça, filho de um comerciante de armas. Do pai, herdara o humor ácido e uma arma de pequeno calibre, com a qual andava — e gostava de alardear o fato —, embora nunca se tenha sabido de um tiro seu. Herdou também um violino Stradivarius.

Ele parecia estar em permanente estado de defesa, tenso, desconfiado, protegendo-se de gargalhadas altas e de qualquer estupor de alegria característicos do tradicional gente boa brasileiro. Detestava arroubos sentimentais, festinhas de aniversário na redação e gente que falava assim, festinha,

saladinha, fofinha, abusando dos diminutivos. Não à toa, podia ser visto na redação trincando a seco pastilhas de Alka-Seltzer para conter a ansiedade e o mal-estar diante da euforia carioca ao redor. Tudo isso, evidentemente, colava em sua figura, de um metro e setenta e dois centímetros, a pecha de almofadinha pedante. Não ligava. Fred fugia dos simpáticos. Orgulhava-se do humor contra todos e genialmente desconcertante. Quando uma de suas mulheres, na separação de bens do casal, depois de ser aquinhoadada com vários valores de grande monta ainda insistiu em dividir o tapete persa, ele não teve dúvida. Pegou uma tesoura, cortou o tapete ao meio e mandou a parte dela pelo correio.

Gostava de se fazer de mal-humorado. Diante do mendigo que lhe pedia esmola para almoçar, negou-se — “senão você fica sem fome pra jantar”. O homem detestava música popular (“Cartola e Clementina são insuportáveis, pior só o Chico Buarque”). Achava que a Lagoa Rodrigo de Freitas poderia ficar melhor, “mais prática”, se a azulejassem e fizessem um estacionamento. Adorava o frio, as neves da Suíça que deixara bem menino. Fred era adepto daquele pensamento de Millôr Fernandes de que “o humor compreende também o mau humor. O mau humor é que não compreende nada” — e a humanidade, mal-humorada, insistia em não curtir a metralhadora esnobe de Fred. “Ô da pobreza”, era como ele chamava o diagramador do jornal, achando que estaria sendo entendido na vontade de fazer graça. “Vamos fechar a coluna porque tenho que jantar no Antiquarius.” Os da “pobreza”, pobres também de risos, detestavam ser flagrados nessa condição.

Apreciava se declarar de direita, de apoiar os políticos na contramão do esquerdismo das redações, de confessar voto em Paulo Maluf — mas tudo isso dentro de inteligência irresistível. Um dia, por exemplo, ele estava numa daquelas reuniões em

que o Departamento de Marketing mostrava aos editores as entrevistas que haviam feito com leitores para saber como estava a aceitação do veículo. Por que eles liam o *JB* e não *O Globo*? Todos os leitores falavam de como eram geniais o espírito democrático do jornal, a sabedoria de seus colunistas, o talento dos cronistas etc. Jornalistas, antigamente, costumavam rir dessas reuniões. A seus olhos debochados, não passavam de pretexto para alguém do RH ou do Marketing ganhar um dinheiro com a encenação. Não tinham proveito para quem fazia o conteúdo do produto. O leitor ainda não era um parceiro que ajudava a redação a fazer o jornal pelo WhatsApp, mas um sujeito a quem se entregava toda manhã o pacote de papel impresso — e ele que se virasse. Não se conhecia muito bem o freguês. Aliás, nem se estava muito interessado em conhecer. Na saída da reunião com o pessoal do Marketing, lá estavam os jornalistas debochando da patacoada do RH. O chargista Chico Caruso deixou a sala com Fred e Zózimo e ouviu o primeiro perguntar: “Zózimo, sabe por que eu leio o *Jornal do Brasil*?” — e, sem esperar a resposta do outro, completou: “Porque *O Globo* já esgotou na banca.”

Fred Suter e seu chefe tinham abandonado o curso de direito, falavam um ótimo francês, faziam sucesso com as mulheres, só usavam camisas azuis e adoravam rir de todo mundo, embora Zózimo fosse mais generoso com as pessoas.

Uma moça perseguiu Fred por muito tempo com instintos amorosos vorazes, até que ele, sem empolgação, resolveu convidá-la para ir ao apartamento onde morava, no Morro da Viúva. Tomaram os drinques de costume, trocaram os beijos de praxe e, quando não havia outro jeito senão partir para o inevitável congoçamento carnal, Fred impôs uma condição cruel. Ela deveria pegar o elevador, ir até o primeiro andar e voltar do mesmo jeito que desceria — nua. Era alta madrugada. A moça contabilizou o risco de ser surpreendida. Parecia uma

nova versão da roleta-russa, quando se atira na própria cabeça apostando que não será deflagrada a única bala posta no tambor do revólver. A proposta de Fred era uma roleta-russa da moral. A moça achou que o rapaz valia a pena. Pelada, desceu os sete andares, numa época em que as câmeras de segurança ainda não estavam instaladas em todos os cantos, e subiu de volta, virgem de olhares — dando-se só aí os finalmentes pelos quais, ao capricho típico de Fred, ela tanto se humilhara.

Fred tinha poucos amigos, apenas os capazes de conviver em paz com essas idiossincrasias. Tinha paixão por cachorros da raça pastor-alemão (foram três, em épocas diversas, Dick I, Dick II e Dick III, como se nobres distintos de algum império fundado por Fred, a propósito, defensor da monarquia). Ele colecionava *stirrers* (aqueles pauzinhos com que se mexe a bebida) e carros antigos, esta última era outra mania herdada do pai. Chegou a ter um Rolls-Royce de peças falsas, um Mustang, um Alpha Romeo e um Porsche. Na tentativa que sempre manifestou de emular um Zózimo (os dois usavam estranhíssimas camisas de gola alta), quando este teve um Puma vermelho de capota preta Fred repicou com um Puma preto de capota branca. Chegou a brincar que era um Flamengo e Botafogo, mas não era verdade — não torcia por clube nenhum.

Foi num Galaxie Landau LTD, que com uma acelerada gastava um tanque de gasolina, que certa vez subiu até Teresópolis para passar um fim de semana com o amigo e assessor de imprensa Roberto Mota na casa da jornalista Anna Maria Ramalho. Criaram, num exercício debochado bem ao gosto de Fred, a Vigaristur, empresa que se dedicaria com esmero a meter o turista em roubadas. Ao final dos trabalhos, segundo Anna, decidiu-se que “o cliente, estrangeiro de preferência, compraria uma viagem a Gramado e iria parar em

Teresópolis, onde os carneirinhos prometidos seriam os bodes da pracinha do Alto, cobertos por colcha de chenile branca. A viagem para os cantões suíços terminaria em Campos do Jordão — e os diretores da Vigaristur só embolsando uma grana preta à custa dos incautos”.

Anna apelaria para o mote da Vigaristur para melhorar o astral sempre que Fred se mostrasse melancólico — e não era difícil encontrá-lo assim. Seu relacionamento com a mãe tinha complicações — e lá ia ele se aproximando mais uma vez de Zózimo —, pois se declarava desconsiderado por ela na infância. Também bebia muito (de preferência o uísque Cutty Sark em copo longo), até ser desaconselhado pela diabetes. O perfil era de um homem triste, carente, mas dedicado a cobrar do mundo, com humor ácido, tudo o que ele lhe tirara de esperança.

Se Álvaro Americano, impressionado com o jeito e os ternos de Zózimo, o pescara no oceano de bagres da reportagem do *Globo*, o mesmo fez Zózimo com Fred, um corpo estranho vestindo azul na acinzentada redação do *JB*. “Quem dos seus repórteres você acha que tem o meu perfil?”, Zózimo perguntou a Armando Strozenberg, que em 1970 tinha deixado o cargo de correspondente em Paris e, em 1973, era editor de Reportagem, um dos cargos criados por Dines. Strozenberg não teve dificuldade em fazer a escolha. Os repórteres vinham de várias áreas de formação, como Fritz Utzeri, médico. Fred falava cinco línguas, tinha visual e interesses mais compatíveis com o trabalho de colunista. Zózimo, com sua gargalhada altíssima, não conhecia Fred, que ria para dentro. Os dois sonhavam com a carreira no Itamaraty, e Fred, num detalhe que impressionou Zózimo, cobria o Ministério das Relações Exteriores. Não podia dar errado.

Fred já circulava pela sociedade. O jeito arrogante assustava por um lado, mas lhe dava um ar de superioridade que às vezes

colava. Parecia acrescentar um patrimônio que deveras não tinha. De Zózimo também emanava uma riqueza que de todo não possuía, chique pela própria natureza. Além dessas pareências, os dois tinham um texto ótimo e a vontade de rir, elemento de Telmo Martino que Zózimo via em Fred. Era tocar em frente. Com as bênçãos de Dines e Strozenberg, formou-se a dupla. Na esteira ainda de Gil e Caetano, Primo Pobre e Primo Rico, Niemeyer e Lucio Costa, eles partiam no início de 1973 para se colocar no panteão das grandes duplas de criação nacionais. “Nós somos Ginger e Fred do jornalismo brasileiro”, dizia Zózimo, lembrando a dupla de dançarinos do cinema americano, Ginger Rogers e Fred Astaire. E como se não bastasse a gracinha, e dependendo do que já tinham tomado da garrafa de uísque escondida na redação, os dois começavam a simular passos gaiatos de sapateado. Mais de uma vez foram vistos assim, entrando na sala para embicar a pipa diária, e sempre bem aprumada, de mais uma coluna.

15

Surpreendentemente inflamado, o sempre discreto escritor Otto Lara Resende, redator dos discursos de Roberto Marinho, permanece de pé em cima de uma cadeira por longos minutos. Ele vocifera radicalmente contra o governo e tudo o mais que é ordem constituída no país naquele início dos anos 1970, as prisões cheias de dissidentes políticos. Manda brasa. Otto está sem papas na língua, prenehe de indignação cívica: “Não tenho medo, apenas orgulho e determinação nas minhas crenças. A tal ponto chegam minhas convicções que quero deixá-las assinadas com coragem e destemor. Nada que nos é presente a qualquer futuro presta. Quero o melhor para meu país, quero liberdade de expressão. Quem for brasileiro que me siga e grite seu nome também. Eu digo o meu. Eu me chamo José Aparecido de Oliveira.”

O restaurante Antonio’s, na rua Bartolomeu Mitre, no Leblon, onde se passou a cena, era uma casa de falsos loucos — todos com nome e sobrenome conhecidos no país inteiro. Aparecido de Oliveira, por exemplo, frequentador do local, amigo de Otto, tinha sido secretário do presidente Jânio Quadros. Em 1967, quando foi inaugurado, a boemia intelectual da Zona Sul começou a se reunir ali. Um grupo expressivo era o de artistas e, como no caso do pândego Otto, de diretores da TV Globo, emissora criada dois anos antes no bairro ao lado, o Jardim Botânico. Havia ainda gente de música, da imprensa e da alta sociedade mais liberal.

Zózimo estava sempre por lá. Ele levava para o *Jornal do Brasil* a sua já expressiva agenda de telefones, mas sabia que às vezes ninguém respondia do outro lado da linha. Há dias tão beges na vida de um colunista que os telefones nem sequer dão

linha, ou as pessoas, finalmente localizadas, não verbalizam o que sabem ou definitivamente não sabem de nada digno de sair impresso no grande jornal da capital — nesses momentos desesperadores é preciso ir à caça.

A praia ajudava. Ele frequentava o trecho em frente à rua Montenegro, aquela faixa de areia que desbancara a do Arpoador e do Castelinho como centro do modismo da turma “por dentro e inserida no contexto”, como pregava o bordão de *O Pasquim* para identificar os de comportamento moderno (sexo, drogas e rock and roll) e politizado (Mao, Morin, Marcuse e McLuhan).

Havia na areia as barracas do jornalismo (Zuenir e Mary Ventura, Ziraldo e Vilma, Scarlet Moon de Chevalier, Fernando Gabeira, Darwin e Guguta Brandão, João Luiz Albuquerque, Carlos Leonam...); do Cinema Novo (Cacá Diegues e Nara Leão, Glauber Rocha, Arnaldo Jabor, Zelito Viana...); das mulheres incríveis (Maria Lucia Dahl, Tânia Scher, Tânia Caldas, Noelza Guimarães); e do Trio Tumba, a trinca das falsamente deprimidas, sempre de preto, mas escandalosamente gostosas (Dorinha, Solanginha e Ionita, que a partir de 1967, casada com Jorginho, carregaria o sobrenome Guinle). Armavam-se ao lado das barracas do teatro (o casal de namorados Marieta Severo e Carlos Vergara, Jô Soares, Maria Clara Machado...); da literatura (Antonio Callado, Tite de Lemos...); da boemia (Jaguar, Hugo Bidet, Maria Gladys...) etc. Foi essa turma que começou a aplaudir o sol pondo-se ao lado dos Dois Irmãos.

A praia era um bom lugar para se pegar nota — a não ser nos dias de chuva, quando o grande concerto carioca do papo, do mergulho e da troca de casais ficava suspenso. Quando todas as opções falhavam, era urgente ao colunista ir à caça também na floresta noturna, “a praia” na varanda do Antonio’s. De início, o restaurante chamava-se Strangers in the

Night, nome do sucesso de Frank Sinatra naquele ano da inauguração. Armando Nogueira, diretor da Globo, achou cafona. Para abrir o restaurante ele tinha ajudado a arrumar empréstimo no Banco Nacional, com o diretor José Luiz de Magalhães Lins, sujeito de juro zero para celebridade. Considerou-se com direitos. Junto com Otto Lara Resende e a *socialite* Vivi Nabuco, tacou a apóstrofe de propriedade no nome do *chef*, Antonio Luiz Pereira, e pronto — seja bem-vindo ao grande show do Antonio's.

Na edição de 5 de março de 1979, a nota “Primeiro, os seus” dizia:

- Duas coisas não se pode negar ao restaurante Antonio's, ponto de encontro de um segmento muito exclusivo da boemia do Rio: autenticidade e sobretudo personalidade.
- O que para qualquer outra casa do gênero — a presença em suas mesas de Ursula Andress — seria motivo de grande júbilo e fogos de artifício, para o Antonio's soou como um fato normal e corriqueiro.
- Tão normal que a atriz lá chegou, com amigos, não encontrou mesa e, como a casa se recusasse a passá-la na frente de outros clientes que esperavam a vez, se viu obrigada a bater em retirada depois de esperar mais de meia hora.

Os famosos do Antonio's tinham de se conformar com o fato de que aquele ambiente nivelava — e nivelava por baixo. Eram todos tão importantes que era melhor desconsiderar todo mundo. A expressão “ih, lá vem a chata da Brigitte Bardot de novo” surgiu ali. O bar continuava a saga da boemia intelectual carioca na tentativa de se encontrar um ponto para discutir o mundo, esbarrar com o amor de sua vida (pelo menos o daquela noite) e, nos intervalos, falar mal dos outros. Na

virada do século XIX para o XX, esses encontros se faziam à tarde, quando Emilio de Meneses, Olavo Bilac e outros literatos trocaram a Confeitaria Pascoal pela Colombo, as duas no Centro. A revista *Fon-Fon* publicava *potins* garimpados lá.

Houve o período dos bares da Lapa, com Noel Rosa no restaurante Capela, cercado de prostitutas e malandros. No samba “Conversa de botequim”, ele diz ao garçom: “E ordene ao *seu* Osório que me mande um guarda-chuva aqui pro nosso escritório.” Foi o primeiro a relacionar a mesa de bar com a mesa de trabalho. Na varanda do Antonio’s, batucando numa Remington portátil, Carlinhos Oliveira continuou a tradição e escreveu dúzias de crônicas para o *JB*.

No Café Nice, na avenida Rio Branco dos anos 1940, o ambiente era radiofônico, com Chico Alves, Orlando Silva e todo o *cast* da Rádio Nacional, que ficava logo ali, na praça Mauá. Pixinguinha preferia o Bar do Gouveia, na travessa do Ouvidor. A cultura boêmia espalhou-se pelo Centro, a região mais charmosa da cidade até o fim dos anos 1940. Tinha o Vermelhinho, na esquina da Graça Aranha com a Araújo Porto Alegre (na mesa da calçada, Vinicius de Moraes, Lúcio Rangel e Ismael Silva cantaram “Tens um olhar que me consome”, de autoria do último); o bar do Hotel Serrador (bom, segundo avaliação do cronista Paulo Mendes Campos, que o frequentava com o jornalista Joel Silveira, mas problemático para um bêbado porque era preciso subir a escada para fazer pipi); o Westphalia (“Meu amigo Pedro Nava/ Em que navio embarcou/ A bordo do *Westphalia*/ Ou a bordo do *Lidador*?”), escreveu Vinicius); o Lidador; o Villarino (onde Tom e Vinicius foram apresentados por Lúcio Rangel); o Pardellas (na Santa Luzia, onde um dia o compositor Antônio Maria encontrou uma antiga namorada e depois escreveu sobre a tristeza de dar um beijo de “como vai?” na bochecha de um ex-amor).

A turma foi se deslocando. Passou pela Taberna da Glória (onde o produtor musical Hermínio Bello de Carvalho descobriria a voz de Clementina de Jesus), depois foi para o Lamas, no Largo do Machado (de jornalistas), e, aos poucos, a partir dos anos 1950, chegou à orla da Zona Sul. Ocupou as mesas do La Gondola e do La Fiorentina (da classe teatral) e de mais uma infinidade de bares, boates e afins, como Le Rond Point (em cuja calçada Antônio Maria cairia enfartado), Alcazar, Lucas, os becos da Fome, das Garrafas, do Joga a Chave Meu Amor, e muitos etc., quase todos entre o Leme e o Posto 6.

Quando a década virou para os anos 1960, descobriu-se Ipanema através da patota do *Pasquim*. E aí foi a vez do Zeppelin, do Varanda, do Veloso (onde Tom e Vinicius viram a garota de Ipanema passar) e do Jangadeiro (onde o cartunista Jaguar viu um rato correndo entre as mesas, porém não falou nada, assustado com a possibilidade de o problema não ser de saúde pública, do bar, mas dele mesmo, talvez em pleno *delirium tremens*).

Sempre fugindo dos chatos que se esgueiravam atrás deles, os bêbados famosos inventavam novos bares — e a movida carioca chegou ao longínquo Leblon. A partir dos anos 1970 ficaram celebrizadas as mesas do Degrau, do Le Coin, do Alvaro's, do Luna e, acima de todos, do Antonio's — que é para onde voltamos desse périplo em torno da história de alguns dos bares que fizeram a fama do Rio, a fim de encontrar Zózimo e a turma do Boulevard Leblon, conforme era chamado, por seu frenético vaivém, o referido estabelecimento.

Uma das diferenças para a geração anterior é que não se cultuava a fossa nem a dor de cotovelo, como ao gosto da turma samba-canção nas boates à meia-luz de Copacabana. O Antonio's era o primeiro bar no Rio a surgir com força depois dos Beatles, da pílula anticoncepcional, da minissaia e da nuca

pelada de Jean Seberg em *Acosado*. Moças de família estavam colocando os pés num boteco com *pedigree* — e não precisavam estar acompanhadas da respeitabilidade de um marmanjo. Tom Jobim passou pela mesa em que Leila Diniz almoçava com a também atriz Ana Maria Magalhães. Cumprimentou-as: “Quanta saúde, deixa eu me matar lá nos fundos com meu uísque.” Dominava o ambiente uma euforia existencial libertária, como se fosse um constante coquetel comemorativo do fim do pecado — de todos os tipos. “O tabu já era”, dizia no balcão do bar o cineasta Rogério Sganzerla.

A varanda do Antonio’s funcionava como a ilha da fantasia, onde, na definição do colega de Zózimo no Santo Inácio, o cineasta Cacá Diegues, tudo era permitido dizer, desde que não fosse parar na calçada, ainda ocupada pelos ditames dos generais. Era o Country Club da esquerda. Zózimo dava declarações em reportagens sobre o bar (“É lugar aconchegante, as pessoas se descontraem”, disse à revista *Veja*) e catava notas que entrariam nas antologias do colunismo:

- Um júri de solteiros empedernidos, reunido há dias na varanda do Antonio’s, escolheu como a melhor frase do ano até agora a sentença de uma conhecida dama da sociedade carioca sobre a infidelidade conjugal:
— Antes à tarde do que nunca.

Uma das damas mais constantes em sua mesa era Tônia Carrero. Zózimo gostava de sua companhia, sempre alegre. Uma noite, eles dividiram a mesa com a jornalista Lucia Rito, que preparava um perfil da atriz encomendado pela revista *Nova*. “Qual a fórmula para ter o rosto sempre jovem?”, perguntou Lucia. “Eu passo porra”, respondeu, sem constrangimento, a grande atriz. A declaração irreverente era

ótima, típica de Tônia, só que o calendário ainda estava em 1974. Como publicá-la numa imprensa vigiada pela censura? Como manter a cútis da atriz sempre lisinha e saudável sem usar o creme proibido da sinceridade feminina e provocar o fechamento da revista? Consultada, a editora Eda Romio deu a solução: “Escreva que ela passa no rosto ‘as sobras do amor’” — e assim foi para as bancas, poetizada, a fórmula tão Antonio’s, tão três doses acima dos seres humanos, da beleza de Tônia Carrero.

Era irresistível a combinação de inteligências soltas, malte envelhecido e histórias que não acabavam mais. Às vezes Zózimo pedia uma folha do bloco dos garçons. Em geral, guardava na memória o que ia vendo e ouvindo. Em 27 de fevereiro de 1972, encontrou lá o cineasta Louis Malle (“figura agradabilíssima”), que jantava com o casal Madeleine e Renato Archer. Juntaram as mesas e dois dias depois estava na coluna a notícia de que Malle ia à Amazônia pesquisar a possibilidade de rodar um documentário sobre a floresta. “Para ele”, escreveu Zózimo, “a batalha homem-natureza, a última da história da humanidade, não pode ficar sem ser documentada.”

Infelizmente ficou — o filme jamais foi feito. Dezenas de outros foram bolados naquelas mesas, todos ao redor gritaram “genial”, mas nunca chegaram às telas do cinema, esquecidos na ressaca da manhã seguinte. Não importava. Mudava-se o mundo toda noite, valia pela poesia. Os bem-sucedidos no *boom* financeiro da Bolsa de Valores, os exilados trazidos de volta pela anistia, todos comemoravam no Antonio’s. Comia-se o filé à Chico Buarque (com patê de fígado e vinho Madeira) acompanhado de uísque Black & White. O contrafilé à Marcos de Vasconcellos (não tinha carne, apenas ovo mexido com farofa, cebola e arroz) com Chivas. O crítico de gastronomia do *JB*, Roberto Marinho de Azevedo, o Apicius, achava o cardápio apenas razoável. Degustava-se acima de tudo o papo, o festival

de gente, o folclore inesgotável e o culto à liberdade. A comilança era outra. Cacá Diegues elogiava o novo filme de Joaquim Pedro de Andrade quando uma jovem atriz, até então silenciosa, foi instada a tecer seu comentário sobre o grande diretor. A moça foi sincera e no dia seguinte a declaração, em *off*, estava no *Zózimo*: “Já dei muito pro Joaquim, mas nunca tive intimidade com ele.”

Jacinto de Thormes esteve no Vogue, Ibrahim no Golden Room e agora *Zózimo* via um pedaço do Brasil diretamente da varanda do Antonio's. Um psicanalista da moda contava em detalhes as idiossincrasias da mais recente conquista, com nome e sobrenome, que havia passado na noite anterior por sua cama, heterodoxamente freudiana. “Uma arena de angustiados”, definia Cacá Diegues, “onde a agonia de trabalhar para o poder se acalmava depois do primeiro uísque.”

Carlinhos Oliveira foi personagem da mais clássica história do Antonio's, tornada pública pela coluna. Assaltantes prenderam sete fregueses e mais o escritor no banheiro do bar. Quando faziam a limpa no caixa, ouviu-se a voz fraca, no entanto indefectível, do cronista prisioneiro. Educadamente, ele pediu: “Senhor ladrão, não se esqueça de levar esses papezinhos aí do lado direito.” E lá se foram os “penduras”, aumentando o prejuízo da casa.

Outra de Carlinhos relatada por *Zózimo*:

- O amigo, cambaleante, saiu do Antonio's e, amparado por Carlinhos Oliveira, sugeriu:
 - Vamos tomar um táxi?
- E Carlinhos:
 - É melhor não. Não convém misturar.

A cada história dessas, o restaurante era invadido por novas levadas de ninguéns, todos interessados na glória carioca de se sentar à mesa ao lado de algum boêmio intelectual. Uma noite o jornalista Edson Afonso, da editoria de Esportes do *JB*, chegou no meio do salão e bateu palmas. Na esperança de que alguma mesa desocupasse, gritou: “Senhores, trago uma triste notícia. Não adianta esperar. Hoje o Chico Buarque não vem.”

Zózimo gostava de dividir a mesa com homens mais velhos, como o médico Clementino Fraga, o político Renato Archer, os empresários Nelson Batista e Aloysio Salles, o arquiteto Maurício Roberto e também o *showman* Miele. Este chegou a combinar uma reação aos Alcoólicos Anônimos. Queria formar a Sociedade dos Alcoólicos Famosos (SAFos), partindo da premissa de que nunca ninguém criara nada depois de tomar um copo de leite. Os membros da SAFos se reuniam semanalmente para depoimentos: “Meu nome é Shakespeare, eu agora só bebo gim” ou “Meu nome é Truman Capote, estou há três dias sem beber uísque, só vodca russa”. Para a confirmação de que se tratava de um SAFO, o teste seria simples. O candidato precisaria entrar no Antonio’s e ser reconhecido por cinco pessoas. Miele contou a história para Zózimo, que morreu de rir e prometeu publicar — jamais o fez.

Outro velhinho de admiração e mesa de Zózimo era o cronista Rubem Braga. A nota “Experiência”, embora não citasse o restaurante, foi colhida lá:

- Do mestre Rubem Braga, do alto da sua sabedoria e experiência: “Fazer amor depois dos 75 anos dá ressaca.”

Em 8 de agosto de 1972, Rubem reapareceu na nota “A reconciliação”. Referia-se à noite em que ele e o pintor Di Cavalcanti, depois de uma briga em que trocaram basicamente

barrigadas (numa discussão sobre vaguidades), deram-se as mãos com muita desconfiança:

- A bomba dos meios boêmios foi a reconciliação entre Di Cavalcanti e Rubem Braga, celebrada na arena onde os dois já haviam se enfrentado algumas vezes — o Antonio's. Os dois se encontraram e, instados pela sra. Madeleine Archer, caíram nos braços um do outro.
- Florentino [um dos donos da casa], comovidíssimo, pensou imediatamente em abrir uma garrafa de *champã*, mas Rubem puxou-o pelo braço: “Espere um pouco, ainda não tenho certeza se vai dar certo.” Mas deu.

(Tempos depois, na varanda, os dois velhinhos temperamentais voltariam a brigar, pela mesma falta de motivos e pelas mesmas doses de uísque a mais. Braga encerrou a discussão com um “ô Di, vê se para de pintar essas mulatas que você não come”, e saiu porta afora.)

Muitas vezes, era só chegar, olhar e depois, geralmente com o título “Cena carioca”, imprimir no jornal:

- Ao entrar no Antonio's, na sexta-feira, um porrista, *habitué* da casa, pensou que estava tendo alucinações.
- Diante de seus olhos embaçados estava sendo realizada, em pleno restaurante, uma missa em português castiço, com sotaque da ilha da Madeira. Achou que tinha errado de porta e foi tomar um trago no bar da esquina. Ficou sem saber que a missa era real, encomendada por Manolo, outro sócio da casa, a um padre de Funchal.

Como se não bastasse o festival de estranhezas, no segundo andar do Antonio's havia uma dezena de aves empalhadas. Manolo (o espanhol Manuel Ribeiro Romar), além de carola

convicto, praticava taxidermia. Os bebuns não subiam até ali, e ainda bem — acreditariam, diante daquelas corujas empalhadas, estar tendo um *delirium tremens*. No fim da noite, havia sempre alguém emborcado sobre a mesa ou em posição de pugilato. Brigava-se muito, mas sem maiores consequências físicas. As academias de lutas marciais não haviam se espalhado pela cidade e os socos e pontapés quase nunca acertavam o oponente. Uma noite, encerrada uma briga, Manolo reclamou da quizumba e ouviu do empresário Zequinha Estelita: “Você serve uísque e quer comportamento de casa de chá?”

Nessas cenas de pugilismo amador era assídua a presença do economista Ronald Chevalier, o Roniquito. Magro, baixo e prognata, estava sempre oferecendo o queixo ao soco alheio. “Boa noite, senhores, está chegando o economista Ronald Russel Wallace de Chevalier. Em alguns minutos, Roniquito” — era como anunciava a sua inevitável transformação, mais aterrorizante do que a de Dr. Jekyll em Mr. Hyde, do médico no monstro, porque era absolutamente real e na mesa ao lado. O homem citava Rimbaud de cor, cultíssimo, todos se orgulhavam de dividir espaço com alguém tão especial. Dois goles depois, já Mr. Hyde, ou melhor, Roniquito, virava-se para Tom Jobim:

“Você conhece Cole Porter?”

Tom, prevendo sacanagem, murmura um “sim”, contrariado.

“Então você sabe que você é um merda!”

Zózimo evitava-o desde que Roniquito discursara sobre “as frivolidades da imprensa para dondocas”. A coluna nunca publicara o nome do desafeto folclórico. Outros muitos não tiveram a mesma paciência com Roniquito e partiram para a pancadaria. Do jornalista Tarso de Castro ao jornalista Fausto Wolff, todos foram unânimes em saudar com socos seus

destemperos verbais. Roniquito merecia. Passou uma noite fazendo o sinal de “V” com dois dedos para um casal, a mulher lindíssima. O casal devolveu o cumprimento com outros “Vs”, até que o marido foi pedir a Roniquito que parasse com aquele negócio de “paz e amor”.

“Que paz e amor, que nada”, disse o monstro. “Eu estou oferecendo duzentos paus pra comer ela.”

E tome porrada.

“Quer mais?”, disse-lhe um homem que o socava no chão do restaurante depois de ser esculachado por seu furacão verbal.

“Você não acha que já bateu bastante, imbecil?!”, devolveu Roniquito com a empáfia de sempre.

Havia até cenas de amor explícito. A mais célebre delas, e Zózimo deu o furo, juntou Tarso de Castro, conquistador notório, e Candice Bergen. Ao vê-la no restaurante, Tarso jogou-se-lhe aos pés. Num inglês lamentável, elogiou a beleza da atriz. Candice já tinha sido louvada em todas as línguas e de maneira mais romântica — mas vai entender as mulheres!? Achou exótico, *charmant* — e naquele mês em que esteve no Rio foi a namorada de Tarso, a ponto de ter sido vista num consultório dentário de Copacabana, onde levou pela mão o namorado, dono de um borogodó irresistível, todavia com dentes em frangalhos de tanto tabaco e malte escocês. Quando soube, tempos depois, que Candice estava se casando com o cineasta Louis Malle, Tarso foi o de sempre. Além do encanto pessoal, tinha texto e desabafou: “Dos Malles, o menor.”

Zózimo saía da redação ou de alguma festa e gostava de fechar a noite nesse cenário de real valor carioca, certo de que lá encontraria alguém para se sentar ao lado e relaxar após um dia extenuante atrás de notinhas ou de papo forçado nos salões finos. Uma dessas mesas impossíveis juntou-o com o ator Jack Nicholson, as *socialites* Alexandra Stewart, Odile Rubirosa e

Regina Lecléry e o cineasta Roman Polanski, o que, evidentemente, foi noticiado na coluna.

- Há quem considere o Antonio's um clube ou uma extensão da própria casa. É uma impressão que se solidifica no fim da noite, quando os forasteiros já abandonaram a cena e as mesas se inter-relacionam, formando um bloco único e sobretudo alegre de amigos. Quando o astral que se forma nessas ocasiões sobe além do normal, chega-se à divertida situação que já ocorreu inúmeras vezes: eleva-se o volume da música de fundo, retiram-se as mesas do centro da sala e na clareira aberta dança-se como nas festas de formatura.

Uma das músicas que Zózimo, pé de valsa contumaz, sempre pedia para tocar ao fundo era a que dera início a tudo — e, coladinho com amigas como Regina Lecléry ou Tônia Carrero, ele dançava o *cheek to cheek* romântico ao som de Sinatra em “Strangers in the night”.

16

Em 21 de agosto de 1972, uma nota colocou Zózimo de novo na mira dos militares. Como das outras vezes, não escrevera nada aparentemente desafiador à ordem constituída da nação, mas os militares da época eram homens muito sensíveis — e um funcionário do Dops, sempre alerta, anotou o que classificou de “notícia em detrimento dos valores nacionais”. A nota intitulava-se “Fittipaldi, o corredor de duas bandeiras”. O piloto estava para ganhar seu primeiro título na Fórmula 1 e Zózimo explicava por que, quando ele subia ao pódio, o hino não era o brasileiro e sim o inglês:

- Quando Emerson Fittipaldi procurou se filiar à Federação Internacional de Automobilismo soube que era necessário levar uma apresentação de uma federação nacional. A brasileira, entretanto, conturbada por guerra interna, alegou não ser ele ainda um nome importante. Emerson procurou a inglesa, que o indicou. Apesar de levar no capacete e no carro a bandeira brasileira, Fittipaldi corre oficialmente pela Inglaterra, como demonstrou o hino inglês executado no momento em que ele subia ao pódio em Zeltweg.

As centrais militares de informação não gostaram. Em 8 de setembro de 1972, dezoito dias depois da publicação da nota — tudo bem mais lento que o carro de Fittipaldi —, o Dops da Guanabara produzia, com carimbo de confidencial, um relatório. O papel trazia o timbre da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Educação e Cultura, do Rio. Seu texto, a seguir, é publicado na íntegra para que se saboreiem, com toda a sua exuberância de erros (não falta a clássica

vírgula separando o verbo do sujeito), a escrita truncada e o pavoroso estilo dos redatores escondidos nas casernas. O pau comia nos porões, a língua também era massacrada no papel. Não era linguagem cifrada, para esconder no seu bojo segundas intenções — era equivocada mesmo. Na linha de “assunto” vinha “Zózimo Barrozo do Amaral”:

O colunista em epígrafe do *Jornal do Brasil*, vem se evidenciando de forma negativa e tendenciosamente.

Com relação a “Fitipaldi, o corredor de duas bandeiras”, ele noticia que “o corredor corre oficialmente pela Inglaterra, em razão de não ter sido bem recebido pelo órgão brasileiro é que, após suas vitórias, a bandeira inglesa é hasteada, e o hino inglês é entoado”, fato aquele desmentido pela Confederação Brasileira de Automobilismo, entidade máxima da direção nacional que afirma tais notícias serem falsas, por ser o referido corredor registrado naquela confederação, com carteira internacional de piloto no 20, licença de concorrente nº 30, devidamente autorizada pelo Conselho Nacional de Desportos.

Que o referido colunista pretendeu com tal notícia incentivar o sentimento de injustiça, em detrimento dos valores nacionais.

O relatório do Dops carioca foi distribuído pela Área de Serviço de Informações, que coordenava a divulgação desse papelório de arapongagem, com cópias para o I Exército, SNI/ARJ, DSI/MEC, Cisa, Cenimar. Dessa vez Zózimo não foi recolhido aos costumes. O episódio ficou por isso mesmo, apenas um grito de alerta distribuído internamente para que todos ficassem atentos: era um lobo que se escondia por trás da pele de cordeiro e de colunista social.

Os homens estavam atentos. Isso funcionava tanto para o bem (mostrava que a coluna era referência, com o *plus* qualitativo de ser reconhecida como inimiga dos militares) quanto para o mal (todo cuidado era pouco, porque no xadrez da Barão de Mesquita agora não se servia sequer queijo nacional). A coluna, desinteressada de qualquer proselitismo político, porém de olho na informação, se firmou como um espaço de peso logo na primeira metade da década de 1970. Era um período horroroso para a captura de notícia.

Nos arquivos do general Golbery do Couto e Silva, então chefe da Casa Civil, está esta nota publicada em 7 de março de 1975 por Zózimo com o título “O ilustre passageiro”:

- Ontem, às dez da manhã, a Rural placa OF-0972, de Brasília, transitava pelo Viaduto Paulo de Frontin exibindo comodamente refestelada ao lado do motorista a bela e imponente figura de um dálmata. Pelo tamanho, brilho do pelo e as deferências com que era tratado pelos demais ocupantes do veículo oficial, é de se supor que o passageiro deva ocupar no mínimo um importante cargo de assessor na capital.

O arquivo de Golbery era depositário dos maiores segredos do regime, e a inclusão da nota — não seria a única de Zózimo naquelas pastas — só avançava a carreira do colunista. O general mandou que se fizesse a investigação e logo em seguida surgiu a informação, anotada por Heitor Aquino Ferreira, secretário particular do presidente Ernesto Geisel, de que o carro era do Ministério da Fazenda. Conduzia a funcionária Alice Campos Homem, que teria se apiedado de um cachorro atropelado. Como os taxistas não o quisessem transportar, ela botara o cachorro no carro oficial para levá-lo ao veterinário. A

história acabou aí, mas Golbery anotou embaixo: “Veja que romance, vale o alerta.”

O “romance”, no caso, tinha o sentido de “lorota”. Golbery, segundo um especialista em seu pensamento, não acreditava no que havia sido apurado. Não pediu que se investigasse a funcionária, contudo, segundo seu tradutor, o “romance” podia ser lido como “vocês estão pensando que me enganam?”. Era um bom flagrante da ditadura, feito por quem estava dentro dela: alguém que queria reprimir e dispunha de um serviço de informações para isso, só que era vítima o tempo todo das mentiras internas. O dono da bola sabia que seus companheiros de jogo não eram confiáveis.

Nos arquivos de Golbery há outras passagens de Zózimo. Quando a coluna noticiou, em 1975, que o painel de Portinari do Colégio Cataguazes fora vendido ao governo de São Paulo por 40 milhões de cruzeiros na mesma época em que o governo do estado se queixava da falta de grana, Golbery mandou investigar. O chefe da Agência Central do poderoso Serviço Nacional de Informações (SNI), general Sebastião Ramos Castro, explicou que “esse painel foi vendido por interferência do [político mineiro] José Aparecido”. A questão não foi adiante porque o valor real era bem menor, 4 milhões de cruzeiros, considerado razoável para o caixa da instituição. O importante desses documentos é que não deixavam dúvidas: aos poucos Zózimo firmava-se como uma das estrelas do jornalismo nacional.

Nesse período, o ex-presidente Juscelino Kubitschek foi visitar o *JB* e almoçou no restaurante de ares parisienses que a diretoria montara no nono andar, com Nascimento Brito operando de chefe supremo. Numa eleição recente para o Senado, o então MDB vencera o partido do governo, a Arena, e JK cravara no almoço uma boa frase quando lhe perguntaram o que aconteceria em seguida: “Não sei, mas soltaram o

monstro.” “E quem é o monstro?”, perguntou o editor Elio Gaspari. “O monstro é a opinião pública. Ela olha, está aqui, está ali, está em todos os lugares.” JK acertara a previsão. A opinião pública sentiu-se mais forte e iniciou uma série de reclamações. Daquele dia, no entanto, o que o ex-presidente registrou em sua agenda foi o seguinte: “Visitei o *JB*. Cumprimentei o Zózimo.” Nenhuma menção à boa frase que cunhou nem a Nascimento Brito nem a qualquer outro da oligarquia do jornal. O colunista, por seu lado, sem deslumbramento, nem piscou. Não mencionou em sua agenda, a página do jornal, a visita do ex-presidente ao seu aquário. O destaque era a chegada do Concorde, o avião em que logo embarcaria até sua Paris querida.

A arrancada da coluna fora boa. Zózimo não era especialista em política, artes ou economia, todavia começava a ter mais notícias de bastidores do que os donos daqueles assuntos. Sem abandonar o champanhe, o caviar e o perfume francês espalhado no cangote de suas madames, inventara outro cardápio de delícias para o grande banquete da informação diária. Ninguém sabia por onde atacaria. Ele soltara o monstro da livre informação na coluna social — e se divertia com o sucesso.

Em 16 de agosto de 1972, publicara um autoelogio debochado com o título “A glória”:

- Da avenida Rio Branco para o mundo: a revista francesa *L'Équipe*, especializada em futebol, critica em seu último número uma nota dada por este colunista contra o *Le Miroir du Foot-ball*, outra revista da mesma empresa. O autor da nota foi buscar inspiração em Sagan para escrevê-la, pois lhe colocou como título: “*Un certain Zozimo.*”

O mundo se curvava — e ele caía na gargalhada.

Foi Zózimo quem noticiou, em 19 de abril de 1973, a presença no Rio, almoçando calmamente no restaurante do Country Club, do falsário internacional Fernand Legros. Ele estava com o ator Carlo Mossy, seu ex-namorado (Mossy salvara o falsário de morrer afogado em Copacabana com uma respiração boca a boca e ao recuperar a consciência as primeiras palavras do falsário para Mossy foram “você salvou a sua vida” — além de três anos juntos em Paris, encheu o belo rapaz, louro, de olhos azuis, de condições para fundar uma bem-sucedida produtora de cinema). Após o noticiário de Zózimo, Legros foi preso e extraditado para a França.

Zózimo sabia que não fazia mais do que sua obrigação. Um colunista é pago para dar notícias exclusivas. Mas por mais que Brasília já estivesse de olho nele, por mais que tivesse virado referência, era bom esfregar na cara da concorrência que as coisas iam bem. Em 27 de abril de 1973, ele deixou a modéstia à parte:

- Não é do feitio desta coluna cantar vitória e muito menos anunciar aos quatro ventos as notícias que antecipa ou os furos que dá. Mas não posso deixar de registrar como tendo sido levantados neste espaço os dois assuntos que ocupam as conversas e as principais páginas dos jornais: o casamento de Sílvia Amélia Chagas e a presença de Fernand Legros no Rio.

Sílvia Amélia era uma “pantera”, nome cunhado por Ibrahim, com imensos olhos azuis, enorme cabeleira loura. Ela estava no mundo do colunismo desde a década anterior, apresentada pelo “Turco”, quando se casou com Paulo Fernando Marcondes Ferraz, empresário e jogador de polo. Sílvia Amélia nascera para as páginas, quaisquer que fossem, herdeira de linhagem espetacular. O sanitarista Carlos Chagas,

o avô, identificara a doença de Chagas; o pai, também Carlos Chagas, pertencera à Academia Brasileira de Letras. Ao nascer, ela ganhou sua primeira página ao ser musa de poesia de Manuel Bandeira (no livro *Mafuá do malungo*): “Tudo quanto é puro e cheira:/ — Manacá, jasmim, camélia/ Lírio, flor de laranjeira,/ Rosa branca, Sílvia Amélia!”

Mas, como se via pelas próprias colunas, não se fazia mais dondoca como antigamente. Elas não queriam passar por aquele aborrecimento de se empetecarem para os machos e, de bufê em bufê, engordarem o vazio existencial. Sílvia acompanhou o desbunde dos últimos anos da década de 1960 e transformou-se numa *socialite* boêmia. Em 1970, separou-se de Paulo Fernando. Sua relação de namorados incluiria Tarso de Castro, Ibrahim Sued e Roberto Carlos. Deixou aflorar seu *côté* artístico. Dedicou-se à pintura e abriu boutique onde vendia camisolas pintadas por ela, com inscrições do tipo “Faça seu gol comigo”. Foi Zózimo quem acompanhou melhor a nova Sílvia Amélia.

Num baile de Carnaval ela foi flechada amorosamente pelo barão francês Gérard Waldner. Sílvia, de sarongue, ele, de *summer jacket*. A coluna explorou o assunto e foi a primeira a cravar, em 1973, o casamento surpreendente, num castelo na Europa. Zózimo descreveu a cerimônia — não no seu espaço, porque depois de tantas notas sua musa tinha virado obsessão nacional, capa de revista e garota-propaganda de cigarro feminino. A reportagem sobre o casamento saiu na capa do *B*, num tratamento que só Lady Di e o príncipe Charles teriam. A loura de sarongue virara baronesa, e o Carnaval comemorou ter sido Cupido nessa história. Carlinhos Oliveira, amigo de Sílvia no Antonio’s, mais o poeta Geraldinho Carneiro, cantaram a conquista do barão francês como se fosse vitória da Seleção brasileira. Fizeram uma marchinha, publicada por Zózimo — mais um furo. Waldner virou Valdemar: “O barão de

Valdemar/ veio aqui só pra espiar/ O Carnaval, ouriço nacional/ Mas no meio do salão/ Valdemar sentiu-se mal/ Do coração/ E quando viu nossa pantera/ Embarcou levando a fera/ Tanto amor nunca se viu/ Mais uma vez a Europa/ Curvou-se ante o Brasil.”

As mulheres estavam se redesenhando no comportamento — e também na aparência física. Deus estava dando plantão no consultório da rua Dona Mariana, em Botafogo. Atendia pelo nome e estava no jaleco de Ivo Pitanguy. O bisturi mágico do cirurgião plástico virara o novo pincel de Michelangelo e o mundo se boquiabria diante de sua capacidade de recriar rostos. Ninguém se revelava operada por ele, mas Zózimo, com a discrição possível a quem imprimia notícia em uma página de jornal, fazia o serviço. Pitanguy não reclamava — era quem soprava algumas notas.

O furo mais bombástico foi o de que o médico operaria a duquesa de Windsor, na Suíça. A nota saiu em 27 de janeiro de 1970 e teve repercussão internacional. Ibrahim Sued, hóspede de longas temporadas na casa de Pitanguy, na Suíça, ficou mais vulcânico do que nunca. Quase rompeu relações com o cirurgião, que se defendeu dizendo que um suíço passara a bomba, recolhida nos arredores da duquesa, para o concorrente. Também não era verdade. Um amigo de Zózimo conversava sobre uma cirurgia com o médico, no consultório deste, quando telefonou a embaixatriz Glorinha Paranaguá, amiga da duquesa. Ela queria intermediar a operação. Pitanguy acertou tudo, marcou com Paranaguá o dia de seguir para a Suíça e não fez qualquer pedido de discrição ao cliente que estava à sua frente. Não podia supor que ele fosse também fonte de Zózimo e que, em seguida, sairia dali direto para o orelhão mais próximo a fim de informá-lo.

Pitanguy jamais admitiu ser fonte de notas das próprias operações. Um ano depois da duquesa de Windsor, novamente

só Zózimo viu o bisturi do médico trabalhar no nariz de Marie-Thérèse Walter, mulher de Picasso, assim como só ele informaria sobre o desenho que o pintor mandara em agradecimento. Ibrahim dizia que “em sociedade tudo se sabe”, mas Millôr Fernandes retrucava, garantindo que, dada a ignorância dos grã-finos, nada por ali se sabia. Fosse qual fosse o sabido, tudo que se sabia agora começava a ser contado primeiro para Zózimo.

Ele e Ibrahim, um no *JB*, o outro no *Globo*, por mais que se estranhassem na competição pela notícia, continuavam amigos. As fontes é que não entendiam exatamente o que havia entre eles. Um dia, o diretor da Central Globo de Produções, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, deu um jantar comandado pelo *chef* Alain Senderens. Como naquele momento conhecia Zózimo apenas de obas e olás, para evitar problemas convidou somente Ibrahim, que, afinal, era funcionário das empresas Globo. Qual não foi sua surpresa quando o colunista chegou à festa levando Zózimo como seu convidado. A propósito, foi uma noite deliciosa. Na saída, Zózimo deixou no livro de autógrafos da adega um comentário: “*Je suis avec Monsieur Senderens e não abro.*”

O “jornal dentro do jornal” inventado por Zózimo não parava de dar notícias exclusivas, e um dos nichos em que mais prestava atenção era o de artes plásticas. Ele elencou como um vilão desse período o colecionador paulista Pietro Maria Bardi, que dirigia o Museu de Arte de São Paulo, o Masp. Descobriu que para pagar débitos da instituição, Bardi havia vendido o quadro *José e a mulher de Potifar*, de Paul Gauguin. A denúncia foi publicada um tom acima do que costumava usar, pois envolvia um bastidor particular. Bardi e Gilberto Chateaubriand, o maior colecionador de arte do Rio e meio primo de Zózimo, não se bicavam.

Gilberto era filho de uma francesa com Assis Chateaubriand, o Chatô, o *tycoon* ex-marido de Maria Henriqueta, a Branquinha, tia de Zózimo. Chatô só assumiria a paternidade de Gilberto com ele já adolescente, ocasionando vários ressentimentos por isso. Por uma daquelas ironias da vida, o *tycoon* ajudara a forrar o Masp com joias da pinacoteca internacional, enquanto o filho fazia o mesmo com o Museu de Arte Moderna do Rio, o MAM. A rixa era inevitável e Zózimo, que chamava Gilberto de *cousin*, ficou do lado do “primo francês” — pelo parentesco em segundo grau e pela gravidade dos fatos:

- Enquanto os alertas desta coluna continuarem provocando do sr. Bardi esse tipo de reação o acervo do Museu de Arte de São Paulo terá preservada a sua integridade.

Dessa vez os arapongas do SNI não podiam ter dúvidas. Para usar a linguagem do boletim que o dedurava no caso Fittipaldi, Zózimo com suas notícias pretendia incentivar o sentimento de justiça em prol dos valores nacionais. Seus furos na gestão Bardi provocaram uma fiscalização no Masp. Tudo isso era muito bom, e um colunista dando seus primeiros passos na carreira solo gostava de emplacar essas notícias quentes. “Eu dou alguns furos”, explicou ao repórter Michael Koellreutter, da revista *Interview*, “mas se você me perguntar quais, eu não seria capaz de me lembrar. Uma coluna com furo e sem sabor está sempre pior do que uma coluna sem furo e com sabor. A ideia se estabeleceu, mas eu não acho que tenha de ser o princípio básico na função do colunista. A minha preocupação é fazer o leitor sorrir de manhã.”

Divertir o leitor e a si próprio — eis a ideia da coisa. De vez em quando, para relaxar, havia Paris, ou algum outro tipo de

tíquete que caía em sua mesa para viajar com Marcia. Afinal, como dizia o jornalista Sandro Moreyra, colega de Zózimo no *JB*: “Trabalhar deve ser bem pior.”

Um dia, no início de 1972, brincando de debochar dos textos repetitivos das colunas sociais, Zózimo fez uma relação dos dez clichês mais utilizados para descrever as festas dos cariocas ricos e os publicou na coluna. Ele queria saber por que

1. Todo jantar *black tie* é sempre requintado?
2. Todo jantar informal é sempre divertido e simpático?
3. Toda *hostess* é sempre elegante?
4. Todo *host* é sempre sóbrio e discreto?
5. Todo menu é sempre delicioso?
6. Toda ornamentação das mesas é sempre de bom gosto?
7. Toda conversa é sempre agradável?
8. Todo *champã* é sempre excelente (e gelado, quando não é geladíssimo)?
9. Todo grupo de convidados é sempre selecionado?
10. Toda decoração de ambientes é sempre sofisticada?

O grande sucesso musical da temporada era “Construção” (1971), com os versos feitos em rimas proparoxítonas (“sólido”, “lógico”, “flácido”...). No trecho final da música, Chico Buarque misturava substantivos e adjetivos usados anteriormente, agora numa construção *nonsense*, ilógica (o “pacote flácido” se transformava em “tímido”, que antes adjetivava “passo”, e depois virava “pacote bêbado”). Zózimo dizia na nota que se Chico fosse colunista social certamente não existiria o problema da repetição. O jantar *black tie* poderia passar a ser divertido e simpático, assim como não haveria mal em classificar de requintado um jantar informal. Os adjetivos dos colunistas sociais faziam o mesmo. Queriam, em geral, dizer

sempre a mesma e bajulativa coisa, esvaziados de sentido pela repetição burocrática de muitos anos.

- Reconheço que nem todas as combinações de adjetivo seriam corretas. Não ficaria nada bem a um colunista, sobretudo se ele fosse o Chico Buarque, rapaz educadíssimo, chamar a *hostess* de “deliciosa”, dizer que o menu estava “gelado” ou que o *champã* era “sóbrio” e “discreto”. Mas, que diabo, já se mudaria alguma coisa!

A nota mostrava Zózimo preocupado com o formato do que fazia — queria mexer no texto e no conteúdo da coluna. Conforme prometido na apresentação publicada aos seus novos leitores em 1969, ele não faria colunismo social. Vida real, no entanto, era outra coisa. Militares liam as matérias na redação antes da publicação e, depois da prisão de Zózimo, outros tantos profissionais tiveram o mesmo destino, por delito de opinião ou por frequentarem grupos políticos não permitidos pelos donos do poder. Coletar notícias importantes, de relevância, tornara-se operação complicada. Zózimo optou então por continuar com pelo menos metade da coluna dedicada aos festejos mundanos.

Seria exagero dizer que compareceu a uma festa por noite durante todos aqueles anos, mas como em alguns momentos cumpriu — quase sempre feliz da vida, ao lado de Marcia — a maratona de até três jantares, coquetéis, *souper* ou afins por noitada, a estimativa não estaria longe da verdade. Muitas dessas notas se chamavam “Carnet social”, título tirado dos confrades do início do século. Tudo era motivo para celebrar na alta sociedade carioca — uma viagem ao exterior, a volta da viagem, um casamento, um desfile de moda, a visita do embaixador, um batizado, a libertação do embaixador (em dezembro de 1970, assim que saiu do cativeiro, onde

permaneceu durante quarenta dias sequestrado por guerrilheiros, o embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher foi recepcionado com um elegante jantar na casa do embaixador Paulo Paranaguá).

E lá ia Zózimo noticiar os detalhes, nem sempre conseguindo fugir dos clichês de seus antepassados no duro ofício de narradores de festas. Ainda eram jantares com potes de lavanda na mesa. Em 21 de agosto de 1969, nas linhas de um “Carnet social” escrevia:

- O sr. e a sra. José Carlos Leal — Olivia vestia um modelo maravilhoso, longo, preto, assinado por Guilherme Guimarães — receberam para um simpático jantar em *tenue de ville*, que teve como ponto alto o menu, primoroso, composto de *soufflé de haddock*, codornas e um delicioso sorvete de menta.

Talvez para contrabalançar, na mesma coluna deu o seu costureiro risinho de lado para o desmonte das aparências. No outro jantar a que compareceu àquela noite, nem tudo correria como deveria:

- O secretário e a sra. R.A. Wellington, da embaixada da Inglaterra, receberam um sertanista para jantar, o americano Perret. Com ele, o convidado levou dois indiozinhos da tribo dos beijos de pau.
- Tudo corria bem, os silvícolas serviam-se civilizadamente com os talheres, até que chegou à mesa a galinha. Aí de nada mais adiantou o esforço dos dois jovens comensais, falando mais alto as forças primitivas. Ambos se lançaram ao galináceo com as mãos, com um apetite e uma disposição que teriam feito Henrique VIII morrer de inveja.

O Rio ainda vibrava um certo luxo que sobrara dos anos dourados. O senhor e a senhora Paulo Geyer inauguravam, em dezembro de 1970, “a elegante vivenda” da Ladeira dos Guararapes, no Cosme Velho, um endereço que poucas décadas depois seria associado apenas ao caminho para a favela do Cerro-Corá, que passaria a ser reduto de traficantes do Comando Vermelho. Presidente da Light, Antonio Gallotti, o Tony, e sua mulher, Myrian, abriam, de frente para a então pacata favela Dona Marta, em Botafogo, o palacete da Voluntários da Pátria com festas mensais espetaculares. A casa de Gustavo Magalhães, no Cosme Velho, mudava a decoração a cada evento. Em Santa Teresa, Baby e Evinha Monteiro de Carvalho recepcionavam amigos estrangeiros apresentando pela primeira vez num salão chique um conjunto de passistas e ritmistas da Portela — celebrando um Rio que ainda não era uma “cidade partida”, conforme o jornalista Zuenir Ventura a chamaria depois.

Eram festas com delicadezas tropicais, quase quadros do holandês Albert Eckhout, que se maravilhou com as frutas nacionais quando passou pelo Nordeste, no século XVII. Escreveu Zózimo na edição de 15 de março de 1976:

- Um detalhe pitoresco marcou o bonito jantar oferecido pela sra. Heleninha dos Santos-Jacyntho para festejar o aniversário do desembargador Salvador Pinto Filho: os convidados, à sobremesa, preferiram, aos doces do *buffet*, comer a decoração.
- A *hostess* escolheu para ornamentar a casa e as mesas ramas de jambo, espalhando a fruta, em extinção nos cardápios cariocas, por vários lugares. Na hora da sobremesa, os convidados, nostálgicos da frutinha, não fizeram por menos: saborearam gostosamente o *décor*.

De todos os salões que percorreu, fascinava-se especialmente pelos novecentos e cinquenta metros quadrados de Carmen e Tony Mayrink Veiga, na avenida Rui Barbosa, no Morro da Viúva, entre Flamengo e Botafogo. Entusiasmado, transformou aquele cenário no epicentro do que a cidade exibia de mais requintado. Já em março de 1969, no segundo mês da coluna, ele trazia os salões da grande dama, paredes repletas de Guignard e Di Cavalcanti, para os olhos dos leitores do *JB*, sempre cobrindo o casal de elogios. Mas evitava dizer que os Mayrink Veiga mandavam algumas de suas roupas — lotes de Givenchy e Valentino — para serem lavadas no exterior porque o serviço nacional deixava a desejar. Ou que ele alugava castelos na Inglaterra para promover caçadas com seus amigos europeus.

Durante toda a década de 1970, Zózimo e Marcia estiveram em muitas festas dos Mayrink Veiga, sempre com a exigência de *smoking* e longos. Elas, com joias de Garrard, Bulgari ou Tiffany, modelos de Saint Laurent, Oscar de la Renta ou Guilherme Guimarães, Gui-Gui para os íntimos. Eles, com gravatas Lanvin e alfaiatados por De Cicco ou Marques. A iluminação dos candelabros completava a cena. O estilo de Zózimo até ganhava contornos mais rebuscados quando o colunista transitava pela casa:

- Na crônica social do Rio, os jantares de Carmen e Tony Mayrink Veiga ocuparão sempre um lugar especial. Não exatamente por serem os maiores, os mais feéricos, ou os mais movimentados, que estes acontecem e sempre acontecerão episodicamente. Apenas os jantares de Carmen não são mensuráveis pelo tamanho, senão pela correção e precisão que a levam a combinar o grupo certo, a escolher o menu certo com a bebida certa.

As descrições dessas festas obedeciam ao mesmo formato. Primeiro, uma visão em lente aberta, com adjetivos de euforia estética. Em seguida, dizia-se o motivo para a abertura dos salões.

- O jantar *black tie* oferecido por Carmen e Tony foi acontecimento perfeitamente à altura da homenageada, embaixatriz Teresa de Castello Branco. E ao mesmo tempo uma bela primeira impressão da hospitalidade e *savoir-faire* brasileiros dados ao vice-presidente da Sotheby's Parke-Bernet, Edward Lee Cave, que, desde manhã cedo no Rio, estava presente em companhia da *socialite* norte-americana Lee Thaw.

Os jantares eram servidos na língua do homenageado, e este deve ter sido regado — não há a informação no texto — em inglês. Se o homenageado era francês, todos falavam apenas naquele vernáculo. Era uma maneira, acreditava Carmen, de ser afetuosa com o estrangeiro que nos visitava. Tudo seguia um roteiro rígido, de lugares marcados e hora de iniciar os serviços — só faltava o serviçal à porta bater o bastão três vezes e anunciar pelo nome o convidado que chegava. Jantar marcado para as vinte e uma horas na casa de Carmen começava pontualmente a essa hora, e isso no Rio de Janeiro soava como mais uma manifestação de civilização da *hostess*.

Um parágrafo fundamental nas festas com que Zózimo preencheu de fantasia a imaginação de seus leitores nos anos 1970 era a descrição do que ia à mesa. A classe média comum daqueles anos, quando se pretendia chique, recebia os convivas com hadoque ao molho de manteiga e alcaparra, com batatas cozidas salpicadas de salsinha. Coquetel de camarão, salada de bacalhau com feijão-fradinho e rosbife com cenouras carameladas forravam a mesa de estratos sociais logo acima no

ranking da elegância. Nas festas da estrela de Zózimo, o cardápio era outra coisa:

- A abertura do *buffet* revelou ainda uma vez o toque pessoal de Carmen, presente, por exemplo, nas cavaquinhas ao molho de creme *gruyère*, nos *cappelletti au basilic* ou ainda na salada, sempre inventiva.

Na casa de Carmen não se oferecia vinagrete de camarão nem camarão no abacate, a cafonália gastronômica de outros eventos da turma. Melão com presunto de entrada, nem pensar. Parte do dinheiro que regava aquele *buffet* vinha da Rádio Mayrink Veiga e da Casa Mayrink Veiga. Esta era ligada ao comércio internacional de armas, um dos negócios que a família de Tony já tocava ao lado do Exército brasileiro nos tempos da Guerra do Paraguai, e tinha continuidade, com os militares no poder (e agora também como fabricante), na segunda metade da década de 1960. Era detalhe polêmico demais, pólvora que não cabia numa coluna social, ainda mais sob censura. Zózimo surgia como o arauto do que aquele dinheiro estava produzindo pelos anos 1970 nas mãos de Carmen, uma paulista de Pirajuí, de beleza cigana, também herdeira de barões e cafeeiros, e que gostava de receber. Simpática, oferecia do melhor para que todos se divertissem, embora ela própria não participasse de todas as etapas: não fumava e não bebia (“sou a pessoa indicada para fazer publicidade do leite Nestlé”).

Zózimo não descrevia nenhum detalhe negativo dessas festas (“jamais provei um uísque que fosse de má qualidade”). Muitos achavam aquele ritual um tanto ou quanto pesado, formal demais, pedante. Uma senhora portuguesa sentou-se ao lado de Tony. Não se conheciam. O começo — e o fim — da conversa foi assim:

“Você esquia?”, perguntou ele.

“Sim”, parcimoniou ela.

“Qual a marca do seu equipamento?”, investigou ele.

“Eu alugo o que tiver”, humilhou-se ela.

E Tony, vendo que não se tratava de uma esquiadora de seu refinado clube, começou a cantarolar “La vie en rose”, dando um tiro na conversa.

Os detratores da “opereta” achavam que, com as festas, Carmen travava uma disputa interna, que só ela percebia, com o reconhecimento internacional da mídia dos festejos de Marie-Hélène Rothschild, a grande *hostess*. Queria superá-la. Tinha requinte, claro, mas, em plenos trópicos, alguns sentiam o perfume de nostalgia do último baile da Coroa.

Poucas vezes Zózimo narrava, no espaço em que noticiava a festa, conversas que nela pudessem ter ocorrido. Recolhia algumas notas, mas guardava-as para outros dias, a fim de não dar a impressão de que havia um invasor de privacidades no local. Era uma de suas notabilidades. Fazia-se jornalisticamente invisível. Mexia-se entre a turma com a naturalidade dos bem-nascidos. Era o tempo em que os jornalistas ainda eram os primeiros a saber das novidades. “Zózimo, você que é jornalista, me diga uma coisa, os militares vão dar a anistia aos exilados?”, perguntava-lhe um grã-fino. O jornalista, que acabara de sair da redação, por onde passavam todas as notícias antes de chegarem, vinte e quatro horas depois, aos leitores, dava então um show de conhecimento dos bastidores políticos. Era poder — a notícia só podia ser repassada ao mundo através deles. Zózimo dizia o que sabia sem pedantismo e assim crescia na apreciação de seus pares.

Carmen gostava de estar diante de “um homem contente com a vida que levava” e com uma mania parecida com a dela — “doido para bater um papo”. Ele ficava num canto em pequenas rodas, voz no volume mínino. Mantinha o esgar

facial de quem não estava prestando uma atenção além daquela socialmente educada, o que é bem diferente da de um cão perdigueiro farejando notícia. Jamais puxava um bloquinho de anotações. A propósito, faltar-lhe-iam mãos. Uma estava sempre ocupada com o copo de *champã*; a outra, com o cigarro. A memória era ótima, e se algo faltasse se socorria com Marcia — que estava sempre a seu lado, por amor, gosto pelas festas e zelo para que o marido não ultrapassasse o limite alcoólico. Nos grupos de conversa, Zózimo nunca esticava o texto oral, cuidado mantido também nas notas escritas, talvez por medo de ficar chato. Uma vez, na primeira aparição por aqui de uma garrafa de Romanée-Conti, um dos bebedores foi sincero. Disse que não gostou. Zózimo não perdeu tempo: “Eu acho que foi o Romanée-Conti que não gostou de você.”

No apartamento dos Mayrink Veiga (“resplandecente”), a *ambience* era propícia às *finesses* da vida. As mulheres vestiam-se para um trópico quase fantástico (“Na entrada, se despojavam de seus casacos de pele a que foram obrigadas a recorrer para defender-se da baixa temperatura”) e para um glamour hollywoodiano imbatível (“O *décor*, já naturalmente bonito, tinha a valorizá-lo uma ornamentação de flores de todas as cores, do maior bom gosto”).

Carmen guardou, num armário exclusivo para esse fim, álbuns e álbuns com os recortes que Zózimo produziu dessas noitadas. Achava meio exagerado o chorrilho de elogios, mas — fazer o quê? — gostava. “Os jantares ficavam bem melhores na coluna”, disse certa vez ao repórter Maurício Villela, “mas ainda bem que eram na minha casa, porque eu ia ficar com ódio dessa anfitriã que recebe melhor do que todo mundo, mais bem-vestida do que qualquer outra e faz uma comida sem igual. Na descrição dele, parecia que você estava em Versailles,

com um cozinheiro que eu mandei buscar nem sei em que parte do mundo. Imagina! Eram jantares simples.”

Zózimo não concordava. Depois dos elogios à *hostess* (“Aconteceu no Rio, como poderia ter acontecido perfeitamente em Paris, Nova York ou Londres”) e aos convivas (“difícilmente outra cidade teria relação de mulheres tão bonitas no mesmo salão”), de dizer a que vinha a festa e de que era composto o cardápio, o colunista partia para uma caudalosa sessão de *name-dropping*. Juntando algumas dessas listas feitas de festas na casa de Carmen com outras noticiadas na coluna, um *who's who* da sociedade carioca naquele período de fausto era: Josefina Jordan; Lourdes Catão; Claudine de Castro (“muito bem, com uma cigana de generoso decote”); Guilherme Guimarães; Paulo Fernando e Regina Marcondes Ferraz; Ana Maria Barbará (“de novo penteado, com tranças”); Bebel Marcondes Ferraz (“de verde-água, reproduzindo sua cor de olhos”) com Marianinho; Roberto e Iara Andrade (“de roxo”); Hugo Gouthier; Adelaide e Ari de Castro; Marcos e Eduardo Magalhães Pinto; Nelson Batista; Pedro Leitão; Bernardo Gouthier; Yolanda e Sérgio Figueiredo; José Hugo Celidônio e Marialice; Kiki e Renato Garavaglia; Carmem e José Alberto Gueiros; Titá e Mario Vinhas; Marilu (“de *palazzo* de seda preta bordado”) e Ivo Pitanguy; Ilde de Lacerda Soares; Guiomar e Gustavo Magalhães; Gisela e Ricardo Amaral; Dada Carvalho de Britto e Paulo Silveira Martins Leão; senhor e senhora José Eugênio de Macedo Soares (“Muriel, com um modelo indígena parecia uma *squaw*”); os casais José (Zezito) Colagrossi; Alberto Proença de Faria; Didu de Souza Campos; Euclides Aranha Neto; Carlos Lustosa; Marcelo Machado; Homero de Sousa e Silva; Maneco Bayard Lucas de Lima; Jorginho Guinle; Gui Neves da Rocha; Gustavo Afonso Capanema; Cecil Hime; Renato Archer; Maurício Roberto; Ibrahim Sued; e Renato Graça Couto.

Também as senhoras Mariazinha Guinle, Celinha Azambuja, Julietinha Aranha; as embaixatrizes Nininha Leitão da Cunha e Teresa de Castello Branco; o embaixador Paulo Paranaguá e Glorinha; mais o cirurgião Pedro Valente; os senhores Nelson Seabra, Marcelo de Castello Branco, Rodrigo Argolo. Outras senhoras: Ana Luiza Capanema e Vera Armanino (“com um corte de cabelo que lhe vai muito bem”); e os senhores Álvaro Americano, Roberto Seabra e Hildegardo Noronha.

Era a alta sociedade, um grupo de uns cem nomes que Zózimo definia como “de pessoas comprometidas com as noções ocidentais de elegância e bom gosto”. Ao assumir a coluna e pautar sua ronda apenas pelos endereços sociais onde usufruía alguma afinidade, ele redesenhou os nomes nobres da cidade. Escolheu os trinta casais que já frequentava e, com alguns novos conhecidos, bancou seu elenco. Repetia-os sem constrangimento, como se aplicasse ao colunismo a máxima do futebol: não se mexe em time que está ganhando.

“Um industrial do Sul”, segundo Myrian Gallotti, pediu à distinta dama que ela fosse até Zózimo convidá-lo para uma festa na sua cobertura de Ipanema. Disse que o colunista poderia pedir o que quisesse em troca da divulgação do evento. Zózimo desculpou-se com Myrian, íntima de seu grupo, e disse que nem ia responder. Guardou o nome do industrial. Jamais o citou na coluna. Reverente apenas ao seu faro, escolhia os protagonistas e jogava para escanteio a biblioteca revestida em lambris da família Eduardo Bahouth, a mansão do casal João Borges, na Marquês de São Vicente, na Gávea, a decoração europeia do apartamento de Eveline e Jorge Chamma, no Morro da Viúva, todos representantes da velha sociedade. O novo diretor da companhia era Zózimo. Dava preferência a um grupo mais jovem e descontraído. “O leitor ficava íntimo dessas pessoas e acompanhava a vida delas como fazia com a dos seus ídolos de cinema. Carmen, Tereza e Lourdes eram as

Catherine Deneuve, Elizabeth Taylor e Brigitte do Zózimo. Parecia conto de fadas, capítulos de novelas”, disse uma vez o costureiro Guilherme Guimarães. A repetição dos nomes ajudava o leitor a não se perder na trama.

Foram desconvocados alguns craques da seleção de Ibrahim. Beki Klabin, a mais midiática de todas as colunáveis no início dos anos 1970, não participava do elenco de Zózimo. Era *shangai* demais. O nome de Beki, ex-mulher do industrial Horácio Klabin, da fábrica de papel, aparecia em meio a algumas das listas de presença das festas, mas jamais passou disso. Capa da revista *O Cruzeiro* por namorar o ultrabrega cantor Waldick “Eu não sou cachorro não” Soriano, não ganhou uma foto nem uma nota de destaque com Zózimo. Não tinha o perfil de glamour que ele pedia para o seu *cast*. Beki estava disponível em excesso. Fora jurada do programa do Chacrinha e tornara-se, em 1972, a primeira madame a desfilhar em escola de samba, um acontecimento que julgou tão marcante a ponto de deixar as marcas em seu apartamento, de frente para o mar de Copacabana: pintou suas paredes em azul e branco, as cores da Portela. Zózimo nem piscou. Quando ela começou a namorar o cirurgião plástico Hosmany Ramos, menos ainda. Foi a sua sorte. O homem roubou joias de Beki, iniciando um pacote de escândalos que abalou o *society* — o outro, não o de Zózimo.

Quando entrevistado sobre o critério de escolha dos nomes que poderiam aparecer na coluna, ele garantia ser uma escolha pessoal. Admitia implicar com quem tentava em público aparentar, com ele, uma intimidade que não tinha. Aos poucos, a família imperial, por exemplo, que tanto o impressionava na época da coluna de Carlos Swann, no *Globo*, foi sendo deixada de lado. Sempre buscada para servir de carruagem de medalhas e coroas às colunas, agora assumia ares de quase vilania nas notinhas. Quando aparecia uma oportunidade,

Zózimo descascava a velha nobreza. Não admitia que continuasse vivendo da cobrança da enfiteuse em Petrópolis. Disse numa nota:

- Noticia a imprensa de Petrópolis a ida em breve de Dom Francisco de Orléans e Bragança para um cargo no governo federal, provavelmente na área do Ministério da Agricultura. Dom Francisco já é dono do jornal *Tribuna de Petrópolis* e da Imobiliária Petrópolis, para cujos cofres é canalizado o resultado da cobrança do secular instituto da enfiteuse, do qual vive e se nutre a família imperial brasileira. É, como se vê, um guloso.

Já o séquito de plebeus felizardos aparecia no *JB* percorrendo, como se fosse uma caravana *vip-holiday*, os endereços que o colunista carimbava com sua presença. Eram brasões de uma carioquice ilustre, embora muitos dos que ele queria noticiar pediam por favor (como os empresários José Luiz de Magalhães Lins, Julio Bozano e Azevedo da Silveira) para mantê-los fora.

Zózimo ia incorporando alguns nomes à sua turma predileta, como o da deslumbrante Ilde de Lacerda Soares, e a grande festa dos ricos cariocas seguia. Quando alguma de suas musas apresentava um problema, passava ao largo — e foi assim que não noticiou o rocambolesco *affair* de Myrian Gallotti com um professor de tênis do Country Club. O caso acabou com o casamento dela, mas também não durou. Myrian sofreu pelos corredores do clube, jogava-se apaixonada aos pés do rapaz. Zózimo desconheceu tudo. Adorava Myrian e Tony, frequentava suas quadras de tênis e lamentou com sinceridade o desenlace.

Todas essas pessoas podiam ser encontradas com frequência no Golden Room do Copacabana Palace, um

cenário que desde a sua inauguração, em 1938, abrigara outras gerações de sobrenomes e se mantinha impávido como “o mais tradicional, sofisticado e elegante dos salões (mais ou menos públicos) do Rio”. Uma vez por ano na década de 1970, a alta sociedade de Zózimo reunia-se ali para celebrar um dos eventos icônicos daquele *grand monde* carioca: o desfile da coleção de Guilherme Guimarães. Ele funcionava na coluna como a resposta carioca ao estilista paulista Denner, astro de São Paulo e personagem de Tavares de Miranda na *Folha de S.Paulo*.

Zózimo apostava tudo em Gui-Gui e animava o texto quando narrava a sua noite de gala no Copa:

- A elegância revelada pela passarela — na opinião de várias senhoras presentes, o ponto alto da coleção foram os *blazers* combinados com vestidos longos — encontrava plena correspondência na plateia, que incluía algumas das mulheres mais bonitas e em evidência na sociedade do Rio. Como era o caso da sra. Carmen Mayrink Veiga, uma presença deslumbrante num modelo preto de Givenchy aberto dos lados.
- Carmen brilhava na mesa mais elegante da noite, organizada e liderada por Fernanda Colagrossi (a única mulher a usar um modelo retirado especialmente para ela da própria coleção) e José Colagrossi, e na qual estavam também o embaixador e sra. Hugo Gouthier, os casais Ari de Castro, Gustavo Magalhães, Gustavo Afonso Capanema, Ruy Brandolini, as sras. Josefina Jordan e Glorinha Sued, os srs. Álvaro Americano, Nelson Batista e Bubi Weinschenk.

Naquela noite de maio de 1975, no entanto, Zózimo estava restritivo nos elogios. A década embicava para o seu final e ele

publicava uma nota em que parecia já não achar o cenário tão fascinante e de real valor como outrora.

- Alguma coisa mudou. As grandes orquestras que animavam as noites memoráveis do Golden Room cederam lugar a psicodélicos aparelhos de som, parafernálias que emitem uma música tonitruante. O viço da decoração não é mais o mesmo e os artísticos arranjos do centro de mesa foram substituídos por modestas resmas de vinha entrelaçadas nos candelabros de prata, estes, pelo menos, os de sempre.

Zózimo, que desde 1965 percorria os salões com Álvaro Americano, começava a ter nostalgia dos bons tempos. Fez muxoxo também para o jantar — melão com presunto, *blanquette* de frango e sorvete (“quanta diferença para vinte anos atrás!”). No fim do ano, outra turma veio mudar o astral e comemorou o Réveillon de 1975 com Odile e Paulo Marinho:

- A receita não é nova e sempre surte o efeito desejado: gente comprometida, naquele momento, apenas com a ideia de diversão, mulheres lindas, música da pesada, *champã* (francês) sem freios e um *buffet* copioso e variado — como o diabo gosta. Mick Jagger e Bianca (de gaze branca com pontas e um pano na cabeça), ao lado de Lucia Cúria e Guilherme Guimarães, acabaram tendo a iniciativa de puxar o *hustle*, o ritmo que predominou tanto na fita quanto na pista de dança.

A liberdade de expressão estava sacrificada, mas a economia prosperava — e os ricos ficavam ainda mais. Era um festival de *souper*, *night cup*, *surprise-party*, *cocktail*, *coq*, *cocktail-souper*, jantar informal, noite de joguinhos, *tenue de ville*,

boca-livre, e também de *TV parties*, as festas em torno da transmissão de jogos da Seleção brasileira. Naquela década, nos meses de agosto, o Jockey Club garantia pelo menos duas colunas inteiras. A do Grande Prêmio Brasil, no primeiro domingo do mês, com as madames exibindo chapéus exóticos, e, no dia seguinte, a Noite de Longchamp. Foi numa dessas que Zózimo, com o deboche sutil que o caracterizava, narrou:

- O menu, muito bom, começava com uma lagosta, continuava com faisão e terminava com um *jabot d'ange*, que o sr. Jorginho Guinle pensou tratar-se de algum cavalo vencedor, mas que depois constatou ser uma forma sofisticada de designar o nosso conhecido e popular papo de anjo. Tudo degustado entre goles de primoroso *champã*.

Os embaixadores continuavam tendo um cantinho no Rio e ajudavam a movimentar a noite social. O conde e a condessa Leonetti (sendo ela, Graziella, uma Matarazzo, e ele, Raffaele, primeiro-secretário da embaixada da Itália) recebiam na bem decorada cobertura.

- Os móveis plásticos eram cubos, com cadeiras aerodinâmicas, tudo caindo de bossa e apropriado para uma residência em frente ao mar. Na garagem, para combinar com semelhante *décor*, só mesmo um Lamborghini Miura, um *fuoriserie* de fabricação italiana, um dos carros mais cobiçados pelos automobilistas do mundo inteiro, 330 HP, 12 cilindros, outro tanto de carburadores, uma verdadeira joia que o *host* acaba de importar.

Era uma coluna de terça-feira, 7 de abril de 1970, e como o *JB* não circulava às segundas Zózimo fazia um apanhado dos últimos dias e dava um amplo espaço com o título de “Fim de

semana social”. A “esticada natural do coquetel dos Leonetti foi o *open house* para as despedidas de solteiro de Olavinho Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa”. Houve também, no sábado, as despedidas a Tite e Zoza Médicis, num coquetel na casa dos pais do primeiro, senhor e senhora Fernando de Lamare, “que conhecem como poucas pessoas no Rio a arte de receber”.

- Novamente *champã* e excelente *scotch* a todo instante, e um picadinho e pastelão de camarão para os que permaneceram até depois da meia-noite, vale dizer, praticamente todo mundo. Uma presença sensacional: Cristiana Bernardes; uma presença envenenadíssima: Cristina Lacerda.

A alta sociedade consumida pelos leitores era essa turma, um mundo *made by Zózimo*, não necessariamente os mais ricos e finos da cidade, mas Os Escolhidos. Transitavam de longos e de gravatas pelas muitas casas que ainda abriam seus salões e ostentavam luxo *privé* sem constrangimento. Nesse fim de semana noticiado em 7 de abril, a turma passaria ainda pelo coquetel oferecido pelos senhor e senhora Hugo Meira Lima ou pelos Simonsen, Julieta e Raul, que homenageavam a senhora Julietinha Aranha, aniversariante. No final do vaivém, lá pelas três da madrugada, Zózimo continuava a movida carioca com os amigos:

- O pouco fôlego que ainda restava à sociedade na noite de domingo foi consumido na reunião oferecida em seu apartamento no Flamengo por Lolly e Cecil Hime. Como figuras centrais o cantor italiano Tony Renis e sua namorada, a milionária Rosemarie Katzel (seu ex-marido foi casado com uma tia de Henry Ford II).

Cansado? A noite era uma criança. A reunião, “informalíssima”, embora os homens estivessem de *black tie*, acabou em casas noturnas em voga na cidade. Os homenageados foram ao Colt-45, em mesa com Lourdes e Álvaro Catão, Gilda e Valder Sarmanho, Evinha e Baby Monteiro de Carvalho. Os homenageantes seguiram para o Mário, em mesa com Fernanda e Zezito Colagrossi. Netinho Cunha Bueno e parte de seus convidados foram ao Antonino, “onde, aliás, fazia sua *rentrée* a figura querida de Otto Lara Resende”.

Ufa!

Em março de 1978, dez anos depois de sua mãe, o príncipe Charles veio ao Rio e foi recebido no Palácio da Cidade, em Botafogo, numa festa em que se misturavam o traje formal dos senhores e os trajes mínimos das passistas da escola de samba Beija-Flor, de Nilópolis. O Rio dos anos 1970 tinha também como elemento facilitador da explosão de festas no *society* o fato de o prefeito entre 1975 e 79, o engenheiro Marcos Tamoyo, ser um de seus membros. Ele foi substituído no cargo, até meados de 1980, por outro membro da elite, o também festeiro Israel Klabin, dono da fábrica de papel Klabin. A festa estava no poder. A do príncipe Charles no Palácio da Cidade correu o mundo, famosa pela foto em que ele aparece se agachando, desajeitado, na tentativa de acompanhar os passos de uma passista careca, glúteos esplendorosamente à mostra. Descrevia Zózimo outros deleites servidos ao príncipe:

- O prato de resistência foi uma paca, por sinal bastante gordurosa. Um dos membros da comitiva de Charles, quando lhe disseram que paca era uma caça típica brasileira, ficou espantado achando que caça que se preza tem que ser mais enxuta, pois passa o tempo todo correndo no mato. (...) Os garçons serviam gim em proporções jamais

vistas no Rio, talvez por terem lido nas folhas ser essa a bebida favorita do futuro rei.

Zózimo podia ser visto também *al mare*. Quando os diretores do Chase Manhattan, David Rockefeller à frente, estiveram no Rio para uma série de reuniões com economistas brasileiros, a agenda social paralela foi enorme — e numa das cenas Zózimo acompanha o grupo num passeio de barco pela baía de Guanabara. Myrian e Tony Gallotti, ainda casados, eram os organizadores do evento. Saíram do Iate Clube numa procissão de iates, entre eles o *Atrevida*, dos paulistas Marilu e Dirceu Fontoura, dono do famoso medicamento Biotônico Fontoura. Almoçaram a bordo em Paquetá, num grupo que reunia também Gianni Agnelli, Israel Klabin e parte da turma fixa da coluna: Teresinha e Pecô Muniz Freire, Renata e Sergio Mellão, Noêmia e Leopoldo di Mottola, Georgina e Ruy Brandolini, Carmen Mayrink Veiga, Celinha Azambuja, Eloisa Dolabella, Glorinha Sued e Rudi Crespi, entre outros. Navegavam até as ilhas da baía. Numa delas quiseram tomar um sorvete. Não conseguiram. Acostumados à boca-livre, nenhum dos milionários carregava um níquel nos bolsos dos calções.

A baía estava longe de ser uma piscina, mas ainda se viam alguns golfinhos saltitantes. Suas águas recebiam os grã-finos interessados num cenário deslumbrante, com o frescor da brisa marinha beijando-lhes o rosto. Uma excursão constante naquela rota foi apelidada de “Lanchas para o Povo”. O barco chamava-se *Nutcracker* (Quebra-nozes) e pertencia a Márcia Kubitschek, filha de JK, que a emprestava a Dalal Achcar, sua parceira no mundo da dança — daí a referência ao nome do famoso balé de Tchaikovsky escrito na proa. Aos domingos, Dalal e o marido, Luiz Fernando Bocayuva Cunha, o Baby, engenheiro e político, herdeiro do republicano Quintino

Bocayuva, reuniam Zózimo, Elio Gaspari e algum convidado — o coreógrafo francês Maurice Béjart, por exemplo — e seguiam todos até a praia de Jurujuba, em Niterói. Almoçavam no Samanguaiá, especializado em frutos do mar, uma cornucópia de camarões fritos e mexilhões no arroz. Ficavam até o anoitecer por lá. Não estava acontecendo nada, mas Zózimo se lembraria daqueles momentos como alguns dos melhores de sua vida. Como Baby era de esquerda, cassado pelos militares, brincavam que num futuro governo socialista as lanchas dos ricos seriam estatizadas e serviriam ao povo no merecido desfrute dos fins de semana.

Al mare, al bare... onde a sociedade se divertisse, ele e seus íntimos seguiam. Ainda haveria muita festa, embora Zózimo começasse a consolidar dúvidas sobre a eficiência de uma coluna social para o corpo de um jornal. Esteve de casaca na posse do general Ernesto Geisel, em 1974; a rigor, no casamento de Fernando Collor e Lilibeth Monteiro de Carvalho, em 17 de outubro de 1975, no Copacabana Palace, onde registrou a presença de Joan Guerreiro (“com um vestido de 45 anos de idade, comprado quando a família Vanderbilt resolveu se desfazer de sua famosa coleção de roupas”). Em 18 de abril de 1973, depois da audição do Royal Ballet no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ele e demais convidados foram recebidos à porta da antiga embaixada da Inglaterra, na rua São Clemente, em Botafogo, pelos embaixadores *sir* David e *lady* Hunt, ela, de longo, segurando pela coleira o seu *poodle*. Tudo chique, claro, mas começava a ficar cansativo.

Naquela década, os jantares na casa de Josefina Jordan, egípcia de forte sotaque francês, viúva de Henryk Spitzman Jordan, o construtor do edifício Chopin, na avenida Atlântica, em Copacabana, chegaram a uma centena. O cardápio era sempre árabe. Em 23 de janeiro de 1975, ela recebia o casal Teresinha e Hildegardo Noronha; em 9 de julho de 1977, os

quibes eram em torno do banqueiro português Manuel Bulhosa; em 30 de março de 1979, as esfirras reverenciavam o príncipe Jean-Louis de Faucigny-Lucinge.

No final do ano, a década de 1980 aparecendo na janela, Zózimo jantava com Telmo Martino e Marcia. “Mais um ano vai começar e lá vou eu falar das mesmas pessoas e dos jantares árabes da Josefina Jordan”, desabafou com um suspiro entre as flutes de champanhe, referindo-se à amiga, anfitriã de méritos. Era preciso reinventar a rotina, chutar o balde e transformar o cardápio da coluna. Se o projeto de distensão dos militares fosse para valer, como dizia o general João Baptista Figueiredo, o novo presidente, ele poderia escrever sobre outros assuntos que não os passados nos salões cada vez mais chinfrins da sociedade. Por onde ir? Para pensar melhor no que poderia ser feito da vida, Zózimo convida a todos para dar um tempo, sair da festa e acompanhá-lo numa esticada pela noite do Rio no final da década de 1970.

18

Em qualquer noite dos anos 1960 que se entrasse no restaurante Le Bec Fin, em Copacabana, seria possível encontrar Ibrahim Sued. Ele tinha um ponto, gostava dali, e isso o tornava vulnerável a um dos seres mais repugnantes no horizonte de um colunista social: o chato de galocha. O cara que quer empurrar uma nota de seu interesse para a coluna. Ibrahim andava blindado, sempre com dois ou três amigos. Sentavam-se à mesa, sendo o mais constante deles o empresário Fuad Nadruz, e a barreira inibia a aproximação. De vez em quando um mala sentava-se, contava sua história, era rejeitado e, no segundo movimento para emplacar a nota, ouvia do “Turco” — que não tinha culpa se a humanidade era mal-educada, ele estava apenas revidando — um estrondoso “vai tomar no cu, seu merda, e se manda da minha mesa”. Fazia assim também no almoço do Bife de Ouro e do Nino, outros restaurantes que frequentou em épocas diversas.

Zózimo, paciência infinita para os que conseguiam chegar aos seus ouvidos, não tinha ponto fixo, o que dificultava abordagens premeditadas. Se um chato chegava junto, ele acionava um olhar de quem ouvia com a maior atenção, mas estava apenas dando uma volta por Marte e mandando mensagens telepáticas inaudíveis por humanos. Pedia que o cara fosse para o mesmo lugar das vítimas de Ibrahim. Sabia, porém, se defender de jeito mais ostensivo. No Le Relais, do Plaza Athénée, em Paris, jantava com Boni, da Globo, quando um brasileiro os reconheceu. O que seria só um cumprimento de patrícios foi se prolongando. O sujeito queria saber o que a dupla tão bem-informada dos segredos do bom gosto estava comendo e bebendo. Zózimo serviu ao estranho um copo do

pinot noir que estava no decantador. O homem provou com displicência, continuou falando, afastou o vinho e pediu cerveja. Mal o garçom acabou de servir, Zózimo, sem dizer nada, entornou o que restava do vinho no copo da cerveja do chato — que se percebeu como tal e foi cantar noutra freguesia.

Ser colunista social, ainda mais num momento em que as colunas abriam o leque e abordavam de tudo, era missão perigosa. Todo mundo queria dar um pitaco sobre aquela nota que ele publicara ontem, dizer que discordava, que não era bem assim... O colunista paulista Giba Um, chegado mais às fofocas do que às elegâncias da matéria, estava na boate Flag, em Copacabana, quando um colunável paulista, Fernando Muniz, jogou-lhe um copo de uísque no peito. Era um revide a uma nota que julgara caluniosa. Ibrahim Sued partiu para cima de Fernando e, na mais correta versão do que possa ser “espírito de corpo”, defendeu o colega, tendo início uma pancadaria das boas, com Fernando sendo expulso da boate.

Neste capítulo passaremos por cima desses inconvenientes. Não teremos notas, não teremos que fechar coluna e, espantados os chatos, seguiremos em frente. Vamos apenas acompanhar Zózimo circulando em pleno final de 1975 pelos principais restaurantes e bares do Rio. Ainda é uma cidade para maiores de trinta anos, com uma vida noturna moldada por grupos — jornalistas no restaurante Lamas, perto do Largo do Machado; atores no La Fiorentina, no Leme. Como dizia o empresário Ricardo Amaral, na noite todos tinham sobrenome e ela não era ocupada por “um bando de *parvenus*”, como Zózimo gostava de falar.

Ele sai quase todas as noites. Faz a ronda atrás de notícia, mas gosta do agito. Quando não está em festas, ou depois delas, circula pelo modesto roteiro gastronômico da cidade e se dá à falta de luxo de frequentar restaurantes sem ar refrigerado e com cardápios estrelados por pratos como filé com caviar.

Ele circula a bordo de seu Puma, uma versão atualizada daquele de Boy. Vamos acompanhá-lo tendo como base um roteiro traçado por ele para a revista *Status* acrescido, aqui e ali, de comentários publicados em sua coluna. São pontos que eram o fino do contrafilé da época — e desapareceram, fritados por pragas diversas como o modismo e a má administração.

Todos a bordo — não há cinto de segurança e é permitido fumar — nesse luxo que é ter como guia Zózimo Barrozo do Amaral, o mais jovem e sofisticado colunista social da cidade. Em algumas casas ele paga a conta, em outras tem um abatimento, em outras se deixa homenagear pelo proprietário, que faz questão de brindá-lo com a cortesia. A viagem começa e é o nosso cicerone quem fala:

O roteiro noturno de um homem de status no Rio não começa por um bar. Bar carioca, a partir do momento em que a noite desce, é o lugar de esticada, nunca de iniciar programas. Os restaurantes que se prezam têm a equipá-los bares simpáticos e movimentados, embora nem sempre confortáveis. É do movimento do bar que os restaurantes extraem seus lucros. A comida — dizem os *restaurateurs*, eu não acredito — pode até dar prejuízo que o bar garante.

O visitante de fora pode começar sua incursão indo direto ao Antonino, na Lagoa. É, dos restaurantes cariocas de prestígio, o único que tem bar e sala de jantar em locais distintos, separados apenas por uma escada. Atrás do balcão, rodeado de mesas e cadeiras de bambu e estimulado pelo som suave de um piano, o *barman* Guilherme se empenhará em produzir drinques que vão dos banais martinis secos ou *whisky sour* até o Singapore Sling, uma raridade alcoólica na noite do Rio. A sequência, o jantar, é no andar de cima, o que obriga o cliente a passar por óleos, gravuras e tapeçarias de artistas brasileiros de renome.

Tudo correto, sem maiores pretensões. Nos fins de noite, aficionados do jazz reúnem-se ao redor do piano do bar para improvisadas *jam sessions* a cargo de Jorginho Guinle, Marcos Szpilman, para citar dois amadores, e até feras como Victor Assis Brasil.

O Michel, em Copacabana, é pretensioso. Se o cliente optar pelo carro-chefe da casa, o filé com molho de caviar, uma combinação esdrúxula que faz muito sucesso, acompanhado de um bom *rouge* estrangeiro, a despesa vai atingir níveis inusitados. Ou, quem sabe?, acompanhar o filé com caviar de um correto *blanc*, pois, se há carne, há também o caviar.

É no Michel que os *habitués* são distinguidos numa espécie de homenagem com a fixação nas paredes de seus nomes em placas de esmalte azul e branco que imitam as indicações dos logradouros públicos. Há a rua fulano de tal, avenida sicrano etc. Uma respeitável senhora, rubra de constrangimento, se viu emplacada com a designação de largo.

Lugares a serem frequentados por homens que prezam a sua reputação são também o Le Bistrô e o Open. Os dois vão citados juntos porque se notabilizaram como lugares da predileção de dois ministros da Fazenda, o primeiro, do sr. Delfim Netto, o segundo do atual, Mário Henrique Simonsen. É o ponto de encontro do mundo financeiro e econômico desde o governo Costa e Silva.

O Nino, irmão quase gêmeo do Antonino, é frequentado nas noites de domingo pela sociedade tradicional e, sempre que estão no Rio, pelos políticos e jornalistas do setor. Invulnerável a modismos, vem se mantendo como casa de sucesso desde 1964. Seu proprietário, Manuel Águeda Filho, mantém a casa com apuro, mas seu negócio principal é a construção civil.

Quando lhe fazem críticas ao serviço, exigindo equipamento mais sofisticado, à altura da categoria da casa, como copos de cristal, talheres de prata e toalhas de linho, Águeda explica que a sua única experiência nesse terreno resultou em fracasso. Tentou começar pelos saleiros de prata importados da Inglaterra. Não duraram uma semana, retirados das mesas para os bolsos dos cavalheiros e bolsas das senhoras. Como se tratava, na maior parte das vezes, de gente ilustre, Águeda, entre submeter os clientes a um vexame e perdê-los para sempre, ou fazer vista grossa, arcando com os prejuízos, preferiu a segunda e prudente hipótese, substituindo as perdas com material inferior. O *best-seller* é o *fettuccine*.

O *fettuccine* também é uma das *pièces de résistance* do Monte Carlo, um restaurante parecido com o Nino, tanto na atmosfera quanto no menu — o que não quer dizer nada, porque 80% dos pratos dos menus dos restaurantes do Rio são idênticos, com imperceptíveis variações de sabor.

Pode ocorrer a quem pretende desvendar a noite carioca mais sofisticada uma incursão pela culinária italiana. Há o Máfia, cuja cozinha é a que está mais próxima da capitosa tradição gastronômica peninsular, mas ainda assim distante da autenticidade conseguida pelas cantinas italianas de São Paulo. É dos raros lugares do mundo (se é que existem) onde é possível degustar um *cappelletti* ao preço de caviar.

Como exemplo de razoável cozinha italiana pode-se citar a Sorrento e sua filial, a Tarantella, mas a ausência de ar refrigerado não as recomenda.

O Concorde e o Special, assim como o Mário e o 706, podem ser citados aos pares. O Concorde é o restaurante e o Special, a boate. Da mesma forma, o Mário e o 706. Dificilmente alguém jantará em uma sem esticar na outra, pois, funcionando em conjunto e pertencendo aos mesmos

donos, se interligam, permitindo que pela simples transposição do umbral de uma porta se passe da tranquilidade à loucura, do céu ao inferno.

O Special tem samba a cargo do conjunto de Ronald Mesquita, que só conseguiu ser conhecido aqui depois que se lançou em Paris como o músico preferido de festa de milionários. A exemplo do Michel, o Concorde tem a preocupação de afagar a vaidade de seus *habitués vips*. Só que em vez de emplacá-los na parede, personaliza seus pratos colocando-lhes os nomes nas bordas. O freguês lança-se com apetite sobre um *entrecôte* mirando antropofagicamente o próprio nome estampado no prato.

Foi no 706, a boate do Mário, que surgiu a onda de o samba não ceder lugar aos ritmos estrangeiros, tão ao gosto, pelas suas características, das alegres cigarras que enchem com seu vozerio aflito as noites do verão.

Sobram poucas casas que o forasteiro poderá visitar sem susto, embora com poucas possibilidades de encontrar nomes que façam notícia. Como o Café de la Paix, única exceção feita por esta relação a restaurante de hotel (Méri dien), e o Casa Nostra, cuja maior atração é servir faisões e perdizes ainda com o chumbo despejado pela arma que os abateu. Um achado que beneficia mais os protéticos do que a sensibilidade dos *gourmets*, que reconhecem no chumbo um sabor perfeitamente dispensável.

Falta muito ao Rio para se transformar numa cidade *gourmet*. Falta caráter aos restaurantes. Eles se copiam no que têm de pior. É só surgir uma novidade gastronômica para o prato provincianamente figurar em todos os menus. Lembram-se do surto do *baby-beef*? Ou das trutas importadas não sei de onde? Não se pode dizer de um restaurante que ele tem uma especialidade. A especialidade de um é a especialidade de todos. A razão do mal está na

ausência de um *restaurateur* na direção dessas casas. São todas pessoas simpáticas, perfeitas como relações-públicas. Mas de comida entendem tanto quanto este colunista de física nuclear. Não entram na cozinha, e aí o cozinheiro faz o que quer.

Quais são os grandes restaurantes da França? São aqueles em que os proprietários são também os *chefs*: o Bocuse, o Troisgros, o Raymond Oliver, o Alain Chapel... No dia em que nossos adoráveis amadores culinários aprenderem que o sucesso do restaurante não está no volume das contas que apresenta, mas na originalidade e qualidade da comida, então se terá dado mais um passo na direção da civilização.

Enquanto isso, uma vez jantado, um recurso ao *homo nocturnus* e sua vaga companhia é a esticada. Além do Special ou 706, encontrará tudo o que precisa no Privé, onde os frequentadores têm compromisso apenas com a garrafa e a pista de dança, ao som do que há de mais moderno em matéria de música pop, a mesma ouvida em qualquer boate famosa do mundo, como o Regine's, o Annabel's ou o Hippopotamus, de Nova York ou São Paulo.

O que o Privé tem de mais espetacular são as noitadas de fim de semana, que se estendem até o sol alto. Um estrangeiro que passou pelo Rio no último Carnaval ficou pasmo no dia em que entrou no Privé às sete da manhã e teve a noção exata pela frequência, disposição e animação, de que a noite estava começando. O Privé é de 1956, ali se dança entre objetos e esculturas de artistas da moda.

Mas há, e como!, quem prefira, em seguida ao jantar, música soft que permita a continuação da conversa ou que funcione como *intermezzo* da atividade gastronômica, separando o que já foi do que está para vir. O lugar ideal é o Balaio, no Leme, casa frequentada pelos nostálgicos do

Sacha's, que lá reavivam a memória à custa do piano do Sacha Rubin. Pode-se dançar à antiga, que o Sacha não é chegado a excentricidades.

Não tão soft, mas brilhante, é a música do Chiko's Bar, a cargo de Luiz Eça, lugar predileto dos cantores e músicos que querem dar canja. O Flag, de José Hugo Celidônio, em Copacabana, é referência da música popular. Chico Buarque fez temporada de um mês. Janis Joplin tentou entrar, mas o porteiro achou que fosse uma hippie suja — e barrou-a.

A próxima escala, dependendo da competência do atleta, pode ser a Barra da Tijuca, cujos motéis, feéricos, reproduzindo a luminosidade colorida de Las Vegas, apresentam uma variedade de opções que compreendem a existência ou não de piscinas particulares até o formato das camas, que podem ser tradicionalmente quadradas, redondas, giratórias (um perigo, dizem, para as senhoras de cabelos compridos, dada a proximidade das engrenagens) e até, pasmem, fixas.

O Vip's, por exemplo, na avenida Niemeyer, debruçado sobre o Atlântico, é uma sugestão sensata. Como é também o King's, precursor de um novo estilo, pois antes dele só havia o caos, o Holiday, o Playboy, o Maxim, o Dunas, o Xá Xá Xá, o Mayflower etc. — menos o Tropical. Projetado originalmente para uma rotatividade mais baixa, o Tropical acabou subindo de giro, o que obriga o seu frequentador a utilizar-se do elevador, o que é, no mínimo, constrangedor, para não dizer imprudente.

Num outro sentido, tanto geográfico quanto filosófico, há, em plena rodovia Rio-Petrópolis, o Pink's, com as mesmas características de conforto de seus similares, mas com a peculiaridade de enviar aos jornalistas que o citam, mesmo como ponto de referência, “uma cortesia de suíte presidencial, inclusive despesas de bar e restaurante”.

No caso do Pink's, Zózimo falava de si próprio, proprietário de uma carteirinha de cortesia do motel, que ficava, estrategicamente, próximo ao *Jornal do Brasil*, onde o clima era divertido e sexy.

19

Ninguém sabe o autor da frase, mas, apesar do conteúdo chulo, ela apresentava boa elaboração redacional e só pode ter sido criada por um jornalista. Tinha objetividade, uma urgência no pedido da informação. A frase circulava com desenvoltura pela redação do *Jornal do Brasil* e de tanto ser usada já não queria dizer exatamente o que lhe era explícito no texto. Era um cumprimento entre os da classe. Tinha se transformado numa saudação mais brincalhona do que sacana. Um de seus usuários empolgados era Zózimo. Ele chegava a uma roda e, como se quisesse dar o tom para a conversa, que em seguida só poderia ser eivada de brincadeiras, repetia o bordão que era comum a seus companheiros de redação: “Come-se alguém por seu intermédio?” Um dia, ao cumprimentar um contínuo com o bordão, ouviu dele a sincera afirmativa: “A minha irmã.” Era sério. A moça, informou o rapaz, fazia programas pagos.

A redação do *JB*, na avenida Brasil, 500, era um imenso salão de cerca de trezentos metros de comprimento. Foi a última redação romântica, do tipo em que, num trote clássico, mandava-se o estagiário descer à oficina para pegar a calandra (um cilindro pesadíssimo, que, naturalmente, não era para ser pego). A repórter Norma Couri está entre suas delicadas e derradeiras “vítimas”. De vez em quando estourava uma guerra de bolinhas feita com laudas — as folhas de papel barato, de trinta linhas e setenta e dois toques cada uma, onde se escreviam os textos, batidos a máquina. Elas vinham com espaço no alto para as marcações dos diagramadores, seres armados de borrachas, lápis e réguas, arma que eles usavam para medir ou, batendo com força na mesa, quebrar a concentração de quem escrevia. O clima era de gandaia criativa

e compreensão sobre o que fosse a função do jornalismo. Quando o secretário de Segurança tentou impedir que o repórter Romildo Guerrante cobrisse a área de trânsito na cidade, Carlos Lemos, chefe da reportagem, disse a Romildo que continuasse suas funções e desconhecesse as ameaças: “Quando o secretário de Segurança mandar aqui, pego meu chapéu.”

Havia heroísmo e sensação de que se cumpria missão de cidadania num clima de camaradagem. Nos anos 1980, por exemplo, o repórter Luarlindo Ernesto passou uma temporada dormindo ali porque estava brigado com a mulher. Gozava-se algum companheiro dizendo ser ele “um notório atrasador de jornal”. As máquinas de escrever eram de teclas escuras. Por causa delas evitava-se a expressão “escrever”. Muito pedante. Falava-se “machucar as pretinhas”. Os textos eram produzidos com cópias em carbono: uma folha ia para o editor, a outra ficava com o repórter. Os telefones das fontes eram anotados num fichário coletivo consultado o tempo todo por todos, o “Seboso”, tão merecedor do nome que um dia amanheceu com um aviso zombeteiro: “Interditado pela Saúde Pública.”

De um lado do prédio havia os galpões, os contêineres e os guindastes do cais do porto do Rio. De outro, a avenida Brasil. Era longe de tudo. O único vizinho era o cemitério do Caju — e houve quem achasse um mau prenúncio. Quando o jornal transferiu-se da avenida Rio Branco para aquele endereço, em julho de 1973, os repórteres precisavam caminhar pelo menos quinhentos metros para comer alguma coisa nos cafundós de São Cristóvão. Os restaurantes do prédio, o “PTB”, mais popular, e o “UDN”, mais caro, para editores, tinham comida repetitiva. Mas tudo valia a pena, porque a redação monumental tornara-se a mais bonita do país. O prédio era um escândalo de modernidade arquitetônica: heliporto no cocoruto, mármore no saguão da entrada — e gastos.

Nascimento Brito apostava que a cidade se desenvolveria por ali, só que a expansão seguiu pela Barra da Tijuca. Pouca gente foi na direção daquele fim de mundo, depois da Rodoviária Novo Rio, um início do sertão carioca. O prédio do *JB* foi projetado com a mesma megalomania de espaços vazios que os Bloch, os Civitas e os Mesquitas estavam tendo na construção da sede de suas empresas, e seria o início das dificuldades financeiras futuras de todos esses grupos. O *JB* era ocupado pelo *crème de la crème* do jornalismo. Alberto Dines tinha dado um ar sofisticado ao grupo, escolhendo jornalistas com tendências literárias que falassem línguas e prezassem os bons modos. O projeto de todos era ser culto. O responsável pela página de turfe, Marcos Ribas de Faria, produzia também críticas de teatro, contudo, para o leitor não ficar confuso, assinava a primeira com um nome de cavalo: Escorial, sensação do turfe nos anos 1950 e 60. Junto com Zózimo, Escorial disputava o apreço pelo uso e abuso da expressão *ça va sans dire*, sendo talvez a única coluna de turfe do mundo, fora da França, que a usasse. Sobrava luxo e mão de obra: a editoria de Turfe tinha um repórter, Oscar Griffiths, encarregado apenas da cronometragem dos treinos dos cavalos pela manhã.

Quando era estudante de jornalismo, a repórter Joelle Rouchou recortava as críticas publicadas pelo Conselho de Cinema e se emocionou ao realizar o sonho, de toda a sua geração, de trabalhar com os ídolos no *Caderno B*. E lá estava ela conversando, metade em francês, metade em português, com Zózimo e Fred Suter. Muito papo furado bilíngue depois, um dos dois olhava o relógio e dava o toque de recolher: “Allons’ambór”, dizia, querendo significar o carioquíssimo “vam’bó”, com o “embora” pronunciado com sotaque francês.

Uma das frases preferidas de Zózimo para falar do ambiente de trabalho era o “ganha-se pouco mas é divertido”. O

ascensorista do elevador dos fundos, um senhor negro celebrizado pela alcunha de “Vovô”, parava no andar da redação e informava com voz grave: “Sexto andar, área de lazer.” Às vezes, trocava o anúncio para “parque de diversões”. Em que outro ambiente de trabalho, a não ser na redação do *JB* dos anos 1970, um funcionário poderia telefonar para o superior hierárquico e justificar sua ausência nos seguintes termos: “Hoje eu não vou porque estou me sentindo muito bem”? A frase foi dita certa vez pelo redator Joaquim Campelo, no que foi imediatamente liberado de qualquer prática funcional.

O editor de Economia Silvio Ferraz recebia no Natal cestas com bacalhau, lata de azeite, castanha e todo aquele presépio comestível que acompanha a data. Cumpria o ritual de sempre: distribuía os produtos entre o pessoal da editoria, porém subvertendo a hierarquia profissional. O contínuo ganhava o produto mais caro da cesta. Ao final, Silvio ligava para o empresário Abilio Diniz, responsável pelo mimo, agradecia e pedia que ele ouvisse a alegria da redação — e todos, repórteres, redatores, contínuos e ele próprio, o editor, gritavam em uníssono um “Feliz Natal”.

Chamava-se a isso de salário ambiente — a capacidade de empresa e funcionários transformarem o espaço de trabalho em algo agradável que não deixasse de ser produtivo. O *JB*, independentemente de crises financeiras, atravessou o final do século XX como referência de jornalismo moderno. Era uma academia da profissão: Elio Gaspari, Walter Fontoura, Carlos Castello Branco, Armando Strozenberg, Zuenir Ventura, Carlos Lemos, Flávio Pinheiro, Marcos Sá Corrêa — e repórteres dotados de faro animalesco: Oldemário Touguinhó, Carlos Rangel, Tato Taborda, Dacio Malta, Tarcisio Holanda, Sergio Fleury, Macedo Miranda, Norma Couri, Tim Lopes. Uma química exata de charme e inteligência que poucas vezes se

repetiria em outras redações. Vestia-se a camiseta da organização, e com muito gosto as lindas recepcionistas do andar térreo, em uniformes parecidos com os das aeromoças de voos internacionais, levantavam-se quando adentrava o recinto, de pé-direito monumental, o imperador do reino, Maneco Primeiro e Único. Seus passos ecoavam no imenso espaço. Manoel Francisco do Nascimento Brito se dirigia ao elevador, já reservado para que seu uso fosse exclusivo, sem o compartilhamento de funcionários. Havia pompa. O orgulho de trabalhar ali matava de inveja os coleguinhas do *Globo*, que costumavam tropeçar em Roberto Marinho no elevador e nem sempre se lembravam de pedir desculpas àquele quase igual, que não à toa era citado nas matérias como “nosso companheiro diretor-redator-chefe”.

A repórter Bety Orsini, do *Caderno B*, recebeu uma proposta para duplicar o salário e assinar uma coluna em outro jornal. Agradeceu. Disse que a proposta para a transferência era boa, obrigada, mas no *JB* tinha sempre alguém na mesa ao lado chegando de Paris ou de Viena, quando não era ela própria quem estava com o pé no jato, e isso não tinha preço. Ficou onde estava. Não era pelo dinheiro, e sim pelo *savoir-vivre*. E a alegria vinha de um acontecimento natural, sem qualquer engendramento operado pelo RH, e não significava relaxamento com o trabalho. Ninguém falava em reengenharia, sinergia, ou outro palavrão inventado no Departamento de Pessoal e que no futuro as redações aceitariam como parte da manufatura do jornalismo — e o ambiente, ao contrário, ficaria careta, hospitalar, com cara de escritório chato.

O nordestino Alberto Ferreira, chefe da editoria de Fotografia, já era um ícone do jornalismo, entre outros motivos por ter sido o autor da foto-síntese de Pelé, aquela em que o jogador, com o corpo na horizontal, como se deitado o ar, a perna direita levantada, fazendo ângulo de noventa graus, dá

uma bicicleta. Alberto dedicava o sucesso na profissão ao apoio dos seus santos da umbanda. O laboratório que comandava era lavado às sextas-feiras com sal grosso e atrás da porta havia um despacho com espadas-de-são-jorge, moedas e guias ao Senhor do Bonfim. Nas Olimpíadas de Moscou, em 1980, quando os sistemas para a transmissão de fotos insistiram em se manter inoperantes, Alberto não vacilou. Diante dos repórteres que o acompanhavam na missão, cantou hinos de macumba e se pôs nu diante do aparelho, fazendo passos de uma coreografia que, julgava, liberaria o sinal de transmissão. Infelizmente não liberou.

Esse grande fotógrafo intuitivo também era baloeiro e esticava no chão do laboratório os enormes balões juninos que ajudava a confeccionar e eram proibidos pela polícia. Alberto misturava-se a mitos intelectuais do *JB*, entre eles o do copidesque. O dramaturgo Nelson Rodrigues dizia que Marcel Proust, se trabalhasse ali, seria reescrito impiedosamente pela equipe de copidesques e redatores, um escrete de homens dedicados a impor na imprensa nacional um texto de qualidade. Eram nomes como Eduardo Coutinho (o futuro documentarista), Cícero Sandroni (o futuro imortal da Academia Brasileira de Letras), Fernando Gabeira (o futuro sequestrador do embaixador americano Charles Elbrick, *best-seller* com suas memórias dos tempos de guerrilheiro e deputado federal), João Máximo (o futuro biógrafo de Noel Rosa), Mario Pontes e Marcos Santarrita (ambos futuras referências da crítica literária) e o já citado Joaquim Campelo (futuro braço-direito de Aurélio Buarque de Holanda na confecção do seu dicionário). Um dia, a propósito, Campelo conversava com Silvio Ferraz numa esquina da redação quando passou o editor do *Informe JB*, Elio Gaspari. “Cuidado, Silvio, cuidado”, disse Gaspari, evidentemente brincando.

“Mas por quê, Elio?” “Vá ver o que o dicionário desse senhor escreveu sobre a palavra ‘foda’. Diz que é coisa ruim.”

Campelo, entre outros verbetes do *Aurélio*, escreveu também o da palavra “passaralho”. Não havia alguém mais autorizado. Ele era o autor da palavra. Criou-a durante uma bebedeira com o colega Jorge Cabral, num bar do Flamengo. Os dois conversavam sobre as demissões que, em 1973, sucederam-se à saída de Alberto Dines. No voo livre das ideias, os dois juntaram pássaro com você-sabe-o-quê e deu-se o sinônimo para demissões em massa. Outra palavra inventada por Campelo foi “pré-estreia”, a partir de *avant-première*. Era o tempo em que os jornalistas brincavam com as palavras.

As repórteres do *Caderno B* eram lindas e da boa classe média da Zona Sul carioca. Formavam-se na PUC ou na UFRJ, vestiam-se em butikues modernas como a Aniki Bobó, a Frágil, a Bee, a Krishna, todas de Ipanema. Se a “estagiária de calcanhar sujo”, personagem de Nelson Rodrigues, existiu de fato, não trabalhou no *B*. As dali eram todas deliciosamente asseadas, o bronzeado, a pedicure e tudo o mais em dia. Ditavam moda, despertando uma invejinha nem sempre branca entre as colegas da reportagem geral. A vitrine do *B*, com sua capa dedicada a uma matéria de mais fôlego, era um altar *cult* e consagrava a cada edição os nomes de suas autoras: Cleusa Maria, Susana Schild, Maria Lucia Rangel, Lena Frias, Patricia Mayer, Mara Caballero, Norma Couri, Emília Silveira, Diana Aragão e Deborah Dumar. Era a primeira safra que surgia nas redações desde que os livros de McLuhan tinham inventado os estudos modernos das comunicações e transformado os jornalistas em astros do pop. Foi a época em que a profissão passou a ser ocupação a que só os formados em escolas de jornalismo tinham direito.

A invasão feminina foi importante para tornar mais delicada ainda a leveza do ar e notabilizar aquela redação como marco

de funcionalismo descontraído. No início da década de 1970, a apenas quatrocentos quilômetros de distância, Julio de Mesquita Neto viu uma mulher na redação de *O Estado de S. Paulo*. Era Adélia Borges. Ele perguntou ao editor Fernando Pedreira o que ela fazia. Quando soube que era repórter mandou afastá-la. “Reportagem não é para mulheres.” O Rio, além de Albeniza Garcia e Marisa Raja Gabaglia, no *Globo*, já tinha tido pelo menos duas repórteres célebres, ambas no *JB*, entre os anos 1950 e 60: Ana Arruda e Silvia Donato.

Aos poucos, a mulher conquistava espaço em meio a um trabalho antes tão masculino — mas não sem problemas. Uma recepcionista, no final dos anos 1970, teve os seios apalpadados pelo editor da revista *Domingo*, Isaac Piltcher. Ele ficaria conhecido como “O Amigo do Peito” — entretanto, apesar dos protestos (houve passeata na avenida Rio Branco), a história levou à demissão da moça. De resto, a mistura desses personagens — mulheres modernas, jornalistas intelectualizados e a turma de boêmios da antiga — fez com que o folclore deixado na memória de todos fosse menos de decepções que alegrias. Era um estilo de trabalho que se despedia.

Lutero Soares, o chefe de reportagem, colocou uma boa verba nas mãos do repórter Carlos Rangel para que ele fosse descendo o Nordeste em direção à redação e mandasse reportagens sobre a seca terrível que afligia a região. Quinze dias depois, sem nenhuma notícia, o telefone tocou na redação e do interior da Bahia o gerente de um hotel perguntou se trabalhava na casa o repórter Carlos Rangel. Diante da confirmação, ele cumpriu o doloroso dever de comunicar que o rapaz jazia inapelavelmente morto num dos quartos. Romildo Guerrante, o repórter que recebia a ligação, tapou o bocal, gritou para a redação, “gente, o Rangel morreu”, e enquanto era cercado de curiosos continuou a conversa, para saber onde

era a cidade, como se faria o traslado do corpo e demais burocracias fúnebres. Foi quando o gerente cortou o que dizia e avisou: “Desculpe, mas a médica acabou de chegar do quarto e disse que o rapaz tá vivo. Os lábios roxos, vômito em toda a cama, palidez cadavérica e batimento cardíaco só escutável com aparelho, mas tá vivo, graças a Deus.” Rangel estava apenas fulminantemente bêbado. No dia seguinte, quando, recuperado, ligou para Lutero, recebeu a ordem de voltar imediatamente. Tinha bebido a verba da reportagem, porém nada lhe foi cobrado.

A equipe de repórteres era de primeira linha, o que não servia de impedimento a brincadeiras que se despediam, com os dias contados pela necessidade de se enquadrar a redação ao comportamento burocrático dos outros andares. O repórter-médico Fritz Utzeri e Sergio Fleury, craque em descobrir personagens anônimos pelas ruas da cidade, fizeram uma brincadeira com o colega João Batista de Freitas, especialista em meio ambiente. Já que ele gostava tanto da natureza, colocaram meio quilo de camarão em sua gaveta, justamente naquela em que João guardava a gravata. Quando João, pautado para uma entrevista mais formal, foi pegar a gravata, viu o embrulho malcheiroso. Viu também, pelo canto do olho, ao fundo da redação, os colegas prontos para a gargalhada. Com naturalidade, pegou a gravata, deu o nó e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, enfiou embaixo do braço o pacote que já fedia muito e o levou para a rua. Ao chegar lá fora jogou tudo no lixo e comprou uma gravata nova, mas tirou dos amigos metade do prazer da brincadeira.

Esses personagens, mitos do jornalismo, criavam para a edição do dia seguinte clássicos que seriam discutidos nas universidades. Empilhavam estatuetas do Prêmio Esso e se ofereciam graciosamente como *cases* da profissão. Tocavam o barco nos bastidores do mesmo jeito alegre, carioca, que desde

os anos 1960 Dines gostaria de ver refletido nas páginas do jornal. O pauteiro José Gonçalves Fontes, que exercia a função com uma caneta esferográfica atrás da orelha, caiu na asneira de confessar o diagnóstico que acabara de receber do otorrino. Estava perdendo a audição. No dia seguinte, os repórteres falavam com ele mexendo os lábios, só que sem emitir som — para dar no infeliz a ideia de que, sim, estava inteiramente surdo.

À esquerda, no fundo da redação, negociando com o pessoal da Esportes, o contrabandista My Friend vendia o uísque que a turma bebia em todas as editorias, discretamente, a partir das sete horas da noite de sexta-feira, quando se iniciava o chamado “pescoção” (o fechamento adiantado da edição de domingo e de parte da de segunda-feira, que ia pela madrugada adentro). Zózimo adotara a prática desde que chegara ao jornal. Bebia o seu santo uísque dentro de um copinho de plástico de café. Não comprava de My Friend — recebia as garrafas de fontes. “Vamos tomar alguma coisa lá no Zózimo” era um convite que se ouvia em várias partes da redação quando a edição de sábado já estava fechada e todos — em busca de um energético — partiam para o “pescoção”.

A cena acabaria num romance de Ivanir Yazbeck, o diagramador que também escrevia. Em seu livro *A noite em que Jane Russel morreu*, ele está tratando de seu protagonista, apelidado “No Name”:

No Name havia acabado de chegar e se preparava para a rotina, de modo que dispôs de uns dez minutos para servir de cicerone à sobrinha, me apresentando aqui e ali aos colegas de redação (...).

Alguns eu conhecia de nome, como Zózimo Barrozo do Amaral, o famoso colunista, que ocupava uma sala reservada a ele e à secretária.

No Name pediu licença a Zózimo, que interrompeu o texto de uma nota para nos receber de modo simpático. Os dois combinaram uma dosezinha de uísque, após o fechamento da coluna, ali mesmo no reduto de Zózimo. Era um hábito das sextas-feiras: uns mais chegados ao colunista ali compareciam para comemoração alcoólica pelo encerramento da semana: um uísque servido em copinhos e sorvido à caubói. Mais à frente, José Carlos Oliveira, o famoso Carlinhos, que eu amava pelas crônicas...

Era uma redação de personagens históricos, alguns exóticos. Mais adiante, agora de volta à vida real, quem cumprimenta a todos é o assessor de imprensa Armando dos Santos, acima dos cinquenta anos, responsável na ditadura pela imagem do ministro dos Transportes, Mário Andreazza. Armando não dava notícias, o que deveria ser sua função. Dizia apenas aos repórteres: “O menino está muito satisfeito com o seu trabalho” — e todos já sabiam que “menino” era Andreazza e que tudo não passava de arrematada mentira, pois a maioria jamais estivera com o ministro. Parecia um esquete com bordão dos programas populares de humor na TV.

Armando Nogueira já era um cronista importante de esportes, dono de um modo poético de exaltar a bola como se fosse a mulher amada, aquela a ser acarinhada com delicadeza e fantasia para dentro da cama, ou melhor, para dentro da rede, e não com o pé rude dos chutões. Sua jornada de trabalho começava às seis da manhã, ao lado do jovem Antonio Augusto Dunshee de Abranches, sobrinho da condessa Pereira Carneiro, quando assumia o cargo de pauteiro, o homem que decidia os assuntos a serem cobertos pelos repórteres naquele dia. Armando cunhou uma frase célebre do seu duro e madrugador ofício. “Não leva a vida na flauta quem vive de fazer a pauta”, dizia. Para as estagiárias, Armando batia uma

pauta falsa: “Saber dos planos do novo diretor do Zoológico, o doutor Leão.”

Tempos depois, uma pauta dessas, nas mãos de uma repórter esperta e de um advogado de porta de cadeia, poderia servir aos autos como prova de assédio. Era o tempo em que um repórter ficava ao telefone fazendo a ronda das delegacias e outro, a ronda dos cemitérios. Na editoria de Política, a única função de Paulo Vidal, ex-militar, era decifrar o *Almanaque do Exército* e ajudar os repórteres a falar com generais.

A redação do *JB*, sob a regência de Dines até 1973, e depois, até 1982, liderada por Walter Fontoura, era um divertido ninho de cobras. Raul Ryff, Apicius, Villas-Bôas Corrêa, Carlos Leonam, Wilson Figueiredo, Araújo Netto, Sandro Moreyra, João Saldanha, o fotógrafo Evandro Teixeira... Toda essa gente parava o que estivesse fazendo quando passava, de três em três horas, o carrinho do café. Empurrado por uma funcionária, ele parava na editoria de Economia e todos largavam seus lides, suas pirâmides invertidas e outras técnicas redacionais para, esperando a vez, conversando, adiar por muitas décadas, no estilo *JB*, o aportuguesamento da palavra *stress*.

Zózimo estava sempre por ali. Usava suas relações para ajudar os colegas, e foi assim que encaminhou a repórter Emília Silveira para uma operação com Pitanguy, da mesma forma que outros conseguiram empréstimos com o Banco Nacional de Minas Gerais. Sempre rindo, era citado como um dos personagens mais típicos do bom astral da redação.

A repórter Susana Schild já o encontrara esquiando em Courchevel e tinha a impressão de que Zózimo deslizava na neve com a mesma felicidade com que se movia em torno do carrinho de café. Num *coffee break* no meio da redação, ouviu os primeiros sinais de uma nota. Ele estava impressionado com uma quadrilha de japoneses que assaltava em São Paulo — e para gargalhadas de Susana começou a citar os nomes que

sua imaginação supunha serem os dos quadrilheiros e só no dia seguinte provocariam o mesmo efeito, de riso frouxo, nos leitores: “Saltaro Banko, Mataro Kaixa, Kontiro Nakara, Kataro Nique e Fujiro Nakombi.”

Subia quem quisesse ao parque de diversões do sexto andar, porque até o final dos anos 1970 não havia seguranças na portaria dos fundos do prédio fazendo uma triagem dos visitantes. Os artistas, ainda sem assessores de imprensa, iam pessoalmente às redações. Nunca houve algo tão sensacional como na redação do *Globo*, onde a atriz Kryka Ohana ficou nua para protestar contra a não divulgação de seu show, mas havia um festival de tipos regular. O cantor Daminhão Experiência, de tranças rastafáris, sentou-se uma vez no chão do *Caderno B* e apresentou todas as músicas do seu LP alternativo, com letras na ininteligível língua praticada no planeta Lamma, de onde ele dizia ter vindo. Ganhava-se pouco, só que Zózimo tinha razão. Divertidíssimo. No mesmo momento passava ao lado de Experiência, de batina e cachecol, mesmo no verão, dom Marcos Barbosa, autor de artigos religiosos e ultraconservadores publicados na página de “Opinião”. Simulando ainda mais seriedade, o padre viu Daminhão com seus enormes cabelos e vestido em andrajos. Deu uma breve parada e fez o sinal da cruz em direção à cena, como se a benzesse e imortalizasse.

De dom Marcos ficou na história um episódio ocorrido durante a gravação de um programa no sétimo andar, onde ficavam os estúdios da Rádio JB. Com seus paramentos religiosos, ele lia alguma palavra de ordem da Igreja contra o aborto e a homossexualidade, quando num dia o volume do retorno do som o incomodou. Com as palmas das mãos voltadas para baixo, balançando, fez o sinal clássico para o operador, do outro lado do vidro, pedindo que diminuísse o som. O rapaz, envolvido pela religiosidade da figura de dom

Marcos, entendeu que este lhe fazia um sinal para que se postasse de joelhos — e assim o fez.

Ao contrário do que dizia o famoso samba de Billy Blanco sobre os estatutos da gafeira, o ambiente da redação não exigia qualquer respeito. Vibrava-se a liberdade de comportamento. Em alguns dias, Zózimo trabalhou de *smoking* porque precisava emendar o fechamento com uma festa, o que levava ainda mais fantasia para o ambiente. O repórter Ricardo Boechat, que assessorava Ibrahim Sued em seu escritório, brigou definitivamente com os maus modos do “Turco” e foi se abrigar durante um mês na coluna do amigo. Ficou impressionado com as brincadeiras, trilhões de gargalhadas. Acostumado aos esporros de Ibrahim, à necessidade de recolher dezenas de notas que fossem do gosto dele, demorou a entender os pedidos carinhosos do novo chefe, que sussurrava: “relaxa”, “pega leve”, “fica calmo”.

Um dia a atriz Lúcia Veríssimo, que havia sido cortejada com uma nota sobre suas graças, apareceu. Para nada. Sentou-se no colo do autor da nota e, como se fosse uma *pin-up*, agradeceu, fazendo um carinho no rosto de Zózimo, já transformado num pimentão envergonhado. Essa farra de personalidades inteligentes, jornalistas que eram incentivados a exercitar uma maneira particular de ver o mundo, aparecia impressa no jornal — e o leitor tinha a sensação de participar da mesma festa.

“Tá cada vez mais *down* o *high society*”, cantava Elis Regina em 1980, e parecia que os autores, Rita Lee e Roberto de Carvalho, tinham tirado as palavras da boca de Zózimo com este “Alô, alô, marciano”. Carmen Mayrink Veiga (vista em mais um jantar como *diablement sensas*, com um longo de estampado *panné*, “o tecido da moda”) já pouco aparecia por aqui, dedicada a longas temporadas no apartamento de Paris. Lourdes Catão, sua rival na arte de bem receber, com a vantagem de ter um casarão na Urca com quintal para espalhar os convivas sob as árvores, começou a chamar artistas, como o casal Tarcísio Meira e Glória Menezes, que nem conhecia pessoalmente. Eram esforços bem-intencionados, cada vez mais raros, de animar a festa. Maria Eudóxia da Cunha Bueno, na ausência de Carmen, ganhava o título de “*hostess* número um da cidade” e abria os salões com mesas em que “os centros se compunham de candelabros e coroas de prata de cujo interior emergiam pequenas rosas vermelhas e miosótis. Os acordes do piano de Casemiro ajudaram a compor o ambiente”.

O ciclo em que os casais endinheirados abriam seus salões para o conagraçamento com seus iguais estava com os dias e os colunistas contados. Ibrahim, depois de os padrões terem explodido com a revolução dos jovens, cada um vestido do jeito mais extravagantemente contrário ao que pudesse caber nos ditames da elegância, parara com as listas dos dez mais. Zózimo ria dos novos-jecas:

- A sociedade carioca inova em matéria de indumentária introduzindo o que se pode dar o nome de *sport-habillé*.

Nem carne nem peixe. Combina o esplendor dos longos de gala para as mulheres com a descontração esportiva das mangas de camisa para os homens. Como o homem brasileiro tem inclinação irresistível pelo carnavalesco, sendo capaz de usar camisas de estampados como não se vê em nenhuma outra parte, os anfitriões pedem que se combine camisa branca com calças pretas — é o *sport-habillé*.

- O perigo, nesse tipo de transação, corre por conta da proverbial falta de elegância da maioria, sendo mais bem disfarçada por baixo de um terno ou um *smoking*. Se todos soubessem usar calça e camisa como faz Eric Waechter, ainda vá lá. Como não sabem, é comum jantares supostamente elegantes acabarem dando a impressão de uma concorrida e movimentada convenção de *croupiers*.

Os banquetes faustosos morriam — às vezes, literalmente. Num deles, na virada para os anos 1980, mais de quarenta pessoas presentes, um senhor teve um enfarte. Como estava num quarto dos fundos da residência enorme, foi providencialmente retirado de cena sem que ninguém visse e o brilho do evento não fosse empanado por tão lamentável incidente. Em outra festa, na mesma época, em Copacabana, o dono de boate e colunista social paulistano Álvaro Luiz Roberto Assumpção, um homem alto e bastante forte, não à toa apelidado “Meninão”, sentou-se inadvertidamente sobre o pequinês da madame que dava o ágape. Matou-o — e “Meninão” atirou-o pela janela. No outro dia, descoberto pelo porteiro, o cachorro teve sepultamento digno. A anfitriã achou que ele se suicidara, assustado com o barulho do *événement*.

Era o enterro dos ossos. Num trabalho de *freelancer* para a revista *Vogue*, Zózimo aproveitou a fascinação que o resto do

Brasil ainda tinha por esse tipo de evento — como comia a sociedade carioca! — e narrou o melhor de suas mesas:

- O *cappeletti* de receita secreta de Carmen Mayrink Veiga.
- O *fettuccine* de Fernanda Colagrossi.
- A moqueca de lulas de Ângela Mallmann.
- O peixe enrolado com molho de alcaparras de Iara Andrade.
- O pato no estilo do Tour d’Argent de Lourdes Faria.
- O *cassoulet* de Josefina Jordan.
- O terneiro importado de Porto Alegre, assado segundo receita de Guiomar Magalhães.
- A *mousse* de chocolate como sobremesa, para terminar, de Adelaide Castro.

O colunista raspava o prato. Numa nota, que poderia ter sido intitulada “De saco cheio”, mas que elegantemente foi publicada como “Beco sem saída”, ele dizia que havia algo de podre no reino das Carmens e Josefinas.

- O motivo da reunião é sempre festivo, mas, em pouco tempo, o necessário à ingestão de dois ou três uísques, a atmosfera se torna pesada e a irritação começa a brotar. O resultado final é sempre desagradável. A tensão é tão grande que não sai ninguém, e a reunião acaba se estendendo até as tantas, ou saem todos juntos, a uma mesma hora, que ninguém é besta de se retirar sozinho e servir de pasto aos que permanecem.
- Há algo de errado com as reuniões ou com as pessoas. Cansadas da relação repetitiva, dão a impressão de que não se suportam mais, daí a irritação dos encontros. O pior é

que, se não se suportam mais em grupo, também não estão preparadas para enfrentar a solidão. Um beco sem saída.

Zózimo continuaria indo a festas na década de 1980. Jamais às daquela senhora que, como dizia numa nota, estava servindo o café na calçada — porque assim que os convidados se levantavam da mesa fugiam espavoridos e, quando chegavam lá embaixo, já havia o garçom com a bandeja e eles tomavam o café por ali mesmo. Ele restringiria sua presença a endereços especiais, como o do casal Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz. Ela, assim como Carmen Mayrink Veiga, nascera em São Paulo. Chegara ao Rio casada com Luiz Roberto “Baby” Guinle. Criada nos Jardins, saía na coluna do Tavares de Miranda, na *Folha de S.Paulo*, mas continuava segredo local. Toda semana com foto no Zózimo, Regina, adornada por uma trança sem um fio fora do lugar, virou referência nacional de mulher fina, elegante e sinceramente bonita. Numa noite na boate Le Bateau, animada pelas carrapetas do DJ Ademir, conheceu Paulo Fernando, o jogador de polo ex de Sílvia Amélia. Formaram um casal festeiro, com pegada mais descontraída que Carmen. As pessoas perguntavam a Regina por que ela estava sempre rindo nas fotos, um sorriso que ia de um canto a outro da página. Regina era sincera na resposta a essa curiosidade alheia: “Meus amores, vocês querem que eu saia como? A vida é uma festa, ou, pelo menos, precisa ser vivida como uma festa.”

Anos depois, Regina passaria um dia brigada com Zózimo. Ela havia sido convidada por um partido para sair candidata a vereadora e quase morreu de susto ao ver o comentário publicado pelo amigo — ou seria ex-amigo? O título era “Tudo pelo social”:

- A plataforma de Regina Marcondes Ferraz é 8,5.

- Resume-se por enquanto a três itens: lanchas para o povo, tênis para as domésticas e golfe para os metalúrgicos.

Refeita do espanto, telefonou para Zózimo. O que teria acontecido? Passou um sabão daqueles, disse que a brincadeira seria possível na intimidade de amigos, mas não em público, num jornal sério. No dia seguinte, ela teve nova surpresa, agora benigna:

- Esta coluna cometeu ontem uma leviandade com a querida Regina Marcondes Ferraz. Não só pede desculpas, como acredita que ela terá sucesso em sua nova carreira.

Outra perda que ajudou o *down* do *high* foi a da francesa Odile Marinho, *née* Odile Marie-Josèphe Léonie Bérard. Ela entrara em cena no colunismo, o internacional, como Odile Rodin, sobrenome que se deu em homenagem ao escultor, numa espécie de chamamento das atenções gerais para o desenho perfeito de seus volumes. A pose que fazia nos filmes, época em que chegou a ser colega de Brigitte Bardot, não tinha nada a ver com as do *Pensador*, de Rodin. Odile era um vulcão louro de sensualidade negra, dona de uma bunda africana, carregada de todos esses clichês de fogaréu sexy — e logo chamou atenção de um playboy internacional. Porfírio Rubirosa, nascido na diminuta República Dominicana, era dono de um órgão sexual de proporções folclóricas, segundo a lenda que corria nos bastidores das camas cinematográficas. Odile confirmou — e os dois, casados, ele com vinte e um centímetros, ops!, vinte e oito anos a mais, divertiam-se pelo mundo. Esbanjando dinheiro e loucos por aventura, formavam um casal *jet-set* — até que em 1965, Rubi, bêbado, bateu com a Ferrari a cento e trinta quilômetros por hora no Bois de Boulogne, em Paris.

O Brasil já era um roteiro de Odile desde os tempos em que metia o pé no jato com Rubirosa, e em 1972, viúva, ela estava em uma feijoada na Barra da Tijuca. Vestia um short verde cavado atrás. A lembrança é de Paulo Marinho, então um jovem ligado ao efervescente mercado da Bolsa de Valores. Ele se virou para Justino Martins, diretor da revista *Manchete*, e foi sonhadoramente sincero: “Vou comer essa mulher!” Paulo era conhecido como “Coelho”. Nunca ficou muito claro se assim o era por causa do desenho dos dentes ou por causa das lendas que corriam a propósito de seu desempenho sexual. Paulo “comeu” Odile. Apaixonou-se em seguida pela alegria, inteligência e vivacidade dela. Casaram-se e foram felizes por muitos anos na coluna de Zózimo. O primeiro encontro de Paulo com o colunista foi em francês, a língua falada na festa de Carmen Mayrink Veiga para a condessa francesa Jacqueline de Ribes, em 1973. “Por tua causa o Roberto Marinho ficou aborrecido comigo”, disse Zózimo. “Eu coloquei teu nome na coluna e ele achou que eu tinha feito uma confusão com o filho dele, falecido.” “Não seja por isso, pede ao Roberto Marinho para me adotar”, devolveu Paulo.

As festas de Paulo e Odile tinham nomes como os cantores Rod Stewart e Mick Jagger, o costureiro Valentino, as atrizes Marisa Berenson, Ursula Andress (que no início da carreira morou com Odile), Candice Bergen e Elsa Martinelli. Odile transformou-se numa “carioca”, de tomar batidas de limão, desfilas em escola de samba e vestir camiseta durante o dia e, de noite, virar *femme fatale* (sem preconceitos, teve caso com Catherine Deneuve). O estilista Guilherme Guimarães fez um vestido transparente para ela e sugeriu que, por baixo, usasse uma calcinha cor da pele. “Quem disse que Didile vai usar calcinhas?”, reclamou — e quem estava no Chiko’s Bar certa noite confirmou. Didile subiu no piano, dançou um can-can e, de fato, não havia nada por baixo, a não ser a alegria de

sempre. Outra cena que deixou impressa na vida noturna da cidade foi no Regine's. Apertada que estava para chegar ao banheiro, madame Odile aliviou-se ali mesmo, no salão, usando como anteparo um balde de gelo.

Odile separou-se de Paulo Marinho e... mais um escândalo! Foi morar com um irmão dele em Visconde de Mauá — distrito de Resende (RJ) que se tornou reinado de hippie, bicho-grilo e afins — depois de passar adiante o guarda-roupa de longos e vestir-se de hippie. A relação durou pouco, mas foi suficiente para Didile confirmar o que pretendia da vida. Gostou de ficar por lá, no mato, longe das badalações, e foi assim que a coluna de Zózimo perdeu mais uma de suas musas.

Logo ele começou a confessar em público o que já era de conhecimento dos amigos. Estava cansado daquele ritual de salamaleques que entrava em sua segunda década de existência. Em dezembro de 1981, numa entrevista a Ivo Cardozo para a *Playboy*, desabafou: “As pessoas são sempre as mesmas, a comida é a mesma, os garçons são os mesmos. A vida social está em baixa, as pessoas estão recebendo menos, por causa do medo de ostentar e da grana curta. Já se começa a ver champanhe nacional, vinho nacional.” Os salões estavam mudando, segundo ele, porque lá fora, nas ruas, o mundo não era mais o mesmo. A abertura do general Figueiredo, que se anunciava como o último presidente militar, era para valer. Na leitura de Zózimo, esse ato político tinha repercussões na alta sociedade. “As festas vicejam com mais intensidade nos períodos fechados”, afirmou na entrevista. “Quanto mais abertura, menos festas. Talvez porque as pessoas que dão festas se sintam mais protegidas quando o regime é duro. Hoje, se você oferece champanhe e iguarias para os convidados, você se expõe mais do que numa época de medo generalizado, com um sistema de censura. Quem dava festas em 1971 não se importava que todo mundo soubesse, porque sabia que não

haveria reação. Hoje, se eu noticiar uma festa faustosa, no dia seguinte o sujeito é criticado em outras colunas.”

A patrulha social murchava o pique da turma: “Hoje eu identifico no anfitrião uma culpa por estar dando aquela festa. Me chamam no canto: ‘Por favor, se você noticiar meu jantar, manei um pouco. Não diz que tinha champanhe.’” A impressão geral era de que uma fase tinha se encerrado, embora as explicações variassem. “Você se aborrece com frequência em sociedade?”, perguntou Alice de Jenlis, da revista *Interview*, para Kiki Garavaglia, na edição de novembro de 1981. “O tempo todo”, a *socialite* respondeu. Alice: “A que se deve isso?” Kiki: “Ao fato de que no Rio estamos sempre convivendo com as mesmas pessoas. Tudo se repete cotidianamente, ao passo que em Paris ou Nova York você encontra sempre caras novas.”

A revista *Veja* percebia que os colunistas sociais estavam perplexos e não encontravam respostas para questões básicas: por que não se fazem mais colunáveis como antigamente? O que teria acontecido com a sociedade paulistana, subitamente insegura diante dos milagres operados pela Bolsa de Valores e desfeitos pelos novos preços do petróleo? Quais as razões da crise de imaginação da atual *jeunesse dorée*? Os colunistas estavam desconsolados pela carência de novos valores, dizia a *Veja*, que apresentava como exemplo o triste quadro da sociedade paulistana, onde o grande assunto em outubro de 1976 era o processo que o playboy Chiquinho Scarpa movia contra o também playboy Toninho Abdalla Filho por plágio de imagem. Chiquinho, através do importante escritório de Washington de Barros Monteiro, acionava o rival por imitar seus ternos, copiar sua placa de automóvel (CS 0007) e olhar sua namorada.

Os playboys da Turma dos Cafajestes dos anos 1950 eram mais animados, diria Zózimo, que desconheceu a ridicularia

paulista — ainda que convivesse com o drama das perguntas sem respostas apontadas pela *Veja*. De vez em quando, tentava educar a patuleia deslumbrada para a necessidade de se exibir menos e curtir a vida com outros valores que não os regulados pela grana. Explicava pela coluna a sabedoria *cool* do esnobismo:

- Ser *snob* é chegar à noite em casa, olhar em cima da mesa três ou quatro convites para acontecimentos sociais de expressão, vestir uma roupa qualquer, uma capa velha, e ir ao cineminha da esquina. Agora, o cúmulo da infelicidade é chegar em casa, não ver convite nenhum sobre a mesa, vestir uma roupa qualquer, uma capa velha, e ir ao cineminha da esquina.

Implicava com a falta de educação dos que agora invadiam a plateia onde antes só havia ricos. Anos antes, em 1974, foi ver o Ballet da Ópera de Paris, no Teatro Municipal carioca, e chocou-se com os retardatários trançando às cegas pelos corredores, em meio ao balé *Capriccio*, para encontrar seus lugares. Reclamou com veemência na nota “Boas maneiras”:

- Ou a plateia brasileira se civiliza de uma vez, nem que seja através de leitura de manuais de boas maneiras, ou melhor será passar a programar para o Municipal espetáculos de lutas de boxe, show de *striptease* e coisas congêneres, mais de acordo com a mentalidade circense do nosso público.

A sociedade tradicional havia sido submergida pelo dinheiro da especulação imobiliária, do frenesi da Bolsa e de golpes diversos, com todos os novos-ricos usando o mesmo relógio Cartier num pulso e no outro uma enorme pulseira de ouro

Van Cleef enquanto pediam o filé com caviar. Em 1985, aproveitando que havia engordado um pouco e não cabia mais no *smoking*, Zózimo passou adiante o único que restava no guarda-roupa — e ganhava uma desculpa para não aceitar mais festas a rigor, um *dress code* que insistia em aparecer nos convites de saudosistas. Outro gesto espetacular, exibição pública de que estava cansado daquela “relação repetitiva de nomes e jantares”, veio na última coluna da década de 1970. Deixou as notinhas de lado e fez um enorme editorial em 30 de dezembro de 1979 intitulado “Apocalipse, não!”. Como ilustração, uma foto de — Josefina? Carmen? Catão? — Marcel Proust!

No texto, Zózimo lembrava que o escritor havia se chocado quando, ao sair de um longo tratamento de saúde num sanatório, encontrara o príncipe de Guermantes casado com madame Verdurin. Ele era o que havia de mais ilustre na nobreza francesa, representante do melhor do Faubourg Saint-Germain, e, como é que pode?, casara-se com uma deslumbrada como madame Verdurin, cuja única credencial era a gordíssima conta bancária! Foi aí que Proust concluiu o que meia dúzia de décadas depois pulsaria no título da coluna de Zózimo. Aquela união subvertia todos os princípios que orientavam o comportamento da sociedade francesa da época, um período que ninguém soube melhor descrever do que o próprio escritor. E Zózimo usou a decepção de Proust para desdenhar o presente — do jeito que o mundo desandava, disse na coluna, estava longe de prever o futuro das relações sociais:

- Proust teria sucumbido ao constatar no decorrer da década de 70 a subversão total, permanente e definitiva de todos os valores aos quais viveu preso. A década de 70 decreta para a sociedade a morte de um estilo e uma maneira de viver que tiveram no luxo sua exacerbação, na

frivolidade e na inconsequência seu lado mais negativo, e em Proust o seu melhor retratista. Não se pode nem dizer que tenha sido um caso de morte súbita, mas de desenlace precedido de uma lenta agonia que talvez tenha tido o seu início na famosa festa oferecida no final dos anos 60, em sua quinta de Portugal, pelo *big shot* Antenor Patiño. O acontecimento não resistiu ao próprio fausto e contra ele se levantou a indignação mundial — sinal de que alguma coisa começava a mudar.

Zózimo achava que chegara a hora brasileira de encarar o fausto com pudor. O editorial não só encerrava a década, como colocava pá de cal no que o colunista andara fazendo naqueles anos. O papo, a partir do dia seguinte, precisava ser outro, sob o risco de a coluna ficar por fora.

- É provável que a década de 70, que pulverizou um estilo de vida mais elitista, mais fechado, praticado pela sociedade tradicional, tenha da mesma forma marcado o aparecimento de uma sociedade mais descontraída, mais democrática, à qual se poderia dar o nome de *société de discothèque*.
- Basta consultar as colunas sociais para constatá-lo: os nomes de Marie-Hélène e Guy de Rothschild, por exemplo, locomotivas da vida mundana de Paris, frequentam hoje com muito mais assiduidade a relação de presenças em lugares como Le 78, o Castel ou Regine's do que os *carnets* de festa com anfitriões ou convidados. (...) Em Nova York, Roma, Londres ou no Rio, quem convida amigos para jantar hoje o faz muito mais em lugares públicos do que na sua própria casa.

Os rituais, madrugada adentro, de longos e *black ties* tinham perdido a mão. Ele decidiu que chegara a hora de dizer

adeus às grandes festas de Carmen no Morro da Viúva, dos Moreira Salles, na casa da Gávea, e dos tabules simpáticos de Josefina Jordan, no Chopin. Na virada para os anos 1980, fechava-se um ciclo. O café-soçaite da década de 1940 tinha saído para o Vogue, depois passara os anos 1970 nos salões das famílias. Agora abria-se de novo para os espaços públicos. Os Beatles, os hippies, os punks, as drogas e todos os movimentos culturais que visavam subverter as noções de bom gosto tinham feito um bom estrago. A moda era contrariar as listas de “pode” e “não pode”.

Em meados de 1970, o casamento em Paris de Olavo e Betsy Monteiro de Carvalho, com convidados brasileiros transitando entre o castelo de Nandy e um *bateau mouche* no Sena, locais das festas, tinha sido espetacular, coerente com a época. Soava aos olhos dos leitores como o reino encantado dos príncipes urbanos, e o colunista fora até lá para relatar *in loco* os detalhes de mil e uma noites modernas. Meia dúzia de anos depois, nem os noivos estariam mais interessados numa coisa daquelas. Guilherme Guimarães, o estilista, lembrava que uma noite Elisinha Moreira Salles lhe disse uma frase a princípio estranha, que, no entanto, com o passar do tempo, agora na virada para os anos 1980, começava a ganhar sentido. “Guilherme, o luxo do século XXI vai ser o anonimato.”

O que dizer das festas do decorador Julio Senna na cobertura da Urca? Sua casa se esparramava pela pedra da Urca e, entre um plano e outro do terreno, havia uma pirambeira de trinta degraus em forte aclive. Para poupar os convivas daquele esforço de subir escada, principalmente as mulheres mais velhas, o decorador colocava quatro negros troncados para fazer o transporte das tais senhoras em liteiras. Parecia gravura de Debret, animada com a presença de uma orquestra de vinte músicos, mas era o início dos anos 1970 — e como ninguém podia reclamar de nada, pois corria o risco de

ser torturado pelos militares, a cena patética passava sem comentários. Com a abertura política, a anistia trazendo os socialistas de volta do exílio, aquela cena, que Zózimo divulgara como “uma atração extra da festa”, agora provocaria reações inflamadas. Os movimentos negros reclamariam do preconceito — e toda a sociedade teria a sensibilidade já emancipada para se tocar do mau gosto do espetáculo.

As confrarias das grandes riquezas e dos sobrenomes quase majestáticos iam sendo substituídas no poder pela presença dos novos-ricos e suas manias. Estes gostavam de se trancar em seus iates, nos jatos particulares, nas pistas de esqui — tudo menos ficar abrindo e fechando salões para festas caras. Era um dinheiro de perfume estranho, vindo de endereço longe da Zona Sul carioca, e aí mais uma vez é necessário se lembrar de outra frase de Elisinha Moreira Salles para Guilherme Guimarães: “Guilherme, há três coisas em que eu não acredito: inteligência de baiano, macheza de gaúcho e dinheiro de paulista.”

O até então milionário Jorginho Guinle aproveitou os anos 1980 para vender a casa da família na Granja Comary, na serra de Teresópolis. No início do século, todo o terreno da Granja era de propriedade daquele brasão fabuloso, uma dinastia começada com a exploração do porto de Santos, na virada do século XIX para o XX, depois dona do Copacabana Palace, do Banco Boavista, do palacete que se transformaria no Palácio Laranjeiras e outras pepitas de classe. Jorginho, seu descendente mais notório nas colunas sociais, torrou cerca de 100 milhões de dólares de herança em farras (as hollywoodianas Marilyn Monroe, Lana Turner, Jayne Mansfield e Kim Novak eram algumas de suas namoradas) e precisava agora passar o imóvel nos cobres para pagar as contas. O clã se desmoronava, vítima do mau gerenciamento da fortuna. Se no início da sua história o escândalo era o fato

de o patriarca, Eduardo Palassim Guinle, e o sócio, Cândido Gaffrée, dividirem, além dos negócios, a cama com Guilhermina, mulher de Eduardo — morando os três numa mansão de Botafogo —, o escândalo agora era a falta de grana. Com o Copacabana Palace já transferido para um grupo internacional, Jorginho almoçava e jantava ali, de graça, por consideração dos novos donos. A mansão da Granja Comary ele vendeu para o comediante cearense Renato Aragão, o Didi do programa televisivo *Os Trapalhões*.

Não era só a grana que tinha mudado de mão. O humor também, a elegância nos costumes idem. Havia pouco Jorginho conquistara uma de suas mulheres dizendo: “Tenho cinquenta e dois anos, você vinte. Me dê dois anos de sua vida. Para você, isso não é nada, para mim é a vida inteira. Casa comigo.” Agora o playboy da vez estava em São Paulo, também tinha um sobrenome importante, mas, se lhe sobrava grana, faltava a elegância na abordagem das moças. “Gosto de mulher burra, que não atrapalha”, anunciava o paulista Chiquinho Scarpa. O homem confessava ter um fichário com o nome de todas essas mulheres burras, as datas em que saíra com elas e as performances praticadas com cada uma.

Assim descaminhava a humanidade. Outro brasão carioca, o Peixoto de Castro, da família proprietária da Refinaria de Manguinhos, que saía de casa de Rolls-Royce para ver seus cavalos vencerem no Hipódromo da Gávea, sofrera o golpe da morte de seu patriarca, em 1979, e começava a se desfazer do patrimônio para pagar dívidas. Didu de Souza Campos, profissional de apresentar pessoas e torcer para que elas fizessem negócios, também reduzira à classe média a fortuna que o sobrenome juntara desde o império. As festas do Rio iam pelo mesmo trilho — decaíam, perigosamente avacalhadas, na descrição de Zózimo em meados da década de 1970:

- Imaginem uma casa deslumbrante, jardins paradisíacos, piscina sensacional e acrescentem a esse *décor* de sonho uns 200 convidados, a maior parte deles da melhor categoria, todos elegantíssimos e dispostos a dar tudo para o maior brilho da noite.
- Aí coloquem apenas dois garçons para servir uísque, refrigerantes e canapés a esse mundo de gente e esperem pelo resultado. Mais: atrasem o jantar ao máximo, à espera de que parte da turma capitule e acabe abandonando o local. Aos perseverantes foi concedida, já às quatro da manhã, com todos à beira do desmaio, a graça de um picadinho com arroz, ainda assim insuficiente.
- Mesmo entre as pessoas altamente civilizadas a fome é capaz de levar a cometer prodígios, e duas convidadas se viram de repente praticamente engalfinhadas lutando pela última colherada de arroz.
- Para não falar na figura hierática e bem-posta do embaixador José Manuel Fragoso, que, por volta das duas da manhã, entrou pela cozinha e pediu um pouco de presunto, invocando uma hipotética anciã que desfalecia à míngua de alimentos, e saiu triunfante com duas fatias embrulhadas num pedaço de papel.
- Até o conde de Barcelona despiu-se de suas vaidades e deu-se por muito satisfeito com o quinhão que lhe coube: um sanduíche de mortadela.

Era o *down society* de que falava a música cantada por Elis. Rareavam as festas como a dos Moreira Salles para o banqueiro David Rockefeller, noticiada em 24 de maio de 1976, quando Zózimo destacou que havia na mesa “um *rouge* do porte da noite: Chateau Lafitte, 1964”. Em geral, na mesa começavam a faltar elegância e comida e sobrava um novo e

polêmico convidado — a cocaína. A droga virara uma atração. “Mas vocês são atrasados”, debochava com um *socialite* o cantor Mario Reis, da família proprietária da fábrica Bangu, de tecidos, e morador do Copacabana Palace. “No meu tempo, eu ia à farmácia e comprava esse negócio de cocaína no balcão. Se não tivesse, telefonava para um funcionário, o Galo na Testa. Sem *frisson*, sem tensão.”

Uma elite avançada começou a fazer festas onde a expectativa não se centrava mais na qualidade do bufê, mas na pureza da cocaína. Kiki Garavaglia ouvia falar da existência de um certo “Professor”. Assim como o Walter White do seriado *Breaking Bad*, estrela da TV no século seguinte, aquele carioca dos anos 1980 também era doutor em química e apresentava uma cocaína sem anfetaminas, em cristal. Ninguém conheceu o “Professor” pessoalmente. Seus funcionários entregavam a droga. “Ainda não havia bandidagem ao redor da cocaína”, diz Kiki. “Era como tomar uma taça de champanhe, um *up* numa festa. Na Inglaterra, eles chamam de *tot*. Ninguém ficava até as cinco da manhã cheirando.” Uma vez, numa reunião em sua casa, um casarão na Fonte da Saudade, na Lagoa, uma das filhas de Kiki viu uma cena estranha: “Mãe”, disse a menina, “eu vi o tio Neville [D’Almeida, cineasta] e o tio Eric [Waechter, colunável] entrando no banheiro juntos.” “Filha”, explicou Kiki, “é que sumiu a chave, então um fica segurando a porta, enquanto o outro faz xixi.”

Havia também o lança-perfume. Era mais comum no Carnaval, brincadeira de salão, até que, proibido pelo presidente Jânio Quadros, virou item de diversão praticado mais ou menos às escondidas nas festas da sociedade. Um desses elegantes, com o primeiro nome Nelson, já nos tempos de Zózimo tinha em casa uma bomba de lança-perfume tão grande que precisava ser carregada por empregados para o meio do salão, onde todos os convivas molhavam o líquido no

lenço e cheiravam até sentir aquele “zuummmm” do barato e da vertigem.

A cocaína já estava nos bastidores do Réveillon de 1976, quando o empresário paulista Doca Street assassinou a tiros a pantera mineira Ângela Diniz num casarão da praia dos Ossos, em Búzios, no litoral fluminense. Eles usavam cocaína aos montes, potencializavam-na com álcool aos litros. Um dia, quando Ângela disse para Doca que estava fazendo sexo com uma mulher porque ele não dava conta do recado de satisfazê-la, foi morta com quatro tiros. Num primeiro julgamento, Doca conseguiria a absolvição na Justiça usando o argumento da legítima defesa da honra. Tinha sido humilhado na sua condição de macho. Num segundo julgamento, em novembro de 1981, foi condenado a três anos e meio.

Zózimo, amigo de Ângela, ex-namorada de Ibrahim Sued (que, poucos dias antes, numa boate do Rio, puxara, enciumado, um revólver para atirar nela), passou batido pelo assunto. O fim da década se aproximava com respingos de pó, sangue e cansaço no perfil do *rái soçaité*. O glamour, aquela qualidade que faz com que as pessoas sejam reconhecidas como sedutoras, agradáveis e prenhes de borogodó, continuava sendo buscado a todo custo. Era poder. Se antes era propriedade exclusiva dos ricos tradicionais, que o desfilavam nas festas de suas mansões cinematográficas, na virada para os anos 1980 aquele valor sutil tinha se democratizado na *société de discothèque*. Era possível pagar um ingresso e comprá-lo. Em janeiro de 1980, ao assistir a Frank Sinatra no Hotel Rio Palace, no Posto 6 da praia de Copacabana, e não reconhecer ninguém nas mesas ao lado, Zózimo viu que a alta sociedade era uma coluna de jornal antigo. Naquela noite não havia boca-livre e o ingresso custava cerca de quinhentos dólares, mesmo assim o salão estava cheio, só que “cheio de ninguéns”, expressão que ele adorava usar.

Surgia “o evento”. Noitadas de arromba com *champã* francesa, caviar russo, cascata de camarão — era o lançamento de uma marca de cerveja ou o show patrocinado de um grande artista. Pagava-se pelo luxo, não se exigia mais sobrenome. Qualquer um tinha acesso ao que antes era privilégio de casta — desde que estribado na “granolina”, como diria o vocabulário mal-ajambrado dos novos-ricos sem *pedigree*. Eram os que chegavam para a festa dos anos 1980, dispostos a comprar mais um brinquedo — o glamour, o chiquê. “Os brasileiros são extremamente charmosos, não leem nada, não sabem nada, gastam como loucos e não têm a menor vergonha de serem *nouveaux riches*”, disse a princesa e *socialite* italiana Ira de Furstenberg, e Zózimo publicou, para exemplificar o que estava acontecendo na cena social. “São os pobres mais ricos do mundo”, completou Ira.

Zózimo desdenhava dessa gente. Em 1983, olhou a lista dos homens mais ricos do Brasil. Nenhum era personagem da sua coluna. “A atual elite brasileira é mais provinciana do que quando comecei no colunismo”, já declarara ele na entrevista a Ivo Cardozo. “A elite era mais fechada, com mais *background*. Não que isso seja importante, mas o fato é que o dono das Casas da Banha é mais provinciano do que era o Raymundo Castro Maya (empresário e colecionador de arte). A elite hoje é feita de sujeitos que fizeram fortuna rapidamente — e para a família de dinheiro antigo, o dinheiro é coisa incorporada à vida.”

No início dos anos 1980, o endereço mais caro do Rio já era o edifício Juan Les Pins, na praia do Leblon, contudo, ele não abrigava nenhum sobrenome colunável. Todos os que moravam ali tinham feito fortuna havia pouco tempo. Trabalhando, especulando na Bolsa de Valores, fosse o expediente que tivesse sido, mas correndo atrás. Não tinham culpa se a velha sociedade dilapidava seu patrimônio dando

banquetes nababescos. Os endereços tinham mudado. A camada mais evidente dessa turma, que queria a qualquer preço suceder os ricos d'antanho, ficou conhecida como “os emergentes da Barra da Tijuca”. Dinheiro a rodo e gosto duvidoso.

A colunista Hildegard Angel, no caderno *Ela*, do *Globo*, tratava de suas festas. Eram figuras como o empresário Janualdo Borges de Sousa, dono da Mardil, uma das maiores marmorarias da América Latina; a senhora Vera Loyola (duas vezes eleita pelo *Jornal do Brasil* a mais deselegante do Rio), dona de uma rede tradicional de padarias, localizada em São Conrado, com o nome de Biruta; o senador pela Paraíba Ney Suassuna; a senhora Joana Macedo, dona de uma rede de lavanderias; Ricardo Igayara, dono dos Frangos Rica; e até o técnico de futebol Carlos Alberto Parreira, dono de um casarão monumental, mas não suficiente para abrigar em suas salas e paredes todas as imagens, móveis e tapetes que trouxera de suas andanças treinando times no Oriente Médio (“todas as dissidências religiosas muçulmanas e chinesas estavam representadas”, revelou o decorador oficial dos emergentes, Eder Meneghine, que levou algumas peças para um depósito).

Zózimo, que já achava *down* o *high*, ignorou a turma. “O deslumbramento é primo-irmão da cafajestice, da ostentação e da cafonice. Uma grande festa de alguém habituado ao dinheiro, rica há várias gerações, é comedida. O *buffet* do novo-rico é um desperdício, é uma alegoria de sua maneira de encarar a vida. Onde estão cento e vinte convidados há comida para quatrocentos. A louça do rico tradicional é gasta. Nada reluz, nada é feito para impressionar. Aquilo existe, é algo que acompanha a sua vida. Com o novo-rico é diferente. Tudo novo, sem história ou gosto.”

Uma vez deu um mole e se aproximou rapidamente deles. Um empresário da região conseguiu que José Antonio do

Nascimento Brito, o Josa, filho do dono do *JB*, realizasse seu sonho de conhecer o grande colunista. Para agradar ao amigo e patrão, Zózimo foi até o casarão do homem, ligado ao comércio do café, na Barra da Tijuca. Percorreu uma multidão de salas, de quartos e de mau gosto. Tudo em excesso. O anfitrião queria impressionar o nobre visitante e, quem sabe?, ganhar uma notinha no jornal. Mostrou o seu melhor, da coleção de uísque aos carros na garagem. Empolgado, fez com que Josa e Zózimo adentrassem também o *closet* da sua digníssima esposa para compartilhar a intimidade do casal. Foi quando mostrou, com fartura de sorrisos e orgulho, as calcinhas da amada. As rendas íntimas da madame eram todas salpicadas de brilhantes. Era a tara do emergente. Novo-rico até na cama.

21

Em fevereiro de 1978, o ator francês Alain Delon, quarenta e dois anos, dançava “Je t’aime... moi non plus”, de Serge Gainsbourg, na pista do Regine’s. Era o encontro, no Rio de Janeiro, de ícones da civilização francesa, a cultura que em meados daquela década já não fazia muito sucesso no esforço de seduzir o mundo. A boate ficava no subsolo do Hotel Le Méridien, no Leme, o mesmo bairro cantado por Carmen Miranda no início do século XX com o estribilho “Paris, je t’aime, mas gosto muito mais do Leme”. A companheira de pista de Delon, apresentada a ele por Zózimo Barrozo do Amaral, era a modelo carioca Fernanda Bruni, morena de vinte e três anos. A atriz Mireille Darc, mulher do ator, havia se recolhido a seus aposentos, no hotel. Fernanda não tinha culpa se a marchinha de Carmen Miranda começava a fazer sentido para o ator — ele também estava gostando muito mais do Leme.

O homem mais bonito do mundo, segundo todas as listas que se preocuparam com isso entre os anos 1960 e 80, apaixonara-se, digamos assim, por Fernanda durante aquela breve dança. As outras mulheres passaram a noite dando em cima dele, todas dispostas a ceder ao que Alain Delon optasse por querer delas. Seriam dadas, súditas, ele escolheria. Delon só tinha olhos para Fernanda. Quando o empresário Paulo Marinho comunicou que estava indo embora, o ator perguntou baixinho: “Posso convidar essa moça para um drinque na sua casa?” “Claro”, disse Marinho, e meia hora depois, quase uma da manhã, estavam todos lá. O empresário ensinou o uso do bar, deu boa-noite e foi dormir. Às duas

horas, Delon bateu na porta do quarto do amigo. “Me ajuda, ela não quer transar comigo.”

Era uma cena que aliviaria por toda a eternidade as depressões de qualquer homem, não importa nome, sobrenome, conta no banco, padrão físico — todos com seu currículo de rejeições. Ali estava o mais bonito entre eles, rechaçado, pedindo socorro, um camundongo em pânico diante da possibilidade de ser como os outros e fracassar. Paulo foi amável. Precisava dormir, trabalharia duro no outro dia. “Você é o Alain Delon e quer que eu resolva o problema?! Se ela não quer dar pra você, quem sou eu pra fazer ela mudar de opinião?!”, respondeu, tentando se livrar. Delon estava choroso. Investira em Fernanda a noite inteira, dançara apenas com ela, achava que estava no papo, mais uma marca na coroa do revólver. Não podia sair invicto daquela jornada. Marinho foi falar com a moça. “Querida, você está aqui com o Alain Delon, todas as mulheres do planeta gostariam de viver este momento, pelo amor de Deus, vê o que você pode fazer porque eu preciso descansar”, implorou e saiu para seus aposentos.

Fernanda e Delon voltaram à mesa de negociações, o sofá de frente para a praia, até ela dar o ok, só que antes iria ao banheiro. Fingiu que foi, pegou um atalho, a porta de saída, e deixou o galã chupando o dedo. Fernanda disse depois que gostou de Delon, sussurrou-lhe até um “*je t’aime*” e contou que admirava Paris, só que, *à la* Carmen Miranda, estava apaixonada por um carioca e preferia o que estivesse perto do Leme.

Na virada para os anos 1980, a cidade recebia fora de casa o elenco de sua alta sociedade. Carmen e Tony Mayrink Veiga estavam na festa de Delon no Regine’s. As mesas de som do Josias Cordeiro Studio, clássico de status, ocupavam agora boates com padrão de luxo idêntico ao espalhado pelo mundo.

Eram os tempos da *discothèque*. A felicidade se fazia em torno da música (“O Trem da Alegria promete-mete-mete-mete e garante/ o riso será mais barato dora-dora-dora em diante”, celebravam as Frenéticas). A alegria era colocada nessas festas públicas pelo DJ e embalada por caixas de som com poder de tremelicar tímpanos, paredes, desejos, o que estivesse pela frente. A revista *New York Magazine*, já em 21 de março de 1977, dizia que para os ricos brasileiros a aparelhagem de som era elemento de status tão precioso quanto a bebida importada.

Além do Regine’s, de propriedade da antipática Régine Choukroun (alguns achavam que ela era apenas uma belga querendo se passar por francesa), o francês Jean Castel, a simpatia em pessoa, inauguraria no Hotel Rio Palace o mesmo Chez Castel que “bombara” — termo inventado por Hildegard Angel para falar do sucesso dos novos eventos em sua coluna do *Globo* — as noites trêfegas de Paris. Era a francesada botando a cariocada para dançar, mas o fenômeno de mexer o corpo embaixo de luzes piscando ao embalo de um som altíssimo era, *ça va sans dire*, americanizado.

O mundo, que já tinha sido um cabaré elegante, com homens de *smoking*, transformara-se numa imensa discoteca com garotas de meias lurex e rapazes de cabelo gomalinado dançando ao som do que parecia um bate-estaca. O ator John Travolta, quinze anos depois de o gordinho Chubby Checker ter ensinado o *twist* a Zózimo, mostrava, nos *Embalos de sábado à noite*, os novos passos para a humanidade se esbaldar, se socializar, arrumar um pretexto para chegar perto de alguém e, usando o subterfúgio da música, dizer “vamos?”. A cena *disco* tinha certo ridículo, mas quem está preocupado com isso na hora de se divertir?

Em 25 de março de 1981, Zózimo noticiou a inauguração do Chez Castel de Copacabana fazendo um trocadilho com o nome

do conhecido instituto psiquiátrico carioca:

- O convite para a inauguração oficial do Castel, domingo próximo, está prevenindo que será “uma noite muito louca, para uma abertura louca, num traje muito louco” e que todos estão convidados “para comer, beber e dançar loucamente”.
- Afinal, o convite é para o Chez Castel ou Chez Pinel?

A moda da discoteca foi consolidada pelo Studio 54, em Nova York. Tratava-se de uma casa girando ao redor de um globo de espelhos e luzes, com poucas cadeiras e mesas, mas muitos camarotes e uma relações-públicas sensacional, a peruana Carmen D’Alessio, louquinha, louquinha. Ela inventou o novo *mix* pós-café-soçaite. Convidava gente da sociedade, políticos avançados, intelectuais sem nojinhos, reis do pop, artistas exóticos, personalidades com evidência nas mídias mas que ninguém sabia exatamente que apito tocava, garotas de programa caríssimas, outras que se destacavam pelo desenho dos glúteos, homossexuais de bom gosto e jornalistas que no dia seguinte tivessem uma coluna para narrar o que se lembravam de ter visto. Jogava todos no liquidificador do 54, chacoalhava com música e fosse o que Deus quisesse que fosse. Era um circo repleto de *paparazzi*. Não era a grana, era a atitude.

Jorginho Guinle, que ainda recebia uma mesada de 45 mil dólares da família, comemorou ali o aniversário de sua então mulher, Tânia Caldas, e por todos os anos de sua vida ela conservou a conta das cinquenta garrafas de champanhe abertas em homenagem a ela. O *stone* Mick Jagger disse que fez sexo num dos cantos da boate. Todo mundo se pegava (a bissexualidade começava a ser admitida como uma chance a mais de se encontrar alguém legal). Nesses ambientes, todo

mundo cheirava cocaína e achava estar inventando as regras do bacanal modernamente chique. O jornalista Ezequiel Neves, namorado e parceiro musical de Cazuza, dizia que, na confusão de uma festa, cheirou uma fileira nas costas de Liz Taylor sem ela perceber. “Ninguém se incomodava com a presença da cocaína”, diz Kiki Garavaglia, que passou pelo Studio em seus momentos de glória. “Nos banheiros, havia as bancadas de mármore preto e a oferta era constante.”

Na segunda metade dos anos 1970, a cultura discoteca chegou aos mares do Sul e seduziu para suas pistas Kiki e todos os que se mostravam aborrecidos com o ramerrame dos salões empetecados. O Hippopotamus, de Ricardo Amaral, inaugurado em Ipanema em 1977, foi o primeiro a trazer novidades do Studio 54 para o Brasil. Uma delas era a contratação de uma *door girl*, que escalava quem poderia entrar. Ser “feio” era muito impeditivo, embora não pudesse ser usado explicitamente como argumento. Tênis, proibidíssimo. Não adiantou o cineasta Neville D’Almeida alegar que o seu custara quatrocentos dólares. O campeão de Fórmula 1 Niki Lauda tirou o seu e entrou descalço.

Zózimo deu aos eventos *disco* o mesmo tratamento das festas na casa dos Monteiro de Carvalho. A sociedade desceu do Morro de Santa Teresa para o subsolo do Le Méridien, onde até JK, o presidente pé de valsa dos anos 1950, continuava na pista e agora balançava o esqueleto ao ritmo do *hustle*. Ninguém vestia *black tie*, e sim fantasias de acordo com o tema da noite. Em 24 de março de 1976, sob o título “A noite louca”, a coluna publicou:

- Da boite Regine’s se pode dizer que é um pedaço de Paris encravado em plena Copacabana. Não se trata apenas da decoração sofisticada, da música explosiva, da profusão de garrafas de *champã* do bom, mas principalmente do clima,

da atmosfera, que é onde mais se nota o dedo inconfundível de Régine.

- E aquelas poucas dezenas de metros quadrados revestidas de vidro, acrílico e brocado nunca foram tão parisienses quanto na noite de segunda-feira, quando Régine abriu as portas para a festa à fantasia e traje a rigor que tinha como tema *Les années folles*.

- À sofisticação e elegância do *décor* foi acrescentada a beleza das mulheres presentes, algumas das quais exibiam bonitos figurinos característicos dos anos 20, como Celinha Azambuja, de brocado dourado, e Iara Andrade, de bordado de *mousseline* e cabelo cortado em ondas.

- A noite começou com um jantar — dois pratos, um dos quais frio —, continuou movida a garrafas *magnum* de Moët & Chandon e terminou de manhã com a pista repleta de melindrosas, rapazes de bigodinho e cabelo emplastrado e até um aviador de capacete de couro e óculos, estilo Primeira Guerra, que era como se vestia Carlos Eduardo Sabóia Gomes.

- O sr. Juscelino Kubitschek quase não saiu da pista, dançando desenvoltamente todos os ritmos, do tango ao *hustle*, este tendo a acompanhá-lo a sra. Beki Klabin.

- Numa mesa pequena, limitada a leste pela mesa de Evinha Monteiro de Carvalho e Gilda Sarmanho e a oeste pela mesa de Maria Alice (deslumbrante, de branco) e Joseph Halfin, estavam Suzy e Fred Chandon, ele, uma figura perfeita de *gentleman*.

- Presentes, ainda, um mundo de gente, entre os quais Marialice e José Hugo Celidônio, Lia e Gui Neves da Rocha, Cristiana e Marcio Seggia, Lilibeth e Fernando Collor de Mello, Tânia Caldas e Jorginho Guinle, Patrícia e Santos Bahdur, Tisse e Romualdo Pereira, Vera e Jacques-Louis

Mercier, Adalgisa e Quincas Campos da Silva, Tônia Carrero e Cesar Thedim, Marise de Ouro Preto, Scarlet Moon, Vera Ferreira de Abreu, o cirurgião plástico Altamiro Rocha de Oliveira, o figurinista Joãozinho Miranda, autor de vários modelos exibidos na noite, Paulo Coelho Marinho, Carlos Lustosa, Mauricio Leite Barbosa, Ibrahim Sued, Zeca Castro Neves, entre muitos, muitíssimos outros mais.

A modelo negra Lauretta, natural da Martinica, uma espetacular escultura exótica com quase dois metros de altura, era a *directrice* que administrava a burguesia branca no Regine's. A alta sociedade, que se aborrecia com a repetição dos tipos em suas festas, adorava aquela confusão de valores estéticos num ambiente de diversão e negócios. Em agosto de 1977, Zózimo daria espaço para a noite de lançamento do champanhe Moët & Chandon nacional, representado no país por Olavo Monteiro de Carvalho. O *grand monde* naquele evento começou o jantar com uma *terrine* e terminou com um *blanc de volaille*. Na saída, todos receberam garrafas “para continuar a degustação em suas casas”. Os ricos, que distribuía *champãs* franceses em suas festas, agora aceitavam sair da boate carregando garrafas-brinde de champanhe nacional. O glamour tinha se transformado em ações de marketing.

O politicamente correto ainda não dava as cartas e valia tudo, principalmente o que servisse para pôr a dona da festa no alto. Numa noite de Carnaval, Régine entrou numa cadeira carregada por anões, enquanto negras esculturais ventilavam o cortejo com abanadores gigantescos. Alain Delon voltou outras vezes e numa delas foi rejeitado pela cantora Rosemary, que, segundo Zózimo, antes teria tido uma paquera com o presidente americano Jimmy Carter. Para dispensar Delon, Rosemary — intérprete da balada “Se eu for embora é para o

nosso bem” — alegou que o homem mais bonito do mundo estava acompanhado da mulher, “e eu respeito essas coisas”.

Tudo parecia lindo, risonho (menos para Alain Delon, coitado) e louquinho. O *high society* do Rio vivia o auge de pelo menos duas loucuras: a química, com a cocaína espalhada pelos banheiros (ainda sem a figura do traficante com um arsenal de fuzis enfrentando a polícia); e a existencial (de quem começava a sair de uma ditadura e experimentava a liberdade aos poucos, ousando primeiro no comportamento). E com uma música perfeita para acompanhar essa felicidade de estar vivo num ambiente de luzes pulsando. “Dona culpa ficou solteira”, de Jorge Ben, era uma das mais executadas.

Numa noite de fevereiro de 1976, a atriz Raquel Welch fez dois shows — um às nove e meia, outro à meia-noite, na boate Vivará, no Leblon, e Zózimo noticiou que “depois houve a esticada, no Regine’s, ponto de encontro no final da noite do *beautiful people* carioca”. Foi nessa noite que La Welch começou um namoro com o gaúcho Paulo Pilla, assessor de imprensa da gravadora Philips. Na relação de nomes presentes estavam Carmen e Tony Mayrink Veiga, mais Tereza de Souza Campos, Lourdes Catão, Ivo Pitanguy e outros que, poucos anos atrás, só eram visíveis a seus pares, nos exclusivos salões do *high*. Agora eles estavam a um tíquete de distância.

Eis, porém, que, na madrugada de 24 de julho de 1977, a jovem Claudia Lessin Rodrigues apareceu morta, o corpo massacrado de pancadas e violências sexuais, amarrada dentro de um saco na avenida Niemeyer. Os envolvidos no crime eram frequentadores do Regine’s. Michel Frank, suíço da família proprietária dos relógios Mondaine, e George Khour, cabeleireiro brasileiro com salão no segundo andar do prédio do Le Méridien, fizeram uma orgia de sexo e cocaína com Claudia e a menina acabou assassinada. Quem começou a morrer no mesmo momento foi o Regine’s. Para piorar, logo

em seguida Hosmany Ramos, o cirurgião plástico que namorara Beki Klabin e Verinha Bocayuva, além de outras *socialites*, seria preso (entre outros roubos, tinha apanhado um Rolex de Pelé numa festa no Chopin), e a polícia encontrou entre as drogas que ele vendia a carteirinha da discoteca. O estrago contra a marca crescia.

O cenário de espelhos e detalhes em salmão da casa não tinha culpa alguma, mas o noticiário sempre citava a boate como ponto de encontro da dupla trágica que matara Claudia Lessin. Antonio Kämpffe, um dos fotógrafos mais badalados da noite, precisou esperar à porta do banheiro, fechado por um segurança, até que o famoso jogador argentino e seus amigos saíssem, deixando rastros do crime na pia. A droga não era privilégio dali, no entanto, pela segunda vez, com diferença de poucos meses para o assassinato de Ângela Diniz, seu uso envolvia num escândalo a alta sociedade. Era grave. Da coluna social, a boate foi para a policial. A cocaína perdia a inocência de apenas dar um *up* (na era *disco*, chamava-se “dar um realce”).

Zózimo ficou de fora no ataque. Não fez a defesa explícita, porém acompanhou, solidário, os esforços de Régine para sobreviver. Numa das notas, sem se nomear, disse que um amigo havia telefonado para Régine, em Paris, para narrar o que andavam dizendo da sua casa nos jornais. “Fiquei bem na foto?”, ela perguntou. Diante da resposta positiva respondeu: “É o que importa.” Não era. A boate estava vazia. Foi aí que Régine, a rainha da noite, segundo uma reportagem do *New York Times*, mostrou por que carregava a coroa. No lugar de Lauretta, vítima do noticiário do caso Claudia Lessin, contratou Danuza Leão.

Uma *directrice* precisava ser, por si só, um evento. Carmen D’Alessio, do Studio 54, apareceu uma vez na coluna de Zózimo pendurada num garoto de dezenove anos. Respondia a

um amigo que lhe perguntara quem era o novo namorado: “Este é o meu amor-dinastia. Já transei com o avô, com o pai e agora chegou a vez dele.” O nome da nota era “Apetite”. Danuza tinha. Não exatamente o mencionado por D’Alessio, mas apetite para a vida e as transformações a que ela obriga as pessoas.

Ela era personagem da vida carioca havia décadas, e em 1953 já tinha ocupado função parecida no Voguinho, um *living-bar* que funcionava no prédio do Vogue. Nascida no Espírito Santo, viera para o Rio aos dez anos, em 1943, e deslumbrou a cidade com sua beleza fora do padrão das misses e das dondocas. Era *cool*, tinha um nariz angulosamente original e antecipava em seu jeito de andar a bossa nova e todas as novidades que a década seguinte deflagraria. Gostava de jornalistas. Primeiro casou-se com Samuel Wainer, dono da *Última Hora*, depois passou-se para o funcionário dele, o cronista Antônio Maria, e mais adiante, depois de ter namorado Tarso de Castro (com quem chegou às manchetes de um jornal baiano tomando banho, nus, na praia de Arembepe), ela contrairia núpcias com Renato Machado. No fim de 1978, quando foi convidada por Régine, Danuza estava solteira, sem culpa, e topou passar as noites no subsolo do Leme tentando, com seu charme e uma espetacular rede de relações, recuperar a clientela que a polícia afugentara.

Era uma mulher divertida, eclética, tanto tinha sido modelo de Jacques Fath como jurada do programa de calouros de Flávio Cavalcanti. Nem aí para o que cochichassem à sua passagem. Zózimo publicou uma justificativa de Danuza para o hábito de andar frequentando treinos do Flamengo: “Para uma mulher, um treino do Flamengo é a mesma coisa que o show do Crazy Horse para um homem.” No estilo Carmen D’Alessio das noites temáticas na discoteca nova-iorquina, dedicou uma aos atores de *Dancin’ Days*, novela que se inspirava nas

discotecas e estourou nas televisões em 1978. Danuza conseguiu misturar a atriz Sônia Braga com jogadores como Doval, Paulo Cesar Caju e Nunes, craques da bola que gostavam de um agito. Zózimo noticiava. Suas notinhas ajudaram outra sacada de Danuza. Ela descobria a data de aniversário de um famoso — e às vezes podia ser um de coluna social, como Josefina Jordan, ou do babado, como a travesti Rogéria. Oferecia mesa BLT (Boca-Livre Total) para o homenageado e mais três amigos, desde que tudo pudesse ser noticiado antes na coluna e servisse de chamariz para a plebe rude ir até lá pagar ingresso e ver de perto o novo show da vida, um famoso no que antes era um dos seus momentos mais íntimos e agora passava a ser praça pública — a diversão *by night*.

Foi tudo mais ou menos muito bem até que Danuza, como era de esperar, brigou com a mal-humorada Régine no Leme e na noite seguinte já estava trabalhando no Hippo de Ipanema. “Danuza Leão, sediada no Hippopotamus do Rio, será a *directrice* de todas as casas de Ricardo Amaral no Brasil. Uma espécie de Mme. Hervé Alphand da noite”, anunciou Zózimo. Hervé Alphand, o superdiplomata francês, nem era tão conhecido assim a ponto de merecer uma citação sem um aposto explicativo — mas *that’s* Zózimo. Um colunista precisava de vez em quando mostrar-se de outra cepa e deixar naqueles que desconheciam Alphand e sua mulher a impressão — ah, como são interessantes esses ricos! — de que estavam perdendo alguma coisa muito empolgante.

Pois a Mme. Alphand, mas pode me chamar de Danuza Leão, deu um *up* de alegria no Hippopotamus, mas pode me chamar de Hippo. Zózimo brincava com os nomes dos novos donos do espetáculo: “Ricardo Orfei apresenta Danuza Leão.” Ricardo Amaral era o dono do circo e ela, uma domadora da selva noturna, alguém que sabia todos os seus segredos. E,

quando perguntada, em 14 de janeiro de 1981, não se negou a revelá-los. Em “Dez pistas para conseguir um belo realce”, Danuza ensinava na *Veja*, “a quem não sabe, ou a quem pensa que sabe”, como se tornar companhia agradável na noite.

1. Saia com pouca produção. A onda é o realce discreto, pouca purpurina.
2. Jamais diga que está sem beber ou que precisa acordar cedo. Isso corta o barato alheio. Senão, por que você saiu de casa? Ajoelhou, reze — não derrube os outros.
3. Casal na paixão, tipo olho no olho, deve ficar em casa. A noite foi feita para o badalo.
4. Cuidado com os cheiros. Não há nada mais furado do que ir ao banheiro passar perfume atrás da orelha. Apesar disso, na hora do lobo, um chiclete ajuda a cortar o bafo de álcool.
5. Procure deixar seus problemas em casa. Não se deve falar de pequenas doenças e brigas. Mas se o assunto for câncer ou dor de cotovelo, vá em frente: dá Ibope. Procure passar um astral bom. Se não for bonito, como Pedrinho Aguinaga, seja como Pelé e Leiloca, a Frenética. Ela é uma alegria da noite. Está sempre a fim de contar uma história engraçada.
6. Procure esquecer o que aconteceu na noite passada. O que passou, passou, e ninguém gosta de ver lembrado o porre de ontem. Se alguém quiser puxar assunto, diga “bebi tanto que não vi”.
7. Faça negócio com bêbado, mas só quando você estiver bêbado. O que se fala na noite não vale de dia, isso Carlitos já ensinou em *Luzes da cidade*. Depois da meia-noite todo mundo fica mais generoso. O grande boêmio paulista Luizinho Macarrão já dizia: “O melhor negócio do mundo

seria o cartório noturno, para registrar fantasias como realidade.”

8. As grandes noites são as do dia seguinte às grandes festas. O amador vai à festa e o profissional sai no dia seguinte, para comentá-la e pegar o repique.

9. Sempre que a conversa cair, faça uma pergunta. Quando não tiver nada para dizer, use esta: “E sua vida, como vai?”

10. Seja duro, mas não muito. Quem pode e gosta da noite tem que pagar pelos que gostam e não podem. Avarento dá má sorte. Bom é juntar amigo para tomar champanhe. De preferência Krugg ou René Lalou, aquelas que os pobres usam para fazer abajur.

O Hippo era mais bem montado que o Regine’s. A decoração de Gilles Jacquard juntava modernidades e toques naturais inéditos na cena carioca. No térreo, bar e pista de dança, um espaço de quarenta metros quadrados, com um jardim tropical separado por uma divisória de blindex na qual escorria água sem cessar. Zózimo dizia ser um truque decorativo agregado ao comércio da diversão noturna: “Transmite subliminarmente a impressão de que está chovendo. E aí o cliente considera perdida a praia do dia seguinte e manda o garçom trazer mais uma garrafa.”

No segundo andar, um ótimo restaurante comandado por Claude Lapeyre, um dos primeiros *chefs* no Rio a ir até o salão e, com todos os paramentos de vestuário que caracterizam o posto, conversar com a clientela sobre o menu. Geralmente era aplaudido por apresentar na cidade, ainda sob o reinado do arroz à piemontese e da carne assada ao molho madeira, uma gastronomia avançada.

O jornalista Roberto Marinho abria a casa, jantava e se retirava, passando discretamente pela pista de dança. Com a entrada de Danuza em cena o clima ficou de altíssimo astral.

Tomavam-se por noite quarenta garrafas de uísque. Aparecia por lá o Paul McCartney (“só não é mais chato que o Chico Buarque de Hollanda”, dizia Ricardo Amaral), o bicheiro Castor de Andrade ficava num canto, a travesti Bruna Jordan no outro, mulheres incríveis, homens riquíssimos — *e la nave va*. Ricardo tentava controlar as drogas, para não repetir Régine. Um decorador aconselhava: “O exaustor do banheiro tem de ser forte o suficiente para tirar o cheiro da maconha, mas não forte demais para levantar o pó.”

Danuza Leão conta que uma senhora da sociedade, agitadaíssima, estava mais do que nunca assim e ia a todo momento ao banheiro, o que numa boate poderia sinalizar consumo de droga. A *directrice* pediu que um segurança ficasse à espreita à porta do toalete, contudo não foi suficiente — a agitada senhora não só continuou indo ao banheiro, como encontrou uma motivação extra. Foi surpreendida aos beijos com o segurança bonito. Chamado para resolver o caso, Ricardo Amaral mandou: “Troca de segurança, bota um bem feio.” E o assunto foi resolvido.

A boate ficava a poucos metros da casa de Zózimo, e isso era mais um motivo para ele ser assíduo. Foram centenas de notas. Havia sempre artistas internacionais (Lee Majors, do seriado *O homem de seis milhões de dólares*, virara figurinha tão fácil que já era chamado de “o homem de um milhão de dólares”); intelectuais (Rubem Braga, que, segundo Zózimo, instado a dar duzentos e cinquenta cruzeiros para um jantar de adesão, recuou: “Sou amigo do Cesar Thedim até cinquenta cruzeiros”); *socialites* (Carmen Mayrink Veiga e a condessa Sílvia Amélia à mesma mesa, brincando o Carnaval, bracinhos levantados, no Baile Noite Dourada); e até políticos (o iracundo general Ernesto Geisel, já despido da faixa presidencial, jantando com a patroa).

As mulheres eram tratadas como estrelas do porte das televisivas. Kiki Garavaglia, filha de embaixador, moradora de várias cidades do mundo, carteira de sócia número 001 do Hippo, era uma das musas dessa geração. Bonita (teve caso com Paul McCartney e Warren Beatty) e animada, foi das primeiras mulheres casadas a dançar sozinha numa pista noturna do Rio, embora seu marido, o engenheiro químico Renato Garavaglia, também fosse grande parceiro nessas festas. Foi em homenagem a Kiki, sempre puxando novas tendências, que Ibrahim cunhou a expressão “locomotiva”. Ela também passava notas para Zózimo. Um dia, Patrícia Vésper, secretária do empresário Eike Batista, telefonou para Kiki. Que ela falasse com Zózimo para não publicar o fim do casamento do empresário e Patrícia Leal, da família Conde Modesto Leal. Embora casados no religioso na semana anterior, não haveria o casamento no civil — Eike apaixonara-se pela modelo Luma de Oliveira, musa de seios à mostra de bateria de escola de samba. “Obrigado”, respondeu Zózimo ao telefone, “vou dar amanhã.” “Mas, Zózimo, telefonei pra você não dar a notícia”, argumentou Kiki. “Se eu não der alguém vai dar, e antes que o Ibrahim o faça, faço eu. Adoro você, Kiki, somos amigos, mas antes de tudo sou jornalista.”

Em outro canto do Hippo, o estilista Frankie, da dupla Frankie e Amaury, exercia sua língua ferina. Zózimo dera uma nota contando que o rapaz caçoava da elegância de um grupo de *socialites* paulistas e brindara Eleonora Mendes Caldeira com o rótulo de “perua”. Eleonora queixara-se ao marido, o fortão Cito Mendes Caldeira, e este tomou as devidas providências. Foi ao canto da boate onde estava Frankie: “Garoto, levante-se daí agora e vá lá correndo pedir desculpas à minha mulher.” “Dito e feito”, concluiu a nota de Zózimo.

Michael Koellreutter, da revista *Interview*, era o mais serelepe repórter da nova geração. Dedicava-se aos bastidores

da sociedade, e em 1986 publicou a história de dona Beatriz Monteiro de Carvalho e seus dois maridos, Alberto Monteiro de Carvalho e Olavo Egydio de Souza Aranha, um dos babados da sociedade. Falava também do *showbizz* e tinha incrível capacidade de fazer com que os artistas revelassem intimidades. O ator Rômulo Arantes lhe deu uma surra porque Michael publicou uma relação do nome das moças com quem ele dizia já ter compartilhado a cama. No Hippo, Michael precisava mudar de rumo entre as mesas para não encontrar um desafeto. Quando deixava a guerra, fazia amor — também na boate. “Seu Amaral”, alertava um funcionário, “o Michael está de novo trepando no toailete.” O jornalista namorava uma moça recém-separada que evitava dormir fora de casa até o divórcio. Precisava manter as aparências legais. O jeito era se trancarem na cabine do banheiro, geralmente às quintas-feiras, quando Michael chegava de São Paulo, depois de fechar a *Interview*.

Os banheiros do Hippo não paravam. O segurança avisou o produtor de moda Julio Rego que havia dois agentes da Polícia Federal na casa buscando flagrantes de drogas. Julinho avisou Odile Marinho do perigo. Indócil, ela pediu que ele passasse a droga por baixo da mesa e foi ao banheiro. O tempo passou, ela não voltou. Julinho foi ver o que estava acontecendo e encontrou Odile aos beijos com o segurança, álibi que encontrou — ele também — para ficar no banheiro cheirando. Julinho aproveitou para entrar e cheirar junto com eles.

Claude Amaral Peixoto, francesa, ex-namorada do ator Omar Sharif e do cantor francês Charles Aznavour, colaborava com a coluna e suas notas eram publicadas porque, além de conhecer todo o Rio, era relações-públicas da Alitalia, que distribuía viagens aos parceiros da imprensa. Só uma vez se indispôs com Zózimo. Ele adorava noticiar as andanças de Madame Claude, a célebre cafetina francesa dos anos 1970.

Quando a tal senhora foi presa, inventou, em 18 de abril de 1989, a similar tupiniquim. “Quem será a Madame Claude carioca? Tchan-tchan-tchan-tchan.”

Não era ninguém, apenas uma brincadeira de Zózimo-Fred Suter. Como não havia na vida real Madame Claude mais conhecida no Rio do que “madame” Claude Amaral Peixoto, mulher finíssima, os mal-entendidos começaram. A mesma língua francesa falada pelas duas deixava os espertalhões certos de que não havia do que duvidar — a cafetina carioca era, quem diria, hein?, a delicada Claude Amaral Peixoto.

Depois da quarta nota especulativa sobre a tal senhora e sua fornada de moças dispostas a tudo — “A Madame Claude carioca está com a corda toda, seu telefone não para de tocar” —, a Amaral Peixoto, moradora de uma cobertura triplex na avenida Atlântica, pediu que o colunista parasse. Os homens insistiam em conhecer suas supostas protegidas. Zózimo foi legal. Em 8 de junho de 1989 publicou que, depois de um derrame cerebral, inspirava cuidados a saúde da Madame Claude carioca. No dia seguinte, enterrou-a na nota “Luto”:

- Esta coluna cumpre o doloroso dever de comunicar o falecimento, depois de lenta agonia, da Madame Claude carioca.
- Para evitar a curiosidade alheia e preservar a identidade dos inúmeros clientes da pranteada senhora, o féretro sairá na calada da noite pé ante pé.
- O infausto acontecimento deixa na mais desamparada orfandade um grupo de meninas da melhor qualidade.

Estava salva a reputação de Claude Amaral e ela podia voltar, sem perguntas de “quanto?, tem loura?”, à pista de dança do Hippo, levantando os braços, alegre, ao som dos grandes sucessos da era *disco*: “What a feeling” (Irene Cara),

“Isn’t she lovely” (Stevie Wonder), “I feel for you” (Chaka Khan), “Stayin’ alive” e “Saturday night fever” (Bee Gees), “Last dance” (Donna Summer), “Le freak” (Chic), “I will survive” (Gloria Gaynor), “Got to be real” (Cheryl Lynn), “You make me feel (mighty real)” (Sylvester), “It’s raining men” (The Weather Girls), “YMCA” (Village People), “Lança-perfume” (Rita Lee) e “Perigosa” (Frenéticas), esta última — aquela do “Eu sei que eu sou bonita e gostosa” — chegaria mais adiante a pontuar nota de Zózimo.

A cocaína estava presente, inevitável, por mais que Ricardo Amaral vigiasse (já doente, Cazuza sugeria sentado à mesa da boate, entre divertido e sério, trocar um vidro de AZT, a droga para tratamento da aids, por uma carreira de pó). Como boa parte daquela geração noturna, Zózimo foi um experimentador curioso da droga maldita, mas de seu uso na sociedade jamais se falou na coluna. Já o álcool, o vício que cada vez mais o perseguia, era citado livremente, sem culpa ou pecado. Tentava se segurar, aquilo estava destruindo sua relação com Marcia. Sem sucesso. Como se livrar do vício indo a duas festas por noite? Como manter ativa a vida de um operário das notícias se bebeu todas, do melhor e de graça, na noite anterior? Como se livrar se saía do jornal, com o mesmo terno, diretamente para as tais festas, misturando uniforme de trabalho com o de lazer? Como explicar que era de mau gosto, nem um pouco carinhosa, a insistência dos “amigos” em oferecer mais um drinque?

Tomava-se muito champanhe (Mario Priolli, dono da casa de espetáculos Canecão, em Botafogo, levava os artistas dos shows para acabarem a noite no Hippopotamus e, generoso no oferecimento de Dom Pérignon, foi apelidado de “Dom Mario”). Uísque (era a época do Cutty Sark ou JB) e algum vinho (ainda fora de moda no final dos anos 1970, com as marcas puxadas principalmente pelo alemão da garrafa azul, o

Liebfraumilch, o preferido de Roberto Carlos, e o português Mateus Rosé).

As noites do Hippo ainda eram uma criança quando, em 24 de dezembro de 1977, Zózimo deu uma longa nota sobre a chamada “Carta de Jellinek”, publicada em 1960 e ainda o mais importante tratado médico sobre o abuso do álcool. Todos os exemplos publicados entre as informações científicas eram retirados da própria vida do colunista. Por enquanto, eram engraçados:

- Através do estudo é possível diagnosticar as três fases da doença — prodrômica, crucial e crônica — em todos os *habitués*, por exemplo, do Antonio’s e mesas congêneres. Jellinek enquadra com a enunciação dos sintomas a noite do Rio de A a Z, como dizem os colunistas sociais.
- Cometer desatinos é outro indício de alcoolismo. Segundo Jellinek, os que ultrapassam o limite razoável dos cinco uísques se expõem a se lançar na pista do Hippopotamus ao som da “Perigosa”, das Frenéticas.
- Item significativo é a “reprovação familiar”, entendendo-se como tal a bronca conjugal que se segue alta madrugada à entrada trôpega do paciente casa adentro. Já houve um que, nessa circunstância, e ao lhe ser indagado pela mulher com ar feroz quanto tinha bebido, respondeu fazendo uma força sobre-humana para não cambalear: “Nadra!”
- Isso posto, considerando que hoje é noite de Natal, à saúde de todos!

Não há qualquer tom de crítica. A nota pode servir de inspiração para esquetes cômicos sem gravidade médica. A preocupação deveria começar, segundo o “Parâmetro de Normalidade Zózimo”, quando se tivesse passado das cinco (!) doses de uísque. Até ali, tudo bem, era “razoável” e “nadra” a

criticar. O importante era viver a festa dos clubes privê, um manifesto noturno contra a carece, e celebrar o fim de vinte e um anos de ditadura. Uma vez, talvez já passado da quinta dose, o colunista viu na pista da Hippo a atriz e cantora argentina Libertad Lamarque e saudou a sua presença na coluna de 16 de fevereiro de 1979. Dois dias depois, ele corrigiu — com a *expertise* que lhe era inerente e a filosofia cariocamente malandra de vida:

- Quem está no Rio para o Carnaval não é Libertad Lamarque, mas Libertad Leblanc, atriz e argentina como a outra.
- Leblanc ou Lamarque, o mais importante é ter no Brasil Libertad.

Uma das lições que Zózimo recolheu com Álvaro Americano foi guardar uma informação e respeitar os anseios da fonte, essa musa inspiradora de qualquer coluna. É uma senhora ciclotímica. Por vezes vaidosa, quer todas as letras do seu nome na página. Muitas vezes, no entanto, quer a notícia publicada e o nome nas sombras. Pede silêncio por enquanto sobre o que acabou de contar no ouvido do jornalista — um pobre sujeito com uma página inteira aberta esperando justo aquilo: novidades e mais novidades para serem publicadas imediatamente.

“Nem as melhores ninfomaníacas são tão insaciáveis quanto uma boa página de jornal todo dia”, dizia Zózimo. “Ela, a página de jornal, quer mais e mais sem que se lhe saia de cima. No caso do colunista, mais e mais sem sair de cima da máquina de escrever.” Era uma das sabedorias que espalhava nas conversas sobre o *métier*. Havia herdado todas de seu mestre, não com aquelas palavras, é claro, que Álvaro Americano fazia um fino à moda antiga. Se necessário, era preciso deixar a notícia dormir, ganhar corpo, até mesmo quando fosse uma que poderia mudar o curso da história. No caso daquela que Zózimo acabara de saber, mudaria o rumo da economia do país.

O que fazer quando você tem uma página em branco à sua frente e sabe que a Volkswagen brasileira está sendo vendida para o Kuwait? O que fazer quando você tem bons detalhes do negócio, porém uma das partes envolvidas é um grande amigo seu e ele pede, pelo amor de Deus, que você não faça aquilo que lhe paga o salário no fim do mês? Não publique!

O empresário Olavo Monteiro de Carvalho, diretor-presidente do grupo Monteiro Aranha, dono da Volks brasileira e vascaíno doente, era do elenco do rubro-negro Zózimo. Numa noite, numa festa no condado dos Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa, Zózimo levou Olavo para um canto e contou tudo o que ficara sabendo sobre a venda da Volks, de propriedade da família. Pouquíssimos, só os envolvidos no negócio, como Olavo, possuíam aquelas informações, todas exatas, só que por enquanto precisavam ser mantidas em sigilo. Olavo jamais perguntou a fonte do jornalista. Desconfiava de algum assessor ligado a Wolfgang Sauer, presidente da empresa, todavia calou a suspeita. Optou por abrir o jogo com Zózimo.

Confirmou a venda e avançou na história. A Volks estava grande demais para se manter como empresa familiar. Cada modelo lançado exigia um investimento em torno de 400 milhões de dólares. Os alemães ainda financiavam os Monteiro de Carvalho e deixavam que pagassem com lucros futuros. O problema é que estes começavam a diminuir. A família investia tanto que não pagava os dividendos — e foi aí que apareceu o interesse do Kuwait. O emir queria levar parte da Volks brasileira. “É isso”, disse Olavinho, “mas não publique.”

A cada movimento da operação, Olavo falava com Zózimo, que a tudo jornalisticamente silenciava com o coração na mão. E se Ibrahim soubesse? Colocaria na frente a amizade com Olavo e manteria guardada na gaveta a bomba! bomba!, como o “Turco” gritava na TV? A cada segredo guardado, aumentava o reconhecimento do empresário por seu parceiro pessoal de tantos anos e agora também profissional de imprensa solitário. E se no *Globo* Carlos Leonam, atual responsável pela *Coluna de Carlos Swann* (que desde 1973 perdera o nome de *Reportagem Social*), soubesse que a Volks estava indo para os árabes? Quanto valia uma amizade?

Era o momento em que os grandes jornalistas se diferenciavam dos “focas”, os novatos na profissão. Se obter uma informação de três linhas já era difícil, imagina uma manchete retumbante como aquela. Zózimo, em obediência à amizade — e também à certeza de que a cumplicidade mais adiante lhe valeria outras informações —, silenciou. A notícia da venda de 20% da Volkswagen por 115 milhões de dólares para o Kuwait saiu em 20 de junho de 1980 no *JB*, dada por Zózimo, e também no *Globo*. Perdera o furo, porém mantinha a fonte. Achava ter feito um negócio tão bom quanto o dos árabes. À fonte, tudo que ela pedir e o que mais precisar.

O informante é aquele tesouro que todo colunista traz guardado no fundo do peito, o amigo que fará tocar o telefone e, de onde estiver, despejará pelo menos uma história, um tijolo que se juntará ao tijolo mandado por outra fonte e, como num milagre, ao fim da jornada, eles todos, somados, deixarão de pé mais uma coluna de notas. Por isso uma das artes praticadas pelo colunista é a de administrar as fontes. Algumas têm potencial para uma nota a cada quinze dias — e um erro na avaliação, fazendo com que o colunista ansioso ligue toda semana, pode fazer com que ela, em pânico, pare de atender ao telefone. Outra sabedoria: durante a conversa, dê uma informação de bastidor do assunto de que a fonte gosta. A sensação de troca transmitirá naturalidade ao comércio e o informante se sentirá menos explorado. Sairá do telefone e dirá: “Xi, falei com o Zózimo e ele me disse...” Informação é *commodity* valiosa.

O repórter Marcos Sá Corrêa sabe do que se está falando. Uma vez negociava uma conversa com uma velha raposa da política mineira. O sujeito não queria dar entrevista nenhuma. “Mas, senador”, enrolou Marcos, vinte e seis anos, tentando convencer, “não será uma entrevista. Vamos trocar umas ideias.” “Pois não, meu filho”, devolveu a raposa, “quais são as

suas?” É preciso dar alguma ideia em troca para a fonte não secar e ficar com a boa sensação de que ganhou algo no escambo. Atenção: mantenha equilibrada a relação. Deixar a pessoa satisfeita sem se deixar usar por ela. Respeito mútuo.

Com o banqueiro Antonio Carlos de Almeida Braga, um daqueles homens mais velhos que tanto admirava, Zózimo acertara um ajuste fino. Braguinha não só passava notas, como também servia de consultor sobre os movimentos da economia nacional. A admiração era recíproca e se manteve com a passagem do tempo, entre outros motivos porque foi por meio de uma nota, “Luiza e Antonio Almeida Braga...”, que todos souberam do novo casamento do empresário. Não havia divórcio. A coluna de Zózimo separava e casava as pessoas. Dispensavam-se os carimbos dos cartórios.

Um dia, Amador Aguiar, do Bradesco, resolveu ir pessoalmente até o prédio do jornal *O Estado de S. Paulo* tentar resolver uma questão que podia parecer pequena para sua agenda de dono de banco, mas era internamente importante. *O Estadão* continuava colocando os anúncios do banco (balancetes, convocações de assembleias etc.) na mesma página dos avisos fúnebres. Amador e seu braço-direito, Braguinha, marcaram uma reunião com Julio de Mesquita Neto, proprietário do jornal. Com todo o respeito aos mortos, queriam companhias mais serelepes para serem vizinhas da marca vivíssima do banco. No dia do encontro, os dois representantes do Bradesco tomaram um chá de cadeira de quase uma hora. Ao serem recebidos, Amador foi claro: “Se os anúncios do banco continuarem a sair junto com os funéreos, da próxima vez eu virei aqui armado para resolver o problema.” Era uma história deliciosa. Num encontro social Braguinha contou a Zózimo, que, evidentemente, gargalhou da bravata e já começou a elaborar mentalmente o texto — até que ouviu o pedido do amigo para não publicar. Então esqueceu

imediatamente o episódio desse duelo de Amador Aguiar e Julio de Mesquita Neto, o embate de titãs que acabou não ocorrendo porque imediatamente os anúncios do Bradesco foram direcionados para as páginas dos vivos.

Em outra oportunidade, Zózimo publicou a nota do questionamento, pela Receita Federal, da incrível compra que o dono do Banco Halles, Stanislaw Szaniecki, fez, sem condições para tanto, da coleção de um diplomata falido. Zózimo só soube depois o resto da história e, a pedido, também preferiu não continuá-la: Stanislaw comprara tudo em nome de Braguinha. Mais: transferira todas as obras, Picassos e afins, para o apartamento do amigo, que só soube da operação quando voltou de uma viagem e, ao abrir a porta de casa, constatou aquela inesperada coleção que não lhe pertencia. Por uma série de outros entraves, logo em seguida o Halles seria fechado.

Zózimo selecionava ao máximo as suas fontes e respeitava o anonimato delas — o que poderia ser complicado para muitos. O apresentador Jô Soares passou algum tempo aborrecido com o jornalista Roberto D'Ávila por causa disso. Encontraram-se num aeroporto e Jô disse ao amigo que estava deixando a TV Globo para fazer um *talk show* no SBT — mas que, pelo amor de Deus!, não contasse a ninguém. No dia seguinte, a notícia estava num *suelto* de Zózimo. D'Ávila era inocente. O colunista jamais entregou a fonte. Divulgar o nome desse contrabandista de informações corresponde em jornalismo ao suicídio em praça pública. Como o crime já prescreveu e agora já se pode revelar, diga-se para a posteridade que quem passou a notícia foi Boni, o todo-poderoso da Globo.

O banqueiro José Luiz de Magalhães Lins e o empresário Azevedo Antunes, da área de mineração, não queriam ver seus nomes publicados. Zózimo os atendia. Braguinha pedia-lhe apenas que maneirasse na insistência em apresentá-lo como

proprietário, o que era verdade, de sete casas espalhadas pelo mundo — só não precisava repetir tantas vezes. O banqueiro Julio Bozano uma vez pediu a Nascimento Brito para não ter mais o nome publicado na coluna. Zózimo acatou, embora preferisse ouvir o pedido da voz do próprio. Quando, mais adiante, chegou o pedido de divulgação de um evento da Bozano, marca de cosméticos para homens, foi a vez de Zózimo. “Desculpe, não posso. Ordens do doutor Brito.”

Quando as festas noticiadas em colunas começaram a parecer um acontecimento não muito chique, apenas perdulário numa nação de miseráveis, Carmen Mayrink Veiga também andou se queixando da exposição. Gostaria de sair menos. Falou até em invasão de privacidade, sem levar a expressão aos ouvidos de Zózimo. Este, quando soube, não ficou magoado. Apenas devolveu: “A Carmen é que há anos invade a privacidade do leitor.”

Há momentos em que tudo que não se quer é ter o nome impresso na coluna, esta, porém, não tem culpa se o faz. Que cada um tome seus cuidados. Naquele tempo, havia quem evitasse o bisturi de Pitanguy, por mais habilitado que fosse, pois sairia no jornal. Nelita Leclery, recém-operada, quase rasgou os pontos ao ler que fora “recomposta” pelo médico. “Que negócio é esse de recomposta?”, arguiu num telefonema para Zózimo. “Recomposta no bom sentido”, defendeu-se o colunista. Apenas uma mulher, Ilde de Lacerda Soares, abriu o jogo. Na nota de 14 de junho de 1980, ela estava andando na rua quando foi abordada por um rapaz que lhe dirigiu o galanteio: “Você é tão bonita, deve ter sido Deus pessoalmente quem a fez.” “Não, não foi, não”, respondeu Ilde, “foi o doutor Pitanguy!”

A coluna parecia ter olhos e ouvidos espalhados por todos os cantos. A vaidade humana fazia com que se passasse para a coluna até nota em que a própria fonte não aparecia bem na

foto. Lúcia Sweet, *directrice* de casas noturnas, namorava o psicanalista Luiz Alberto Py, celebridade intelectual com imenso rol de pacientes importantes. Quando acabou o relacionamento com a moça, Py fez humor e disse: “Lúcia, acabou-se o que era *sweet*.” Era o fim de caso, sempre uma dor que fica. Lúcia, no entanto, achou que tinha sido uma frase tão boa que não resistiu e mandou-a para Zózimo, que, no dia seguinte, estampava para toda a cidade o término do namoro. Não se cortavam mais os pulsos na solidão do banheiro — contava-se para o colunista de todo o Rio de Janeiro, um sujeito que capricharia no texto e daria a informação sem rimas de samba-canção.

Joseph Halfin, diretor-geral da Air France, falava pelo menos uma vez por semana com a coluna e gostava do babado de direcionar novidades para um profissional que sabia de todas. “Essa você não sabe” era seu bordão — e quase sempre, bingo!, uma fofoca novíssima. Um dos trunfos de Halfin estava em sua mesa: a lista de passageiros dos aviões. Muitas vezes viagens secretas, de casais secretos, saíam no jornal, para infelicidade dos personagens. Fonte não se escolhe, mas Zózimo preferia tê-las entre os amigos bem próximos. Gilberto Chateaubriand, o *cousin* colecionador, ajudava nesse esforço, e não só sobre *gossips* das artes plásticas. Foi ele quem deu o furo de Fernand Legros a Zózimo. A presença do francês, foragido, no Brasil surgira numa conversa com o empresário Renato Archer, e Gilberto, feliz, guardou o segredo, garantindo sua moeda para pagar de prenda quando Zózimo telefonasse.

Ele era diplomata e, em *off*, sussurrava notas do Itamaraty. Estava na praia do Leblon quando apareceu o ministro das Relações Exteriores, Mário Gibson Barboza. “Você gosta de furar ondas?”, perguntou o ministro. “Adoro”, respondeu Chateaubriand. Furaram a primeira, a segunda, e de repente alcançaram uma zona de tranquilidade, onde permaneceram

boiando, olhando o visual dos morros do Rio. Conversavam descompromissados, cercados de água, livres de que alguém os estivesse ouvindo. “Corre no Itamaraty que estamos na iminência de uma nova reforma diplomática?”, puxou Chateaubriand, à guisa de papo. “É verdade, e eu já apresentei o plano”, admitiu Gibson Barboza, relatando todos os detalhes, que mexiam nas relações do Brasil com países da Europa — e que menos de vinte e quatro horas depois estariam na coluna *Zózimo*, instaurando um escândalo na República.

As informações estavam corretas, no entanto, antes de serem oficializadas, precisavam passar por intricada burocracia de conhecimento das partes. Chateaubriand, num esforço para socorrer todas as partes — do ministro Gibson Barboza ao colunista *cousin* —, compareceu ao Itamaraty para se confessar. “*Mea culpa*, minha máxima culpa”, disse diante de uma comissão com representantes de todos os departamentos da casa. “Você é diplomata ou jornalista?”, repreenderam-no. Chateaubriand, que não era diplomata à toa, conseguiu se livrar do embaraço e salvar a todos. “O que você fez com o Gibson não foi um mergulho, foi um caldo”, brincou *Zózimo* com o primo, referindo-se àquela onda pesada que desaba sobre a cabeça do nadador, engolindo-o, antes que ele consiga furá-la.

Um bom colunista é uma ilha cercada de fontes por todos os lados. Se Ibrahim Sued gostava da companhia de presidentes, *Zózimo* desdenhava dos poderosos e evitava servir de escada para a vaidade de Suas Excelências. Preferia rir deles e saber o que ia naquele mundo por meio dos que viviam em suas beiradas. Não precisaria ter que falar com aquela gente, não sujaria as mãos nem teria de tapar o nariz. Alguns colunistas carregam como medalha o telefone do gabinete de algum ministro fodão. Não era o caso. “Eu não falo com ministro nenhum!”, gabava-se, em entrevista aos repórteres Maria

Helena Esteban e Ney Reis, da *Ele Ela*. “Não falo porque não quero, porque ministro não é boa fonte. Fonte é ex-ministro. Estes dão mais motes para o colunista glosar, fornecem material para a crítica, a alfinetada é com classe. É preciso só saber filtrar o que é ressentimento. De resto, sou totalmente poderofobia.”

As páginas políticas estavam cheias daquele nhém-nhém-nhém enfarpelado. Em meados dos anos 1980, o presidente José Sarney, por intermédio do assessor de imprensa Fernando Cesar Mesquita, convidou Zózimo para um encontro no Hotel Glória. As notas não deixavam dúvidas sobre o que a coluna achava do governo — era um dos piores da República, provinciano. Zózimo topou, desde que pudesse levar a tiracolo o amigo Paulo Marinho. Quando chegaram ao Glória, estava lá boa parte da Nova República, do presidente ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Todos engravatados — Zózimo e Marinho, de jeans e blazer. Segundo Marinho, Sarney fez um rapapé enorme para paparicar o convidado. Zózimo, ao contrário, encurtou a conversa e em vinte minutos estava do lado de fora, dizendo a Marinho: “Pô, que gente deslumbrada!” “Era o governo em peso esperando ele”, relembra Marinho, “os ministros perfilados, e ele cagando geral para aquilo, que acabou não rendendo grandes notas, tudo muito oficialesco e cheio de discurso. O desprezo dele pelo poder e os políticos era absoluto.”

Um poderoso de muita evidência na coluna era Delfim Netto, ministro da Fazenda durante o governo militar. Algumas notas chegavam passadas por Bernard Campos, braço-direito de Nascimento Brito, e serviam aos interesses da empresa. Zózimo tinha cacife jornalístico para telefonar a Delfim e perguntar o que quisesse. Evitava. Conhecedor das boas regras da sociabilidade, inclusive as funcionais, não disputava prestígio com os patrões. O temperamento de

Maneco, propenso a fazer inimizades por irrelevâncias, dava ao colunista simpático uma enorme vantagem para ser o preferido em abordar figuras — mas Zózimo sabia que a caneta com mais tinta era a do dono do jornal. Não se fazia de *tadinho*, não se submetia nem se humilhava. Era uma questão de entender os papéis e deixava que os diretores do *JB* se iludissem com a ideia de que os poderosos eram eles. Resumindo: se Delfim quisesse alguma coisa na coluna, Bernard traria, e os dois estavam sempre almoçando no restaurante Le Bistrô, o “escritório” do ministro em Copacabana.

Zózimo também evitava publicar notas sobre amigos do patrão. Nem contra nem a favor. Guiava-se por compreensões sensíveis das relações humanas. Nunca se saberia, por exemplo, se eles haviam brigado na véspera. Mais: o amigo do patrão sai na coluna na hora que o patrão quer, com o custo de um telefonema seu para o colunista. Aproximar-se do amigo do patrão tem uma possibilidade tóxica sufocante. Evite-se — e Zózimo sabia tudo dessas regras de como preencher uma coluna e escapar dos seus problemas. Outra regra: se estava no Country Club e via Nascimento Brito, driblava-o com discrição. Um patrão não gosta de frequentar o mesmo espaço que seu assalariado — nem que este seja o mais elegante da folha de pagamento.

Para checar notas de economia e do sistema financeiro, Zózimo se consultava, além de Braguinha, com Paulo Marinho, os banqueiros Ângelo Calmon de Sá e Frank Sá e o jornalista Sérgio Figueiredo. José Aparecido de Oliveira e Armando Falcão formavam o primeiro time dos grandes informantes da República. Armando ditava notas para Zózimo, que trocava algumas com Ancelmo Gois, da coluna *Informe JB*, que lhe passava as de Aparecido. Nenhum dos dois colunistas queria ficar refém dessas fontes, sujeitos sedutores, e por isso se muniam também, no mesmo regime de trocas, de notas que

fossem críticas aos dois políticos. Mordiam e assopravam com o mesmo denodo editorial.

O advogado Jorge Hilário Gouvêa Vieira, o ex-ministro do governo militar Hélio Beltrão, mais o deputado Doutel de Andrade e Elio Gaspari também eram fontes políticas, sendo que Bocayuva Cunha servia como o principal interlocutor para notícias da esquerda. Graças a ele, Zózimo conheceu uma esquerda mais velha e festiva, que frequentava a praia do Leblon, todos debaixo da mesma barraca, e reunia fontes preciosas sobre a vida carioca, como o empresário Renato Archer, o editor Fernando Gasparian, o deputado José Gomes Talarico e o economista Tito Ryff.

Lywal Salles, militar contratado nos anos de chumbo para a diretoria do *JB*, informava sobre as Forças Armadas. Henrique Schiller de Mayrinck, amigo de Heitor Aquino Ferreira, eminência parda dos governos militares, principalmente de Geisel, falava sobre negócios e pedia divulgação para os seus (representava estaleiros espanhóis no Rio). Glorinha Paranaguá, Josefina Jordan e Myrian Gallotti falavam com Zózimo de diplomacia, sociedade e amenidades. Álvaro Americano, agora ministro do Tribunal de Contas do Rio, todo dia telefonava, por volta das dezesseis horas, e fazia sua colaboração, que já vinha em texto final, copiada pacientemente, palavra por palavra, pelo eterno discípulo. Da TV Globo, muitas notas de Luiz Eduardo Borgerth, José Otávio Castro Neves e Otto Lara Resende, assessores de Roberto Marinho, e também de um dos acionistas, Roberto Irineu Marinho.

Hans Henningsen era de um andar abaixo. Conhecido pelo apelido de “Marinheiro Sueco”, dado por Nelson Rodrigues (embora fosse de Tenerife, nas ilhas Canárias), ele passava notas esportivas. Em troca, pedia a citação da Puma, empresa que representava no Rio. Tinha bons contatos com João

Havelange, com a cartolagem do futebol, e era engraçado, mérito que o fez amearhar amizades e contratos com jogadores como Pelé, Johan Cruyff, Beckenbauer, Zico, todos capazes de lhe conceder longas conversas e, no meio delas, informações que transportava para o colunista. Valia a pena, só que era daquelas fontes que cravam uma nota hoje e outra só na semana que vem — e, por favor, não esquece de citar a Puma.

Zózimo calculava em quarenta o número de pessoas com quem podia contar para telefonar e, sem desespero, bater um papo gostoso ao mesmo tempo que recolhia novidades. “Sabe por que essa profissão às vezes é tão aporrinhante?”, perguntou certa vez numa entrevista. “Se eu pudesse falar só com quem eu quisesse para fazer a coluna, então eu ligaria para o Ricardo Amaral, o Paulo Marinho, meus amigos. Acabo falando mais com quem não quero. É enorme o número de telefonemas a que atendo, de gente que não tem nada a ver.” Num desses telefonemas, o dono de um curtume da Zona Norte do Rio queria publicar a foto de um coquetel da firma, onde aparecia a gerente de vendas e o diretor, seus cupinchas. “Meu amigo”, respondeu Zózimo, “o senhor diz que é meu leitor assíduo. Eu lhe pergunto: alguma vez o senhor viu um curtume na coluna?”

Os empresários circulavam pela página, com notícias dos grupos Gerdau, Ferraz, Silveira, milionários de indústrias pesadas. O mais querido era o paulista Ricardo Amaral. Ele não mexia com aço, navio ou tecido. Investia em diversão. Destacava-se no noticiário de Zózimo não só pelo imenso cardápio de eventos que ia espalhando na vida da cidade, mas também por ser uma fonte de outra estirpe — a fonte das fontes, aquela de onde jorrará a mãe de todas as notas, a fonte em quem se acredita piamente e que carece da necessidade de confirmação da notícia com outra. Era proprietário de casas noturnas no Rio desde o final dos anos 1960, quando

inaugurou um tobogã e abriu a boate Sucata, na Lagoa, e por toda a década de 1970 foi assinando outros endereços de sucesso, sempre frequentados pela elite. Tino comercial, bom de papo. Relacionava-se bem tanto com políticos como com o barraqueiro da feira em frente ao Hippopotamus, a estrela maior de sua constelação de negócios. Trazia ainda um *plus* fundamental: nos anos 1960, em São Paulo, trabalhara como colunista social. Quando telefonava para Zózimo, sabia do que estava falando e sabia o que o amigo queria ouvir.

As notícias de Ricardo chegavam aos ouvidos de Zózimo já no tom certo, sem gordura, na medida, para que o colunista, sem esforço ou acréscimo, fizesse a arte final e, pimba!, mais seis notas para fechar a página. No outro dia, era a vez de Amaral ficar satisfeito. A nota saía sem entregá-lo e sem vírgula a mais, estabelecida no pacto de confiança entre eles. Não tinha erro para nenhuma das partes. Os dois Amaral se moviam por códigos que só a intimidade garantia. Quando Zózimo, à mesa de um bar, começava a cantar “Tenho um amor, puro e verdadeiro,/ é playboy, é bom cavalheiro”, sucesso de Celly Campello, e arrematava com o trêfego estribilho do *rockabilly*, à base de “tiu tiu tiu tiu”, Ricardo já sabia. O amigo estava ficando no ponto e à mercê do uísque. Como ele geralmente também já estava, mandavam às favas os pudores do comportamento reservado e cantavam juntos.

As notas de Ricardo envolviam diversos campos da atividade humana, dos negócios empresariais aos da cama. No centro de suas boates, todos com a guarda arriada por causa do álcool, o ambiente era mais propício a revelações do que um divã de psicanalista — a barulheira dava a impressão de que ninguém estava ouvindo. Era comum alguém começar uma conversa com Amaral pedindo “não conte nada ao Zózimo”, o que nem sempre era respeitado. Uma tarde, num almoço no restaurante Sal e Pimenta, Boni contou a Ricardo que estava de

saída da TV Globo. Pediu, pelo amor de Deus!, que não revelasse nada a ninguém. Pois não deu outra. No dia seguinte, lá estava, impressa em detalhes, a notícia que transformaria a história da TV brasileira. Aos primeiros minutos da manhã, Boni telefonou aborrecido para Ricardo, que, informante notório de furos do colunista, jurou em vão. Daquela vez era inocente. Zózimo mais tarde tranquilizou o amigo, e numa prova de amizade revelou a fonte: “Diga ao Boni que o patrão dele, o Roberto Irineu, também me passa informações”, e caiu na gargalhada.

Um formato comum, precioso, para dar dinâmica à coluna era abrir aspas e colocar outra pessoa, que não a voz do colunista, falando em bruto. Mudava o ritmo, cadenciava o samba. Ricardo abria o ouvido, uma rede ótima para recolher boas declarações durante seu trabalho noturno:

- De uma conversa no Hippopotamus, numa mesa regada a farto *scotch* desde o início da noite:
 - Realmente o Brasil é um país inviável: bicheiro joga no bicho, gigolô mata por amor, traficante é viciado e o dólar no câmbio negro é mais barato que no oficial.

Ser fonte, às vezes, é compartilhar com o colunista os problemas advindos da função — o mistério é saber de que lado eles vêm. Zózimo, perguntado uma vez sobre o momento mais difícil de uma coluna, dizia ser o de quando ela era publicada. Alguma nota daria zebra, só não se sabia qual. Uma vez, e a fonte novamente era Ricardo Amaral, ele publicou a mais catita das notas do dia, “Batizado”, quase cena bíblica:

- Lord John Banana não é mais pagão. Foi batizado anteontem na igreja de São Conrado, com direito a missa, água benta na cabeça, bênção especial, madrinha,

padrinhos etc. Vem a ser o *poodle* cinza mink de Gisela e Ricardo Amaral. Um cachorrinho.

Parecia impossível um engasgo qualquer aqui. Tudo fofo. No entanto, uma nota, por menor que seja, envolve dezenas de referências, reduz a imensidão das relações humanas a três linhas — e isso faz com que suas questões sejam potencializadas. No caso do batizado de Lord Banana — que, por sinal, adorou a nota e mandou, através de seus progenitores, latidos de saudações ao colunista — quem se aborreceu foi a Cúria Metropolitana do Rio. Onde já se viu batizado de cachorro?, reclamaram as autoridades de lá com o suave padre Djalma, omitido na nota, mas responsável pela igreja. Foi preciso que Zózimo desse uma nova nota, atendendo aos pedidos de Ricardo e Gisela, católica fervorosa, definindo a cena em outros termos. Não foi um “batizado”, e sim uma “bênção especial”.

Outro grande informante de Zózimo era um gorducho, de fala atropelada, que largou os estudos no meio do ginásio. O repórter Oldemário Touguinhó escrevia mal, apurava muito bem. Toda semana ele jogava uma nota exclusiva sobre Pelé no colo de Zózimo, outro nome exótico nos quadros do *JB*. Era de sua lavra aquela de 24 de fevereiro de 1975, anunciando a volta aos gramados do jogador. Pelé, desde que fizera sua última partida pelo Santos, circulava pelo mundo como homem de negócios e playboy, recolhendo as mulheres que conseguisse. Ninguém cogitava revê-lo nos gramados, até que saiu a nota com o bombástico título “A volta de Pelé” e um jeito ainda antigo de Zózimo tratar o texto.

- Alguma coisa me diz que muito mais cedo do que se pensa Pelé estará de volta aos campos de futebol,

embolsando quantias as quais jamais algum outro craque sonhou ganhar.

- Só um anacoreta habituado às trevas de uma gruta e restrito ao convívio de gafanhotos e percevejos teria a necessária solidez de convicções para dizer não à série de propostas milionárias que chegam diariamente a Santos. O que, como ninguém ignora, não é precisamente o caso de Pelé.

Três meses depois, o Cosmos de Nova York anunciava seu novo craque e confirmava o furo mundial.

Outro amigo produtor de notas, sempre ao telefone, era o advogado Sergio Bermudes. Passavam um tempo falando de Chateaubriand, não o Assis, *tycoon* da imprensa nacional, e sim o poeta francês, François-René de Chateaubriand. Segundo o advogado, continuavam por Dostoiévski, leitura de adolescência de Zózimo, e as dúvidas de qual dos dois, *Crime e castigo* ou *Os irmãos Karamázov*, era o melhor dos romances. Bons amigos que eram, entre um livro e outro também adoravam abaixar o nível dessas conversas. “Sabe qual o filho do cruzamento de um quero-quero com um pica-pau?”, perguntava Zózimo. O amigo, que sabia tudo de jurisprudência e nada de ornitologia, disse o evidente “não”, mas já preparando um sorriso. Vinha sacanagem pela frente — e Zózimo não decepcionava. “Nasce um quero-pica e um quero-pau.”

Zózimo movimentava-se ao telefone falando baixo. Jamais se ouvia de sua boca a pergunta maldita — “qual é a novidade?” —, aquela que paralisa a possível fonte por um motivo básico e elementar: jornalista é quem sabe definir uma novidade, a pepita no meio de um grande cesto de informações. É quem separa o joio do trigo. “Novidade”, para um leigo, é uma entidade abstrata, impossível de ser reconhecida mesmo que

passa a um palmo do seu nariz. Zózimo não empurrava a questão para o amigo. Ele conversava e, no meio do papo, entre um quero-pica, sem que o interlocutor percebesse, e outro quero-pau, localizava a informação relevante — relevante pelo menos para seus propósitos. Se uma notícia passasse na sua frente, com certeza ela estaria sendo exibida como troféu na coluna do dia seguinte. Se não pintasse notícia, *no problem* — o papo teria valido a pena.

Por isso, pela dificuldade da operação, por mais que tentasse selecionar suas fontes entre a turma que o acompanhava havia décadas, precisava abrir os ouvidos para não eleitos. O publicitário Carlito Maia, de São Paulo, era um tanto excessivo na sua vontade de aparecer e preparava frases, que julgava ao gosto de Zózimo. Emplacou poucas, mas era preciso ouvi-lo. Um dia, quando telefonou para contar as últimas do PT, partido do qual fora um dos fundadores, mostrou algo bom. Foi a primeira vez que a expressão que se tornaria uma marca do partido saiu na imprensa, em 7 de dezembro de 1988:

- Carlito Maia, filósofo popular de São Paulo, faz tanta fé no PT que acaba de criar um slogan para a campanha de Luiz Inácio da Silva à Presidência da República.
- “Lula lá.”
- Parece canção de ninar.

Diariamente, um colunista joga na lata de lixo uma quantidade de notícias dez vezes maior do que a que publica. Malfeita, uma coluna pode ser um dos trabalhos mais fáceis do jornalismo diário — e os jornais estão cheios delas. Um colunista medíocre enche uma coluna em meia hora, vasculhando os *releases* que não param de chegar, dando *flashes* de cenas insignificantes que vê pela rua e atendendo

aos assessores de imprensa que mais tarde retribuirão com jabás diversos, ou seja, presentinhos, desde roupas, ingressos de shows e convites para degustação em restaurantes finos a fins de semana gratuitos em Búzios. Zózimo, porém, não jogava com assessorias, interessadas em noticiar apenas quem lhes pagava.

Informação havia aos montes e todo mundo queria sair ali. “Prefiro mil vezes uma notinha de duas linhas numa coluna a um artigo enorme no resto do jornal”, diziam, do outro lado do balcão, os que entregavam informação. O mundo já não se mostrava muito disposto a perder tempo lendo jornal e queria o jogo rápido das gotas informativas. Elas estavam na mesa de Zózimo, que começava então a catar o feijão em meio a uma tonelada de pedras. “O verbo principal do jornalismo é ‘escolher’”, dizia. Depois de escolher a notícia, era preciso outra qualidade ainda mais preciosa.

Certa vez, ele e Sergio Bermudes conversavam sobre suas atividades e as maneiras de praticá-las. Quase ao mesmo tempo citaram uma frase de Émile Zola, que iluminava as cabeceiras de suas convicções: “A arte é a natureza vista através de um temperamento.” Não havia outro jeito. Só um temperamento especial dava condições de observar o mundo com os cornos acima da manada mediana, aquela multidão de colunistas que repete os aborrecimentos e as informações que enchem a página de um lado e o saco do leitor de outro. Bermudes contava a história de um vizinho de Pablo Neruda, um homem muito simples que de vez em quando auxiliava o poeta chileno: “Eu sei mais rima que você, Pablo”, ironizava. “*Pero hay que tener talento.*” Zózimo tinha. “O Ibrahim pode até ter mais notícia, mas a minha coluna tem mais balanço, mais ironia e crítica — e isso empata o jogo”, afirmava. Zózimo sabia o que queria e conjugava o verbo “escolher” com originalidade. Ele conversava, conversava, e depois a fonte se

surpreendia com o que ele publicava. Ficava sempre melhor do que a simples conversa podia ter evidenciado a ouvidos comuns.

A jornalista Cora Rónai estava no restaurante Ouro Verde, na avenida Atlântica, uma referência de bom gosto na gastronomia carioca dos anos 1970. Jantava com Millôr Fernandes. Pediu um camarão, o prato com a coluna da direita mais inflacionada de dígitos — e logo depois fez charme. “Estou te saindo uma mulher muito cara, hein?” “Na minha idade”, o humorista respondeu, “ou é cara ou é coroa.” Cora contou a história a Zózimo e o resultado saiu uma semana depois. Uma nota, quase um conto reduzido. Os personagens tinham tido suas identidades transformadas, a cena agora se passava com um executivo dizendo a frase para sua exuberante gatinha durante um jantar. O texto vinha com tanto encanto que nem Millôr se reconheceu nele. “Parece aquela nossa história”, comentou com Cora, “mas é mais engraçada.”

Zózimo podia colocar como lema do seu brasão a frase “não é a informação, mas a inspiração”. Também carregava a capacidade de ver assunto onde a maioria dos mortais não via coisa alguma. Numa conversa ao redor do carrinho de café na redação, a repórter Lena Frias perguntou a Fred Suter se ele já dançara lambada. “Em pé, nunca”, mandou Fred. Todos riram, só Zózimo percebeu que havia uma nota ali — e Fred levou um susto quando viu a graçola escrita. Pegava essas notas sem esforço aparente, como se fosse andando e caçando borboletas com uma rede invisível. Divertia-se, cumpria com *fair play* o conselho de Fred Astaire aos dançarinos que começavam a sapatear em Hollywood: “Faça parecer que é simples.”

O delegado da Receita Federal Braulio Café também se surpreendeu ao ver uma de suas falas reproduzidas, dias depois de uma conversa descompromissada em que todos os homens na roda, inclusive Zózimo, falaram cada um a seu

tempo as maiores vulgaridades. O *speech* de Braulio Café aos amigos foi reduzido a uma simplicidade que só os grandes dançarinos das letras são capazes: “Sexo: um dos dois tem que ser jovem.”

Nenhuma complicação também para administrar as necessidades alheias. Danuza Leão pediu-lhe uma vez que desse uma foto em que ela estava com outro homem, um amigo, num acontecimento social, apenas para provocar ciúme num paquera seu que não se decidia — Zózimo fez-lhe o favor, se é que a palavra cabe numa relação de fonte com colunista. Não há almoço nem nota grátis. Está sempre preestabelecido que uma mão lava a outra — e lava até o cacófato. Quem recebe um favor torna-se devedor — e logo o telefone, Zózimo sabia, tocaria com Danuza, sem que nada lhe fosse cobrado, pagando a conta.

Ele evitava o máximo possível os dolorosos almoços com fontes, uma das maiores torturas a que se submetem os colunistas. Eles podem sair do ágape com notas caindo pelos guardanapos, mas carregando uma profunda indigestão na alma. O colunista come tenso, com uma gula maior pelo que sai da boca do outro do que pelo filé que entra na sua. Zózimo preferia levar a vida no papo, uma arte que herdara de Boy. Não à toa cunhou um de seus bordões clássicos: “Em mesa de boa conversa jantaram ontem...”

Com o jornalista Ricardo Setti nenhuma dessas etapas era necessária. A nota chegava pronta. Por muitos anos, ele foi uma dessas fontes dedicadas a ajudar a preencher a coluna com notícias que, ao mesmo tempo que tivessem bom texto, fossem prenes de informação. A colaboração começou em 1986, quando Setti foi trabalhar na sucursal do *JB* em São Paulo. Conversava com muita gente, vivia notícia o dia inteiro e possuía faro para perceber o que era matéria e o que poderia ficar melhor numa coluna.

Setti passou 967 notas, todas imediatamente publicadas no dia seguinte com o texto original. Em algumas, dependendo do espaço que o diagramador reservava, o título era trocado na redação. Nesta a seguir, de 17 de setembro de 1987, sobre as diatribes alcoólicas de Jânio, Zózimo é o autor do título — “Deixa com ele”. O resto é de Setti:

- Em almoço com executivos de uma grande multinacional esta semana, o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, mais uma vez exibiu com grande desembaraço seu ecletismo em matéria de preferência etílica.
- Alegando inicialmente que não pretendia tomar nada, o prefeito aceitou, inicialmente, em experimentar um aperitivo especial oferecido pelos anfitriões — gostou e bebeu tudo.
- Em seguida, passou-se ao vinho branco — Jânio tomou duas garrafas.
- Já na parte final do almoço, o prefeito transferiu suas atenções para sua atual preferência, o vinho do Porto.
- O passo seguinte, já no final do ágape, foi o licor — Jânio tomou uma generosa talagada.
- Durante todo o tempo, o ex-presidente manteve uma prudente distância da água mineral.

Um colaborador como Setti, com texto final e sensibilidade para o que interessava à coluna, era tudo o que Zózimo queria. “Essas notas de economia são ótimas”, ele dizia para Miriam Lage, repórter da coluna no final dos anos 1980 e especialista no assunto, “mas eu não quero perder o fru-fru.” Foi Setti, quando diretor da *Playboy*, quem passou a notícia de que Adriane Galisteu faria parte da edição seguinte da revista. Disse que a modelo mostrava-se depilando os arredores da

virilha com um Prestobarba — e Zózimo fez o resto. A foto tornou-se um clássico do erotismo nacional com o título que ele deu à nota: “A raspadinha.”

Os jornalistas Ricardo Noblat, Paulo Francis (também saído dos bancos do Santo Inácio), Marcos Sá Corrêa, Rodolfo Fernandes e Elio Gaspari eram outros desse grupo de jornalistas-fonte que já ofereciam a nota na medida e nada mais. O fato de fazer a coluna dentro da redação facilitava, pois estava cercado de gente que cavava notícia — e sempre havia um repórter que mandava alguma informação boa que não servia ao que estavam fazendo. Ibrahim, ao contrário, ficava trancado dentro de um escritório comercial em Copacabana. Além disso, tinha umas manias. O repórter Ricardo Boechat, quando ajudava o “Turco” junto com Fernando Carlos de Andrade, doava a Zózimo notas ótimas que o chefe deixava de fora, movido por idiossincrasias que às vezes lhe davam graça e outras lhe tiravam a acuidade. Quando não concordava com a notícia, preferia não publicá-la. Zózimo sabia disso e, amigo de Boechat, telefonava em busca de socorro. “Dá uma olhada no teu lixinho aí e me passa alguma coisa”, era o código.

“Lixo”, ou “lixinho”, era o monturo de notícias não aproveitadas por um colunista, mas que podia fazer bonito na coluna do colega. Zózimo, por exemplo, gostava de trocar notas — mais dava do que recebia — com o colunista da *Última Hora*, Reynaldo Loyo, um amazonense de cento e cinquenta quilos e com uma inteligência ferina dedicada exclusivamente à prática das aleivosias mais cruéis. As notas amargas, Zózimo despachava para ele. No fim de ano, quando as árvores de Natal dos colunistas ficavam repletas de presentes, a de Loyo brilhava como das mais ricas — eram lembranças de pessoas agradecidas por NÃO terem saído na coluna.

Trocava-se nota, e assim alguns furos de Zózimo saíram do escritório do rival, enviados por Boechat. Zero de traição —

como deixar no lixo a notícia dada pelo presidente do Congresso Nacional, Paulo Torres, de que ocorreria uma fusão entre o estado do Rio de Janeiro e o estado da Guanabara? Ibrahim não deu a nota porque era contra. Achava que a publicação ajudaria a consolidar o fato. Quando Zózimo telefonou pedindo o “lixo”, Boechat imediatamente liberou a pepita — que no dia seguinte refulgia na coluna do *JB*. Para cada colaboração desse tipo, Zózimo precisava atender a outras dez pessoas sem nenhum charme para o ofício de passar algo saboroso. Eram especialistas em notas “cobra-d’água com jacaré”, um cruzamento que, no código de Zózimo, Fred e Marly, identificava a mais perfeita impossibilidade de dar cria e gerar notícia.

Marly fazia a seleção de telefonemas (o banqueiro Theophilo de Azeredo Santos insistia em ofertar informações sobre um único assunto, ele mesmo), e a toda hora aparecia na ansiosa orelha do colunista o telefonema de alguém que não só se esticava no anúncio do que queria, como o que queria não interessava a ninguém — somente a ele. Nesses momentos, quando do outro lado perguntavam quem estava falando, Zózimo intuía a roubada e dava o troco: “Aqui é o José Reis!”

José Reis era o nome de um ex-companheiro do jornal, redator do *Informe JB*. Costumava ser uma boa artimanha para se livrar dos chatos, porém um dia telefonou alguém que sabia que José Reis estava trabalhando numa assessoria de imprensa. “Oi, José Reis”, devolveu o sujeito assim que Zózimo fingiu ser o tal. “Que bom que você voltou para o jornalismo!” Só restou a Zózimo dizer que não era aquele Zé Reis, e sim outro, um pobre homônimo e contínuo.

“O informante que mais temo é o da extensa praga dos assessores de imprensa”, disse em entrevista para a repórter Suzana Braga, da *Última Hora*, em 1989. “Eles levam o colunista à loucura. Passam um tempo enorme tentando

vender as suas notas. É insuportável. Me dou bem com a turma, recebo todos com plumas e paetês, mas os *releases* vão direto para a cesta.” Admitia, porém, abrir exceções para pedidos de amigos, mesmo sabendo que em seguida eles capitalizariam a repercussão da nota em seus negócios. “Se um cara que nem me conhece me diz: ‘Será que você podia publicar uma nota sobre a joalheria tal?’, eu respondo: ‘Não.’ Se é um amigo, eu considero o pedido. O importante é eu não faturar. Que os amigos faturem, eu não estou nem aí!”

Houve épocas em que alguns nomes surgiam com tanta assiduidade na página que Nascimento Brito chegou a pedir mais rotatividade. Desconfiava que muitos na redação faturavam à custa do papel de jornal que ele oferecia. Não suspeitava que o colunista pudesse lucrar pessoalmente com o mau exercício da profissão, mas a proximidade que a classe mantinha com o poder financeiro impressionava. Em 1972, ao lançar o livro *20 anos de caviar*, Ibrahim abriu numa entrevista ao repórter Elio Gaspari, da *Veja*, o jogo de suas finanças:

Eu ganho dinheiro em negócios, na bolsa e em transações imobiliárias. As duas maiores vendas de terreno realizadas na Guanabara este ano fui eu quem fiz. Uma delas foi a do maior lote na Vieira Souto, onde estava o edifício da Josefina Jordan. É difícil eu perder. Agora que as ações caíram, eu me virei. Vendi bem Banco do Brasil, Vale, e comprei tudo de Petrobras.

Zózimo, a grana sempre curta, caminhava ao largo das tentações, embora os limites fossem tênues. Se numa entrevista um repórter surgia com a questão — a ameaça maldita do jabá que paira sobre as colunas —, ele botava o coração na mesa, como fez em 1989 à revista *We*: “A

afetividade faz parte da natureza humana e, por mais profissional que eu seja, ela se sobrepõe. É impossível mantermos uma postura totalmente independente em relação a tudo, a afetividade é incontornável. Eu jamais daria uma nota contra um amigo, por mais execrável que fosse seu comportamento, mas não passei por essa situação constrangedora. Acho que tenho bom *feeling* para escolher amigos.”

Acima de todas as suspeitas, toureando as armadilhas de um dia a dia com a multidão de interessados, benignos e malignos, tentando emplacar uma nota, o colunista — como um goleiro na hora do pênalti — apostava na sorte para pular no canto certo. A necessidade de confirmar a informação com pelo menos duas fontes nem sempre era possível — daí o valor de se acreditar na “fonte fidedigna” de que falavam os manuais antigos de redação e ir com ela até o inferno, até o desmentido ou a demissão. A pressa, e também a diversidade de assuntos, custara a Zózimo muitas vezes a punição pública, inerente a todos os colunistas, da notícia errada. Ele anunciou, por exemplo, a vinda ao Rio do Led Zeppelin meia dúzia de semanas depois de o grupo se declarar desfeito. O projetista Colin Chapman, um dos renovadores das corridas de Fórmula 1, apareceu vivo na página 3 do *B* em julho de 1984 mesmo estando lamentavelmente morto desde dezembro de 1982. “Morreu para você, leitor ingrato, para nós continua bem vivo em nosso coração”, foi sua retificação.

Como as notícias certas davam de goleada, a vida seguia. Na citada entrevista com Suzana Braga, Zózimo falou sobre os tipos de fonte, “esses seres murmurantes”. “Há os que têm o prazer em dar a notícia simplesmente. Outros pedem notas em troca, o que acho bastante justo. Tem o cara que não gosta de dizer nada e a gente enche o saco até conseguir. Tem o informante de merda, que toca o telefone para não falar nada

interessante.” Fontes são imprevisíveis. O chato de hoje pode ser aquele que amanhã brindará a coluna com uma nota espetacular, um “abre” encimando a página. É preciso tratar a todos com alegria e consideração, esperando que o inconveniente de agora salve a pátria na próxima edição.

Alguns colunistas puxam o saco da fonte, cobrem-na de elogios estapafúrdios ao vivo e às vezes também na folha impressa. O estilo de Zózimo era outro. Educado, porém sem subserviência. Se possível, tirando um sarro com a aporrinhação. “Deixa comigo”, dizia numa brecha em que a fonte respirava em meio a uma longa dissertação sobre seu pedido. “Vou botar na cesta.” A fonte ouvia “sexta”, na edição de sexta-feira e, felicíssima, agradecida por tanto carinho, desligava o telefone, deixando o colunista ir atrás de notas que realmente interessassem.

Uma de suas fontes mais queridas, não porque lhe trouxesse notícia-notícia, e sim porque nunca saía de um encontro com ele sem transmitir uma sabedoria, uma frase que pudesse levar para a própria vida ou a dos leitores, era Aloysio Salles, amigo do ex-presidente Getúlio Vargas, lobista de fina cepa, ligado à indústria petroquímica de Alberto Soares Sampaio. Pai de Betsy, mulher de Olavo Monteiro de Carvalho, trinta anos mais velho que Zózimo, Aloysio levava para a vida profissional o dom que esbanjava às mesas: aquela conversa espirituosa que aproximava as pessoas e em seguida poderia resultar em bons negócios ou apenas grandes amizades. Zózimo adorava encontrá-lo. Na hora de escrever a nota, nem precisava caprichar no texto. Mandava, curto e grosso. “Sabedoria” é de 14 de novembro de 1985:

- Do sr. Aloysio Salles, um dos grandes especialistas do gênero no país:
— Para mim, a mulher tem que ser um *gentleman*.

Em 7 de agosto de 1988, o guru brilhou na nota “Preferência”:

- Do homem do mundo Aloysio Salles, do alto de sua sabedoria, no almoço que festejou no Clube Gourmet o aniversário do jornalista Rodolfo Garcia:
 - A melhor coisa do mundo é uísque; a segunda melhor coisa do mundo é uísque nacional; e a terceira melhor coisa do mundo é uísque falsificado.

Esta é de 21 de março de 1977, com o título “Saber viver”:

- Duas sentenças recolhidas ao longo de um bate-papo com o sr. Aloysio Salles, um dos maiores *know-hows* noturnos do país:
 - Num *cocktail*, o importante não é conhecer a dona da casa, mas os garçons.
 - Numa festa, a diferença entre um convidado e um penetra se extingue ao cabo dos primeiros cinco minutos.

E já que o assunto era coquetel, Zózimo misturou ao pé da nota uma piada particular:

- Esta não é de Aloysio, mas de uma outra velha raposa social, conhecida pela sabedoria com que leva a vida:
 - Bebida só em bar, jogo só em clube e festa só na casa dos outros.

Claro, o autor, não citado, era o velho Boy, não à toa amigo de Aloysio. Zózimo, Boy, Aloysio e mais Nelson Batista, diretor do *JB*, eram vistos muitas vezes na noite em mesas onde gargalhavam o tempo todo. Como se fossem personagens do filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen, disputavam com histórias exemplares qual teria sido a melhor época do Rio.

Falavam das coristas do Casablanca, das roletas do Cassino da Urca, do show de Edith Piaf no Copacabana Palace e do êxtase silencioso de quando a cantora francesa Dany Dauberson, o vestido atochado em todos os desvãos de suas curvas espetaculares, começava a cantar, no Vogue, a balada “La complainte des infidèles”. Zózimo suspirava diante das nostalgias de Aloysio e Nelson, tidos como a dupla Ouro e Prata.

Numa cidade como o Rio nos anos 1980, nem toda notícia vinha de ambientes perfumados e em meio a boas palavras. Para fazer uma coluna de *mix* suculento, podia ser necessário mexer em vespeiros sombrios. Circulava pelo *JB* uma figura conhecida como o “Amigo Alves”, um certo Ademar Alves. Zózimo o conheceu no dia em que comprou um carro que descobriu ser roubado. Nascimento Brito mandou Alves dar um jeito na papelada e em três dias estava tudo certo. Alguns viam a sua aproximação com Brito como um flagrante da decadência do jornal. Antes os poderosos resolviam seus problemas para cima, agora falavam com o andar de baixo — no caso de Alves, com o subsolo da sociedade. Ainda há pouco falava-se com Álvaro Americano para conseguir a liberação de um passaporte para a Índia. O Rio deteriorava-se até em suas carioquices mais típicas.

Alves tinha pouca instrução, entretanto se movimentava por todos os meandros, benignos e malignos da sociedade, com uma desenvoltura que permitia importar lagostas do Alasca, máquinas para a gráfica, armas, TV colorida que só existia em loja de Nova York, comprar mulheres e o que mais estivesse no mercado. Aquilo, sim, era um factótum. Distribuía aos jornalistas interessados um cartão que dava direito a ingresso grátis na Termas Aeroporto, central de saliências na região do Castelo. Ficou amigo de Chagas Freitas, governador do Rio e

dono do jornal *O Dia*. “Ele vai acabar governador do estado”, desconfiava Nascimento Brito referindo-se a Alves.

O “Amigo Alves” não só passava notas, como ajudava jornalistas a tirar carteira de motorista sem prova de direção, em Nova Iguaçu, onde dirigiu o Departamento de Trânsito, o Detran. Maneco, que se orgulhava do relacionamento com personagens *gauche*, como Zica, contrabandista que décadas antes dominara o cais do Rio, largava qualquer figurão na sala para atender “o amigo”. Alves deu um jantar num apartamento emprestado no prédio de Carmen Mayrink Veiga. Numa mesa, cascatas de lagostas do Maine. Noutra, cascatas de patas de caranguejo. Muitos editores provaram ali pela primeira vez, talvez a última, um copo do vinho Château Margaux. “Isso parece o último jantar do Nabucodonosor”, divertia-se Zózimo ao lado de toda a cúpula do *JB*, presente para agradecer a notas e a tudo o mais do precário e poderoso anfitrião. “Pensando bem”, acrescentava, “nem a coroação da Elizabeth II teve jantar assim. Olha, digo mais, nem o baile da Cinderela.”

Fontes, não se pode julgá-las com muito rigor, pois corre-se o risco de o telefone não tocar. Reynaldo Loyo, da *Última Hora*, conhecia o bicheiro Castor de Andrade. Queria-o tão bem a ponto de, no final da década de 1980, telefonar para o amigo Boechat, do *Globo*, com um pedido. Boechat publicara que, embora preso na Polinter, o bicheiro fora visto na plateia do Canecão, na estreia do show de Roberto Carlos. Loyo pedia a Boechat apenas que atendesse a um telefonema do ainda preso Castor, que se identificaria como “Coronel”.

“Senhor Boechat”, telefonou logo em seguida o “Coronel”. “O senhor não me conhece e eu quero dizer que sou grato aos meus amigos. Preciso de sua ajuda. Essa nota que o senhor publicou pode complicar meu pedido de relaxamento de prisão

por motivos de saúde. Eu preciso que o senhor desminta, por favor.”

Boechat explicou que não poderia atendê-lo, exceto se a informação fosse infundada. “Não, senhor Boechat. Não vou mentir. Eu sou apaixonado por Roberto Carlos e estava ansioso para ver o show. Eu fui lá, senhor Boechat, mas saí direto para a Polinter. Foram só duas horas fora da prisão.”

“O senhor foi visto por nosso fotógrafo, doutor Castor. Ele estranhou que uma mesa de palco estivesse vazia com o Canecão cheio e ficou esperando para ver quem era o retardatário. Viu o senhor entrar de chapéu depois que as luzes da plateia se apagaram.”

“Foi isso mesmo...”, continuou o bicheiro. “Mas, então, o senhor pode dizer que alguém lhe contou isso? Que não testemunhou pessoalmente minha presença lá?”

“De fato eu não estava lá, doutor Castor. Como lhe disse, foi nosso fotógrafo que flagrou a cena.”

“Isso mesmo! O senhor não estava lá! Pode repetir isso quando ligarem para o senhor daqui a pouco da Secretaria de Segurança?”

“Se a pergunta for essa, a resposta não pode ser outra.”

Não se passaram dez minutos e ligou o secretário de Segurança, Helio Saboya.

“Boechat, essa notícia que você deu é gravíssima. Se for verdadeira, vou ter que exonerar o chefe da Polinter. Estou ligando para saber se foi você quem viu o Castor. Você estava no Canecão?”

“Não, secretário, eu não.”

“Então tá bom. Obrigado.”

E estava encerrado o assunto. O secretário certificou-se dos fatos, o delegado da Polinter continuou onde estava, a nota não foi desmentida e Castor de Andrade ficou devendo um favor a Boechat. Pagou-o em notícias, boas e episódicas, ao longo de

anos. Um “Coronel” daquela patente, numa cidade com quartéis de limites pouco claros como o Rio de Janeiro, era o tipo de fonte que todo jornalista queria ter.

O “Amigo Alves” ajudava Zózimo em contatos com gente da contravenção, como o próprio Castor e o Capitão Guimarães, líderes do desfile das escolas de samba. Era mais uma fonte. A todas o colunista fazia-se grato e sem preconceito. Ele só não gostava de servir de fonte para coleguinhas. Diariamente, os colunistas do interior mordiam suas notas e as transcreviam, sem qualquer pró-labore, por todos os rincões do país. De vez em quando, mesmo pelo avesso, vingava-se de estar sendo vampirizado, de ser canibalizado como fonte não citada. Uma vez Zózimo publicou que o ator Paul Newman estava hospedado no Sheraton carioca. No dia seguinte, a nota estava duplicada numa coluna de São Paulo, sem crédito. Bem-feito para o ladrão de notas. No mesmo dia, Zózimo já pedia desculpas e dava uma correção. Tratava-se de uma “barriga”. O Paul Newman no Rio não passava de um homônimo do ator, um pacato industrial de Massachusetts. O colunista de São Paulo, que chupara a informação, preferiu deixar para lá. Envergonhado, não chupou o desmentido.

Zózimo não era um bom jogador de tênis, mas naquele jogo a força da sua dupla se equilibrava porque estava ao lado o empresário Antônio Borges, dono de um *backhand* espetacular e de um *slice* de direita maluco, capaz de fazer a bola bater no chão e, com o efeito, recuar um metro, às vezes para a direita, outras para a esquerda, dependendo das intenções dele para infernizar o adversário. O adversário ficava catatônico, sem saber com que mão armar o golpe de devolução. Um craque. Do outro lado da quadra, situada num terreno de Antonio Carlos de Almeida Braga, no porto do Frade, em Angra dos Reis, estava a dupla formada por Ivo Pitanguy e seu filho, Helcius. O cirurgião era um pouco melhor que Zózimo. Helcius, se não jogava o mesmo que Borges, tinha a seu favor o preparo físico exuberante inerente à juventude.

O jogo estava equilibrado — a grande decisão de raquetadas daquele fim de semana entre um pequeno grupo de amigos à beira da baía de Angra. A partir do segundo *set* entrou em cena um fator extraquadra. Wimbledon, na Inglaterra, Roland Garros, na França, o Aberto da Austrália, nenhum dos grandes torneios frequentados por aqueles senhores jamais presenciara tal acontecimento. Uma jovem morena postou-se atrás dos Pitanguy, visível apenas para a dupla Zózimo e Borges. De início, ela estava com o biquíni completo, o que já era uma imagem de forte dispersão para os dois atletas que a viam de frente, bem na reta de suas raquetes. Logo a moça tirou a parte de cima do biquíni e, como se fosse a coisa mais comum naquele paraíso tropical, assim ficou, tal qual *cheerleader*, torcendo pelos Pitanguy, que se aproveitaram da desconcentração adversária e começaram a acumular sobre

eles uma sucessão de *smashes*, voleios e paralelas que só jogadores muito concentrados alcançariam. Não era mais o caso de Zózimo e Borges. Dispersos, rindo da situação, pedindo que a moça parasse com o golpe baixo, foram derrotados na impagável chanchada tenística.

A moça semidesnuda vibrava diante de Zózimo e Borges por convocação de Pitanguy. Era funcionária da sua ilha, a poucos minutos de barco, ali mesmo em Angra. O tênis, o mais elegante dos esportes, estava desmoralizado pela brincadeira. Sem problemas. As gargalhadas foram as grandes vencedoras e os amigos passaram o fim de semana rindo da cena. O resto estava escrito na camiseta de Zózimo: “*Pay the bills and say no to the invitations.*”

A primeira vez que a produtora de moda Regina Martelli ouviu Zózimo dizer a frase foi no início dos anos 1980. Ele a repetiria por muitos anos e para muitos ouvintes. Foi aí que uma assessora de imprensa mandou a camiseta com a inscrição. Era um dos motes de Mr. Higgins (Rex Harrison), professor de fonética e boas maneiras, para educar a florista Eliza Doolittle (Audrey Hepburn) e transformá-la em dama da sociedade no filme *My fair lady*. “Pagar as contas e dizer não para os convites” era o que Zózimo queria naquela virada para a segunda metade dos anos 1980. Dar um tempo na agenda social. Estava se aproximando da marca de vinte anos à frente de uma coluna e olhava para trás satisfeito. A década de 1970 tinha sido fantástica para ele, um período em que firmara seu nome como a grande novidade na matéria, inventor de um jeito cariocamente esperto de dar notícias sérias, com leveza, bom humor e absoluta elegância. Já começava a pensar num livro com uma coleção de notas e ia guardando exemplos, como “Que nada, minha senhora”, publicada em 3 de agosto de 1970:

Diálogo ouvido outro dia numa reunião social entre uma elegante senhora e o garçom, que lhe estendia uma bandeja com *champã*:

— É *brut*?, indagou a senhora.

— Não, é delicadíssimo.

“A bem-educada BB” é de 7 de setembro de 1973:

- De Brigitte Bardot:

— Eu não sou um mito mas uma jovem de boa família extremamente bem comportada que um dia virou as costas a todo um sistema de educação.

- Sistema de educação...

- Não deixa de ser engenhoso como eufemismo.

“Más línguas”, de 19 de maio de 1976:

- De uma conhecida *habituée* das colunas definindo o *buffet* do jantar da rival:

— Estava tudo frio, menos o champanhe.

Na virada para os anos 1980, começou a cunhar uma série de frases geniais, todas mesclando jornalismo, humor e as demais qualidades perseguidas por quem diariamente se sentava diante de uma máquina de escrever com o fito de agradar ao leitor. Palavras como “fito” ele já não usava. Alguns exemplos:

- Quem pensa em dinheiro não ganha dinheiro.

- Hoje quase não há mais famílias, só pessoas jurídicas.

- Novo-rico me incomoda muito, mas novíssimo-riquíssimo me incomoda muitíssimo mais.

- O Nordeste bota turista pelo ladrão. O Rio bota ladrão para turista.
- Viver bem é você ter um tipo de pretensão do tamanho do seu bolso — mesmo com o risco de ficar a um passo da inadimplência.
- O problema de Brasília é o tráfico de influência. O do Rio é a influência do tráfico.
- Depois de uma certa idade, o homem da cintura para cima é poesia; da cintura para baixo, prosa.
- Epitáfio de um hipocondríaco: “Eu não disse?”

Tudo muito divertido, mas, ufa!, que pauleira!

Ele continuava casado com Marcia. Moravam num apartamento na rua Prudente de Moraes, em Ipanema, comprado com o dinheiro da venda do *apê* do Leblon e uma boa ajuda do paizão Boy. Marcia, aos poucos, deixara a carreira de artista plástica, do gênero abstrato, com boa crítica, para tocar como *marchand*, com sucesso, a galeria do Shopping Cassino Atlântico, em Copacabana. O casal tinha um filho, Fernando, nascido em 1969. Era a prioridade do homem Zózimo, e, quando ele citava o “dizer não para os convites e pagar as contas”, referia-se, por exemplo, ao prazer de ir com Marcia e o garoto aos domingos almoçar em paz no Antonio’s ou no Antonino, onde gostava de pedir um Reguengos Garrafeira dos Sócios e um simples picadinho. De esnobe bastava a vida que levava na coluna. Queria mesmo era ir com Fernando ao Maracanã para continuar a tradição familiar de torcer pelo Flamengo. Iam aos concertos de domingo no Teatro Municipal. Os dois velejavam pela baía num catamarã que Zózimo dizia aos amigos ser o início da aventura dos Barrozo do Amaral pelos grandes mares. “Breve anexaremos o *Atrevida*

à nossa frota”, gargalhava, referindo-se ao iate do amigo empresário Dirceu Fontoura, o do Biotônico Fontoura.

O barquinho foi uma compra de Zózimo realizada através dos classificados do *JB*. Ia com Fernando cedo para a Marina da Glória, no Aterro do Flamengo, onde o *hobie cat* ficava guardado. Montavam a vela, subiam o mastro, encaixavam a retranca, colocavam a bolina, tudo numa operação que às vezes demorava mais do que o tempo do passeio. Fazia parte do relaxamento, da necessidade de curtir algo além da busca insana de notas. Depois do barco armado, saíam navegando. Não durou muito tempo a brincadeira (o *hobie cat* foi vendido), mas Zózimo sempre se referia a ela como uma das delícias de sua agenda particular. Queria dar vida saudável e esportiva ao filho, preocupação que o levava a acompanhar Fernando às aulas de natação no Clube Monte Líbano, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O tênis, independentemente das mulheres seminuas que poderiam aparecer a qualquer momento na quadra e bagunçar o tão perseguido relaxamento (e a concentração), tornara-se uma paixão. Começou a jogar em 1973, enquanto esperava o filho na natação. Pela coluna, divulgava o esporte, que por aqui só era mencionado em referência aos campeonatos conquistados por Maria Esther Bueno em Wimbledon, nas décadas de 1950 e 60. Pouca gente jogava, menos ainda comentava. Durante algum tempo, foi o consultor do programa que o jornalista José Inácio Werneck, também do *JB*, apresentava na TV Educativa.

Como praticante, estava sempre na quadra, fosse no Monte Líbano ou no Clube Naval Piraquê, também na Lagoa, ou na casa dos amigos Myrian Gallotti, em Botafogo, Henrique Schiller de Mayrinck, na Joatinga, ou Daisy e Julio Fabriani, no Leblon. Também jogava no Country, embora, como seu pai, jamais tenha tentado ser sócio — seus amigos eram — e assim

evitasse problemas com um clube desconfiado da presença de jornalistas (Ibrahim fora escorraçado com um festival de bolas pretas). Um de seus parceiros constantes nas quadras, Antonio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, dizia que Zózimo tinha mais vontade que técnica: “Como todo mundo, acha que joga mais do que joga.” O colunista, indiferente ao que pudessem pensar da sua técnica, era jogador sério. E, no fim de semana de 10 e 11 de março de 1979, estava em São Paulo participando de um torneio de amadores e celebridades. José Inácio Werneck noticiou:

- Zózimo embarcou levando seu equipamento, mais completo do que o de Vilas, Tanner e Nastase reunidos, pois, além de variadas raquetes, bolas e calçados para os mais variados pisos e condições atmosféricas, há um *spray* francês com a única finalidade de impedi-lo de suar nas mãos.

Braguinha e Manuel Águeda Filho, dono dos restaurantes Nino e Antonino, na Zona Sul, tornaram-se seus companheiros de viagem pelos torneios do circuito Grand Slam. Viajava também com o casal Roselyne e Marcio Malamud, e quando ia com eles a Roland Garros, o preferido por ser em Paris, ficavam, sempre com Marcia, boa jogadora, no Hotel Montalembert, na Rive Gauche. Os Monteiro de Carvalho convidavam os Barrozo do Amaral para o camarote da família. Os campeonatos dos anos 1970 ainda eram um desfile de elegância, com a plateia de terno e gravata.

Um dos primeiros jogadores que Zózimo admirou foi o australiano Rod Laver, um tenista dos anos 1960 extremamente correto na maneira de se apresentar, sempre com os cabelos gomalinados, mas com um jeito agressivo de decidir na base do saque-e-voleio, e estamos conversados. Nas

décadas seguintes, Zózimo ficaria fã do romeno Ilie Nastase e do francês Yannick Noah, talvez não exatamente pelo estilo de jogo dos dois jogadores, e sim porque eram rebeldes para os padrões comportadinhos do esporte (Noah foi o primeiro campeão negro de Roland Garros, em 1983).

Zózimo aproveitava as viagens para enviar notinhas, como estas, mostrando o impressionante desfile de riqueza dos brasileiros pela Europa, em junho de 1974:

- O jornalista Sérgio Figueiredo, de capa e chapéu, presença impecável nas corridas do domingo último no Hipódromo de Chantilly.
- Marise de Ouro Preto ciceroneando d. Scylla Médici no shopping da Rive Gauche. No roteiro, escalas no Lothar's, New Man e Bob Shop.
- Nelson Seabra passou o fim de semana na Dinamarca, hóspede da rainha Margrethe.
- Eduardo e Zé Pessoa de Queiroz alugando um Rolls-Royce com motorista especialmente para comparecerem ao almoço oferecido pelos Patiño na *campagne* francesa.
- Tisse e Romualdo Pereira passaram por Paris com escalas demoradas e generosas na Maison Louis Vuitton e na casa de peças de decoração de Guilherme Carvalhosa. Depois, Londres e um cruzeiro pelas ilhas gregas.
- Tony Mayrink Veiga deu a Carmen de presente um Maserati, uma joia de automóvel. A carroteca dos Mayrink Veiga em Paris inclui agora, além do Maserati, um Rolls e um Mercedes.

A propósito dessa carroteca, Zózimo passava seus aniversários, em 28 de maio, em Paris. Mantinha distância das inevitáveis paparicações de quem não possuía intimidade para tal e juntava a comemoração com o período em que a cidade oferecia como *plus* o torneio de Roland Garros e o Festival de Cinema de Cannes. Num desses aniversários, reuniu no Le Berthoud, um bistrô numa ruazinha apertada atrás do Panthéon, um pequeno grupo formado por Laís e Hugo Gouthier, Glorinha e Paulo Paranaguá, Carmen e Tony Mayrink Veiga. Estes foram os últimos a chegar (moravam na nobre região de Passy, com vista para a Torre Eiffel) e quase não chegaram, porque o Rolls-Royce da carroteca entalara na rua apertada. Foi preciso que todos os convivas descessem à rua, e mais garçons e vizinhos, para, depois de muito empurra-empurra, liberar o carrão, manobrado por um *chauffeur* enluvadado. Ao final de tudo, já sentada à mesa, Carmen comentou bem-humorada: “Essa é realmente uma Paris que eu não conhecia.”

Zózimo, ex-morador da cidade, conhecia seus becos. Não possuía casa em Paris nem em qualquer outro lugar de veraneio que não fosse Ipanema. Nem precisava. O empresário Luiz Fernando Bocayuva Cunha, Baby para os íntimos, oferecia a casa de Cabo Frio, no litoral fluminense. Numa de suas muitas festas, lá estava jogado na varanda, “como uma trouxinha”, na imagem de Vera Simões, mulher de Bocayuva, o cronista Carlinhos Oliveira. O frequentador da varanda do Antonio’s tinha mudado de varanda — no entanto, para não variar de todo, estava bêbado. Vera não gostou da cena e ia acordá-lo. Baby não deixou. Preferia vê-lo assim, desacordado, a enfrentar seus desvarios etílicos. Horas depois, no entanto, toda a casa corria sobressaltada para ver um corpo no mar em frente. Era Carlinhos. Zózimo estava no grupo que se jogou à

água para salvar a literatura da perda de uma de suas grandes penas.

Vera casou-se anos depois com o empresário francês Hervé Bainville, e a hospedagem que passou a oferecer ao colunista era na residência de Paris do casal. As saídas eram para ir ao bistrô Castel, à Brasserie Lipp e até para ver desfiles da Maison Saint Laurent. As mesas do grupo abrigavam sempre personagens da nata internacional. Numa noite, Hervé identificou como uma brasileira muito rica — só poderia ser, pelas roupas que usava — a que fazia um discurso esquerdista, de viés demagógico, contra o capitalismo. Parecia ser conhecida de Zózimo, mas Hervé, conforme disse em entrevista ao jornalista Maurício Vilella, não sabia de quem se tratava — mesmo assim resolveu rebater o discurso. “Se a senhora acha que dinheiro é tão ruim, por que a senhora não distribui a sua fortuna pessoal?” Zózimo, baixinho, pedia a Hervé “não, não...”, que não continuasse o diálogo. Só depois o amigo francês soube que se tratava de Niomar Moniz Sodré Bittencourt, ex-proprietária do *Correio da Manhã*, jornal que os militares perseguiram e que por pressão econômica, depois de prenderem a própria Niomar, conseguiram que fechasse as portas em 1974.

Na casa dos Bainville, Zózimo era servido pelo mordomo africano Issaka, um negro alto e exoticamente bonito. Issaka tinha marcas no rosto, resultado de festas tribais. Chegou a ser examinado por Pitanguy não para reformá-las, e sim para compreender com que técnicas haviam sido feitas na pele daquele homem primitivo e agora de modos finos diante da burguesia ocidental. Zózimo gostava tanto do mordomo que, para ciúme de Vera, presenteou-o com uma belíssima peliça.

Hervé prezava a companhia do jornalista, embora tenha achado “pouco gentil” quando foi identificado na coluna com a expressão “cabeça de Prêmio Nobel”, por causa da seriedade

européia com que se apresentava diante da vida. Hervé dizia que via em Zózimo o sorriso de Stentor, referindo-se ao arauto grego que tomou parte na Guerra de Troia e, segundo Homero, na *Iliada*, vibrava uma voz mais forte que a de cinquenta homens reunidos. Admirava sua gargalhada (“ria com vontade”), o *fou rire* (riso frouxo, de não conseguir parar). Vera associava Zózimo a lembranças afetivas. Seu pai editara um jornal aos dezoito anos, *O Papão*, e sempre dizia que o compromisso com o leitor devia ser o riso. Era também o lembrete gravado no brasão de Zózimo, o guerreiro do cotidiano — avançar com bom humor.

Em 26 de fevereiro de 1987, nem todos os leitores riram quando viram aquela nota. Era, na verdade, um gracejo em código de Zózimo para pouquíssimos. Quem conhecia o personagem deu boa risada, e a missão a que se propunha a coluna se cumpriu. Foi quando o mordomo veio ao Brasil passar temporada de trabalho na casa de Vera:

- De férias no Rio, que visita pela primeira vez, o bravo e competente Issaka, um dos grandes talentos da avenida Foch, em Paris.

Na serra da periferia fluminense, o recanto preferido de Zózimo era Teresópolis, onde se hospedava na casa de Zezito e Fernanda Colagrossi. Ela, paulista, de família quatrocentona, e Zezito, político e empreiteiro, gostavam da conversa animada do colunista, da elegância culta de Marcia. Quase todo fim de semana de verão os casais subiam a serra, e como havia outros três quartos para hóspedes, iam também nomes colunáveis como os de Elisinha e Walther Moreira Salles, Josefina e Henryk Jordan, Guiomar e Gustavo Magalhães, mais o diplomata português José Manuel Fragoso. Esses fins de semana eram divertidos, num cenário de sonho, e ecoavam nos

dias seguintes em notas na coluna — só que nem tudo, claro, era relatado.

Um dia, alguém abriu a porta de uma das copas da casa e lá estava, em cima da pia, de cócoras, a herdeira de uma das maiores fortunas do mundo. Sem calcinha, ela se molhava para aliviar as ardências de uma cistite que, dizia, havia contraído de um empresário carioca.

Outro dia, todos saíram para visitar um casal também amigo da coluna e foram obrigados a assistir à lamentável cena em que o marido e o amante da mulher, um dentista, se embolavam numa pancadaria típica da mais baixa sociedade.

Outro dia ainda, um senhor portador de um dos mais finos sobrenomes da sociedade carioca foi mais uma vez flagrado em ato de traição. Sua mulher, mais uma vez vitimizada, se fez de discreta e seguiu em frente. Seria assim pelo resto de sua longa vida, de seu longo casamento. A cada traição ela sabia que o marido infiel depositaria mais uma joia cravejada de diamantes em sua coleção — e ela fingia que não sofria com a vocação galinha do cônjuge.

Uma das diversões das mulheres nas festas da serra era se reunir no banheiro para trocar entre elas os galanteios que uma das maiores fortunas presentes, em sua fúria de sedução, atacando para todos os lados, havia dedicado sem parcimônia ao ouvido de cada uma. Uma das diversões dos homens era ouvir as discussões de um casal ícone da beleza e do sucesso social, principalmente no momento em que ela, uma das louras mais sublimes de todos os tempos da grã-finagem carioca, sonho de consumo de todo leitor da coluna, era criticada por ele pelo crime de, sexualmente, cheirar mal.

De quase todas essas histórias Zózimo estava por dentro (“ele sabia mais do que publicava”, diz Braguinha), só que a fofocagem não cabia em seu repertório. Eram os fatos de sempre, comuns em qualquer outro grande ajuntamento

espalhado pela serra ou pela Baixada Fluminense, embora a força dos sobrenomes desse o tom do escândalo midiático. O americano Truman Capote, mais ou menos no mesmo período, estava lançando em capítulos soltos pela imprensa o seu nunca terminado *Answered prayers*. Eram casos reais com nomes fictícios, tudo mal disfarçado e com os personagens facilmente identificáveis. A sociedade, que durante anos lhe abrira as portas para participar de eventos onde ele colhia as maledicências, fechou-as todas. Capote se fez de contrariado: “O que mais eles esperavam? Achavam que eu era um simples entretenimento? Sou um escritor e uso tudo o que está a meu alcance.”

Zózimo respeitava alguns limites do grupo, uma vez que já pertencia a ele antes de entrar para a patota dos jornalistas. Na hora de publicar uma notícia, equilibrava os dois pratos e decidia. O cineasta Arnaldo Jabor vê no ex-colega do Santo Inácio “alguma coisa ‘antiga’ dos aristocratas que não dispensam uma certa safadeza e rompantes de loucura, que depois se acalmam na ressaca, mas com um sorriso urbano e elegante, descobrindo faces ocultas do *high society* que descrevia com um leve e educado criticismo, bem diferente do show de celebridades”. Criticismo, sim, porém, como diria Ibrahim, “de leve” — e sempre com extrema fidelidade aos amigos.

O empresário Humberto Saade, dono da grife Dijon, teve a prova disso impressa no jornal. Zózimo frequentava-lhe a casa, um apartamento no Arpoador, dava notas sobre o seu Baile do Champagne no Carnaval e tomou-lhe as dores quando ele foi abandonado pela modelo que fazia a publicidade da companhia, a novata mato-grossense Luiza Brunet. A moça era a cara e algo mais (nas fotos aparecia com os seios semi à mostra) dos jeans Dijon. No dia 21 de agosto de 1985, Zózimo, sem citar Saade, mas escrevendo com a pena da amizade,

mostrou-se solidário ao abandonado. Sorriu de um mau passo da moça. Disse que “la” Brunet voltara atrás na decisão de fazer carreira na Europa, motivo de sua saída da Dijon:

- Viajou de um lado para o outro, andou de ceca a Meca, visitou agências, *maisons de prêt-à-porter*, etiquetas, distribuiu currículos e fotos a torto e a direito e acabou não conseguindo nada — a não ser a promessa de entrar numa fila de espera de modelos candidatas a aparecer em anúncios de publicidade. Achou pouco e acabou voltando ao Brasil. La Brunet começa agora a ler os jornais pelo caderno de classificados.

Outro amigo de viagens era o francês Robert Bergé, que dirigiu o Hotel Le Méridien, inventou a cascata de fogos lambendo a parede do prédio no Réveillon e revolucionou a gastronomia da cidade ao colocar Paul Bocuse, o *chef* mais famoso do mundo, à frente da cozinha do restaurante Le Saint-Honoré, no hotel. A tacanha mesa carioca dos destacados Nino, Ouro Verde e Antiquarius ganhou molho contemporâneo. Zózimo, que sempre havia deplorado o provincianismo da cozinha carioca, aplaudiu com notas seguidas.

Em 20 de junho de 1977, publicou “O jantar do ano”, e o cardápio, comparado com os que uma década antes ele descrevia na coluna de Carlos Swann, no *Globo*, mostrava que o Rio civilizava-se. O ágape, oferecido pelo casal Lourdes e Alberto Proença de Faria, começou com uma “*terrinerie maison*, complementada por trufas e *gelée*, devidamente degustada com xerez”. Como segundo prato, foi à mesa um *crème de potiron*, com mariscos. Entrou em cena, em seguida, um Montrachet 1971, que também acompanhou o cherne *braizé*, “de sabor surpreendente pela superposição de dois molhos”, ao

qual se seguiu o *rôti* de paca, servido na amável companhia de um Château Latour 1947. Para tudo se encerrar com a sobremesa, um *parfait* de moça, regiamente escoltado por *champa* Krug 1966.

Robert Bergé admirava em Zózimo “o olhar de infância” quando discutiam sobre “trufas, *foie gras* e vinhos de Bordeaux em refeições entre amigos, celebrando Baco e a grande comida”. Apicius, Renato Machado, José Hugo Celidônio e o jornalista Rodolfo Garcia eram outros convivas. Robert e Zózimo ficaram amigos e Marcia e Annette Bergé, amicíssimas, a ponto de em 1978 o casal carioca seguir com os franceses por uma viagem pela França e a Itália. Robert preparou um *tour* por restaurantes três estrelas Michelin, uma excursão a que Zózimo creditava grande importância por qualificar seu gosto pela mesa e as boas adegas.

Uma lenda dos bastidores dos meios de comunicação dizia que José Bonifácio de Oliveira, o Boni, da Rede Globo, presenteava os funcionários com uma verba extra de viagem quando o destino era Nova York — sabia que o profissional voltaria de lá com alguma informação para aproveitar em seu trabalho. Zózimo, passeando pelos restaurantes estrelados da França, certamente mais adiante melhoraria a mesa de café dos milhares de brasileiros que acordavam com a leitura de sua página. Fazia pelo menos cinco viagens internacionais por ano.

As empresas aéreas queriam ter o colunista na lista de passageiros e eram generosas na distribuição de bilhetes de ida e volta. Madeleine Archer e Joseph Halfin, da Air France, Henriqueta Castro, da TAP, Claude Amaral Peixoto, da Alitalia, e Lúcio Ricardo, relações-públicas da Varig, presenteavam Zózimo com novos e velhos roteiros do turismo internacional, na certeza de que em seguida a marca da empresa estaria impressa na prestigiada página 3 do *Caderno B*.

Em maio de 1972, Zózimo circulou entre Tóquio, Pequim, Viena e Paris, sempre colaborando com notas de andarilho de olho diferente e com o adendo “pela Air France” ao lado da assinatura. Em Tóquio jantou com o embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, que havia sido sequestrado um ano e meio antes, no Brasil. De Pequim, mandou a notícia da dificuldade de os diplomatas estrangeiros solteiros conseguirem uma companhia feminina. Um representante da diplomacia chinesa, ao saber do reclamo, ficou de mandar naquela noite mesma uma solução para o problema — e na hora aprazada cada um dos aflitos diplomatas, em vez de uma jovem asiática de olhos puxados, recebeu a visita de um médico com uma enorme e eficaz injeção destinada a acalmar vontade e domar desejos. “O pobre médico”, finalizava a nota, “só não entendeu por que sua visita foi recebida por todos em uma atmosfera de penumbra tão envolvente e suave odor de incenso...”

Todos queriam ter Zózimo ao lado na viagem seguinte. “Ele era disputado porque era poderoso, sua presença dava credibilidade, mas não só”, explica hoje a relações-públicas Anna Maria Tornaghi. “As pessoas se juntavam ao redor dele, a liga surgia, e se fazia a química, fundamental para o sucesso dessas viagens de negócios e promoção. Ficava tudo divertido — e dias depois havia o *plus* maravilhoso de ele chancelar com uma nota a qualidade daquilo. Eu sentia como se ele fosse o meu sócio.”

Tornaghi foi encarregada pelo Departamento de Turismo da Dinamarca e da Suécia de levar aos dois países um grupo de influentes brasileiros. Ela escalou Zózimo e Marcia, Kiki e Renato Garavaglia, Jeronimo e Therezinha Figueira de Mello. Em outra ocasião, uma marca de vinho fretou um avião e pediu a Tornaghi que escalasse oitenta pessoas, e todos foram até Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, degustar a nova safra

num voo com quatro *chefs* servindo a bordo. Houve também uma temporada pré-carnavalesca no Recife, por conta da promoção de *bal masqué* para gente do Sul Maravilha (até o cronista Rubem Braga estava no grupo de sessenta vips). E ainda a inauguração de hotéis em Minas e em Goiás — e Tornaghi sempre convidava o colunista e parceiro como curinga para todos esses eventos.

Zózimo exibia uma leveza existencial que o deixava alguns passos à frente do temperamental Ibrahim, cada vez menos acessível a esses convites mais ligeiros e com um humor difícil de decifrar. Tornaghi, responsável por uma campanha de reabilitação da imagem de Nova York no início dos anos 1980, dava-se bem com o “Turco” e sabia que o homem era imprevisível.

“Por que você fez isso comigo?”, ele gritava, balançando a delicada Tornaghi pelos dois braços. Eles estavam na festa administrada pela RP para comemorar o aniversário da coluna de Ibrahim, na pérgula do Copacabana Palace, e justo naquela noite São Pedro mandara sobre a Cidade Maravilhosa um tremendo toró.

“Por que você fez isso?”

“Isso o quê, Ibrahim?”

“Essa maldita chuva.”

Tornaghi estava sendo responsabilizada pelos humores do tempo. Não conseguiu freá-lo, mas como sempre apresentava uma solução para qualquer problema surgido em suas festas, e transferiu tudo, com grande sucesso e beijinhos agradecidos de Ibrahim, para o Golden Room, no próprio Copa.

Zózimo, mais jovem, menos torturado ainda pelo ofício, seguia aceitando os convites de viagens. Quando os executivos de um congresso da American Society of Travel Agents (Asta) pediram que Ricardo Amaral, agora diretor do Instituto Brasileiro do Turismo, mais conhecido como Embratur,

chamasse um jornalista para a reunião de Budapeste, na Hungria, o escolhido foi Zózimo. A viagem rendeu algumas notinhas e mais histórias para os dois amigos passarem o resto da vida se divertindo com a memória delas. Qual era mesmo o nome daquela *stripper* que se apaixonou por Zózimo e não queria deixá-lo sair do país?

Ele ainda viu o teatro *kabuki* em Tóquio, comeu *sushi* no restaurante do lendário *chef* Jiro Ono, passeou pelos vinhedos de Portugal, cumprimentou Picasso em Barcelona e assistiu a Ayrton Senna ganhar a corrida em Mônaco — contudo, era em Paris que se sentia em casa. Dirigia pelas ruas como se fosse dali e na sua primeira refeição ia sempre ao Chez L’Ami Louis. Dos bares, o preferido era o Les Deux Magots. Tanto podia estar com os amigos Paulo Fernando Marcondes Ferraz no Relais do Plaza como com o empresário Roberto Kreimer na Maison du Caviar ou com o arquiteto Marcos de Vasconcellos num italiano pequeno, esquina das ruas Saint-André-des-Arts e Gît-le-Coeur, na Rive Gauche. Dava preferência ao modo de vida dessa região, mais boêmia, e podia ser visto explorando seus bistrôs, como o Chez Georges, perto da Bolsa de Valores. Em setembro de 1974 ele estava, na Brasserie Lipp, na mesa ao lado da do pintor Max Ernst, com quem trocou algumas palavras e soube dos preparativos de uma retrospectiva no ano seguinte no Guggenheim de Nova York.

Zózimo mergulhou nas águas ao redor da ilha de Brocoió, na baía de Guanabara, casa oficial de veraneio do governador do Rio, no mesmo momento em que Farah Diba, a última imperatriz do Irã, estava nela. Viu a coreógrafa Pina Bausch no Festival d’Avignon, na França, Sinatra em Las Vegas, Björn Borg ganhar de John McEnroe em Wimbledon e Carl Lewis conquistar a medalha de ouro de salto em distância nas Olimpíadas de Barcelona. Em 28 de agosto de 1973, narrou na

primeira pessoa as suas mais recentes andanças de colunista *globe-trotter*:

- Uma semana entre Atenas e Istambul, saindo do Pireu numa sexta-feira ao anoitecer, seguindo pelo mar Egeu com escalas nas ilhas de Santorini, Creta, passeio por Kusadasi até Éfeso, já na Turquia, parada em Istambul, e a volta pelo lado oposto, conhecendo as ilhas de Patmos e Mykonos até a chegada na sexta-feira seguinte, a Pireu.
- Eis um passeio que aconselho a todo mundo empenhado em desligar-se por uma semana de tudo o que é problema e preocupação, principalmente se o navio escolhido for o *Antiquarius*, o mais novo, moderno e bem aparelhado em transas naquela área (sua viagem inaugural não tem ainda um ano), e o cicerone for a figura de Diego Suarez, um companheiro de viagem realmente excepcional.
- Some-se a esse itinerário um dia em Paris, na ida, outro em Atenas, na volta, e ainda um fim de semana novamente em Paris à espera do voo de domingo à noite da Air France, e o leitor terá uma ideia do programa completo que ocupou a rápida ausência deste colunista.
- Um registro especial para a ilha de Mykonos, um dos pontos mais movimentados do atual verão europeu, eleita pelos jovens casais dourados como o lugar da moda — porto pequeno e pitoresco, casinhas caiadas de branco, comércio descontraído e alegre, praias lindas, água transparente, lagostas extraordinárias, jeans em profusão e pé no chão, sobretudo muito pé no chão.
- E — o que é igualmente muito importante — tudo isso em dracmas, moeda pouco conhecida mas extremamente simpática.

Era jornalismo-ostentação da mais fina estirpe e não foi à toa que a partir dos anos 1970 o curso de comunicação começou a ser mais procurado do que o de medicina no vestibular do Rio. Dois dias depois, o próprio Zózimo, esnobe, publicou uma sátira ao seu cruzeiro pelo mar Egeu. Se o primeiro se intitulava “Entre Atenas e Istambul”, a paródia chamava-se “Entre Seridó e Juazeiro”. Dizia ser a carta de um leitor bem-humorado, só que, evidentemente, era de sua lavra:

- Uma semana entre Seridó e Juazeiro, saindo de Petrolina numa sexta-feira ao anoitecer, seguindo pelo São Francisco com escalas em Xique-Xique, Cajazeiras, Viramundo e, já na Bahia, com uma parada em Caixa-Prego do Norte e a volta pela margem oposta conhecendo Ziquizira, Pau Furado e Patulândia, até a chegada na sexta-feira seguinte a Petrolina.
- Eis um passeio que aconselho a todo mundo empenhado em desligar-se por uma semana de tudo o que é problema e preocupação, principalmente se a gaiola escolhida for o *São Tomé*, o mais novo, moderno e bem aparelhado em transas naquela área (sua viagem inaugural não tem ainda um século) e o cicerone for a figura de Severino da Cruz, um companheiro de viagem realmente excepcional.
- Some-se a esse itinerário um dia em Juazeiro na ida, outro em Bom Jesus da Lapa, na volta, e ainda um fim de semana novamente em Juazeiro à espera do ônibus de domingo à noite, da São Geraldo, e o leitor terá uma ideia aproximada do programa completo que ocupou a rápida ausência deste colunista.
- Um registro especial para a ilha de Sapucaia, um dos pontos mais movimentados da atual seca nordestina, eleita pelos jovens casais torrados como o lugar da moda.

Mocambo pequeno e pitoresco, casinhas de folha de zinco, comércio descontraído e alegre, mangues lindos, lama preta, caranguejos extraordinários, trapos em profusão e pé no chão, sobretudo muito bicho-de-pé.

- E — o que é igualmente importante — tudo isso em farinha, moeda muito conhecida e extremamente antipática.

Era a rotina interminável de textos. Zózimo precisava de vez em quando, de preferência num roteiro nas cercanias de Atenas e Istambul — depois, passeando de mentirinha por Seridó e Juazeiro —, se desligar dos problemas e ao mesmo tempo arrumar assunto. O método mais eficaz que via para isso era o pé no jato (mesmo que às vezes levasse uma pequena máquina de escrever na bagagem). O casal Baby e Evinha Monteiro de Carvalho convidou-o várias vezes para assistir ao Grande Prêmio de Fórmula 1 de Mônaco, em Monte Carlo. A hospedagem era na mansão da família, em Saint-Jean-Cap-Ferrat. A corrida em si valia pelo badalo social. O apartamento sobre a pista, de onde os convidados viam a competição, era cheio de sacadas que viravam camarotes divertidos, como nos desfiles das escolas de samba no Rio — já o que acontecia com os carrinhos lá embaixo, zunindo em zigue-zague, a ordem de chegada, isso só se sabia depois pela TV.

Era possível encontrá-lo em vários lugares do mundo, e ele agora estava na Barney's, uma loja ainda exclusivamente masculina em Nova York, experimentando roupas com Ricardo Amaral. Um ajeitava a roupa do outro, trocando comentários apimentados. O vendedor, “ostensivamente gay”, segundo Amaral, suspeitou que houvesse entre os seus fregueses uma enturmação com a causa e animou-se. Ao final da venda, deu aos dois um convite para uma festa gay que se realizaria naquele fim de semana. Zózimo e Ricardo não foram, mas gargalharam muito com a pinta que deram.

Próxima parada: Saint-Tropez. Os dois amigos estavam num passeio de barco com um milionário francês entusiasmado com os militares da ditadura brasileira. O sujeito elogiava a política internacional de Ernesto Geisel e defendia a necessidade de regime duro para economias em desenvolvimento. Aquilo tudo, junto com o balanço do mar, o champanhe e o desagrado pela situação no Brasil, foi fazendo com que Zózimo enjoasse, discutisse e pedisse que parassem o barco. Ficou agressivo, como se estivesse na arquibancada do Maracanã e o francês fosse torcedor do Vasco — e quando apareceu uma marina, caiu fora. Foi um passeio desagradável, e por muitos anos Zózimo e Ricardo ririam do banzé a bordo.

Na volta de uma dessas viagens recomendou na coluna uma visita ao novo restaurante La Guilande, de Claude Terrail (“o *patron* do La Tour d’Argent”), a série de concertos de câmara “Mozart aux Chandelles” na nave da Sainte-Chapelle e uma ida a Giverny, a uma hora e meia de Paris, onde haviam acabado de ser restaurados a casa e os respectivos jardins onde morou e se inspirou Claude Monet. “São experiências que aumentam a vontade de viver”, dizia Zózimo encerrando a nota. Em um único ano do fim da década de 1980, ele iria onze vezes a Paris. Mas havia sempre um momento em que o avião aterrissava de volta, no Rio — e era preciso, para que em seguida viessem as experiências que aumentam a vontade de viver, recolher as notas diretamente do telefone da redação da avenida Brasil, 500.

24

É dura a vida de colunista. Um leitor, visitando a redação e espantado por encontrar Zózimo atrás da máquina de escrever, disse que o imaginava sempre como um Fred Astaire, de casaca e cartola, dançando com alguma Cyd Charisse pelos salões elegantes do Rio. Nada disso. Sua função era dar furos no próprio jornal, uma corporação, em meados dos anos 1980, com quinhentos jornalistas correndo atrás da mesma caça. Zózimo tinha criado um monstro: a responsabilidade de melhorar o café da manhã dos brasileiros. Como todos os monstros, aquele se mostrava insaciável — e agora voltava suas garras contra a jugular do colunista, que, a propósito, mantinha-a sempre escondida atrás de colarinhos bem altos. No início, a coisa era simples. Um jantar atrás do outro, boas doses de humor, notas da cidade, pitacos políticos, e mandava-se a coluna para a oficina. Zózimo complicou o evento ao ampliar sua área de atuação.

Sempre que tinha oportunidade, deixava bem evidente a dureza do ofício, como um grito de alerta para que os chatos tomassem tenência e pelo menos o deixassem dormir em paz. Em 26 de maio de 1978, “O sono dos justos” tentava educar os que se pretendiam colaboradores, mas eram só “enchedores de saco”:

- Roga-se às pessoas que costumam telefonar para colunistas às sete e meia da manhã pedindo notinhas que não se irrite sempre que lhes for dito que eles estão dormindo.
- Afinal, colunismo é uma atividade que impõe a quem a exerce exaustivas incursões noturnas. Logo, o fato de o

colunista ser surpreendido dormindo às sete e meia da manhã não deve constituir surpresa nem gerar indignação. Mesmo porque para encontrar colunista acordado ainda não se inventou nada mais conveniente e próprio do que seus locais de trabalho, ou seja, as redações dos jornais.

Era um sabão. Porém, até quem o levou deve ter morrido de rir com a elegância do texto. Pela necessidade de encher a página, mas também pela compreensão de que o *making of* de seu trabalho virara assunto, Zózimo comentava em público as dificuldades de um colunista, esse *star* da era da comunicação. O que é notícia? O que o público quer saber? E por que não abrir as cortinas para os curiosos sobre os bastidores da grande padaria intelectual de fazer pãezinhos em forma de notinhas? Uma vez, voltando de uma viagem a Paris, fez um elogio deslumbrado ao espetáculo *Liquid Theatre*, que acabara de ver, e emendou a nota em outra menor, com o título “Dúvida nacional”:

- O jornalista viaja, corre o mundo, visita vários países, lê jornais e vê a televisão nas mais variadas latitudes. Em determinados momentos se vê esmagado diante das dúvidas, contradições e complexidades dos problemas e assuntos que sacodem o mundo. Volta, desce no Galeão, toma o carro de volta para casa, liga o botão do rádio e o primeiro noticiário que aparece o informa de que a dúvida nacional no momento reside em saber se Zagallo deve convocar Sérgio ou Renato para o lugar do goleiro Félix na Seleção.

Dureza. Em 3 de maio de 1993, uma segunda-feira, depois de dar plantão num 1º de maio, sábado, quando supostamente

todos os trabalhadores do mundo estavam de folga, Zózimo desabafou numa nota enorme:

- Não se pode dizer que esta coluna tenha comemorado condignamente o 1º de maio. Afinal, o Dia do Trabalho é consagrado paradoxalmente ao lazer, à vagabundagem, à coçação.
- Esta coluna traiu o espírito da data. Ralou.
- Nota zero para ela.
- É curiosa a compreensão idiota que a maior parte das pessoas tem do colunismo. Presume-se que seus autores movem-se num mundo de fausto e fantasia e que, uma vez diante do computador, basta estalar os dedos para o conteúdo das colunas estampar-se no vídeo. Não lhes ocorre nunca pensar em trabalho, esforço, *stress*, aflição, cansaço, aporrinhção etc.
- Ainda outro dia, o assessor de um figurão da República instalou-se gostosamente na sala de um colunista com o intuito evidente de matar o tempo enquanto o chefe cumpria agenda reservada com o diretor do jornal.
- Depois de uns cinco minutos de conversa jogada pela janela, ao primeiro sinal de impaciência do colunista, que tinha a tela à frente ainda virgem e dezenas de telefonemas a dar, o assessor não se deu por achado:
 - Ora, meu velho, você tira isso de letra.
- E concluiu, batendo com o dedo indicador na rombuda cabecinha:
 - Está tudo aqui dentro.
- A educação do colunista impediu que ele retribuísse a bobagem com um palavrão.

Zózimo era o Sísifo moderno, mandando suas vinte notas por dia para a gráfica e no dia seguinte tendo que começar toda a operação de novo. Aos poucos, percebeu que poderia desabafar as agruras desse cotidiano. Afinal, ele já era uma celebridade do primeiro time — e o público adora consumir a intimidade dessa gente. Assunto não faltava. Durante o regime militar, quando parte da produção intelectual brasileira usava linguagem cifrada para escapar da censura, ele publicou uma nota em que o ex-governador Carlos Lacerda, cassado, colhia no seu sítio no Alentejo, em Portugal, plantas para replantar no seu sítio no Rocio, na região fluminense de Petrópolis. A fim de “adicionar alguma graça” ao texto, Zózimo escreveu ironicamente, segundo explicaria depois, “num momento de total inspiração”, a expressão “plantas com sotaque”. Leitores telefonaram tentando descobrir o que queria dizer o colunista com a expressão. Senha para algum protesto? Algo a ver com a música de 1973 de Gilberto Gil e Chico Buarque que, no título, por escrito, trazia “Cálice”, mas, cantada, virava “Cale-se”? Continuando seu passeio pelos bastidores da coluna, Zózimo respondeu às dúvidas sobre o que pretendia com sua plantação de palavras numa nota intitulada “A nova profissão”:

- Está surgindo no Brasil uma nova e excitante atividade que num futuro próximo poderá vir a se tornar até lucrativa: criptógrafo de colunas (ditas) sociais. Partem do princípio de que por trás das aparentemente inofensivas notinhas divulgadas se escondem as mais tenebrosas intenções.
- Uma linha inocente, uma notícia despreziosa sobre qualquer pessoa e zás, o criptógrafo aparece imediatamente de recorte à mão a destilar mil e uma versões sobre um fato corriqueiro sem a menor importância. (...)

- Foi um deus nos acuda. O que estaria querendo o colunista dizer com essas três palavras cabalísticas: “plantas com sotaque”? Que recado e a quem estava sendo dado? Ninguém chegou a uma conclusão segura, o que contribuiu para multiplicar ao infinito as versões.
- A coisa chegou a tal ponto, fui tão pressionado, espremido, inquirido, que tenho desde então quebrado a cabeça para achar uma explicação para as tais plantas com sotaque. Uma explicação que satisfaça o apetite dos criptógrafos de colunas que se sentem infelicíssimos porque até hoje não conseguiram encontrar uma segunda intenção plausível que consiga decifrar a misteriosa frase.

Zózimo tinha alguns mantras que o pacificavam diante das dificuldades do fechamento da coluna. Repetia:

1. “Em branco não sai.” Usava a expressão quando telefonava para alguém, pedindo nota, e, diante da inexistência de qualquer informação nova, bem-humorado, respondia para a fonte: “Sem problema. Você vai ver: em branco não sai” — e gargalhava.

2. “Uma hora fecha.” Na confusão de diagramar a coluna, fazer as notas caberem no espaço, legendar fotos, preencher buracos, atender a telefonemas de fontes que precisavam ser bem tratadas mas que, naquele momento, não tinham nada de relevante a informar — no estresse cotidiano dos jornalistas para cumprir os prazos e evitar os prejuízos financeiros da operação industrial envolvida nisso, Zózimo tentava manter a calma com o mantra. Quando o chefe de redação vinha lhe cobrar o fechamento no horário, dizia: “Relaxa, uma hora fecha.” E raramente estourou o *deadline*.

Confessar em público o drama de ocupar o espaço que o jornal lhe dera mostrava-se uma saída inédita e original. Na matemática de Zózimo, toda notícia, desde que tivesse alguma

graça, valia a pena — assim sendo, por que não dizer o que ia pela redação de um dos maiores jornais do país? “Vida dura” foi publicada em 23 de junho de 1984, após um feriado de Corpus Christi:

- Nada é mais duro do que a sexta-feira de um colunista, sobretudo espremida contra o fim de semana por um feriado.
- Desaparecem as fontes, só aparecem os pedintes.

A jornalista Míriam Leitão, em início de carreira, antes ainda da opção pela cobertura da economia, participou por um breve período da equipe de Zózimo e estava no grupo que numa noite de sexta-feira tentava fechar a terceira coluna daquele dia de “pescoção”. Todas as suas notas já estavam nas páginas, as de Zózimo e de Fred Suter também. Não havia mais ninguém a quem se pudesse suplicar, dando um telefonema, por algo que não precisava nem ter todas as características de nota, bastava um esgar. Nada — e, no entanto, ainda havia um buraco na página encarando os três. Zózimo então colocou o papel na máquina — Fred e Míriam observando atrás de sua cabeça, todos loucos para partir para o fim de semana — e começou a escrever o bordão que muitas vezes o salvava: “Não será surpresa para esta coluna...” E parou.

Nem aquele truque, naquele momento, todos exaustos, funcionava. Míriam não tinha nenhuma ideia de como continuar a frase. Foi quando viu o mestre, depois da estancada, colocar umas reticências e terminar célere com o problema. Em seguida, puxou o papel da máquina e anunciou o fim de semana a todos. Estavam lá, para gargalhada de Míriam, a continuação e o fim da nota:

- Não será surpresa para esta coluna...

- ...Nada mais é surpresa para esta coluna.

Outro macete para fechar o espaço era lançar mão do “hein?”. Virou uma das suas marcas mais fortes, pela repetição do uso e por remeter à graça de uma conversa de rua. Não anunciava uma grande nota, mas um papo vadio. Em “Colosso”, de 15 de agosto de 1983, ele falava da atriz do filme *Flashdance*, um dos sucessos daquele ano:

- E a Jennifer Beals, hein?
- Nossa Senhora!

“Falante” é de 6 de outubro de 1989, sobre o candidato à Presidência da República Enéas Carneiro:

- E o Enéas, hein?
- É o Macaco Tião que fala.

Nos bastidores da coluna de Ibrahim no *Globo*, a senha para chamar nota era a expressão “vai chegar o telefonema do Vitorino Freire”. Tratava-se de um deputado que, numa noite de desespero, sem notícia alguma, deu um telefonema salvador e que para sempre ficou marcado na memória do colunista e de seus assessores como uma bênção que se deveria repetir nos momentos dramáticos de seca. Ninguém rezava. Dizia-se: “Cadê o telefonema do Vitorino que não vem?”

Na coluna do Swann, também no *Globo*, quando faltava nota, a inspiração era uma foto do próprio Zózimo. Fernando Zerlottini, Anna Maria Ramalho e Carlos Leonam, os colunistas, tinham na parede da sala em que trabalhavam uma foto do concorrente, elegantíssimo, em *black tie*, dançando um *cheek to cheek* com Marcia. Achavam que trazia bons fluidos. Estavam cansados de perceber que às vezes eles tinham mais

informação, mas não adiantava. Com Zózimo a mesma notícia ficava melhor porque vinha com mais molho. O estilo era o homem, a dança estava com ele.

Em 31 de março de 1988, com o título “Desespero”, Zózimo publicou:

- Um colunista desesperado com a iminência dos feriados telefonou ontem para uma fonte em Brasília atrás de notícias.
- A fonte foi curta e rápida:
 - Hoje eu estou de calças curtas.
 - Quer dizer que Brasília é um deserto de homens e de ideias?
 - Não. Só de homens. De ideias já é há muito tempo.

Um dos formatos mais originais que inventou para essa construção, tijolo por tijolo, foi a variação obsessiva sobre o tema de uma nota só. O mesmo assunto aparecia quase todos os dias, só que com pequenas variações, criando no leitor a expectativa sobre o que ele iria inventar daquela vez e até quando conseguiria manter aquela pipa ao vento da sua imaginação. A coleção de notas em série sobre os tipos de cheque foi um de seus sucessos mais espetaculares, obra de criação coletiva que surgia de conversas com fontes como Rogério “Senador” Monteiro, Ricardo Amaral, Marcos Sá Corrêa, Roberto Mota, Aloysio Salles e outros. Foram mais de vinte notinhas, entre junho e julho de 1983. O leitor, do outro lado, recebia o chorrilho dos cheques falsos com a moeda mais verdadeira e estimada por Zózimo — um sorriso.

A primeira, no dia 22 de junho, tinha o título “Na moda” e informava que “há agora na praça, largamente difundida, uma nova modalidade de cheque — o cheque *cowboy*. Recebe quem saca primeiro”. No dia seguinte, já havia outra dizendo que,

além do *cowboy*, “abunda na praça também o cheque peixe. Bate no banco e nada”. E daí em diante, sempre com o título “Mais um”, não parou de aparecer cheque no guichê da coluna:

- O elenco de cheques exóticos, introduzido pela crise na praça do Rio, ganhou ontem um novo tipo — o cheque boemia.
- Aqui me tens de regresso.
- Apareceu ontem mais um cheque inusitado na praça carioca — o cheque atleta.
- Emite-se e se sai correndo atrás para cobrir.
- Mais um tipo de cheque está fazendo carreira no anedotário da cidade.
- É o cheque Sabiá.
- Vou voltar, sei que ainda vou voltar, este é o meu lugar...
- O leque dos cheques da crise incorporou ontem um novo tipo — o cheque bailarino.
- Quem o apresenta na boca do guichê dança.
- O leque dos cheques incorporou ontem um novo tipo — o cheque bumerangue. Vai e volta.
- Costuma atender também pelo nome de cheque pingue-pongue.
- O mais novo cheque a circular na cidade é o cheque Drury’s.
- Dá uma dor de cabeça...

- Como nem tudo ainda está perdido, um banco da Zona Sul detectou ontem a presença de um novo cheque — o Deus é grande.
- Bate no guichê e é pago sem problemas.
- O cheque do dia é o cheque mendigo.
- Está sempre descoberto.
- Os cheques da crise incorporaram ontem um novo espécime — o cheque Brasil.
- Todo mundo sabe que não tem fundos, mas ainda há sempre alguém que acredita nele.

Os detratores — e quem colocava diariamente a cara a tapa no jornal não podia deixar de tê-los — acusavam Zózimo, entre outras coisas, de “cascateiro”. Em jargão jornalístico, é aquele profissional que inventa uma história e ainda adiciona detalhes para valorizá-la. Na realidade, confundiam leveza de texto com falta de consistência jornalística. Estavam acostumados com notícias escritas de um jeito duro e sem janelas de humor, sem cheques voando para todo lado arejando o espaço.

No início dos anos 1980, o cabeleireiro Silvinho, jurado do programa do Chacrinha na TV, desenhou para a modelo Marina Montini, musa mulata de Di Cavalcanti, uma cabeleira espetacular. O penteado era um enorme aplique encaracolado, uma juba de leão num momento em que as mulheres eram chamadas de “panteras”. Na tentativa de dar uma tesourada no colunista, Silvinho, com a complacência de Marina, chamou o penteado de “Cascata Zózimo Barrozo do Amaral”. Do lado de Marina, a pinimba existia desde que Zózimo publicara uma nota dizendo que ela, para sair de uma crise financeira, vendia quadros presenteados por Di. Tudo verdade, mas Marina se

sentiu exposta de modo cruel. Sua reclamação, em tom destemperado, não agradou a Zózimo, que voltou à carga:

- Seis meses depois de colocadas à venda, as oito telas assinadas por Di Cavalcanti retratando Marina Montini continuam nas mãos de sua proprietária, a modelo.
- Não deverão trocar de mãos tão cedo.
- O preço que a manequim, atualmente em Hamburgo, pede por cada uma não motiva sequer o mais perdulário dos colecionadores do pintor.

Do lado de Silvinho, o problema era ciúme. Zózimo dava muitas notas sobre Jambert, o espanhol naturalizado brasileiro que construíra no Leblon um palácio de mármore para cortar cabelos. Os dois disputavam a alta sociedade, mas o estilo popularesco do funcionário Silvinho fazia com que os vips valorizassem o proprietário do salão, Jambert, de temperamento discreto e capaz de trabalhar falando francês.

Era uma vida pesada essa de colunista, esgrimindo contra tesouras e todo tipo de farpa. Ricardo Boechat, que desde 1984 assinava a *Coluna de Carlos Swann*, sabia como era. Uma vez recebeu na redação uma enorme caixa ricamente embrulhada para presente. Zózimo noticiou com o título “Galinha de Troia”:

- (...) Boechat abriu-a cuidadosamente, cercado da admiração dos colegas, para encontrar em seu interior, já quase em estado de coma, sufocada, uma pavorosa galinha preta, meio depenada e com olho troncho.
- Boechat jura que no dia em que descobrir o remetente da brincadeira vai abrir o seu empoeirado baú de perversidades guardado no sótão para situações de emergência e persegui-lo até o final dos séculos.

Além da falta de notas, era preciso enfrentar macumbas de quem não conseguia sair na coluna. A página em branco estava sempre lá, olhando de olho arregalado no olho apavorado do colunista e perguntando, apressada, “comé que é?”. Toda semana chegava para Zózimo uma daquelas tradicionais cartinhas com lembranças do tipo “Limite-se à sua área de vestidos e festas. Não venha tratar de coisas que você não entende”.

Havia o preconceito com o rótulo de colunista social — até mesmo por parte dos colegas mais modernos. Durante as Olimpíadas de 1984, em Los Angeles, Zózimo fez participações como comentarista na TV Bandeirantes. Dias depois de um desses pitacos, em 13 de agosto, o *Informe JB*, editado na época por Hamilton Almeida Filho, publicou a seguinte notinha, com o título “Fora do galho”:

- Diz a sabedoria popular: “Cada macaco no seu galho.”
- Cronista social deve fazer a crônica da sociedade; comentarista esportivo comentar esportes; analista político analisar política.
- É um enorme desastre quando os cronistas sociais resolvem se meter nos galhos dos outros. Os comentários sobre a atuação dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Los Angeles, então, são de morrer de rir.
- Como os jogadores da seleção brasileira de basquete, arremessam muito. Mas as bolas não dão nem aro.

Hamiltinho, um craque da imprensa independente que na década de 1970 resistira à ditadura militar em publicações como a revista *O Bondinho*, fazia parte da equipe de jornalistas vindos de São Paulo, Murilo Felisberto à frente, que comandava o *JB*. O período é tido como o da “malufada”, quando o jornal, prenhe de dívidas, teria flertado com o capital

associado à candidatura de Paulo Maluf às eleições indiretas à Presidência da República. A redação viveu dias de Rio *versus* São Paulo, com os preconceitos soltos e as animosidades comuns ao bairrismo. “Fiquei puto!”, lembraria Zózimo tempos depois. “Fiz um alvoroço no jornal. Dr. Brito e dr. José Antonio [Josa, filho de Nascimento Brito] ficaram do meu lado. Não foi nessa que o sujeito saiu do jornal, mas saiu logo adiante.”

O período dos paulistas na redação coincidiu com a chegada de Zózimo ao cargo de editor do *Caderno B*. Não se entenderam aí também. Nascimento Brito lhe pedia pautas elitizadas, que não tivesse medo de subir o nível do caderno e procurasse o que sempre fora a aspiração do jornal: a classe alta, esclarecida e desejosa de informação qualificada. Já os paulistas pensavam exatamente o contrário. Queriam pegar novas camadas de leitores e para isso seria preciso abaixar o nível, procurar pautas populares. Em 10 de outubro de 1983, Zózimo deu uma página sobre a indústria de discos de música erudita no Brasil, analisando como estava o espaço que as gravadoras dedicavam a eles. A cúpula da redação chamou Zózimo para uma advertência. “Ninguém lê isso, vamos popularizar a cultura do jornal e melhorar a vendagem.” Foi um período ruim que se encerraria em 1985, quando Marcos Sá Corrêa chegou para dirigir a redação e todos respiraram aliviados. A rivalidade RJ x SP agora voltaria a ser assunto apenas nas matérias de comportamento.

Ser colunista, independentemente das chefias de redação, era atividade de alto risco. Ou se levava esse fogo amigo, atirado das próprias trincheiras, ou se fraquejava pela saúde despendida no esforço da operação. Eram pelo menos oito horas diárias dentro do jornal, por muitos anos folgando apenas um domingo por mês. Champanhe à noite, suor ao dia. Certa vez, um colunista social do interior foi ao *JB* e,

acostumado aos métodos de trabalho provincianos, levou um susto ao ver o colega, às oito da noite, fechando uma página ao lado do diagramador. “Mas é você mesmo que escreve a coluna?”, perguntou. Zózimo não só apurava, como escrevia, fechava com o diagramador e no dia seguinte fazia tudo de novo. Em 1989, a revista *We* conseguiu juntá-lo com Ricardo Boechat para um papo sobre as delícias e agruras do ofício.

— *Boechat*: Você está com o saco cheio de fazer coluna?

— *Zózimo*: De saco cheio, não, mas estou cansado. É estressante, mas tem coisas piores. Numa época, o Elio Gaspari, o jornalista mais equipado e brilhante da nossa geração, acumulava no *Jornal do Brasil* a editoria de Política e o *Informe JB*. Eu perguntei: “Como vão as coisas, como vai o *Informe*?” Ele respondeu: “É, meu caro, estou aqui, carregando minha cruz de isopor.” É isso que eu queria falar sobre o ofício de colunista. É cruz, mas uma cruz *light*.

— *Boechat*: A coluna equivale, na área diplomática, a ser embaixador em Paris. É uma atividade em que você é bajulado. Puxam teu saco numa intensidade que não acontece nem mesmo nos cargos de direção do jornal, profissionais importantes mas que estão excluídos daquela vitrine que é a coluna assinada. O fato de você determinar todos os dias o que põe e o que não põe, se fulano entra ou não, claro que com os critérios profissionais de seleção, mas entram os componentes de amizade, relações pessoais, tudo isso implica um retorno que te dá uma tremenda cruz de isopor mesmo.

— *Zózimo*: Tá parecendo que você gosta de ser bajulado.

— *Boechat*: Não, mas é infinitamente mais confortável ser um colunista de jornal do que chefe de redação de *O Globo*.

— *Zózimo*: Mas quem te disse que eu quero ser chefe de redação de *O Globo*? Eu quero ser o Antonio Carlos de Almeida Braga, quero ser um Braguinha, quero ser o dono do Bradesco!

Os dois colunistas passaram ainda pelo tópicos da corrupção, uma antiga suspeita que, como borbulha de champanhe, sempre circulou na relação com os personagens daquela festa diária. Zózimo chegou a devolver, no início dos anos 1970, um aparelho de TV colorida que estava em testes no Brasil. Uma caixa de champanhe, presente de um sujeito que mal conhecia, também foi mandada de volta. Todo cuidado era pouco.

Um amigo do general João Baptista Figueiredo, Georges Gazale, não sabia com quem estava falando. Tentou um lance para comprar a alma do colunista e foi desmoralizado em 7 de julho de 1984. O título da descompostura era “Assessoria”:

- O sr. Georges Gazale dispõe agora de uma assessoria promocional que tem entre suas atribuições telefonar para jornalistas elogiando-os e dando conta do apreço de que gozam junto a seu cliente.
- Em certos casos o apreço é tanto que chegam a ser convidados a tomar *drinks* com o cliente.
- Em outros, a volúpia de agradar pode beirar a grosseria.
- Como aconteceu anteontem com um jornalista cuja mulher é pintora. Foi-lhe sugerido pela assessoria que mandasse uns quadros da artista para Gazale que ele apreciaria comprá-los.
- Não faltou sequer a recomendação:
— Pode mandar os mais caros.
- Não é a primeira vez que jornalistas sofrem de Gazale esse tipo de investida. Decididamente, no Brasil de hoje

desfizeram-se por completo os contornos da decência.

A pintora da nota era, evidentemente, Marcia Barrozo do Amaral.

As tentações surgiam sempre, enormes, mas o apreço de Zózimo, como se viu pela colocação irônica da palavra, não tinha preço. Em alguns momentos, ele chegou a andar com carros cedidos por empréstimo por fábricas, porém depois os devolvia, conforme outros jornalistas de prestígio. Era de praxe. Chico Buarque brincou com essa suspeita de corrupção que rondava os colunistas. No início dos anos 1970, ele teve todas as suas pendengas com a Divisão de Censura corajosamente divulgadas pela coluna. Veio a abertura política e a vida mudou, o tipo de nota também. Zózimo publicava agora os avanços financeiros do artista:

- Um acordo e tanto o que Chico Buarque fechou com a PolyGram pra relançar, em compact-disc, os 18 títulos de sua obra.
- Embolsou exatos US\$ 1,2 milhão.

Um dia, irritado com a defesa que o colunista fazia de algum fato considerado por ele de direita, Chico foi até um botequim no Recreio dos Bandeirantes, ao lado do campo de futebol de sua propriedade, onde joga o seu time de pelada, o Polytheama. Comprou duas garrafas do pior vinho Sangue de Boi em estoque e mandou com um bilhete amável, de boas-festas, para o colunista. Terminava com “você é um fofo”. Zózimo recebeu as garrafas, percebeu a crítica por trás do presente e retribuiu, numa nota que anos mais tarde, em depoimento à jornalista Regina Zappa, Chico reconheceu como tendo um toque de fino humor e *fair play*. Zózimo, curto e inteligente, *witty*, escreveu apenas:

- Chico Buarque abriu sua adega e mandou duas preciosidades para a coluna.

“Não sei se seria pretensão eu me definir como liberal, mas, desses rótulos, é o que eu prefiro. Eu não tenho compromisso com ideia alguma.” O liberal Zózimo, preso como subversivo pelos militares e olhado de soslaio pela esquerda por causa das relações com a burguesia *foie gras*, também andou se autorrotulando “politicamente bege”. Quando o Nordeste estava nas Ligas Camponesas, ele fez Ionesco com o Grupo de Orla; quando os jovens da sua idade estavam queimando Paris, ele estava a trabalho nos salões da alta-rodada, reivindicando, no máximo, que seu uísque fosse sem gelo. Na coluna, dava opiniões de todos os matizes. “A coluna não tem uma cor política forte, mas não pode se eximir porque as pessoas procuram uma opinião — além de eu possuí-la”, disse numa entrevista. Um exemplo: “O empresariado brasileiro é, de modo geral, escrotérrimo. Ele é incapaz de ceder um mínimo que seja nas questões que envolvam seus ganhos. É um conjunto de pessoas que se habituou a receber tudo dando pouco em troca. A relação deles tanto com os empregados quanto com o país é de mão única: só querem receber, e nada mais.”

Por causa dessa liberalidade descompromissada não foi exatamente uma surpresa a boa acolhida que deu a Leonel Brizola quando o político de esquerda, cassado pelos militares de 1964, voltou anistiado do exílio, em setembro de 1979. A coluna publicou uma foto da velha raposa gaúcha tirada em Nova York por Candice Bergen, disse como ele estava sendo paparicado por onde aparecesse na noite do Rio e, mais adiante, em 1982, com o lançamento de sua candidatura ao

governo do estado, saiu na frente informando que Caetano Veloso liderava as adesões dos artistas.

Com o anarquismo pulsando desde a juventude, Zózimo encantava-se não tanto com o ideário político esquerdizante de Brizola, feito de arroubos antiamericanos e uma quase humorística campanha baseada no bordão de luta contra as “perdas internacionais” — mas com a sua personalidade extravagante, o palavrório cheio de advérbios de modo, pronunciados com um sotaque *gauchamente* anedótico. Zózimo animava-se com o protesto que Brizola representava diante dos anos de ditadura, com o potencial de novidade que poderia surgir da eleição daquele que até uma década atrás era o inimigo número um da sua classe social. Noticiava com simpatia a movimentação do ex-governador do Rio Grande do Sul em sua luta por uma educação de crianças em tempo integral, inclusão social dos mais pobres e democracia *full time*.

Um dos personagens da trupe de Brizola era o cacique Mário Juruna, da tribo xavante de Mato Grosso. Ele surgiu no noticiário por ter simbolizado, num objeto prosaico, quase cinco séculos de desconfiança dos índios para com o “homem branco”. O cacique falava com autoridades da Fundação Nacional do Índio, a Funai, não mais armado de tacape, e sim de um gravador de fita cassete. “Homem branco” falava, Juruna registrava — ele fez isso com o coronel João Carlos Nobre da Veiga, que no governo Geisel comandava o órgão. Quando o coronel não cumpriu a promessa, Juruna rodou a fita para os jornalistas. Numa época em que o país voltava a respirar democracia, desafiar os milicos era tudo o que a imprensa queria — e o índio virou sensação. As forças primitivas da nação também queriam se manifestar.

A primeira aparição do cacique debaixo da marca de Zózimo foi em 12 de outubro de 1980. A coluna noticiava com

seriedade que ele recebera sinal verde da Funai para participar do Tribunal Bertrand Russell, em Roterdã, contra crimes de guerra. A nota de 4 de novembro de 1980 também não deixava o índio mal. Numa reunião em Brasília, “tomando ímpeto irresistível”, Juruna teria se levantado e produzido o seguinte discurso:

- “Índio no Brasil não pode acabar.
- Índio no Brasil tem que viver.
- Se índio acabar no Brasil, acaba Funai.
- Se Funai acabar, acaba emprego pra general.”
- Juruna sentou-se e foi ovacionado por cinco minutos.

Era uma nota engraçada pela repetição do tatibitate vernacular, porém embutia um aplauso pela lógica indígena diante do quadro nacional. E dar cascudo em general era uma vingança que jornalista branco ainda não estava seguro de poder fazer, apesar da distensão lenta e gradual promovida no governo Figueiredo.

No mês seguinte, em novembro de 1980, Zózimo disse que não seria surpresa para a coluna se o cacique fosse indicado ao Prêmio Nobel da Paz — e esta deve ter sido a primeira piada. A superexposição de Juruna nos jornais e na TV, ao mesmo tempo que o fez ser eleito para um cargo de deputado federal nas eleições de 1982, deixou o índio nu. A passagem de “bom selvagem” para uma figura risível não levou muito tempo. Toda a carga de protesto foi se esvaziando. Virou piada nativa. Zózimo foi o primeiro a perceber. Com o auxílio de Fred Suter, que não gostava de Carnaval, de saci-pererê nem de qualquer coisa com cara de Brasil, os leitores foram servidos de dezenas de notas em que Juruna foi transformado em personagem. Zózimo flagrou, antes do resto da imprensa, que o índio virara

um “homem branco”, com as mesmas mazelas lamentáveis. A primeira nota crítica seria em 22 de novembro de 1980:

- Depois de introduzir o gravador nas conversas com autoridades, aderir ao terno e gravata e jantar nos melhores restaurantes de Brasília, o cacique Mário Juruna incorporou ao seu comportamento o mais característico dos hábitos do homem branco — a paquera.
- Não há secretária de autoridade ou parlamentar em Brasília que consiga passar na frente de Juruna sem receber pelo menos uma piscadela de olhos.
- Com as mais jeitosas, como a secretária de um conhecido deputado de São Paulo, ele chega até a ser mais incisivo.
- Convidou-a a se mudar para a sua aldeia, onde entre todas as suas mulheres seria a principal.
- A primeira-dama da nação Xavante.

Ainda não estava em voga o politicamente correto, e todas as chamadas minorias, os não privilegiados, tinham o mesmo direito que os poderosos de serem ridicularizados (“Ora, bolas, só porque é índio o Juruna está acima do bem e do mal?”, disse Zózimo numa entrevista). Gays, mulheres, ninguém escapava. Numa dessas notas, o pugilista negro Adilson Maguila, campeão brasileiro dos pesos-pesados, levou um direto:

- Diálogo rápido trocado entre o pugilista Adilson Maguila e um fã:
 - E aí, Maguila, é ouro ou prata?
 - É d’água.

Nordestinos também foram atingidos pelo coco do preconceito:

- E o baiano Bobô, hein?
- Com aquela cara, se não fosse jogador de futebol, seria vendedor de pentes na Central do Brasil!

O silvícola adotado pela coluna foi visto saindo de restaurantes sem pagar a conta (“o beijo de Juruna”), vigiado pela Receita Federal (“se não for tratado com rigor, acaba virando lenda: o leão e o índio”), acompanhando “jurunetes” e se esbaldando na noite:

- No primeiro dia da Semana do Índio, Mário Juruna estará na plateia do espetáculo de variedades da boate Fox, em Brasília.
- Como a comunidade dos xavantes é democrática, cada um festeja sua semana como bem entender.

Logo depois de fazer propaganda da Atalaia Jurubeba, o cenário era um avião:

- Melhor propagandista de remédio para o fígado ao vivo do que na TV, Juruna repetiu três vezes o *strogonoff* com vinho *rosé* servido no jantar, abrindo os trabalhos com uma flute de *champã* e arrematando-os com duas latinhas de cerveja.
- Por pouco não paga excesso de peso.

A curtição com o cacique, que a coluna descobriu se chamar Mario Dzuruna Butsé, era implacável e impagável. Em uma nota, Zózimo deu sua opinião sobre o deputado — chamou-o de “demagogo”. A fonte, em *off*, era um filho do ex-ministro da Justiça Carlos Medeiros, do governo Castello Branco. Ele morava no prédio em que o índio tinha seu apartamento

funcional. Em 12 de novembro de 1983 lá estava na coluna o tacape certo de Zózimo:

- Não passou despercebido o *new look* com que o cacique-deputado Juruna tem desfilado em Brasília.
- Seus cabelos passaram por uma tosa, ficaram bem mais curtos, já preparados para enfrentar o verão.
- A um amigo interessado em saber quem era o autor do penteado, Juruna não escondeu: ele próprio.

O título da nota era “Nasce um *coiffeur*”.

Um dia, irritado, com roupas civis, mas o rosto pintado para a guerra, Juruna foi ao *JB*. Seria dos mais sensacionais encontros do arco da sociedade, agora com flecha e tudo. A segurança do jornal barrou. O confronto seria encerrado em novembro de 1986 na nota “Funéreo”. Anunciava a derrota de Juruna na eleição e lembrava a situação do índio na sociedade brasileira: “Juruna volta, assim, à minoridade.”

Em abril de 1984, ao mesmo tempo que ainda trocava flechadas com a nação xavante, Zózimo enfrentou novos rivais — o mulherio. Quem apresentava os litigantes era Sérgio Augusto, repórter da *Folha de S.Paulo*, em matéria de 4 de maio de 1984. O título ribombava — “As mulheres ameaçam levar Zózimo à lona”:

Na véspera do Dia do Trabalho, o mais lido, bem-humorado e elegante cronista daqueles que em geral pouco ou nada trabalham enfrentou mais um *round* de sua luta contra as mulheres que não se preocupam só com futilidade. Para quem perdeu o começo da briga, as identificações necessárias: deste lado do ringue, o colunista social do *Jornal do Brasil* Zózimo Barrozo do Amaral; do outro, como direi?, as Amazonas das eleições pró-Diretas Já.

O motivo da pugna a que se referia Sérgio Augusto foi uma nota com o título “Perplexidade”, em que Zózimo dizia:

- Quem melhor expressou sua surpresa ao ser informado da invasão do Congresso por uma manada de mulheres furibundas foi o ex-presidente Geisel, que, do alto da serra, resumiu seu espanto numa única pergunta:
— Por que é que eles as deixaram entrar?

Ex-colega de *Jornal do Brasil*, Marina Colasanti não gostou dos termos e, como mulher, se disse ofendida. Zózimo já tinha chamado de “grosseria e falta de educação” a performance delas na mesma manifestação em defesa da emenda Dante de Oliveira, que pedia eleições diretas para presidente da República. No dia 30 de abril, Marina publicou na seção dos leitores:

Havia 4 mil mulheres em Brasília, 4 mil mulheres não são uma manada. Eram juristas, psicólogas, viúvas de pessoas assassinadas pela “revolução de 64”, escritoras, jornalistas, profissionais competentes e sérias que haviam se deslocado para Brasília no intuito de acrescentar o seu protesto ao da nação. É provável que o colunista ainda não saiba, mas o mundo mudou.

No outro dia, com a nota “Efeméride”, Zózimo tentava uma maneira elegante de se reposicionar, ou acenar em missão de paz.

- Comemorou-se ontem o Dia Internacional das Mulheres.
- As homenagens desta coluna.

O 30 de abril é o Dia Nacional das Mulheres, sendo o Internacional em 8 de março, mas isso não tinha importância.

Zózimo tentava se levantar de um escorregão e seguir em frente na firme determinação de exercer seu ofício, com os erros e acertos embutidos na operação. Na reportagem, Sérgio Augusto acusava outro golpe do colunista contra elas:

Semanas atrás, Zózimo desferiu um *jab* de direita na atriz Christiane Torloni só porque ela havia espinafrado o modelo econômico do governo Juscelino Kubitschek. Argumento do colunista: a atriz não tem idade para opinar sobre o que só testemunhou em olhos de criança. Argumento da atriz: por esse raciocínio ninguém com menos de 200 anos poderia criticar a Revolução Francesa. Nesse *round*, Zózimo perdeu por pontos.

Ele tropeçaria outras vezes no politicamente correto, o que irritava alguns e alegrava a manhã de outros. Em 30 dezembro de 1988, publicou nota em que uma senhora provocou um grande *frisson* ao chegar para almoçar no Salão Assyrius, anexo ao Teatro Municipal do Rio. Todos pensavam que fosse a nova prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, mas tratava-se de Heloneida Studart, misto de jornalista, feminista e, naquele momento, deputada estadual também. Zózimo concluiu que a semelhança era impressionante, mas fê-lo com a linguagem vulgar que usaria no Antonio's — e como as duas não eram exatamente mulheres bonitas, muitos fizeram uma leitura esteticamente preconceituosa: “Uma está os cornos da outra.”

Leonel Brizola também conheceu o *punch* dessa liberdade de expressão quando foi eleito governador do Rio, em novembro de 1982. Num jantar, em julho, na casa de Bocayuva Cunha, estavam Zózimo, José Antonio do Nascimento Brito, o jornalista Wilson Figueiredo, editorialista do *JB*, e o candidato a vice de Brizola, o antropólogo Darcy Ribeiro. Brizola tomou conta da reunião, afinal era um palco montado para apresentá-

lo ao colunista, que já andava lhe dando notas simpáticas. Contou causos, divertiu a todos com o charme que o general Golbery do Couto e Silva classificara, em entrevista a Elio Gaspari, de “inegável e perigoso carisma”. Segundo o militar, Brizola era o “Duce dos Pampas”.

A coluna, um palanque perseguido por todos os candidatos, foi fundamental na arrancada nas urnas do até então rejeitado caudilho. Num jantar em seu apartamento, na avenida Atlântica, em Copacabana, chegou a haver um início de namoro partidário com Zózimo. O jornalista Roberto D’Ávila, que privava da intimidade da corte do PDT, partido de Brizola, e seria um dos seus deputados mais bem votados, estava com os dois quando Brizola convidou Zózimo para ser candidato ao Congresso. Não era uma ideia extravagante. O colunista estava cansado daquele trabalho e, em plena abertura política, num momento em que o mote era reescrever o país, o cargo ressoava um idealismo romântico. Por que não?, pensou, e chegou a comentar o seu entusiasmo com D’Ávila. Passou uma semana candidato — mas os outros candidatos do partido eram Juruna e o cantor Agnaldo Timóteo. Então preferiu declinar. O seu partido era o dos jornalistas. Eleito Brizola, Zózimo chegou a participar de um comercial de TV, pedindo que os cariocas deixassem seu dinheiro no Banco do Estado do Rio de Janeiro, o Banerj. “Foi uma mancada”, reconheceria depois.

Em poucos meses de atuação do “socialismo moreno” no Rio — expressão usada por Darcy Ribeiro para indicar uma adequação do socialismo aos trópicos —, o que se julgava alazão revelou-se pangaré ultrapassado. Ao assistir ao musical *Vargas*, com texto de Ferreira Gullar e Dias Gomes, Brizola quis que os autores reescrevessem tudo para incluir na trama João Goulart e o PTB, partido do qual Brizola já fora um dos expoentes. Zózimo, em 1º de janeiro de 1984, debochou:

- Sobre a inapetência do governo Brizola corre no Rio uma fábula, repetida de boca em boca. Conta a história de uma tartaruga, ganha de presente pelo governador, que conseguiu fugir dos jardins do Palácio Guanabara.

Em 8 de agosto de 1986:

- Do governador Leonel Brizola no *Canal livre* de quarta-feira, na TV Bandeirantes, definindo sua política e a de sua gente: “Somos como ervas daninhas, o fogo passa e a gente fica mais forte.” Acertou em gênero, número e grau, principalmente na primeira parte. O pobre, bom e sofrido povo carioca que o diga.

Brizola revidou. Declarou que “coluna social é a lata de lixo do jornalismo”. Aos domingos, em espaço comprado no *Globo*, publicava a coluna *Esclarecimento à População*, também chamada de “tijoloço”. Em 21 de outubro de 1984, escreveu:

(...) como sabem os leitores, entre as tantas coisas que se passam entre Rio e São Paulo, estão os furibundos editoriais dos srs. Nascimento Brito e Mesquita Neto contra o meu governo, sem nos referirmos aos seus escribas de encomenda, todos procurando inutilmente incompatibilizar-nos com a opinião pública.

Brizola escrevia os tijoloços do próprio punho. As palavras, preferencialmente com mais de três sílabas, como era do gosto para os discursos, não surgiriam da pena de um redator profissional.

Um dos “escribas de encomenda” que ele cita seria Zózimo. Numa nota da semana anterior, o colunista informara que Brizola estava tendo o salário aumentado, e que de 2,5 milhões de cruzeiros passaria a embolsar 8,5 milhões, incluída aí a

verba de representação. Zózimo finalizou com o breque: “Se o governador já representava bem, agora então vai representar muito melhor.”

A resposta de Brizola no tijoloço não tinha tanto humor, mas procurava pegar o colunista também pelo bolso:

O “Gozmo”, como diz o deputado Juruna, intensifica suas alfinetadas e fofocas, pretendendo ridicularizar-nos. A mim, ao prefeito, ao nosso governo em geral. Suas notas têm, invariavelmente, este propósito. Nada conseguirá com seus cafunés ao chefe. O Zózimo não perdoa o meu governo pelo fato de o termos convocado para trabalhar. Há anos era funcionário-fantasma do estado. Isto explica a oposição sistemática do referido colunista social.

Zózimo corrigiu que ainda fosse funcionário público, cargo que ganhara na década de 1960, do amigo Álvaro Americano, e do qual já se demitira. O título da nota era “Mentira e empulhação”:

- Além de molecagens e vulgaridades, o governador Leonel Brizola utiliza agora as colunas que publica como matéria paga nos jornais para contar mentiras. É falsa a nota sobre este colunista publicada em sua última matéria paga.
- Antigo funcionário do estado, este colunista já não o era mais quando o sr. Brizola tomou posse em 15 de março de 1983. Não poderia, portanto, como afirmou, tê-lo convocado para trabalhar.
- Até porque, se o conhecesse um pouco melhor, saberia que há um tipo de gente com quem ele jamais trabalharia, entre várias outras coisas porque não sabe e não gosta de trabalhar.

O duelo entre os dois se desenrolaria por muitas notas, sem que Zózimo deixasse de anunciar com imparcialidade assuntos em que o governador aparecesse, fosse citado ou mesmo tivesse o papel de protagonista. Não lhe era do feitio ficar ronronando o rancor. Encontrou-se socialmente com ele outras vezes, cumprimentaram-se e cada qual foi para o seu lado. Numa entrevista à revista *Veja*, responsabilizou o político gaúcho pelo agravamento dos problemas do Rio: “Com Brizola, o Rio sofreu o governo de pessoas que não gostavam da cidade, que a usavam como trampolim. Eu posso falar de cadeira, porque votei no Brizola, fui simpático ao discurso dele, mas em seis meses estava totalmente decepcionado. Mas não o considero um inimigo. Faço críticas a ele como governante, como pessoa é de convívio afável.”

Era um país altamente politizado aquele dos anos 1980 e Zózimo, sem partidizar, sem se deixar trancafiar em rótulos, ia fazendo suas escolhas, mesmo que, como no caso de Brizola, tivesse que reconsiderá-las. Com a candidatura de Paulo Maluf no Colégio Eleitoral que apontaria o primeiro governo civil depois da ocupação do poder pelos militares, não teve dúvida: pau puro o tempo todo, e olhe que Nascimento Brito simpatizara pela candidatura. Em 25 de outubro de 1984:

- Já há quem tenha identificado a diferença fundamental entre os possíveis governos Tancredo Neves e Paulo Maluf.
- Um seria o da transição.
- Outro, o da transação.

E em 30 de outubro de 1984:

- Da relatividade das coisas:
- Paulo Maluf, com 53 anos, personifica o Brasil velho.
- Tancredo Neves, com 74 anos, o Brasil novo.

Em alguns momentos daquele período, confirmando a impressão que Josa tinha dele (“politicamente é um anarquista”), atirava em quem se mexesse nas hostes governamentais. Em agosto de 1985, o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, teve o nome envolvido num contrabando internacional de pedras preciosas quando o americano Mark Lewis, preso no aeroporto de Miami com um carregamento delas, citou um cliente do escritório de advocacia do ex-ministro. A participação do político jamais foi comprovada. Enquanto isso, Zózimo fez a sua parte e destampou uma mina de notas:

- Quem tem acompanhado pela televisão a evolução do *affair* do contrabando das pedras preciosas está tendo a oportunidade de constatar que o ministro Abi-Ackel não se deixou até agora acuar pelas acusações de que vem sendo vítima nem tropeçou diante de nenhuma pergunta dos repórteres.
- Suas respostas têm sido brilhantes.
- Não convidem para a mesma mesa o ex-ministro Abi-Ackel e o cantor Roberto Carlos.
- Sumiu o diamante cor-de-rosa.
- Há quem jure ter visto o ex-ministro Abi-Ackel entrar ontem à tarde no Cine Joia, em Belo Horizonte, para deliciar-se com um filme de bang-bang.
- Estrelado por Giuliano Gemma.
- Consta que Abi-Ackel tem telefonado insistentemente de Belo Horizonte nos últimos dias para o vice-presidente da Motion Pictures Association, no Rio.
- Não se chamasse ele Harry Stone.

- Parece que tem algum assunto a discutir sobre a Screen Gems.
- Não é nada bom, segundo seus amigos mais próximos, o estado de espírito do ex-ministro Ibrahim Abi-Ackel.
- Ele está se sentindo muito solitário.
- Consta que há pelo menos três municípios mineiros interessados em ter o ex-ministro Abi-Ackel como prefeito a partir de novembro:
 - Pedra Azul, Diamantina e Esmeraldas.
- Todo mundo pode ter em sua vida uma pedra no caminho.
- O ex-ministro Abi-Ackel tem várias.
- Um amigo cruzou na rua com o ex-ministro Abi-Ackel e o foi logo saudando:
 - Como vai ministro, tudo bem?
 - E ele:
 - Tudo joia.
- Abi-Ackel tem passado os dias fechado em casa ouvindo música — “Ruby”, com Ray Charles, e todo o repertório nostálgico de Neil Diamond.

Mais adiante, embarcaria na campanha de Collor, personagem da sociedade desde que se casara, nos anos 1970, com Lilibeth Monteiro de Carvalho. Os jornalistas Sérgio Augusto e sua mulher, Maria Lucia Rangel, ouviram do colunista que um dos motivos para a adesão era o fato de ele ser rico e que por isso estaria longe de um dos grandes males dos políticos — “Collor não roubará”, garantia Zózimo. Por

Lula, nenhuma empolgação (“não tenho a menor boa vontade, é uma pessoa nociva para o Brasil”).

Em 29 de maio de 1991, pouco mais de um ano depois de ter assumido a Presidência e um ano antes de ser retirado dela pelo *impeachment*, Collor colocou no peito de Zózimo, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, a Ordem de Rio Branco, no grau de oficial, a mais alta condecoração do Ministério das Relações Exteriores. O liberal “bege” Zózimo ia fazendo suas apostas, ao sabor das intuições. Seus votos em Collor mais uma vez revelavam má sorte. Começado o governo, cobriu-o com notas de bastidores, em geral simpáticas. No máximo, divertiu-se com um dos mais ridículos acontecimentos da República brasileira, seja a Nova ou a Velha. Ele foi o primeiro a publicar que dois ministros de Collor, mal fechado o primeiro semestre de trabalho, alheios ao fracasso que já se podia observar da gestão do “Caçador de Marajás”, estavam tendo um romance à moda antiga. O jornalista Augusto Nunes, no *Estado de S. Paulo*, já havia insinuado o relacionamento, pois estivera na festa em que os enamorados deram a bandeira de dançar enlevados o bolero “Besame mucho”. Foi Zózimo, ajudado por informações de Nunes, quem continuou o baile em uma dezena de notas. Sempre que dava esse tipo de informação, sobre novos pares, lançava mão do refrão “o amor é lindo”; agora, preferia o texto cifrado. Afinal, havia um problema: o namorado, ministro da Justiça, Bernardo Cabral, era casado. A namorada era a ministra, solteira, da Economia, Zélia Cardoso de Mello — aquela cuja calcinha Nascimento Brito tinha visto antes de ela assumir o governo e imediatamente cantara a pedra: não ia dar certo. A primeira nota de Zózimo saiu em 23 de maio de 1990:

- Desde o início do governo nunca foi tão harmonioso o relacionamento dos ministérios da Justiça e da Economia.

Os ares primaveris de Nova York ajudaram a desanuviar o ambiente entre seus titulares, Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Mello, e tornar mais estreitas as relações entre os dois principais pilares do governo Collor.

Uma semana depois, voltava ao assunto dizendo que a ministra recebia nos últimos dias braçadas e mais braçadas de rosas brancas.

- Ela não é a única titular de cargo do primeiro escalão a acreditar nos poderes das flores brancas.
- O ministro Bernardo Cabral partilha igualmente dessa crença.
- Vez por outra seu gabinete também ostenta um vaso com rosas brancas.

Era como uma novela que o Brasil acompanhava pela coluna, capítulo por capítulo, riso a riso. Apareceu até um “gavião” querendo roubar a noiva, conforme relatou em 29 de junho a nota “Injustiça”.

- Segundo o próprio jornalista Florestan Fernandes, da TV Manchete, insinua aos amigos mais íntimos, mas nem por isso menos inconfidentes, seria ele o alvo da paixão secreta da ministra Zélia Cardoso de Mello.
- Não é.

Em seu programa de entrevistas, Jô Soares desafiou o escritor Paulo Coelho a usar de seus superpoderes e revelar o nome da paixão secreta da ministra. Coelho disse as iniciais, BC, e avançou na risadaria nacional, garantindo que “não é Banco Central”. Zózimo gargalhava. Reproduzia no jornal o diálogo de Jô com Coelho — ou qualquer outro suspiro da

chanchada romântica em plena alcova federal. O assunto era seu. Dizia que o anúncio do romance no *New York Times* ganhara mais espaço do que a negociação da dívida externa — e seguia em frente, como no dramático capítulo de 16 de outubro de 1990:

- A ministra Zélia Cardoso de Mello teve a reação mais humana do mundo ao saber consumada a demissão do ex-ministro Bernardo Cabral.
- Chorou.

As notas só cessariam um ano depois. Em 27 de junho de 1991, Zózimo anunciava o fim próximo da novela com a nota “Desencanto”:

- O ex-ministro Bernardo Cabral voltou a despachar exclusivamente na matriz.
- Fechou a filial.
- Desencantou-se com o balanço.

Três dias depois, o *The end* com a felicidade de todos os casais formados. Eram duas notas, uma em cima da outra. “Novo par” dizia:

- Tem novo dono o coração da ex-ministra Zélia Cardoso.
- O jornalista, compositor e produtor Nelsinho Motta.

E em “Cifrado”:

- De Paris, o ex-ministro Bernardo Cabral mandou a um íntimo interlocutor um recado enigmático:
— Volto ao Brasil no dia 7 para ficar com a nº 1. E não se fala mais nisso.

A longa agonia de Collor, da denúncia dos malfeitos junto com PC Farias ao *impeachment*, foi acompanhada pela coluna sem piadas. “Ganhou com meu voto. Fazer o quê? Paciência!”, resignou-se em 1993, em entrevista ao repórter Aydano André Motta, da revista *Caras*.

De volta à política municipal, as opções corriam cheias de surpresa. O moderno Fernando Gabeira, ex-colega da Pesquisa do *JB*, candidato ao governo do estado do Rio em 1986, apontado como grande novidade da política carioca, defensor da livre manifestação sexual e das práticas alternativas, não merecia apoio. “É um candidato com paletó cortado de tecido de estofado”, disse Zózimo em uma entrevista naquele ano. “Eu acho o Gabeira engraçado, mas ser só engraçado não é requisito para político. O programa do Gabeira é uma maluquice. Tá certo, vamos batalhar pela ecologia, mas, pelo amor de Deus, tem muita coisa antes para se cuidar.”

Era diferente sua opinião sobre outro candidato a prefeito do Rio no ano anterior, o deputado Alvaro Valle, considerado conservador: “Ele é um liberal no sentido exato da palavra. Daria um puta prefeito, um puta governador. É um puta cara. Sério. Tem *background*. É um sujeito com opiniões definidas, não faz cambalacho, é um cara por quem tenho amizade. A cidade precisa mais do Alvaro Valle do que do Gabeira.”

Para a eleição de 1986 ao governo do estado, Zózimo apoiou Wellington Moreira Franco (não por ele, mas porque era o anti-Brizola), que acabou vencedor (todas as suas apostas eram consagradas nas urnas). A coluna publicada no dia seguinte à posse deveria ter sido assinada por Zózimo, Augusto Nunes, Paulo Marinho e Ricardo Boechat, pois os quatro saíram da festa no Palácio Guanabara e foram para a redação fechar a oito mãos a página. Era março de 1987 e Boechat deixara a *Coluna de Carlos Swann* para ser secretário de Comunicação

de Moreira Franco. Uma das notas, com o título “Das Arábias”, focalizava o próprio Boechat:

- No início da cerimônia de transmissão do cargo ontem, no Palácio Guanabara, só era permitido o acesso aos secretários e suas mulheres.
- Quando o secretário de Comunicação Social, Ricardo Boechat, que acompanhava a atriz Maitê Proença e a jornalista Belisa Ribeiro, quis entrar, o segurança lhe perguntou quem era a primeira:
 - É minha mulher, disse Boechat.
- Belisa, que vinha atrás, seguiu os dois, e o segurança voltou a perguntar:
 - E essa, quem é?
 - É minha mulher, também. É que eu sou árabe.

E foram em frente, que atrás vinha muita gente.

A coluna que os quatro fizeram na redação, retratando o ambiente de festa, estava uma pândega. Tirou-se um sarro do psicanalista Eduardo Mascarenhas, ex-colega de Zózimo no Santo Inácio e vítima de brincadeiras por causa do terno de lã preta que usava durante o calor infernal da posse (“deve estar precisando fazer análise”). Na coluna daquele dia tratou-se também da eleição que mais mobilizava o anarquista Zózimo — a de Rainha do Baile das Panteras de 1987.

O Carnaval tinha acontecido dias antes e mais uma vez o colunista havia integrado o grupo de jurados, sempre presidido pelo dono da festa, o empresário Ricardo Amaral. Quatro anos atrás, na primeira eleição direta para governador durante o regime militar, o *JB* denunciara um cambalacho para prejudicar Brizola na contagem de votos. Fora o escândalo da Proconsult. Na eleição anual da Rainha do Baile das Panteras a marmelada era instituição patrimonial típica da festa. No

primeiro concurso, a vencedora teria sido uma tal de Maira, mas, por imposição do olho sagaz da colunista Hildegard Angel, do *Globo*, quem acabou levando foi a gaúcha Xuxa Meneghel. Zózimo, no júri, ficaria para sempre amigo da manequim e futura apresentadora de TV.

Naquele ano de 1987, quem por debaixo dos panos mexeu os pauzinhos para eleger a atriz Débora Duarte foi Zózimo — e era ela quem estava, de biquininho e bracinhos levantadinhos, na foto que ilustrou a coluna comemorativa da posse de Moreira Franco (vencedor de uma eleição honesta, diga-se). Na nota, redigida na gandaia com os amigos, todos partidários do novo governador, o decisivo cabo eleitoral de Débora informava que a moça havia passado o fim de semana posando para a *Playboy*. Desnudara-se em pontos de ônibus de Ipanema e até diante de um soldado da Aeronáutica que guardava o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo. “A moça estava endiabrada”, finalizou Zózimo.

“E eu vou na televisão pra ficar gaguejando na frente dos outros?”, questionou Zózimo para Leleco Barbosa, diretor da TV Educativa. “Me tira dessa!” O convite era para dar uma entrevista ao *Deles & Delas*, criado por Leleco (filho do Chacrinha) e apresentado por Ana Maria Nascimento e Silva. José Alberto Gueiros, da sociedade carioca e diretor do programa, ouviu as mesmas tentativas de escape por parte de Zózimo. Foi rápido em puxar o gatilho do convencimento: “E se eu colocar a Vera Zimmermann entre as entrevistadoras?” “Aí são outros quinhentos!”, respondeu o colunista.

Desde meados da década de 1980, Vera trabalhava como atriz, numa carreira discreta que não saiu desse patamar nem quando foi homenageada por Caetano Veloso na música “Vera Gata”, a história com todas as letras (“Éramos fogo puro/ (...) Mas ninguém mais quente do que nós/ (...) Tivemos tudo, não faltou nada”) de um jogo rápido entre os dois. Dias antes do convite de Gueiros, Zózimo dera uma nota sobre a peça *As mil e uma noites*. O espetáculo levava um público inédito de marmanjos ao Teatro de Arena, em Copacabana, a maioria com o intuito de ver a louraça Vera — “e depois sonhar”, conforme ele disse. Tudo naquela “conversa de macho” que a coluna gostava de assumir como se estivesse numa mesa de bar. Se tinha a “Vera Gata”, Zózimo topava gaguejar na frente de quem quer que fosse. As entrevistadoras do programa, além da atriz, eram a jornalista Regina Martelli, a *socialite* Patrícia Leal e a *promoter* Marilena Cury, uma senhora de modelo *plus size* que entrou para os quadros da TV Educativa depois de assessorar o então presidente Collor. Zózimo, naquele final de

1991, ainda apoiava o presidente e o citava como exemplo de homem elegante.

Zózimo não era bom personagem de TV. Ibrahim Sued tinha transformado a má dicção, o mau português e os maus bofes numa marca — e virara estrela também naquele formato. Quando o humorista Agildo Ribeiro passou a imitá-lo, o “Turco” ficou aborrecido, até ser convencido por Ricardo Amaral de que ele, Ibrahim, realçando cada vez mais os erros e trejeitos, é quem estava copiando o humorista. Zózimo, além de gaguejar, era tímido. Ruborizava-se à toa. Capaz de textos sagazes no jornal, falando na TV ficava irreconhecível. Não conseguia fazer desses percalços um tipo. Parecia próximo do pânico. As frases saíam cortadas por cacoetes de linguagem como o “quer dizer”, que servia de reticências, apoio para rebobinar a ideia e tentar outra melhor. Ao longo de uma hora no *Deles & Delas*, aplicou a expressão sessenta e sete vezes. “Eu tenho horror a festa, a sair de casa, quer dizer, tenho apreço pela vida ao ar livre, o exercício físico. Não gosto de boate, não gosto de muita gente, quer dizer, eu sou mais ou menos tudo que as pessoas pensam que eu não seja. Sou basicamente, quer dizer, afora isso, um repórter.”

Já Vera Zimmermann estava mais “Vera Gata” do que nunca. Sabia ser a responsável pelo programa e usou seus poderes já na primeira pergunta: “Ouvi falar que você anda sonhando comigo. Fiquei curiosa.” “Sonhei com você? Eu e a torcida do Flamengo”, riu Zózimo. “Mas que sonhos são esses?”, insistiu Vera, songamonga poderosa. “É, é”, tentou engatar Zózimo, misturando gagueira, timidez e fluido de sedução. “Sonhos puros. Nada que se pareça com os do Porfírio”, respondeu, referindo-se ao mordomo interpretado por Guilherme Karan na novela *Meu bem, meu mal*, transmitida pela Rede Globo até maio daquele ano (obcecado pela personagem de Vera, a Divina Magda, Karan vivia clima

de morde e assopra, beijando o pé da moça numa cena e sendo chutado por ela em seguida — eram os códigos possíveis na época para identificar um casal sadomasoquista). Aí foi a vez de Vera cruzar as pernas, levantar um dedinho da mão direita e dizer como se advertisse o menino saliente na sala de aula: “Ah, bom!”

Quando Zózimo explicou no programa que gostava de ficar em casa vendo TV, a amiga Marilena Cury sentiu-se liberada para expressar seus sonhos — não com Vera, mas com o colunista: “Você, um homem sedutor, se acha bonito no espelho?” Zózimo respondeu que não e tentou mudar de assunto. A também amiga Regina Martelli contra-atacou (“esse ar meio tímido te deixa ainda mais sedutor”) e quis saber se ele recebia cantadas. Zózimo: “Quando você está ocupando uma função como a minha, nunca sabe ao certo se a paquera é sobre sua pessoa física, o homem, ou sobre o colunista da página 3 do *Jornal do Brasil*.” Marilena insistiu: “Mas quando você está andando em Paris e uma mulher está te olhando, aí é outro papo porque ninguém te conhece.” “Em Paris”, devolveu Zózimo, no humor típico dos tímidos, “eu acho que ninguém me olha, não.”

Zózimo não conseguia completar as frases, interrompia e voltava ao pensamento inicial, como se estivesse reescrevendo um texto em público, procurando melhores verbos que nem sempre vinham. As entrevistadoras, amadoras na função, davam mostras de nervosismo com o acanhamento da estrela. Queriam saber o que Zózimo lia, o que via no teatro, a ópera que ouvia, e ficavam sem jeito quando ele reduzia o volume do homem culto formado na cabeça delas a partir da leitura da coluna. Ele repetia que, além de ter curtido a Divina Magda, agora acompanhava a *Escolinha do Professor Raimundo*, programa do humorista Chico Anysio, na Rede Globo.

Só uma vez conseguiu narrar uma história completa. Paralisado com o ridículo de se vangloriar de feitos, brilhou quando lhe perguntaram pela maior gafe. “Eu estava visitando uma fábrica na Suécia e no voo de volta para Estocolmo embarcou a rainha Silvia. Como eu havia estado com ela numa festa no Largo do Boticário, na casa do Gustavo Magalhães, resolvi, olha que maluquice, falar com ela. ‘Nós nos encontramos, você não se lembra?, no Largo do Boticário...’ Quando ela respondeu ‘ah, o senhor estava naquele jantar...’. Quer dizer, quando ela chamou aquela festa engraçada de jantar, eu me manquei. Tinha chamado a rainha da Suécia de ‘você’, como se fosse uma íntima. Conteí essa história na coluna para mostrar como os brasileiros são distraídos e às vezes mal-educados. Como a coluna não é na primeira pessoa, não entreguei ser eu o brasileiro da gafe.”

De vez em quando a frase vinha curta e clara, como nos bons momentos da coluna, e Zózimo respirava. “Eu não seria capaz de trair minha mãe para dar uma boa notícia”, respondeu sobre a escolha entre manter as relações ou publicar um furo. Sobre o assédio, declarou: “Gosto de ir para o Hotel Méditerranée, em Mangaratiba, porque tem uma penca de argentinos lá e eles não têm ideia de quem eu seja. Ninguém me aporrinha.” Sobre a busca por um espaço na coluna: “O Andy Warhol disse que a celebridade dura quinze minutos. No Rio, dura quinze segundos.” Sobre o eterno *potin*, em moda na época, da República fracassada: “Se for instalada a monarquia no Brasil haverá mais bobos da corte do que monarcas. Não vai haver guizos para todo mundo.”

Regina Martelli quis saber sobre o assédio do novo-rico querendo ascensão social por meio da coluna. Como Zózimo poderia orientar o personagem para que deixasse de lado o mau gosto do novo-riquismo? “Acho difícil, Regina. Nunca vi um *nouveau riche* deixar de ser *nouveau riche*. Não há manual

que dê jeito. O *nouveau riche* continua sendo *nouveau riche* até quando fica sem dinheiro. É um estado de espírito”, disparou, como se finalizasse uma boa nota.

Foram raras as suas aparições na TV. *Dia D*, que estreou em 1985 na Bandeirantes, foi sua experiência mais prolongada. O programa aproveitava-se da abertura democrática da Nova República, com José Sarney na Presidência. Pela primeira vez, alguns dos mais importantes nomes da imprensa escrita apareciam na telinha com quadros fixos. Eram jornalistas como Augusto Nunes, William Waack, Marcos Sá Corrêa, Ricardo Boechat e — é ela quem vai abrir o nosso programa de hoje — Míriam Leitão.

Na edição de 17 de abril de 1985, numa reportagem sobre a velha lenda de que no Rio se trabalha pouco por causa dos apelos da natureza, a futura estrela do jornalismo econômico dizia que não é bem assim. A câmera mostrava uma mulher de biquíni que saía correndo do mar e — de início não dá para identificar seu rosto, apenas a beleza do porte — vinha na direção de um braço que cruzava a tela segurando o microfone. O braço do contrarregra era detalhe meio tosco, afinal não se pode ter tudo perfeito num programa de formato alternativo, simples, embora patrocinado por Caixa Econômica Federal, Petrobras e Vale do Rio Doce. O braço segurava o microfone para a mulher que vinha do mar, a repórter. Na cena anterior, ela estava no estúdio, de *tailleur*, entrevistando o cariocólogo Sérgio Cabral, pai. Ela agora vestia biquíni de proporções diminutas, como era moda na época, e o crédito que aparece não deixa dúvida. É Míriam Leitão num momento Musa da Economia. Míriam sai do mar ofegante, cabelos molhados, gotículas salpicando a pele bronzeada. O corpo, ela sabe disso, e não à toa se coloca como ilustração, é sensacional. Pega o microfone e diz, encerrando a matéria: “Eu já trabalhei muito hoje fazendo essa reportagem. E de tarde eu tenho mais

trabalho. Mas antes eu resolvi dar um mergulhinho. Essa é a vantagem do Rio de Janeiro: a gente pode misturar trabalho e prazer.”

Zózimo jamais chegaria a tanta descontração. Tinha topado aparecer no *Dia D* sem maiores insistências. Paulo Marinho, o dono da ideia, o amigo que depois de se separar da bela Odile mantinha a inveja alheia casado com a belíssima atriz Maitê Proença, dera-lhe sociedade na produtora criada para realizar o programa. Era uma tentativa de pingar um extra no caixa de Zózimo, atormentado por constante crise financeira. A jornalista Belisa Ribeiro, a mais conhecida no vídeo, ex-apresentadora da TV Globo, brilhava de âncora. No ar, diante das câmeras, Zózimo lia as notas apostando no charme da timidez. Contracenava com Belisa. Havia um clima de sedução, troca de risinhos e olhares malandros. Ao final de uma nota em que a atriz Fernanda Montenegro recusava ser ministra da Cultura e Sarney dizia procurar uma mulher de TV para o cargo, Zózimo fazia graça: “Fica a sugestão do nome de Belisa Ribeiro para o cargo, pois, como se vê, o que não lhe faltam são atributos.” O áudio dessas notas, apesar da simplicidade da gravação, era refeito várias vezes. Em certos dias, segundo Paulo Marinho, “o Zózimo engrenava numa gagueira e a coisa não saía”.

A produção era acanhada, com a luz estourando na testa, e o rosto do colunista, mal maquiado, brilhava de suor, deixando enorme uma espinha entre as sobrancelhas. Ele também fazia entrevistas. Um dos convidados foi Ricardo Amaral. O artificialismo de estarem sentados lado a lado, em cadeiras voltadas para a única câmera disponível no estúdio, numa conversa em que o olho no olho ficava impossível, não contribuiu para que, ainda dessa vez, Zózimo vestisse o biquíni da descontração.

Ele apresentou Ricardo como o novo conselheiro do vetusto Paço Imperial, na praça XV do Rio. “Será uma espécie de Beaubourg [Centro Georges Pompidou], serão aproveitadas ideias vistas na reforma do porto de Nova York etc.” Não faltava futuro internacional ao Paço Imperial, mas nada foi adiante, na prática. Os dois amigos foram de uma ponta à outra do fabuloso leque de assuntos do mundo carioca de diversões e terminaram com comentários sobre o Baile das Panteras (“responsável pelo maior índice de divórcio na noite do Rio”), evento de responsabilidade do empresário. Alta e baixa cultura sem mudar de entrevistado — era Rio em estado bruto, nas vozes de duas de suas melhores personalidades. Ricardo anunciou a presença do pintor colombiano Fernando Botero no baile do ano seguinte (ele jamais viria ao Rio) e, nas despedidas, pediu para fazer uma pergunta. “Qual é a pessoa mais fofqueira depois de você?” Zózimo, como se agradecesse as muitas notas que o entrevistado lhe passava diariamente, devolveu, simpático: “Você, Ricardo Amaral.” Os dois caíram na gargalhada com a piada *privé*. E fechou-se o pano.

Logo em seguida, em meados de 1986, Zózimo aproveitou uma temporada em Paris para mandar matérias para o programa. Ficou na cidade por dois meses, boa parte deles com Marcia. Carregava várias pautas não jornalísticas a serem resolvidas, na tentativa de parar um pouco a locomotiva social, colocar ordem nos vagões e repensar a vida com essa mania invencível que ela tem de acumular problemas. A operação de recolher notinhas, rotina de vinte e três anos, pesava. Por mais que a qualidade do produto final estivesse se mantendo e a *Veja* acabasse de lhe fazer uma proposta sensacional, logo recusada com o repetido argumento da fidelidade ao *JB*, ele se sentia incapaz de inventar atrativos para a rotina de ir ao telefone e ouvir gente, a fim de pinçar informações em meio a conversas enormes. Boy acabara de morrer, em 1985, aos

oitenta e dois anos, vítima de um pacote de intercorrências a partir de um enfisema.

“Aí vão os meus sentimentos de solidariedade com você. Não preciso dizer que conheci seu pai e sempre apreciei o seu fino espírito. Estou inteiramente às suas ordens, um abraço”, enviou-lhe em bilhete o amigo e diretor do jornal Nascimento Brito, que ofereceu anúncios de graça para divulgar sepultamento, missa do sétimo dia e afins. No obituário publicado no dia 8 de agosto, Boy é “ex-banqueiro, advogado aposentado, diretor financeiro do Jockey Club e diretor social do Automóvel Clube do Brasil”.

Zózimo sofreu, e a ida a Paris incluía também o culto desse luto. Homem organizado, Boy deixara pronto o testamento para os dois filhos (“Estou fazendo feito o rei Lear, dividindo a riqueza em vida”, brincara). Eles sabiam da existência de um lote de ações do Banco do Brasil que Boy, por sua vez, tinha herdado do pai e — *bon- vivant*, mas jamais perdulário — deixara praticamente intacto. Zózimo e Izabel só não sabiam que, em moeda de 1985, as ações valiam algo em torno de 2 milhões de dólares para serem divididos entre eles. Zózimo comprou um apartamento em Paris, na rue du Dôme.

A temporada, longe do estresse carioca, serviria como mais uma tentativa para ele e Marcia colocarem a vida nos rumos desenhados pela bela história de amor iniciada no Colégio Andrews, vinte e cinco anos antes. As embicadas dele no alcoolismo faziam com que desaparecesse de casa e do trabalho por vários dias. Estaria no Hospital Miguel Couto? Inconsciente depois de um desastre de carro? Essas incertezas ajudavam a desgastar sentimentalmente sua vida com Marcia.

Paris desviaria o colunista do roteiro de festas regadas a champanhe e uísque, o *carnet* obrigatório para o preenchimento da página. O alcoolismo, doença diagnosticada no tio Geraldo, o Dodô, e que também rondara Boy, escalava

Zózimo como o próximo da lista. Um enfisema provocado pelo cigarro já lhe estava diagnosticado. Não era pouca pauta para resolver longe do Rio. Em Paris, encontrou o grande amigo Antonio Gallotti, maltratado por um câncer que lhe tiraria a vida no fim do ano. Zózimo, no obituário, faria um relato emocionante do encontro:

- Em Paris, em maio, já doente, comentou com um amigo jornalista sua satisfação pela compra de algumas caixas de um excelente vinho.
- Apenas por ser de safra recente, o vinho só ganharia maturidade para poder ser bebido em todo o seu esplendor em dez anos.
— Só vou poder bebê-lo daqui a dez anos, o que significa que nunca vou bebê-lo.
- Gallotti não comprara o vinho em proveito próprio, mas apenas porque era excepcional e para ele tudo que era excepcional valia a pena.
- Certamente dali a dez anos, alguém, de preferência um amigo querido, poderia sorvê-lo, sabendo apreciar sua excelente qualidade. Gallotti era assim.

Uma das caixas de vinho ficaria com Zózimo, “o amigo querido”, que a guardou para beber ao fim de dez anos. Será que chegaria lá?

O charme de Paris tinha a tarefa de colocar Zózimo nos eixos. Estava na cidade o amigo Renato Machado, e como era Copa do Mundo, viam juntos os jogos pela TV. Foram dois meses de altos e baixos. Uma noite, o colega do Santo Inácio, do Andrews e da PUC Joaquim Vaz de Carvalho viu Zózimo perto da Brasserie Lipp. Caminhava cabisbaixo. Parecia às voltas com problemas. Joaquim achou melhor não interrompê-lo.

Nesse exílio desintoxicador, um *spa* existencial, Zózimo mandava notas para Fred Suter e ocupava-se com *Dia D*. Entrevistou o diretor Hector Babenco, que acabara de apresentar *O beijo da Mulher-Aranha* no Festival de Cannes. Conversaram numa mesa na calçada do Les Deux Magots, com duas taças de vinho em primeiro plano e muitas baforadas do politicamente incorreto ainda em voga. Babenco atracava-se com tragadas num charuto, Zózimo suspirava com as fumaças que tirava de cigarros Gitanes (fumou dois nos cinco minutos da entrevista). Babenco anunciava que filmaria *Galvez, imperador do Acre*, o que jamais fez.

De toda a produção de Zózimo para a TV, seu momento especial, com a assinatura que na imprensa o tornou reconhecível, com frases estilosas e bem sacadas, foi na abertura para uma matéria na Maison Moët & Chandon. O champanhe, com suas borbulhas ora festivas, ora cheias de problemas, estava presente, e dessa vez em dose bem equilibrada. Diante do prédio da empresa, ele vestia um sobretudo impecável, mas ainda sem o cachecol que guardaria para a cena das *caves*. De ar falsamente grave, deixando escapular um sorriso maroto, apontou para a escultura do monge Dom Pérignon numa das portarias da Maison: “Estamos aqui sob as vistas de Dom Pérignon, que inventou o champanhe há mais de trezentos anos e de quem não se sabe por que até hoje não foi canonizado.” A TV não mostrou, mas em seguida Zózimo abraçou-se à escultura do monge. Beijou-a, reverente. O humor, no jornal ou nessas aparições televisivas, estava sempre no foco. Era-lhe da índole. No teatro, com a encenação estapafúrdia do Grupo de Orla, também. No cinema não seria diferente.

O português do botequim da praça Mauá do Rio já tinha visto de tudo naquele cenário de malandros, putas e marinheiros, mas lá estavam à sua frente, em 7 de setembro de

1985, cinco homens vestidos de militares americanos. Só usavam o inglês para pedir cerveja. No resto do tempo conversavam em português. Gargalhavam. Alguns, ligeiramente barrigudos, não tinham o *physique du rôle* necessário para integrar uma corporação militar — mas quem é que perde tempo com essas estranhezas no cais do porto? O portuga foi colocando na mesa as cervejas, mais de uma dúzia delas.

O gaiato pelotão de oficiais americanos era formado pelo psicanalista Hélio Pellegrino e os jornalistas Alfredo Sirkis, Fausto Wolff, Alan Riding e Zózimo. Estavam vindo de um quarteirão adiante, um galpão abandonado cedido para as filmagens de *Tanga — Deu no New York Times?*, a primeira e última aventura do cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, como diretor de cinema. O grupo participava do filme no papel de um comando militar americano. Tinha ido parar no boteco porque o diretor, a pretexto de botar ordem no *set*, proibira a circulação de bebida durante as filmagens. “Eu não sou lavanderia para trabalhar a seco!”, teria gritado Fausto Wolff no estúdio, liderando a revolta. Rebeldes com uma causa, todos marcharam rumo ao botequim democrático.

A cena podia estar no filme — uma alegoria amalucada sobre as ditaduras do Terceiro Mundo, passada na miserável e fictícia ilha caribenha de Tanga. O protagonista, o ditador Herr Walkyria, como ato primeiro acabara com todos os jornais e deixara circular em Tanga apenas o *New York Times* — na verdade, um único exemplar, o do palácio. Só ele lia. Depois da leitura, feita numa privada-*bunker*, o ditador queimava as páginas. Do lado de fora, os sete grupos guerrilheiros que lutavam pelo poder tentavam decodificar as notícias segundo o volume e a cor da fumaça que saía pela chaminé do banheiro.

A ditadura brasileira estava chegando ao fim em 1985 e o filme, realizado alguns meses após a morte de Tancredo Neves,

ocorrida em 21 de abril de 1985, cravava uma multidão de referências ao que se passara nos anos de chumbo. O *New York Times* havia sido a tribuna internacional na qual grupos brasileiros de oposição publicavam notícias sobre tortura. A base do filme era real. Henfil, na ditadura, passava para o jornalão americano os nomes de presos políticos, e só assim os advogados, de posse do exemplar, podiam entrar com um processo de busca de paradeiro, evitando que opositores do regime sumissem, mortos, nos porões. Entre verdades e mentiras, a comédia maluca seguia. Os militares de Tanga vestiam-se de cor-de-rosa. Herr Walkyria dormia abraçado a um urso de pelúcia. Finalmente dava para rir dos generais, e Henfil, censurado por eles, agora aproveitava.

Zózimo se relacionava bem com Henfil, seu colega de *Jornal do Brasil*. As tiras da Graúna, dos fradinhos e do bode Francisco Orelana por muitos anos saíram no *Caderno B*, em alguns momentos na página 4, no verso da coluna, e Henfil gostava de brincar dizendo que os dois (um mostrando a burguesia e o outro, os seus adversários) espelhavam bem o pluralismo do *JB*. O humorista era popular por causa de seus personagens, tirados das histórias do povo brasileiro, mas não era populista. Zózimo, colunista social, também não combinava com o estereótipo clássico do elitista. Os dois se identificavam nessas estranhezas.

Topar o projeto valia pela amizade com Henfil e pela nostalgia daquela noite, tempos atrás, como ator do Grupo de Orla. A turma tão heterogênea, inteligente e beberrona também garantia gandaia. O único convidado que relutou foi Alan Riding, correspondente do *New York Times*, preocupado com o que a matriz de seu jornal pudesse achar. Como soaria aos americanos um jornalista sério no meio daquela pândega? Era das boas piadas de Henfil, embora decifrada por poucos.

Para Zózimo, a experiência com *Tanga* não rendeu um tostão e lhe custou o feriado de 7 de setembro. Mas foi divertido.

A cena em que aparece, de três minutos, tomou-lhe um dia no *set*. Nela, Fausto Wolff, o general do Pentágono, descreve para seu colegiado de milicos o perfil da ilha de Tanga, representada na reunião pelo sobrinho do ditador, um certo Kubanin (Henfil, em aparição no estilo Hitchcock). Tanga quer apoio para enfrentar guerrilheiros e os generais serão enviados com suas tropas. “É uma ilha tão grande quanto o Brooklyn, sem médicos, sem Congresso”, vai narrando Wolff num inglês de acento londrino, escandindo sílaba por sílaba. Sentados à mesa de reunião, Zózimo e demais militares ouvem. De vez em quando são varridos em *close*, como se o diretor quisesse escancarar o incrível *casting*. “A pesca alimenta o povo com peixes e o Estado com lagosta e camarões. É uma ilha com 99% de analfabetismo, com a maior mina de tangaína do mundo.” Nesse momento, coreografados, Zózimo e todos os militares da mesa acendem cigarros com movimento semelhante de isqueiros.

“Eles precisam de armas americanas para interromper a ofensiva comunista internacional de sete grupos guerrilheiros”, continua o personagem de Fausto Wolff. “O Partido Comunista Tanganês, o Ação Paranoica Radical, o Pentelho Luminoso” — em nova marcação cênica, os militares caem na gargalhada. “O Paralelo Zero”, continua Wolff relacionando os grupos, “a Vanguarda da Vodca Sectária, a Liga da Mulher Ideal e a Ação Insurrecional Democrática Sexual, AIDS.” Dito isso, a câmera mostra a mesa vazia. Apenas um vento sopra nos papéis que estão sobre ela, informando que, diante das quatro letras — o terror mundial de 1985 —, Zózimo e os colegas militares tinham dado no pé.

Acaba aí a participação de Zózimo em *Tanga*, um filme que passou como um raio nos cinemas e não entusiasmou o

YouTube, onde tem registrados, na íntegra de seus noventa e seis minutos, cerca de 3 mil cliques em maio de 2016. A comédia política ficou confusa em sua profusão de metáforas, querendo passar para a Tanga fictícia o que tinha acontecido no Brasil. Tem ótima música de Wagner Tiso, o ator Rubens Corrêa como Herr Walkyria e outras atrações do surpreendente elenco, como o cartunista Jaguar num papel de bêbado, sempre olhando para fora de uma janela do castelo e perguntando: “E se os *marines* desembarcam?”

Hemofílico, Henfil morreu de aids em janeiro de 1988, logo após a estreia do filme, e virou notícia na página de obituários do *New York Times*. Dá para rir em alguns momentos do filme, mas seria melhor se ele tivesse colocado na tela algumas cenas dos bastidores, como a do fim da jornada de Fausto Wolff, Hélio Pellegrino, Alfredo Sirkis, Alan Riding e Zózimo. Eles voltam do bar do português na praça Mauá ligeiramente bêbados para continuar a filmagem. Henfil vira-se para a turma e diz: “Como é que eu posso filmar com esses irresponsáveis?”, e, pano rápido, todos caem na gargalhada.

Fafá de Belém entrou no avião da Varig em Lisboa, num voo de Londres com destino ao Rio. Cantora famosa — pela voz, a gargalhada, o busto —, havia dez anos em cartaz nos grandes palcos e paradas de sucesso do Brasil, ela achou natural que todos a olhassem enquanto cruzava o corredor em busca de seu assento. Alguns cutucavam o parceiro do lado para indicar sua chegada. Normal, o preço da fama. Educada, Fafá devolvia a atenção com um sorriso discreto.

Aos poucos, no entanto, ela foi notando que era uma reação diferente daquela de simples reconhecimento. Havia quem risse de um jeito debochado, até mesmo quem manifestasse um ar de preocupação — e quase todos olhavam em seguida para o exemplar do *Jornal do Brasil* distribuído pela tripulação. Era a edição da véspera, de 8 de outubro de 1985. Para quem estava num avião, receber aquela passageira no mesmo momento em que lia o que estava escrito no jornal era a pior notícia do mundo.

No centro da coluna de Zózimo havia uma foto de Fafá ilustrando uma nota com o título “Pé-frio”:

- Se alguém ainda tinha alguma dúvida da fama de pé-frio da cantora Fafá de Belém, os acontecimentos políticos de Portugal encarregaram-se de dissipá-los.
- A renúncia do primeiro-ministro Mário Soares — que importou a cantora para estrelar seus comícios — foi relacionada imediatamente pelos admiradores brasileiros da artista à sua fama de azarão.
- O vencedor do páreo e futuro primeiro-ministro, Cavaco Silva, já fez saber que quer distância de Fafá. Custe o que

custar.

A cantora leu o seu exemplar e, envergonhada, manteve-se em sua poltrona por toda a viagem. Nos últimos tempos, ela havia passado por enorme exposição. Participara do movimento Diretas Já, que pedia eleições diretas para presidente e acabaria sendo derrotado no Congresso. Chegara a ser considerada a musa das manifestações, pois não saía de seus palanques. Nos comícios, cantava o Hino Nacional de um jeito desafiador e dramático. Gravara a balada “Menestrel das Alagoas”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, em homenagem ao senador Teotônio Vilela, um dos mais exaltados defensores da volta das eleições, que, vítima de um câncer, morreu em meio ao movimento. Fafá interpretava a canção e, quando entrava a gravação da voz dele, soltava uma pomba branca sobre a multidão.

O povo ainda não poderia eleger o presidente, mas o próximo não sairia mais de uma reunião de generais na caserna. Essa era a ideia. Infelizmente, não foi tão simples. Escolhido pelo Congresso Nacional, o mineiro Tancredo Neves, também apoiado por Fafá, foi internado com diagnóstico de diverticulite na madrugada do dia em que tomaria posse, 15 de março de 1985. Morreria pouco depois, em 21 de abril, de infecção generalizada.

Zózimo juntou tudo — a morte de Teotônio e a de Tancredo, o fracasso das Diretas Já, a derrota de Mário Soares em Portugal e a de Fernando Henrique Cardoso nas eleições para a prefeitura de São Paulo, também apoiado por Fafá — e colou na cantora o rótulo congelante de “pé-frio”. Para confirmá-lo, começou uma série de notas num tom considerado de humor para os redatores da coluna, mas que, no colo farto da cantora, dia após dia àquela recepção no avião da Varig, estourariam como bombas de terror. Fafá, assim que desembarcou no

Brasil, telefonou para o colunista perguntando por que fizera aquilo. Foi de ousadia argumentativa, inclusive no volume de voz, o que só serviu para irritá-lo.

Ibrahim Sued, numa situação dessas, escalaria a Dama de Preto para enfileirar diatribes contra Fafá e continuar tocando o barco da coluna até o porto do fechamento. Como não criava personagens, Zózimo assinava a perseguição, movido pela vontade de fazer rir e demonstrar poder. Depois do telefonema, quis mostrar que não se deixava impressionar por nenhuma cabra-macha paraense — e foi a sua vez de aumentar o volume. Em 11 de novembro de 1985, diria que eméritos do Flamengo haviam tentado contratar a cantora para gravar o hino do adversário, o Fluminense. Em 8 de agosto do ano seguinte, a nota seria repetida, mas com o Vasco no papel do Fluminense. Em 12 de dezembro, estaria rolando euforia na campanha de Medrado Dias à presidência da Confederação Brasileira de Futebol: Fafá havia hipotecado apoio ao adversário, Nabi Abi Chedid.

Em 3 de janeiro de 1986, Jarbas Vasconcelos, vitorioso na prefeitura de Recife, era visto quase caindo antes de tomar posse — e adivinha de quem era a culpa?

- Dos 201 novos prefeitos empossados foi o único a sofrer um ligeiro acidente, tropeçando nas escadarias da Câmara Municipal. Sua convidada de honra era a cantora Fafá de Belém.

Em 19 de fevereiro do mesmo ano, uma nota anunciava que a direção do PDT estaria em Lisboa para a cerimônia de homenagem a Mário Soares e que Fafá iria — mas uma facção do partido insistia em que ela viajasse em outro avião.

Em 8 de abril, com o título “Cruzes!”, informava-se que a cantora dissera a amigos no Palácio do Planalto que gostaria de

integrar a comitiva do presidente a Portugal. “Sarney está de cabelos em pé!”, arrematava a nota.

Dois dias depois, a coluna começava uma nota informando a ausência de Fafá na tribuna do jogo Brasil x Alemanha Oriental. “Não deu outra”, estocava Zózimo, “Brasil 3 a 0.”

Fafá foi apontada como a responsável pela morte de um boto filmado no Amazonas pela equipe do oceanógrafo francês Jacques Cousteau — uma música sua sobre o animal fazia parte da trilha sonora.

Foram cerca de cinquenta notas, começadas no voo de Lisboa, em 8 de outubro de 1985, e encerradas em 26 de janeiro de 1987. Fafá conhecia Zózimo da noite do Rio e julgava ter bom relacionamento com ele. A lista de suspeitas sobre o que teria detonado a série elencava uma confluência de acontecimentos e paranoias:

1. As coincidências de negatividades já circulavam como piada pela cidade. Zózimo podia argumentar que apenas avançara com o mote.

2. Seria coisa de Fred Suter. Já havia comparado, em férias de Zózimo, os atributos físicos de Fafá ao carimbó que ela divulgava.

3. Seria vingança dos donos do *showbiz* carioca. Uma semana antes de as notinhas começarem, Fafá encerrara temporada de sucesso no Canecão. Mario Priolli, dono da casa, insistira na renovação do contrato, mas Fafá tinha outros compromissos. Priolli abrigava Zózimo e outros vinte convidados no mesão no centro da casa, em sentido vertical ao palco, todos bem-sentados para ver de graça as estreias dos grandes nomes da música. Fafá suspeitava que Zózimo tivesse tomado as dores de Priolli.

4. A atriz Christiane Torloni, casada com o psicanalista Eduardo Mascarenhas, eleito deputado em 1990, também frequentava os palanques das Diretas. Em março de 1984, com

o título “Ativista”, Zózimo ficara a seu lado na disputa pelo título de musa. Dizia que “a intensa atividade política” da atriz já lhe valia “nova qualificação: musa das Diretas”.

5. Seria coisa de simpatizantes de Paulo Maluf, derrotado por Tancredo Neves no Colégio Eleitoral. Nascimento Brito lhe era simpático.

Pode ter sido tudo isso, nada disso ou só o telefonema de Fafá exigindo retratação depois da primeira nota. Colunas de notas sofrem preconceitos — seriam quintais para os proprietários dos jornais desovarem interesses, os colunistas receberiam dinheiro para publicar *releases*, usariam o espaço para trocar notas por presentes, comer de graça em restaurante que citaram no pé da página, botar o pé no jato com bem-vindas passagens internacionais, descolar um fim de semana num hotel-fazenda — enfim, um balcão de negócios disfarçado de jornalismo. Sempre que um colunista pode confirmar a sua independência e mostrar que é o timoneiro daquele barco de papel, ele o faz. Fafá, com o telefonema áspero, provocara em Zózimo a vontade de escancarar a liberdade de inventar os rumos de sua navegação.

As notas, com sua mistura de fofoca de celebridade, superstição popular e o humor-Zózimo, eram um sucesso reproduzidas pelo país. Para a coluna, a perseguição trazia audiência. Na vida de Fafá, os resultados eram desastrosos. Contratos foram cancelados — ninguém queria correr o risco de ficar ao lado de uma piada cantante. Pior: morrer após a gargalhada do público. Um homem tentou colocar a cantora para fora de um avião, aos gritos, pois suspeitava que ela tornaria o voo uma operação de risco. Quando entrava num restaurante, os comensais a saudavam não mais batendo palmas e sim batendo com o nó dos dedos na mesa.

Para piorar, o humorista Chico Anysio inventou nos shows uma personagem azarenta que o público, já dirigido pelas

notas, não tinha dificuldade em imaginar ser Fafá. Inventou-se também, mas isso não estava na conta de Zózimo, que a cantora estaria com aids. Justo ela, que não conseguira se curar da simples doença de ser pé-frio, como continuavam a afirmar as notas. Dizia a coluna de 8 de junho de 1986:

- O time brasileiro ficou petrificado em forma, antes do jogo contra a Argélia, ao ouvir os primeiros acordes do Hino Nacional.
- Como a gravação executada era cantada por uma voz feminina, todos temeram tratar-se de Fafá de Belém.
- Não era — e o Brasil ganhou de 1 a 0.

Ela procurou o advogado João Carlos Müller, secretário executivo da Associação Brasileira dos Produtores de Discos, para um processo, mas foi demovida da ideia. Marcello Cerqueira, advogado de presos políticos e deputado, também foi contra. Sugeriu que Fafá, abalada pelo noticiário e por isso afastada dos comícios, a fim de não comprometer seus candidatos, voltasse à cena política e não se deixasse calar. A cantora, porém, foi escorraçada quando tentou participar da campanha do PMDB.

Armando Nogueira, diretor de Jornalismo da Rede Globo, conseguiu que Chico Anysio retirasse o esquete do show. O resto das pedras continuou no caminho. Um dia, Mariana, com seis anos, filha de Fafá, entrou em casa chorando. Tinha acabado de ouvir, num programa da Rádio Jovem Pan, um locutor falando dos poderes negativos da mãe. “É verdade que você pode matar pessoas?”, perguntou Mariana. Fafá telefonou para o jornalista Armando Nogueira, seu grande amigo, de Zózimo também. Aos gritos, anunciou seu projeto para Armando: “Estou saindo de São Paulo para ir ao Rio, estou armada e vou matar aquele filho da puta!” E bateu o telefone.

Armando, diretamente do prédio da TV Globo, no Rio, conseguiu falar com o motorista de Fafá. Pediu a ele que “se perdesse” por São Paulo e evitasse chegar ao aeroporto. Depois, antes que ela embarcasse, convenceu-a da bobagem de vestir o uniforme de presidiária. Fafá retornou para casa sob o juramento de Armando de que falaria com Zózimo, “mais uma vez”, e pediria a amigos em Brasília que intercedessem em seu favor.

Assessor de imprensa do então presidente José Sarney, Fernando Cesar Mesquita passava notas para Zózimo. Foi a ele que Armando encarregou de pedir ao colunista que parasse com a história. Fernando também desconfiava que havia ali o dedo malufista de alguma fonte próxima a Fred. Zózimo defendia a liberdade de avançar, com humor, na especulação sobre o azar agregado aos fatos e personagens que se aproximavam da moça. “É brincadeira”, respondeu quando Fernando telefonou no início de 1987. “Mas a brincadeira ficou perversa demais”, acrescentou o assessor. E contou do programa de rádio, de Mariana chorando. Aquilo mexeu com Zózimo. Ajudou também o reforço aborrecido do amigo Armando Nogueira, que relatou o desespero da cantora. Fim de caso. Da mesma maneira que começara a dar as notas debochadas, parou. Esqueceu Fafá por uns tempos e só voltou a falar dela em 13 de julho de 1987. Era outra Fafá, irreconhecível aos olhos dos leitores de Zózimo. A nota tinha um título que era o oposto daquele que costumava ser dado às aparições da cantora. “Bola cheia” dizia:

- Fafá de Belém está com a bola cheia.
- Na sua temporada de duas semanas no Scala, bateu todos os recordes da casa, superando o sucesso de Simone e Charles Aznavour.

- Por isso recebeu, sábado à noite em seu camarim, um convite de Chico Recarey para voltar ao palco no alto verão.
- Será a atração do Scala em janeiro.

Socialmente, Fafá e Zózimo voltaram a se encontrar numa festa na casa de Roberto Irineu Marinho. Zózimo estava sentado quando a cantora se aproximou. Ele já tinha bebido um pouco além do que devia. “Como vai?”, cumprimentou, sem se levantar. Fazia três anos desde a última referência zombeteira. Fafá, como Zózimo informara, estava novamente de “bola cheia” e experimentava grande sucesso popular com canções sertanejas sem perder a qualidade de seu trabalho. Ninguém mais a ligava a acontecimentos nefastos — mas ela não se esquecera do esforço para sobreviver às notas. “Vou bem, Zózimo”, respondeu à saudação acanhada do colunista. E, como se comentasse a bebedeira em que ele estava, foi sua vez de ser cruel: “Vou bem, graças a Deus. Apesar de você. E, pelo visto, melhor que você.” Zózimo levantou-se com jeito de quem ia revidar as palavras, mas os amigos separaram os litigantes. O jornalista Evandro Carlos de Andrade levou o colunista para a biblioteca. Armando Nogueira caminhou com Fafá, que chorava, para a varanda.

Em 22 de novembro de 1991, Zózimo e Fafá encontravam-se novamente, agora na coluna, e o aceno era positivo. Saiu a informação de que Fafá tinha sido a única convidada a participar do novo disco de Roberto Carlos. A ilustração era uma foto bonita dela, sensual, aquele tipo de mulher que só os homens de muita sorte tinham por perto. O texto da nota não é um exemplo cristalino de bons propósitos d’alma, ao mencionar que “Caem, assim, por terra, todas as lendas que garantiam ser o rei Roberto Carlos a figura mais supersticiosa do *showbiz* brasileiro”. O título, porém, não deixava dúvidas: “Pé-quente”.

Zózimo estava numa mesa de canto do restaurante Florentino, o novo ponto de encontro da boemia chique-intelectual do Leblon depois que o Antonio's foi invadido por um bando de ninguéns. O ditado popular dizia que “gente fina é outra coisa”. Nem sempre. Chico Buarque de Hollanda — o autor de alguns dos versos mais delicados da língua portuguesa, coisas lindas como “não se afobe, não, que nada é pra já, amores serão sempre amáveis, futuros amantes, quiçá” — encarou o sujeito do outro lado do salão e dispensou a poesia: “Você é um escroto, seu merda!” Para reforçar o ponto de exclamação, o compositor de “o meu amor tem um jeito manso que é só seu” jogou um cinzeiro no oponente.

O sujeito do outro lado do restaurante, que se abaixou a tempo, era o jornalista Adirson de Barros, baluarte da nova direita. Ele havia publicado uma reportagem sobre um show de Chico em Paris. Segundo o artista, um sucesso; segundo o articulista, um fracasso, espetáculo de pouca plateia e cheio de discursos demagógicos sobre a fome no Nordeste. A resenha estava sendo feita no Florentino, ao escorrer de muitas doses de uísque, e coadjuvada pelos vitupérios de Tarso de Castro, amigo do compositor. No esquete, Adirson fazia o papel de educado. Falava baixo e tentava rebater o alarido de Chico e Tarso com humor debochado: “Só me retrato quando você fizer outro show pelas criancinhas famintas, cantando para que elas troquem o calango pela macarronada.”

As noites do Florentino, onde Zózimo agora ia encontrar os amigos e pescar nota, eram agitadas como as do Antonio's, só que todos se sentavam em poltronas com maior conforto. Podiam ser divertidas, com uma penca de famosos, mas corria-

se o risco de jogarem um cinzeiro na sua cabeça. Na plateia do embate Chico/Adirson, além de Zózimo, estavam o então prefeito do Rio, Marcello Alencar, o secretário de Turismo, Nestor Rocha, os diretores da TV Globo Daniel Filho e Paulo César Ferreira, a *promoter* Anna Maria Tornaghi, os jornalistas Carlos Lemos, Sebastião Nery, Maurítônio Meira e Niomar Moniz Sodré e o general Idyno Sardenberg. Os dois últimos tinham se encontrado pela última vez no presídio de Bangu, ela dentro e ele fora das grades.

Chico e Adirson bateram boca por umas duas horas, passando a discutir questões da Nicarágua, do Afeganistão e de Cuba. A noite acabou com o compositor atirando um charuto cubano em sinal de pacificação — e saíram todos à rua, em blocos separados, por volta das seis da manhã, uma hora segura, segundo Millôr Fernandes, porque os ladrões já foram dormir e a classe média ainda não acordou.

Zózimo preferiu passar a descrição da cena para o *Informe JB*. Dar mais uma notícia sobre a temporada de brigas do compositor, com quem já tinha longa relação de notas estressadas, ia parecer patrulha. Daquele mesmo Florentino já havia saído nota sobre uma briga dele com Millôr. O humorista acabara de dizer na revista *Status* que politicamente confiava tanto em Chico que não o deixaria levar seu cachorrinho para dar uma volta na rua. Quando o refinado letrista de “Não sei se você ainda é a mesma, ou se cortou os cabelos” encontrou Millôr no Florentino, partiu para cima. “Você é velho, e num velho eu não bato, eu cuspo”, disse, fazendo-o em seguida, ao mesmo tempo que lhe jogava azeitonas de um pote e era confrontado pelo humorista com outros arremessos.

A nota abriu a coluna de Zózimo em 28 de março de 1983:

- Não convidem mais para a mesma mesa Chico Buarque de Hollanda e Millôr Fernandes.

- Os dois engalfinharam-se num corpo a corpo, levados por incontornáveis divergências políticas, só sendo separados quando voou pelos ares em direção ao adversário a primeira garrafa de uísque Grant's arremessada pelo humorista.

A década de 1980, com todas essas arruaças grifadas, podia não ser muito diferente daquelas dos anos 1940, quando Benjamim Vargas, irmão de Getúlio e amigo de Boy, dava tiro dentro da boate do Copacabana Palace. O mundo andava aborrecidamente parecido com o de outrora. O que havia de novo era o texto do colunista social desses eventos.

- Estão de namoro a atriz Suzy Rego e o ator Paulo César Grande.
- Se vierem a casar, aconselha-se que não misturem os sobrenomes.

Zózimo não era um leitor de poesia, mas parecia se aproximar do haicai e de um ensinamento que, até onde se sabe, seria de Carlos Drummond de Andrade: “Escrever é cortar palavras.” Um dia, o truque de fazer notas a partir do bordão “Não será surpresa para esta coluna...” acabou assim na nota “Especulação”: “Não será surpresa para esta coluna.” E ponto final. Era só aquilo. Enquanto os editoriais gastavam páginas para comentar a derrocada da União Soviética em 13 de junho de 1989, na nota “*Sieg heil!*” (“viva a vitória”, em alemão) ele sintetizou tudo em duas linhas, com o *plus* do humor:

- E o comunismo, hem?
- Foi-se.

Na mesma edição, reduziu toda a história sobre a movimentação fraudulenta do especulador Naji Nahas na Bolsa de Valores, um dos grandes furos da coluna, a duas linhas na nota “Pura”:

- E a Bolsa, hein?
- Sacanaji.

A sensação era a de querer reproduzir no jornalismo os minicontos de Dalton Trevisan, que a cada edição surgiam mais curtos. Nas entrevistas, revelou apenas que andava se policiando em relação ao exagero de expressões em francês, uma dieta esnobe de “*pièce de résistance, enfant gâté, haute gomme, à-propos, tour de force, malgré, ça va sans dire, tout court, soi-disant...*”. Também não usava mais o “como antecipou esta coluna” — afinal, o espaço era para isso mesmo, informar primeiro.

Nada disso explicava como largou a influência dos editoriais afetados de Álvaro Americano, que precisava de vinte linhas para contar uma história, e passou a fazer o mesmo trabalho com duas. Apenas uma vez, ao elogiar Elio Gaspari, comentou o que estaria influenciando seu texto. Entre 1974 e 1978, Gaspari editou a coluna *Informe JB*. A mão de Zózimo teria começado a mudar a partir daí. Ele comentou certa vez que “lia e relia as notas de Gaspari para desvendar seus malabarismos de estilo, identificar os pequenos truques que podem fazer apimentada uma notícia sem sabor, descobrir a noção exata do *timing* com que abria os parágrafos e arrematava maliciosamente as notas. Eu revirava os textos pelo avesso, e assim continuei, sempre a devorá-los, e sou muito influenciado por eles”.

Dia a dia, nota a nota, e exatamente após essa passagem do furacão Gaspari pela vizinhança — dos seus lugares, os dois se

viam através dos vidros da redação —, a coluna ia sendo reinventada, numa espécie de laboratório aberto ao público. Zózimo, que já vivia revelando os bastidores daquele ofício, aproveitou uma capa da *Newsweek* sobre a “*gossip* mania” para descortinar mais um pouco o que ia por sua sala. A reportagem, cáustica com o colunismo de notas (“nunca na imprensa americana tanto espaço foi dedicado a tão pouca coisa”), levou um passa-fora de Zózimo:

- O fenômeno do sucesso do *gossip* é explicado pelo cansaço do leitor norte-americano em encontrar anos a fio nos jornais quase que apenas notícias sérias e desagradáveis, agora compensado pelo noticiário dos bastidores e revelações oficiosas sobre os mais variados assuntos, encontráveis apenas nas colunas sociais.

A revista misturara alhos com bugalhos. Havia a fofocagem mais ostensiva, feita pelos herdeiros de Walter Winchell, Hedda Hopper, Louella Parsons e a jornalista e apresentadora Dorothy Kilgallen. Zózimo filiava-se ao outro time, dos colunistas que percebiam a necessidade de um sacode em anos a fio de “notícias sérias e desagradáveis”. Como fazer isso mantendo a compostura era o desafio que dividia ao publicar as reflexões sobre seu trabalho. “O importante no Zózimo não é a notícia, mas como ela é dada”, percebia o publicitário Washington Olivetto. “Às vezes, conversando com ele, eu dizia algo que ele julgava legal. Eu avisava, isso não é inédito. Ele não se importava. Sabia que ia dar melhor. E era o que acontecia.” Zózimo era orgulhosamente sincero e concordava: “O importante é a maneira como você escreve. Eu tenho a certeza de que, se eu der uma nota idêntica a uma anteriormente dada por algum colunista, eu fatalmente darei melhor.” Quando Boni, da Globo, anunciou na revista *Playboy*

que em dez anos, quando completasse trinta de casa, deixaria a empresa, Zózimo reproduziu a notícia — mas com um daqueles seus adendos demolidores: “É o mais longo aviso prévio da história.”

Aos poucos a pena de Zózimo trocou o perfume da galanteria francesa, o cacoete esnobe que ele havia herdado da antiga cultura dos colunistas, e incorporou a carioquíssima malandragem do breque. Ele dava a notícia na primeira linha, talvez a esticasse na segunda, e finalizava a nota inesperadamente. Era o comentário, a espetada — a sua marca. Quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Congresso, Zózimo noticiou que o senador malufista Roberto Campos comentou: “É uma pena, tudo acabou tão mal.” Quando o leitor achava que a nota já tinha acabado, pois assim seria com um redator normal, eis que Zózimo reaparecia com um novo parágrafo e um breque sacana antes do ponto-final: “Mal pra quem, cara-pálida?” A palavra final era da estrela da página — o colunista.

Quando, em junho de 1983, o *marchand* Ralph Camargo apresentou a exposição *Bonadei construtivista*, Zózimo disse que “só pode ser um colosso” — e abriu aspas para o *release* que recebera: “Penetrando no amálgama alucinógeno das suas perspectivas, Bonadei realça a profundidade do pano de fundo, disputando o primeiro plano em meio a fogo cruzado do espaço linear.” O colunista cita ainda outro parágrafo (“Bonadei mora sedentário no esplendor de seu universo, com veneração mas sem servidão, exprimindo o enigma de sua humanidade”), e diante de tanta prosopopeia vernacular só tem um comentário a fazer: “Eta ferro!”

A poda era geral no jardim. Menos editorial, menos papo furado, menos retórica. Seguro no exercício do ofício, tocava de primeira as tabelinhas com Fred Suter, belo parceiro quando a necessidade era curtir no papel a mesma visão irônica do

mundo. Ao comentar uma operação de mudança de sexo, a dupla escreveu:

- Consta que depois da operação, Roberta Close vai mudar de nome.
- Vai se chamar Roberta Open.

No início não havia tanta informação sobre sua mesa. Agora escorria uma razoável fartura, e para que sobrasse espaço para mais notas ele reduzia tudo ao essencial. Teria sido nessa altura que Ancelmo Gois cunhou a frase que acompanharia Zózimo como um dístico perfeito no seu brasão: “É o melhor texto brasileiro em três linhas.” Na edição de 9 de janeiro de 1985, a revista *Veja* reconhecia o sucesso e resumiu um perfil do colunista na reportagem “O peso da coluna”:

Há os leitores que vão direto às entrelinhas, cúmplices nas estocadas com que o jornalista espeta os deselegantes, os intrometidos, os enroladores ou os simples e irremediavelmente chatos. Do alto de sua coluna ele contempla a cena brasileira como um príncipe, coroando os ricos e famosos, distribuindo indulgência aos novos-ricos e opinando sobre tudo e todos com o mesmo desembaraço. De quebra, Zózimo é também uma espécie de instituição carioca — assim como o Carnaval, a praia e a paixão pelo futebol, ele é uma marca registrada da cidade.

A revista citava exemplos de como a coluna desenhava seu surpreendente cardápio de atrações. Dizia que havia comentários locais (“Para uma cidade muito doida como o Rio, nada melhor na prefeitura que um psicanalista”, sobre a candidatura de Eduardo Mascarenhas); notícias políticas (“Já é certo que na posse do futuro presidente Tancredo Neves o

governo americano se fará representar pelo secretário de Estado George Shultz”); bombas econômicas (“O Instituto Brasileiro do Café vendeu 300 mil sacas de café para a China a preços abaixo do mercado”); e platitudes sobre o *jet-set* (“Lourdes e Álvaro Catão são avós mais uma vez”).

O sucesso da coluna era espetacular. Quando os grupos imobiliários Gomes de Almeida Fernandes e Patrimóvel juntaram-se para lançar o primeiro grande condomínio de luxo de São Conrado, num terreno que pertencera ao clã dos Guinle (mais uma peça da coroa da família que se vendia), o nome de Zózimo foi lembrado para estrelar a campanha publicitária. Ele cedeu, por 10 mil dólares, a marca e o rosto, e ainda fez um texto para o anúncio, publicado em jornais e revistas:

Família alguma, no Rio, possuiu imóveis tão bonitos como os Guinle. Suas casas sempre despertaram admiração, pela originalidade e extremo bom gosto, chegando mesmo a determinar um novo conceito: o estilo Guinle de morar. Agora toda essa tradição de morar bem chega à melhor praia do Rio, a praia do Pepino, em São Conrado. Ali está sendo construído o Praia Guinle. Um projeto residencial à altura dessa localização única no Rio, com muito verde ao fundo e a melhor praia em frente. Tudo com muita privacidade para você também viver todo o clima da arte de morar bem.

O prédio era um símbolo da cidade que se desenhava, tomada por edifícios de uma arquitetura polêmica, arranhando de concreto a Mata Atlântica. O Rio dos Guinle, dos espaços exclusivos e da *finesse* desaparecia, e o Praia Guinle logo teria uma briga típica de cabeça de porco. A cantora Simone denunciou a vizinha, a *socialite* Fernanda Colagrossi, por

causa da enorme quantidade de cães que mantinha em seu apartamento.

Zózimo não tinha culpa se a cidade mudava e se, na ausência do piano de Sacha Rubin, ouvia-se agora a gritaria raivosa de uma reunião de condomínio ou, como parecia ser o caso, de “condemônio”. No lugar dos Guinle, que representavam o passado do charme carioca, aparecia a sua grife, e era ela que sabia, no presente, o que significava uma vida de “extremo bom gosto”. Em novembro de 1985, Zózimo recebeu em Brasília a comenda de Cavaleiro das Artes e Letras da França. O embaixador Bernard Dorin disse que seu país homenageava “o homem culto, o amante da França e o jornalista que divulga a cultura francesa”. Zózimo dividiu a condecoração com Marcia, “pois ela é pintora”.

De volta à publicidade, Zózimo, carregando agora uma condecoração de alto prestígio na lapela (morto, de enfarte, em 1984, Álvaro Americano ficaria orgulhoso), participou ainda da campanha de lançamento de um edifício na avenida Atlântica e do Club Méditerranée, em Mangaratiba, sendo que nesta trocou o cachê por hospedagem. A publicidade estufava o cofrinho (tinha um limite ético e, ao contrário de Ibrahim, que criou uma marca de uísque, o Old Lord, jamais fez propaganda de bebida), mas Zózimo não piscava de deslumbramento. “Acredito que uma das razões por eu estar durando tanto como colunista é minha origem de classe média alta”, disse em entrevista à revista *Playboy*, em 1981. “As pessoas falam que meu nome virou grife, mas grife mesmo seria se eu pudesse ficar em casa e a simples publicação do nome me sustentasse. Ralo na redação até tarde. Grife é o Saint Laurent, que faz uma coleção por ano e o resto do tempo fica em casa. Eu nem sequer almoço porque, na hora e meia que perderia num restaurante, consigo sete ou oito notas por telefone.”

O dia a dia da coluna continuava uma pedreira. Nascimento Brito gostava de mostrar independência dos parceiros sociais e de negócios colocando notas críticas sobre eles — e deixando o pepino das reclamações para Zózimo resolver. “Você vai ver que amanhã vem pau na gente”, disse o ministro Delfim Netto a um assessor depois que Brito saiu do gabinete carregando mais ajuda financeira para resolver problemas do jornal. Não deu outra. E lá vinham os telefonemas indignados. Dalal Achcar e Bocayuva Cunha, também amigos de Brito, sofriam ataques sob a assinatura de Zózimo, vindos na realidade do fogo fraterno do empresário e sua peculiar personalidade. Queria deixar claro que não se deixava vender por empréstimos ou carinhos. Ao colunista cabia dar as explicações em que, evidentemente, escondia-se a fonte e falava-se algo sobre o bom jornalismo, a necessidade de se ouvir todos os lados etc. Bocayuva, inocente de tudo, pedia mais cuidado com os colunistas a Brito — e este, autor das diatribes, prometia que na próxima demitiria o responsável.

Três andares abaixo — todos trancados por quase dez horas diariamente dentro de uma sala —, o desgaste pelo longo relacionamento também atacava Zózimo e seus ajudantes. Marly e Fred detestavam-se. “Ela é tão grossa que o dedo tem dificuldade de entrar no disco do telefone”, dizia Fred, que reclamava também das ausências do titular. Zózimo sofria com o companheiro, cada vez menos rigoroso na apuração. Na primeira vez que deixou Fred sozinho, quando viajou para o torneio de Roland Garros, em 1974, Zózimo entregou uma carta ao colaborador, assustado com a tarefa:

Um bom conselho: ponha o seu sentido de observação e a imaginação para funcionar procurando dar notas sobre a cidade, abordando temas ou fazendo críticas (ponderadamente, sem grandes estrilos) do dia a dia.

Procure comentar coisas que fazem parte do cotidiano do leitor comum.

Só porque você não gosta não precisa abandonar o futebol. A Copa está aí e lembre-se de que este ano serão mais de 100 milhões em ação a fazer a “corrente pra frente”. Quando tiver alguma dúvida, consulte o pessoal do Esporte. Se já tiverem viajado para a Alemanha ou se você não lhes quiser dar “a dica” da notícia telefone para o Moyses Saubel. Em matéria de futebol, o homem é uma enciclopédia.

Não agrida outras colunas ou outros colunistas, mesmo que seja para responder a algum ataque. Ignore e na volta decidimos o que faremos.

Fred, sozinho, engrossava além da conta. Numa edição, deu a nota que um assessor do ministro Roberto Campos almoçava com a amante em Paris quando foi surpreendido pela irrupção da titular no recinto. Ele não publicou os nomes dos litigantes do barraco, mas os mais próximos poderiam matar com facilidade a charada — e estava feito o estrago sobre a vida dos personagens. A traída, amiga de Nascimento Brito, queixou-se com ele, que pediu a Zózimo, sem sucesso, a demissão do auxiliar. Era um sufoco administrar aqueles temperamentos, adoçar as fontes carentes de mais espaço e ainda manter o humor elevado para continuar cravando delícias, autênticos *petits-fours*, como dizia nos anos 1970, no café da manhã do brasileiro.

- O locutor do SBT que anunciava ontem a entrada em campo dos jogadores de Brasil e Inglaterra deu um show de erudição ao informar os telespectadores:
— Está sendo executado o hino inglês, *God shave the queen*.
- A rainha, escanhoada, deve ter tremido no trono.

Ou:

- Pelo Ibope que deram, as duas cadeias de TV que transmitiram até alta madrugada os grandes bailes fechados ganharam durante a semana de Carnaval uma nova e divertida identidade:
- TV Bundeirantes e TV Michete.

A liberdade de Zózimo no manejo do que pudesse ser de interesse de uma coluna ia ficando cada vez mais ampla. Notícia podia ser tudo aquilo que um editor escolhesse como notícia — essa era a compreensão moderna da coluna. Não era ciência, mas um dom, a vitória do particular, a arte final de uma assinatura. Ancelmo Gois, no *Informe JB*, dava notícias exclusivas, porém sentia, no trato com suas fontes, altas personalidades do mundo empresarial, que a repercussão do colega, principalmente das suas miudezas geniais, tinha um Ibope maior. “Eu dava um grande furo, mas o que repercutia era a sacada do Zózimo sobre um acontecimento banal”, lembra Ancelmo. “Ele dava muita notícia importante, da política à sociedade, mas até as minhas fontes vibravam mais com aquelas espetadas dele. Eu percebi, na comparação das colunas, que notícia é importante, só que a maneira de empacotá-la para servir ao freguês supremo, o leitor, é fundamental.”

A cena social, que havia marcado o início da coluna, transformara-se em uma ou duas notas, embora a ilustração da página continuasse a ser uma foto recolhida num badalo da noite anterior. Aí, sim, continuava em evidência o seu grupo social de amigos — como se fosse a lembrança de um Rio *vintage*. A loura Irene Singery, estrela dos jantares já no fim dos anos 1960, aparecia muito nessas fotos. Tinha um sorriso constante e bem desenhado. Nem todas as notas, no entanto,

alegravam a anfitriã. Simpática, extrovertida, ela chegou a fazer carreira de cantora na noite, apesar de riquíssima e dona da ilha da Piedade, em Angra dos Reis, famosa por ter sido ocupada pela revista *Caras*. A beleza de Irene era arrasadora, a ponto de Ibrahim Sued, com seu vocabulário particular, fosse qual fosse a língua em que estivesse, elogiá-la com a expressão “*derrière up-to-date*”, que os amigos mais próximos de Irene traduziram como “uma bunda atualizada e com tudo em cima”. Em 1986, Irene andava triste após se separar do marido. Quando leu o que Zózimo escreveu na edição de 5 de outubro, um domingo, ficou pior ainda. Ele anunciava, numa nota curta, que o ex-marido dela, dono do Hotel Marina Palace, no Leblon, já tinha outra.

- Bel e Luiz Cesar Magalhães inauguram seu novo apartamento no dia 15, recebendo um grupo de amigos para jantar.

Irene boquiabriu-se, indignada com a traição do colunista e a exposição pública da sua tão recente desdita. “Por que você fez isso, Zózimo?”, perguntou ao telefone. “O meu sofrimento só aumenta com uma notícia dessas no jornal. Você jogou sal na minha ferida.” Zózimo não resistiu a anunciar a separação de duas pessoas importantes na sociedade, mesmo sabendo que poderia machucar Irene. Precisava levar a vida vendendo o pão, nem sempre doce, da existência. Informou-lhe que a nota tinha outra leitura, e era a que ele pretendia: “Irene, leia melhor a nota, acho que agora você tem uma boa notícia para mostrar ao seu advogado.”

Ela conhecia colunistas, sabia de seus truques um pouco além do que devia. Em sua casa, quando ainda estava casada com o primeiro marido, Robert, a colunista da velha guarda Nina Chavs criou, em 1967, um personagem que alucinaria de

curiosidade o *high carioca*. Tudo ficção, mas nem todos os colunistas manejavam o repertório de soluções de Zózimo, que, para encher a coluna, podia brincar dentro dos parâmetros do jornalismo. Nina Chavs fez desembarcar na cidade, diretamente de sua imaginação, um fazendeiro mato-grossense, o senhor Rocha A. Lazão, que cruzara o país para se aproximar da grande paixão de sua vida, madame Irene Singery. Pelos jornais, cercado de sua imensa criação de gado, mas solitário, ele via as fotos dela, o “*derrière up-to-date*”, e apaixonara-se. Foram várias notas focalizando o amor do fazendeiro pela *socialite*. O sujeito mandava presentes insistentes, culminando com um anel crivado de diamantes que, segundo Nina, Irene imediatamente devolveu.

O roteiro da paixão do fictício A. Lazão era criado em reuniões semanais com Nina, a própria Irene, o jornalista-compositor Ronaldo “Lobo bobo” Bôscoli, os cronistas Carlinhos Oliveira e Rubem Braga, o compositor Chico Buarque e o *showman* Miele. Robert Singery, o marido da desejada, que em algumas notas aparecia ciumento, também participava do jornalismo-mentira. Quando ia ao Country Club, Singery encenava. Explicava que ainda não conhecera o fã, que até aquele momento ele só se fazia anunciar pelos presentes. A patacoada chegou ao máximo quando outros colunistas começaram a noticiar também a presença de Rocha A. Lazão. Como saía na coluna de Nina Chavs, achavam que precisavam escalar o personagem também em seus eventos — e roubaram-no da inventora. A resposta foi imediata e no mesmo tom de chanchada ficcional. Nina publicou uma nota, em 14 de janeiro de 1967, dizendo que morrera “ontem, enfartado, o fazendeiro A. Lazão”, deixando entristecida a sua musa Singery.

Um dia Irene Singery pretende publicar todas essas histórias num livro que vai escrevendo aos poucos mas já tem

um título, *Menina fina não faz isso*, e até um possível subtítulo: *Isso é coisa de gatinha*. Era com essas frases que a mãe lhe beliscava o braço sempre que fazia alguma coisa errada. Falará das notinhas com que Zózimo lhe foi pontuando a vida (“Irene Singery, de seu safári na África, escreveu aos amigos: ainda não errei um tiro”) e de como era ser estrela das colunas sociais no fim do século XX ao mesmo tempo que tocava a vida de mãe. Certa vez, a filha, Claudia, lhe perguntou: “Mãe, o que é envelhecer?” “É como um queijo francês cheio de buracos”, respondeu. “O coração fica com buracos, as perdas, as ilusões, a saúde, os sonhos. Envelhecer é a perda. Quando se envelhece, tudo fica como os buracos de um queijo francês.”

Mirtia Galloti também era uma loura especial, de sorriso enorme, e apareceu pela primeira vez na coluna em 29 de maio de 1980, quando ainda se assinava Kegler. Aos trinta e oito anos, estava bem acompanhada, socialmente falando, ao lado de Tony Gallotti, setenta e um anos, presidente da Light, a empresa na qual ela havia ingressado anos antes como telefonista. Zózimo não entrava nesses detalhes. Nessa primeira citação, apenas colou o adjetivo “bonita” na acompanhante do amigo. Mais adiante, Zózimo, Marcia, Tony e Mirtia, os dois últimos já formalmente anunciados como casal na coluna, essa Vara de Família moderna, viajavam juntos. Uma vez assistiram a uma apresentação do bailarino espanhol Antonio Gades em Paris, brindando na esticada com um inesquecível Château Petrus, tudo bancado pelo generoso Gallotti.

Mirtia, sempre disposta a ver a vida com alegria, caiu nas graças do colunista. Era uma personagem nova no elenco e surgia com o mesmo peso discreto que a sociedade agora tinha. Apenas um *potin* curioso. Ao lado de um comentário jocoso sobre uma festa que antes era o fino e agora só aparecia na coluna por ser malsucedida (“o Itamaraty, com o seu bufê,

acaba de reinstaurar no país a monarquia: comeu vai para o trono”), as novas damas davam um sabor delicioso. O fim da ditadura, o ocaso das festas nos salões particulares, a consciência de que ostentar num contexto de miséria pegava mal e o aparecimento das boates sofisticadas — tudo isso ajudou Zózimo a cravar nos anos 1980 o prometido na capa do *JB* desde o já longínquo 4 de fevereiro de 1969: aquele valeduto que assinava não era uma coluna social.

Depois que Antonio Gallotti morreu, em 1986, Zózimo tentou pela coluna arranjar um namorado do mesmo porte financeiro para a bela viúva. Numa dessas tentativas, sob o título “Novo par”, dizia que o tal par procurara abrigo de uma ventania de domingo almoçando no aconchego do Antiquarius. Era uma brincadeira com os dois amigos. Eles sentaram-se à mesma mesa e, pela energia da conversação, pareciam estar propícios a algo mais. Com a nota da coluna, imediatamente Germano Gerdau, dono de uma siderúrgica, telefonou para a bela Mirtia, cheio de más intenções: “Já que o Zózimo noticiou não podemos desmentir o amigo. Precisamos namorar.” Saíram, divertiram-se, mas Mirtia garante que o grande colunista errou no *wishful thinking*. Amigos, simplesmente, nada mais. Ela percebia que as brincadeiras eram bem-intencionadas e se deixou de bom grado ao dispor dele para virar personagem. O tratamento agora não era mais o cerimonioso devotado às damas das recepções antigas. Rolava no texto uma total descontração e cumplicidade. Na verdade, foram as pernas de Mirtia que se tornaram personagens. Viraram uma obsessão, uma maneira de balançar o *shake* de seu coquetel de assuntos, e ficaram em primeiro plano, quase sempre cruzadas, no noticiário da página. Publicou em 22 de agosto de 1992:

- A *socialite* Mirtia Gallotti foi convidada para estrelar como garota-propaganda um comercial de meias femininas. Caso venha a aceitar — e tem muita gente torcendo para que o faça — pretende doar o cachê a uma instituição de caridade.

De onde Zózimo tirou isso? Mirtia não tinha a menor ideia. Mas lia a notícia, ligava para o amigo e os dois morriam de rir. Ela agradecia a lembrança. Zózimo lembrava sempre. Numa foto de um evento noturno em que Mirtia, pernas cruzadas, aparecia com um gracioso vestido estampado de borboletas, a legenda brincava: “Mirtia Gallotti borboleteando literalmente.” Foram muitas outras notas — as pernas de Mirtia não parariam de borboletear na imaginação do colunista:

- Sucesso de verdade fazia anteontem Mirtia Gallotti no coquetel oferecido no Double’s, de Nova York, por Maria e Hélio Beltrão. O par de pernas exibido por ela reluzia mais que a cúpula do edifício da Chrysler.

De fato, Mirtia passara pelo evento, mas o resto juntava-se à lista de mais um galanteio do amigo e um respiro numa edição da coluna com muitas notas de economia. Se não acrescentava nada à história do jornalismo, elevava em alguns centímetros a autoestima da mulher e mostrava que a alta sociedade não devia ser mais anunciada com a pompa dos mordomos. Sabia com quem estava brincando. Quando a superamiga Regina Marcondes Ferraz separou-se do badalado empresário da Zona Sul Francisco Peltier (com quem se casou depois de Paulo Fernando) para ficar com Paulo Gama Filho, um dono de universidade na Zona Norte, a coluna deu a notícia com o humor que os envolvidos compreenderiam no tom certo: “Regina Marcondes Ferraz trocou o Le Grand Véfour, de Paris,

pelo Porcão.” Claro, sem explicar que Le Grand Véfour era uma das joias da gastronomia francesa, um delicioso restaurante-monumento do Palais-Royal que Napoleão frequentou. O didatismo dos manuais de redação, sempre exigindo clareza nas informações, não valia para Zózimo. Quem conhecesse Paris, curtiria, quem não... o que estava fazendo lendo a coluna? O Porcão era a churrascaria carioca. Regina trocara o cosmopolita pelo municipal, o que era muito parecido com o que o colunista queria fazer, e ele também trancou-se em casa.

Zózimo parecia brincar, mas era sua maneira de informar como andava o astral dos ricos. Se o *high* antes servia para ele exibir glamour, agora a rima seria com humor. Conhecia os limites, e suas damas, tornadas assim por suas notas no passado, não se ofendiam com o novo tom. O mesmo não aconteceu quando outro colunista inventou um namorado para Mirtia, que estaria saindo com o sindicalista Luiz Antonio Medeiros, ex-faxineiro da Light, a empresa presidida pelo ex-marido dela. Mirtia exigiu desmentido. Zózimo deixou passar uns dias e, a pretexto de consolidar o desmentido, disse no fim da nota, envolvendo a memória do empresário e do funcionário: “Os amigos comentam com bom humor que depois do capital seria a vez do trabalho.”

Um colega de colunismo costumava pedir nota, “mas de preferência uma nota errada”, porque seria obrigado a dar uma correção — e aí já seriam duas notas. Era uma piada, mas revelava a aventura da profissão. Zózimo deu várias correções. Às vezes não havia o que retificar. Publicava o acerto atendendo ao pedido de alguém que se julgara prejudicado — e quem queria se recompor ficava pior ainda com o retoque. Não por alguma nova maldade do colunista, mas simplesmente porque o ser humano era repetente.

Depois de divulgar a nota de que vinte chefes de governo de países africanos viriam ao Brasil, “liderados pelo ditador da

Nigéria, Ibrahim Babangida”, recebeu um telefonema da embaixada do país pedindo a retificação. A emenda cumpriu o provérbio e saiu pior que o soneto. O título era “Encontro”:

- A embaixada nigeriana esclarece que o ditador da Nigéria, Ibrahim Babangida, não é ditador.

Ou:

- O pianista Miguel Proença telefonou a esta coluna para retificar uma informação. Segundo ele, a Sala Cecilia Meireles, que dirige, fechou as portas temporariamente não porque o palco está afundando, como a coluna publicou, mas porque o teto está desabando.

Ou:

- O poeta Affonso Romano de Sant’Anna corre a esclarecer, a propósito da nota de ontem desta coluna, que ele e a mulher, Marina Colasanti, não saíram do Municipal no meio da apresentação de estreia da peça *M.O.R.T.E.*, de Gerald Thomas.
- Saíram, sim, quando faltavam apenas 15 minutos.

De toda a sua coleção de notas, Zózimo dizia ter se arrependido de apenas uma, “Antimedicina”. Estava ainda no início da carreira solo, em 14 de agosto de 1972. Um médico não o atendeu numa consulta de emergência num sábado.

- Quem quiser assistir a um espetáculo constrangedor de falta de solidariedade, falta de simpatia e falta de espírito público é só comparecer como paciente ao laboratório do dr. Manuel Lachtemacher. Ali se pratica a antimedicina.

Considerou a crítica em caráter pessoal demais e desculpou-se sem ironia, abaixando apenas um pouco o tom da crítica numa correção:

- Reconheço ter cometido um excesso ao definir o laboratório do dr. Manuel Lachtemacher como um lugar onde se pratica a antimedicina. Longe de mim a ideia de colocar em dúvida a sua capacidade profissional. De qualquer forma, quando uma pessoa procura como paciente um serviço médico, seja ele público ou particular, espera encontrar todo tipo de recepção, menos incompreensão, mau humor e grosseria. Daí o excesso.

Ainda não existia nas redações a figura do *ombudsman*. A condessa Pereira Carneiro, dona do jornal, aproximava-se um pouco disso. Quando ela faleceu, em dezembro de 1983, o colunista relatou que às vezes era chamado até a sala dela, no nono andar, de móveis pesados, “que acentuavam a seriedade da repreensão”. A condessa costumava policiar os exageros das irreverências. De acordo com o tamanho do erro, a conversa podia ser mais ou menos severa. Transparecia para Zózimo sempre haver um ar maternal. “Ela começava invariavelmente com um ‘meu filho...’”.

O Zoológico estava sempre na mira. Na temporada como repórter de *O Globo*, quando ele ia lá várias vezes apurar o nascimento de algum bicho, reparava na sujeira inevitável dos elefantes. Eles pegavam o que estivesse pela frente — o refugo de sua comida, o pó do chão — e jogavam sobre as costas. Zózimo, quando se aproximava a hora do fechamento e havia aquele último buraco na página, reclamava da sujeira do elefante. Nem precisava ter ido lá. Sabia, de tempos idos, que o animal ficava permanentemente sujo — e isso era indesmentível. Em 10 de maio de 1985, por exemplo, a coluna

anunciava que o Zoológico ia se transformar numa fundação, o que lhe possibilitaria melhorias etc. A nota concluía:

- Pode ser que agora, como fundação, o Zoo tenha condições financeiras de contratar alguém de vez em quando para espanar o elefante, que não vê água há meses.

Dois anos depois, em 1º de setembro de 1987, reclamou na nota “Pobrezinho”:

- O elefante do Jardim Zoológico anda imundo.
- Pela sujeira amontoada no seu cocoruto, há meses que ninguém varre o pobre animal.

Dessa vez, no entanto, o Zoo respondeu — e era melhor que não o tivesse feito. No dia 5 de setembro teve que ler o seguinte em “Direito de resposta”:

- Na falta certamente de coisas mais importantes a fazer, a Fundação Rio Zoo corre a esclarecer nota publicada na coluna sobre a sujeira do elefante do Jardim Zoológico, que há meses não vê uma vassoura.
- A carta em tom didático dizia o seguinte:
 1. Não é elefante e sim elefanta.
 2. É muito normal os paquidermes se cobrirem de pó.
 3. Se a elefanta anda imunda é porque quer, já que dispõe “no seu recinto” de um tanque de 160 metros cúbicos.
- No final, a Rio Zoo afirma considerar um absurdo varrer elefantes. Vá lá que seja: se a fundação não concorda em varrer a elefanta, que pelo menos a espane.

Os processos judiciais chegavam, alguns movidos pela indústria de ações que persegue os jornalistas. O ex-colunista

social Jeff Thomas disse ter sido procurado por um advogado, Alcyone Vieira Pinto Barreto, e permitiu que ele entrasse com uma ação de danos morais contra a coluna. Um trecho da peça acusatória dizia:

Afirmar, como afirmaram os réus (Zózimo, Fred e o *JB*), que a candidatura do autor (Jeff) transformará a Academia Brasileira de Letras numa “grande galhofa”, adjetivar o autor de “inacreditável”, publicar que sua inscrição resultará em “desrespeito à imortalidade”, tudo isso consubstancia ofensa à honra.

Sergio Bermudes conduziu a defesa:

Nem o mais preconceituoso leitor da famosa coluna *Zózimo* — que frequentemente se norteia pelo *ridendo castigat mores*, de Juvenal — terá visto propósito outro que o de simples troça, sem nenhum ânimo de caluniar, como pretende a inicial. Supor que o chiste, feito em coluna de jornal destinada a um público bem-formado, capaz de compreender e de distinguir a pilhéria da acusação grave, equivalha a imputação de crime constitui absurda pretensão de impedir que o jornalista exerça seu ofício, não de noticiar, como ainda de comentar eventos, que, adrede divulgados, mereçam a atenção dos leitores.

Era mais uma definição, agora no latim de Juvenal: “o *ridendo castigat mores*”, algo como “rindo castigam-se os costumes”. Outros continuaram sendo castigados, mas levaram na flauta, sem processo:

- Um grande movimento de apostas cerca a lua de mel da jogadora Hortência e José Victor Oliva. Quem terá feito a primeira cesta?

Ou:

- Um produtor musical *doublé* de crítico cruzou nos corredores de uma gravadora no Rio com um malsucedido mas persistente roqueiro da nova geração. Travou-se o seguinte diálogo:

— Você gosta muito do rock, não é? — perguntou o produtor.

— Sim, adoro.

— Então deixa ele em paz, por favor.

Um dos clássicos da coluna foi um riso de apoio a uma causa de benemerência. Zózimo comentava a campanha feita por Cássia Kiss para o exame primário de prevenção do câncer de mama. A atriz aparecia na TV apalpando os seios nus. Zózimo não perdeu a chance:

- E a Cássia Kiss, hein?
- Que mãos!

A nota, dos anos 1980, antecipava em seu tamanho, trinta e um toques, a necessidade do século seguinte de passar mensagens mínimas que coubessem no Twitter. Faria muitas assim, nem todas a favor, como a de Cássia. Em 15 de novembro de 1988, a nota “Mal comparando” tinha uma pegada típica:

- Do publicitário Washington Olivetto, definindo a figura pesada da candidata do PT, Luiza Erundina, candidata a prefeita de São Paulo:

— Parece um Toyota.

São cento e cinquenta e dois, um pouco além da necessidade de cento e quarenta do Twitter. Mas Zózimo logo se encaixaria

na conta com esta curtíssima:

- Sugestão de nome para empresa que Donald Trump e Naji Nahas vão abrir juntos: Trampolinagem.

Esta última tem noventa e dois toques.

Para Elio Gaspari, o conceito jornalístico tradicional da grande nota, onde estaria alardeado o grande furo, no caso de Zózimo era um tom, um espírito. O tom da alegria, um deboche bem medido. Para o jornalista Wilson Figueiredo, “o texto de Zózimo era um clássico na arte da dissimulação. A pessoa lia e não podia reclamar”. Em 10 de maio de 1989, na nota “Caso sério”, Zózimo misturava diplomacia com a mais pura gandaia carioca, cena internacional com publicidade, e tudo ficava no ponto certo da brincadeira com um espírito completamente fora do praticado nas outras páginas do jornal:

- Parece que a cônsul-geral da Colômbia no Rio, Margarita Duran, anda muito contrariada.
- Não se conforma com a irreverência de um anúncio na TV de uma marca de geladeira.
- Aquele que diz:
— Bota na Cônsul.

As notas políticas estavam espalhadas pela página, mas a sensação é de que nelas o colunista não empregava metade da força criativa usada para as de sarro na humanidade. Parecia publicar as informações mais pesadas apenas para equilibrar a balança, mostrar a seriedade de seu jornalismo. As notas travestidas de gravidade liberavam-no para o que interessava: morrer de rir diante do espetáculo que via ao redor. “Eu publico os mais diversos assuntos, mas o que faz sucesso de verdade é o *potin*, mesmo que esteja escondido num canto.”

Ele continuava repetindo aos seus assistentes — e no fim dos anos 1980 teve na coluna Miriam Lage e Regina Rito — que queria, sim, a notícia bruta, o grande furo, mas principalmente o que chamava de “sacada”. Essas notas, claro, eram as mais difíceis porque não possuíam materialidade — eram o “espírito” de que falava Gaspari. Uma vez deixou escapar numa entrevista que “o Ibrahim é outro tipo de coluna, quase só tem informação”, como se isso o rebaixasse. Às vezes ganhava o dia numa legenda, como a que obrou em 4 de janeiro de 1975. Era para uma foto de Mariana Picasso, neta do próprio, uma moça não muito bem diagramada no nariz e arredores. Zózimo escreveu embaixo da foto: “Mariana Picasso, que provavelmente deve ter inspirado em muito seu avô Pablo na fase cubista.”

Uma fonte séria do período, ministro das Comunicações do governo José Sarney, era Antônio Carlos Magalhães, frequentador da noite do Rio, *habitué* do Hippopotamus. Zózimo não tinha entusiasmo por esse tipo de político, mas submetia-se. Afinal, ACM era autor da frase “fale bem dos amigos todos os dias, fale mal dos inimigos pelo menos duas vezes por dia” — e esta segunda parte era uma senha fundamental para ele se fazer interessante a um colunista. Zózimo colhia notas do balaio gordo de ACM, sempre generoso em colaborar com as necessidades de cada jornalista. Era autor de célebre definição sobre os três tipos mais comuns na classe:

1. Há os que querem dinheiro.
2. Os que querem emprego.
3. Os que querem notícia.

De fato, o dinheiro às vezes aparecia na história do colunismo. Os donos do restaurante Candido's, em Mangaratiba, encantados com as notícias que Fernando

Zerlottini, o Swann da vez no *Globo*, dava sobre o seu restaurante — que servia “o melhor peixe do Rio” —, mandaram-lhe um pacote de dinheiro. Assustado, Zerlottini foi até o restaurante devolver o “presente” e, para evitar a sobrevivência de alguma dúvida, nunca mais deu nota sobre aqueles peixes. Havia moedas de todos os tipos no mercado, algumas louras, outras morenas. Zózimo, depois de muita insistência de um amigo, aceitou marcar um encontro no restaurante de Maria Theresa Weiss, no Hotel Empire, na rua da Glória. O amigo chegou acompanhado de uma senhora conhecidíssima na sociedade. Conversaram os três. Alguns minutos depois, o amigo desculpou-se e se mandou, sozinho, deixando a senhora à disposição.

As notas de ACM mostravam o jogo pesado dos bastidores políticos, como esta, “Assunto de Estado”, de 3 de julho de 1986:

- Poucos dias depois de regressar de viagem, o deputado Ulysses Guimarães procurou o ministro Antônio Carlos Magalhães.
- ACM, todo ouvidos, recebeu-o no dia e hora pretendidos apenas para ouvir estarrecido o assunto do encontro.
- Com a singeleza e a simplicidade que o caracterizam, o dr. Ulysses pediu simplesmente um canal de TV para seu filho.
- Alguém da cúpula do governo soube da história e não resistiu à brincadeira:
— Ah, ele quer uma televisão? Então vamos mandar uma de 24 polegadas a cores.

Zózimo publicava as notas de ACM, mas não seria surpresa se no dia seguinte ACM fosse o criticado. Sarney levava sempre

uma farpa. Em 14 de julho de 1989 publicou sob o título “Dúvida”:

- O jornal francês *Le Figaro* circulou ontem com declarações do presidente José Sarney sobre a Revolução Francesa.
- Não deu para perceber se contra ou a favor.

Era uma turma tratada sem maiores cerimônias. Alguns dias antes, em 4 de julho de 1989, deu esta nota:

- Queixa de um empresário, depois de ouvir um interminável discurso do candidato Aureliano Chaves sobre como seria seu governo, que incluiu desde críticas aos formulários do imposto de renda até considerações sobre o funcionamento da mecânica celeste:
 - O Aureliano é um candidato sem vírgula: quando começa a falar, não para mais.

Os políticos misturavam-se democraticamente, sem privilégio na hierarquia editorial, ao grande sarapatel de notícia em que havia se transformado a página. No fim da década de 1970, o editor Walter Fontoura foi aos Estados Unidos mostrar o *JB* numa universidade americana. Todos elogiavam a elegância gráfica, a clareza de como os textos apareciam na página etc. Walter respondia às perguntas sobre a permanência dos classificados na passagem para o jornal de qualidade, o conteúdo do *B* etc. — até que um professor lhe perguntou sobre o que havia no *Informe JB*.

“Temos notícias”, respondeu Fontoura.

“E nesta coluna aqui, do Zózimo?”

“Mais notícias.”

“E as notícias vocês publicam onde?”

A coluna de notícia dentro de jornal de notícia era uma das extravagâncias do jornalismo brasileiro — e deu certo. Com o sucesso de Zózimo, que superou a importância de Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued nas décadas anteriores, tornando uma coluna de notícias uma atração indispensável em qualquer jornal do interior do país, criou-se uma civilização sustentada por elas. Elio Gaspari chama essa multidão de colunas de “jornalismo Parthenon”. Colunas e ruínas.

No fim dos anos 1980, a coluna tinha se descolado dos parâmetros vigentes do que fosse tradicionalmente reconhecido como notícia, esse ET que tem tantos retratos falados quanto o número de jornalistas que o vê. Zózimo inventara um padrão particular, um disco voador piscando luzes próprias. Em 28 de janeiro de 1989, a nota “Ti-ti-ti” dizia:

- O grande ti-ti-ti no momento na TV Globo colocando novamente em questão o problema da segurança dentro da emissora envolve o roubo do relógio Breitling (US\$ 3.500) da atriz Lúcia Veríssimo.
- Para gravar uma cena de amor com Francisco Cuoco para a novela *O salvador da pátria*, Lúcia tirou o relógio e colocou numa mesinha. Quando procurou-o novamente, a preciosidade tinha desaparecido.
- Levado o problema a instâncias superiores, estas se pronunciaram:
— Grandes m... Na semana passada sumiu do estúdio um piano de cauda... Branco.

Era preciso imprimir uma marca e fugir da chatice de notas simplesmente informativas, dos colunistas que não conseguem carimbar uma personalidade ao seu trabalho e vão burocraticamente preenchendo seus espaços com o suspiro de

qualquer pé-rapado ou cena que viram na esquina de casa. A reboque do sucesso vinha o poder da coluna em alavancar projetos comerciais alheios. O Gattopardo, pizzaria que Ricardo Amaral abriu na Lagoa, só decolou depois que Zózimo esteve lá, provou uma pizza e elogiou-a na coluna. Os empresários que tentaram instalar a boate Maxim's no alto da Torre do Rio Sul, em Botafogo, não tiveram tanta sorte. Entraram com um processo contra Zózimo e o *JB* por acharem que as notas da coluna, depreciativas, contribuíram para o fracasso da casa, que fechou em poucos meses depois de um investimento milionário.

Zózimo frequentava o alto empresariado, a alta politicagem, a alta sociedade, as altas mulheres, enquanto os outros coleguinhas não conseguiam acesso a tais andares. Falava para cima ou com os da sua estirpe. No fim da década de 1980, quando ia até a casa dos amigos, no dia seguinte já não publicava uma extensa relação de nomes e pratos — e sim a fraternidade desenvolvida. Se antes não relatava as conversas das festas, como se fosse um evento de mudos, agora a química intelectual era o que interessava. Não mais a cerimônia dos talheres, e sim o papo que rolava:

- Levou a assinatura do fotógrafo Paulo Garcez, em noite de extraordinária e exuberante verve, a grande performance do simpático jantar de lugares marcados que, a convite de Teresa Muniz e Aloysio Salles, reuniu anteontem no elegante apartamento da rua Paissandu um grupo de amigos em torno de Vera Bainville.
- Lourdes Faria, Viviana Pecci Blunt, Almir de Castro e Gilberto Chateaubriand compunham a plateia à qual Garcez divertiu contando mil e uma historinhas.
- Entre elas a que se segue.

- Vazio, quase na hora de fechar, presente apenas o *bartender*, a polir copos, o *pub* de Londres recebeu a visita de uma bonita mulher, nua em pelo, que escolheu uma banquetta no fim do balcão, instalou-se e pediu um *scotch*.
- Sem se alterar, impassível, o *barman* atendeu-a, serviu o drinque e continuou a esfregar os copos, sem, contudo, resistir a arriscar uma espiadela.
- No terceiro uísque, sorvido igualmente sem pressa, a jovem se sentiu incomodada com a olhada furtiva do *barman* e interpelou-o:
 - Por que o senhor me olha? Nunca viu uma mulher nua?
 - Já, minha senhora, já vi, sim. Só olhei porque ainda não consegui perceber de onde é que a senhora vai tirar o dinheiro para me pagar.

Zózimo também procurava de onde tirar dinheiro. Animado pelo colega Silvio Ferraz, aceitou dar aulas para uma turma de jornalismo da UniverCidade. Compareceu meia dúzia de vezes, achou chato e nunca mais. Aceitou alguns convites para palestras. Numa conferência na Associação Brasileira de Imprensa, a ABI, um grupo acusou-o de preconceituoso porque criticava o comportamento dos pobres nas praias, chamava-os de farofeiros e fazia campanha para que a prefeitura impedisse a chegada de ônibus ao balneário de Búzios. “Você quer Búzios exclusiva para os ricos”, protestou alguém, que ouviu como resposta que a praia devia ser limpa, sem cascas de banana ou ossos de frango. As vaias só foram interrompidas pela interferência de Maurício Azêdo, diretor cultural da ABI, membro do Partido Comunista. Ele ficou com Zózimo: a praia devia ser de todos, desde que esses todos se comportassem segundo as regras sociais e municipais em vigor.

De volta à redação, Zózimo começava seu dia dando uma lista de nomes para que Marly fosse ao telefone. Fumava e brincava com Miriam Lage, que se queixava de uma hérnia de disco que começara a doer ao levantar uma caixa de leite no supermercado. “Que coisa de pobre”, dizia Zózimo. “Valoriza. Diz que a hérnia apareceu depois de uma aula de esgrima.” Era um chefe discreto, sem grandes cobranças ou didatismos. Pedia que Miriam não colocasse no título nada que tirasse a surpresa da nota, um vício do jornalista de resumir nas letras maiores a graça do que vinha a seguir e dispensar o leitor de ler o texto. Um chefe *relax*, na linha do grande parque de diversões intelectualizado do *JB*.

Às sextas-feiras, o assessor de imprensa Roberto Mota seguia as ordens de seu patrão, Manuel Águeda, e mandava uma bandeja de rissoles do Antonino para que a coluna enfrentasse com galhardia o fechamento das edições de sábado, domingo e segunda-feira. Zózimo acompanhava os salgados com uísque — e ficava ainda mais descontraído. Em 14 de setembro de 1988, lá estava o grande cineasta Roman Polanski protagonizando a nota “Estreia”:

- Depois de algumas semanas de expectativa, estreou finalmente a escada em caracol do restaurante Le Streghe, em Brasília.
- A cortar a fita inaugural, uma ilustre personalidade — Roman Polanski.
- Tomou um porre e rolou por ela abaixo.

Marcello Alencar, também chegado a altos teores alcoólicos, não teve melhor sorte. Em campanha para ser mais uma vez prefeito do Rio, no pleito de outubro, foi visto, numa nota de 9 de setembro de 1988, trocando as pernas e as letras em “Voz do povo”:

- Entrevistado ontem num elevador do Centro da cidade:
— Esse Marcello Alencar não tá com nada. O homem confunde IPTU com PITU.

Segundo Elio Gaspari, “poucos jornalistas divertiram-se tanto fazendo o seu serviço. Divertia-se como se tivesse recebido a graça de ganhar a vida conversando com quem gostava e tratando dos assuntos que lhe interessavam”.

Sempre de azul, as roupas mais formais feitas como sempre no ateliê do alfaiate Alberto Marques, e os jeans das marcas Mac Keen ou Fiorucci comprados no exterior, ele se perfumava com a colônia Davidoff (a do vidro azul-turquesa) ou a Eau Sauvage, da Dior. Cortava o cabelo com Jean-Luc Bernard, o barbeiro que descobriu no Carita, no Faubourg Saint-Honoré, em Paris, e importou para o salão de Jambert e que, depois, brigado com o patrão, partiu para carreira solo. As revistas de comportamento costumavam lhe perguntar as diferenças entre o brega e o chique. Por duas vezes transformou a questão em notas curtas:

- Brega é brega e não há nada a fazer.
- Chique é chique e não há nada a fazer.

Ou:

- Brega é perguntar o que é chique.
- Chique é não responder.

O jornalismo de Zózimo era chique e não havia nada a fazer. Seria brega insistir em responder por que ele era assim. Cada um que inventasse o seu. Quando o governo lançou, em agosto de 1988, o slogan “Tudo pelo social”, ele também reescreveu a

ideia — e parecia animado em tocar a caravana de notinhas para a frente:

- Está cunhado desde hoje pela praça um novo slogan que tem tudo para pegar: Tudo pelo Colunismo Social.

A nota saiu em 2 de janeiro de 1989 e, se fosse feita uma pesquisa sobre a mais famosa das 200 mil notas que Zózimo publicou, seria a campeã. Ela está para o colunismo de notas assim como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, está para a literatura nacional. Um clássico incontestável, o formato perfeito, o equilíbrio sofisticado entre informação e humor no mínimo de espaço. O título é “A arte de soletrar”:

- A melhor historinha deste início de ano envolve a cantora Elba Ramalho e um amigo, com quem ela tentava desesperadamente se comunicar outro dia por telefone em plena zoeira da boate People.
- Ela queria dizer onde estava e do outro lado da linha pouco se ouvia.
 - Eu estou no People — dizia Elba aos berros.
 - ?????
 - No People, pô. People, não conhece?
 - ?????
 - No People, People — P-I-P-O-L!

A cena tinha acontecido na semana anterior, a última de 1988, e foi a única notícia divertida daquela segunda-feira no jornal, dominado pela tragédia do *Bateau Mouche*, o barco que virara durante a festa de Réveillon e matara cinquenta e cinco pessoas na baía de Guanabara. Muita gente no People ouviu o telefonema de Elba, ou parte dele, pois o barulho no ambiente era grande. Para se fazer registrar por quem estivesse do outro lado da linha, tornava-se necessária uma voz poderosa — e Elba, anos antes, já havia sido alcunhada de “a vingança do

agreste” por Telmo Martino. Ao telefone fixo, no bar da boate, ela possuía o registro vocal perfeito para se fazer ouvir.

O People, no Leblon, era um dos pontos de referência da vida noturna carioca, concorrente do Hippopotamus principalmente pela qualidade da plateia. Em dois andares, no térreo e no subsolo, o empresário José Henrique Ferraz conseguira criar ambientes de bar, restaurante e casa de shows, todos eles se misturando, sem limites geográficos entre artista e público, e isso dava um tremendo charme. Dependendo do ponto em que se estivesse, o tal charme também podia se transformar em problema.

A cantora Nana Caymmi estava no auge do reconhecimento da crítica, com músicas tristes que davam dó (chorava quando cantava “Declaração de separação”, de Dominginhos e Anastácia), e não suportava o passeio dos garçons enquanto cantava. Achava desconcentrador. Eles andavam pelo palco, um espaço que não existia, pois ficava no mesmo plano do público. Certa noite, quando o garçom passou com o copo de uísque de um freguês na frente dela, zás!, Nana interrompeu a canção para dar um bote: “Este é meu.”

Era o Rio no que a cidade tinha de melhor, as tribos entrelaçadas, a falta de cerimônia, o auê generalizado, como se fosse praia noturna. As mesas eram muito próximas umas das outras, o que obrigava os presentes a um inevitável relacionamento. Como a plateia reunia basicamente celebridades da cultura, da boemia, da sociedade e do empresariado, todos se faziam íntimos. Não seria surpresa se, ao ir ao banheiro, o usuário anterior tivesse deixado em cima da tampa do vaso, como se pedisse desculpas pela demora, uma fileira de cocaína já esticada. “Que beleza!”, vibrou Tim Maia durante uma apresentação. “Um show de Tim Maia pelo preço de um grama de pó!”

Naquele final de 1988, Elba Ramalho tinha ido ver o show da Velha Guarda da Portela. Na cena ao telefone, ela conversava com a empregada, Vera, moça semialfabetizada. Tentava passar um recado mais ou menos simples, não fosse a barreira do barulho e da palavra em inglês. Elba tinha marcado um encontro em sua casa com uns amigos, quando todos então, juntos, sairiam para o People. Só que ela precisou sair antes de casa e queria que a empregada contasse isso quando os amigos chegassem. Era o que ela afirma que gritava para Vera ao telefone: “Quando o pessoal chegar aí, diz que eu já estou no People, que é pra todo mundo vir pra cá.” Simples, não? Depende.

Vera não se entendia com a palavra “People”. Quando Elba começou a soletrar, piorou. As letras *p-e-o-p-l-e* não combinavam, no ouvido dela, com a sonoridade que a patroa dava ao nome da boate. No meio da barulheira e também por ter a comunicação significado inalcançável à sua interlocutora, Elba diria depois ter desistido de explicar qualquer coisa. Foi aí que usou o recurso que lhe pareceu mais eficaz. Mandou às favas o inglês correto. Soletrou *people* de um jeito que Vera entendesse: “Diz a eles que eu estou no P-I-P-O-L.”

A empregada compreendeu imediatamente. Tudo estaria encerrado se Elba não estivesse cercada de fontes de colunistas. Entre os que ouviram, estavam o Josa, da direção do *Jornal do Brasil*, e também a assessora de imprensa Valéria, funcionária do escritório de Anna Maria Tornaghi, dona da conta do serviço de relações públicas do Pipol, digo, People. Na manhã do dia seguinte, Josa e Valéria descreveram a cena para seus colunistas preferidos. Mal acordou, Josa pegou o telefone e contou a história a Zózimo. Valéria enviou a mesma nota para Fred Suter, que saíra do *JB* e estava no *Globo*, desde janeiro de 1987, à frente da antiga *Coluna de Carlos Swann*, que um ano depois teria seu nome reduzido

para *Swann*. Tanto Josa quanto ela não sabiam que do outro lado da conversa de Elba estavam Vera e sua dificuldade de entender a língua inglesa. Passaram para os colunistas apenas as falas da cantora. Só Zózimo se interessou. Quem não se dobraria de rir diante da cantora nordestina soletrando errado?

Após a publicação, Elba telefonou para Zózimo dizendo não ser ignorante como, “no seu elitismo”, o colunista supunha. Não exigiu reparo. Já tinha sido vítima de outra piada que a marcara nos meios artísticos. O compositor baiano João Gilberto teria lhe pedido por telefone que fosse até seu apartamento para conversarem sobre música, mas que ela levasse um baralho de cartas. Em lá chegando e em tendo batido na porta, o cantor perguntou, de dentro do apartamento, se Elba estava com o baralho. Quando ouviu a confirmação, João pediu que ela o passasse, carta por carta, por baixo da porta. Com as cartas na mão, ele despediu-se com um tchau lá de dentro mesmo.

A história, segundo Elba, não é essa. O cantor pedira que ela conseguisse com os seus músicos um pouco daquele cigarro forte que muitos representantes da classe costumam fumar nos momentos de relaxamento e busca de inspiração — e que deixasse a encomenda na porta do seu apartamento. A nota do *People* mais uma vez, segundo Elba, cutucava na tentativa de estigmatizar uma nordestina. “Eu fiz duas faculdades”, desabafava referindo-se a cursos de sociologia e economia, não concluídos, quando lhe perguntavam a verdade por trás da nota. “Só pessoas preconceituosas podem imaginar que eu não saiba soletrar *people*.”

Quem também não gostou da história foi a *promoter* Anna Maria Tornaghi. Ela deu uma bronca na funcionária que encaminhou a nota para *O Globo*. Valéria, contratada para passar informações sobre como era bom estar na noite do

People, gostava de divulgar notas de gozação que, evidentemente, ricocheteavam no letreiro da casa. Dentro do People, ensinava Tornaghi, todos são inteligentes, bonitos e bem-sucedidos. A noite é sempre *up*! Qualquer coisa fora disso, continuava a mestra, nós não vemos, não ouvimos e, principalmente, não comunicamos aos jornalistas.

Boa parte do sucesso do People se devia ao People Down, o depósito no subsolo que acabou virando um cantinho acolhedor para se viver o melhor da noite carioca. Foi no bar dali que se deu a cena de Elba ao telefone. O esconderijo do esconderijo, o útero do Rio, o último lugar aonde a polícia chegaria para prender quem estivesse nos banheiros. Um cliente famoso também gostava de se sentar ali por outro motivo. Protegido pela multidão de acontecimentos ao redor, podia ficar olhando as mulheres mais bonitas do Rio, *starlets* globais, e, em homenagem a elas, se masturbar embaixo da mesa. Valéria soube disso. Minutos antes de passar a nota para Zózimo, foi proibida por Tornaghi.

30

Em 15 de março de 1979, o general João Baptista Figueiredo assumiu a Presidência da República com um estilo vigoroso — queria conter os radicais e deixar o Brasil voltar à democracia. Anunciava-se como o último presidente militar. Um mês depois, em 20 de abril, Zózimo saudava em “Figueiredo, o bom”:

- Não há por que exigir mais de Figueiredo. Pelo que mostrou em pouco tempo de atuação, não há razão para quaisquer preocupações. Recém-começando em suas funções mostrou talento, competência e enorme disposição para desempenhar a árdua tarefa da qual foi incumbido.
- É duro no combate aos adversários, mas é leal e mostra saber o que quer. Pelo que se viu, não será desnecessariamente violento, mesmo com a cabeça quente.
- Não se consegue enganá-lo facilmente. É atento, preciso e objetivo. Chega a ser ríspido em alguns momentos, principalmente quando é açoitado, mas não se pode esperar outra atitude na sua posição.
- Desde o primeiro minuto, mostrou ter visão, abrindo para as extremas, impondo seu ritmo e dialogando com os companheiros.
- Durante algum tempo ainda pagará o preço da sua inexperiência, mas com o apoio de uma grande equipe — a melhor que se pode formar no momento — não tardará em firmar-se e mostrar realmente a que veio.
- Está apenas no começo, mas ainda dará grandes alegrias ao povo.

- O jovem zagueiro Figueiredo, lançado anteontem pelo Flamengo, mostrou realmente que tem futuro.

Antes de se preocupar com o que pudesse fazer o general aos destinos da nação, Zózimo tinha os olhos voltados para o futuro do seu clube — e ficou feliz quando acertou na previsão da nota, pois Figueiredo, o bom, não o último gorila, foi campeão mundial pelo Flamengo em 1981. Quando não gostava do que ia pela nação rubro-negra, estivesse no jornal ou na arquibancada, falava grosso. Noticiário sobre o Vasco, o Fluminense ou o Botafogo? Nenhum. Era uma coluna politicamente liberal, no futebol, porém, pautava-se com exclusividade sobre o que pudesse ser de interesse do clube da Gávea. Para o bem ou para o mal.

Nos sete primeiros meses de 1991, a coluna deu treze notas sobre Márcio Braga, presidente do Flamengo e secretário de Esportes e Lazer do governo Leonel Brizola. Todas negativas. “Márcio Braga está empenhado na contratação de Maradona. É a chamada sopa no mel”, publicou Zózimo em 23 de abril daquele ano, três dias antes da prisão do jogador por uso de cocaína. Naquele momento corria na Justiça do Rio um processo de calúnia, movido por Márcio, contra o advogado e ex-pauteiro do *JB* Antonio Augusto Dunshee de Abranches, seu rival na política interna do Flamengo. Dunshee chamara Márcio de “viciado em cocaína”.

A maioria das notas tratava do embate entre Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol, e Márcio, candidato ao cargo. Eram acusações no âmbito da cartolagem pátria. Quem era o bem, quem era o mal? Zózimo ficou ao lado de Ricardo, sua fonte. No dia 4 de julho, sob o título “Pau a pau”, dizia que menos de sessenta dias depois de ter se retratado das mesmas acusações, Márcio voltara a atacar Teixeira. Informava que a CBF enviara ao Flamengo, a pedido

do governo português, um ofício exigindo declaração de custo do passe do jogador Mozer, vendido ao Benfica. “Até aquele momento”, finalizava a nota, “o presidente do Flamengo não respondeu.”

As notas, Márcio Braga tinha certeza, eram plantadas por Dunshee de Abranches, grande amigo de Zózimo e seu ex-companheiro de arquibancada na torcida do Flamengo. Carlos Lemos, ex-colega do colunista na redação do *JB* e assessor de imprensa de Teixeira, era outra fonte que ajudava na munição. Josa Nascimento Brito também.

Num famoso jogo de 1978, quando o zagueiro Rondinelli acertou uma cabeçada no final do segundo tempo e deu o campeonato carioca ao Flamengo num jogo contra o Vasco, Dunshee estava ao lado de Zózimo na tribuna da imprensa. Por toda a vida, quem se lembraria com mais nitidez, e não à toa, daquele momento entre amigos seria a jornalista Marilene Dabus, relações-públicas do clube. Depois de alguns uísques, no chão da tribuna, Zózimo não conseguiu se levantar para comemorar o gol. Enquanto todos vibravam, o colunista, ainda sentado, sapecou uma dentada no que lhe estava mais à altura da boca — a bunda bem torneada de Marilene.

Zózimo era torcedor destemperado, flamenguista desde pequeno. Entre outros motivos para a escolha do time, estavam a tradição familiar, a proximidade de sua casa da sede do clube e o primeiro tricampeonato estadual do rubro-negro, em 1942, 1943 e 1944, nos seus primeiros anos de vida. Boy (amigo de Gilberto Cardoso, o mitológico presidente do clube), num jogo de sábado à tarde no Maracanã, foi visto dando guarda-chuvada num torcedor do Vasco.

O primeiro jogo a que Zózimo assistiu foi um Fla-Flu, em 1951, com dez anos. O Fluminense venceu, com gol de Orlando. Ir ao estádio virou rotina, e ele citaria como gol inesquecível o que viu num Flamengo e Vasco de 1954. Fleitas Solich,

treinador do Flamengo, estreava a dupla com o meia-esquerda Dida e o ponta Babá, que daria alegrias aos torcedores. Rubens marcou de falta com a bola entrando em curva no gol de Barbosa. “Quanto mais Barbosa voava”, descrevia Zózimo, buscando a imagem gravada nos olhos do menino de treze anos, “mais a bola fugia dele.”

A lembrança é bonita, mas o comportamento de Zózimo nos estádios não tinha nada de poético. O colunista fino perdia a compostura. Não só mordida a bunda da moça que estivesse ao lado, como gritava todos os palavrões. Uma vez esmurrou um sujeito com a camisa do Vasco porque ele lhe dera um tropeção. Na Copa de 1982, na Espanha, logo depois que o Brasil foi eliminado pela Itália, um jornalista italiano esbarrou em seu filho, Fernando — foi o pretexto para começar mais uma briga. “O sujeito mais elegante do mundo vira o maior cafajeste quando chega ao campo de futebol”, disse em 1987 numa entrevista à revista *Placar*. “Manda a elegância e a distinção pro brejo. Vira um torcedor de geral, picado pela paixão clubística. Não tem boa educação que resista. Todos viram bicho.”

Cronista esportivo botafoguense, Armando Nogueira conviveu com Zózimo na tribuna da imprensa do Maracanã. Não entendia como o tricolor Nelson Rodrigues, encantado com o perfil de seres levados ao paroxismo por alguma paixão radical, não transformou Zózimo num de seus personagens de ganidos apopléticos de cachorro atropelado. Armando tinha a impressão de que o amigo era tomado por alguma entidade da cultura popular carioca, tal o descontrole vocabular. Não o reconhecia naquele descabelado que vociferava, um “ser repleto de ódio puro ao adversário”.

Sebastião Lacerda acompanhou Zózimo em alguns jogos, principalmente quando, por ser filho de Carlos Lacerda, governador do Rio entre 1960 e 65, usufruía facilidades de

acesso ao Maracanã. Em uma das vezes, o Flamengo perdia e um torcedor adversário, três filas à frente, começara a debochar: “Esse time é irrisório.” Na quinta repetição, Zózimo retrucou alto: “Para de falar bobagem, ‘time irrisório’ não existe.” “Eu não estou falando com você”, devolveu o homem. “Pois eu estou falando com você”, mandou Zózimo, o rosto vermelho de costume — e o resto ficou por conta da turma do deixa-disso.

No fim dos anos 1970, Zózimo estava lá na arquibancada, tomado por essa porção “bicho” que o acometia quando o Flamengo estava em campo — outros preferem “monstro” e um amigo judeu crava “jihadista”. Xingava com um imenso repertório a mãe de Arnaldo Cezar Coelho, o juiz. Foi quando, logo à frente, levantou-se um homem e, educadamente, pediu: “Xingar o juiz pode. Mas vê se poupa minha mãe, tá?” Era o irmão do juiz, o empresário Ronaldo Cezar Coelho, que depois ficaria amigo do colunista, assim como o juiz.

Um grande medo de Zózimo era Fernando não adotar as mesmas cores para torcer. Sutilmente, ligava o rádio quando o Flamengo estava bem no placar, massacrando algum adversário. Virava para o menino e dizia: “Está vendo como é triste não ser Flamengo?”

Mario Rodrigues Neto, neto de Mario Filho — jornalista que, pelo empenho na construção do estádio do Maracanã, acabou lhe dando o nome —, sofreu com a ira rubro-negra do amigo. Certa vez o rapaz, tricolor, ousou vibrar, na cadeira ao lado da de Zózimo, com um golão de Pelé contra o Flamengo. “Você não pode vibrar com gol do Santos”, explicou Zózimo, com o olho rútilo e os lábios trêmulos, para usar uma expressão de Nelson Rodrigues, tio-avô de sua vítima. Quando esta quis saber o motivo da agressão, explicou: “Você é tricolor, fica quieto que o jogo não é com vocês.”

Foram tantas as brigas por causa de sua paixão pelo Flamengo que Dunshee de Abranches perdeu a conta das vezes que precisou, como advogado, ir até a 14^a Delegacia de Polícia, no Leblon, para livrar o amigo de alguma confusão pós-jogo. Na redação, jornalista acima de tudo, Zózimo se dava o direito de criticar o time e até debochar dele:

- Fiel à sua nova política de investir em grandes contratações, o Flamengo acaba de anunciar a chegada do apoiador Merica, do Atlético de Alagoinhas, garantindo, ao mesmo tempo, a prioridade para a compra de Dendê, do mesmo clube.
- Marcha assim o clube da Gávea para a formação de um interessante meio de campo onde pontificariam, lado a lado, Merica, Dendê e Luis Florêncio. Tão pitoresco quanto esse só outro meio de campo, que fez furor defendendo as cores do Mangaratiba FC na década de 50: Pé de Pato, Camisolão e Frigideira.

No início de tudo, ele, Dunshee e Márcio Braga eram do mesmo grupo de rubro-negros vipados (no qual se incluíam o produtor de cinema Luiz Carlos Barreto, o executivo da TV Globo Walter Clark e o diretor de Comunicações também da Globo João Carlos Magaldi), que lançou, em 1976, a chapa Frente Ampla Flamengo, ou Dragão Negro. No ano seguinte, Márcio chegaria à presidência do clube. Foi Zózimo quem deu a notícia de que Márcio sairia candidato, uma história que quase lhe custou a aproximação com Marilene Dabus e, por conseguinte, a dentada em sua bunda. A jornalista lhe passara a notícia, só que pedira, “pelo amor de Deus”, que nada comentasse no jornal, pois Márcio ainda precisava acertar detalhes da vida pessoal. No dia seguinte, 7 de setembro de 1976, é claro que a bomba estava no alto da coluna, com o

título “Afinal, um nome” e uma foto de Noelza Braga, mulher de Márcio, toda lânguida e sensual sentada no chão de casa. A legenda dizia: “A primeira-dama do Dragão.”

Quando Marilene cobrou a traição — sobre a dentada na bunda jamais se queixou — Zózimo foi sincero: “Meu amor, é da índole do jornalista. Publicamos notícias, o resto é mentira pra se conseguir notícias.” Marilene ficou sem falar com Zózimo, mas por pouco tempo — “como resistir às gargalhadas dele, aos olhos azuis?”.

Zózimo fez campanha por Márcio. Quando, em novembro, o candidato foi apresentado à torcida, numa festa com coquetel no Shopping da Gávea, trabalhou com humor a favor: “Até que enfim a torcida do Flamengo foi apresentada ao Buchanan’s e ao caviar.” O colunista brigou quando Márcio, contra os estatutos, quis se reeleger para um terceiro mandato (já exercera os de 1977-1978 e 1978-1979). Então apoiou Dunshee, que seria eleito. Mais adiante, Braga voltaria à presidência, acumulando-a com o cargo de deputado federal. Zózimo passou a dar notas, já no final dos anos 1980, dizendo que Márcio usava o Flamengo de olho na prefeitura.

Pois foi depois de toda essa brigalhada pelo clube (“E o Márcio Braga, hein?, é o coveiro do Flamengo. Ele e seu preposto, Gilberto Cardoso Filho”, em 22 de agosto de 1989), após muitas notinhas passadas por Carlos Lemos, que se deu a cena lamentável. No fim da tarde de 13 de julho de 1991, Márcio, presidente do Flamengo, estava numa mesa do lado de fora do Gattopardo quando viu o colunista vindo de dentro do salão principal do restaurante.

A primeira parte do grupo passou sem problemas pela mesa do cartola. O casal Gisela e Ricardo Amaral e mais Paulo Marinho pararam para cumprimentos. Quando o colunista tentou passar, Márcio colocou o corpo à frente. Segurou-lhe os braços e pôs-se a agitá-los. “Por que você insiste em falar mal

de mim no jornal?”, gritava. “Que notinhas calhordas são essas que você fica dando?” Zózimo desvencilhou-se. Ainda tentou explicar que a coluna não visava atingir as pessoas, mas sim criticar as suas atitudes na vida pública. “Eu não comento sua pessoa física, mas a jurídica.” “Você tá pensando o quê?”, continuou Márcio com a frase que, no Rio, costuma ser a última antes do inevitável desforço físico.

Márcio atracou-se com Zózimo, jogando-o sobre as mesas do restaurante. Sucederam-se imediatamente aquelas lamentáveis cenas de senhoras gritando, pratos quebrando e afins. Com Zózimo no chão, Márcio tentava chutá-lo. Fred Suter quis defender o chefe e também recebeu socos. O dirigente berrava, apoplético: “Vou acabar com essa raça de jornalistas!” A turma do deixa-disso separou os litigantes e tudo parecia acalmado quando, na calçada, Márcio foi novamente agredir Zózimo. Dessa vez surgiu o empresário da noite Carlos Alberto Ávila da Fonseca, o Carlinhos Docelar, faixa preta de jiu-jítsu, e “cinturou” o cartola, impedindo-lhe os movimentos até Paulo Marinho colocar Zózimo dentro do carro.

Helio Fernandes, em sua coluna na *Tribuna da Imprensa*, criticou “o gesto tresloucado” de Márcio Braga (“o tabelião que jamais trabalhou na vida”). Pediu que o advogado Nilo Batista, vice-governador respondendo interinamente pelo estado, já que Brizola viajava, analisasse o caso de premeditação. Márcio teria visto Zózimo chegar ao restaurante e só aí entrou, ocupando mesa estratégica para atacá-lo à saída.

Entrevistado pela *Veja*, Zózimo informou que entraria com ação na Justiça: “Não estamos na Idade da Pedra. As pessoas não podem sair agredindo outras por aí sem motivo.” Márcio Braga declarou aos jornais sua satisfação com a baixaria. “Já bati nele. Nem vou mais entrar com uma ação contra a coluna.”

O então procurador-geral de Justiça, Antonio Carlos Biscaia, aceitou a denúncia de Sergio Bermudes contra Márcio. O governador Brizola, quando soube do entreviro, telefonou para Márcio, seu secretário de Esportes, cumprimentando-o pela iniciativa. Disse que gostaria de ter feito o mesmo. O caso foi arquivado.

Zózimo deu um tempo ao adversário e, a fim de que não parecesse revide ou perseguição, parou de publicar notas a seu respeito. Dois anos depois, em 10 de fevereiro de 1993, interrompeu o jejum com “De volta”:

- Demorou menos do que se imaginava a volta ao noticiário do sr. Márcio Braga, secretário de Desportos. É acusado, segundo a Ouvidoria Geral da República, de usar recursos públicos no montante de Cr\$ 16,5 milhões para passar fins de semana no Rio. Notificado, terá que se explicar.
- Márcio Braga, secretário de Desportos. Tem governo que é cego.

Entre os jogadores, Zózimo tinha especial carinho por Rubens, artilheiro do time na sua infância, no entanto achava que seu parceiro em Z, o Galinho de Quintino, Zico, era o maior de todos. Considerava-o completo pela capacidade técnica, inteligência na armação das jogadas, eficiência na batida de faltas, molecagem no drible, humildade em servir aos companheiros etc. Zico foi o líder do time que, com Figueiredo no elenco, deu o campeonato mundial de clubes ao Flamengo em 1981.

Essa admiração não o impediu, em 16 de setembro de 1980, de dar uma nota que marcaria a carreira do jogador. Zico e outros craques do Flamengo e do Fluminense, que haviam se enfrentado à tarde no Maracanã, foram à noite comemorar no

Hippopotamus. Dois dias depois, a coluna publicava nota de vinte e oito linhas, a princípio elogiando a alegria do grupo. Informava que tinha havido um temor quando o atacante Nunes, do Fla, e o defensor Edinho, do Flu, personagens de uma cena ríspida durante o jogo, se encontraram no salão — mas eles se cumprimentaram e riram muito. Ao final, Zózimo diz que a noite havia servido para revelar as preferências de bebida de cada um. O tom não era acusatório, soava quase como um guia do consumidor:

- Zico, sozinho, bebeu oito cervejas. Luís Pereira, cuja temporada na Espanha deve tê-lo transformado num homem de hábitos mais apurados, só consumiu *scotch* da marca Chivas Regal. Menos exigente que ele, Pintinho contentou-se em bebericar uísque Bell's. O único que não tocou em álcool foi Paulo Cesar Lima, que bebeu Coca-Cola a noite inteira.

Naquela mesma semana, o Flamengo empataria com o fraco Americano, de Campos. Zózimo fez outra nota, “Regras imutáveis”. O tom era “eu não disse?!”. Passou um sermão em Zico, que jogou bem o primeiro tempo e depois desapareceu.

- Quem sabe, se reduzir na próxima noitada as cervejas de oito para quatro, Zico não conseguirá um rendimento idêntico durante o jogo inteiro?
- Há, para quem pratica esporte, e sobretudo vive dele, uma meia dúzia de regras imutáveis, às quais é impossível ferir impunemente.
- Uma delas é precisamente a de que esporte e vida noturna são atividades inconciliáveis.
- Quando, depois de um Fla-Flu duro como o de domingo, parte do time do Flamengo apareceu na noite do

Hippopotamus, bebendo cerveja e uísque, devia saber que mais cedo ou mais tarde viria o castigo.

- Pois chegou anteontem, aplicado pelo Americano.

Zico telefonou para Oldemário Touguinhó, editor de Esportes do *JB* na época, e reclamou. Admitiu que como atleta talvez precisasse prestar mais atenção a esses comportamentos em público, todavia atacou Zózimo com palavrões e ironias: “Ele me critica, mas no domingo leva o filho dele ao Maracanã para me ver fazer os gols.” Oldemário falou com Zózimo e no dia 22 do mesmo setembro lá estava a terceira nota, com o título “A lição de Zico”:

- O jogador Zico não gostou da nota desta coluna sobre as oito cervejas que tomou outra noite na *boîte* Hippopotamus.
- Não gostou, aliás, não é bem o termo. Indignou-se, vociferou e, depois de alvejar esta página e seu autor com uma série de impropérios, admitiu por fim que a nota lhe serviu de lição. Da próxima vez, cuidará de tomar suas cervejas com a maior discrição.

Ao falar com Oldemário, Zico esperava uma correção da nota. Zózimo, porém, achou que estava do lado certo da Força. Não só manteve a crítica, como elevou o tom. O jogador garantia que a porranca não aconteceu. “O texto dava a impressão de que eu saía dos jogos e ia beber”, defendeu-se tempos depois numa entrevista à revista *Placar*. “Logo eu, que sempre bebi pouco. Aquelas oito cervejas tinham sido o consumo da mesa inteira. Acho que o Zózimo, flamenguista apaixonado, insistiu na campanha porque com o empate contra o Americano ele ficou chateado.”

Zózimo não soube da conversa. Se soubesse, teria usado o tom veemente da arquibancada com o olho rútilo, os lábios

trêmulos. Deixaria aflorar o monstro que o habitava e respondeu com fúria à acusação do Galinho de Quintino, de que teria ficado chateado com o empate diante do fraco Americano: “E não era pra ficar?! Não era pra ficar?!”

Karmita Medeiros, um metro e sessenta e dois centímetros, quarenta e cinco quilos, a típica mignon de almanaque, surgiu pela primeira vez na coluna em 1º de julho de 1986. Estava ao lado da *socialite* Cinthia Figueira de Mello. As duas sorriam largo, em plano americano, e a legenda informava que estavam na “noite movimentada” do Calígula. Karmita era a *directrice* da boate de Ipanema, um inferninho sem atrativos até que ela mesma se percebeu como principal atração. Fazia a *cute*, a fofinha, a gostosinha, o pequeno frasco que na cantada barata dos bêbados noturnos escondia os grandes perfumes. Paulista, ex-modelo do estilista Markito, valia, segundo um certo tipo de frequentadores, como *couvert*. Tinha um sorriso que ia de um canto a outro do salão minúsculo, sempre com um batom carmim que aumentava ainda mais o desenho de todas as belas reentrâncias de sua boca. Preenchia outro requisito indispensável a quem exercia a função: era agitadíssima. Na longa carreira que a seguir teria nos braços da coluna, só aparecia antecedida dos adjetivos “trepidante”, “esfuziante” ou “namoradeira”. Merecia todos.

Ao encontrar-se com a página 3 do *Caderno B*, juntou a fome com a vontade de comer. Ela precisava divulgar a boate, e o colunista precisava de novo elenco. A sociedade envelhecia e não conseguia mais subir, no caso do Hippo, ou descer, no caso do subsolo do Regine’s, as escadas das boates. Zózimo tinha de renovar os atores. Não exigia que fizessem muita coisa — afinal, os nomes clássicos da sociedade anterior também não faziam. A imaginação do colunista é que tratava disso.

A jovem Narcisa Tamborindeguy era uma dessas novas estrelinhas, uma espécie de atualização de Zózimo para o

“bonecas e deslumbradas” do *cast* de Ibrahim. Filha de político, ela era fora dos padrões (divertia-se jogando ovo, da sacada do edifício Chopin, nos desavisados que passavam no calçadão de Copacabana). Teve dois bons casamentos: primeiro com o diretor de TV Boninho, filho de Boni, e depois com Carlos Johannpeter, herdeiro de um grupo siderúrgico. Logo seria reconhecida pelo bordão “ai que loucura!”, legenda perfeita para a vida social que levava. Num dos capítulos de sua autobiografia, com o bordão usado para título, ela, que se considerava uma *animal party*, descrevia uma festa:

- Karina Sukarno, Helcius Pitanguy, eu e um seletto grupo participamos da festa de um príncipe europeu, em Punta del Este. Tudo fantástico! O suco servido pelo nobre era de pêsego delicioso, os passeios de barco se faziam em alta velocidade, o *champagne* vinha em baldes e um súdito solícito era encarregado de servir *ecstasy* e cocaína Pink.

O jornalista Roberto D’Ávila, que chegou a ser deputado federal e vice-prefeito do Rio, também foi eleito para personagem por Zózimo. Ele aparecia na coluna como um modelo da grife Ralph Lauren. Não era o caso. D’Ávila, que no final dos anos 1970 foi o primeiro a entrevistar, de Paris, para o programa *Abertura* da TV Tupi, os exilados brasileiros, tinha roupas da marca, mas nenhum compromisso com o cavalinho de polo do estilista. Um jornalista sério. Zózimo divertia-se com o amigo, que nem sempre gostava das piadas, porém se deixava levar pelo nome piscando na coluna mais lida da cidade (“cada um lê de um jeito, podia ser uma ironia, mas outros viam como algo mais light”, dizia). Numa nota em que o consagrava como eleito ao Congresso Federal, e pedia a presença do estilista para a posse, Zózimo colocou “Ralph Lauren veste hoje o deputado de amanhã”, uma paródia de um

conhecido jingle carioca para moda infantil/adolescente: “Príncipe veste hoje o homem de amanhã.”

Se Karmita fazia o pitéu, ao deputado-jornalista cabia o papel de jovem modelo de elegância, com direito a ser criticado quando decepcionasse. Em 27 de abril de 1991, Zózimo deu bola preta ao seu personagem na nota “Modelito”:

- Roberto D’Ávila precisa urgentemente, como fazia tempos atrás, voltar a cortar as suas roupas no ateliê do mestre Alberto Marques.
- O modelito meia-confecção por ele envergado no jantar de anteontem em homenagem aos príncipes de Gales não fazia jus à ocasião.
- Sempre que levantava os braços, como aconteceu na apresentação de sambistas e passistas, o paletó subia junto e a gola ia parar no alto da cabeça.
- Se soltar um pouco as cavas das mangas, o problema desaparece.

No dia em que a nota era publicada, Zózimo ligava para D’Ávila e os dois morriam de rir. Jogavam tênis na casa de Henrique Schiller de Mayrinck, viajavam a Paris. Só os menos avisados poderiam supor algum mal-estar entre eles. O romance de D’Ávila com a cantora Simone foi anunciado na coluna, sem sensacionalismo, mas com aquele sorriso maroto de sempre:

- Já estão de volta de uma temporada de duas semanas entre Nassau e Nova York a cantora Simone e o jornalista Roberto D’Ávila. Chegaram, segundo os amigos, menos entusiasmados do que quando foram.

D'Ávila liberava Zózimo para suas viagens informativas. Nem todos os namoros eram verdadeiros, o que também não lhe colava ruído negativo na imagem. Uma vez ele surgiu em Paris, num passeio de *Bateau Mouche*, namorando uma mulher casada, e isso criou algum problema. Logo vinha o telefonema do colunista para resenhar a nota, davam as gargalhadas e ficava por isso mesmo (“impossível brigar com ele, sempre leve, carinhoso”). Quando a prefeitura do Rio e o governo estadual precisaram, por economia, dividir as operações com o meio ambiente, D'Ávila, que ocupava a Secretaria do Meio Ambiente, foi chamado por Zózimo de “Secretário do Meio a Meio Ambiente”.

Os novos atores surgiam ao mesmo tempo que os Nabuco se recolhiam. Karmita, como Zózimo dizia na intimidade da redação esfregando as mãos de excitação jornalística, era tudo o que ele queria, era “carne nova no pedaço” — ou seja, alguém que substituía a velha guarda de sobrenomes ilustres e baixo hormônio editorial. Foram dezenas de aparições, a ponto de, ao ser demitida do Calígula, no início de 1988, e entrar na Justiça em busca de direitos — nem sequer carteira assinada tinha —, apresentar como comprovação trabalhista um *book* com todos os recortes das notas, evidência documental, aceita pelo juiz, de que ralava a noite inteira. Zózimo fizera a criatura, que, dessa vez, estava longe de ser o clássico monstro do cinema — muito pelo contrário.

Em destaque, com fotos semanais na coluna, Karmita enfileirava conquistas. Depois ela passaria a *promoter* do restaurante Lokau e, em 2 de janeiro de 1989, ganhou três fotos na mesma edição, recorde a que nem Mayrink Veiga teve direito. O jogador Falcão, o cantor italiano Giancarlo Marinangeli, Pedrinho Aguinaga (o “homem mais bonito do Brasil”) e o *socialite* Mariano Marcondes Ferraz foram cravados por Zózimo como namorados dela. A cada edição

surgiam pretendentes. Homens poderosos que, segundo as notas, pareciam estar dispostos a largar tudo para passar o resto de suas existências docemente acasalados dentro do sorriso carmin da morena. Os romances, entretanto, não vingavam.

No Carnaval de 1987, quem havia se apaixonado fora o marido de uma mulher com o dobro dos requisitos apresentados por Karmita. Dizia Zózimo na nota “Novo par”, de 26 de fevereiro:

- O mais recente par formado na noite do Rio juntou anteontem, no Baile do Scala, Karmita Medeiros e André Weinfeld, que saiu do anonimato no dia em que casou com a atriz Raquel Welch.
- Weinfeld começou a encantar-se com Karmita no baile de Carnaval e saiu perseguindo-a pela noite afora.
- Só saiu de perto de sua eleita quando ela deixou o Calígula, quase às seis da manhã.

Karmita morreu de rir com a nota. Diz que viu o sujeito uma vez — e nunca mais. Era uma liberdade poética de Zózimo e, como com D’Ávila, não via mal. Como era personagem, nem todos os seus passos lhe pertenciam e ela se deixava levar pelo dono de seus caminhos. Passou a ser vista, sem reclamar, em situações só possíveis em comédias românticas amalucadas. A nota “Gatices”, de 6 de julho de 1988, relatava:

- Acreditando na paixão que parecia ter surgido entre os dois no Carnaval do Rio, a doce Karmitinha mandou-se para a Inglaterra atrás de Duda de Lacerda Soares, remetido pelos pais para Oxford.
- Só que a mudança de hemisfério parece ter arrefecido o ímpeto de Duda, que não quis saber mais da namorada,

recusando-se até a atender às chamadas telefônicas insistentemente disparadas por ela de Londres.

- Como Karmita não é de desistir facilmente, pegou um trem, foi para Oxford e invadiu a escola do rapaz, que, acuado na sala de aula, não hesitou: levantou na frente dos colegas perplexos e fugiu aos saltos pela janela.
- Consta que está correndo até agora.

O cineasta Cacá Diegues, numa nota de 16 de setembro de 1986, convidou-a para debutar no cinema em *Sexo frágil*, um filme produzido por sua empresa, a Ponto Filmes. Julio Iglesias também teria perdido os modos. Viu Karmita em abril de 1991 — e olha só o que ele fez, segundo “Dia e noite”:

- Pelo menos segundo a vontade de Julio Iglesias, a noiva da vez de sua atual temporada no Rio será a esfuziante Karmita Medeiros.
- Embora tenha vindo acompanhado de sua noiva americana, o cantor está armando um cerco sem tréguas, dia e noite, em torno de Karmita.
- Até agora, porém, sem sucesso.

A baixinha era irresistível aos olhos do padrinho. Provocava a imaginação do país já no café da manhã, todos desejosos de conhecer na vida real alguém assim diabolicamente provocadora dos desejos machos. Ela, ternamente agradecida pelo prestígio, não se dava ao trabalho de desmentir esses romances. “Coisas de um homem inteligente e brincalhão”, avalia.

Em agosto de 1989, a trepidante aparecia casada com um príncipe árabe e morando em Londres. Não deveria voltar ao Brasil tão cedo porque, além desse inesperado casamento, estava assumindo a diretoria de relações públicas de uma

agência de turismo especializada em Brasil que operava em Inglaterra, França, Espanha, Portugal e Suíça. Meses depois, no entanto, a se acompanhar sua vida pelo que saía na coluna, Karmita já era vista no Rio dançando lambada com Pedrinho Aguinaga na pista do People. Em 1990, foi dito que a *directrice* estava matriculada no curso de comunicação de uma faculdade carioca, e Zózimo começou uma série de notas curtindo com a possibilidade de o QI da personagem não ter a mesma proporção agigantada de seu sorriso nem o desenho perfeito das curvas de seus filés.

- A encantadora Karmita Medeiros, que poucos sabem ser aplicada aluna do último ano de jornalismo da Faculdade da Cidade, está feliz da vida.
- Ganhou nota dez com louvor pelo trabalho que apresentou sobre “A filosofia da ética e a legislação do jornalismo”.
- O trabalho de profunda pesquisa e interpretação do tema foi tão bom, mas tão bom, que o professor resolveu guardar consigo para consultas.
- O autor deve estar orgulhosíssimo.
- A aluna é a mesma que, semana antes, em sala, tinha emitido surpreendentemente a seguinte pérola de erudição:
— Descartes foi o primeiro filósofo do mundo a filosofar em francês.

Na imprensa, os cadernos de comportamento, pautados pelo protagonismo que ela vivia na coluna, escalavam a cintilante *directrice* para dar pareceres, com ares de seriedade, sobre qualquer modismo. De musa passiva, virara oráculo com texto próprio. O colunista, íntimo, brincava carinhosamente

com a sua criatura. A nota “Déjà-vu” é de 20 de novembro de 1990:

- Diálogo trocado no fim de semana promovido pela Sul América no Méditerranée entre a esfuziante Karmita Medeiros e o deputado Cesar Maia:
 - O senhor trabalha na TV?
 - Não exatamente.
 - Ah, trabalha, sim. Eu já vi o senhor várias vezes na TV. Qual é a novela mesmo?
 - Não sou eu. A senhora deve estar me confundindo.
 - Confundindo, é? Então tá!
- Só no dia seguinte Karmita veio a descobrir o que fazia seu interlocutor.
- E não era novela.

Era relação de confiança. Assim como tinha sido erigida a símbolo de sofisticação e beleza, Karmita não reclamava quando Zózimo a tirava para “pele”. “Claro que eu reconheci o Cesar Maia, ele era muito sem sal para não ser lembrado”, diria aos amigos depois de publicada a cena no Méditerranée. Não pediu qualquer retificação na coluna, onde seu corpo nem em pensamento lhe pertencia, e ela nem fazia questão. Karmita era quase uma Ofélia, a megera ignorante dos programas de TV, só que bem-feita de corpo e divertida o suficiente para levar tudo na esportiva. A nota “Revelação” extrapolava nas insinuações, com o jeito moleque de fazer humor e saber que a amiga não o processaria. Era sobre um leilão beneficente para a Sociedade Viva Cazuza:

- Entre as obras uma chama atenção mais pelo ineditismo do que propriamente pelo valor.
- É assinada pela *socialite* Karmita Medeiros.

- Karmita, que sempre pintou e bordou, agora pelo visto só pinta.
- E, o mais importante, em caráter beneficente.

Ela subira de status e de *directrice* passara a *socialite*. Só tinha a agradecer ao pintor de sua imagem. Há quem publique livros de oitocentas páginas, outros dirigem filmes de edição complexa ou passam a vida para criar uma sinfonia e serem reconhecidos. Karmita tinha sido esculpida não em mármore, como as musas de Rodin. Não em versos, como aqueles com que Tom e Vinicius transformaram Helô Pinheiro na lendária garota de Ipanema da canção. Foi erigida em notas de jornal, numa quantidade que, em centimetragem, alcançaria uma altura maior que a dela própria. No fim de 1990, quando o telefone tocou e era a revista *Playboy*, foi como aquele clichê da cereja no bolo.

Zózimo deu uma nota dizendo que sua musa não toparia tirar a roupa por menos de 120 mil dólares. Depois informou que o negócio tinha sido fechado por 70 mil dólares. Karmita imediatamente comprou um apartamento. As fotos, assinadas por Bob Wolfenson, mostram o que deve ter sido a mais catita de todas as coelhinhas. Karmita estampa a capa da revista com um vestido vermelho e tapando os peitos sem esforço, pois eles, pequenos, cabem dentro de suas mãos fechadas. Nunca uma capa da *Playboy* mostrou tão pouco. Ela também não ostenta aquela expressão de quem chama o leitor para qualquer safadeza na cama da imaginação. Sorri, profissional, seja bem-vindo, como se convidasse o ilustre não para os ritos da carnificina sexual, e sim para usufruir os serviços da boate.

Por dentro da revista, num elegante casarão de Sig Bergamin transformado em cenário, nos Jardins, em São Paulo, o fotógrafo, o mesmo que anos antes fotografara uma potranca carnuda como Claudia Egito ao vento ateu de uma

praia deserta da Bahia, usou de todas as lentes, efeitos e bom gosto para transformar Karmita naquele mulherão que o noticiário de Zózimo alardeava. Não conseguiu, mas não será aqui que se reclamará de mulher nua. Karmita está bonita. Nada de bundão, coxão ou qualquer outro aumentativo tão ao gosto do brasileiro. O forte de Karmita era o diminutivo harmonioso. Peitinho, bundinha, tudo muito jeitosinho e deleitável. O fotógrafo percebeu que no lugar das caras e bocas tradicionais nesse tipo de exposição — insinuações de tesão à flor da pele, boca aberta em grito na ânsia louca do orgasmo iminente — o melhor seria conservar no rosto o sorriso dela. Nada de expressão do tipo grife japonesa “Mikome”, como ostentavam Isadora Ribeiro e Andrea Guerra em capas daquele ano. São só seis fotos, apenas uma com o bumbum à mostra. Loucura nenhuma. As fotos são de página inteira e, numa delas, Karmita aparece de camisola e apenas um peito à mostra.

O pacote da *Playboy* para colocar a moça na capa do número 187, de fevereiro de 1991, editado por Juca Kfourí, tinha como detalhe indispensável a aceitação de Zózimo para assinar o texto do ensaio. Por 5 mil dólares o colunista topou. O título do ensaio: “Escândalo na sociedade.” O subtítulo: “Totalmente nua. Desnudamos a linda colunável, apresentada com paixão pelo texto de Zózimo Barrozo do Amaral.” O nome do colunista vinha na capa.

Livre para radicalizar na sacanagem que o jornal inibia, ele aproveitou o liberalismo da *Playboy* para mandar brasa no culto à mulher que tinha inventado e agora era apresentada ao país inteiro como símbolo sexual dos grã-finos cariocas. Karmita desmente que tenha havido alguma coisa além de notinhas entre ela e o trepidante colunista, mas este, sem cravar que sim ou que não, salpicou insinuações deliciosamente machistas no texto de apresentação das fotos:

Karmita, karmitinha, vamos todos karmitar, vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar. Quem já karmitou, karmitou, quem não karmitou, se danou. De pé, na briga, ou levitando, na horizontal, a vida de Karmita sempre foi feita de meias-voltas, voltas inteiras, contorcionismos prodigiosos, lances de audácia, fiel, sempre, ao princípio elementar de que o importante, mesmo, é não parar de respirar.

Assim Karmita apareceu, viu e venceu, deixando atrás, ao longo de sua curta vida, uma esteira de fascínio, arrebatamento e paixão. Tendo como epicentro o seu sorriso, o charme, o segredo do envolvimento de homens e mulheres em torno de seu mistério e magnetismo, muito dinheiro se fez através da sua simples presença em boates e clubes noturnos. Anfitriã de tudo e de todos, Karmita, perfil miúdo e delicado, revelou-se sempre um ser querido e desejado. Amiga, confidente ou amante, a ela, em momentos de alegria ou aflição, recorre muita gente boa. Raramente, dependendo da circunstância, se sai de mãos abanando.

É em pé, na arena, que Karmita exhibe toda a sua força, apesar da fragilidade das formas. Uma força interior, aparentemente adormecida, como acontece com os vulcões. Provocada, contudo, Karmita pode se transformar de parceira em adversária, e vice-versa. As formas são perfeitas, o conjunto é irretocável e a sua consciência disso deságua na ausência total de inibições. Roda pião, bambeia pião. Quando ela se dispõe a entrar na roda, sai de baixo, ou sai de cima. Como quem entra na chuva é para se molhar, o negócio é relaxar e aproveitar.

As curvas da estrada de Santos não são nada perto das curvas que compõem a sua excitante geografia. As primeiras levam ao lazer; as outras, ao prazer. Deslizar por elas é como

lançar-se num tobogã abissal de luxúria, volúpia e êxtase. Tão intensa se revela a experiência que — juram — emerge-se dela com um ligeiro travo de morte na boca. Quanto mais envolta, mais desenvolta. Uma réstia que seja de Karmita, revelada pela dobra do lençol, ilumina mais a imaginação e o desejo que uma legião de corpos femininos nus e luzidios. Sua pelugem eriça os sentidos, espicaça o instinto e desperta a flama do guerreiro conquistador que cada homem carrega dentro do próprio ego. Karmita presa, Karmita troféu. Nem que seja por um dia, uma noite, um instante.

Mais adiante, Karmita passou a se assinar com dois emes e a bordo de um marido francês seguiu para a Cidade Luz, onde se estabeleceria como dona de corretora de imóveis. E assim como apareceu, desapareceu do noticiário, deixando sem resposta a pergunta que o colunista colocou como legenda sob uma de suas muitas fotos: “Por que será que certas mulheres, aquelas que telefonam sempre com a intenção de armar alguma intriga, têm tanta inveja dela?”

Paulo Mendes Campos estava sempre no Antonio's e nas muitas vezes que se sentava à mesa com Zózimo dizia: "Antes Zózimo do que mal acompanhado." Poeta e cronista da melhor tradição, ele escreveu, nos anos 1960, um dos clássicos do fim de uma paixão. Chama-se "O amor acaba".

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; (...)

O amor vai acabando, de diversas maneiras, de um jeito ou de outro, é inevitável, e não foi diferente o que aconteceu com Marcia e Zózimo. Acabava pelo desgaste natural das relações, pelo alcoolismo que cada vez ficava mais sério, pela depressão e pelos desaparecimentos de Zózimo sob o efeito da bebida. Ele saiu de casa algumas vezes por brigas que podiam se prolongar pelas páginas do jornal quando, para provocar ciúmes, repetia mais vezes do que sua acuidade jornalística deveria permitir a foto da mulher pela qual estava interessado.

Numa das primeiras crises, Zózimo chegou a anunciar em família que estava apaixonado por Nelita Abreu Rocha, ex-mulher de Vinicius de Moraes. Nelita tinha vinte anos em 1963, quando conheceu o poeta, com cinquenta, e como o amor não tem compromisso com certidão de nascimento, os dois, trinta anos afastados pelas pias batismais, apaixonaram-se. Havia um problema: ela estava noiva, com o agravante de que

o rapaz era campeão de tiro. Nelita foi a musa do poeta por trás da canção “Minha namorada” (“Se você quer ser minha namorada/ Ah, que linda namorada/ Você poderia ser”). Mas ele ainda achava pouco para o seu romantismo. Queria casar. A família da moça tentou que ela se afastasse daquele homem já com um expressivo currículo de (des)casamentos. Diante da resistência, Vinicius raptou a namorada — sem que esta oferecesse qualquer resistência. Fugiram para Paris, onde ele pertencia aos quadros do Itamaraty.

De volta ao Brasil em 1964, Nelita separou-se de Vinicius em 1968 e passou a se encontrar com Zózimo na casa dela, na rua Diamantina, no Jardim Botânico. Saíam pouco. Em público, eram vistos juntos na grande salada das mesas do Antonio’s, onde todos se conheciam e o encontro, para todos os efeitos, podia ser o de amigos. Para Zózimo, um homem em crise no casamento, foi um relacionamento forte o suficiente para que um dia fizesse o anúncio em família. Boy foi contra e declarou, com o humor de sempre: “Meu filho, você não vai ficar com um resto do Vinicius!”

Nos melhores momentos do caso, Nelita via em Zózimo “um grande irmão, éramos unidos pela cumplicidade no humor”. Ex-mulher de um poeta clássico, ela achava aquele negócio de coluna social uma bobagem sem tamanho. Divertiam-se. Um dia, de pura farra, mandou para o *JB*, “aos cuidados de Zózimo”, um envelope com maconha só pelo prazer de imaginar a cara de espanto do famoso colunista. Durou pouco. Primeiro, porque ela não queria a roubada de um relacionamento sério com um homem em crise mas apaixonado pela mulher. Segundo, porque já estava com a cota preenchida do triste espetáculo dos alcoólatras. Vinicius colocava uma garrafa cheia de uísque sobre a mesa e, gole a gole, a esvaziava. Quando estava chegando ao final, o poeta soluçava. Depois, chorava. No dia seguinte sofria, deprimido

por ter se deixado levar pela maldição do vício que o humilhava e acabaria matando-o, em 1980.

Nelita não queria ver aquele filme de novo. Zózimo já estava bebendo bastante e um dia, de bar em bar, foi parar numa pocilga de Niterói, do outro lado da baía de Guanabara, sem ter a mínima noção de como chegara lá. Era tragédia anunciada. Ela preferia ir ao cinema. Em *Gata em teto de zinco quente*, um de seus filmes preferidos, acompanhava o sofrimento de Elizabeth Taylor com os porres do marido (Paul Newman). O texto era parecido com o que vivera em casa com Vinicius e agora a dose se repetia com Zózimo. “Pare de beber”, pedia Taylor. “Não”, respondia Newman, “ainda não deu o clique.”

Houve outras crises, outras separações, e Zózimo teve envolvimento rápido com outras mulheres. Era cativado pela presença feminina. Se pudesse preferir, preferia as mais velhas. “Gosto de mulheres-mito, com história”, dizia aos amigos. “As com menos de trinta e cinco anos ainda não tiveram o estalo de Vieira.” E explicou, numa entrevista: “O padre Antônio Vieira era um sujeito medíocre que, após um estalo mental, ficou inteligentíssimo e começou a escrever coisas inacreditáveis. Um milagre!”

Na entrevista dada à *Playboy* em dezembro de 1981, o repórter Ivo Cardozo perguntou-lhe quais eram as mulheres mais charmosas do país: “Dina Sfat, Celia Portella, Tetê Medina, Gisela Amaral, Simone, Ilde de Lacerda Soares, Alice de Jenlis, Glória Maria (da TV), Hélène Albicocco (que representa o Saint Laurent no Brasil), Nélida Piñon, mulher extremamente atraente, com charme que decorre da inteligência dela como grande escritora, Bebel Marcondes Ferraz, Xuxa Lopes. Muitas outras.” De todas essas, a única que Zózimo não conhecia era a jornalista Glória Maria. Negra, de traços fortes, ela se encaixava à perfeição no seu gosto pelas

mulheres com alguma coisa diferente. Foi apresentado a ela por Ricardo Amaral, no Hippopotamus, alguns dias depois da entrevista publicada. Glória conhecia o texto de Zózimo e o admirava como jornalista, mas levou um susto quando o viu pessoalmente. Imaginava um senhorzinho, carcomido pelos problemas de uma existência prolongada. Nada disso. “Um gato”, ronronou para si mesma, numa vibração alcançada por ele. Numa das separações de Zózimo, começaram uma relação rápida que renderia uma amizade pelos anos seguintes. Num 15 de agosto, aniversário de Glória, Zózimo publicou como presente uma foto em que ela, estudante de violino, aparece com um da marca Anton Breton, sua mais recente aquisição.

Lauretta, a primeira negra a representar na noite carioca uma grife sofisticada como a boate Regine’s, alta, linda, de porte sofisticado, também foi uma dessas parceiras. Ao amigo Paulo Marinho, Zózimo contou, a seu modo, parte da noite que passaram juntos: “Acordei, não sabia onde estava, e quando vi aquele pé saindo por debaixo do lençol, eu pensei, onde eu vim parar, será que eu dormi com um negão? E aí eu peguei o lençol e fui levantando, lentamente, como se fosse uma carta de pôquer, pra ver quem estava ali ao meu lado. Quando eu vi que era a Lauretta, eu dei um beijo nela e disse *mon amour, je t’aime*.” A descrição era um autêntico Zózimo. Ele contava a cena como se desdobrasse uma nota da coluna, caprichando nos detalhes que talvez não tivessem acontecido exatamente daquele jeito, mas aumentavam o interesse do leitor. A moça podia continuar dormindo em paz — ela que foi uma das grandes imagens da noite do Rio até se retirar para administrar, a partir dos anos 2000, uma pousada em Paraty, no litoral fluminense. Quem não podia dormir era o leitor ou o ouvinte de suas histórias.

Numa dessas separações, Zózimo estava com uma amiga de Niterói, uma fonoaudióloga, no mesmo restaurante

Samanguaiá, em Jurujuba, que frequentava com os marinheiros vipados do iate de Márcia Kubitschek. Aquele canto da baía é rota dos aviões do Aeroporto Santos Dumont. “Por que a gente não foge?”, perguntou. A moça topou, embora não tivesse entendido que era para fugir naquele momento. Do jeito que estavam. Sem passar em casa para qualquer produção. Quando entendeu, ainda assim topou e foram para o aeroporto fazer uma roleta-russa turística. Pegariam o primeiro avião que estivesse saindo. E foi assim, sem comunicar a ninguém, sem lenço e tendo como documento apenas o cartão de crédito dele, que o casal desembarcou num sábado de Carnaval em Fortaleza. Regressariam, para a calma das famílias e dos amigos, que os procuravam pelo Rio e por Niterói, apenas na manhã de Terça-Feira Gorda. Foram ao Baile do Vermelho e Preto, último evento do calendário momesco carioca. Brincaram, cada um no bloco do eu sozinho, com os amigos, sem dar pinta.

Uma relação importante pós-Marcia foi com a atriz de novelas Mila Moreira, ex-modelo da Rhodia. Chegaram a morar por um breve tempo no Hotel Sheraton, graças à gentileza de uma amiga relações-públicas. A irmã, Izabel, e o marido, João Paulo dos Reis Velloso, ex-ministro do Planejamento nos governos de Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, chegaram a jantar com o casal. A redação do *JB* sabia do namoro. “O nome dela é Moreira”, Zózimo cantarolava pela redação, parodiando o jingle de sucesso da candidatura de Moreira Franco ao governo do estado.

Zózimo suspirava pela cantora Simone. Quando soube que a repórter Bety Orsini tinha sido escalada para entrevistá-la para a divulgação de mais um LP, pediu que a colega levasse um bilhete. “Só entrega na mão dela.” Antes de começar a entrevista, Bety entregou a mensagem a Simone, que, naquela época, fazia um sucesso retumbante. “Linda, linda, vestida de

branco dos pés à cabeça, ela leu o bilhete e deu um sorriso, digamos, enigmático, e nada mais foi falado”, relata Bety. “Quando voltei para a redação, Zózimo me perguntou: ‘E aí, Bety, ela mandou alguma resposta?’ Tive que ser a portadora de uma notícia nada alvissareira: ‘Mestre, ela só sorriu.’ Foi aí que eu soube pelas jornalistas mais velhas que o meu gentil editor andava enlouquecido pela intérprete de ‘Amei demais’.”

A separação de Zózimo e Marcia foi triste, como são todos os desenlaces amorosos, ainda mais um que, no seu início shakespeariano, lutara poeticamente contra todas as adversidades. Havia a delicadeza de um filho no meio da história (a propósito, o desenhista Zivaldo publicou uma tira no *JB* em que desenha o “Superpai”, inspirado, segundo ele, em Zózimo, impressionado que ficara com a dedicação dele a Fernando, parceiro de idas ao Maracanã e outros programas pela cidade). Talvez tenha sido uma separação lenta em demasia, típica de Zózimo diante de decisões fundamentais, mas fácil do ponto de vista jurídico. Ele dizia aos amigos ter saído de casa, em 1987, com uma garrafa de champanhe e uma raquete de tênis. Não fez qualquer restrição à passagem legal de bens para Marcia, e os dois seguiram a vida sem rancores. Paulo Mendes Campos sabia de todos esses desdobramentos:

(...) uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; (...); em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

O primeiro sinal de que o amor estava recomeçando para Zózimo foi a série de fotos que a coluna passou a publicar de uma bela morena, a paisagista Dorita Moraes Barros. “Dorita *tout court!*”, dizia a legenda em 12 de novembro de 1983,

significando algo como “Dorita, sem comentários”. De tradicional família paulista, com um tio presidente do Banco do Brasil, Dorita morara na França, casada com um francês. Depois correu o mundo casada com um empresário cubano que perdeu tudo após a revolução de Fidel, tornou-se guerrilheiro anticomunista a soldo da CIA e conseguiu dar a volta por cima, com o casal fixando-se em Marbella, na Espanha. Dorita estava separada desde 1982 e, com seus dois filhos, morava no Rio. Em sociedade com Olívia Larisch era dona de um ateliê de plantas na favela do Vidigal. No resto do tempo, frequentava a alta sociedade e, como diz em sua autobiografia, *Relatos de uma alma*, mantinha-se afastada com sucesso do uso das drogas, de “quase todos os tipos”, que a acompanhara na década de 1970. Dorita conhecia Zózimo de obas e olás, de vez em quando ele publicava uma foto dela. Nada além. Por isso ficou surpresa quando o telefone tocou e a empregada anunciou o colunista.

Zózimo perguntava se Dorita ia ao jantar no Clube Gourmet, de José Hugo Celidônio, amigo comum. Dizia que só iria se ela fosse e gostaria que fossem juntos. Uma brincadeira da época, bem antes do identificador de chamadas acoplado ao aparelho, era o trote telefônico. Dorita achou que estava sendo vítima de um e disse ao interlocutor que sim, mas só se ele viesse pegá-la à porta. Ele foi. Era o próprio. “Foi uma coisa desengonçada”, relembra. “No carro nós mal conversamos, e, quando chegamos ao jantar, piorou. Havia muita gente conhecida e nem eu nem ele tínhamos a intenção de estar como casal. Mal nos conhecíamos. No dia seguinte, um domingo, liguei para o Mariano Marcondes Ferraz, meu amigo, e perguntei o que ele estava fazendo. ‘Estou com o Zózimo.’ Eu não acredito que nada é por acaso. Acho que o Universo programa. Aí o Zózimo pegou o telefone e perguntou: ‘Posso passar aí?’”

Nesse período Zózimo estava abrigado na rua Aperana, 121, no Alto Leblon, no apartamento do mato-grossense Adair José Roberto Carneiro, o Bagual, conselheiro econômico de empresas e craque na arte de apresentar pessoas interessadas nos mesmos negócios. Bem-apegoado, formava com um de seus hóspedes eventuais, Paulo Marinho, uma das duplas de galãs mais disputadas da cidade — e o apartamento estava sempre repleto de moças lindas, modelos principalmente, todas interessadas em um dos dois ou em seus amigos ricos. O apartamento tinha cinco quartos amplos e uma boa equipe de serviçais organizando a bagunça deixada por aquele conagraçamento de seres privilegiados. Era uma espécie de república de recém-separados, com paredes forradas de caixas de champanhe. Ricardo Boechat hospedou-se ali. Zózimo e Dorita podiam ser vistos dançando na sala, sozinhos, ao som de Linda Ronstadt cantando “What’s new, love?”, balada sobre o reencontro do amor por um casal.

What’s new?
How is the world treating you?
You haven’t changed a bit.
Lovely as ever, I must admit.

What’s new?
How did that romance come through?
We haven’t met since then.
Gee, but it’s nice to see you again.

Paulo Mendes Campos estava certo. O amor recomeçava, quase sempre com uma canção qualquer ao fundo, e logo Zózimo estava morando com Dorita no apartamento dela, uma cobertura de dois andares no Jardim Botânico, quase Lagoa, com vista de um lado para o Corcovado e de outro para

Ipanema, o Leblon, o Dois Irmãos, o que se escolhesse como cenário mais propício para continuar a letra de “What’s new, love?” e dançar a esperança toda de novo. Uma festa no apartamento de Humberto Saade oficializaria para os amigos a união, sem a necessidade de papéis e carimbos burocráticos. Assim como sacramentava casais em sua coluna, a união de Zózimo e Dorita ficou impressa para a cidade em 11 de janeiro de 1988, na coluna social do *Jornal do Commercio*. Na foto, de Mathias Rezende, o casal, sentado num sofá, de mãos dadas, olha sorridente para a câmera. “Zózimo Barrozo do Amaral com a sua Dorita”, diz a legenda. “Ainda bem que eles acabaram com a mania chata do ‘Somos apenas bons amigos!’. Assumiram o amor, a paixão, a loucura. É meter a cara, gente!”

Se a diferença de religiões provocara dificuldades no início da relação com Marcia, o esoterismo místico de Dorita não foi problema ao cético Zózimo. Entre as crenças dela estava o budismo, entre as convicções dele continuava a necessidade de levar uma vida com boas gargalhadas. A relação com os dois filhos de Dorita, Gabriela e Marcos Santiago, entrando na adolescência, mostrava-se carinhosa e divertida. Um dia, no Tivoli Park, parque de diversões na Lagoa, no final do espetáculo de “Konga, a Mulher-Gorila” — quando a linda mulher de biquíni se transforma na macaca pavorosa e sai da jaula aos gritos, espantando os espectadores para fora da plateia —, Zózimo e Marcos não seguiram a turbamulta. Esconderam-se atrás da cortina. Zózimo queria ver os bastidores do truque, como as grades se rompiam, quem fazia a barulheira para instaurar o pânico. “Konga”, a tal mulher-gorila, na vida real a simpática Marilene, levou um susto quando viu que os dois espectadores tinham permanecido na sala — depois relaxou e conversaram. Zózimo agradeceu com gorjeta.

No mesmo Tivoli, Zózimo tentava sem sucesso conseguir os brindes na barraca de tiro ao alvo. Com uma espingarda de rolha ia desperdiçando as oportunidades até que, no último tiro, ressuscitando o moleque das ruas do Jardim Botânico e das bagunças do Andrews, resolveu mudar a mira. Tirou o foco antes concentrado na arquibancada de bolas de plástico e bonecos de pelúcia e atirou na bunda da moça que entregava os brindes. “Ganhei”, vibrou, “você é meu brinde, vem”, e todos gargalharam como no final feliz de um filme infantil.

A nova família foi muitas vezes para a Disney, em Orlando, e morria de rir com os sustos que levava na Haunted Mansion ou na Space Mountain. Até mesmo quando os dramas de Zózimo voltavam a se repetir, o saldo mostrava-se divertido, como se fosse mais uma excursão a um brinquedo de parque infantil. Um dia, assoberbado por uma ressaca malcurada e confuso com os comandos de um carro novo, ele saiu da garagem do edifício direto para dentro do canal em frente. Salvaram-se todos, embora retirados das águas por cordas do Corpo de Bombeiros — às gargalhadas. “Olha o que está aqui!”, disse Zózimo, chamando atenção de Dorita, Gabriela e Marcos. Mostrava o sapato. Na queda, o mocassim se desprendera e mudara de função. Virara aquário com um peixe dentro, boiando.

A programação social, que já estava ficando discreta no calendário da cidade, foi se tornando cada vez mais rarefeita na agenda particular de Zózimo. Nem ir ao Maracanã estava indo mais. A vida noturna, na chegada aos anos 1990, estava dominada por cenas ultrajovens e desconfortáveis, como as boates Dr. Smith, Kitschnet e Crepúsculo de Cubatão. Era a onda *clubber*, e Zózimo participava de outro clube. Apostava na felicidade doméstica do novo casamento, no prazer de ver TV com a bem-humorada Dorita, e fazia questão de estampar esse cotidiano no jornal. Se durante a paquera publicara fotos

dela, numa sinalização em código para a aproximação, o casamento não impediu que o colunista — às favas com os velhos paradigmas de distanciamento do jornalismo! — mantivesse os torpedos fotográficos com o rosto sempre sorridente da amada e legendas *calientes* (“o *allure nonchalante* de Dorita Moraes Barros”). “Não vou mais a nenhum lugar de badalação”, declarou a Marisa Tavares em entrevista à *Veja* de abril de 1988. “Ninguém vai me ver em festa de Fórmula 1 ou aniversário da Luma de Oliveira.”

Gostava de encontrar os amigos mais íntimos, o quarteto que formava com Sergio Bermudes, Ricardo Amaral e Paulo Marinho. Uma vez por semana jantavam e riam da humanidade no Ouro Verde. Garotos crescidos, punham-se apelidos. Marinho, como trabalhava em estaleiro e, na opinião do grupo, era obrigado pelo dono, Nelson Tanure, a ficar vestido de marinheiro para enfeitar o convés, ganhou o vulgo de “Cisne”, referência ao hino da corporação, “O cisne branco”. Ricardo, pelo que carregava na cara, era “Barba”. Zózimo, por ter dado um jantar supimpa em que se esmerou na produção, era “Maria Eudóxia”, a dondoca paulista que as colunas locais chamavam de “a anfitriã número um”. Bermudes era o “Guru”. De quê? “Guru de merda”, explica ele, “de porra nenhuma.”

Outro grupo de amigos era o formado por Miguel Pires Gonçalves, diretor da área financeira da Rede Globo, o empresário Kiko Malzoni e Henrique Schiller de Mayrinck, dono de uma casa espetacular no Morro da Joatinga, com uma das quadras de tênis onde Zózimo continuava apresentando seu repertório errático de *backhands* e *forehands*. Sócio de Paulo Marinho em negócios ligados à indústria naval, Schiller de Mayrinck foi a fonte de uma das notas de maior repercussão de Zózimo. Saiu em 22 de março de 1985, com o título “Último desejo”:

- De um conhecido *socialite* que costuma dividir seu tempo entre o Rio e Nova York, explicando por que, ao morrer, gostaria de ter suas cinzas espalhadas nos diversos andares do Bloomingdale's:

— Assim eu garantiria que minha viúva iria me visitar pelo menos quatro vezes por ano.

Schiller era jogador compulsivo, e se na arte das frases se mostrava certo (de uma conversa com ele Zózimo tirou a máxima “quem não deve não teme”) na sorte variava muito. Era capaz de entremear fases de excelente situação econômica com outras nem tanto. Esteve, por exemplo, à frente da incrível aventura da compra de uma loteria no Paraguai. Alguns amigos, Zózimo inclusive, já aquinhoados pela herança de Boy, puseram dinheiro na operação internacional. Uma peça do esquema era “Brigitte”, apelido de Paulo Cesar Ribeiro Filho, operador do mercado de capitais. Perderam todos. Não havia loteria. A papelada apresentada pela parte paraguaia, assim como o uísque que vinha de lá, era falsa.

Um terceiro grupo de amigos reunia-se nos fins de semana no Club Méditerranée de Mangaratiba. Zózimo, nostálgico dos concursos de *twist* na adolescência, continuava na pista, embora não chegasse a estabelecer com os ritmos modernos o mesmo nível de perfeição. Queria acima de tudo diversão, e uma vez, com Dorita, subiu ao palco do clube para participar, os dois com fru-frus de bailarinas, de um concurso ao som do “Lago dos cisnes”.

A opção era pelos mais redondos zeros de pompa e circunstância. Ia em frente com a nova rotina: dormia depois de ver os telejornais e o programa do Jô Soares. Aos convites que ainda chegavam para festas, agradecia penhorado. Sua ausência causava sérios prejuízos aos negócios da noite carioca, pois as notinhas funcionavam como um guia

indicativo. “Ele estava farto daquilo tudo, das mesmas conversas, dos mesmos personagens, do assédio insuportável dos bicões querendo aparecer e falar com o grande colunista”, é como Paulo Marinho percebia o *mood* do amigo. “Sair da roda-viva era difícil, os convites eram insistentes e sedutores. Afinal, aquilo tudo só ficava no ar por causa das notas do dia seguinte. Sem elas, *sorry*, não existiriam.”

Houve uma noite em que precisou ir a um evento no Hippopotamus. O arquiteto Ricardo Bruno encontrou-o sozinho, olhando o espelho d’água que descia pela parede e decorava a casa. “Eu devia estar lá dentro”, apontou Zózimo. “Estou me sentindo um peixe fora d’água.” A sensação era a de que tinha ido a todas as festas, saboreado todos os jantares e precisava de um antiácido contra azia e má digestão. Numa chanchada da Atlântida, *Nem Sansão, nem Dalila*, Oscarito acaba de comer uma feijoada. Passa a mão na barriga, sonolento, e com uma careta abusa do *nonsense*, enquanto se espreguiça: “Estou com uma idiossincrasiiiiiiiiia.” Zózimo parecia sentir algo semelhante, uma permanente indisposição comportamental diante de toda aquela comédia de pratos e requintes coreografados. Não valia mais a pena. Até Josefina Jordan percebera: “Hoje, para garantir o sucesso de uma festa no Rio basta pendurar um pernil na porta.”

Os chatos agora circulavam às dúzias, e não mais singulares como outrora, quando Gunter Sachs, marido de Brigitte Bardot entre 1966 e 69, o típico chato-gangorra, era capaz de, ao sentar, fazer todo o resto da mesa se levantar. Numa das colunas daquele período, sob o título “Filosofia”, Zózimo reproduzia a frase de um frequentador das festas do Rio, certamente ele próprio: “Chato é quem não nos faz companhia e ainda nos rouba a solidão.” Continuava indo a algumas festas com Dorita, mulher de muitos amigos, mas só as que não tivessem pose nem exigência de glamour no *dress code*. “Hoje

só vou em casa de gente com quem eu tenha total intimidade. Outro dia fui a um jantar na casa do Daniel Filho, só para oito pessoas. Otto Lara Resende, Armando Nogueira, Miguel Pires Gonçalves, o pai dele, o general Leônidas Pires Gonçalves, o Evandro Carlos de Andrade, o Ricardo Amaral, o Daniel e eu. Aí, sim, vale a pena. Sou o primeiro a chegar e o último a sair”, foi como atualizou seu perfil numa entrevista à *Ele Ela*.

Começou a noticiar as festas pelo lado cômico. Como não as frequentava, possuía distanciamento para cair na gargalhada se assim quisesse. Não seria falta de cortesia. Em 12 de agosto de 1989, anunciou que houve uma vítima num coquetel oferecido por Maria Celina e Carlos Flexa Ribeiro. Nem tudo, lhe contaram, havia corrido bem:

- Uma conhecida e festejada *socialite* teve os cabelos chamuscados pelas chamas de um candelabro.
- Por pouco não lambeu como um balão.

O título da nota era “Flambée”.

O Réveillon daquele ano, organizado pela *socialite* Lily de Carvalho, ganhou elogios, mas enviesados, também num tom irônico:

- Até as cortinas combinavam com as toalhas.
- E os candelabros? — Uma loucura! — preciosidades trazidas das várias fazendas da anfitriã, que se misturavam com as peças de valor inestimável que decoram seu apartamento.
- Foram, aliás, 30 os agentes de segurança especialmente contratados por Lily para a ocasião.
- Não se sabe se para proteger os convidados da festa ou proteger a festa dos convidados.

Festas com segurança espalhado entre convidados?! Começavam também aquelas em que era necessário apresentar a camiseta-convite:

- A febre das festas uniformizadas com *t-shirts* que tomou conta do Rio resultou ontem num curioso diálogo entre ouvido numa esquina de Ipanema:
 - Você vai ao meu jantar de quinta-feira lá em casa?
 - Claro que vou. Onde eu pego a camiseta?

Definitivamente, se uniformizar de camiseta Hering do patrocinador e dançar cercado de seguranças... era melhor ficar em casa e dormir cedo. Cineminha do Harry Stone, o embaixador de Hollywood, na antiga embaixada americana? Não, obrigado. Às oito da manhã já fazia um bom *breakfast* para mais tarde não ter que almoçar e poder ficar mais tempo ao telefone, na apuração. Dava uma volta de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas. Quase sempre voltava com uma nota. Num dia, Dorita encontrou o marido já dentro de casa, ensanguentado e furioso. Uma gorda estabanada começara a abrir os braços no momento em que ele lhe passava ao lado. Caiu da bicicleta, estava fulo. No dia seguinte, impresso no jornal, o desabafo saía com o equilíbrio entre a raiva, a ameaça de vingança e o eterno senso de humor:

- Roga-se às damas e cavalheiros que se exercitam na ciclovia da Lagoa como libélulas, agitando os bracinhos e remexendo os traseiros, que reprimam os arroubos. Pode acontecer de vir por trás um gafanhoto mais esperto e... crau.

Todos aqueles nomes, às vezes até cinquenta, que ele citava entre as presenças das festas tinham corrido para as colunas de

Hildegard Angel e Nina Chavs, ambas do *Globo*, e até mesmo do gordíssimo e malvadíssimo Reynaldo Loyo, da *Última Hora*, um colunista atípico — convidá-lo era a melhor forma de calá-lo. Dizia Zózimo numa nota de 1987:

- Eclético de verdade era o grupo de convidados que compareceu anteontem ao jantar oferecido pelo casal Alberto Boruchovitch para festejar o aniversário do colunista Reynaldo Loyo.
- Ia da sra. Carmen Mayrink Veiga ao Capitão Guimarães.
- É mais que o arco da sociedade.
- É o arco, a flecha e o alvo da sociedade.

Loyo recolhia material para notas e curtiá um viés literário, contos. Em “Katia Milagros”, ele mostra grã-finos em torno do caixão de um de seus defuntos. Como se estivesse enterrando a todos numa alegoria carnavalesca daquele fim de tempos do soçaito, põe a turma para cantar “New York, New York” no momento em que o corpo está sendo cremado. A plateia é de figurantes reais, e Loyo, sem esgrachar nas tintas, vai apontando: Lourdes Catão, o colunista social de Brasília Gilberto Amaral, Marilena Cury, Beki Klabin, Gisela Amaral... Lily de Carvalho não pôde ir (“estava com uma conjuntivite”).

Cada um a seu jeito, de Zózimo a Loyo no arco de assinaturas que continuava enchendo os jornais, os colunistas enterravam a sua sociedade, um aglomerado que existia apenas segundo o espaço que eles forneciam. Carmen Mayrink Veiga, de volta de uma década em Paris, reaparecia na página de Zózimo. Não mais com destaque ou palavras embevecidas. Numa nota do início dos anos 1990, ela parecia outra pessoa. Não era mais a locomotiva do trem de prata carioca, mas uma beata de igreja da Iugoslávia.

- A elegante Carmen Mayrink Veiga não para de acender velas para a Virgem de Medjugorje, cujo santuário já visitou mais de uma vez, na Iugoslávia.
- Agradece, assim, a graça alcançada.

Era uma nota em código. A “graça alcançada” era o fim do namoro de Antenor, seu filho, com a modelo Monique Evans. Ele já começava a sair com Patrícia Leal, descendente do conde Modesto Leal, ótimo partido, que havia sido abandonada por Eike Batista em favor de Luma de Oliveira, por coincidência ex de Antenor, numa versão coluna social do poema “Quadrilha”, de Drummond. Babado forte. Dois homens ricos, Antenor e Eike, subjugados pelos poderes de duas suculentas rainhas de bateria de escola de samba — Monique, da Mocidade Independente de Padre Miguel, e Luma, da Tradição, de Oswaldo Cruz.

Coube também a Zózimo dar a primeira foto de Patrícia e Antenor juntos, discretamente entrelaçados na cathedral noturna do Hippopotamus, a pracinha moderna onde os bem-nascidos faziam o *footing* e, depois da admiração mútua, resolviam se acasalar. O flagrante foi combinado por Carmen com Ronaldo Zanon, o fotógrafo da boate, e sua publicação botava uma pá de cal no pesadelo da senhora em ter o filho casado com Monique, modelo espevitada de corpo enlouquecedor, capaz de fazer *topless* em Ipanema e sair com os peitos igualmente desnudos à frente da bateria. Antenor não resistiu, ninguém resistia, mas Carmen torcia por um casamento melhor para o filho. Quando Antenor trocou Monique por Patrícia, responsável pelo surgimento da expressão “patricinha” (a moça toda certinha e bem-vestida), ela fez questão de que Zózimo anunciasse em primeira mão a sua felicidade. Zózimo foi solidário com a musa. Sem dizer que ela era mãe de Antenor, sem historiar esse passado de

enfeitiçamento do filho diante da modelo estonteante, ele colocou na linha final da nota sobre a proximidade da data do casamento: “Tia Carmen, desta vez, está toda contentinha.”

Carmen, outrora a “dama maior dos salões do Rio”, agora era a “tia”. O novo tratamento aos mais velhos foi ensinado às crianças naquela década pela modelo Xuxa Meneghel, a ex-pantera e agora apresentadora infantil de TV. Zózimo, a propósito, não dava foto de celebridade de TV na coluna, à exceção dela, sua amiga desde aquele Baile das Panteras. Em dezembro de 1991, em companhia de Dorita, ele foi até Buenos Aires a convite da artista, recebida pelo então presidente Carlos Menem. Outras colunas diziam que Xuxa e o argentino tinham um romance, mas Zózimo não embarcou na fofoca. Depois, Zózimo e Dorita atravessaram a cidade com Xuxa dirigindo a ambulância doada por ela a um hospital.

A passagem de Lady Di e o príncipe Charles pelo Rio, em abril de 1991, recebeu apenas um texto-legenda com o casal cumprimentando na foto a “tia” Carmen Mayrink Veiga. Ainda assim havia quem continuasse perguntando sobre coluna social, como fizeram os repórteres Maria Helena Esteban e Ney Reis, da revista *Ele Ela*, em junho de 1992:

- Você fala de política, demonstra mudança no colunismo social.
- O equívoco está em chamar a coluna que eu faço de social, ou a coluna que o Boechat faz de social. No Rio, eu só conheço uma coluna que poderia ser chamada assim, que é a da Hildegard Angel. Ela trata especificamente de batizado, casamento, descreve vestidos etc. A única coisa que liga minha coluna a uma coluna social é a foto. Se tirar a foto, não existe qualquer traço de ligação.
- Quer dizer que nem o Ibrahim Sued faz coluna social?

— É um pouco social. Ele ainda consegue descrever um jantar com detalhes, o vestido das mulheres, mas ao mesmo tempo reserva uma parte à política e à informação. É uma coluna ambígua, bissexual.

A palavra “bissexual” deve ter saído com um risinho de lado. Zózimo gostava de embaralhar o sentido dela, transformá-la numa graça *nonsense*. Começou a brincadeira quando a pegou numa declaração do pugilista Maguila, um personagem a quem sempre *jabeava*, e mais uma vez era devidamente gozado em 26 de agosto de 1989:

- Quando o pugilista Adilson Maguila abre a boca, só sai golpe baixo.
- Entrevistado por um repórter numa pesquisa sobre aids, o campeão sul-americano de pesos-pesados produziu a seguinte pérola:
 - Eu não tenho medo disso, não, porque sou bissexual. Eu só transo com minha mulher.
- Pelo visto, muito.

A última aparição de um jornalismo “bissexual” na página 3 do *Caderno B* foi a cobertura do casamento de Antenor e Patrícia, mesmo assim em espaço discreto, com apenas uma foto. Nela, Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz contracenam com Ilde e Jean-Louis de Lacerda Soares, mas não na pose formal dos antigos casais da coluna de Jacinto de Thormes, Ibrahim ou do próprio Zózimo no início. Na foto de 27 de novembro de 1992, Paulo Fernando não está beijando a própria mulher. Sua boca aproxima-se maliciosamente divertida do pescoço da amiga Ilde, que sorri sob o olhar compreensivo do marido.

Casavam-se os príncipes herdeiros da sociedade carioca, mas Zózimo desmontava qualquer possibilidade de ainda acreditar nesses rótulos. Ninguém mais fazia pose. O colunista abaixava a bola e não descrevia o que estava à sua frente com o clichê de “casamento do ano”. Antenor era apresentado como “o bonitão dos sonhos da maior parte das solteiras da cidade”. A noiva era garota papo firme: “A bela, agradável e simpática Patrícia também passou anos virando a cabeça de muita gente boa.” Não podia ser de outro jeito. Os dois foram estampados várias vezes na coluna com sucessivos novos pares — e era assim mesmo que as gerações se reinventavam. Escreveu Zózimo num trecho da nota do casamento:

- A vida mudou. Se, de um lado, tendo o imponente casarão em Laranjeiras dos pais da noiva, Beatriz e Arnaldo Ferreira Leal, Patrícia e Antenor mostraram que ainda é possível marginalizar os *social climbers* e reunir, sem penduricalhos, boa parte do que se convencionou chamar de sociedade tradicional carioca, de outro ficou evidente que os personagens podem ser os mesmos, mas as condições em que eles se movem mudaram inteiramente.

Zózimo anotava que, pela primeira vez na história dos grandes casamentos, a noiva não atrasara, mas sim um casal de padrinhos, preso no engarrafamento. Também identificou como “inédito” que alguns convidados chegassem a bordo de rádio-táxi, “o que seria impensável numa cerimônia do gênero há 20 anos”. O empresário Daniel Klabin, de terno pérola num tom próximo do vestido da noiva, também chamou atenção e foi desculpado por Zózimo. A etiqueta recomenda que as mulheres evitem o branco para não rivalizar com a noiva, mas não consta de nenhum manual que tal cuidado deva ser estendido ao terno claro dos cavalheiros.

O noticiário do casamento não fazia mais o tradicional chorrilho de nomes como d'antanho. O colunista social agora era um cronista da cidade, estava de olho espichado para além do altar:

- Cabe ainda registrar, acentuando a mudança dos tempos, a localização geográfica da mansão dos Leal, em Laranjeiras.
- Cercada décadas atrás por vivendas de porte semelhante, a casa é hoje um solitário monumento ao bom gosto e ao bem viver em meio à balbúrdia imobiliária que tomou conta do bairro.
- Permite, por exemplo, que as sacadas dos prédios vizinhos funcionem como arquibancadas ocupadas por torcedores curiosos.

Zózimo acompanhava as transformações e usava a régua de seus conhecimentos. Não tirava onda de grande jornalista. De preferência, fazia o mundo girar a partir da própria curiosidade — e ria das conclusões a que chegava. Já tinha currículo para fazer a pose que quisesse, mas não estava nem aí para a formação do culto da celebridade Zózimo. Pelo contrário. Dorita via um *inner child* constante no companheiro.

Em outubro de 1989, ele recebeu um convite da Associação dos Antigos Alunos dos Padres Jesuítas para festejos no Santo Inácio. No programa, itens como Missa de Ação de Graças e que tais, tudo muito natural e reprimidamente Santo Inácio. Zózimo quase caiu para trás e colocou o espanto na coluna quando viu o último tópico:

- Às 21h, *cocktail* e festa dançante no claustro do Colégio.
- No claustro?!

Será que o fantasma do padre Barros dançaria o “Girl, you know what it’s true”, o sucesso daquele ano do Milli Vanilli?

O amor novo com Dorita fez com que o prazer de viajar crescesse ainda mais. Em 1989 eles botaram o pé no jato e foram onze vezes a Paris. Estava feliz. Numa noite, no início de 1990, Zózimo ria mais que de costume durante uma pizza no Gattopardo, na Lagoa. “Você não está notando nada?”, dizia para Dorita em meio à risadaria estranha, em que ele deixava o sorriso escancarado por um tempo mais prolongado do que deveria. “Como assim?”, devolvia ela, diante do marido que não parava de rir, artificial. Ficaram nessa conversa de malucos até que Zózimo abriu o jogo e mostrou o que ela não notara. O dente frontal esquerdo, lascado desde a infância no pulo mal calculado na cachoeira do tio Armando, estava agora, quase aos cinquenta anos, novamente preenchido, obra do consultório do dentista Olympio Faissol. Não precisava, disse Dorita, fã do charme torto de antes — e foi aí que ele riu mais ainda.

No que os articulistas viam gravidades seriíssimas, Zózimo percebia condições de botar o *inner child* para fora e com a brincadeira iluminar o beco sem saída que a todo momento se fechava sobre o país. Em 3 de abril de 1990, depois de Collor ter decretado o confisco da poupança, escalou um grupo de amigos para contar, a seu jeito, como estava o bolso pátrio. Todos tinham sido limitados ao mesmo saque de até 50 mil cruzados novos, uma mixaria, frente ao confisco feito pelo governo na caderneta de poupança de todos. A população empobreceu por igual, de um dia para outro viu sumir do banco todo o dinheiro depositado, com a promessa de que seria devolvido, corrigido, quase dois anos depois. No *Roda-Viva*, o rodapé da coluna onde jogava notas de agenda e atendia a pedidos de fontes que, em troca, prometiam uma grande informação mais adiante, ele fez um retrato do miserê

nacional. Aproveitou-se da compreensão infinda dos amigos. Descreveu-os em situação de penúria cômica:

- Degustando churros no calçadão da praia do Pepino, o *promoter* Guilherme Araújo.
- Chiquinho Brandão encarando uma fatia de pizza no B.B. Lanches do Leblon.
- Kiki Garavaglia reuniu um grupo de amigas para um chá. No menu: chá.
- Curtindo inesperada hepatite — o que significa uma grande economia, já que não pode sair de casa, sequer da cama — o empresário Fernando Bicudo.
- Dourava-se no fim de semana nas areias da praia do Flamengo, vizinho a uma tendinha de sardinhas na brasa, o sr. Harry Stone.
- O presidente da Bolsa de Valores do Rio, Francisco de Souza Dantas, foi visto ontem na Praça XV, nas proximidades de uma carrocinha do Angu do Gomes, de olho comprido.
- Na missa das sete da igreja de São Conrado, Gisela Amaral com Xinha e Antônio Espírito Santo, elas sem bolsa para escapar do óbulo.
- A elegante *socialite* Regina Marcondes Ferraz, surpreendida perplexa diante da peixaria da Cobal.
- Os amigos de Josefina Jordan se mobilizando para festejar seu aniversário com um jantar de adesões na churrascaria Tem-Tem.
- Desembarcava domingo, quase à porta de casa, de bordo do ônibus 583 (Cosme Velho-Leblon), o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde.

Todos os citados eram amigos próximos. A-do-ra-ram! O colunista inventara situações com personagens reais para retratar o país. Humor, jornalismo, literatura. Os limites dos gêneros estavam explodidos. De vez em quando alguém que se levava muito a sério não gostava. Foi o caso de Sônia Braga. Ela assistiu de cócoras a um discurso de Fernando Henrique Cardoso em Brasília e, no dia seguinte, precisou aturar a nota na coluna:

- No cinema: é um pássaro? É um avião? Não, é o Super-Homem.
- No Planalto: é uma penosa? É uma enceradeira? Não, é a Sônia Braga.

O mesmo valia para Zózimo: é um editorialista? É um piadista? É um social colunista? É um cronista? Não, é o Zózimo. No estilo Dorita: *tout court!*

A frase é de Zuenir Ventura, que também estava no *Jornal do Brasil* no fim dos anos 1980: “Jornalista é um sujeito que sabe de tudo um pouco, no final das contas não sabe de nada, mas sabe dizer isso com o maior charme.” Zózimo era o jornalista genérico em pessoa, com essa capacidade já sabida de esvoaçar borboletas entre os parágrafos, chacoalhar balangandãs nos pulsos da nota e esparramar perfume fino no cotovelo das vírgulas. Se alguém precisasse laçá-lo dentro de uma área de conhecimento, diria “Rio de Janeiro”. Interessava-se um pouco por política, outro tanto por economia, sem especialização. Sua cidade era a sua pátria, a sua língua, o grande patrimônio que foi recolhendo pela vida. Uma vez, perguntado sobre o que gostaria de ser quando crescesse, entrou na brincadeira: “Xerife do Rio.”

Desde a primeira coluna, em 1969, quando todos esperavam que ele viesse exclusivamente com relatórios da festa de anteontem à noite, Zózimo já surpreendia com a nota que reclamava da derrubada de árvores para a construção de viaduto em Botafogo e da retirada de um frontispício de Mestre Valentim do Passeio Público. Ibrahim Sued nascera na Tijuca e morara nas pensões de Copacabana, mas desde que passara a imprimir o nome no alto das páginas do *Globo* só saía da Zona Sul para as asas de um avião que o transportasse alhures. Jamais foi visto além da Candelária, a igreja em que os ricos casavam entre si, no Centro.

Zózimo nasceu na maternidade do Humaitá, foi criado no Jardim Botânico, passava férias no apartamento do avô no Flamengo, estudou em Botafogo, viveu os primeiros anos do casamento com Marcia no Leblon, depois foi para Ipanema,

em frente ao Country, e agora morava com Dorita perto da Lagoa, numa cobertura-mirante de trezentos e sessenta graus que dava para ver o que quisesse da impressionante paisagem carioca. Se Ibrahim produzia a coluna no escritório particular de Copacabana, no edifício dos antiquários, Zózimo ia até o outro lado da cidade, onde ficava o jornal, para fazer a sua. Primeiro na avenida Rio Branco, agora na avenida Brasil, 500, uma zona dividida entre o cemitério do Caju, as fábricas de São Cristóvão e o cais do porto. Andava ausente do Maracanã. Também não seguia mais com Anna Maria Tornaghi e Fred Suter pelo roteiro de cabarés eróticos da Prado Júnior, da Duvivier, todos em Copacabana, quando o país começou a viver a abertura do regime militar e foram permitidos shows de sexo explícito. Ele gostava desses ambientes com temperatura *gauche*. “Artistas” e plateia ficavam tão próximos que uma vez um “ator”, entre uma posição e outra em sua performance de sexo explícito, tomou um gole do uísque de Zózimo sem perder o foco firme no que fazia.

Se havia alguém com direito a colocar uma estrela no peito e se intitular “xerife”, esse jornalista macho que não se perdia nos becos da Cinelândia e sabia da cidade o suficiente para deitar regras sobre o que lhe desagradasse nela, esse patrulheiro era Zózimo. Tinha a compreensão sorridente de que o Rio vivia dessa mistura. Orgia e liturgia tinham espaço na coluna.

Em 4 de fevereiro de 1970, ele acavalava duas notas. A de cima tratava da igreja de São Jorge, na praça da República, no Centro, onde ocorria a indicação do novo capelão, padre Eurico Cavalcanti. Na nota a seguir, revelava ter participado do Baile do Caju Amigo, cornucópia carnavalesca iniciada nos anos 1950 pelo Clube dos Cafajestes e que dava seus últimos suspiros.

- Se estão pensando que vou fazer uma descrição pormenorizada do que foi o Baile do Caju Amigo estão enganados. Sou colunista, mas não sou leão. Apenas uma observação feita por um *habitué*:

— Foi o Caju mais familiar a que compareci em toda a minha vida.

Em 1977, quando o produtor Albert Broccoli resolveu filmar um *James Bond* no Rio, Zózimo sugeriu na coluna algumas situações que colocariam à prova a coragem e o destemor do 007:

- Atravessar a nado a Lagoa Rodrigo de Freitas.
- Perseguir o vilão a 200 quilômetros por hora na Curva do Calombo.
- Pegar um táxi às seis da tarde na Avenida Rio Branco.
- Como alternativa, embarcar a bordo de um ônibus Jacaré-Ipanema.
- Jantar alta madrugada no Beco da Fome.
- Cruzar depois do entardecer a Praça General Osório.
- Fazer um *tour* pelas casas noturnas da moda.
- Aparecer no Maracanã em dia de Fla-Flu e instalar-se com a camisa do Fla no meio da torcida do Flu ou vice-versa.
- Levar em casa moradores da Rua Peri, no Jardim Botânico.
- Disputar uma final de torneio no campo do Trinta x Trinta.
- Aceitar o convite para jogar *gin rummy* em certos endereços.

Ao final da nota, Zózimo desafiava o agente internacional, machão invencível em outras paisagens: se ele conseguisse vencer incólume os citados obstáculos, ganharia definitivamente o direito de ostentar carta de valente. O Rio já era para profissionais, e até os heróis modernos teriam dificuldade em domá-lo. Não era à toa que ele, trinta anos de praia, queria ser “xerife”. Passara a infância pescando caraúna, bagre de até dois palmos (“quando me aperfeiçoei com anzóis”). Jogava bola na esquina da Frei Leandro com a Custódio Serrão e, à noite, ia até um barracão na favela da Catacumba, a duas centenas de metros de sua casa, jogar sinuca com os locais. Carregava na memória uma cidade cordial, sem barreiras, sem horários proibidos, e agora vivia na “cidade partida” de Zuenir Ventura. Era crítico e, em 15 de dezembro de 1976, com o título “Morte iminente”, escreveu que o Rio estava “entrando em agonia e nem todos estão percebendo”.

Em “Cidade feia”, de 21 de setembro de 1972, passeava por um lugar que no início do século tinha sido percorrido por outro cronista andarilho, o dândi João do Rio. O pioneiro historiava os tipos e as religiões na subida do ainda existente Morro de Santo Antônio, no Centro. Meio século depois, Zózimo flanava por ali e lamentava:

- Foi atravessando o Largo da Carioca que tive a percepção de uma realidade dura de aceitar, mas que depois vim a perceber ser uma opinião generalizada: o Rio é hoje uma das cidades mais feias do mundo.

Zózimo queria brigar pela cidade, instalar em sua coluna aquele banquinho em que o cidadão londrino subia no Speakers’ Corner, do Hyde Park, e abria o verbo. Era um xerife com delegacia na página do jornal e ia condenando tanto o

homem da pamonha (“faz questão de apregoá-la aos berros utilizando-se de um alto-falante”) quanto os restaurantes que não incluíam o sorvete de frutas no cardápio das sobremesas (“insistem nos crepes escaldantes, nos *flambés* fumegantes, que não apetezem a ninguém a não ser o provincianismo dos poucos que ainda se impressionam com a leitura de extensos e pomposos nomes estrangeiros — quase sempre escritos erradamente — no cardápio”, dizia em 1973). Antes de ser especialista em dondocas, era um doutor do cotidiano. Em 3 de maio de 1975, deu um registro discreto para a reunião que a senhora Regina de Mello Leitão promovera para receber amigos e, na mesma coluna, um grande espaço para defender um camelô da areia:

- O vendedor ambulante mais perseguido pelo rapa na praia de Ipanema é também o que mais saúde e alegria leva à numerosa clientela infantil de consumidores. No seu caso, a ausência de licença é um detalhe inexpressivo. O que importa é a qualidade das laranjas que apregoa, descascadas na vista do freguês com a ajuda de uma engenhoca movida a rodas dentadas e roldanas, que tem tanto de medieval quanto de eficaz. Trata-se de *seu* Julio das Laranjas.

Rubem Braga andou na mesma areia e descreveu a primeira ida da viúva à praia depois do passamento do marido. Não era, no entanto, um cronista do tipo que percorria as ruas à procura de assunto. Postava-se em geral na varanda de sua cobertura em Ipanema e narrava, com uma prosa divina, o que sua vista alcançava dali ou o que a memória guardasse da Cachoeiro de Itapemirim natal. Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, todos imensos, também não gastavam sola de sapato à cata de tema. Dos cronistas típicos, além de João do Rio, Zózimo se aproximava de Antônio Maria. Não pela exacerbação do

sofrimento amoroso, mas pela ronda constante da noite, das pequenas cenas e da necessidade de desovar palavras e mais palavras diariamente nos jornais. Antônio Maria tinha no *Globo* dos anos 1950 a coluna *Mesa de Pista*. Dali, do que recolhia, dos *potins* dos artistas aos casos amorosos iniciados ou encerrados na mesa ao lado, dava seus pitacos. Zózimo, se passara a juventude noturna em Copacabana, ao assumir a coluna deixara de ser geograficamente localizável.

Em 1973 informava que a boate da moda não estava em nenhum bairro da Zona Sul, mas na praça Mauá — era a Cowboy, descoberta pelo pintor Di Cavalcanti, com seu repertório de show de MPB e *striptease*. Findo o espetáculo, ainda reservava na calçada o transitar, calmo, de prostitutas e marinheiros. Tudo que era Rio cabia em sua página. Um tatu passeando na esquina da Joaquim Nabuco com a Nossa Senhora de Copacabana ou simplesmente a descrição primorosa de uma cena clássica dos costumes locais: se Tom e Vinicius tinham visto a garota de Ipanema a caminho do mar, Zózimo viu a de Copacabana se retirando dele. Quem não entendia do Rio podia achar que não estava acontecendo nada. Zózimo acertava a mão na avaliação correta do que fosse carioquice — e ia cravando, nota a nota, o seu sucesso também como cronista:

Manhã de trabalho, sol quente, o tráfego fluía normalmente na Avenida Atlântica em direção à cidade. De repente, sem razão aparente, sem desastre, sinal quebrado ou caminhão em manobra, a distância entre os carros foi ficando mais curta, a velocidade lenta, até que tudo engarrafou. Quem vinha mais atrás buzinava com impertinência, sem saber o que acontecia. Mas quem se encontrava mais na frente nem ligava, os olhos presos à figura morena de corpo escultural, linda, que vinha pela areia a caminho do asfalto, devagar,

imperturbável diante da plateia basbaque de automobilistas. Uma deusa. Veio, subiu a calçada, atravessou a rua e desapareceu, quase uma miragem. E tudo voltou ao normal.

Era um cronista na melhor tradição, embora não lhe fosse dado o crédito de ser esse tipo de autor. No caso da morena, flagrava como se fosse o momento da Criação, e anunciava com ares de arrebatamento bíblico o que aos mortais, seres estressados do trânsito, pareceria apenas a pasmaceira cotidiana. Se Rubem Braga olhava a banalidade do homem no mar, com sua nobreza calma, no esforço solitário de cumprir sua missão, e dali tirava uma das páginas mais clássicas da literatura brasileira, Zózimo seguia a tradição de olhar a cidade, a mulher que caminhava sobre suas areias, e, avançando sobre os limites do jornalismo, acrescentava grandeza ao que aos olhos comuns era só miudeza.

Em 1986, quando o *Jornal do Brasil* lançou o caderno *Cidade*, Dacio Malta, o editor, aproveitou que Zózimo conseguira novo aumento de salário e pediu que desse uma força. O jornal, desde a saída de Carlinhos Oliveira, em dezembro de 1984 (oprimido pelo massacre de três textos por semana), e a aposentadoria de Carlos Drummond de Andrade, meses antes, estava apenas com Affonso Romano de Sant'Anna ocupando o canto dos cronistas.

Dacio pediu que Zózimo escrevesse uma crônica no alto da página 2 do novo caderno. A editoria possuía oitenta pessoas na equipe, entre repórteres, editores e redatores (o futuro membro da Academia Brasileira de Letras Ivan Junqueira era copidesque). O Rio sabia do Rio por ali, e o noticiário andava pesado — violência, tráfico, bala perdida. Zózimo entraria com o perfume, às terças, quintas e sextas. Os demais dias seriam preenchidos por crônicas de Apicius. Duas delas sobre sua especialidade, a gastronomia, a ronda dos restaurantes, e outra

de generalidades, com o título *Cartas de Parvônia*. Apicius formava na linha de frente, com Zózimo, os esnobes do *JB*. Além de possuir texto fino, cultivado em tonéis do humor de Eça de Queirós, sua família era proprietária de bons terrenos na parte alta da rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico.

Naquele momento, escrever crônicas para encher um quarto de página era ocupar a contramão da estrada para onde seguia o texto de Zózimo. Em sua coluna de notas, ele estava cortando palavras, engolindo vírgulas desnecessárias e tudo o mais que assim também o fosse. “A exigência de 350 toalhas de banho tamanho GG feita por Michael Jackson para cada apresentação no Brasil não deixa dúvidas”, dizia uma nota de 1986. “Ele está ficando branco é de tanto se lavar.” Com o espaço maior da crônica, precisaria colocar as palavras todas de volta. Eram experiências bem diversas, mas as duas necessárias para o *JB* naquele momento, e Zózimo mais uma vez disse “presente” ao time em que jogava com o número 10 nas costas. Em 1983, já havia sido catapultado ao cargo de editor do *Caderno B*, uma peça nobre da casa por sua mistura do noticiário cultural com o comportamental e a vida carioca. O caderno era a principal referência de um Rio ainda *charmant*, capaz de estabelecer o que fosse *in* e *out*, de ser o primeiro a divulgar a cena funk do Black Rio na Zona Norte ou acompanhar a evolução do biquíni, do cortininha ao asa-delta, na Zona Sul. A experiência de editor não foi longe.

Já atarefado pelo trabalho hercúleo de colocar diariamente em pé uma coluna de notas, ele não tinha cabeça para comandar repórteres, bolar pautas e administrar problemas mixurucas. Zózimo convocou o crítico teatral Macksen Luiz e a repórter Beatriz Bonfim e os transformou em editores executivos. Delegou plenos poderes à dupla e — decepcionado com o ramerrame das pequenas questões, tabela de férias de repórteres, licenças-maternidade, baixa fofocagem, colunistas

que apresentavam notas fiscais falsas de despesas em restaurantes, chiques de quem se achava mal aproveitado e mais a preguiça dos incompetentes — voltou para o aquário nativo atrás da pesca de notas. Detestou a experiência de cuidar das problemáticas alheias. Foi cuidar das suas — e deixou o cargo de editor do *B* no início de 1984.

Como cronista começou em 9 de setembro de 1986. Escreveu cerca de sessenta textos sobre o Rio, quase sempre em tom de crítica. Nada a ver com o tom lírico de Rubem Braga. Zózimo ficava próximo do jornalismo. Naquele setembro, bem que podia atacar com a clássica ode à chegada da primavera, recurso de toda a turma de cronistas líricos. Não o fez. Como era período de ebulição política, eleição do novo governador do Rio, ele acertava mais catiripapos em Leonel Brizola — e finalmente vibrou com a derrota do candidato dele, Darcy Ribeiro. Costumava apontar como sua obra preferida no período cronista o diálogo que inventou entre Leonel e Ribeiro, em 18 de novembro de 1986:

- (...) Alto lá, Ribeiro, vexame teu. O candidato eras tu.
- É verdade, e pensar que foi você que me induziu a isso. Eu não queria ser candidato, não queria comer poeira, não queria subir morro. E você no meu ouvido, me azucrinando “a eleição é uma barbada”.
- E era uma barbada, mas tu a perdeste.
- E tem mais uma coisa, Leonel. Não vou lhe perdoar nunca o fato de eu ter comido toda aquela porcaria. Você sempre soube que eu tenho horror a acarajé.
- Ah, chega de ficar se lamentando. O negócio agora é seguir em frente. Há ainda um longo caminho a percorrer. Eu vou ser presidente da República.
- E eu imperador.
- Só se for da Babilônia.

— Não me fala em Babilônia, me lembra morro.

Crônica é a jabuticaba que o Brasil produziu na literatura, uma fruta de palavras que se lê com prazer e deve abusar da perspectiva pessoal. O diálogo de Leonel e Ribeiro se parece com os textos produzidos por Fernando Sabino. É totalmente diferente do dilaceramento existencial que Nelson Rodrigues publicava na *Última Hora* sob o título *A Vida Como Ela É*, e no entanto também classificado como crônica. Tudo cabia no rótulo. Não à toa, em uma palestra sobre o que afinal, caramba!, seria uma, Zuenir Ventura disse que tudo que se colocasse dentro de um fio de diagramação com o título no alto de “crônica” uma seria. Zózimo fazia crônicas desde o início, dentro da coluna de notas — porque usava a primeira pessoa, tinha liberdade de estilo, leveza no trato com as palavras e abusava do humor.

Como bom cronista, falou do seu quintal — e a Lagoa foi tema constante. Tinha voltado a morar na região ao se casar com Dorita, mas aquelas águas entre o oceano e a Mata Atlântica andavam outras. O tom dos textos era de perda amorosa. Em “Os monstros da lagoa negra”, de 19 de setembro de 1986, escreveu:

Não se passa um mês sem que as páginas dos jornais do Rio estampem a notícia de uma tragédia à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. A variedade é enorme e atende a todos os tipos, tamanhos e formas de desastres: pedestres atropelados nas calçadas, carros submersos, motociclistas arremessados a distância, *joggers* estraçalhados — dor e sangue colorindo de tristeza uma das paisagens mais bonitas da cidade. (...) Que tal os motoristas aprenderem a dirigir? A qualquer hora do dia ou da noite a sinalização funciona pelo avesso. Para-se no sinal quando está verde

para se evitar trombar com os que ultrapassam o vermelho (...).

Antônio Maria escreveu sobre Copacabana, Carlinhos Oliveira sobre Ipanema, Aldir Blanc sobre a Tijuca e Zózimo fez pelo menos dez crônicas sobre como andava — mal — a Lagoa, sua aldeia. De resto, deixava-se pautar pelos assuntos da urbe carioca. Greves de motoristas, a política no Flamengo, um *tour* pela Rocinha (“Little Farm”), a invasão das praias da Zona Sul pelos ônibus que Brizola deixou cruzar o Túnel Rebouças. Metia o pau, na certeza de que era a missão do xerife.

Ele achava São Paulo cosmopolita, mas com gente provinciana; o Rio, provinciano, mas com gente cosmopolita — nunca, no entanto, usou a guerrinha Rio x SP como mote. Criticava o Rio para seus moradores, pois todos já o sabiam um dos adoradores daquela roça linda (“Não é uma cidade maravilhosa”, dizia Elizabeth Bishop, “é um cenário maravilhoso para uma cidade”). Quando a *Veja*, publicada em São Paulo, concedeu-lhe o espaço nobre de suas *Páginas Amarelas*, ele mudou o tom — não falava mal da pessoa amada para estranhos. “É ótimo viver no Rio”, diz o título da entrevista, de 6 de abril de 1988, concedida à repórter Marisa Tavares. Nela, considera que a cidade passou por governos catastróficos, mas que a superação é inerente à raça local. “Que outro lugar do mundo teria conseguido em vinte anos criar uma outra cidade dentro de si, como o Rio fez em relação à Barra da Tijuca? A própria preocupação com a violência e a onda de assaltos merece ser revista. O Rio é uma cidade violenta como todas as outras de seu porte. Mas faço a crítica pelo lado do humor.”

Na patrulha carinhosa, o xerife-cronista não se esqueceu no *JB* de sua obsessão: os restaurantes e seus cardápios. Nada

tinha melhorado, nem os comensais:

A freguesia de sábado à noite, então, esta é de lascar. Não considera nada conveniente ou nobre se não for flambado ou gratinado. Se não houver espetáculo pirotécnico nem o alimento descer à mesa chamuscado, não se considera satisfeita. A empulhação nasce dessa perfeita união do *restaurateur* bronco com o comensal ignaro.

Deve ser certamente por isso que em pleno verão carioca é mais fácil encontrar no cardápio uma fumegante sopa de cebolas do que, no capítulo das sobremesas, um muito mais conveniente e apropriado sorvete de frutas.

O que dá ao homem um mínimo de unidade interior é a soma de suas obsessões, dizia Nelson Rodrigues — e lá estava, treze anos depois de lançar seu primeiro clamor cívico pela ausência do sorvete de frutas nas mesas, mais uma reprimenda de Zózimo. Rubem Braga escreveu quantas crônicas sobre passarinho? Ninguém escreve sete vezes por semana num jornal — e ele, agora, com as crônicas, escrevia dez — se não tiver um bom pacote de obsessões para ir distribuindo na produção dos textos. Zózimo servia sorvete de frutas e mais um extenso repertório delas.

Se na coluna de notas andava evitando a muvuca social, com a crônica liberou-se para voltar ao assunto. Não foi ao aniversário da sua coleguinha do *Globo* Hildegard Angel, mas, em 26 de setembro de 1986, tratou dele sem qualquer *esprit de corps*. O título era “Usina atômica”:

Chegou mais rápido do que se imaginava a resposta carioca ao imperial casamento que, celebrado na fazenda Emphyreo, em São Paulo, levou a alta sociedade paulista ao paroxismo da admiração e deslumbramento.

A cerimônia que ganhou os anais da ostentação, conhecida como “o casamento Piva”, incluiu, nos desvarios do seu coreógrafo, até uma carruagem puxada por parelhas de cavalos do melhor *pedigree*, levando a bordo, enlaçados e felizes, cabelos ao vento, os noivos.

O troco carioca, o contra-ataque em cima da bucha, foi desfechado pela colunista Hildegard Angel, que abriu com pompa renascentista os formidáveis salões de sua mansão, na Usina, no Alto da Tijuca.

Era aniversário da anfitriã, que, por isso mesmo, não se poupou na tarefa de montar uma noite em que qualquer Fellini ou Zeffirelli aporia com orgulho a assinatura.

Não faltou nem mesmo na entrada anunciando um a um, ou dois a dois, quando se tratava de casais, a presença de um cidadão, vestido da cabeleira aos sapatos com um traje da corte de Luís XV, naturalmente suave. Na mão, um pesado bastão que ele batia com ímpeto no assoalho antes de gritar para dentro da casa o nome de quem chegava:

“Embaixadoooooor e senhooooora fulanoooo de taaal.”

Os que já estavam viravam-se entre curiosos e nervosos, abrindo então seus sorrisos, mais largos ou mais tímidos, proporcionais à simpatia de quem avistavam.

A partir daí valia tudo em matéria de fausto e bizarria.

Mas a fuzarca só se revelou mesmo em sua total intensidade depois que se completou a presença dos 350 convidados, os cavalheiros de *black tie* e as damas exibindo vestidos longos de cauda como antigamente.

Aí é que Hilde botou pra quebrar.

Pelas salas, salinhas, salões, saletas, pátios, terraços, varandas e escaletas, tropeçava-se a cada metro numa atração, ali colocada para divertir e tornar mais alegre e feliz a vida dos presentes.

Não bastavam as pistas de dança, duas, uma animada pela música mais convencional do Maestro Cipó, e a outra pelo som trepidante das fitas e alto-falantes da etiqueta Josias — havia também mágicos, ventríloquos, cuspidores de fogo, malabaristas, saltimbancos, engolidores de espada, trapezistas e anões, cujas proezas rivalizavam de vez em quando com o espocar de fogos de artifício.

Uma noite de arromba que teve seu clímax no momento supremo da festança — o corte pela aniversariante do monumental bolo de quatro andares.

Quando Hilde, como a chamam os íntimos, feriu a escultura de confeitos com a faca de prata, os sinos — talvez a única falha da noite — não chegaram a dobrar, mas em compensação abriu-se uma gaiolinha e dela saíram farfalhantes dois lindos e singelos pombinhos.

Parodiando o cinema americano, com sua mania de fazer superproduções em série, já tem gente chamando a festa de *Casamento Piva II, a missão*.

A série de crônicas terminou em 19 de março de 1987, com um texto sobre a aparição de um novo personagem na noite, o manobrista de restaurantes — e o caos que seus serviços e a falta de estacionamento acarretavam ao que antes era o tranquilo desfilar de carros pela madrugada. A hora do *rush* agora se estendia pela noite. Sintomaticamente, o título dessa última crônica era “Pau neles!”.

Assim como surgiram, as crônicas desapareceram, sem anúncio aos leitores. Zózimo poderia continuar a fiscalizar o comportamento da cidade através das notinhas (“Um dos males de que padece o carioca é o excesso de macheza. Mais do jeito que a do leito”, dizia no final daquele março, depois de ver uma briga em boate). Se fosse o caso, transformaria alguma informação em minicrônica, como a que publicou em 16 de

fevereiro de 1993. O título era “Reminiscência”. Como os cronistas, sempre abusando da primeira pessoa e trabalhando com o baú da memória particular, aproveitou-se de um “gancho” do momento para contar uma história dos bancos escolares:

A capa da última *Veja*, “O ovo de Itamar”, evocou uma antiga piada dos meus tempos do Colégio Andrews, final da década de 50, envolvendo o inefável Juquinha e sua douta professora.

Fedelho, frívolo, peralta, péssimo aluno, sem jamais ter aberto um livro, Juquinha foi inquirido pela desanimada professora disposta a lhe dar a chance de se redimir dos sucessivos fiascos.

— Juquinha, cite um fato histórico de alguma relevância.

O aluno, para espanto da classe, disparou sem hesitação:

— O ovo de Colombo.

Surpresa, quase eufórica pela presteza e objetividade da resposta, a professora embalou e insistiu:

— Bravo, Juquinha. Agora, cite outro fato histórico importante.

E o aluno, novamente sem pestanejar:

— O outro ovo de Colombo.

Às vésperas do Carnaval, Zózimo entrou com o jornalista Augusto Nunes na festa da *socialite*. Carregava a garrafinha de lança-perfume na mão e a primeira pessoa que viu no salão foi justamente o secretário de Segurança, uma de suas fontes no mundo das notinhas. Zózimo levantou os braços, na clássica imagem de rendição. Entregava-se, culpado confesso e sorridente, em pleno ato de delito, à autoridade presente. Mas era Rio de Janeiro, verão pleno, caos nas ruas, e a cena ficou catalogada nas retinas de Augusto Nunes como mais uma página do humor carioca, a carnavalização tropical dos costumes. Zózimo e o secretário abraçaram-se efusivamente, riram da situação e a vida seguiu, com sua inevitável profusão de champanhe, canapés e paqueras. Ao final da festa, o salão vazio, lá estava Zózimo sentado no sofá do canto, discretamente, ainda com a sua Rodouros, tendo agora como parceiro a reparti-la, na cumplicidade do lenço, o nariz do douto secretário encarregado de zelar pelas leis que colocavam a bisnaga metálica fora delas.

Era Rio de Janeiro na veia, a subversão carnavalesca de todas as expectativas. Uma cena brincalhona e divertida — mas aos poucos Zózimo chegara àquele limite em que o engraçado roça o trágico. Em outra ocasião, antes do primeiro gole, no ritual que compartilhava com o amigo Roberto Kreimer, ele soltava a voz cantando um dos clássicos de Jacques Brel, o cantor francês que o acompanhava desde os momentos de fossa na adolescência. A música era “L’ivrogne” (O bêbado) e Zózimo a cantava em francês, com sua pronúncia espetacular (“*Ami, remplis mon verre...*”). No Brasil ela ficou conhecida

por uma versão de Ivon Curi, que a apresentava, em tom dramático, às vezes caindo ao chão no fim da apresentação:

Amigo, enche-me o copo.
Só mais um, e eu vou-me embora
Não vou chorar
Estou alegre e até já canto
Mas dói-me ser assim.

Zózimo, a verve de ator mais uma vez aparecendo, simulava ares dúbios de tristeza e alegria, como pedia a letra. Os amigos riam, as mesas vizinhas se impressionavam e era o começo da sucessão de copos. Zózimo podia mudar de sotaque, deixar o francês e atacar em espanhol os versos que ainda conseguisse se lembrar de “Cucurrucucu Paloma”. Quando estava com Ricardo Amaral era inevitável que, além do roquezinho de Celly Campello (aquele do “tenho um amor puro e verdadeiro,/ é playboy, é bom companheiro”), os dois cantassem “doutor em anedota e em champanhota,/ estou acontecendo no café-soçaite...”. Era grande o repertório da “turma do funil”.

Por mérito, o nome de Zózimo passou a ser associado a bebida. No livro *Sem receitas contra a ressaca*, do jornalista Alessandro Porro e Paulo Brocá, um dos donos do bar Mistura Fina, ele é convidado a dar a palavra de especialista. Diz adotar a receita do então diretor da TV Globo Walter Clark (que anos depois morreria de doenças decorrentes do alcoolismo): “Ao primeiro sinal de ressaca, sirva uma dose dupla.” A família não achava graça. Se Marcia retirava Zózimo das festas quando o teor alcoólico passava do socialmente recomendado, o drama continuava com Dorita.

O que um amigo escreveu certa vez sobre Dashiell Hammett, o escritor americano de policiais, serviria à perfeição para mostrar como o colunista estava naquele

momento: “Ele parecia estar bebendo pesado, de um jeito que só faria sentido se não tivesse expectativa de estar vivo depois de quinta-feira.” Zózimo gostava de bebidas finas, como o champanhe Veuve Clicquot, ou Taittinger, dos *bordeaux* Château Lynch-Bages e Château Petrus e do uísque Johnnie Walker. Isso se eles estivessem à mesa. Caso contrário, beberia o álcool possível. E como muitas vezes não voltasse para casa, família e amigos saíam à sua procura, às cegas pela cidade. Certa noite, ao fim de uma jornada de buscas, Paulo Marinho levou-o para a própria casa. Teve o cuidado de, antes de dormir, esconder as garrafas. Deixou Zózimo na cama do quarto ao lado do dele. No meio da noite ouviu um barulho no banheiro. Foi ver, era Zózimo, com cara de criança pega em flagrante. “Barrozinho, o que você fez dessa vez?” “Não, nada!” O problema foi o “nada”. Quando ele disse a palavra, deu uma tropeçada na gagueira e na confusão saiu um arrote. Marinho entendeu imediatamente. O bafo tinha um perfume que ele conhecia bem. “Zózimo, tu tomou meu perfume?” Na dependência do álcool, ele tinha tomado um Equipage, do Hermès. “Foi só um pouquinho!” Era a segunda mentira. O vidro estava vazio.

Aos poucos, o ambiente dessas bebedeiras deixou de ser as festas, os bares ou restaurantes no circuito da Zona Sul e à vista de seus pares. Zózimo passou a fugir para beber. Como Marlon Brando seguindo para o exílio no Taiti, onde ninguém o conhecia e poderia engordar em paz, livre de cobranças para performar o que os outros esperavam dele, Zózimo procurava lugares incompatíveis com o seu status social. Perdia-se pela Lapa e pelas ruas ao redor da praça do Lido, o baixo Copacabana.

Paulo Marinho, companheiro fiel desde a festa à francesa dada por Carmen Mayrink Veiga no longínquo 1973, estava agora, entre os cinco últimos anos da década de 1980 e os

primeiros da de 1990, salvando o amigo em recintos sombrios. “O alcoolismo dele tinha um agravante pela vida social que a coluna impõe”, reconhecia Marinho. “A bebida farta e o gosto dele farto por ela juntavam a fome com a vontade de beber, e a situação só piorava com a depressão de já não gostar daquele trabalho.”

Nesses momentos, o *gentleman* de olhos azuis, conversa agradável, o melhor texto brasileiro em três linhas, transformava-se. Um jantar com o amigo do Colégio Andrews e jornalista Silvio Ferraz, no Satyricon, em Ipanema, terminou com Zózimo algumas doses acima e, mesmo assim, decidido a pegar seu carro e seguir ao volante até em casa, cinco quilômetros adiante. Silvio relutou, mas acabou concordando. Foi em seu próprio carro, atrás, acompanhando o de Zózimo na aventura. Era madrugada, a pista da Lagoa estava livre. A cada movimento mais trôpego do carro do amigo, que ameaçava sair da avenida, Silvio buzina para que o barulho despertasse Zózimo. A qualquer instante aquelas viagens por estradas, bares e circuitos alternativos do Rio poderiam chegar a um final não tão feliz como o daquela noite.

De início as ausências no *JB* eram encaradas com naturalidade, já que aquele tipo de trabalho sempre o expunha à possibilidade de excesso diante do álcool gratuito. Com o tempo, no entanto, elas se tornaram mais longas e chamaram atenção. Fred reclamava de estar fazendo a coluna sozinho, e com salário bem mais baixo que o do titular. Na virada para os anos 1990, Zózimo desapareceu no dia em que o companheiro ia sair de férias. Fred não quis saber e largou a coluna com Marly e Artur Xexéo, editor do *Caderno B*.

Zózimo, às voltas com seus demônios secretos, “uma angústia profunda, um príncipe que sabia que não era”, segundo uma amiga, perdia-se em algum canto estranho da cidade. As notícias sobre os bastidores dessas ausências

circulavam sem dó pela redação. Muitas vezes, com sua tendência de rir de tudo e de nada levar a sério, ele próprio folclorizava os acontecimentos, lembrando-se de cenas dramáticas que, com sua conversa charmosa, viravam comédia. Nem sempre, porém. Em dias de depressão mais intensa, mostrava-se envergonhado.

Teve a mulher que telefonou desesperada pedindo que alguém fosse até o motel Ebony, na Glória, porque Zózimo estava lá, desacordado — e dessa vez quem fez o resgate foi a própria Marly, que encontrou o chefe sozinho cercado de garrafas. Sergio Bermudes também participava desses socorros e depois o velava por uma boa noite de sono, em segurança. Uma noite, precavido por Paulo Marinho, dormiu atravessado na porta do banheiro para evitar que Zózimo acordasse e assaltasse os perfumes.

Essa brigada de amigos às vezes estendia a blindagem ética por uma semana, até que o monstro sumisse e o corpo fosse devolvido a quem de fato pertencia. Tentava-se de tudo. O professor e psiquiatra Celso Cezar Papaleo foi levado por Bermudes para ter uma conversa com Zózimo. Foram duas horas e meia de *tête-à-tête*. A calma que se seguia a esses bons encontros não resistia muito tempo e outra equipe de resgate precisava sair às ruas.

Essas patrulhas noturnas disparadas sem GPS pelo Rio terminavam em histórias dolorosas de um homem doente, cumprindo a herança genética. Zero de riso. Numa noite, porém, o clima beirou comédia de trapalhões. Paulo Marinho estava com Zózimo no carro, recolhido num muquifo escuro da Lapa, quando ao celular a mulher de Ricardo Boechat anunciou que estava parindo e o marido, às voltas com o fechamento da coluna no *Globo*, não podia acompanhá-la. Marinho partiu para essa segunda operação de saúde. Com Zózimo no carro, ainda sob algum efeito do álcool que ingerira

na recém-encerrada temporada, conduziu a mulher para o Hospital Santa Mônica, em Niterói, onde o médico já a esperava. No carro, em plena madrugada, diante dos gritos dela, Zózimo tentou fazer manobras de parto no banco traseiro do carro, graças a Deus sem sucesso. Era só o primeiro capítulo. No hospital, para que a papelada corresse mais rapidamente, ele se anunciou como o pai da criança que nasceria, linda e saudável, logo em seguida, filha do outro colunista, Boechat. Já não estava de porre e voltava ao bom humor que a doença queria embebedar.

A todos esses informes, Nascimento Brito reagia com o carinho de sempre. O talento de Zózimo, dizia, compensava qualquer sacrifício para mantê-lo. Em conversa com amigos do colunista, ele se mostrava preocupado, e como era hipocondríaco acreditava haver outra doença por trás das crises. Não podia ser só alcoolismo. Mandou-o, em 1989, para um *check-up* num hospital americano com Sheldon Wolff, o seu médico, também da elite carioca. Além do enfisema, já diagnosticado no Brasil, não se descobriu nada de notável.

Antes, ainda, Paulo Marinho tinha feito algo semelhante. Aproveitara que ia a um exame de rotina no Instituto do Coração em São Paulo e levou Zózimo. Ao final da cineangiocoronariografia, o médico deu seu parecer. O coração de Marinho, que anos antes havia pregado um susto, continuaria em observação, exigindo cuidados. Já o de Zózimo foi considerado de bebê. Estava uma maravilha, liberado para bater, sem excessos, no ritmo de vida que o dono achasse apropriado. Era o que Zózimo queria ouvir. “Você fica aí enchendo o meu saco com esse papo de parar de fumar, parar de beber, mas o teu próprio médico atesta que eu sou um atleta”, vibrou.

O caso era, evidentemente, de outra especialidade médica. O alcoolismo marcava de um lado, já presente na família com o

caso do tio Geraldo e com vestígio, embora não diagnosticado com a mesma gravidade, na saúde do pai e do avô. A depressão da mãe era onipresente em Zózimo. Quando se abatia, costumava lembrar com raros amigos a relação pouco feliz e íntima que tinha com ela. Falava muito de Boy, sempre com gargalhadas e admiração. A mãe era uma ausência, um silêncio jamais diagnosticado.

Zózimo procurou em épocas diversas apoio psicológico. Com um dos médicos não se consultou por muito tempo, mal impressionado que ficou com o fato de ele usar — “onde já se viu?”, ria com os amigos — “meias de Ban-Lon”. “Não pode dar certo um psicanalista assim”, dizia. Esteve por um longo período, a partir de dezembro de 1988, com o psiquiatra Jorge Elias Salomão, em Ipanema. Obedecia a uma indicação do seu clínico geral, o médico Pedro Henrique de Paiva. Era terapia de apoio, sem medicamentos. Quando a crise ficava séria, Zózimo batia na porta de Salomão, e quando se sentia um pouco mais seguro se afastava de novo.

Os resultados positivos não se prolongavam. Ele precisava se dedicar com mais ênfase ao problema. O processo de autodestruição permanecia — e o trabalho que escolhera para levar a vida não ajudava. A amiga Roselyne Malamud viu a cena diversas vezes. “Eu ia ao Hippopotamus, ao Regine’s, e ficava observando como o Zózimo era cercado pelos chatos, que, *en passant*, diziam alguma coisa no ouvido dele, na esperança de no dia seguinte abrirem o jornal e verem lá o que tinham dito. Só com muito uísque para aguentar aquilo.”

A rotina prosseguia — e lá ia Paulo Marinho caçar o amigo como se fosse um Indiana Jones pela selva da cidade. Como localizar alguém que desaparece sem dar qualquer notícia? Alguém que nem sequer alega uma doença para faltar ao trabalho? Poderia estar morto, sequestrado, desfalecido num canto. Todas as opções passavam pela cabeça de parentes,

amigos e colegas, que saíam em busca, ao vivo ou por telefone, pelos endereços mais habituais do desaparecido. Os desenhos clássicos dessas crises repetiam-se. Passavam-se dois dias do sumiço sem qualquer notícia. No terceiro, Zózimo telefonava para Marinho dizendo que estava tudo bem, que não se preocupasse. No quarto dia, depois de atender a vários telefonemas dos diretores do *JB*, apreensivos com o paradeiro do seu principal colunista, Marinho via surgir entre as pistas que buscava o cheque ao portador, o GPS da época.

No térreo do *JB* ficava uma agência do Banco Nacional que atendia basicamente aos funcionários do prédio. Os cheques assinados por Zózimo iam parar ali no guichê, com portadores diversos, e os caixas, cumprindo ordens, passavam a informação diretamente para a avaliação do gerente Cadu, que telefonava para Paulo Marinho, que pegava um táxi e zunia para o prédio do jornal. O portador levava Marinho até o dono do cheque. Uma vez foram parar numa quitinete da rua Prado Júnior, em Copacabana. O cenário era decadente, garrafas pelo chão, mulheres que entravam e saíam, e Zózimo, amarfanhado, mas de bom humor. “Paulinho, estas são as verdadeiras grandes damas da sociedade carioca”, divertia-se, enquanto a dona do pardieiro, temerosa de que fossem pessoas importantes e trouxessem problemas, pedia que se retirassem logo.

Algumas vezes, quando sentia que a aventura chegara aos estertores, o próprio Zózimo ligava pedindo, sem drama, apenas cansado, que Marinho fosse buscá-lo. Uma amiga chegou a resgatá-lo na favela da Rocinha. Os lugares mais comuns desses reencontros ficavam na Lapa, o lado de lá mais afastado a que se podia chegar do cenário de salões elegantes frequentados por Zózimo. Eram verdadeiros esconderijos, locais em que ninguém tinha noção da importância daquele homem. Segundo Marinho, saía de lá um Zózimo de aspecto

físico degradante, já que passava às vezes até uma semana sem ver a luz do sol, só bebendo e conversando — “ele se sentia à vontade, relaxado, naqueles ambientes”.

Dessa vez Marinho encontrou Zózimo num sobrado desolador da rua Frei Caneca, na mesma Lapa. A senhora que tinha ido ao banco descontar o cheque era a responsável pelo *bas-fond*, constituído, segundo Marinho, de mulheres sem qualquer *sex-appeal*. Zózimo, com a mesma educação com que se movimentava nos melhores salões, fez as apresentações. “Vem por aqui, Paulinho”, dizia, “porque você precisa conhecer as minhas amigas. Isso é gente da melhor qualidade, conversam muito bem, estou muito bem aqui.” Marinho falou com todos também gentilmente, tentando encerrar a temporada. Foi um processo de convencimento difícil. “Não se preocupe comigo, quero ficar por aqui mais tempo”, pedia Zózimo.

Meia hora nesse “vem” “não vou” “por que você quer me levar se estou bem?”, e Marinho perdeu a paciência. Aproveitou que o amigo estava de porre e, aos empurrões, foi fazendo com que saísse do apartamento. Jogou-o ao chão, segurou-o pelas calças e tentou arrastá-lo, porém havia uma escada no meio do caminho — e Zózimo rolou, facilitando o carregamento mas com enorme risco. Não quebrou nada. Marinho botou o amigo desacordado dentro do carro e levou-o da pocilga. Podia ir com ele direto para a Clínica São Vicente, onde às vezes Zózimo se internava por uns dois dias. A clínica fica num canto da Gávea, bairro escondido, e no alto de uma ladeira. Não tinha como alguém ver aquela celebridade do jornalismo no estado de um pós-porre.

Ao fim do resgate dramático, Marinho preferiu, porém, seguir para uma suíte no Copacabana Palace. Estava morando ali por causa de uma obra em casa, logo ao lado, no edifício Chopin. Deu um banho em Zózimo. Na hora de dormir, para

evitar novo incidente como o do vidro de Equipage, teve uma ideia radical, desesperada, só que, diante das circunstâncias e do histórico do personagem, necessária. Um dos luxos do hotel era oferecer aos hóspedes roupões de toalhas felpudas, com aquele branco confortável do mais puro algodão. O uso que eles teriam dessa vez não estava relacionado à felicidade de passar a noite no mais charmoso cinco estrelas nacional. Marinho pegou os cintos de dois roupões e deu um nó, fazendo com que medissem quase cinco metros. Estava um bagaço, precisava dormir sem correr riscos de botar tudo a perder. Amarrou uma das pontas na sua perna direita. A outra, amarrou na perna direita de Zózimo. Dormiriam presos pelas pernas. Se ele tentasse sair da cama, perceberia. Acordaria e cuidaria para que o amigo não fosse até o banheiro beber algum perfume ou, pior, voltar para a Lapa.

O aspecto de Zózimo pela manhã era pavoroso. Desgastado pelas noites na Lapa, pelo álcool, sua pele, normalmente muito branca, era uma vermelhidão só. Soltava uma pigmentação em meio a caroços diversos. Marinho foi até a frente do espelho com ele: “Olha só, olha como você está!” Zózimo não emitia palavra. “Olha como você tá, meu irmão! Você tem que parar com essa merda. Isso não vai dar certo! Você vai perder tudo! Vai morrer na merda!”

Sempre de olho, esperou que se arrumasse para a terapia ocupacional de ir até o jornal. Ficou com ele o dia inteiro na redação, observando-o à cata de notinhas. Recém-saído da crise, Zózimo podia ficar chato, e uma das manifestações disso era telefonar repetidas vezes para os amigos, a troco de nada. Ricardo Amaral não atendia. Zózimo então ligava para Sergio Bermudes. Pedia ao “Guru” que ligasse para o “Barba” e anunciasse uma das notas do dia seguinte: “Não será surpresa se Ricardo Amaral for à falência.” Bermudes não telefonava. Zózimo voltava a ligar perguntando se tinha feito o que pedira,

e ficavam nesse moto-contínuo. Fazia parte da estratégia de mantê-lo ligado em outro assunto, até Zózimo livrar-se de mais uma turbulência.

O alcoolismo detonava alguma peça que fazia com que Zózimo se afugentasse nos porões da sociedade. Em algumas dessas buscas também seguia Dorita. Ela não se sentia desesperada nem traída. Nada disso combinava com sua personalidade. Ficava com raiva da dor provocada pelas crises do homem que amava. Era o momento, julgava, em que o marido, atormentado por culpas que carregava, ficava livre, solto, e se permitia qualquer coisa. “Prefiro a morte, que chegará de todas as maneiras, a ter que abandonar os prazeres desta vida”, disse-lhe Zózimo uma vez. Ela o amava. Acima de tudo, compreendia-o.

O resto era o mistério divino. Aquele homem educado, bonito, cobiçado pelas mulheres, bem-sucedido profissionalmente, admirado por todo o país, era a confirmação da frase do cronista Humberto Werneck, um pensamento definitivo em sua sabedoria cruel: “Quando felicidade não traz felicidade.”

No alto do Morro do Vidigal, na Zona Sul, criancinhas da comunidade pintavam flores da sua imaginação na parede do ateliê de flores reais, embora desidratadas, de Dorita Moraes Barros. Com o cenário deslumbrante das praias ao fundo, parecia filme sobre o paraíso carioca — mas, infelizmente, a cena não para aí. Na rua estreita, um carro fecha a passagem de outro. Os motoristas, armados, saltam e, como se fosse faroeste americano, começam a atirar um no outro. Pela primeira vez Dorita, que brincava com as crianças, viu alguém morrer à sua frente. A violência do morro já a preparara para aquilo.

Dias antes, o dono da área, o traficante Gringo, mandara dois comparsas ao ateliê para sequestrá-la e levá-la até a sua bandida presença. O chefão, drogado de cocaína, dava pulos que, se fossem aplicados numa pista atlética conveniente, lhe confeririam recordes. Um bandido perigosíssimo. Tempos depois ele cortaria a língua de um alcaguete do morro e a penduraria num poste. Naquela tarde, diante de Dorita, desvairado, sem camisa, ele inspirava o terror de sempre. Gringo tinha na mão direita uma pistola Glock e na esquerda, uma granada. Garantia que detonaria a madame se ela não contasse tudo.

Aquela chanchada de violência demorou. Houve momentos em que Dorita enfrentou verbalmente o homem e era aconselhada pelos asseclas dele, com “psius” aflitos, a se calar. No final, sem danos físicos, ela convenceu Gringo de que não havia motivo para confusão. O traficante suspeitava que o motorista dela fosse alcaguete da polícia. Não era verdade — pelo menos que ela soubesse.

Foi uma tarde inesquecível, que poderia ter ao fundo um sucesso daquela década, o funk de Fernanda Abreu, de 1992, que falava do “Rio 40 graus,/ cidade maravilha/ purgatório da beleza e do caos”. O capítulo não estava encerrado com a liberação de Dorita. Horas depois de ter sofrido a ameaça, ela viu o morro ser invadido pela polícia. Gringo, para usar a linguagem das delegacias, evadiu-se, mas um policial e um traficante morreram na operação. Gringo sobreviveria até 1995.

No Rio de Janeiro, com a violência inflacionada pelo governo permissivo de Leonel Brizola, a barra sempre podia ficar mais pesada — e o contato da paulista Dorita com o pior da estirpe carioca ainda estava para acontecer. Na sua outra loja de flores, em Ipanema, começaram a pipocar furtos, cheques falsificados, diferenças no caixa. Não foi difícil chegar ao nome da funcionária, Kátia Regina, casada com um traficante. Demitida, instalou-se o drama no cotidiano de Dorita.

Primeiro atiraram uma pedra no carro onde estava sua filha, Gabriela. Depois, o telefone da loja tocava e do outro lado uma voz ameaçava: “Hoje foi pedra, amanhã vai ser a morte.” Em 30 de novembro de 1992, Gabriela foi abordada na rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, logo depois de ter saído de casa, por dois sujeitos que a empurraram para dentro de um carro. A operação foi desastrosa. Enquanto tentavam vendar os olhos da menina, ela abriu a porta e fugiu. “Eles disseram que vão matar você e o Zózimo”, avisou em casa.

A intimidação prosseguiu. Dois dias depois, Gabriela voltou a ver um dos homens, agora numa moto. O ateliê do Vidigal foi visitado à tarde por um sujeito que se apresentava como empresário interessado em altos negócios com flores. Deixou como referência nomes de fregueses que, consultados, disseram nunca ter ouvido falar da figura.

Quando sequestraram o motorista de Dorita, rendido por dois sujeitos com revólveres e deixado com o carro numa estrada fora da cidade, Zózimo parou de trabalhar e ficou trancado dois dias em casa. O secretário de Justiça e da Polícia Civil, Nilo Batista, mandou policiais para protegê-lo. Ficou agradecido, mas era pouco. A estatística relatava cento e dezenove casos de sequestro naquele ano no estado. Zózimo achou prudente pegar um avião com Dorita, Gabriela e Marcos e, em 5 de dezembro, seguiu para Miami. Naquele dia, no *JB*, o cronista Apicius deixava a boa mesa de lado e escrevia sobre um acontecimento que na véspera havia chocado a cidade. Traficante do Morro do Borel, na Zona Norte, punira meninos da comunidade de maneira brutal. Para não gastar balas em excesso, fez com que juntassem suas mãos direitas em grupos de cinco e seis — eram vinte e um — e com apenas quatro tiros feriu todos eles.

Zózimo mandaria notas de Miami enquanto a polícia investigava a intenção dos criminosos e, principalmente, os prendia. Era preciso saber a origem dos ataques: vingança, intimidação, agressão pura e simples, extorsão? Alguma nota que atrapalhara negócios? Problemas de Dorita com o Vidigal? Já em Miami, ele deu uma entrevista ao correspondente do *JB*, Teodomiro Braga. As declarações saíram na primeira página no dia 13 dezembro e o título da matéria expandia o clamor de Zózimo: “O Brasil é um país em guerra.” Ele fazia um histórico dos dias em que vivera sob as mais diferentes ameaças dos bandidos. Editorializou os acontecimentos com veemência e compreensão do problema social: “Não é guerra de rico contra pobre, nem de branco contra preto. O cidadão de bem está de um lado e o crime está de outro. O cidadão de posses modestas se sente tão incomodado com a violência quanto o rico de bem. Pobre não é sequestrado, mas é roubado dentro do ônibus, na entrada do morro.”

Sem citar nomes, criticou iniciativas do governo populista de Brizola, desde 1991 em seu segundo mandato, como a de proibir que helicópteros sobrevoassem os morros. Fez uma defesa acalorada da boa polícia e lamentou que um policial tenha sido condenado, “por excesso de legítima defesa”, ao matar com uma arma mais poderosa um bandido que o enfrentara numa ação. “Se o policial levou a melhor e estourou o peito do bandido numa situação rara em que estava em superioridade de armamento, ele não pode ser punido. Há uma política hesitante em relação ao combate à criminalidade em nome dos direitos humanos. Não se pode proteger o criminoso em detrimento do cidadão que paga imposto. Paralelamente é preciso resolver o problema social, o nascedouro da questão.”

Estava determinado a esticar ao máximo a temporada em Miami, onde Dorita tinha apartamento. Desde o final dos anos 1980, liderado pelo *chef* José Hugo Celidônio e sua mulher, Marialice, um naco da sociedade carioca procurara abrigo na região. A imagem anterior era polêmica (“Que lugar mais cafajeste”, dizia o estilista Guilherme Guimarães. “Pra ir a Miami, eu vou aqui na praia de Ramos. Coisa de paulista, cruze!”), de uma cidade de classe média sem gosto. “Passar ao largo de Paris, onde viveu na juventude, driblar Nova York e se fixar em Miami é, convenhamos, o lado rubro-negro da personalidade do aristocrático Zózimo”, escreveu o amigo jornalista Silvio Ferraz. “Só falta a sandália Rider.”

Zózimo e sua turma — Paulo Marinho, Ricardo Amaral e outros — tinham descoberto uma outra Miami. Nada a ver com o consumismo que caracterizava as hordas brasileiras na cidade, com personagens como o que ele flagrou na coluna:

- Nada pode ser mais expressivo sobre a presença maciça de brasileiros atualmente em Miami do que a cena que teve dias atrás como cenário o Washington Boulevard.

- Manhã de sol brilhante, atravessa a rua em direção à praia um cidadão de meia-idade, ventre proeminente, bermuda na virilha e sandália de dedão. Completava o figurino uma surrada camisa do Vasco da Gama.
- 10 é a camisa dele.

As esquinas americanas de Zózimo e amigos eram outras. Vivia numa Miami especial, South Beach, região perfeita para gente como ele, cansada de ver seus paraísos invadidos. Celidônio vendera o casarão na praia dos Ossos, em Búzios, por onde Bardot, nos anos 1960, fora fotografada em meio a porcos que chafurdavam na lama. Agora o balneário estava invadido pela classe média argentina e por turistas em ônibus saídos da periferia fluminense.

Ricardo Amaral, também com apartamento em South Beach (outra delicadeza local era o quarteirão *art déco*), se achava numa esquina do mundo. Uma mistura de Itália com França e o melhor da América Latina. A presença dos Estados Unidos, com seus valores de patriotismo e consumo, ficava a milhas de distância. O cenário, paradisíaco. Agenda sem compromisso, uma delícia que permitia, ao passear por uma praia, parar num *beach club*, almoçar e *drinkar* até o fim da tarde, quando todos iam para casa, jogar cartas, ver TV. Segurança total. A polícia parou Zózimo e o conduziu, por dirigir alcoolizado, até a delegacia. Ele não guardou bronca. E disse na matéria publicada no *JB*: “Eu adoro Paris, Nova York, Londres, mas morar em uma cidade grande passou a me horrorizar. Hoje, se eu tivesse de optar entre Nova York ou Miami, ficava com a segunda. Há a barra pesada, mas esses limites estão estabelecidos, até geograficamente. Se você quiser restringir sua vida a áreas protegidas pela polícia, nada acontece. Você pode andar à noite, caminhar etc. Sou nascido no Humaitá, sempre vivi no Rio, e um bem que a gente perdeu ao longo dos

últimos anos foi o de viver sem se sentir ameaçado. Se você for à praia corre o risco de um arrastão. Se fugir para dentro d'água, corre o risco de ser contaminado pelo esgoto.”

Bons restaurantes, as melhores grifes, agências de modelos enchendo as ruas com produções de manequins estonteantes e tudo com um custo de vida abaixo das grandes cidades do mundo. Para que mais? Zózimo achava que era o Rio dos bons tempos, um projeto de cidade feliz que poderia ser deslocado para a linha de baixo do equador. Curtia os amplos espaços para passear de bicicleta e a cada pedalada embalava o sonho dos últimos anos: o mais rigoroso *dolce far niente*. Gostava de ir com os amigos ao Voile Rouge, clube de praia com restaurante, bar, *spa*. Ficavam até o fim do dia curtindo a existência dos sortudos. O café da manhã era na Ocean Drive, palanque perfeito para ver um desfile de mulheres incríveis. A boa temperatura da cidade e seus cenários quase tropicais fizeram com que as agências de modelos abrissem escritórios ali.

“Quer trocar de cabelo comigo?”, disse a mulher de jeans e camiseta à menina de cabelos cacheados, neta de Celidônio, numa *delicatésen*. No dia seguinte, o mesmo encontro da mulher e a menina de cinco anos, e a mesma pergunta. Só no terceiro encontro é que Celidônio percebeu. A loura que queria trocar o cabelo liso, invejado por todas as mulheres do mundo, com o da sua neta era — ele reconheceu pela pintinha no canto da boca — a *top model* Cindy Crawford.

De vez em quando Zózimo ia a Las Vegas jogar e beber, ou Nova York, porque era preciso ter um mínimo de conexão com a realidade. Logo voltava à sua querida Miami e aplicava o seu conceito de viver bem, dentro de sua disponibilidade financeira e sem luxos otários. Felicidade não era jantar toda noite nos restaurantes mais caros. Era possível ser feliz num Fiat — e dizia isso em entrevistas. Sentia-se protegido, sem

aporrinhações. Um dia, andando de bicicleta, perdeu-se e foi parar num lugar da cidade que, assim como havia no Rio, não era para frequentar. Um bairro controlado pela bandidagem. A diferença para o Rio foi que, antes dos ladrões, imediatamente apareceram um carro com policiais e a informação gentil: área perigosa, retire-se.

Se alguém lhe perguntasse sobre homens que admirava, citava os maduros Antonio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, Israel Klabin, Gilberto Chateaubriand e Baby Monteiro de Carvalho, porque “viajavam muito”. Detestaria ser um rico como Chiquinho Scarpa, “que aprendia pouco com a vida”. Em Miami viajava e, se não havia muito o que aprender naquela eterna espreguiçadeira de frente para o mar, relaxava. Vivia outra personalidade. Como se quisesse pontuar isso, um dia apareceu com um *piercing* de brilhante cravado no nariz.

Na primeira metade dos anos 1990, o passaporte de Zózimo apresentava dez carimbos de entrada em Miami contra três em Paris. Não levava terno na bagagem, mas bermudas e camisetas. Seu plano para o futuro era ficar de lá mandando textos, crônicas, notas, o que lhe pedissem do jornal, talvez uma coluna semelhante à que Elio Gaspari e Paulo Francis já faziam. Qualquer coisa, mas sem a obrigação insuportável, confessada a todos os amigos, de precisar ir à redação e permanecer lá trancado o dia inteiro, aturar a insipidez das fontes, os telefonemas de Theophilo de Azeredo Santos querendo passar informações sobre si mesmo. Era seu ritual havia quase trinta anos. Estava de bom tamanho. Com a multidão de brasileiros na cidade, teria notícia, mas sem estresse para apurar, sem precisar chamar o diagramador para paginar, sem se responsabilizar pelas mancadas de Fred Suter ou se abaixar quando Marly atirasse mau humor em todas as direções.

O resultado, naquela primeira prática de colunismo internacional, foi bom. O fato de ser fim de ano poderia ter atrapalhado a garimpagem de notícias, todavia Zózimo tinha nos Estados Unidos uma fonte extraordinária. Quem estava em Nova York, como correspondente da *Veja*, era Elio Gaspari, ou melhor, “Happy Happy”. Eram amigos desde 1964, quando se encontraram no Réveillon do Clube Silvestre, em Santa Teresa, no Rio. Um ano antes, no mesmo evento, saíra um tiroteio dos diabos pelo motivo de sempre: alguém tinha dado em cima da mulher de outro alguém e o ofendido espantara o gavião a bala. Naquele Réveillon, quando Gaspari e Zózimo se conheceram o clima estava mais calmo, se é que um adjetivo desses pode estar na mesma frase em que se anuncia a festa de fim de ano promovida pelo humorista Jaguar, um dos futuros editores do humorístico *O Pasquim*. O clube ficava no meio da floresta — e era na direção dela que os casais partiam no momento em que se rompia o ano.

Zózimo e Gaspari, já dentro dos parâmetros do alto teor etílico inerente à qualquer festa de Réveillon, se desejariam a noite inteira dezenas de “*Happy new year*”. Para o resto dos tempos, para espanto dos que não entendiam a origem daquilo, só se tratariam de “Happy Happy”. Construíram sólida amizade. Gaspari era fonte de Zózimo. Criado no escritório de Ibrahim Sued, juntou imenso talento para a percepção do que fosse de interesse do leitor com um arquivo de dados que ia recolhendo sobre os mais diversos assuntos (“leia sempre, mesmo que só passeando os olhos pelas páginas, revistas que não sejam exatamente as de seu interesse imediato”, recomendava aos iniciantes). Botava tudo isso num texto único que, para tratar da exoneração do general Sylvio Frota por Geisel, poderia ter o último desfile da Mangueira na linha de abertura.

Gaspari em Nova York foi fundamental para a boa temporada de Zózimo no exílio. A coluna de 25 de dezembro de 1992, por exemplo, estava repleta de notícias e boas articulações, e dava pena gastar material tão suculento num dia de pouca leitura de jornal. A nota “Vozerio” surgiu de uma dessas conversas da dupla de criação.

- Fala-se hoje no Bloomingdale’s de Nova York muito mais português do que inglês.
- E sobretudo muito alto.

Três dias antes, em 22 de dezembro, outra nota vinha com o DNA evidente de Gaspari. Falava do irmão do presidente Bill Clinton, dizendo que o sujeito era cantor e estava prestes a gravar o primeiro disco. Gaspari e Zózimo juntaram o *Clinton’s brother* com o grande escândalo brasileiro:

- No Brasil, os presidentes também têm irmãos.
- Com a diferença de que não cantam.
- Falam.

E o leitor dava um sorriso, o grande ideal do colunista ao lhe preparar o café da manhã, pois Fernando Collor estava caindo depois de denunciado pelo irmão, Pedro. Gaspari encontrara em Nova York uma fonte preciosa sobre o “pegapracapá” daquela família. Um sujeito que no Brasil era um poço de silêncio e, no exterior, abria o bico com facilidade. A coluna passou a dar, em pílulas, bastidores deliciosos e exclusivos do caso que, no resto do jornal, ocupava dúzias de páginas. Uma das notas, escrita por Elio “Happy Happy” Gaspari, dizia:

- O novo advogado de defesa escolhido pelo presidente afastado Fernando Collor, José de Moura Rocha, pode ser

um nome novo em Brasília, mas é velho conhecido da Justiça em Alagoas.

- Na década de 70, foi acusado de homicídio do secretário de Segurança do estado, julgado e absolvido. Só que logo após o julgamento a polícia prendeu o executante do crime, o pistoleiro My Friend, que confessou ter agido a mando precisamente do advogado absolvido.
- My Friend ganhou um estagiário dativo, o então estudante de direito PC Farias. O qual perdeu a causa e, amargurado com a derrota e desiludido profissionalmente, largou o bacharelado e enveredou pela pilantragem.

Muitas notas eram apenas sobre o roteiro social de Miami, de pouca repercussão jornalística, mas ajudavam Fred e Anna Maria Ramalho, a nova contratada no Rio, a fechar a coluna. Informações como “Luma de Oliveira e Eike Batista comprando casa numa praia de Miami” ou “José Hugo Celidônio e Marialice recebendo para festa em seu condomínio” saíam em geral na seção *Roda-Viva*.

Das andanças, sempre surgia alguma curiosidade.

- Um encontro curioso no restaurante Monty’s, de Miami, em frente ao consulado brasileiro, em Bay Shore Drive: o casal Renato Aragão.
- Didi foi obrigado tempos atrás a refugiar-se em Miami, vítima de ameaça de sequestro, um *must* no cotidiano carioca.

Zózimo falava também dos amigos na cidade, como Sebastião Lacerda. Estavam batendo perna em Coconut Grove (“um lugar horroroso, como tantos outros da cidade”, segundo o editor, também reticente quanto ao charme de Miami), quando Lacerda puxou Zózimo e a turma para dentro de uma

loja. Era um sebo. No outro dia, estava na coluna, num relato que também escondia a primeira pessoa:

- De um leitor desta coluna, de férias em Miami, ao saber que o editor Sebastião Lacerda tinha, em companhia de um amigo, consumido a tarde inteira num sebo de Coconut Grove farejando obras raras para sua biblioteca:
— Só mesmo o Sebastião para conseguir levar um brasileiro a entrar numa livraria em Miami.

Foram cinquenta dias de passeio, brincadeiras (adorava entrar numa loja em que a grande atração era um carro que balançava de acordo com a música que estivesse tocando no rádio do painel!). Muita bicicleta e algum trabalho. Miami confirmava, aos olhos de Zózimo, o lar doce lar de sua ansiada aposentadoria, o futuro já decidido de, depois de tantos anos fazendo o que Millôr chamava de “livre pensar”, tratar das delícias do “livre flamar”. Mas era coisa para adiante. No início de fevereiro de 1993, a família aterrissava de volta no Galeão. As crianças precisavam tocar a vida escolar e o *JB* pressionava, discreto, para Zózimo comandar *in loco* a coluna. Dorita logo fecharia as lojas de flores desidratadas. As plantas chinesas de seda entravam no mercado com preços impossíveis de serem alcançados.

Aos jornalistas, Zózimo explicou as razões da volta: “A intensificação das operações policiais no Rio desarticulou muitas quadrilhas e me deu esperanças para retornar ao Brasil.” A polícia, de concreto, não tinha descoberto nada sobre as perseguições, mas a vida real forçava a apostar numa melhora. Todo dia buscava um trajeto diferente para chegar ao jornal. Também acoplou ao telefone um aparelho que controlava as ligações para casa, uma iniciativa do delegado

Hélio Vígio, para depois comparar com um acervo de vozes de sequestradores.

Era fevereiro no Rio, e em fevereiro tem Carnaval. Na coluna ele era ainda mais divertido. Onde mais uma nota com os confetes salientes da festa de 1993? Como nesta, intitulada “Fominha”:

- O ator Robert De Niro mandou um carro buscar a jogadora de basquete Marta, no Rio Othon, para encontrá-lo no Copacabana Palace.
- Consta que ficaram só no *breakfast*.
- Os finalmentes teriam ficado para outra oportunidade.

Enfim, o colunista da cidade retornava a seu posto de observação. Queria chegar aos poucos, ressabiado com a possibilidade de algum sequestro e com as imagens de Miami ainda na retina. Logo teve roubada a bicicleta quando estava sendo usada pelo filho de Dorita. “Por onde andar­á a Guarda Municipal criada pelo ex-prefeito Marcello Alencar e destacada para o policiamento da orla da lagoa?”, escreveu, após a violência, na coluna do dia 18 de abril de 1993.

- Os assaltantes agem montados na garupa de motocicletas, escolhem como vítima de preferência meninos, tiram-lhes a bicicleta sob a mira de revólveres e saem pedalando satisfeitos da vida. Pede-se a volta da Guarda Municipal porque não dá para contar com a PM.
- Lidar com PM é um perigo. Estão hoje em sua grande maioria muito mais do lado de lá do que de cá.

Dois meses depois de voltar do paraíso americano, Zózimo estava de novo às turras com a cidade (“Não dá mais para viver aqui”, repetiu aos repórteres). Em 11 de fevereiro, publicou

nota enigmática, típica de quem sinalizava para si mesmo a necessidade de ir devagar com o andar. Eram duas linhas, sua marca registrada de brilho econômico no trato da língua:

- Pinçado da obra de Samuel Beckett:
— O único esporte que eu tenho praticado é seguir enterro a pé.

O Painel do Ego era um quadro de cortiça, com um metro e meio de altura e outros três de comprimento, que decorava uma das paredes da sala em que Zózimo escrevia a coluna. O nome tinha sido dado por Fred Suter, um tanto para sacanear e outro tanto para usar o humor típico da dupla. Servia na medida para definir o punhado de fotos que, dia a dia, Zózimo ia pregando ali com alfinetes coloridos. Os dois colunistas escreviam seus textos voltados para a parede do Ego, que pairava acima de suas cabeças. No final dos anos 1980 já havia umas setenta fotos, todas assinadas por fotógrafos que circulavam pelos endereços noturnos do Rio e todas com Zózimo no foco da lente. Eram festas em boates e restaurantes e bailes de Carnaval. Os fotógrafos, para dar uma puxada de saco no colunista, sempre que o encontravam nesses salões faziam um clique dele com quem estivesse ao lado — e geralmente eram mulheres, artistas, *socialites*, todas rindo muito, conversando ou beijando o colunista que, no dia seguinte, as colocaria, se Deus fosse justo, no seu espaço do *Caderno B*.

Estavam lá Maitê Proença abraçando Zózimo, vestido de terno e gravata, dando o mesmo sorriso discreto dos outros flagrantos. Em duas fotos ele veste *summer*, em outras deixa evidente a gola alta que tanto apreciava nos anos 1980, escondendo o pescoço, e em outra ainda, um baile de Carnaval, aparece com os botões da camisa desabotoados, deixando ver o peito cabeludo e abraçando, suado, Maria Raquel de Carvalho e Kiki Garavaglia. Fred também poderia ter apelidado o mural de Painel das Borbulhas, pois não só Zózimo segura uma flute de champanhe na maioria dos registros, como a foto maior,

trinta por quarenta centímetros, é a de uma Taittinger. A garrafa, em close, é a única que não sorri em meio ao beijo do colunista em Josefina Jordan, de rosto colado com a professora de ginástica Ligia Azevedo, e, como o diabo gosta, com a mão direita levantando um copo e a esquerda envolvendo a cintura nua de Monique Evans, de biquíni de plumas, num Baile do Vermelho e Preto. No meio disso tudo, de tempos em tempos eram colocadas placas de texto. Uma delas ficou na memória de Paulo Jabur, ex-presos político que se tornara fotógrafo da noite. Dizia: “*There are two classes. First class and no class.*” A placa que se eternizou ali, no entanto, gritava o espírito da coluna: “Enquanto houver *champagne*, há esperança.”

A autoria da frase nunca foi confirmada. Renato Machado, suspeito inicial, abre mão da honraria e diz que não a cunhou. Pode ter sido dita por Zózimo em meio a um desabafo sobre as agruras da rotina de colunista, mas é quase certo que não tenha sido ele quem a transcreveu para o painel. Naquele período já não escrevia *champagne* com um “g” pedante entre as borbulhas. A ausência de paralelismo verbal — o ideal seria “enquanto houver champanhe haverá esperança” — não tem maior importância, um típico bom exemplo para os versos de Oswald de Andrade, que, no *Manifesto Pau-Brasil*, aplaudia a contribuição dos erros gramaticais e a vitória do coloquialismo para destravar a língua da carece acadêmica. Com o verbo “haver” no presente, Zózimo parece poeticamente sinalizar que já há esperança porque já há champanhe — e assim tudo continuará.

Era, enfim, um painel de alegria espetacular, um grande brinde à vida com Zózimo ao lado de damas como Carmen Mayrink Veiga, a condessa Pereira Carneiro, Evinha Monteiro de Carvalho e, também, sem preconceito, como lhe era de feitio, com Narcisa Tamborindeguy, Sônia Braga e Florinda

Bolkan. De homens, apenas Roberto D'Ávila, o filho Fernando, Henrique Schiller de Mayrinck, Ibrahim Sued e Julio Iglesias, estes dois últimos na mesma foto com Zózimo, com o cantor apoiando as mãos em seu ombro sob o olhar do velho colunista. O painel brilhava como se fosse um neon piscando euforia diretamente da cortiça, um grande letreiro anunciando que se estava na sala da coluna mais glamorosa do país, capaz, ainda, de notas saborosas como “Euclidiana”:

- Pelo que se cheirou de cocaína na guerra entre os traficantes do Morro Dona Marta e deles com a polícia, o episódio está sendo conhecido como a nova Guerra dos Canudos.
- Literalmente.

Ou:

- De um colunista, entregue ontem ao estafante garimpo diário, depois de disparar uma dúzia de telefonemas inúteis: — Este governo (Itamar Franco) é muito sem graça. O outro (Collor) roubava, mas era muito mais animado.

Pelo menos uma vez a cada edição, o leitor dava naquele início de 1993 um riso ou uma gargalhada com o espírito fino da verve de Zózimo. Em 25 de fevereiro de 1993:

- Um leitor desta coluna convidou cinco amigos para almoçar no Esplanada Grill.
- Quebrou o policarpo, o lídio e o perônio, sendo que este em dois lugares.
- No cheque especial e no cartão de crédito.

Em 6 de maio:

- Horário nobre é horário nobre.
- Não dá para ministro de Estado pedir a palavra e soltar um “é mister...”.
- É mister é o escambau.

Só que o ambiente onde essas gemas eram produzidas, a vida real em que elas se processavam, o aquário da redação, já não era esse champanhe todo. Fred Suter e Marly Gonçalves, com vinte anos de compartilhamento do mesmo espaço, estavam próximos de se matarem. “Vê se te enxerga, lavadeira”, mandou Fred uma vez para cima de Marly, que, imediatamente, pegou uma gaveta e virou tudo o que tinha dentro dela em cima do difamador. Zózimo ainda catou algumas folhas de papel que iam caindo e perguntou “o que está acontecendo?”. “Chega de aguentar desaforo”, disse Marly, batendo a porta e indo embora — para no dia seguinte voltar.

Marly foi várias vezes à chefia da redação reclamar de maus-tratos verbais, dizendo que Fred era arrogante, achava-se um aristocrata de nariz em pé. Marcos Sá Corrêa, provocado a decidir um conflito entre Marly e Fred, duas unanimidades do mau humor, ouvia as partes e... deixava para lá. Marly fez psicanálise para, entre outros problemas, suportar Fred. Numa tentativa de aproximação, organizou festa de aniversário para ele, com bolo e champanhe francês. O homenageado não foi. No outro dia, chorando, Fred desculpou-se. Disse que quando era criança os pais organizaram uma festança e não foi ninguém. Seria uma grande comédia patética, não houvesse outros dramas soltos.

Marly fazia um cordão de isolamento em torno de Zózimo, para evitar que os assessores de imprensa se aproximassem, e esse poder foi lhe subindo à cabeça. “Não vou nem anotar”, dizia às fontes antes de bater o telefone. “A nota é ruim

demais.” Havia sempre alguém exigindo que ele demitisse Marly, que, como defesa, vinha com o bordão dramático de “para mim é isso mesmo, ninguém é mais importante que o Zózimo”. O chefe também a tinha em tal nível de consideração. Repassava cortesias da Varig para a secretária ficar uma semana no Hotel Tropical, em Manaus, e do Club Méditerranée, de Rio das Pedras, onde ela se hospedou outros dez dias, com mãe e sobrinho. Marly crescia na fita. Guardava na gaveta cheques em branco assinados por Zózimo para a eventualidade de pagar contas vencidas nas ausências dele. Quando voltava, ele perguntava: “Quanto eu tenho no banco?”

Marly estava podendo. Quando lhe passaram a nota de que a *socialite* Claudine de Castro estaria de namorico com o senador americano Ted Kennedy, ela achou que a informação poderia ser ruim para a moça e, da mesma maneira que evitava a chegada dos *releases* insossos à mesa do chefe, evitou que chegasse a ele e depois aos leitores aquele delicioso quem-come-quem, um dos pilares de qualquer coluna, observado em centenas de notas como “Novo par, senão na noite do Rio pelo menos ao sol de Angra: Irene von Dellinghausen e César Thedim. É o chamado *coup de foudre*”. “Ô, Marly, que falta de lealdade é essa?”, reclamou Zózimo, quando lhe disseram que a secretária sabia do babado entre Claudine e Ted Kennedy e por escrúpulos o bloqueou.

Discutia-se a relação o dia inteiro. Marly, quando via o chefe tristonho, e ultimamente achava que ele estava assim o tempo todo, chegava perto e se oferecia como confessor. Dizia que ele escondia algumas urgências a serem resolvidas e ele respondia que não eram algumas, mas muitas. A psicanálise andava sendo barateada por ali. Um dia, no meio de uma brigalhada provocada pelo estresse e por uma nota errada — a famosa “barriga” — dada por Marly, Zózimo teve que ouvir o

desabafo filosófico da secretária: “Isso! Grita, põe pra fora os seus demônios, criatura!”

A sensação de estar sozinho, na intimidade dos seus demônios, crescia no peito de Zózimo. Nunca chegou a ser amigo de verdade de Fred, a prolongar a convivência em encontros no fim de semana. Não se frequentavam as casas. Se estavam no restaurante Antonino, um ponto comum de frequência, estavam em mesas separadas. Amigos diferentes, festas diferentes. Fred nunca participou de um “resgate” do chefe. Nesses sumiços, Marly telefonava para Paulo Marinho ou Marcos Sá Corrêa. Fred daria de ombros para o drama pessoal de Zózimo e se queixaria de que mais uma vez sobraria para ele botar a coluna de pé. Conviviam profissionalmente, com respeito e admiração, todavia sem os arroubos de intimidade dos amigos fraternos. Zózimo, elegante, elogiava nas entrevistas o braço-direito. “O Fred é meu *alter ego*. Se não fosse quem sou, eu gostaria de ser o Fred Suter. A gente não é exatamente igual, mas é muito parecido. É um convívio harmonioso e rosado que temos há anos. É difícil você encontrar hoje um jornalista com o *background* do Fred”, disse ao repórter Michael Koellreutter, da revista *Interview*.

Salamaleques à parte, estava cada vez mais dura a experiência de engolir sapos com o *alter ego*. Enquanto Zózimo, por mais complicada que a vida lhe estivesse, continuava disposto a abraçar as pessoas com sua conversa afável, Fred se trancava. Na redação, chamavam-no de antipático, e ele gostava de responder que ia abrir o currículo com a expressão. Lealdade deixara de ser virtude em seu perfil. Escondia fontes de Zózimo, que, cansado das “barrigas”, insistia em saber a origem das informações antes de publicá-las. Graças a Fred a Coca-Cola comprou o supermercado Sendas, notícia baseada numa especulação de mercado (a Sendas devia pagamentos à Coca-Cola, e circulava que a

companhia de refrigerante ia assumi-la). Nascimento Brito entrava em pânico quando Fred ficava sozinho na coluna. Foi ele quem publicou a nota de que Roseana Sarney, filha do então presidente, estava se divorciando de Jorge Murad — o que ainda não era verdade, o casal estava naquele vai e volta de fim de relação. A notícia apareceu na véspera do encontro de Brito com Sarney, o pai, para renegociar a liberação de um canal de TV para o *JB*, operação que ficou mais difícil depois da nota.

A depressão estava solta naquele retângulo de cerca de dez metros de comprimento por cinco de largo. Ninguém se aguentava. Marly começou a guardar qualquer anotação de Zózimo, qualquer lauda amassada — ela entendia bem a sua caligrafia. De um papelote anotado ao telefone e displicentemente deixado de lado poderia sair uma nota salvadora, caso o chefe não estivesse presente. Os três pareciam vítimas de um longo casamento clássico, com a relação esgarçada pela rotina e sem pelo menos o usufruto de algum sexo eventual. Fred era um pote até aqui de mágoa, rancor e todos os problemas decorrentes dessas doenças. Em 1989, a revista *Domingo*, do *JB*, comemorou os vinte anos da coluna com a foto de Zózimo na capa e cinco páginas internas. Fred disse depois que algumas das notas citadas pertenciam a seu DNA. Por várias vezes, no entanto, Zózimo creditou o assistente, como no caso de uma nota sobre o ministro do Trabalho Rogério Magri. O sujeito tinha dito que não sairia numa reforma de ministério de Collor porque era “imexível”. Numa entrevista, Zózimo revelou que foi de Fred a nota seguinte à demissão de Magri. O ex-ministro estaria de olho na Academia Brasileira de Letras: “Quer tornar-se imorrível.”

A decadência assombrava a todos por todos os lados. Os problemas de saúde e os embates profissionais entre Zózimo e Fred acompanhavam a trajetória da empresa, soterrada em

dívidas. “Isso está parecendo a mansão dos Buddenbrooks”, dizia Zózimo, referindo-se aos nobres e falidos personagens do romance do escritor alemão Thomas Mann. No “pescoção”, o uso do uísque trazido pelo muambeiro My Friend aumentava a tensão, desconectava os colunistas do fechamento e enchia a sala de gente gargalhando e atrapalhando outro tanto. Fred começou também a multiplicar as doses de bebida.

Por duas vezes nos anos 1980 Fred teve a oportunidade de realizar o sonho de ser Zózimo. Primeiro quando foi para a *Última Hora*, num dos últimos suspiros da publicação, que fecharia as portas em 1991. Trabalhou durante o mês de dezembro de 1984. Em janeiro de 1985 estava de volta aos braços do antigo colega no *JB*, uma recontração que desgastou Zózimo porque ia contra todas as praxes do Departamento de Pessoal admitir um funcionário que abandonara a empresa no mês anterior. Depois, foi a vez do *Globo*. Fred foi contratado em janeiro de 1987 para ser o titular da *Coluna de Carlos Swann*, com direito a assinar e ter o desenho do rosto no alto da página, algo que a diagramação do *JB* não permitia a Zózimo. A experiência durou pouco mais de dois anos, e Fred, de novo, pediu as contas para voltar ao *JB*. O diretor de redação do *Globo*, Evandro Carlos de Andrade, foi veemente na hora em que ele foi embora: “Você nunca mais trabalha aqui.”

Em 1984, Evandro começara a seduzir as estrelas do *Jornal do Brasil* com a contratação do chargista Chico Caruso. Sua administração, iniciada na década anterior, dera uma dimensão de equilíbrio editorial espetacular ao jornal, que estava mais moderno. Tudo certo, mas o charme e o encanto continuavam com o concorrente. Os leitores gostavam do produto *O Globo*, as pesquisas acusavam, no entanto sentiam falta das assinaturas do *JB*, gente como Chico Caruso, Míriam Leitão, Zuenir Ventura, Mauro Rasi, Carlos Castello Branco,

Luis Fernando Verissimo, Millôr Fernandes, Artur Xexéo, Zózimo...

O jornal de Roberto Marinho estava com uma tiragem média de 260 mil exemplares por semana e 550 mil aos domingos, contra 150 mil e 200 mil do *Jornal do Brasil*. Os analistas avaliavam que o passe de Zózimo valeria mais pelo dano que causaria à imagem do *JB* do que pelo ganho que daria ao *Globo*. Uma pesquisa do instituto Vox Populi, feita em 1991 fora do Rio e publicada na revista *Imprensa*, indicava que Ibrahim Sued continuava imbatível como o colunista social mais lembrado pelos entrevistados. Depois dele vinha Amaury Jr., dono do programa *Flash*, na Rede Bandeirantes. Zózimo corria em terceiro lugar, com pequena vantagem sobre *Swann*.

Aquela pesquisa, se feita na classe AA, daria Zózimo na cabeça, e era aonde *O Globo* queria chegar. Na elite carioca, nos formadores de opinião. A percepção geral era de que se um carro capotasse na Lagoa, os dois jornais dariam a mesma informação — mas algum colunista do *JB* comentaria com um detalhe que as matérias comuns, aborrecidamente informativas, não tinham, e esse diferencial ficaria à frente de toda a papelada gasta por Marinho. A ideia de Alberto Dines nos anos 1960, de personalizar a edição do *JB*, continuava forte e finalmente *O Globo* se dobrava a ela.

Evandro pôs-se em campo então, com paciência, na difícil tarefa de convencer Zózimo e aqueles profissionais agregadores de prestígio a trocarem de camisa. Queria adquirir a credibilidade do *JB*. Eles não só teriam salários maiores, como também condições de trabalho idênticas, inclusive liberdade de expressão. Nesse ponto, os jornalistas desconfiavam e — bem, deixe-me pensar mais um pouco — preferiam continuar no *Jornal do Brasil*. Chico Caruso foi o primeiro a dizer “sim” e, ao transferir-se para a primeira página do *Globo*, acenou aos antigos companheiros com

desenhos repletos da mesma crítica política que apresentava na antiga casa. Em 1991, foi a vez de Míriam Leitão trocar de jornal, após uma negociação difícil comandada pelo editor Luis Erlanger. O salário oferecido era bom, ok, mas Erlanger teve de jurar muitas vezes que jamais seria feita qualquer censura a qualquer comentário da colunista em seu espaço. Desconfiava-se das intenções da direção, de seu passado ligado aos militares e ao conservadorismo.

Nem todos percebiam que o jornal modernizara-se. Evandro e Henrique Caban, seu braço-direito, convenceram Roberto Marinho a, entre outros avanços, tirar o editorial quase diário da primeira página, tradição dos tempos do *Diário Carioca*, colocando-o na capa apenas quando tivesse importância para tal. O jornal queria arejar, ficar plural, mais democrático, transformar-se com a conquista dos escalpos mais sublimes do inimigo e, evidentemente, melhorar vendagem e publicidade. Conquistar as crias do *JB* não era tarefa fácil, por mais que o barco lá estivesse afundando — bastava ver o exemplo de Fred Suter. Tinha pedido mais uma vez para voltar ao conforto de ser o segundo no *JB*, algo que julgava mais interessante do que comandar sozinho no *Globo* a operação de catar notas, colocá-las de pé, depois catar mais notas, colocá-las de pé...

Na entrevista a Suzana Braga para a *Última Hora* no fim de 1989, Zózimo mostrava que vacilava a sua disposição para enfrentar a década que se anunciava. Reclamou do esforço: “Aos quarenta e oito anos, não se tem mais o vigor nem a paciência dos vinte ou trinta anos. A coluna exige muito, não só em termos de elaboração, mas também de solicitações paralelas, atividades sociais, estreias, jantares. É fatigante.” Parecia desconfortável com o assunto que por tantos anos só lhe era animação e piadas. A editora Record sondou-o com uma proposta de reunir em livro suas melhores notas, não as que tivessem sido mais retumbantes em termos de informação,

e sim que contivessem uma graça literária que resistisse aos tempos (por exemplo, “Desponta na burocracia federal um novo cargo. É o *asponin* — o *aspone* interino”, publicada em 28 de fevereiro de 1993). Zózimo ficou de pensar. Já estava pensando em tantas outras opções, por que não? Queria mudar de vida, e todos pareciam perceber isso.

O repórter Ricardo Medina, da revista *Excelência*, editada em Brasília, fez a pergunta que não queria calar: “Você tem data marcada para parar de trabalhar?” Zózimo foi sincero: “Eu não penso em outra coisa. Eu gosto do que faço, mas tenho amigos que não trabalham e têm uma vida boa demais. Se eu pudesse parar de trabalhar amanhã eu pararia. Estou com trinta anos de jornal. Acho que já está de bom tamanho.” Porém — ah, porém! — lá estava a vida para levar cobrando as dívidas todo fim de mês. Se ele herdara o bom humor e a disposição de Boy para tocar o dia a dia, o bom trato com as finanças não lhe fora passado. A herança de 1 milhão de dólares foi sumindo, primeiro aplicada na compra do apartamento de Paris, depois nas viagens e nas necessidades de manter um status razoável de prazeres e concomitantes felicidades. O apartamento do Rio era de Dorita, o de Miami, também. De vez em quando fazia frilas para publicações diversas, como a *Status*, a *Vogue*, porém os valores que recebia serviam apenas para pagar o supermercado da sobrevivência.

Enfim, se ainda não dava para parar, estava na hora de inventar outra coisa, mesmo que fosse uma variação sobre o mesmo tema — e foi aí, depois de voltar do exílio em Miami, que Evandro Carlos de Andrade o procurou para mais uma conversa sobre mudar de endereço profissional. Que tal sair da longínqua avenida Brasil e voltar para a rua Irineu Marinho? O *Estado de S. Paulo* soube e radicalizou: aceitava que ele fizesse a coluna diretamente de Miami. A Editora Abril e a Rede Globo havia tempos faziam a mesma coisa — colocavam envelopes

com propostas polpudas em cima da mesa. Nunca se mostrara curioso de saber quanto havia dentro. Agora estava.

Uma das tiradas que mais gostava de repetir era uma variação da que publicara sobre Tom Jobim, seu amigo de encontros na Cobal do Leblon, na edição de 2 de julho de 1984. O compositor de “Águas de março”, desconsolado, comentava a internação de um amigo, também chegado a um copo, numa casa de saúde. Tom achava aquilo humilhante: “A gente passa a vida inteira construindo uma reputação para ver tudo se perder num mês.” Zózimo reescreveu a frase e a aplicou à sua situação: “Passei trinta anos construindo uma reputação, chegou a hora de colocá-la à venda.”

Chegara a hora de Zózimo, dono no jornalismo de uma reputação do tamanho da de Tom na música, fazer o mesmo. Se o compositor havia inventado um gênero, copiado por todo mundo, o colunismo nos jornais brasileiros também se multiplicara em centenas de imitadores do jornalista. Era hora de saber quanto valia um patrimônio daqueles. *O Globo* pôs na mesa uma proposta de 15 mil dólares mensais, quase o dobro dos 8 mil dólares que ganhava no *JB*. O amigo Paulo Marinho ajudou a negociar com a cúpula do jornalismo. “Paulo, como é esse negócio das crises do Zózimo?”, perguntou Evandro Carlos de Andrade. A resposta foi dolorosamente sincera. “Olha, Evandro, você está comprando o pacote completo. Está comprando o Zózimo com o prestígio que isso vai te trazer, com uma sofisticação profissional ainda intacta, mas está comprando o Zózimo em uma fase em que ele tem esses problemas de administração. Vai ter uma recaída em algum momento e não vai aparecer por alguns dias. O alcoolismo e a depressão estão graves, mas ele está se tratando. Vai precisar de um aconchego, como no *JB*. Montando uma boa equipe, não vai ter problema.” O diretor de redação rebateu com o mesmo nível de sinceridade: “Ok, vamos ajudar com tudo que

estiver ao nosso alcance. Queremos a grife ao nosso lado, e ela ainda vale prestígio e qualidade jornalística.”

O Globo estava feliz. Se fosse um guerreiro *sioux*, era como ter conseguido o escalpo do inimigo abatido. Trazer o seu antigo colunista de volta, agora com o passe tremendamente valorizado, não tinha preço. Para Zózimo havia uma questão em aberto. Como chegar na frente de Nascimento Brito e, olho no olho, depois de terem passado tantos anos juntos, rindo do mundo e principalmente do adversário, dizer a frase inimaginável? “Doutor Brito, estou indo para *O Globo* trabalhar com o doutor Roberto.” As desavenças entre Maneco e Marinho eram públicas, cheias de frases preconceituosas por parte de Brito, e faziam a delícia dos cafés nas redações. Antes de ser a guerra de duas empresas pela liderança do mercado, os *tycoons* brigavam entre si. Não era editorial — era pessoal.

“Como é que nós vamos pegar ‘ele’ amanhã?”, era como Brito chegava para o redator-chefe Paulo Henrique Amorim, por volta das dezenove horas, no início da década de 1980, e perguntava sobre a edição do dia seguinte. Queria saber qual a grande notícia, porém não qualquer uma — aquela que “ele”, Marinho, não teria nem se colocasse todos os seus repórteres em campo. O verbo soava como na canção “Carcará”, de João do Vale e José Cândido, aquela do “pega, mata e come”. Como dizer a Brito que dessa vez quem estava no papel de “Carcará” era Roberto Marinho? Depois de Chico Caruso e Míriam Leitão, *O Globo* levaria Luis Fernando Verissimo em 1999, quando já tinha conquistado do *JB* o pote de ouro que germinara o jornal — o anúncio classificado. Através de uma política agressiva, a empresa arrancara não só as empregadas domésticas, mas também os demais empregos do mercado, e mais a venda de carros e a compra, venda e aluguel de imóveis. Só faltava a última letra do alfabeto.

Como acenar em despedida para dona Leda, a mulher de Brito? Ela o estimava quase como a um filho, servia-lhe de confidente, ouvinte generosa de tantas idas e vindas amorosas. Costumava declarar nas reuniões em família que Zózimo era o último cavalheiro, aquele derradeiro solitário, capaz de saber o momento certo de beijar a mão de uma mulher. Do ponto de vista editorial, a influência do *Globo* crescia e as desconfianças em relação à sua linha política diminuía com a sucessiva publicação de matérias independentes. Aos poucos, os jornalistas percebiam que o jornal queria acompanhar o movimento de liberdades democráticas estabelecido após a ditadura e estava com as portas abertas para os bons profissionais. Sem preconceito ideológico.

Na TV, uma campanha publicitária do *Globo* começava com a imagem de um exemplar sendo desfolhado página a página até se revelar o seu leitor — uma grande personalidade da cidade, como a atriz Fernanda Montenegro ou o cirurgião Ivo Pitanguy, tidos, a princípio, como da elite de leitores do *JB*. Os leitores anônimos percebiam as mudanças de conteúdo, reforçadas por uma reforma gráfica que tornou o visual mais organizado e bonito. As pesquisas de opinião confirmavam que eles estavam gostando — ficaria melhor ainda se contasse com colunistas de renome.

Zózimo, notório por sua dificuldade em decidir qualquer coisa que fosse — exceto na hora de escolher entre uma boa nota e outra que merecesse ir para a “cesta” —, agora precisava dizer “não” ao patrão com quem estabelecera uma relação diferente daquelas de um empregado qualquer. Se Brito mostrava arrogância com o restante da humanidade, olhando a todos de cima, de mais alto ainda que seus um metro e oitenta e nove, com ele a relação era de cumplicidade. Dois esnobes. Bem-nascidos, mas não ricos. Brito era filho de um engenheiro de classe média e ascendera socialmente ao se casar com a

filha dos donos da empresa. Como desfazer uma parceria dessas? As histórias de vinte e quatro anos de amizade percorriam a cabeça de Zózimo.

Em 1978, Nascimento Brito sofrera um acidente vascular cerebral que o obrigara a cumprir nove meses de tratamento nos Estados Unidos. Jamais recuperaria todos os movimentos. Quando voltou, apenas duas pessoas que não eram da família o esperavam no casarão de Santa Teresa — o colecionador Gilberto Chateaubriand e seu *cousin*, Zózimo. Um dos familiares notou que a intimidade com a casa era tanta, tantas vezes esteve lá conversando com Brito — e os dois às gargalhadas sacaneando a sociedade —, que Zózimo, jeans e camisa azul, colocava os pés, forrados por um mocassim finíssimo, em cima da mesinha pela qual dona Leda alardeava o maior ciúme.

Como dizer a Brito valeu, obrigado, mas estava indo ajudar Roberto Marinho a competir com o próprio Brito e, de quebra, renovar a imprensa nacional nos anos 1990? A palavra maldita, de guarânicas de Lupicínio Rodrigues e tangos de Adelino Moreira, não lhe saía da cabeça: “traição”. Se fosse para o *Estadão*, ou a *Veja*, tiraria de letra. Mas para *O Globo*?! Poucos anos atrás, estavam em Paris e o doutor Brito, devido aos transtornos do AVC, caiu no chão quando saíam de um restaurante. O patrão mostrou-se resignado com a nova realidade, uma metáfora impossível de não se associar à trajetória do jornal. “Não se preocupe”, disse Brito, levantando-se, agora despido da arrogância de outrora, “já me acostumei. Tenho caído muito.”

Zózimo contou aos amigos como ficou comovido com aquela cena, com as voltas que a vida dava, e eis que agora, mais por timidez do que por covardia, não sabia como ir até o gabinete do amigo de momentos íntimos como aquele do chão de Paris e, agradecido por tudo, dizer dos novos planos. Perdera a arte

de demitir-se. Ansiava por uma saída grandiosa, como a de 1969, quando disse a Roberto Marinho que ficasse com a grife de Carlos Swann pois ele ia inventar outra, a própria. Uma nova *boutade* daquelas não vinha e o tempo foi passando. Durante vinte dias, permaneceu sozinho com o segredo de sua ida para *O Globo*. Depois de ter sido desculpado de tantas ausências, numa tolerância não prevista em nenhum contrato do Ministério do Trabalho, ele estava fora do jornal. Havia apenas três meses chegara do exílio em Miami, em fevereiro de 1993. E o *JB*, mais uma vez, mostrara-se compreensivo a respeito das suas necessidades particulares e facilitou que ele só voltasse quando se sentisse seguro.

Para piorar a cena, em 1º de junho o *JB* ficava de luto com o falecimento de uma das outras estrelas da companhia. Às voltas com um câncer na laringe e na língua, morria enfartado o colunista Carlos Castello Branco, o Castelinho. Havia trinta anos era, com sua coluna no primeiro caderno, o grande farol para se entender os rumos da política brasileira. Em trinta dias, o *JB* perderia duas estrelas que havia construído nas últimas três décadas — como dar mais essa notícia de perda ao amigo Brito? Antes ainda, Marcos Sá Corrêa, Flávio Pinheiro e Xico Vargas, presenças históricas no jornal, trocaram de logotipo, contratados por outros jornais e revistas.

Zózimo trabalhou pela última vez na redação da avenida Brasil em 28 de maio, seu aniversário. Recebeu os parabéns da redação, cortou o bolo, fechou a coluna — e entrou em pânico. Internou-se durante duas semanas no quarto 229 da Clínica São Vicente, a casa de saúde de Luiz Roberto Londres, o colega do Santo Inácio. Preso a uma cama de hospital, assistiria de longe à movimentação dos jornais, esperando que alguma coisa decidisse por ele. Ainda queria ficar, devia tudo ao *JB*, sabia que sua saída seria usada como bala de canhão para afundar o barco que tanto o ajudara a navegar, altaneiro, pelos

mares do jornalismo. Mas a herança de Boy não existia mais. Precisava preparar uma tacada financeira para, em seguida, se reinventar e dar um basta naquele negócio de mendigar notinha. Não estava saindo por achar melhor a proposta editorial do concorrente nem por acreditar que em outra casa teria carências profissionais finalmente atendidas. Não se tratava disso.

Foi Manoel Francisco do Nascimento Brito Filho, o Kiko, que naquele momento presidia a empresa, quem quebrou o gelo, a pedido do pai. Dirigiu-se até a clínica da Gávea para saber com o colunista o que estava acontecendo. Encontraram-se por vinte minutos. Zózimo, deitado na cama, apenas balbuciou a confirmação da saída e o resto do tempo, com a mão cravada no braço de Kiko, chorou copiosamente sem dizer palavra. Os olhos vermelhos ficariam na memória de Kiko, que imediatamente telefonou ao pai para dar a notícia.

Liberado do peso, Zózimo, na companhia de Sergio Bermudes e Paulo Marinho, redigiu uma carta a Nascimento Brito e dona Leda. Cada palavra era discutida à exaustão. Na redação final, ficou assim:

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1993.

Querido Dr. Brito,

Internado, no momento, na casa de saúde São Vicente, sem possibilidade de alta antes da demorada viagem que sei que o senhor fará ao exterior, vejo-me obrigado a recorrer a esta carta, cuja remessa confio à minha mulher, para cuidar de assunto inadiável, que teria tratamento diferente, em outras circunstâncias.

Depois de examinar cuidadosamente todas as implicações que esta decisão envolve, acabo de aceitar convite para trabalhar em *O Globo*. Estou portanto comunicando ao senhor o meu afastamento do *Jornal do*

Brasil, onde não mais será publicada a coluna que leva o meu nome, há quase 25 anos.

A amizade e o carinho com que o senhor me honra e a minha fidelidade inquestionável, além do fato de estar meu nome associado a um quarto da vida do jornal, impõem que eu escreva esta carta do meu leito no hospital, em manifestação do apreço imenso que me liga ao senhor, a Leda e aos seus filhos.

Somos o senhor e eu dois jornalistas experimentados. Sabemos, sem necessidade de invocar exemplos, alguns muito próximos, que a motilidade é característica da nossa profissão. Nós nos transferimos de um jornal para outro, sem razão específica, pela vontade de nos renovar e aperfeiçoar, quando renovamos as nossas experiências. Eis como explico a mim mesmo a decisão tomada, que não se prende a um motivo determinado, não importa o que se pense, se diga ou se publique.

Recebi do *Jornal do Brasil* e seus donos tratamento a que correspondi da maneira mais leal. Um rigoroso exame de consciência me tranquiliza na certeza de que, incomparavelmente menor que o jornal, eu dei de mim, contudo, o que pude, na tentativa de me elevar à altura das tradições dele, sabiamente preservadas e enriquecidas pelo senhor e por seus múltiplos colaboradores, sempre inspiradas no exemplo de dignidade e dedicação da Condessa Pereira Carneiro.

Aceite, meu querido dr. Brito, junto com Leda, o abraço de reconhecimento e do afeto do Zózimo Barrozo do Amaral.

Pela quantidade de vírgulas emperrando a leitura, como se fossem necessárias pausas e mais pausas para se explicar tudo e nada restar vago ou dúbio, percebe-se a dificuldade de

aprontar o texto escrito a seis mãos. A palavra “motilidade”, por exemplo, não aparece em qualquer uma das 200 mil notas feitas por Zózimo em mais de duas décadas, e soa mais possível no vocabulário de um grande advogado como Bermudes. Dona Leda, elegantemente, sem abrir qualquer parágrafo ao rancor, no dia seguinte, um feriado de Corpus Christi, respondeu com uma carta emocionada e com direito a poesia numa hora daquelas:

Rio, 11 de junho de 1993.

Meu querido Zózimo,

Foi com grande tristeza que tomei conhecimento da sua decisão de afastar-se do *JB*.

Sempre pensei que morreria vendo a sua coluna no *Jornal do Brasil*.

O motivo ou motivos que o levaram a tomar esta atitude, gostaria que um dia me contasse.

Creia, meu amigo, que jamais o julgarei. Sempre guardarei de você a imagem de um grande profissional, que só enriqueceu o *JB*, e do amigo leal, dedicado e sempre presente nos momentos difíceis.

Nunca esquecerei o *B* que você editou no primeiro aniversário da morte de minha mãe. Só você o poderia ter feito! Pensei que também este ano (décimo aniversário de morte dela) você me ajudaria a escrever algo tão belo como foi o *B* de 5 de dezembro de 84.

Posso imaginar o seu sofrimento nesta hora de difícil decisão. Fique certo que estarei sempre ao seu lado seja qual for o rumo que tomar.

Zózimo, muitos anos atrás, quando descobri Fernando Pessoa, guardei este verso que muito me ajudou na vida: “Valeu a pena? Sim, tudo vale a pena se a alma não é pequena.”

Tome a sua decisão. Vá em frente, pois sua alma não é pequena!

Com a certeza da minha amizade e profundo carinho.

Um beijo, Leda do Nascimento Brito.

Nascimento Brito guardou uma profunda irritação e más palavras, usadas no circuito interno dos mais próximos. Classificava a atitude de Zózimo com aquela palavra mesmo — “traição”. Quando Zózimo fez cinquenta anos de idade, em 1991, ele havia mandado um bilhete carinhoso dizendo que “50 anos de um personagem como você representam realmente um marco na vida. Por isso é que Leda e eu enviamos um abraço afetuoso, ao mesmo tempo que fazemos os mais ardentes votos por sua felicidade pessoal e sucesso na vida”. Passados dois anos, o “personagem” se mandara para o lado do inimigo figadal, e sem comunicar pessoalmente a decisão. Em público, Brito fez pior que as palavras ruins dos bastidores. Nada disse. Tratou como se tivesse perdido um empregado qualquer que resolveu ir para outra repartição. Não deu bandeira da mágoa. Voltou a ver o ex-funcionário um ano depois, quando se cruzaram num evento no Gávea Golf Club. “Boa noite, doutor Brito”, cumprimentou o colunista. “Boa noite, Zózimo”, respondeu Brito, exibindo uma arte na qual possuía um Oscar imbatível, como disse um amigo do colunista, “a de encenar um olímpico desprezo pelo próximo”.

Chegava ao fim, sem porta batendo, sem tapa na cara, sem gritaria ou choro, uma relação que mudara a história da imprensa brasileira. Na redação, confirmado o desenlace, cada um reagia conforme as consequências lhe atingiam. Fred e Anna Maria Ramalho só tiveram a confirmação da boataria quando chegou às bancas a *Veja Rio*, com Zózimo na capa. Aos leitores do *JB*, foi colocada naquele mesmo domingo, 13 de junho de 1993, uma nota no *Informe JB*. Dizia que, depois de

vinte e quatro anos, a coluna deixava de ser publicada. Na página 3 do *B*, pela última vez saía o logotipo com o nome *Zózimo*, numa coluna inteiramente feita por Anna e Fred Suter, mas ainda assinada por Zózimo e Fred.

A capa da *Vejinha* lembrava a história de Zózimo no *JB*, o regaço quase maternal com que a empresa o acolhia após as crises diversas, e projetava o futuro da coluna num jornal onde já havia a coluna de Ibrahim Sued, a de Hildegard Angel e a de Ricardo Boechat, que pela segunda vez comandava a coluna *Swann*. Ao sair do *Globo*, em 1969, Zózimo era uma coluna com um jornalista dentro. Voltava, dizia a *Vejinha*, com a estatura de um jornalista chamado coluna. O cacife era de um profissional no topo. A revista informava que ele poderia montar a equipe que quisesse na nova casa — e aí começava mais um problema emocional.

Evandro Carlos de Andrade deixou Zózimo à vontade para que levasse até o seu problemático companheiro. A conta de Fred Suter seria zerada, numa demonstração de boa vontade não com o que Fred fizera em 1989, ao abandonar o *Swann* pouco mais de dois anos depois de assumir a coluna, mas com Zózimo. Evandro queria dar todas as sinalizações de que ali ele usufruiria as mesmas liberdades do *JB*. Que viessem Fred, Anna Maria, Marly — quem ele quisesse. Zózimo só quis Marly.

Fred começou, então, um mergulho ainda mais fundo nas marés de depressão, angústias e cultos à infelicidade. Jamais perdoaria ter sido deixado para trás e sem qualquer esclarecimento. Meses depois, Zózimo finalmente lhe telefonou. Marcaram um jantar no Antonino, o bar que os dois frequentavam em mesas separadas. “Por que, Zózimo”, perguntou Fred, “por que você não me levou pro *Globo*?” Zózimo podia ter feito um resumo da ópera e suavizado, como era mestre, os problemas dos últimos tempos. Estava cansado

da vida de colunista em geral e também da *nonchalance* com que Fred tocava as obrigações, apurando cada vez com menos rigor e obrigando a correções semanais. Mas para que ferir ainda mais o ex-parceiro? À mesa do Antonino, poderia se aproveitar do passado ruim de Fred com *O Globo* e sinalizar com a proibição de levá-lo de volta. Preferiu não jogar mais sal na ferida do outro nem mencionar que não aguentava carregar seu mau humor, sua falta de paciência e incapacidade em ajudá-lo a resolver os problemas do desgaste de vinte anos de convivência numa mesma salinha. Fora ao encontro para ficar bem com o velho companheiro de tantas gargalhadas.

“Não tenho nada para explicar, Fred, me desculpe.”

“Como assim, Zózimo, tem que ter explicação, o que aconteceu?”

“Não sei, Fred, não sei.”

Fred tirou o guardanapo do colo, jogou em cima da mesa e foi embora, batendo a porta do restaurante. No dia seguinte fechou contrato com *O Dia* e levou Anna Maria Ramalho para ajudá-lo.

Dacio Malta, editor do *JB*, soube da saída de Zózimo em pleno Aeroporto do Galeão, indo de férias para Nova York, e de início ficou extremamente aborrecido. Zózimo nada comunicara a ele também. Em seguida, já no avião, teve uma ideia que lhe pareceu boa. Quando chegou a Nova York, almoçou com Elio Gaspari e este também a aprovou. Não havia nas redações um jornalista com a capacitação do ex-colunista, dono de um currículo de relações pessoais e profissionais que não se repetem na mesma geração nem na seguinte. Dacio percebeu que era preciso começar de novo. Reinventar o gênero com uma aposta que podia parecer ousada. Sacara um nome extravagante, mas que piscava a esperança de acerto e carregava, incontestemente, glamour histórico na vida social do Rio, construído desde bem antes de Zózimo entrar em cena.

Danuza Leão já escrevia crônicas para o *JB*, num texto gostoso, leve, e se especializara em comentar os altos e baixos das relações amorosas, um assunto do qual ela — desde os anos 1950 em cartaz como das mulheres mais bonitas e sedutoras da cidade — tinha amplo conhecimento. Surpreendera a todos com a capacidade de colocar aquela vivência, com bom gosto e refinamento, no papel. Agora, quem sabe?, por que não tentar?, pensava Dacio Malta. Não seria hora de ela se reinventar e virar colunista social?

Danuza, mais um colunista com o Z no nome, estreou no domingo seguinte à saída de Zózimo. No primeiro dia em que chegou à redação, nervosa, às dez horas da manhã, o telefone tocou: “Danuza, querida, estou te ligando para desejar boa sorte agora no colunismo social. Você é craque e vai conseguir.” Não podia ser outro senão o próprio, Zózimo Barrozo do Amaral, colunista do *Globo* e acima de tudo um *gentleman*. O segundo a telefonar foi o empresário Joaquim Monteiro de Carvalho. Procurava Zózimo. Danuza disse que ele agora estava no *Globo*, avançou o sinal e mandou às favas tudo o que costumava recomendar — ela, que naquele momento estava na lista dos livros mais vendidos com um compêndio de etiquetas. Fez-se de sonsa: “Joaquim, que nota você ia passar pra ele?” E roubou-lhe a nota.

O Globo anunciou a chegada de Zózimo no alto da primeira página de 26 de junho de 1993, um sábado. Era a chamada para uma matéria, no caderno *Ela*, em que o futuro colunista do jornal estrelava a seção *O Meu Rio*, contando o que curtia fazer na cidade. Pela foto já se podia ver que o colunismo social não vestia mais *smoking* nem se deslocava pela cidade em Rolls-Royce. Zózimo posou na Lagoa Rodrigo de Freitas escorado numa bicicleta, de short, camiseta, nem aí para as etiquetas das antigas colunas — está de pernas abertas. Nada a ver com o tipo a que Jacinto de Thormes acostumara o Rio. Parecia-se mais com o desenho de Miguel Paiva para retratar o personagem Gatão de Meia-Idade, outra estrela do *JB* que *O Globo* conquistaria a partir de 1996.

A edição daquele dia obedecia aos bons comandos do jornalismo e das relações pessoais. Logo abaixo da foto de Zózimo vinha a de Ibrahim Sued, que concedia no mesmo caderno uma entrevista a Alessandro Porro sobre os seus quarenta anos de colunismo, efeméride que seria comemorada dias depois no Copacabana Palace. Não era coincidência. O jornal precisava adular o antigo colaborador. Ibrahim, embora já cogitasse trabalhar menos, ficara aborrecido em não ter sido consultado sobre a nova contratação. Ameaçou ir para *O Dia*, largar a profissão. Entretanto, ouviu Evandro Carlos de Andrade (“parar seria a morte”) e aceitou, magoado, trocar a coluna diária por uma semanal, aos domingos, na metade da página 4 do *Segundo Caderno*. Certo de que tinha bala para cair atirando, Ibrahim disse a amigos: “Não vale a pena esperar gratidão do jornalismo. Aliás, não espere gratidão nenhuma

porque nem Jesus Cristo escapou das maledicências daqueles que tinha como seus amigos.”

Zózimo não tinha nada a ver com aquilo. Uma vez retrucou, bem-humorado, quando um repórter disse que ele era a “antítese de Ibrahim”: “Se for para estabelecer uma diferença entre nós dois, além da idade, é o fato de que o Ibrahim mistifica a posição, enquanto eu a desmistifico. O colunista é um jornalista como qualquer outro. O fato de assinar uma coluna não confere importância a mais em relação aos colegas da redação.” Eram amigos, Zózimo fazia questão de declarar, só que aquele era um terreno delicado. Os repórteres Ney Reis e Maria Helena Esteban já haviam jogado cascas de banana para ver como ele surfava, na revista *Ele Ela* de junho de 1992: “O Ibrahim tece elogios a você, mas ao mesmo tempo diz que sua coluna noticia pessoas que não são notícia.” “Acho a mesma coisa dele”, devolveu Zózimo. “Minha coluna não tem compromisso com casta, classe social, e talvez a preocupação do Ibrahim seja essa. O maior pé-rapado do mundo pode sair em minha coluna, desde que tenha notícia. Independe de ser bem ou malnascido.”

Enfim, não seria surpresa se, apesar de se gostarem, a competição falasse mais alto e o pau quebrasse no *Globo*. Com os dois na capa daquele sábado, tentava-se evitar focos de ciúme — e olhe que ainda havia os outros colunistas. Hildegard Angel, aos sábados, no *Ela*, e Ricardo Boechat, todos os dias, no *Swann*, exigiriam, na hora devida, os seus paparicos. Fora do jornal, alguns já eram exigidos.

Uma noite, Ibrahim chegou ao restaurante Antiquarius e encontrou Zózimo e uma turma instalados na sua mesa preferida, a do canto à direita, aquela perfeita para ver e ser visto por quem chegava. Acusou o golpe. Pretextando dores na coluna, pediu que o *maître* Manoelzinho fosse até o mezanino, onde havia uma cadeira que mais parecia um trono, de

espaldar altíssimo, e a trouxesse para o salão. O “trono” foi colocado à cabeceira de uma mesa. Sentado nele, como se fosse o rei de alguma propriedade, talvez o Cantão dos Colunistas, Ibrahim olhava Zózimo de cima. Sossegou. Achou-se colocado no status que merecia.

O Globo era um templo grego sustentado por colunas com um perfil parecido. No primeiro caderno, além das citadas, ainda havia uma chamada *Pessoas*. Todas disputavam notas com fontes que se repetiam, e era comum o dia em que divulgadores espertos conseguiam emplacar os interesses de seus patrões em duas colunas. Nem o Rio de Janeiro, com sua capacidade monumental de criar assuntos e personagens, poderia fornecer material de qualidade exclusivo suficiente para que cada um pudesse brilhar. A guerra entre os colunistas era inevitável. O pepino sobrou para a ex-colega de Zózimo no *JB*, agora editora do *Ela*, Mara Caballero.

Mara fora encarregada de publicar as duas matérias: uma para rerepresentar Barrozo do Amaral aos leitores do *Globo* e outra para informar a nova periodicidade de Ibrahim. Mara abriu espaços milimetricamente idênticos, sem um centímetro ou palavra a mais de simpatia por um ou por outro. Ibrahim adorou a matéria sobre ele. No título era chamado de “tímido” (logo ele, tido por temperamental e vulcânico) e “moderno” (logo ele, o mais longo colunista em atividade no país). A matéria que trazia Zózimo de volta, agora como grande estrela do jornalismo, intitulava-se “O satélite da sociedade”. O subtítulo dizia “Colunista recolhe notas em bares e restaurantes”, mas ao mesmo tempo o texto explicava que ele quase não saía mais de casa para badalações.

Assinada por Marcos Tardin, a matéria mostrava como estavam defasados os leitores que imaginavam Zózimo ainda cruzando as noites a bordo de um cometa serelepe. Ele agora, dizia a matéria, estava interessado em dar três voltas diárias,

montado na sua *bike*, em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas. Admitia ir de vez em quando à feijoada do Ricardo Amaral aos sábados, no Gattopardo, e a jantares no Antiquarius, de onde sempre saía carregando notas a serem desovadas na edição do dia seguinte. Os almoços de sexta-feira no Esplanada Grill e as incursões ao bar Coringa, na Cobal do Leblon, aos sábados, também considerava “tiros certos”.

Era uma daquelas matérias para mostrar o Rio das celebridades, e lá foi Zózimo relatando a sua cidade, que agora, desligada a luz da Light do antigo colunismo de festas, vinha banhada pela luz do sol. Gostava de caminhadas pelas alamedas do Jardim Botânico, do outro lado da rua onde morava, e também pela estrada das Paineiras, na subida para o Cristo Redentor. Podia ir pedalando até a Barra da Tijuca, na praia em frente ao restaurante Lokau, ou à Casa dos Sabores, na Gávea, comprar pastas e cervejas importadas para mais tarde receber amigos (José Hugo Celidônio, Rodolfo Garcia, Renato Machado, Sebastião Lacerda, José Antonio do Nascimento Brito, Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Ricardo Amaral). Sábado também era dia de cortar o cabelo com Jean-Luc, perto da Cobal. “Outro dia de manhã fui cortar cabelo e na saída encontrei o Tom Jobim no Coringa. Quase não chego em casa. Conversamos até cinco da tarde”, dizia na matéria.

Não se mostrava nem um pouco interessado em manter o mito da função e deixava claro que experimentar programas novos não era com ele. Para quem estivesse a fim de dormir tarde, recomendava o Hippopotamus. Raramente estaria lá de corpo presente, no entanto qualquer frase dita chegaria a seus ouvidos através de informantes pelas mesas ou pelo próprio dono da casa. De factual, o importante da matéria era cravar a data exata da estreia. Tinha combinado com Evandro Carlos de Andrade que começaria no dia em que tivesse uma bomba para a primeira página. O jornal esperava que aquilo fosse para logo

(Danuza estreara no *JB* uma semana depois da saída dele), mas julho já se aproximava e Zózimo, oficialmente na casa desde a carta de demissão do *JB*, no dia 10 de junho, nada de sensacional acusava ter caído na rede.

Evandro era um homem bonito, alto, elegante, de óculos, e havia moças na redação que o consideravam, fora dos quadrinhos, a melhor encarnação do jornalista do *Daily Planet*, Clark Kent, o repórter tímido que quando não estava nos plantões assumia a identidade de Superman. O trabalho a que Evandro se propunha no *Globo*, além de levar grandes personalidades para a casa, era de super-herói. Queria sacudir o jornal e reinventá-lo — e para isso não podia ficar distribuindo bondades. Diariamente fazia a crítica, anotando a caneta, com uma letra redonda e bem legível, os erros encontrados na edição. Eram muitos, e ele não se constrangia em denunciá-los com estardalhaço cru. O exemplar, rabiscado, ficava exposto para que todos vissem e aprendessem a fazer melhor.

“Surto de imbecilidade” era uma anotação comum. A redação tremia, os resultados, porém, começavam a aparecer em edições cada vez mais corretas. Era um grande jornalista, um representante da última geração de mestres em redações, profissionais mais experientes que passavam conhecimentos, e não cafunés, para a cabeça dos mais novos. O diretor de redação ensinava. Para que todos entendessem o que precisava ser feito, tinha poucos sorrisos e muita crítica. “Seja bem-vindo”, disse ao receber um jovem editor em seu aquário. “Da próxima vez que entrar aqui vai ser para levar um esporro.” O silêncio que viesse dele era bom sinal. Estava tudo em ordem na edição daquele dia. Uma vez o editor de Esportes, Renato Maurício Prado, telefonou de casa para seu subeditor, Antonio Roberto Arruda, a fim de saber como iam as coisas, se Evandro

tinha dito algo. “Silêncio total, Arrudinha?” “Silêncio consagrador, chefia.”

Evandro, com seu rigor e bom gosto, criou *O Globo* moderno. Preocupado com a demora de Zózimo em definir a estreia, decidiu pelo 14 de julho. Era uma quarta-feira, dia sem nobreza para colocar no ar uma atração tão espetacular. Mas foi o modo que encontrou para o time entrar em campo, do jeito que fosse, e com uma graça escondida. O 14 de julho dava um sentido sofisticado, de piada histórica, ao agendamento da coluna. Era um aceno para a cultura francesa, tão curtida por Zózimo nos tempos de Carlos Swann. Embutia a informação da Queda da Bastilha. Traduzido para as guerras jornalísticas, Evandro queria que nas entrelinhas os mais espertos entendessem como sendo o início da queda do *JB*. Ao fundo, Maria Antonieta dizia que para matar a fome do povo, se não houvesse pão, que se lhe desse brioche. A frase servia para a coluna. Num jornal, pão era pão, a notícia fundamental, já Zózimo era o padeiro capaz de servir o brioche fino das notas que tinham sido impressas não para matar a fome, e sim tornar a existência mais divertida. A vida não cabia numa *hard news*.

Telmo Martino, de volta ao Rio, publicava crônica no *Ela*. O veneno que o *enfant terrible* do colunismo dos anos 1970 inoculava no cangote das celebridades paulistas tinha sido excessivo e estragara a própria carteira de trabalho. Ele precisou se abrigar novamente no jornalismo carioca e, mordaz, sarcástico, era peça importante para *O Globo* mostrar como estava mudado. Na crônica do sábado 3 de julho, com o tom sofisticadamente peçonhento de sempre, ele fez a sala de recepção ao novo companheiro. Contou seu romance profissional com ele:

Houve um dia, numa década, em que Zózimo Barrozo do Amaral desembarcou em São Paulo, e rico, fino, chique e bonito, entrou na redação do jornal onde eu trabalhava e me convidou para almoçar. Num silêncio que se fez total, só se ouviam os suspiros mal reprimidos de uma repórter da Política, de outra repórter da Geral e de um *copy* da Variedades. Durante o almoço, o rico, fino, chique e bonito Zózimo Barrozo do Amaral me convidou para trabalhar com ele. Na volta encontrei a redação já descontrolada pela curiosidade e pela inveja. Ouvi que dinheiro não seria problema e que, lá ficando, eu seria uma estrela de grandeza ainda maior que a do portador do convite.

Entre a Fink e o ficar, eu fiquei. Enquanto eu notava que muitos me imitavam, cheguei a me sentir uma estrela paulista. (Isso existe?) Mas, apesar de, em todas as referências, eu me mostrar um adepto do cultural chique, tive que aguentar a ira de muitos. Todos usavam o mesmo xingamento em seu desprezo: “colunista social”. Duvido que alguém se dirija ao Zózimo Barrozo do Amaral em termos de tão baixo calão. Além dos que já estão trabalhando nos jornais há toda uma multidão que sonha em ser Zózimo Barrozo do Amaral quando crescer. Uma multidão não mais só de homens. Muitas mulheres também já embarcaram no mesmo sonho. Ou será que já tem alguma querendo ser Joyce Pascowitch? (...)

Todos escrevem coluna, ninguém como Zózimo Barrozo do Amaral. O segredo de Fred Astaire foi esconder, durante suas exhibições, o esforço de suas invenções e ensaios. No caso de Zózimo, a explicação é mais grosseira. É o que os ingleses, sempre rápidos na divisão por classes, chamariam de uma questão de *upbringing*. Aquilo que, numa tradução brega, pode ser dito como “questão de berço”. Quem já está lá nunca entenderá o esforço dos que têm que gastar muitos

anos numa escalada. Por isso quem não for rico, fino, chique e bonito deve desistir de imitar Zózimo Barrozo do Amaral. Olhe em volta e veja quanta cara quebrada no esforço.

Depois desse tempo todo, reencontro, finalmente, a oportunidade de trabalhar, ocasionalmente, no mesmo caderno, do mesmo jornal, em que Zózimo cintilará a verve de sua elegância. Mara Caballero vai ficar impressionada com minha nova assiduidade nas visitas à redação. Encontrar Zózimo é um prazer só igual ao de ler os instantes de perversidade respeitosa e elegante de sua coluna. Depois, a festa só começa, realmente, quando ele chega.

Zózimo tinha chegado à grande festa que *O Globo* pretendia promover no jornalismo. Fazer com que a elite, no café da manhã, mudasse o logotipo do jornal ao lado do pão francês. Ele não estava exatamente animado, estava era profissionalmente disposto a manter agradável o *petit déjeuner* de quem pagasse para tal. O repórter indicado pelo jornal para trabalhar com ele foi Timóteo Lopes, um gaúcho quase homônimo de Tim Lopes, repórter de Polícia que seria assassinado nove anos depois por traficantes. Como se fosse um técnico dando as instruções antes de o time entrar em campo, Zózimo chamou-o para um café na lanchonete da redação. “Você não precisa se preocupar com furos”, disse. “Se eles aparecerem, ótimo, mas não é por aí. Eu quero sacadas, bom humor.”

Timóteo assinara por algum tempo, no *Globo*, a *Pessoas*. Não era uma coluna de sociedade, não era de celebridades. Era um vale-tudo sem importância e que valia pelo que estava no texto de apresentação de Telmo Martino — a vontade, espalhada por todas as colunas, de imitar Zózimo. Quando Evandro lhe comunicou que seria o segundo do rico, fino, bonito e elegante Zózimo, Timóteo foi sincero: “Sou simplório,

não tenho nada a ver com o mundo sofisticado.” Além de confiar na competência de Timóteo para levantar histórias, o chefão sabia que se houvesse qualquer problema com Zózimo, e todos os sinais haviam sido dados por Paulo Marinho de que eles ocorreriam, o auxiliar faria a coluna sozinho. Seria a versão atualizada, sem ego, de Fred Suter. Carregaria o piano para o grande solista, com a humildade de quem reconhecia ser essa a sua função.

Zózimo e Timóteo, uma dupla impossível, formada por um príncipe carioca e um gaúcho nem aí para essas *delicatéssens*, ficaram instalados com Marly numa salinha de cerca de seis metros por quatro logo na entrada da redação. Três terminais de computador, um aparelho de fax, quatro telefones. No *Jornal do Brasil*, a coluna ocupava um latifúndio de pé-direito confortável e era cercada do design que envolvia o resto do prédio. Era o padrão do jornal e um de seus orgulhos. No *Globo* não havia mobiliário bonito. Boechat trabalhava no meio da redação, misturado às outras editorias — e os furos que ele dava estavam cada vez mais sensacionais. Isso era *O Globo*. Curto, grosso e eficiente. Que Zózimo fizesse a sua parte — espargisse as gotas da essência própria com que havia vinte e quatro anos perfumava o jornalismo brasileiro.

A última grande estrela da redação tinha sido Nelson Rodrigues, morto em 1980. Ele escrevia sua coluna de esportes ali na redação, ao vivo. Em sua boa paz para com todos, sofria as diatribes que pontuavam as relações entre os profissionais, numa redação ainda propriedade dos hormônios masculinos. A mais comum resumia-se em alguém convidá-lo para um café. Nelson topava e deixava a lauda, já com a coluna pelo meio, no rolo da máquina — era a senha para que um comparsa daquele que o convidara para o café colocasse uma palavra qualquer ao lado da última escrita. Quando voltava do café, Nelson via a palavra, às vezes uma linha inteira, podre, e, considerando-a

sua, ou para não dar bandeira de que estava sendo vítima de uma brincadeira, continuava o texto dali mesmo, agregando o caco dos colegas ao seu genial texto delirante.

Em 1993, com os acertos de Evandro e a chegada das grifes, a redação vibrava outra euforia. Timóteo Lopes ficou surpreso pela maneira como Zózimo usava o dicionário, um *Aurélio* novinho que o próprio colunista havia solicitado. Era um objeto em geral desprezado por jornalistas, seres que se julgam já aparelhados por palavras suficientes. Com Zózimo o dicionário virava peça fundamental. Não o usava na busca da ortografia correta, porque o programa do computador já ajudava na correção. Zózimo, segundo Timóteo, buscava os sentidos amplos, além da sinonímia, que dessem colorido aos textos.

- É insopitável o encantamento do ministro Fernando Henrique Cardoso com a própria candidatura à Presidência da República.
- É contagiante.

O “insopitável” da nota, de outubro de 1993, queria dizer “incontrolável”. O “contagante” ficava por conta da ironia do colunista.

Quando a coluna de estreia foi finalmente publicada, no 14 de julho, o que era para ser um tiro de canhão soou discreto. A primeira página fez sua parte. Embaixo da manchete (“Governo vetará reajuste de 100% da inflação aprovado pela Câmara”), ainda na dobra de cima, havia uma foto de Zózimo debruçado e sorridente na nova mesa de trabalho. Estava de gravata e camisa social, usadas para ficar bem na foto e logo abandonadas. “Zózimo estreia no *Globo*”, dizia a chamada, “revelando mudanças no comando do Itamaraty. Ele também comenta a descoberta escandalosa que pode mudar o rumo da

próxima sucessão presidencial. Sua coluna traz ainda PC Farias, Madonna, John Reed, dinossauros e um novo lançamento da BMW.”

A coluna estava na rua e a elite carioca tinha um bom motivo para botar o jornal debaixo do braço e ostentar, sem constrangimento, que, sim, lia *O Globo*. Até o logotipo da coluna, com o título *Zózimo*, copiava o padrão tipográfico do *JB*, tudo na ânsia de vampirizar aquele antigo padrão de charme carioca. Nada muito espetacular na estreia. A nota de abertura fora passada de Brasília por Rodolfo Fernandes, filho de Helio Fernandes, dono da *Tribuna da Imprensa*, ex-colega de Zózimo no *JB*, e que agora chefiava a sucursal do *Globo*. Rodolfo publicaria quase diariamente na coluna, quase sempre a primeira nota, o chamado “abre”. Eram notas de *hard news* políticas, sérias, que liberavam Zózimo para em seguida tratar do que realmente gostava — as “sacadas” que pedira a Timóteo.

A primeira nota de Rodolfo tratava, com ares de escândalo, da descoberta do disquete de noventa e nove notas fiscais frias de dezenas de empresas emitidas para uma outra que ajudava na campanha de Paulo Maluf. Informava que a Receita Federal suspeitava ser aquele disquete o fio condutor de bomba parecida com a que, acesa nos papéis de PC Farias, detonara a Presidência de Collor. A investigação acabou não dando em nada, sumiu do noticiário. Quem estreava também com uma colaboração era Pomona Politis, a infatigável correspondente nos bastidores diplomáticos. Dizia que os cortes de verba no Itamaraty tinham deixado sem refrigeração a casa do embaixador do Brasil em Nova York, onde a “canícula” (Zózimo deve ter escrito o clichê com um sorriso de deboche) já superara os quarenta graus.

O amigo Ricardo Amaral marcou presença. Ele já teria o modelo do restaurante que abriria em Ipanema, no local onde

funcionava a Casa Moysés. “O *décor* e o cardápio serão inspirados no famoso Harry’s Bar, de Veneza.” O bar jamais foi aberto. Eram quinze notas, contando com o *Roda-Viva*, número que Zózimo tentaria manter como marca para todas as edições. O mais impressionante, mais que a única foto ilustrando a página (“O olhar oblíquo e as pernas irretocáveis de Verena Ribeiro”), era o fato de a página 3 do *Segundo Caderno*, onde Zózimo estava, e a espelhada, a página 2, estarem repletas de anúncios (um deles, do Centro Educacional da Lagoa, do amigo Julio Lopes). O Departamento Comercial vibrava. A redação esperaria um pouco. Zózimo estava tenso. A coluna, dura.

Tirou um único sarro, ao reproduzir um diálogo entre duas *socialites* no bar do Country Club. Uma brincadeira para zombar da plateia de amigos, quase todos com idades jurássicas, no tradicional cineminha de lançamento de Harry Stone, o divulgador da indústria cinematográfica americana no Rio:

- Sabe por que o Harry Stone não promoveu *première* do filme *Jurassic Park*?
- Não tenho ideia.
- Não faria o menor sucesso. A plateia ia sentir-se em casa.

Se não foi um show de informações e *savoir-faire*, qualidades do colunista, sua elegância mostrou-se em forma. Vinha em destaque em “Dois mestres”:

- Este reinício de atividade no *Globo* não teria total sentido sem uma menção a dois nomes aos quais o colunismo praticamente tudo deve.
- Ibrahim Sued e Álvaro Americano.
- Nessa ordem — a de entrada em cena, como colunistas.

- O primeiro deu grande importância e destaque ao gênero, cabendo ao segundo valorizá-lo aos limites da dignidade e compostura.
- A rigor, na especialidade, dois grandes mestres.

Zózimo gostou do resultado da coluna, do destaque na primeira página, da apresentação gráfica. Mas, por mais que a percorresse com satisfação, piscava sempre no canto dos olhos, em luz vermelha, um detalhe que o deixava irritado — quase a sua Bastilha. E o revisor, hein, que trapalhão! Uma de suas marcas, que ele fez questão de cunhar logo naquele primeiro número, não chegou às páginas em sua integridade. “Potência”, nota em que apostava alto, a tal ponto que pediu ao diagramador para cercá-la com fios, saíra com um problema. Podia parecer coisa pequena, só que para Zózimo o fato soava tão dramático e deturpador como se algum técnico do MoMA tivesse arredondado, para corrigir o que julgava uma imperfeição, o nariz retilíneo das *Demoiselles d’Avignon*, de Picasso. A nota publicada dizia:

- E o PC Farias, hem?
- Tinha polícia e armamento, aviões e pilotos, barcos e comandantes.
- Tinha Exército, Aeronáutica e Marinha.
- O homem era um país.
- A sua República tinha até um presidente democraticamente eleito.

O problema estava no exclamativo da primeira linha. Não se imprimira ali o “hein” clássico que consagrara o colunista, e sim um desajeitado “hem”. O “hein” de Zózimo estava para seu acervo assim como o soco no ar para Pelé e o *ademã* para

Ibrahim. Não lhes explicava o sucesso, mas eram sinais que todos reconheciam imediatamente como assinatura daqueles artistas. Zózimo podia viver sem aquelas quatro letrinhas, contudo a insistência nelas no *JB* fez com que se tornassem marca.

O “hein” é coloquial, reproduz a sonoridade das ruas cariocas e o jeito à vontade que gostava de imprimir. O “hein” desmonta a pretensão de seriedade, dessacraliza a cena, e Zózimo tinha horror a essas pompas, fossem no texto, fossem nas figuras humanas. O “hein” dá som de molecagem, de fofoca, de início de gargalhada — e era para isso que todo dia ele ia ao telefone, depois se sentava, folheava o dicionário e caprichava. Quando foi lambar a cria naquela primeira edição no *Globo*, deu-se o espanto: cadê o “hein” que estava aqui?

Zózimo tinha inventado a brincadeira nos anos 1970, num de seus truques para fechar a coluna. Outros redatores precisariam de um editorial inteiro para dizer o mesmo que aquele “hein”. Cabia dentro dele o que se quisesse colocar. Numa edição de 1986 do *JB*, podia ter xingado Abílio Diniz, dono da cadeia de supermercados, quando o empresário foi pego estocando latas de óleo de soja para majorar preços. Disse apenas: “E o Grupo Pão de Açúcar? Quem diria, hein?”

O “hein” tinha som de cutucada no braço do interlocutor para desfrutar a intimidade e anunciava uma boa história. Pois, no *Globo*, o “hein” tinha se transformado em um duro “hem”, quase alemão, o que fez com que Zózimo fosse até a sala de Evandro. A coluna, como estava combinado, passaria pelo aquário antes de ser publicada. Evandro também lia com antecedência o *Swann*. Costumava corrigir informações na coluna de Paulo Francis, por exemplo, o que às vezes causava estranheza nas bancas. A mesma coluna era publicada no *Estadão* e, graças ao copidesque de Evandro, a que saía lá era diferente da do *Globo*. Francis nunca reclamara, por um

motivo simples: Evandro corrigia seus equívocos de datas, lugares e personagens.

No caso de Zózimo, não era informação. A nota passara sem problema por Evandro. Era a interjeição! A palavra “hein” tinha sido transformada em “hem” depois de uma reunião entre os revisores do jornal. Todos doutos na proteção da língua, argumentaram que havia uma regra a se levar em consideração para palavras terminadas em “n”. Elas precisavam de acento. Os exemplos mais evidentes eram “pólen”, “hímen”, “glúten”, “sêmen”. O “hein” do jeito que Zózimo escrevia, diziam, não cabia na língua. Uma opção seria “héin”, com “i”, “n” e acento. A outra seria o “hem”.

A discussão não era nova. No *JB*, de vez em quando um revisor alheio ao apreço que o colunista, contrariando as regras cultas, tinha pela forma inadequada, também tascava um “hem” — mas o poder de Zózimo no dia seguinte se fazia valer e foram mais “heins” do que “hems”. No *Globo* a regra era clara e precisava ser seguida. Zózimo avaliou que não tinha atravessado aquela parte escura da cidade, da avenida Brasil, 500, até a Irineu Marinho, 35, para discutir detalhes. Achou que era de somenos e entubou o “hem” — foi em frente com ele. No dia 10 de fevereiro de 1994, mandava uma gozação para um amigo:

- E o Paulo Francis, hem?
- Ou é problema de iluminação na TV ou ele mudou de xampu e está ficando ruivo.

Zózimo relaxou com a implicância dos revisores. Usou o “hem” muitas vezes e manteve a graça, até mesmo quando falava de personagem que só ele e meia dúzia de amigos conheciam. Foi o caso da nota “Vida boa”:

- E o Brigitte, hem?
- Está montado.
- De uma tacada só botou US\$ 4 milhões no bolso.
- Uma vez de posse do robusto pé-de-meia, mandou-se para Nova York, onde está gastando parte em imóveis, parte no pano verde de Atlantic City.
- Nada como ter amigos e parentesco em tribunais de conta, governos estaduais, e gozar em bancos oficiais da chamada *inside information*.

Brigitte era o apelido de Paulo Cesar Ribeiro Filho, o tal operador do mercado de capitais que inventara o negócio da loteria esportiva no Paraguai e levava o dinheiro de Zózimo e amigos. Pelo tom da nota, a dívida não estava paga. Ninguém entendeu, ninguém reclamou. O cuidado da direção de redação para que Zózimo se sentisse em casa era total.

Naquele mês de julho a coluna só ganhou primeira página aos domingos, quando o jornal abria espaço maior para a necessidade de chamar atenção de que estava chegando — com grifes e mais grifes — aonde pediam as pesquisas. Lá estavam, em 18 de julho, no primeiro domingo de Zózimo no jornal, Paulo Francis e Agamenon Mendes Pedreira, o *alter ego* da dupla Marcelo Madureira e Hubert Aranha. O que vinha com mais força, para se sentir bem acarinhado, era Ibrahim, que havia sido passado literalmente para trás — ao deixar a página 2 do *Segundo Caderno* para ocupar a 4, ficara atrás de Zózimo, na 3. Naquele primeiro domingo, a chamada para a nova assinatura tinha uma pegada fraca. Nada de Rio de Janeiro. Zózimo fazia um comentário sobre o fim da briga de... Caroline e Stephanie de Mônaco. As outras notas mostravam que o editor da primeira deve ter suado para pescar algo. Eram quase todas internacionais, com exceção da que anunciava ter o ex-

ministro Mário Henrique Simonsen voltado a fumar: “Mau sinal.” E ponto final.

Chamar Zózimo na primeira página sempre foi uma tarefa complicada para os parâmetros de objetividade vitoriosos na faina jornalística. O colunista vivia do charme etéreo, que não rendia “parem as máquinas”, e sim “que delícia de ler”. Naqueles primeiros dias, ele acertou a mão em pérolas da mais pura gema zoziana. Em 29 de julho, noticiou que Leopoldo Collor, irmão do *impichado* ex-presidente, circulava com a esposa, “alegres e faceiros”, no inverno de Las Leñas, na Argentina. O fecho era deboche cravado na neve gelada: “Quem não deve, não treme.”

Era ótimo, engraçado, mas como dar uma chamada na primeira se os manuais do jornalismo previam repercutir na capa apenas as notícias sensacionais? Uma boa frase não ganhava por si só o destaque — e isso era apenas mais um dos problemas dos jornais. O parâmetro dos jornalistas é o Prêmio Esso, o do leitor — e de Zózimo — era a inteligência. Na nota “Sufoco”:

- Dedetizaram a Câmara Federal.
- Foi um deus nos acuda.

A nota acima podia ter destaque em qualquer livro de poesia modernista, com todo o seu jeito de poema-piada de Oswald de Andrade, mas ninguém gritaria *breaking news* diante de sua chegada. Enfim, a culpa não era do editor da primeira página. O fato é que não era um grande início de temporada, todavia ninguém podia reclamar. Os alertas haviam sido dados. Era momento complicado para a saúde do colunista. *O Globo* ficou elegantemente frio. Esperaria por melhores dias.

Um dia, em 1994, Zózimo contava no aquário um caso que presenciara numa casa noturna e os editores executivos riam

muito. Renato Maurício Prado perguntou se ele já tinha escrito a cena. Diante do “não”, deixou escapar um “então escreve, Zózimo, tá esperando o quê?”. Não havia a intenção de ser rude com o colunista. Era apenas um jeito pilhado, um estilo “o globo” de fazer as coisas com rapidez e objetividade. Um silêncio seguiu-se à voz de Renato, que, como todos os outros executivos, adorava Zózimo. Quando o colunista saiu da sala, o também editor executivo Merval Pereira falou: “Poxa, Renato, isso é jeito...” “É o jeito de falar...”, devolveu Renato. “Mas não com o Zózimo.”

Havia em todos uma preocupação de tratá-lo melhor ainda do que, pelo talento e delicadeza pessoal, já merecia. Merval, assim como o restante da cúpula de redação, preocupava-se em apagar imediatamente qualquer luz que pudesse acender a nostalgia dentro da alma frágil de Zózimo. Só Nelson Rodrigues, na história recente do jornal, recebera tanto carinho. Um dia, ao ler a coluna, Evandro chamou Zózimo para dizer — com jeitinho, claro — que uma das notas carecia de mais precisão. Zózimo, tão *JB*, fez humor: “Evandro, quem quer precisão não deve ler coluna. Deve procurar um relógio suíço.”

Em outros tempos, com outros personagens, Evandro mostraria o caminho mais rápido para o RH. Com Zózimo, gargalhou-se — e a nota, que não estava errada, necessitava apenas de ponteiros mais ajustados, foi publicada com a liberdade prometida. O colunista também não tinha do que reclamar. Ao contrário de Nascimento Brito, que vivia emplacando notas de interesse pessoal, Roberto Marinho não pedia nada. Ministros e outros poderosos passavam pelo prédio, almoçavam com o empresário, que, evidentemente, ficava cheio de novidades. Nada chegava em seguida para publicação, num gesto intencional de Marinho para deixar

Zózimo à vontade. Publicasse o que quisesse, não era mais o Carlos Swann dos anos 1960 — era ele mesmo.

Quando chegou setembro, dois meses depois de iniciados os trabalhos, os sinais de perigo piscaram com mais intensidade. Ele faltou uma semana inteira, sem qualquer aviso. No início de outubro foram mais dez dias. Ao se reapresentar, Timóteo percebia em Zózimo sinais de constrangimento, a pele avermelhada com a escamação comum das crises de alcoolismo. “Alguma novidade?”, perguntava o colunista, e tocava-se a coluna do outro dia como se nada tivesse acontecido. Uma vez, elegantemente, pediu ao colega que, quando fizesse a coluna sozinho, a assinasse. Tirasse o nome dele, Zózimo Barrozo do Amaral, do rodapé e deixasse apenas o *Zózimo* do título no alto, como se fosse uma marca fantasia. Daria prestígio a Timóteo e, gentilezas à parte, evitaria problemas.

Numa dessas ausências, por exemplo, Timóteo deu uma nota que contrariou o deputado federal Luiz Alfredo Salomão (PDT), personagem que o jornal acabara de chamar de “baderneiro” por certos procedimentos na Câmara. Salomão telefonou para a coluna. O nobre deputado pediu aos gritos que Timóteo transmitisse ao titular daquela “coluneta de merda”: ia enchê-lo “de porrada”. Evandro Carlos de Andrade, notificado, redigiu uma nota. “Caráter”, publicada em 7 de outubro de 1993, relembra os acontecimentos. O texto introduziu na coluna o ponto e vírgula, pontuação inédita sob a assinatura de Zózimo:

- Visto e revisto o vídeo da baderna na Câmara, o que mais impressiona no episódio é o comportamento do líder do partido, o deputado Luiz Salomão.
- Não é como um bravo revoltado, ator corajoso de gestos extremos, que ele arranca o microfone da mesa; é se

escondendo sorratamente, como um camundongo.

A parceria de Zózimo com Timóteo durou até 13 de outubro, com respeito, porém sem grande envolvimento emocional de ambas as partes. Eram pessoas de origens muito diferentes, o que, a princípio, não seria ruim para botar de pé uma coluna que se pretendia diversificada. Zózimo não reclamava com o assistente, mas se ressentia com a falta de “sacadas” e comentava com o aquário. A bem da verdade, algumas que Zózimo publicou logo no início chocaram Evandro, porque eram absolutamente ininteligíveis. Em 17 de agosto, por exemplo, escreveu em “Charada”:

- O que é o que é?
- Ela procura alguém que a agasalhe.

Ninguém entendia que uma das fórmulas do sucesso de Zózimo era às vezes dar a impressão de saber mais do que realmente sabia. As notas cifradas pareciam conter um mundo de insinuações políticas, financeiras ou da mais extrapolada, como podia ser o caso daquela, sacanagem sexual. Quase sempre era piada com uma única pessoa capaz de entendê-la. Os 260 mil leitores do jornal estavam alijados da brincadeira, mas a vontade de participar do jogo instigava a tentar decifrar a charada. “Não se devem mandar flores para os gabinetes dos ministros militares”, publicou em agosto, mantendo profundo mistério sobre o que isso significava.

Timóteo fez o que pôde. Os truques do chefe eram muitos, só que intransferíveis. Zózimo disse ao repórter Michael Koellreutter que não tinha nada, por exemplo, contra a notícia de segunda mão — o importante era a inteligência com que se trabalhava o conteúdo dela. Foi o que fez numa quinta-feira de 1993, depois dos ultranoticiados arrastões nas praias da Zona

Sul promovidos por jovens da Zona Norte. Publicou um jogo de notas que era uma pérola de cinismo. A primeira vinha com o título “Lazer”:

- Para quem tem horror a multidão, a boa opção de lazer no fim de semana pode ser passear e conhecer os atrativos do subúrbio de Vigário Geral.
- Fica às moscas.

Na mesma página, com o título “Arrastão”, outra nota:

- No último fim de semana, sol a pino, a praia ao sul de Miami Beach foi palco de um grande arrastão.
- As areias foram invadidas por um bando de garotas em *topless*.

Zózimo dizia que “Informação em bruto é coisa muito chata” e que qualquer operário da notícia podia consegui-la. “Baixaria”, de 26 de julho de 1993, servia como mais um exemplo de que o importante era a argúcia. Não dava um passo na direção da primeira página e nem queria: afinal, já tinha repórter demais preocupado com isso.

- Há dias, num conhecido e exclusivo clube da Zona Sul, três senhoras conversavam no salão quando uma, movida pela curiosidade, quis saber quem estava no bar.
- Abriu a porta, meteu o rosto e ouviu, surpresa, uma voz rouca e meio pastosa emergir da penumbra do fundo da sala:
— Olha as bruxas!
- A senhora não deixou barata a provocação e, antes de retirar-se, gritou na direção da voz:
— Olha os brochas!

Timóteo foi substituído por Maurício Dias, mineiro, de muita experiência em revistas semanais. Contrário às badalações e ao ti-ti-ti mundano, alinhava-se politicamente à esquerda e ajudava *O Globo* na tarefa de avançar na busca de um jornalismo mais ideologicamente plural. Seu negócio era a disputa pelas *hard news* vindas do mundo político, um nicho do qual Zózimo queria distância, embora soubesse que precisava de notas mais sérias e pesadas para dar musculatura à coluna. Maurício gostava desse mundo. Uma vez, depois de uma nota jocosa sobre o senador José Sarney, Evandro foi até a sala da coluna: “Fiquem à vontade pra dar qualquer uma, contra ou a favor”, disse o diretor de redação. “Mas não precisa sacanear o cara.”

De resto, não havia intromissão. Zózimo seguia em frente, ajustando-se no tom da casa com o humor politicamente incorreto de sempre:

- Não se deve convidar à mesma mesa Stevie Wonder e Ray Charles.
- Um não pode ver o outro.

Ou:

- De um personagem desta coluna que acaba de ganhar seu primeiro neto, recebendo cumprimentos de um amigo:
— É ótimo ser avô. Duro é ter que dormir com a avó.

A Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, jogava um futebol eficiente, mas aborrecido. Zózimo, escalado pelo *Globo* para a cobertura, era o contrário. Nem sempre efetivo, quando entrava em campo era diversão garantida. Algumas de suas primeiras jogadas:

- Conclusão extraída do jogo Camarões 2 x Suécia 2. Camarões tem aquilo na cabeça e a Suécia, nos pés.
- Coitado do jogador de Camarões M’Fede. Deve ser detestado pelos pais.
- San José, Silicon Valley — a terra dos computadores. Não é, como muita gente pensa, a terra dos travestis.

A delegação do *Globo* ficou hospedada em San José, na Califórnia, próxima a San Francisco. Árida, sem atração turística. Zózimo trombeteava a decepção no jornal: “San José, dá para perceber meia hora depois de se chegar à cidade, é uma choldra.”

Durante trinta e dois dias, a partir de 17 de junho, enquanto Valéria Blanc e Vanessa Bueno, as novas repórteres assistentes, fechavam sozinhas a coluna do *Segundo Caderno*, ele escrevia a coluna da Copa, uma meia página, no caderno de Esportes. Como sempre, tentava ver o que ia ao redor dos acontecimentos, de preferência onde a bola não estivesse rolando. Com a colaboração dos colegas, mandava tudo pronto para publicação. O escritor João Ubaldo Ribeiro, cronista do time, era parceiro nos imensos intervalos entre os jogos. Estreitaram a amizade e Zózimo aproveitava-se da intimidade

para encher a coluna com aquela celebridade das letras. Em 18 de junho, com o título “*Must*”, tirou um sarro do amigo:

- O grande *must* de Palo Alto em matéria de indumentária é a camiseta térmica de João Ubaldo. Não que esteja frio, muito pelo contrário, mas quando sopra aquele ventinho que vem do Alasca e se está na sombra os cinquentões ficam a um passo da gripe.
- Ubaldo, único imortal na Copa, resolve o problema com a camiseta térmica que tem jeito de ter sido comprada na boutique da Nasa.

Zózimo criou o truque de abrir a coluna com um editorial, o que ajudava a ocupar o espaço. Não era papel jogado fora. Funcionava como leitura comentada sobre a maneira de os jornais noticiarem o futebol do Brasil. Numa época ainda não on-line, fazia-se de *ombudsman* dos outros. Uma das curiosidades que apontou foi a de a Seleção ser unanimidade gloriosa entre os estrangeiros e, apesar de ir vencendo, tornar-se saco de pancada da imprensa paulista. Gostava do time e enfrentou o negativismo. Para o pessoal da Rede Bandeirantes fez a nota “Surpresa”, após o Brasil vencer os Estados Unidos por 1 x 0:

- Quem estava perto do locutor Juarez Soares, da TV Bandeirantes, não entendeu por que ele ficou petrificado e seu semblante exibiu expressão quase transtornada, de profunda decepção, quando Bebeto fez o gol da vitória.
- A surpreendente reação de Soares chegou a provocar um incidente.
- O repórter da TV Globo Telmo Zanini, poucos metros à frente, gritou “gol” com todas as forças que ainda lhe

sobravam e, ao olhar para trás e perceber o ar taciturno do locutor, não se conteve. Atirou-lhe, aos berros:

— Secador, secador.

Seis dias depois, com o título “Pingos nos ii”, Zózimo peitou uma tentativa de Juarez Soares de conseguir um desmentido.

- Chega de má-fé e enrolação.
- Esta coluna não disse que o locutor Juarez Soares torceu pelos Estados Unidos contra o Brasil.
- Relatou apenas um fato testemunhado por dezenas de pessoas: quando Bebeto marcou o gol da vitória, Soares ficou apoplético, deu um murro na mesa e passou a exibir uma expressão de fúria incontida. (...)
- O único detalhe omitido — em consideração ao próprio locutor — foi o palavrão com que Zanini o insultou.
- O resto é blá-blá-blá.

Para a *Folha de S.Paulo*, que comentou a rivalidade, mandou, em “Jeca”:

- Funcionária do Departamento de Marketing, a *ombudsmãe* da *Folha*, uma vez por mês em média, faz desaforos para *O Globo*. Jeca como ela só, inventou agora uma tentativa desse jornal de criar polêmica do gênero carioca *versus* paulistas a propósito da Seleção brasileira.
- O problema de dona Jânia é de queí ou de tepeême.

Jânia, no caso, era um trocadilho com Júnia Nogueira de Sá, a *ombudsman* da *Folha*.

Outra guerra de jornalistas por pouco não aconteceu. Quem andava por perto de Zózimo era outro inimigo seu na imprensa esportiva, o locutor Orlando Batista. Nos anos 1970, Zózimo o

criticara por uma verborragia qualquer, pois Orlando era notório pelo uso de quanto mais palavras melhor, e se fossem de muitas sílabas, melhor ainda. O locutor ficara furioso e mandara brasa em seu programa na Rádio Mauá: “Hoje não vamos falar de futebol, mas de um cidadão que nos atacou injustamente através de sua coluna social, que é lida somente pelas dondocas da sociedade que não têm o que fazer. O senhor Zózimo Barrozo do Amaral teve a ousadia de nos criticar desonrosamente. Meus amigos, este senhor Zózimo é conhecido por filar a boia dos ricos. Ele chega quando o jantar já está servido e come os restos. Parece o pessoal que chega no final da feira para comprar os legumes mais podres e baratos. A diferença é que ele não paga nada. Seu Zózimo não passa de um xepeiro das mesas dos grã-finos. É isso que ele é, um xepeeeeeiro! Xepeeeeeiro!” Por muito tempo os colegas no *JB* brincaram com ele, chamando-o de “xepeeeeeiro”, sempre imitando a voz exaltada de Orlando Batista. Pois em 1994, Orlando Batista e o filho, também radialista, Luiz Orlando, cruzaram várias vezes nos estádios com o colunista, porém sem se atirarem legumes podres e baratos uns nos outros.

Inimigos fora, Zózimo realizou seu *mix* de informações com a graça de sempre, e não faltou um ingrediente fundamental — o mulhero. Publicava a foto de uma mulher bonita, muitas vezes clicada por ele mesmo no perímetro em que ficara hospedado. Gostava de ir, por exemplo, à Casa da Brahma, aberta para receber jornalistas e craques nas folgas entre os jogos. No mesmo dia em que publicou a foto da loura Karina Oliva (“a gata número um de Los Gatos”), informava em outro canto da coluna, com o título “Loucurita”:

- E a Christina Trielli, hem?
- Loucura.
- Amanhã a gente mostra.

E no dia seguinte estava lá, posando meio sem jeito para as lentes de Zózimo, a morena (“o sorriso da estonteante Christina Trielli em Los Gatos, uma atração a mais na Copa do Mundo”). Foram muitas as musas da temporada, algumas surgidas em notas bilíngues:

- *We’ve just met a girl named Amanda*aaaa.
- É capaz de fazer um *dry martini* que não é deste planeta.

A ausência de notícias não esportivas tornava um sacrifício o garimpo das notas. Zózimo tinha experiência desses vazios e ia lançando mão de seus truques. Nas Olimpíadas de 1992, em Barcelona, quando se viu sem o indispensável dicionário, mandou pela coluna um recado humoradamente desesperado para a mulher: “Dorita, afanaram o meu *Aurélio!*” Mais adiante foi a vez de “Furto”, onde reclamava: “Dorita, roubaram o meu sossego!” — e sabe-se lá o que dessa vez tinham levado. Na Copa dos Estados Unidos, burlou a falta de assunto no largo intervalo entre os jogos com notas sobre o que ia de pândego nos bastidores do torneio. É o caso de “Morbidez”:

- Seis dólares é quanto custa um bilhete para visitar a janela da qual supostamente Lee Oswald alvejou mortalmente o presidente John Kennedy.
- Se dependesse desta coluna, quem engendrou a atração morreria falidinho da silva.
- A morbidez tem limites.

Não poupou sarcasmo com o populacho que tinha ido para lá com a torcida, descrevendo cenas típicas ao gosto de um cronista:

- A brazucada é mesmo capaz de produzir episódios impagáveis.
- Como o do rapaz de camisa canarinho, bermuda e sandália de dedão, que entrou numa cafeteria e, misturando português com inglês, perguntou desembaraçadamente ao rapaz que atendia no balcão:
 - Tem *fried eggs*?
 - *Sure*.
- Minutos depois viu perplexo aterrissar à sua frente, alinhados lado a lado numa travessa, dez ovos fritos.

Os que conheciam Zózimo preocupavam-se com o excessivo número de notas em que o perfume do álcool estava entre as vírgulas. Em quase toda coluna havia um bar servindo de assunto ou cenário. Em “Point” já dava dicas de quem estava por dentro daquele roteiro:

- Um bar.
- E que bar!
- O Stickney’s.
- Sobretudo se você for servido pela Janice, uma garçonete para pinguço nenhum botar defeito.
- A 600 metros do Centro de Imprensa do estádio de Stanford.

No dia 15 de julho, a Copa aproximando-se do fim, ele publicou a foto da *bartender* Melanie. Deixou de lado os pruridos de estar escrevendo para um jornal brasileiro e mais uma vez fez em inglês metade da legenda, que se parecia com a que dera sobre Amanda:

- Meeeeelanie! *We've just met a girl named Meeeeelanie!* Serve drinks no bar do Marriott e exibe uma saia preta rasgada no lado até o alto da perna que embriaga a clientela antes de o copo chegar à mesa.

Adaptava piadas e as colocava em campo. Em 1º de julho, a bebida era servida com o título “Motel”:

- De um porrista inglês, roxo de indignação no bar do hotel ao perceber que ao seu lado um cidadão acabava de pedir um copo d’água:
— Como você tem coragem? É nojento. Não percebe que os peixes trepam dentro dela?

O inevitável acabou acontecendo. Estava no mesmo hotel da equipe do *Globo* o jovem Bernard Monteiro, filho do jornalista Rogério “Senador” Monteiro. Bernard não bebia, e Henrique Caban, na chefia da equipe, escalou-o para acompanhar Zózimo. Foram à Disney, por exemplo. Zózimo precisou de um carro para ir até San Francisco, onde estavam os cartolas da CBF, e Caban só permitiu se Bernard fosse dirigindo. E assim foi, tudo dando certo, o jovem e o colunista amicíssimos e sóbrios.

No terceiro jogo da primeira fase, no entanto, o Brasil foi a Detroit jogar contra a Suécia e nem Bernard nem Caban, este envolvido com a conferência da Associação Americana de Jornais, em Las Vegas, puderam ir. O Brasil empatou o jogo. Zózimo foi derrotado. Ele estava no bar do Radisson Plaza, em Detroit, no sábado 25 de junho, concentrando-se para a partida da terça-feira, 28, quando caiu fulminado por doses a mais. Os amigos tentaram levá-lo para o quarto, por se tratar de apenas um porre, mas a direção do hotel não permitiu. Ligou para os paramédicos e logo duas ambulâncias com o

estardalhaço de suas sirenes chegaram. No prontuário, o médico diagnosticou “coma alcoólico”. Quando acordou, no hospital, estavam a seu lado o companheiro João Ubaldo e um médico de dois metros, quase um jogador de basquete. “Eu não vou ficar aqui”, vociferava Zózimo, com as forças possíveis, tentando se levantar. “Ou o senhor deita ou vou ser obrigado a amarrá-lo na cama”, rebateu o médico.

Zózimo permaneceu o dia inteiro no hospital e a coluna durante dois dias foi enviada graças aos esforços da equipe. Cada repórter colaborava com o que podia, no entanto, como também tinha que fazer o trabalho para o qual estava escalado, ficava pesado pensar em notinhas. Caban informou Evandro, no Rio, sobre a situação. Ouviu dele que Zózimo era especial e deveria ser dada mais uma chance. Se não se recuperasse, talvez, quem sabe, seria publicada uma nota dizendo que o colunista caíra doente e o jornal estava suspendendo sua participação. Não foi preciso.

Zózimo diminuiu o ritmo alcoólico, mas ajustou as contas com o que julgou excesso das autoridades médicas. Publicou uma espinafração no Departamento de Controle de Bebidas Alcoólicas:

- Desde a vitória do Brasil sobre a Suécia entrou em cena mais uma face da proverbial babaquice americana pelas mãos de uma sinistra e truculenta organização que atende pela sigla de ABC (Department of Alcoholic Beverage Control).
- É um pessoalzinho de lascar: entra nos bares e aterroriza quem vê de copo na mão, prende com algemas quem está mais pra lá do que pra cá, autua *barmen* e tem poderes para caçar a licença para venda de álcool aos donos das casas. (...)
- A caça do ABC a tranquilos pinguços lembra muito a ação policial em outra Copa, a da Argentina, em 78. Aquela

que foi disputada sob a sangrenta proteção da ditadura do nefando general Jorge Videla.

Entre mortos e feridos, salvaram-se todos e a Copa do Mundo pela quarta vez era nossa. Em 15 de julho, usando interjeições como se fossem fogos explodindo, Zózimo já se sentia campeão (o Brasil só levantaria a taça dois dias depois). Começava a encerrar a temporada americana publicando uma nota que era puro orgulho:

- Ontem, 14 de julho, um ano de coluna.
- O tempo passa, o tempo voa, e neguinho aqui continua numa boaaaaa!!!!

39

Na terça-feira 29 de novembro de 1994, Zózimo publicou uma nota sem título, quase um editorial, versando, irado, sobre questões morais. Era uma espinafração em alguém que lhe tinha feito uma trapaça. Ninguém poderia supor que ele se referia ao amigo Ricardo Boechat, o *Swann* da coluna do primeiro caderno.

- Entre as experiências estimulantes proporcionadas pela redação de um jornal estão o companheirismo e a lealdade.
- Quando acontecem.
- Quando não acontecem, deságua-se sempre na mesma e inelutável constatação.
- Caráter não é artigo que se compre em loja.
- Ou se tem ou não se tem.

Em 1989, a amizade entre Zózimo e Boechat tinha levado os dois colunistas a se unirem para fazer uma brincadeira com Sonia Racy, nova colunista de *O Estado de S. Paulo*, havia pouco mais de dois meses no cargo. No mesmo dia, numa evidente operação casada, os dois deram, cada um em seu jornal, praticamente com o mesmo texto, uma nota que a paulista jamais entenderia. A de Zózimo dizia:

- Não convidem para a mesma mesa as colunistas Sonia e Racy.
- As divergências entre as duas são incontornáveis.

A de Boechat especulava que Sonia e Racy brigaram “pela primazia de enfrentar a aridez das sextas-feiras plantando

abobrinhas agrotóxicas”. Era uma piada cifrada com a necessidade que os colunistas têm de, às sextas-feiras, quando fecham várias colunas, dar asas à imaginação para criar “abobrinhas”, assuntos sem importância mas capazes de ocupar com palavrinhas a imensa horta jornalística sob suas responsabilidades.

A jovem Racy, perplexa, mas se sentindo “homenageada” pelos veteranos, procurou uma explicação com Augusto Nunes, diretor de redação do *Estadão*, amigo de Zózimo e Boechat. O chefe, que ela suspeitava fazer parte da armação, mandou que respondesse à altura — e aí foi a vez de, no dia seguinte, a colunista paulista alertar seus leitores. Que ninguém convidasse os dois cariocas para uma festa, pois tinham se tornado inimigos.

Zózimo e Boechat ostentavam um velho histórico de amizade, com dezenas de brincadeiras como a de Racy. Passavam fins de semana no Méditerranée com as respectivas famílias. Os temperamentos, no entanto, eram bem diferentes. Zózimo, suave, não à toa era chamado pelos amigos de “Barrozinho”; Boechat, sempre a mil, também carregava uma boa definição de princípios num apelido dado por amigos. Certa vez ele estava na fazenda do banqueiro Ronaldo Cezar Coelho, em Vassouras, no estado do Rio, com Zózimo, Henrique Schiller de Mayrinck e Roberto D’Ávila. Divertiam-se na piscina quando o filho de Boechat, Rafael, cinco anos, puxou, de farra, o calção de D’Ávila. Mais tarde, ao levar o troco, emburrou. “Pô, Boechat”, disse D’Ávila, sem jeito, “esse teu filho é mais mal-humorado que o Chernenko”, referindo-se ao presidente da hoje extinta União Soviética. Todos riram. Passaram a chamar o menino de “Chernenkinho” e a Boechat de “Chernenko”, devido também, como o próprio admite, a seu temperamento de “dar eventuais pontapés na própria sombra”.

A boa relação entre o suave “Barrozinho” e o inquieto “Chernenko” conseguia sobreviver ao inevitável, mas nunca declarado, desconforto de estarem agora trabalhando no mesmo jornal. Algumas fontes serviam aos dois colunistas, tentando agradar a cada um em suas especialidades. Boechat era mais *hard news*, vinte e quatro horas enfurecidamente dedicadas a catar notícias, de preferência as que a redação chamava de “denúncias”. Andava numa fase espetacular, com furos atrás de furos (o superfaturamento das fardas do Exército, o estouro de um cassino clandestino num clube de bacanas da Gávea, o plágio do escritor José Guilherme Merquior em artigo assinado pelo presidente Fernando Collor etc.). Zózimo definia-se mais pela “insustentável leveza do ser”. Entretanto a operação dos dois era a mesma: correr atrás da notícia. Se “Barrozinho” queria o leitor morrendo de rir, “Chernenko” queria-o indignado.

“Era uma disputa, sim”, reconhece Boechat. “Não havia como ignorar que duas colunas com dois titulares com a mesma trajetória estavam superpostas no jornal. Por mais que a dele tivesse esse DNA mais leve, a ossatura era a mesma de qualquer coluna. Estávamos atrás da informação exclusiva. O Barrozinho procurava fazer isso sem que se configurasse nada hostil. Nunca se posicionou como alguém que competia pela notícia. Não era da natureza dele, embora tenha feito sua trajetória com grandes notícias. Eu é que me colocava assim.”

A direção da redação tinha trabalhado para aplacar os ciúmes. Com a ida de Zózimo para *O Globo*, ganhando quatro vezes mais que ele, Boechat conseguiu um aumento de salário. O cotidiano seguia na paz (em algumas ausências de Zózimo, Boechat socorria cedendo notas a quem estivesse na coluna), até que o álcool, sempre ele, agora em forma de cerveja derramada, ameaçou fazer tudo escorrer pelo ralo. Os dois colunistas brigavam por causa de uma informação — esse era o

motivo do editorial enfurecido de Zózimo — sobre a cervejaria Brahma e seu contratado número um, o cantor Roberto Carlos. No domingo 27 de novembro, Zózimo publicava em “Briga feia”:

- Estão estremecidas as relações de Roberto Carlos com o seu principal patrocinador, a Brahma.
- O pau comeu esta semana entre o cantor e o alto-comando da cervejaria, e o desenlace poderá ser a não renovação, em fevereiro próximo, do contrato que os une.
- Além do cancelamento de um último comercial para a TV acertado, a duras penas, entre o rei e a empresa.

No mesmo domingo, no primeiro caderno, a coluna do *Swann* noticiava o contrário na nota “Nº 1”:

- Roberto Carlos renovou na sexta-feira seu contrato com a Brahma.
- As cifras do acordo estabeleceram um novo recorde no *cast* publicitário da cervejaria.
- Isso porque nos próximos anúncios o cantor não apenas emprestará a sua imagem à cervejaria.
- Pela primeira vez na vida, aparecerá em anúncios falando das qualidades da bebida.

A nota de Boechat era a certa. Irritado pela desmoralização, Zózimo estrilou pelo jornal de terça-feira a traição que o amigo, ou já seria ex-amigo?, poderia ter evitado no jornal de domingo. Chegava a público a operação de bastidores dos colunistas.

O *Segundo Caderno* de domingo fechava na noite de quinta para sexta. As tiragens dominicais eram sensacionais. O *Globo* estava em torno dos 600 mil, todos os jornais impulsionados

por uma estratégia de marketing que presenteava os leitores com brindes como painelas, fascículos da Bíblia, CDs etc. Para não sobrecarregar o parque gráfico e não atrasar a chegada às bancas, a edição de domingo ia sendo rodada aos poucos. O *Segundo Caderno*, onde a coluna de Zózimo era publicada, fechava com quarenta e oito horas de antecedência. Na tarde de sexta-feira começava a ser encartado, junto com outros cadernos “frios”, ou seja, com notícias menos apegadas ao fato do dia. No primeiro caderno, com direito a fechar só na sexta, ficava o *Swann* de Boechat.

Zózimo, então, fechara a nota sobre RC na quinta à noite. Exemplares do *Segundo Caderno* já circulavam na redação, prontos, impressos, na tarde de sexta. À noite, quando entregou sua coluna de domingo com a nota sobre o mesmo assunto, Boechat ouviu de um editor executivo que Zózimo estava dando nota também sobre a Brahma — e dizia o contrário. Boechat leu a nota de Zózimo. Tinha certeza de que a sua era a informação correta, pois havia sido passada à coluna por Dody Sirena, o empresário do “Rei”. Chegou a pensar em pegar de volta a coluna e retirar a sua nota para não expor o amigo ao ridículo. “Se essa nota não está coincidindo com a do Barrozinho e a dele já fechou, vou jogar essa merda fora”, conjecturou.

Nem precisava jogar “a merda” fora. Era mais simples: podia segurar a nota por uns dias. Quando todos tivessem esquecido a informação de Zózimo, voltaria com algo do tipo “reviravolta na transa de RC e Brahma”. Mas a tensão do fechamento venceu. A página em branco pedia algo quente para a edição dominical, a de maior número de leitores. Já na madrugada para o sábado, extenuado por fechar duas colunas, a do sábado e a do domingo, Boechat acionou a tecla F — e fechou a coluna com “a merda” da nota que desmentia a de Zózimo.

Ele desconhecia um agravante que naqueles dias sensibilizava a paranoia de Zózimo. Na coluna de sábado, fechada na quinta, portanto antes de toda a confusão sobre Brahma e RC, ele incluía uma nota enigmática, decifrada apenas pelo público interno da redação. Continha a mesma pontuação da ira enfática contra inimigos ocultos. Com o título “Macacada”, em 26 de novembro de 1994, dizia:

- Entre as notas em primeira mão publicadas esta semana pela coluna, uma denunciava a manobra para se estender por mais um mês o mandato dos deputados estaduais do Rio e a outra revelava que o INSS iria cassar a aposentadoria do deputado José Nader.
- Depois da publicação, a macacada saiu correndo atrás e deu as duas notícias no dia seguinte.
- Como se tivesse descoberto a pólvora.

A “macacada” era a turma da reportagem geral. Zózimo desconfiava que os pauteiros daquela editoria liam suas colunas com antecedência para pautar os repórteres a partir de suas notas, mas sem lhe dar o crédito nas matérias. Quando, depois de desconfiar de todos os repórteres de Cidade da casa, Boechat lhe deu a rasteira, Zózimo ficou aborrecido para valer. Estava havia pouco mais de um ano no *Globo*, era bem tratado, recebia sinais de acarinamento, todavia ainda não podia se considerar em casa. Foi aí que aumentou o volume na nota sobre “o companheirismo e a lealdade”.

Boechat percebeu que a estocada era com ele, mas não passou recibo. Ficou “puto”. Achou que o amigo (ex-amigo?) devia chegar na sua cara e botar tudo para fora. Ele se desculparia imediatamente, pois ao ver o jornal de domingo impresso percebeu que tinha errado. Não só editorialmente

(um colunista desmentindo o outro, em quem o pobre do leitor deveria confiar?), como também no plano do comportamento.

A agressividade de Boechat justificava-se, segundo ele, pela necessidade de sobrevivência. Ele ficara impressionado com o esforço do *Globo* em tirar Zózimo do *JB* por 15 mil dólares mensais. Temia perder o emprego. Em suas especulações noturnas, a cabeça no travesseiro, o jornal começava um processo para acabar com *Swann* e deixar a página livre para a publicação de notícias mais ao feitio do primeiro caderno, sem a intromissão de uma coluna como as que ele fazia, com fotos de senhoras da sociedade e outras levezas. Isso era coisa de *Segundo Caderno*, voltado para cultura e comportamento, e era para lá que o jornal levava Zózimo. Portanto, não precisariam mais de colunista no primeiro. Os perfis eram próximos, para que gastar com dois? Definitivamente, pensava Boechat, estava com os dias contados — e passou a entender qualquer mexida no tabuleiro como ameaça à sua integridade. Tinha quatro filhos na época, precisava do trabalho. Não seria surpresa se alguém da direção viesse com a despedida: “Obrigado, Boechat, mas agora temos o Zózimo.”

Os pelos do colunista estavam eriçados a qualquer sintoma que confirmasse o horizonte que julgava ter sido traçado para ele pela direção do *Globo*. Foi nesse contexto, além da tensão do fechamento da edição na madrugada, que se deu a publicação da nota RC x Brahma. Era a disputa real por prestígio. O golpe em Zózimo poderia lhe angariar trunfos. Para agravar a situação, a *Veja Rio* publicaria, no dia 7 de dezembro, a nota “Roupa suja no planeta Globo”, em que tentava explicar a charada das notas. A revista dava o desdobramento do caso na redação com ironia:

No fogo cruzado, o diretor da redação, Evandro Carlos de Andrade, endossou a tese de espionagem adotada por

Zózimo — a Brahma teria sabido de sua nota e corrido a fechar o contrato —, mas garantiu que Boechat não estava envolvido na conspiração. Os colunistas acabaram se entendendo. “Ele jurou que a nota não se referia a mim, mas a uma situação”, diz Boechat. Os dois continuam trabalhando no mesmo endereço.

A história de que a Brahma correria a fechar o contrato para desmentir Zózimo é fantasiosa, claro, e a *Veja* não deu que o juramento de Zózimo havia sido insuficiente para aplacar o mal-estar. A roupa suja dos colunistas, e na imaginação do leitor eles só usavam *black tie*, estava no meio da rua. Por dois meses, a vida na redação seguiu desagradável para eles. A fofocada após a divulgação da *Veja* infernizara-lhes ainda mais a bÍlis. Cruzavam-se várias vezes, sem se falar. Um dia, no meio de uma roda que paparicava alguém que visitava o jornal, Zózimo — como se não houvesse acontecido nada, como se caráter fosse algo que merecesse uma segunda chance — chamou o colega que passava próximo. “Ô Boechat, vem aqui ouvir essa...” — e tocaram o barco, voltando imediatamente a ser os grandes amigos de vinte anos.

40

Quando a diminuta Chechênia, uma república da Rússia, na região do Cáucaso, rebelou-se, a paz internacional em 1994 não sofreu qualquer abalo. No aquário de Zózimo, no entanto, as gargalhadas soavam como bombas. Era mais uma republiqueta querendo fazer valer seus valores nacionais diante de uma União Soviética esfacelada, era outra crise separatista na nova geopolítica — um aborrecimento para a editoria Internacional. Mas a sonoridade daquele nome friccionava, sacana, com outra palavra do vulgo carioca, e, como é típico nos processos criativos, Zózimo encontrou também aí o estalo que lhe dava o material de brilho. A primeira nota saiu em 19 de dezembro:

- E a Chechênia, hem?
- Chechênia, capital Clitória.

Às voltas com a rotina depois da temporada na Copa dos Estados Unidos, o humor do colunista soava esperto e a cidade comentava a artimanha de sua nova série de notas. Como nos bons tempos do *JB*, ele pegava o telefone e falava com Manuel Águeda, Sérgio Figueiredo ou algum outro amigo. Nem sempre para ouvir novas notas — queria, por exemplo, ler as que tinha acabado de escrever sobre a chanchada na antiga Cortina de Ferro. Em suas teclas, a Chechênia era deslocada da pompa grave da geografia política para a bandalha da geopornografia municipal, aquela que poderia estar sendo deflagrada em qualquer botequim da rua Irineu Marinho. Claro, com o tom certo da pena de Zózimo, capaz de refinar o chucro. Foi um chorrilho de notas hilárias.

- E a situação da Chechênia, hem?
- Está cabeluda.

No meio da brincadeira, em 22 de dezembro, Zózimo fingiu que encararia a Chechênia, com toda a dramaticidade de poder irromper dali uma guerra sangrenta. O título era “A sério”.

- Não se resume à Chechênia os problemas da Rússia com o separatismo.
- Há, perto dali, uma outra república russa em crise latejante e crescente.
- A Karélia.

Valéria Blanc e Vanessa Bueno, nas mesas ao lado da de Zózimo, eram as primeiras ouvintes das pequenas peças. Achavam algo machista, mas, em geral, riam muito, e mais ainda da felicidade com que ele, agora passado dos cinquenta anos, lia, moleque, aquele besteiro de classe. Misturadas ao noticiário, davam um *mix* irresistível. Algumas dessas notas surgiam de conversas com amigos ao telefone, e Rogério “Senador” Monteiro, Ricardo Amaral e Roberto Kreimer continuavam a ser parceiros constantes de criação. Outras assinaturas eram as de Roberto Irineu Marinho e Luiz Eduardo Borgerth, diretamente do prédio da TV Globo, no Jardim Botânico.

Num momento da refrega, a Chechênia parecia querer sair do Cáucaso russo para se espalhar pelo mundo e alcançar territórios que nem o mais perspicaz estrategista poderia imaginar — só mesmo o general Zózimo, que, de guerras, só tinha como experiência a participação como militar americano no filme de Henfil. “A Chechênia ameaça aderir ao Peru no conflito com o Equador.” O mundo estava sendo reinventado na coluna de Zózimo, com novos países e blocos: “As tropas

russas refazem as energias para nova arremetida na Chechênia. Agrupam-se em Pola.”

Era quase infantil. Soava também como uma conversa de bar, de salão de barbeiro, de arquibancada do Flamengo. Zózimo ia em frente com seu manual de redação exclusivo: humor, informação, inteligência e o que mais pintasse pelo caminho. Só Hildegard Angel, aos sábados, ainda insistia nos casamentos e aniversários. Um produto que no início queria reproduzir as conversas dos salões chiques da cidade, a coluna social com Zózimo sacava os tempos modernos. Le Bec Fin, o palácio da gastronomia fina das décadas anteriores, vivia agora com bicheiros e militares saudosos da ditadura. O mundo estava tão mudado que a Chechênia era aqui! “Só há uma solução para a Chechênia”, Zózimo anunciou, como se mais uma vez fosse falar a sério sobre o assunto. “O dedo do Jimmy Carter”, disse, referindo-se ao ex-presidente americano que se notabilizava como gerente suave de crises internacionais.

Num dia, usou a Chechênia para fazer o seu famoso *twist* com o sentido das palavras e as informações disponíveis na praça. Pegou uma notícia que já havia saído nos jornais: o conservadorismo da recém-lançada edição russa da revista *Playboy*. Nela, ao contrário de suas congêneres em outros países, não havia nus frontais — e aí, nesse moralismo pós-comunista, entrava o dedo de Zózimo. “No máximo, calcinhas e, exagerando, uma peitoca aqui e outra acolá”, dizia a nota, para em seguida penetrar fundo no que interessava: “Logo na Rússia, vizinha da Chechênia.”

O repertório de notas sobre a inquieta Chechênia fechou um ano em que pelo menos outras duas vezes ele já havia chamado atenção dos leitores com a tática de lançar um punhado delas, em sequência, sobre o mesmo assunto. Antes de botar sua picardia na Chechênia, havia se esbaldado com Itamar Franco — e, claro, tinha Chechênia na parada. Zózimo achava o

presidente um caipira risível, e a performance de Sua Excelência no Carnaval carioca de 1994 era o que ele queria demonstrar. Itamar foi fotografado ao lado de uma modelo, Lilian Ramos, moça que se exibia em público de um jeito mais radical que as *playmates* russas. Ela foi fotografada ao lado de Itamar, em pleno camarote da Sapucaí, de um ângulo que dava para ver que não usava calcinha por baixo da camiseta comprida que se fazia de vestido. A República quase caiu. Zózimo caiu de rir e não perdoou:

- Há quem seja bom de cama. E há quem seja bom de camarote.

Ou:

- Lilian Ramos confundiu aparição pública com aparição pública.

A coluna de 16 de fevereiro, Quarta-Feira de Cinzas, era praticamente só sobre o *pas de deux* desastrado do casal.

- É da maior importância evitar uma confusão frequentemente feita no Carnaval que passou.
- Sapucaí com Saputaí.

Por vários dias Zózimo tratou da Chechênia, ou melhor, da genitália desnuda de Lilian. Fez barba, cabelo e bigode. Depilou todos os sentidos que o evento podia provocar. Em alguns momentos pegou pesado, como na coluna em que reproduziu, com direito a endereço e telefone, o cartão profissional de Lilian Ramos. Na legenda, escreveu: “O serviço de utilidade pública desta coluna reproduz o cartão de visita mais famoso, festejado, solicitado e disputado do Carnaval.”

Aproveitou que o Brasil estava com uma moeda provisória, no período de transição entre o cruzeiro real e o real, atrelada a um índice de Unidade Real de Valor (URV), e, sem medir palavras ou bom gosto, imprimiu sob o título “Voz do povo”:

- Depois do que aconteceu na Sapucaí, o povo escolheu um novo significado para a sigla URV: Unidade de Referência Vaginal.

Ou:

- Lilian Ramos está inclinada a escrever um livro sobre estratégia econômica: *Como abrir com sucesso o seu negócio no Rio*.

Quem mais, como na nota acima, se lembraria de sapecar o perfeitíssimo verbo “inclinare” para encher de malícia sutil a nota? Ele traduzia com alguma elegância, pelo menos vernacular, o que no botequim Pavão Azul, em Copacabana, mereceria palavras mais duras. Uma fonte do colunista telefonou para faturar politicamente o caso e ainda demonstrar erudição. Acabou ganhando uma notinha:

- O governador Antônio Carlos Magalhães tem na ponta da língua, repetindo-a aos amigos, uma sábia sentença de Santo Agostinho:
— Não podendo ser casto, sede cauto.

Cauto — palavrinha que o *Aurélio* de Zózimo registra como alguém “dotado de cautela e precaução”. A falta de calcinha da moça resvalou para uma acusação de “falta de decoro presidencial”, sem que o Congresso desse continuidade ao processo. Durante a semana entre o Carnaval e o desfile das campeãs, um período difícil para a colheita de notícias, era

visível que informação nova passara a ser detalhe para a coluna. Zózimo queria se divertir à grande com Itamar. Segundo o colunista, tinha sido o primeiro presidente a ir a um desfile de escolas de samba. “E seria também o último”, garantia. Uma nota, no mais puro exemplo de que escrever bem é cortar palavras, dizia apenas:

- Presidente Itamar Franco.
- Que d-i-s-p-o-s-i-ç-ã-o!

O presidente ainda seria alvo da gozação de Zózimo quando se meteu num romance com June Drummond. A coluna batia na clave de que Itamar, trinta e dois anos mais velho, queria enrolar a moça, que, por sua vez, estaria buscando desesperadamente um bom casamento. Numa das últimas notas de 1994, Zózimo juntou esses personagens que lhe garantiram o sucesso da temporada e fez uma nota com o título “O presente do Itamar”. A apuração era de Rodolfo Fernandes, o molho final, de Zózimo. O texto ameaçava tom de notícia séria, mas o colunista não conseguia manter a pose:

- Revelado pela coluna, deixa agora de ser surpresa para o presidente Itamar Franco o presente que receberá no Réveillon dado pelos ministros que romperão o ano em sua companhia no Palácio Jaburu.
- O rachuncho deu para comprar um belo tapete caucasiano.
- A escolha teve a assessoria da primeira namorada, June Drummond.
- O presente não poderia ser mais sugestivo.
- Afinal, é no Cáucaso que se instala a não menos famosa Chechênia, que fabrica esse tipo de tapete.

Para terminar o ano, como se fossem votos de paz, Zózimo ainda voltou ao assunto que o obcecara durante os meses anteriores. A nota saiu no dia 28 de dezembro. Ainda se ouviam os sinos de Belém e já se anunciavam os fogos do Réveillon. Zózimo via esperança no futuro da humanidade e traduziu a seu modo o fim da grave crise militar iniciada no começo do semestre:

- Os russos amolecem.
- Estão saindo da Chechênia.

Paz na Chechênia, na Karélia, na Clitória e entre homens e mulheres, com ou sem calcinha, mas de boa vontade. Antes, porém, Zózimo sugeria que a ordem política naquele país tivesse acompanhamento brasileiro:

- Comenta-se em Brasília que caberá à atriz Lilian Ramos em breve uma posição importante.
- Embaixadora do Brasil na Chechênia.

Zózimo estava deitado na cama da mansão do Itanhangá, na Barra da Tijuca. De olhos vendados por uma máscara para dormir em avião, narrava com voz natural o que estava “vendo”: “Eu sou Nemésio e estou pregando os pés de Cristo na cruz.” A viagem ao passado era conduzida, com voz calma, sem transe, beberagem ou hipnotismo, por Carmen Viana. Fazia parte do método criado por ela de Reprogramação Genética do DNA, ou Salto Quântico Genético, teoria que misturava física quântica, psicanálise, teosofia, informática e outros conhecimentos que aos poucos ela ia relatando a seus viajantes do túnel do tempo.

Carmen levava todos às suas vidas anteriores. Conforme conta, dava-lhes “a oportunidade de mexer nas estruturas do DNA, invertendo a polaridade do campo magnético”. Era possível “visitar o passado, corrigir erros das células para que elas não repetissem os problemas nas vidas atual e futura”. Isso mesmo: através da regressão, voltar ao passado, eliminar a causa de algo negativo e, como consequência, alterar o presente para tratar de doenças tidas como incuráveis. Carmen podia reescrever a história da humanidade.

Zózimo, o debochado, o descrente, acreditou na proposta de Carmen (“o corpo humano é um computador que se comanda através da voz”). Na regressão, voltava ao início da Era Cristã, reportava-se como partícipe privilegiado, embora num papel de vilão, da crucificação do Salvador. Nos segundos seguintes à sua visão de ser Nemésio, ele sofreu um bloqueio e parou de mandar notícias. Perdeu a conexão com o passado. Carmen, com uma agenda lotada, pediu que ele descansasse, enquanto atenderia o diretor de óperas Fernando Bicudo.

Quando Bicudo deitou-se na cama do consultório, o quarto vibrou como se fosse um motor. Carmen diz ter ficado com dificuldade até de segurar a caneta. Bicudo regrediu no tempo e se viu na mesma cena da crucificação. Também estava aos pés da cruz, mas seu papel era positivo. Jesus se dirigia a ele com semblante suave. Passava-lhe a energia crítica e disse: “Cuide disso até o meu retorno.” Bicudo era o enviado de Cristo aos tempos modernos. Carmen pediu que interrompesse o relato e os dois saíram do quarto, no segundo andar da mansão. Zózimo, no andar inferior, de costas, pressentiu o movimento e olhou para o casal no alto da escada. Disse a Bicudo: “Já? Deve ter sido ótima a sessão, porque você está fulgurante.” Fernando Bicudo, os longos cabelos louros cercados de luz, como se fosse uma bola de energia — na descrição de Carmen —, desceu a escada. Ajoelhou-se diante de Zózimo, beijou-lhe os pés e disse: “Eu te perdoo.” Zózimo começou a chorar — e até aí, vinte anos depois, Fernando Bicudo ainda se lembra bem das cenas. O que vem em seguida continua sendo relatado a partir das memórias da terapeuta.

Abre-se um buraco no peito de Zózimo e de lá sai uma massa preta, uma pasta repugnante como um bebê deformado em que se distingue um olho aqui, um punhado de dentes ali, e o resto é lama. O jornalista leva um susto com aquele assombro que lhe sai do peito. Carmen o imobiliza por trás com uma das mãos. Com a outra, pega a massa gosmenta e atira pela janela da casa. Naquele momento passa um dos gatos da vizinha, a atriz Lucélia Santos. O bichano abocanha a coisa e sai correndo.

Carmen Viana fez a primeira sessão com Zózimo no dia 18 de novembro de 1994 e nos quatro dias seguintes ele não saiu da mansão do Itanhangá. Um ano antes, ela era apenas a pacata proprietária de uma empresa de autopeças nos Estados Unidos. Tocava a vida cuidando dos filhos, sempre interessada

em física e teosofia. Após um enfarte, isolou-se. Foi quando, pela primeira vez, aplicou em si mesma a terapia de reprogramação, o mesmo processo usado com Zózimo e que estava provocando grande curiosidade entre artistas e gente da sociedade no Rio.

“Nós temos uma memória celular, presente em cada um dos 100 trilhões de células do corpo”, explicava a seus clientes. “Cada uma delas é um indivíduo, é você em miniatura, e cada uma cumpre ou não a sua função. Se ela cumprir a função dela, você tem uma vida maravilhosa. Se ela não cumprir, se ela for uma alcoólatra, uma drogada, ela vai comprometer todo o seu corpo. Nós trazemos um mecanismo de fábrica para fazer esse conserto, mas as religiões e os governos fizeram com que desaprendêssemos. Eu descobri esse acesso às células e mostro o caminho para que cada um re programe esse sistema avariado.”

Como se conversa com a célula? Como se reprograma a memória celular? Para toda pergunta Carmen tinha respostas longas e articuladas. “Esse é o meu pulo do gato. As crianças têm esse contato, mas com o tempo a gente vai se desconectando. Há cem anos eu seria chamada maga. É simples, é controle remoto, emissão de ondas. Eu descobri como interagir, qual a linguagem da programação que as suas células respondem. Cada célula responde com uma linguagem. Descobri como detectar isso através de sinais que estão no seu corpo. É um complexo, você é um algoritmo, você é uma função finita, mas com possibilidades interativas infinitas. Somos deuses presos dentro de uma casquinha de noz. A modulação da voz ajuda a chegar a esse ponto. Por exemplo, o treinador de cachorro dá um tom de voz para o cachorro obedecer. O dono fala a mesma palavra e o cachorro não obedece. O treinador fala e o cachorro obedece. É a subfrequência. Estamos limitados a 10% do nosso DNA. E o

restante, é lixo? Não. Ele obedece ao comando da sua voz. Se você disser ‘apaga’, ele apaga; ‘cria’, ele cria. Mas, enquanto isso, a gente está aqui, pagando imposto, sustentando vagabundo e se preocupando com a morte.”

Nem todo mundo acreditava em Carmen (“Já sei, você vai dizer que eu lavei o rosto de Jesus na via-crúcis!”, cortou a atriz Maitê Proença numa reunião na casa de Dorita). Carmen não discutia com os céticos. Era uma mulher sofisticada, bem-vestida, bonita, rosto grande e olhos puxados como os da cantora Maysa. Explicava com uma voz calma e misteriosa. Alguns a achavam com pose de sacerdotisa, outros, de bruxa. Misturava informática com citações de filme de ficção científica, psicanálise de Freud com salmos da Bíblia, cromoterapia com bioenergética. E, em geral — Maitê fora —, cativava suas plateias.

Carmen reprogramou as próprias células, pulou os problemas do enfarte e estava de volta ao mundo das autopeças em Nova York quando foi visitada por Vanisia Hugo Silva, uma médica carioca, ex-professora na faculdade de medicina de uma irmã de Carmen. Em meio ao trabalho de comandar uma ONG no Alto Amazonas, Vanisia recebeu a missão de procurá-la. “O pajé mandou que eu viesse aqui”, foi como a médica se apresentou a Carmen em Nova York.

Carmen passou a noite do Natal de 1993 fazendo o processo da reprogramação com Vanisia e ali, “em avisos mandados de outras eras”, recebeu a tarefa de seguir para o Brasil na Semana Santa. Era uma “missão crística”. Todos os envolvidos na crucificação estavam no Brasil e precisavam do trabalho dela para desprogramar o mal que tinham deixado na memória do Universo. Carmen Viana instalou-se no Rio, no Itanhangá (embaixo da Pedra da Gávea, “falo com ela”), e, enquanto procurava os personagens que viviam na cidade e tinham participado da agonia de Cristo, começou a atender clientes. As

sessões custavam em torno de mil dólares. Quem falou dela para Zózimo foi Sidney Pereira, relações-públicas de casas noturnas, e, naquele fim de 1994, dono de um restaurante em Ipanema.

Ele tinha feito o processo, também estava na crucificação. “Acessou” ainda outras vidas. Em 1193, foi o cavaleiro escocês Joe Proe e viu-se no momento da morte. A primeira regressão levou onze horas, Sidney perdeu seis quilos e durante a noite sonhou com Zózimo. Em formato de lua, o rosto do colunista lhe dizia: “Liga pra mim, você precisa me contar alguma coisa.” Sidney, meio sem jeito, preocupado com a reação do colunista, sempre cético e desconfiado, ligou. Às onze da manhã Zózimo já estava na redação, e embora, ou talvez por isso mesmo, ainda se queixasse de uma ressaca, gostou da história de cura através da visita ao passado. Deu uma desculpa para aceitar: “Quem vai adorar isso é a minha mulher, que curte essas coisas.” E telefonou para Dorita, pedindo que fizesse a produção do encontro.

Marcaram um jantar numa quarta-feira na cobertura de Dorita, e foi aí que convidaram Maitê Proença, o ator Vitor Fasano, Celidônio e Marialice. Dorita exclamou “fascinante!” quando, em meio ao metralhar de perguntas, Carmen disse: “Se você conseguir inverter o tempo, passado, presente e futuro serão acessados simultaneamente. Para mudar a história de uma vida tem-se que chegar à fonte, ao início, para encontrarmos onde foi cometido o erro, consertá-lo, refazer a programação e seguir em frente.” Zózimo ouvia tudo num canto, sem apartes, fumando. Na hora de se despedir, Carmen “viu” que ele tinha uma mancha vermelha no joelho. “Como está seu joelho?”, perguntou. Zózimo, segundo ela, teria ficado pálido, desconfortável, porque o machucado tinha sido resultado de um tombo no fim de uma noite de uísque. Como Carmen poderia estar vendo através do tecido da calça?

No dia seguinte, ele estava deitado na cama do Itanhangá enquanto relatava os pregos que fixava nos pés de Cristo. Apenas com uma túnica branca, Zózimo passou os quatro dias tomando banhos de sais, óleos e ervas diversas em banheiras do tipo ofurô. A limpeza do corpo, o auxílio de técnicas de meditação, os exercícios de ioga e banhos de luz nos chacras também eram utilizados por Carmen, numa tentativa de purificar e “facilitar o caminho para a terapia inverter a polaridade do campo magnético da pessoa e a memória vir à tona”.

Numa dessas visitas ao “computador” de Zózimo, Carmen chegou às células do pulmão. Perguntou de que cor elas eram e ele respondeu “roxo”. A técnica do processo entende que, com o paciente de olhos fechados, é o próprio corpo que responde — e o significado do roxo na cromoterapia é dor, sofrimento. Carmen continuou a arguição. O que aquela cor significava?

“Pré-câncer”, disparou Zózimo. “Ué, mas isso existe, Carmen?”

“Tanto existe que você está falando.”

“E agora, o que é que eu faço?”

“A resposta está dentro de você, pergunta.”

“Está dizendo que tenho três meses para parar de fumar e voltar aqui para reprogramar as células do pulmão”, continuou Zózimo, que naquele momento tinha, diagnosticado pela medicina clássica, apenas o enfisema pulmonar e a ameaça de que, se continuasse com quatro maços de cigarros diários, a coisa ficaria mais complicada. “Está dizendo que se eu não fizer isso morro em três anos com câncer de pulmão e metástase no cérebro.”

Foram muitos banhos de ofurô naqueles dias, um ritual de purificação que o levou, segundo Dorita, a ter uma experiência de se sentir transcendendo o corpo — Zózimo levitou. Nas várias regressões, o colunista viu-se também como um

coroinha que tinha sido violentado e assassinado por um padre. Outras personalidades de vidas passadas de Zózimo foram: John, um lenhador sofrido por ter sido abandonado pela mulher. Na Palestina, foi um pastor religioso. Mais adiante, traído pela mulher, Magda, com o melhor amigo, esfaqueou os dois até a morte. Foi um lenhador morto por uma matilha de lobos. Por diversas vezes encontrou-se com Dorita, foram amantes na Idade Média, pastores em paz cuidando de suas ovelhas. No século XV, tornou-se um marinheiro sempre bêbado que morreu afogado e sente o pulmão fragilizar-se. Teria sido esse o registro mais forte trazido para a vida atual.

No livro *Relatos de uma alma*, Dorita transcreve uma das experiências conforme diz ter ouvido do marido. Ela dá a voz a Zózimo, que descreve:

Entro por um túnel no qual há um facho de luz branca, onde só cabe uma pessoa. Vou subindo, subindo e de repente começo a sentir luzes saindo de dentro de mim. É como se eu não fosse mais uma pessoa, mas um espírito iluminado dentro de uma nuvem dourada. Vejo uma luz enorme, como se vários sóis estivessem nascendo ao mesmo tempo. Estou em frente ao infinito. As mãos, os pés são secundários e limitados. Estou fora e vendo o meu próprio corpo exatamente como estou vestido. Senti que não sou apenas matéria, sou o Universo e até ousar dizer que estou do tamanho de Deus. Deus está em mim e eu estou nele. Somos uma única coisa maravilhosa e não quero que isto acabe nunca. Sou a própria vida. A luz explode como se fosse um orgasmo alucinante e nesse momento cósmico sinto que nasci com o mundo, que todos somos parte de Deus e ele vai se expandindo através do amor. A matéria é uma ilusão. Estou flutuando acima de mim e consigo ver meu corpo

inerte. Jesus me diz para amá-Lo e estender este amor até onde puder.

O “orgasmo alucinante” a que Zózimo se refere seria, de acordo com Carmen, o Big-Bang. Ela explicara a ele que “a nossa ciência considera o Big-Bang a mitose de um óvulo cósmico, a concepção de um novo Universo”. Zózimo teria entrado naquela energia, “megaorgasmo”, e teria sido tomado por ela — “e aí”, segundo Carmen, “levitou em cima da cama, a mais de metro, se transformou em incorpóreo”. Mesmo energizado pelo Big-Bang e impressionado com a experiência de ter levitado, Zózimo deixou a casa no quarto dia. Para nunca mais. Conforme Dorita, o marido sempre inventava uma desculpa — “muito trabalho” era a mais frequente — para não atender aos chamamentos de Carmen e realizar novas sessões.

Carmen tinha sido sincera: “Dorita, há uma mancha no pulmão do Zózimo, mancha que não é constatada pelas radiografias porque não é física, é energética, espiritual, e ele precisa voltar à reprogramação para apagar esse *imprint* negativo.” Nenhum apelo foi suficiente. Carmen lembrava que durante o processo Zózimo tinha estado frente a frente com Jesus e Este passara ao colunista a missão de escrever a Sua verdadeira história, principalmente a relação com Maria Madalena e com os filhos que deixaram. Zózimo, em reuniões sociais onde encontrava a terapeuta, recusou-lhe várias vezes a proposta (“não posso, vão achar que o jornalista ficou maluco”). Nunca mais foi ao Itanhangá. Carmen não se impressionou: “O ser humano está programado para o sofrimento. O cérebro não se acostuma com a felicidade. Daí vem aquela cena do *Matrix*, onde o agente Mr. Smith precisa criar para os humanos uma máquina de sofrimento. Parece que existe um código tão primitivo que as pessoas não

acreditam, ‘não, eu sou uma pecadora, sou um miserável, tenho que pagar, eu tenho que...’.”

Zózimo nunca deu uma nota sobre a terapeuta, mas, sempre que solicitado, falava bem dela. A repórter Eliane Lobato, da revista *IstoÉ*, entrevistou Carmen, mas continuava com dúvidas sobre o mecanismo do processo. Não conseguia explicar direito, por escrito, o que acontecia, como se chegava a outras vidas, como alguém era capaz de reprogramar suas células — e Zózimo se prontificou a ajudá-la no trabalho. “O processo não pode ser explicado de uma maneira didática como você está querendo”, disse Zózimo. “Tem uma complexidade que escapa às reduções do jornalismo.”

Na reportagem “Cura pelo além” (“Uma empresária carioca trata pacientes fazendo com que eles ‘viajem’ em vidas passadas”), publicada em 14 de dezembro de 1994, Eliane escreveu:

Pode parecer impossível, mas o eternamente cético e insuspeito colunista Zózimo Barrozo do Amaral enfrentou o “tratamento” com sua mulher, Dorita Moraes Barros. Ao final, disse: “Não há explicação. Vi cenas de minhas vidas passadas. Parece absurdo para quem não vivenciou. Fiquei mais calmo. Passei a dar mais importância às coisas que têm valor.”

Zózimo falava bem de Carmen pelas costas, porém continuou distante. Dorita passou a frequentar a casa da terapeuta.

Eu tinha um problema de coluna seriíssimo. Passei por vários médicos, estive internada nos Estados Unidos e todos queriam operar. Nunca contei isso para a Carmen. Mesmo assim, um dia eu estava com ela e senti uma faca entrando

em mim. Sabe quando você ouve o barulho? Clac, clac. Eu senti uma coisa sair. Eu perguntei pra ela: o que está acontecendo? Eu tinha sido assassinada numa vida, e eu senti sair aquela faca de mim. Nunca mais tive dor. Entendi naquele momento o que é, em linguagem leiga, o “encosto”. É uma energia negativa que você carrega.

Dorita contava isso a Zózimo na esperança de que ele se entusiasmasse e a acompanhasse até Carmen para continuar o tratamento. “A primeira experiência foi tão impressionante, não conseguirei repeti-la”, era outra desculpa que dava para a esposa. Segundo Carmen, além dos problemas de saúde que teria resolvido, ele deixou de realizar a pauta dada por um editor especial, o próprio Jesus: “Quando uma missão não é cumprida, passa para o próximo da fila. A ordem de Jesus tinha sido clara, para que Zózimo reescrevesse sua história com Maria Madalena. Ele não cumpriu. Veio o Dan Brown e pronto, escreveu a nova versão de Cristo e Maria Madalena no *Código Da Vinci*. Ficou milionário. Era pra ser o Zózimo.”

Paulo de Deus era um mulato de mais de dois metros, o que fazia com que os colegas dissessem, juntando o sobrenome à altura, que ele via o mundo do alto de uma nuvem. Era um fotógrafo e o seu planeta, nos anos 1990, limitado pelas paredes das casas de Ricardo Amaral, seu patrão, era um jardim das delícias entre Hippopotamus, Banana Café, Gattopardo, Pizza Palace e qualquer outro estabelecimento que o empresário viesse a ter. Paulo de Deus se rotulava “*paparazzo* do bem”. Toda noite, entre as onze horas da noite e as seis da manhã, clicava pelo menos duzentas e dezesseis vezes o botão de sua Nikon e fazia rodar seis filmes Kodak de trinta e seis chapas, quatrocentas ASA, geralmente puxado para oitocentas a fim de permitir melhor impressão de luz. Muitas vezes, para economizar, eram usados filmes Ilford HP5. Eles vinham em grandes latas de alumínio e eram rebobinados para dentro de caixinhas originalmente da Kodak.

Paulo não tinha nada a ver com os dois mais famosos colegas de profissão noturna, astros da missão de jogar *flash* na cara da madrugada e registrar sua crônica desvairada. Um era o americano Weegee, dos anos 1930 e 40, que cobria principalmente os casos policiais e, quando mirava os ricos entrando nos teatros, fazia-o com risinho de escárnio crítico; o outro era o *paparazzo* também americano Ron Galella, dos anos 1960 e 70, que, depois de perder cinco dentes entre os dedos de um soco de Marlon Brando, começou a trabalhar com um capacete de jogador de futebol americano. Paulo era filho de uma doméstica e um operário. Não havia outro negro nas boates que frequentou, a não ser atrás do balcão. Ele se sentia em casa entre as almofadas zebreadas do Hippo. Desde 1987, ao

ser contratado pelo *Jornal do Commercio* para cobrir as festas pautadas pela coluna social de Ivan Monteiro, os bons salões da cidade eram seu cenário. Tomou gosto, e quando saiu do jornal ficou por ali.

Ricardo Amaral era o dono da ideia: ter um fotógrafo fixo toda noite para no dia seguinte distribuir fotos pelas redações. Ele próprio tinha sido colunista. Sabia a coisa linda que era ter na mesa, já pela manhã, uma foto inédita, quentinha, de uma gata fazendo charme. A possibilidade de ser publicada com o nome da casa na legenda era enorme. E, na noite do Rio, as mulheres procuravam entrar no foco de Paulo de Deus porque sabiam onde ia parar aquilo — dois dias depois elas apareceriam, lindas e divertidas, com o melhor sorriso da coleção, na coluna *Zózimo*. Podiam ser descobertas por um milionário, um diretor de cinema, ou recolheriam mais uma cena para a caixa de retratos — os propósitos de uma mulher que frequenta a noite são variados.

Amaral pagava pouco, mas Paulo de Deus não reclamava. O contato com os endinheirados rendia outros trabalhos, de casamentos a batizados. Além disso, havia as colunas sociais dos jornais. A de *Zózimo*, onde publicou mais de trezentas fotos (servia como um *book* para as modelos), era a consagração de sua grife de “fotógrafo a favor”. A senhora poderia estar com o rímel borrado, o cabelo esparramado — nada disso seria fotografado. Paulo de Deus, solidário àquele que lhe emprestara o sobrenome, só se interessava pela humanidade nos seus momentos de beleza e bom enquadramento. Usava para as fotos o mesmo critério do escritor Álvaro Moreyra para selecionar as memórias de seu livro, *As amargas, não*. Toda tarde Paulo levava para a apreciação de *Zózimo* uma coleção de cinquenta fotos, copiadas no laboratório de casa. Eram em papel brilhante da Kodak, 10 x 15, pilhas daquilo que já merecera reflexão de

Millôr. “Olho com atenção as fotografias das colunas sociais”, escreveu, “e não vejo ninguém suando honestamente.”

As fotos das colunas mudaram muito com o tempo, não o suficiente para Millôr reescrever o que achava do suor que pingava ali. Paulo de Deus, longe de discutir a integridade do suor alheio, notou que precisava imprimir nas imagens novos rostos, pois foi percebendo que Zózimo procurava um outro tipo de foto. Passara anos publicando senhoras de roupas austeras, sentadas em mesas de restaurante ou de alguma festa. Elas encaravam a câmera com o olhar reprimido, tensas, preocupadas em se mostrar educadas. Zózimo não se interessava mais por essas *socialites* fazendo o antigo elegante. Também não se impressionava com as celebridades artísticas que à noite passavam aos montes na frente da câmera. Zózimo queria carne nova. “Eu nem conheço essas meninas”, dizia, “mas acho que uma mulherzinha bonita, gostosa, sempre enfeitada. Se você for restringir o nível de fotografia da coluna a senhoras mais velhas, a coluna fica para baixo. O leitor fica mais *up* com uma foto da Márcia Dornelles ou da Marcella Prado do que com uma da Perla Lucena. Ou não?”

Ele não queria mais as colunáveis d’antanho porque eram exatamente isso, de tempos idos. Ele continuava vivo e carente de novas atrações. Pedia agora as modelos que queriam aparecer a qualquer preço, a qualquer clique — as “coxonáveis”. Paulo de Deus — e mais Rogério Ehrlich e Ronaldo Zanon, todos do Hippopotamus, em épocas diferentes — notou que Zózimo “avançava em toda foto que tivesse muitas coxas, braços, ombros e seios à mostra”. “Eu disse ‘ah, é’, e comecei a dar o que ele queria.” O Rio, celeiro dessas personagens, cidade da garota de Ipanema (Giovanna Antonelli apareceu pela primeira vez na coluna de Zózimo clicada por Paulo de Deus no Hippo), vivia fase exuberante com as agências Ford e Elite — e ainda havia a Rede Globo

despejando *starlets*. A morena Valéria Monteiro virou locutora de telejornal no início da década de 1980, depois de reverenciada em repetidas fotos na coluna.

Ricardo Boechat também ajudou a trazer essas garotas para o jornal. Sua coluna, *Swann*, crescera para a página ao lado, a fim de valorizar a centimetragem do comercial, que passou a cobrar mais caro para o anunciante ficar perto daquele ponto de prestígio editorial. Ele não podia fazer mais texto, porque haviam lhe aumentado o espaço mas não a equipe de repórteres. Encheu-o de fotos — eram de graça. “Com o crescimento da coluna eu precisava de cinco fotos, mas não há celebridades suficientes, ou pessoas em situações curiosas ou que mereçam aparecer em tantas fotos diariamente. Aí abaixei o padrão, o *pedigree*. Comecei a dar fotos de moças que estavam nas festas, não importando quem eram, só porque eram bonitas.” Paulo Fernando Marcondes Ferraz lhe fez a crítica-amiga: “Chernenko, você fica dando essa gente que ninguém conhece...” “O problema”, respondeu Chernenko, “é que nós estamos dando as mesmas pessoas há quarenta anos, e ninguém aguenta mais.”

O fotógrafo Armando Araújo, um ex-técnico em contabilidade, entrou no circuito de caçador de imagens por meio da churrascaria Esplanada Grill, em Ipanema. Era contratado para fotografar e depois espalhar pelas colunas os ágapes sangrentos dos almoços de sexta-feira, quando Boni, da Rede Globo, carregava para uma mesa, das treze às dezoito horas, um elenco estelar. Armando lembra que fotografou Claudia Raia degustando uma picanha na pose que o colunista adorava. “Quando a moça cruzava a perna eu clicava, já imaginando o Zózimo sorridente”, diz Armando. “Perna cruzada era publicação imediata.”

Além de oferecer nacos fabulosos de coxas e decotes começando a ser inflacionados pela onda do silicone, Paulo de

Deus usava outro truque. Procurava fotografar suas musas dançando. O resultado é uma das mais impressionantes coleções de beldades dos anos 1990, algo que está para o fotojornalismo desse tipo de assunto com o mesmo jeito clássico dos registros que Augusto Valentin fez das Certinhas do Lalau nos anos 1950 e 60. As “coxonáveis” de Zózimo eram jovens criadas praticando esporte, malhando em academia e com a liberdade gestual que Josefina Jordan jamais imaginaria numa moça de família. Por mais soltas que estivessem, por mais que porejassem de suas coxas um novo suor, algumas ainda carregavam sobrenomes reconhecidos na espetacular performance da nova mulher dona de seu corpo.

Décadas antes, as vedetes de Stanislav Ponte Preta eram fotografadas ao gosto estético daquela época, de frente, ainda sem a valorização do bumbum arrebitado. O importante era o desenho do violão esculpado pela cintura fina e o volume equilibrado de seios e quadris. Havia certa tensão nas poses das vedetes. Agora, as Certinhas do Zózimo estavam igualmente lindas, mas com os braços jogados para o céu, um sorriso escancarado como se não houvesse amanhã e mais o volume milagroso do bumbum bem desenhado pela roupa justa. Botavam pra quebrar, não estavam nem aí. Guiado apenas pela necessidade prática de fechar uma página todos os dias, Zózimo e seus fotógrafos tinham inventado uma nova sensualidade no cantinho mais sofisticado do jornal. Os nomes já não diziam muito? A grana carioca não enchia os olhos do leitor? Viva a nova burguesia da carne dura e ostensiva!

A sensação para o leitor, diante da jovem dançando com os braços levantados, o vestido em meio ao regaço da coxa, era de que a noite anterior, agora exibida no jornal, tinha sido da pesada. A vida valia a pena — e a máquina do sonho, do desejo de ascensão, ou o nome que se dê ao jeito para se chegar aos braços daquelas mulheres, era posta em movimento. “Eu gosto

de fazer com que meu leitor comece o dia rindo”, repetia Zózimo, “e se eu posso ilustrar o bom humor das notas com a foto de uma mulher bonita acho que é um bom caminho para se inaugurar a jornada.”

Evidentemente, não havia um critério jornalístico rigoroso na seleção. “Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa”, escreveu Zózimo embaixo da foto da *promoter* e musculosa Alicinha Cavalcanti — e essa poderia ser a estratégia editorial para a escolha do material. Gostava tanto das fotos de Paulo de Deus que assinou uma delas como Paolo di Dio, dando um ar de papa ao fotógrafo. “Paolo” também reconheceu a importância do colunista em sua vida. Em 2012, ao lançar uma revista de circulação dirigida, distribuída em pontos comerciais e só com fotos de pessoas em eventos, fez o que achava ser uma homenagem ao amigo. Colocou o nome “Zózimo” como título de uma seção. Elegantemente, Fernando, o filho do colunista, pediu que “Paolo” guardasse a homenagem para outra ocasião e o nome da coluna ficou sendo “Zum”. De resto, a parceria funcionou quase sempre perfeita. Quase.

Numa tarde, Zózimo viu Paulo na redação mostrando fotos para Ricardo Boechat antes de passar em sua sala. Ficou aborrecido. Tinham um trato de preferência na escolha do material. Quando Paulo foi procurá-lo, Zózimo disse que não ia mais publicar suas fotos porque o combinado fora rompido. Deixou o fotógrafo seis meses na geladeira. Paulo não via necessidade da briga. Boechat gostava de fotos que tivessem assunto, mesmo que ralo, como a aparição da *socialite* há muito afastada da noite. Zózimo procurava na foto a mesma ordem que dava aos repórteres na busca de notícia: o assunto não era importante, queria o irreverente, algo com assinatura própria. Queria nas fotos a exuberância das garotas do Rio, esse mito nacional — e sem qualquer contrapartida, nem

sequer conhecia a maioria delas, oferecia sua vitrine. Alguns amigos pediam que ele publicasse paqueras particulares de cada um, para facilitar a aproximação e a exibição de poder. Zózimo topava.

Foi ali que apareceu, pela primeira vez sem a cafona faixa no peito, todo o contorno da miss Brasil Leila Schuster — e ela imediatamente se deixou fisgar pelo megaconquistador Julio Lopes. A foto na coluna valorizava o, digamos, passe de muita moça. Mais adiante, ou seja, uma dezena de fotos publicadas depois, Leila se tornaria a senhora Helio Viana, empresário de Pelé e dono de uma deslumbrante casa na Barra da Tijuca, cenário de novelas da Rede Globo. Sair numa foto da coluna de Zózimo era a maneira mais rápida de, no estilo Ibrahim, que continuava a publicar coroas, “chegar lá” — e esse “lá” dependia do gosto da freguesa. Podia ser um bom casamento, um emprego na Globo...

As fotos costumavam ilustrar verticalmente a coluna, quebrando bem no meio as listas de notas. A diagramação era feita por “Nimrod”, apelido do designer Maurício dos Santos por gostar daquela fonte tipográfica. Eram projetos graficamente bonitos. “Nimrod” equilibrava a página com bossa, “recortava” o braço da moça ou o joelho dobrado. O problema era legendar diariamente, de um jeito criativo, uma foto que, mudando apenas a personagem, e muitas vezes nem isso, era sempre a mesma. Quando estava presente, Zózimo, com sua imaginação divertida, resolvia o problema:

“O nome dela é Denise Leão, mas pelo porte e pela cor, gata assim tão rara, poderia se chamar Denise Leão Dourado” — legendou embaixo da imagem da moça.

“A figurinha esvoaçante de Monique Vidal cegando a noite do Hippo com a luminosidade de seu farol alto” — escreveu sob a foto em que a futura delegada de Copacabana dançava com os seios explodindo dentro do decote.

“Andrea Carvalho em clima de pode vir quente que eu estou fervendo” — embaixo de uma foto de Andrea Carvalho, dançando de boca aberta, certamente cantando uma música, cigarro na mão, e blusa amarrada para deixar o umbigo respirar.

“Gisele Fraga se preveniu do calor no Gattopardo, ou então brigou com um gato” — na legenda em que Gisele, como era moda, rasgara a camiseta do evento, “customizara-a”, para diferenciá-la das outras.

“A pantera Luciana Jennings, sentada solitária e pacientemente no sofá, espera, com tudo em cima, o príncipe encantado chegar” — debaixo da foto em que o primeiro plano é o par de coxas da pantera.

“Sabrina Ramsay: caso raro de avião com para-choques” — na legenda em que Sabrina aparece com um decote espetacular.

“Cheia de charme, Bruna Lima Duarte segura os cabelos e solta os bichos na fervilhante madrugada do Hippo” — sob a foto da beleza dançando.

“Cristina Pitanguy e Claudia Queiroz levando a vida que pediram a Deus e Deus deu” — na legenda de uma foto de Ronaldo Zanon em que as duas, sentadinhas, se divertem na noite.

“A modelo Ângela Oliveira porejando charme na noite do Rio” — para a foto da moça com um metro de perna de fora.

“A jovem Luciana Tassano, réplica carioca do furacão da Flórida” — com a colunável balançando os cabelos.

“A modelo dinamarquesa Any Waldemar, a mais nova pupila do senhor reitor.”

Zózimo gostava de escrever essas legendas (para Verena Ribeiro, namorada de Paulo Marinho, fez o poema “Verena, Vereninha, vamos todos Verenar...”), um trabalho que em qualquer outra coluna seria delegado a um profissional com

menos atribuições. Quando ele não estava na redação, no entanto, o problema desabava no colo de Valéria Blanc. “Fazer legenda quando você só tem o nome da pessoa é fogo”, reconhecia. De vez em quando, ela chamava os colegas do aquário ao lado, Arthur Dapieve e Luciano Trigo, da editoria Opinião. O olhar masculino, reforçado pelo humor e o equilíbrio perfeito entre a visão sofisticada do mundo e o humor moleque das ruas do Rio, aproximava-os de Zózimo. “Verônica Castiñera foi com tudo e não deixou nada em casa” — perpetrou Dapieve para identificar uma foto em que a moça fora flagrada com uma promessa de calcinha na cruzada de pernas.

É um livro que ainda está para ser escrito e pode parecer risível cobrar seu lançamento, mas quem opera no dia a dia das miudezas jornalísticas sabe de sua necessidade: *A arte de fazer boas legendas e não atrasar o fechamento*. Nos anos 1950, ficou clássica a solução, que teria sido dada por Samuel Wainer, ao editar uma manchete de Carnaval. Diante dele estava a foto clássica daqueles eventos: uma jovem em cima da mesa se abanando com uma ventarola. Os fotógrafos ainda não tinham o hábito de fazer o clique e perguntar, no meio da confusão, o nome da gata. Disparavam o *flash* e passavam o problema para diante. Quando a foto desabou em sua mesa, o relógio correndo, Wainer fez o que pôde — e teria ficado rico se, pelos anos afora, tivesse cobrado um centavo de *royalty* sobre a autoria daquela simples linha de legenda: “A morena sambou a noite inteira em cima da mesa.”

Em meados dos anos 1990, na mesa de Zózimo já desabavam fotos identificadas com o nome da fotografada e o local onde a cena se dera — o resto precisava ser resolvido com a criatividade que o tempo permitisse. Legendas, embora tenham alto índice de leitura, não merecem o esmero dedicado a outras etapas da edição — e Zózimo nem sempre podia curtir

uma especial. A sua legenda-clichê, o seu “A morena sambou a noite inteira em cima da mesa”, tinha muitas versões. “A *top model* Georgia Wortmann enfeitando a noite do Rio” saiu em 26 de julho de 1993; e “Cristiane Fernandes, Fernanda Rodrigues e Suzana Werner enfeitando o Sambódromo”, em 20 de fevereiro de 1996. Essas legendas, apenas com os sujeitos e o cenário mudados, repetiram-se dezenas de vezes.

As legendas eram todas elogiosas e, como se viu, enfeitadas de furacões, poemas e o que mais as modelos inspirassem. O mais comum era se ver a figura feminina “esbanjando charme e alegria” (Daniela Rangel, em 17 de abril de 1994) ou “charme e elegância” (Lizandra Souto, em 25 de maio de 1994). Havia uma forma preestabelecida em que se mudava apenas o verbo. Mulheres também eram vistas na coluna “iluminando” ou “botando para quebrar”. Se faltasse ainda algum espaço para preencher, Zózimo, por mais que tivesse abandonado o vocabulário francês do início da coluna no *JB*, cometia um ato falho e tascava que a moça estava “*comme il faut*”.

Em geral, ele se esforçava. Tirante os clichês inevitáveis à prática diária de uma atividade capaz de poucas nuances, como a de legendador de fotos em que nada estava acontecendo, dava tratos à imaginação. Em 3 de junho de 1994, diante da foto de Erika Sanches dançando com os braços levantados na pista do Hippopotamus, não teve dúvida: “Erika Sanches, atual favorita do sultão, na pista do Hippo.” A moça deve ter morrido de ciúmes, porque poucas semanas depois lá estavam Adriana Matoso e Suzane Carvalho também apontadas como favoritas do sujeito. A um leitor desavisado poderia parecer que as beldades sofriam assédio ou tinham correspondido a ele, algum milionário árabe em trânsito pelo Rio. Ledo, e ivo, engano. “Não havia sultão nenhum”, diz Valéria Blanc. “Era uma forma de o Zózimo dizer que aquela mulher especial, linda, que se destacava no harém da noite carioca, despertaria

a atenção até mesmo de um sultão cheio delas. E se era capaz disso, essa mulher era mesmo do balacobaco.”

Décadas depois, ainda dá para ouvir a gargalhada de Zózimo diante da legenda que perpetrou para a foto publicada em 3 de novembro de 1994, com a modelo corpulenta Magda Cotrofe. Ela dançava animadíssima numa festa. Zózimo, deixando qualquer exigência de elegância fora da página, como se depois do *black tie* também resolvesse jogar fora os bons modos, escreveu embaixo daquele montepio de carnes: “A modelo Magda Cotrofe, esfuziante, na noite de Halloween no Lokau. É bruxa? Não. É fada!”

Eram raríssimas as fotos de homens, exceções praticadas para premiar Ricardo Amaral, José Hugo Celidônio, Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Rodolfo Garcia, Julio Lopes, Ivo Pitanguy, Julinho Rego e outros poucos amigos íntimos de Zózimo. Se as mulheres tinham a garantia de que, no dia seguinte, estariam registradas em seus melhores closes, sem celulite nas coxas e com o mais alvo sorriso nos lábios, os homens também podiam ficar tranquilos. Só saíam na boa.

“Cuida de mim, Zanon”, pedia o jovem político Aécio Neves quando chegava a algum evento da noite do Rio e via à sua frente a câmera de Ronaldo Zanon, um nordestino de cabelo comprido, a camisa aberta para mostrar os tufos do peito. Era um código entre os dois. Não podiam se dizer amigos, mas depois de se encontrarem muitas vezes nos lugares da moda noturna carioca, ficara clara a simpatia. Não adiantava ao fotógrafo registrar Aécio atracado romanticamente com alguma moça, como ele presenciou tantas vezes, nem trocando as pernas depois de uma libação alcoólica, como viu outras tantas. Os colunistas evitavam aquilo. O melhor então era proteger os companheiros da noite.

“Cuida bem de mim” era um apelo de Aécio, no início da noite, para que Zanon não o deixasse cair na tentação do

ridículo desvairado diante da câmera, da falta de compostura quando já não estivesse em condição de avaliar nenhuma das categorias comportamentais. Numa festa no Jardim Botânico, os empresários Alexandre Accioly, Luiz Calainho e Tuca Maia, entre outros, montaram uma cena carregando Aécio no colo. Pediram que Zanon registrasse. O fotógrafo fingiu o clique — a chamada “chapa treze”, nome que remonta ao tempo em que se trabalhava com filmes de doze fotos — e mandou para a redação apenas a foto de todos os amigos juntos, em pé, confraternizando, felizes. Era seu jeito de “cuidar bem” de Aécio.

Outro com quem Zanon cultivava ótima relação de proteção era Olavo Monteiro de Carvalho. Dono de farta cabeleira, às vezes o empresário estava com ela um pouco desalinhada. Zanon, antes do clique, tinha o cuidado de fazer a mímica, passando a mão sobre a própria cabeça sem que ninguém percebesse, informando a Olavo que ele precisava de um pente. Olavo, amigo de Zózimo, um dos poucos homens a ilustrar a coluna, ia imediatamente ao banheiro e voltava com todos os fios no lugar.

Eram cuidados que proporcionavam uma convivência pacífica entre as partes, fotógrafos e celebridades, espremidos todas as noites dentro de boates ou festas. Alice Tamborindeguy reclamou com Zanon que ele havia registrado a filha, Narcisa, com um naco de coxa além do que ela, mãe, julgava condizente a uma moça de respeito exibir em público. Mal sabia Alice que Narcisa convocara Zanon, em meio à alegria de uma festa, para registrar o instante em que ela se jogaria, de roupa, dentro da piscina. Zanon, bom de cumprir ordens, fotografou. Como sabia que no dia seguinte as pessoas estão sempre mais sensatas, antes de mandar as fotos para a redação teve o cuidado de mostrar a série à própria Narcisa, que, já refeita da euforia, não a liberou. Assim foi feito, e assim

todos ficaram protegidos e unidos pela grande escuridão dos pactos noturnos.

Zanon era uma das estrelas da coluna de Zózimo. Ganhava pouco das casas noturnas que o contratavam — revelava as fotos na pia da cozinha, fixando-as contra a porta da geladeira —, mas tudo bem. O importante era manter o nome impresso e ser lembrado pelas famílias da sociedade para registrar seus eventos privados. Foi ele quem fez as fotos das bodas de Patrícia Leal e Antenor Mayrink Veiga. Antonio Joaquim Peixoto de Castro, o Totão, se cansou da Nikon F3 que havia acabado de comprar, novinha, e resolveu presentear Zanon, seu companheiro de todas as noites no Hippo, com a traquitana. Separados durante o dia pelos contracheques da vida social, à noite todos os gatos eram pardos — e pobres e ricos, fotógrafos e celebridades circulavam cúmplices.

Quando a modelo e capa da *Playboy* Monique Evans tentou furar a barreira das castas e se casar com Antenor Mayrink Veiga, Zanon foi chamado a participar do bloqueio à ascensão social da moça. Chegou-lhe o aviso, pelo cerimonialista Ricardo Stambowsky, de que Carmen Mayrink Veiga, mãe de Antenor, e contra o casamento, ia almoçar com Monique no badalado Mr. Ramos, em Ipanema. Carmen sugeria que Zanon registrasse o evento discretamente (pediu também que ele buscasse um ângulo longe de seu perfil direito, pois estava com um problema cutâneo). Na hora aprazada, lá estavam as duas mulheres numa mesa e Zanon distante, com uma teleobjetiva. O fotógrafo não sabia o que aconteceria, porém logo ficou claro. Monique estava sendo demitida do posto de noiva. Dias depois a foto serviria nas colunas sociais para ilustrar a informação de que o casamento do jovem Mayrink Veiga e a *playmate* estava cancelado.

Durante três dias seguidos, mais exatamente 18, 19 e 20 de dezembro de 1994, as fotos da modelo Juliana Galvão, catorze

anos, uma morena desconhecida do mundo da moda ou de qualquer outro, uma linda e adorável anônima, foram a única ilustração da coluna. Nunca na história do jornalismo de notas alguém tivera tanta repetição, pois a trifoto contrariava o princípio básico da atividade — a necessidade de uma novidade a cada dia. O que queria dizer o colunista com aquele Festival Juliana Galvão? Moradora do Ingá, Niterói, a menina levou um susto quando se viu em três edições seguidas — ela, que nunca tivera uma foto publicada. Aluna do Primeiro Grau, estava começando a carreira de modelo, se é que aqueles pouquíssimos trabalhos anteriores, quase amadores, mereciam o rótulo. Tinha optado pela passarela quase empurrada, cansada de tanta gente palpitando que ela era bonita e, afinal, media um metro e oitenta. Numa palestra sobre moda em Niterói, foi carregada pela mãe para que Carla Souza Lima, a grande modelo, desse um parecer. Carla aprovou e Juliana, sempre acompanhada pela mãe, foi em frente.

As três fotos de Zózimo traziam a assinatura de Zanon e tinham um ar de escândalo — afinal, era uma adolescente em trajes sensuais, adornada de rendas, um tipo de cena que poucos anos depois seria criticado por incentivo à pedofilia. Foram feitas num desfile de *lingerie* italiana, à tarde, no Hippopotamus. A primeira e a última fotos publicadas eram parecidas, traziam Juliana sentada e de pernas cruzadas. Na segunda ela estava de pé, séria, enfrentando a câmera com todas as sinuosidades do corpo querendo escapar da adolescência, e já com uma circunferência de coxa que parecia anunciar os coxões musculosos que virariam moda duas décadas depois. Deve ter sido aí que o colunista, com os critérios jornalísticos à flor da pele, se decidiu pela overdose editorial.

Juliana tinha um rosto de anjo, uma boca num rosa-bebê parecido com o de Julia Roberts. As demais carnes expostas

ofereciam uma consistência diabólica. Era o tipo de foto em que a coluna havia se especializado. Mulheres com grandes fatias de gostosuras à mostra, mas com uma classe distinta em algum canto da imagem, no sorriso, na roupa, no tratamento dos cabelos — algo que dava o ajuste fino da civilidade clássica e a nova liberdade feminina. “A plástica irrepreensível da modelo Juliana Galvão em tarde de desfile de moda” — disse a legenda da primeira foto, um domingo. “O repeteco, a pedidos, agora exibindo *lingerie* italiana, da modelo Juliana Galvão, gatinha para ninguém botar defeito” — vibrou a legenda da segunda foto, publicada na segunda-feira. “A pedidos, e bota pedidos nisso, o tripteco de Juliana Galvão, caso inédito na história desta coluna” — comemorava a legenda da foto da terça.

Ninguém pediu nada, as três colunas foram fechadas no mesmo dia. Era uma curtição pessoal do colunista, uma aposta atrevida de que suas fantasias macho-jornalísticas se valiam do senso comum para o bom exercício da profissão. Afinal, é uma profissão que não mede sua exatidão por fórmula científica. É faro, sensibilidade, crença de que se vai falar com outras pessoas interessadas naquela mesma observação, e elas entenderão. Nenhuma grossura ou vulgaridade. Zózimo cravou as fichas editoriais em Juliana. E em setenta e duas horas de exposição ininterruptas na mais importante coluna de notas da imprensa brasileira, ela foi contratada pela Ford.

Os outros colunistas acreditaram em Zózimo, a grande referência de todos eles, e começaram a disputar imagens da moça. Fred Suter, em *O Dia*, brigou com Zanon por este não ter lhe oferecido as fotos — e o fotógrafo provou que mandara para a coluna fotos dela no mesmo desfile de *lingerie*. O tríptico de Juliana carregava o traço de Zózimo. Qualquer coisa carimbada por sua chancela virava marca de charme. Zanon mandara as fotografias para todos os colunistas. Todos viram

Juliana de *lingerie*. Só Zózimo percebeu a bela verdade dos fatos — aquilo não se via todo dia.

Zózimo continuou publicando fotos dela em 1995, a ponto de na legenda da última, em dezembro, ter resumido a temporada: “Juliana Galvão, para quem o Papai Noel sorriu o ano inteiro.” A moça chegou a pensar em mandar um cartão de boas-festas, agradecendo o prestígio e dizendo que o nome do Papai Noel dela começava com Z. Pensou, pensou. Discreta, achou melhor continuar assim e tocou a carreira que, depois do casamento, foi arquivada e nunca teve momento tão glorioso quanto aquele. Ela nunca viu Zózimo pessoalmente.

43

A coluna de Ibrahim Sued naquele 1º de outubro de 1995, um domingo, abria com uma das mais persistentes obsessões do autor: a etiqueta. Notório por seus modos abrutalhados, Ibrahim adorava publicar listas de pequenos toques para, no final do século XX, continuar educando seus leitores como se eles ainda estivessem vivendo em 1950. Paulo Francis dizia que Ibrahim escrevia sobre o que gostaria de aprender. A nota, com o título “Um pouco de etiqueta e comportamento”, recomendava:

- Caroço não se sopra no prato porque ele pode pular e cair no decote da vizinha. Sobre na mão, fechando-a como uma concha.
- Não se deve comer de boca aberta, falar com comida na boca e dar gargalhadas estridentes. Coisas que muitas *societyanas* não respeitam...
- A mulher não deve fazer aquele barulhinho que os refrigerantes provocam nos lábios...
- Homem pode mandar flores para homem. Quando escrevi isso no meu primeiro livro de etiqueta me chamaram de bicha... Principalmente se você não pode visitar o doente.
- Quando está sem empregada, o anfitrião serve a bebida. A mulher, o café.

Nada contra a necessidade de se continuar balizando o comportamento. “Como aprender boas maneiras se os garotos não veem nenhuma?”, perguntava o elegantíssimo Fred Astaire. Mas as questões em 1995 eram outras. “Como sair do armário?” ou “Como dispensar uma carreira de cocaína numa

festa?” eram as dicas que Danuza Leão estava dando naquele momento em seu livro *Na sala com Danuza*.

Ibrahim pingava um ponto-final na página com a nota “Filosofia”, uma espécie de pensamento do dia. O daquele domingo dizia: “Sorria, sorria, três vezes por dia. Quarenta e dois anos de colunismo e otimismo. Até pra semana, tá?” Infelizmente, quando aquela edição chegou às bancas Ibrahim Sued estava morto, aos setenta e dois anos, vítima de um enfarte agudo do miocárdio. Morreu dormindo, ao lado da segunda esposa, Simone Rodrigues. Tinha chegado na madrugada daquele domingo de um jantar na casa de Humberto Saade, onde exercera, feliz, uma atividade aprendida recentemente: a arte de abrir garrafas de champanhe com facão como Eddie Barclay, produtor de música e *bon-vivant* francês. O “Turco” não apresentava maiores problemas de saúde. Andava, no entanto, preocupado.

Estava entre os quinhentos nomes, a maioria da sociedade, lesados pelo doleiro Jorge Piano, um português que chegara ao Brasil em 1975, foragido da Revolução dos Cravos. Através da sua Casa Piano, de câmbio, na avenida Rio Branco, ele aplicava as economias dos ricos brasileiros no Piano Remittance Corp., banco de sua propriedade, em Nova York. Em julho, o esquema quebrou depois que Jorgina de Freitas Fernandes, envolvida em golpes contra o INSS, sacou 32 milhões de dólares. Piano fugiu para os Estados Unidos.

Zózimo também guardava dinheiro com Piano, o que facilitava suas viagens a Miami. Em 2 de agosto de 1995, uma semana depois de o doleiro fugir e o pânico se instalar entre os bacanas, inclusive no coração de Ibrahim, Zózimo saíra em defesa do doleiro. Considerava-o, ecoando boa parte da sociedade, não só um homem de negócios, mas um par simpático nas reuniões. Estavam todos chocados. A nota era de irrestrito apoio:

- Aviso aos hipócritas e sicofantas: a amizade só é bela como sentimento quando manifestada em qualquer circunstância e não apenas na hora do bom vinho e da mesa farta.
- O sr. Jorge Piano não tem feito outra coisa em Nova York senão tentar uma solução que satisfaça todos seus inúmeros clientes.
- E quem o conhece intimamente sabe que ele conseguirá.

A confiança foi inútil. Piano não devolveu um centavo dos milhões de dólares que causou de prejuízo aos clientes-amigos. Ninguém admitiu publicamente ter sido vítima, com exceção da mais bela de todas as lesadas. A ex-miss Brasil de 1954 Martha Rocha, cunhada de Piano, foi o caso mais notório de desmoronamento financeiro. Todo o seu dinheiro estava investido com ele, inclusive o que havia conseguido com a venda, na véspera, de um apartamento na avenida Atlântica. Martha passou a morar de favor na casa do filho, em Volta Redonda.

Zózimo esteve no velório de Ibrahim, na Assembleia Legislativa do Rio. Foi ali, ao disparar a Speed Graph e fotografar Otávio Mangabeira beijando a mão de Dwight Eisenhower, em 1946, que o “Turco” colocara a caravana em marcha. *O Globo* pranteou o velho colunista em seis páginas. Escreveu Zózimo:

- A morte colheu Ibrahim num domingo, “dia de pernas de fora”, refrão que ele usava na coluna para incentivar as “cocadinhas” a exhibir as belas pernocas.
- Era inesgotável sua capacidade de inventar expressões, a sua impressão digital aplicada ao pé da coluna.

- Quantos de nós, colunistas, não usam até hoje, fingindo tê-los aprendido na escola ou em compêndios, termos de Ibrahim Sued? Para citar um exemplo: o eufemismo “não convidem para a mesma mesa fulano e beltrano”, para noticiar o rompimento entre duas pessoas, é marca registrada dele. Se Ibrahim não inventou o gênero — “coluna social”, rótulo que se mostrou depois inadequado pela conformação que as colunas ganharam (a começar pela dele), transcendendo o mundanismo e passando a noticiar todos os tipos de assunto —, é inegável que criou um estilo.

Zózimo estivera três vezes com o colega nas últimas duas semanas: num show de Liza Minnelli, no casamento dos Araújo Pinho e no tal jantar de Humberto Saade. (Ibrahim comparecera ainda ao casamento do oftalmologista Almir Ghiaroni com Georgia Wortmann.) A onda de abrir champanhe com facão era uma das brincadeiras da turma de Barclay, que Ibrahim frequentava em Saint-Tropez, na França. Depois de a rolha explodir com um golpe certo, ouvia-se o grito de guerra da turma — nada mais do que um sonoro “Cucurucuuuu, Paloma!”. Foi esse o fecho de ouro do artigo, cujo título era “Uma amizade de duas gerações”.

O jornal fez enterro fino para seu colunista mais antigo, com direito a texto na capa assinado por Roberto Marinho — “(...) era (...), num traço com o qual sempre me identifiquei, um otimista teimoso, sempre confiante no futuro do Brasil”. Dias depois, mostrando que a sisudez de outrora não lhe cabia mais no perfil, *O Globo* publicou a coluna de humor de Agamenon Mendes Pedreira. Também era uma “homenagem”: “O falessimento do meu hamigo Ibrahim Sued é a prova kabal de gue o mundo tá ficando cada vez mais cem grassa”, dizia Agamenon, que teve o cuidado de no início do texto pedir aos revisores que não mexessem em nada, pois “os eros de

português ção intencionais e fassem parte da omenagem extética deste colunista” ao colega morto. O artigo encerra com a lembrança da “máxima” de Ibrahim: “Os cães lavam e a caravana passa.”

Sepultado o amigo, a caravana de Zózimo em busca das notas foi em frente. Aos solavancos, atabalhoada pelas crises de saúde, pelo tédio em seguir por uma estrada tantas vezes percorrida. Não tinha outro jeito. Se Ibrahim morria rico (“sou um dos maiores contribuintes da Receita Federal”, jactava-se na TV), Zózimo estava mais classe média do que quando começara. Vivia só do jornalismo. Seu contrato havia sido combinado em dólar, mas quando o Plano Real, em 1994, deixou essa opção em desvantagem, *O Globo* corrigiu. O filho, Fernando, formou-se em economia e já era independente, um bem-sucedido profissional do setor. A vida, porém, não empatava com o contracheque. Precisava pagar as prestações do Mercedes roxo (“cor de gelatina Royal”). Se os bilhetes das passagens aéreas saíam de graça, devido a seu prestígio, as despesas no estrangeiro ficavam por sua conta. Era preciso equilibrar o borderô — e lá ia ele à redação matar seus leões para no dia seguinte exibir os escalpos aos leitores.

Na sala da coluna, Marly reclamava que quando o chefe sumia, Valéria Blanc não publicava as suas notas — “e olha aqui, garota, eu não vou ficar me humilhando, pedindo pra você dar minhas notas, ouviu? Já fui bonitinha, corpo violão, sei que tudo passa. Minha história com Zózimo é porque sei trabalhar, tenho meu mérito”, vituperava Marly em meio a um barraco assistido por toda a redação. Zózimo estava viajando. Quando voltou e soube da confusão, conseguiu que a secretária retirasse todas as indenizações a que tinha direito e, juntando com a aposentadoria do funcionalismo público, fosse descansar em Teresópolis.

Era uma rotina massacrante, mixuruca. Enquanto não aparecia uma ideia melhor, preenchia a meia página. Um dia o presidente Fernando Henrique Cardoso se anunciou ao telefone e Zózimo, estressado com o fechamento, pediu que Valéria Blanc lhe anunciasse a ausência. Um presidente da República ao telefone era um tremendo prestígio e a certeza de notinhas aos montes. Zózimo preferiu não — e deixou a operação para o dia seguinte, quando recebeu novamente o alô presidencial e se pôs a ouvir as informações de FH. Continuava tratando a classe política com desapego.

Em 18 de dezembro de 1996, a revista *Veja* publicou na sua seção de frases da semana uma cunhada na coluna. Zózimo chegara ao mínimo denominador comum: uma nota com não mais do que duas linhas, mas de quatro vocábulos. Continuava afiando a faca e desbastando as gorduras das frases. Merval Pereira, companheiro de Zózimo no *JB*, ocupava o lugar de Evandro Carlos de Andrade, que se mudara para fazer outra revolução, agora no telejornalismo da Globo. Dizia que Zózimo estava mais para Carl Bernstein do que Bob Woodward, comparando-o com a dupla que destronara Nixon com o Watergate nos anos 1970. Woodward era o factual, Bernstein, o burilador do texto. Zózimo, mais plantado na redação, sem apurações em festas ou rondas pela cidade, caprichava atrás de uma síntese inédita. Menos, cada vez menos. Aquela frase da semana escolhida pela *Veja* era típica. Tratava-se de um escândalo republicano em que o deputado Pedrinho Abrão (PTB-GO) fora flagrado pedindo um “capilé” à Andrade Gutierrez, mais exatamente uma comissão de 4% para manter a construtora no orçamento das obras de uma barragem no Ceará. Foi aí que Zózimo resumiu em oito palavras o perfil do Pedrinho: “É Abrão ou Adrão?”

Não foi a sua melhor temporada profissional. Cravou furos discretos, antecipou futricas políticas... A coluna parecia

acompanhar os tempos. A charmosa boate Sacha's, em mais uma encarnação, em 1993, segundo Zózimo, servia a seus fregueses um menu executivo que sintetizava tudo:

- Quarta-feira, o prato do dia era mocotó; ontem, rabada.
- Não se faz mais Sacha's como antigamente.

Nada era mais como antigamente. A coluna, inclusive. No dia 12 de junho de 1996, ela parecia estar com saudade de si mesma e republicava a nota de 22 de março de 1985, que tinha sido rascunhada por Henrique Schiller de Mayrinck, e Zózimo lhe dera arte-final nos tempos do *JB*. Era a do “conhecido *socialite*”, na primeira versão, agora transformado em “um gozador”, que gostaria de ter as cinzas espalhadas pelos andares do Bloomingdale's, pois só assim seria visitado pela viúva. Na primeira vez saíra com o título “Último desejo”, agora intitulava-se “Última vontade”. Era como se Zózimo tentasse uma ligação direta com o passado para o carro pegar o embalo de novo. Em 28 de fevereiro de 1994, já havia se lembrado de uma brincadeira em parceria com Fred Suter. Zózimo aproveitara que o senador Marco Maciel reclamara da falta de quórum no Congresso (“votar qualquer projeto na sexta-feira é jogá-lo na cesta do lixo”) e se citou:

- Há colunista que quando não gosta de uma nota promete ao divulgador colocá-la na sexta.
- E efetivamente a coloca.
- Na cesta.

Continuava batendo em Leonel Brizola, ex-governador do Rio desde março de 1994, mas também parecia cansado desse número. Os homens tidos como elegantes passavam a usar mochilas com terno, e a música do momento — ele havia se

lançado no colunismo ao som da bossa nova — era a *axé music*. O ano de 1995 foi aquele em que se dançou “na boquinha da garrafa”.

Zózimo decepçionava-se com o país. “Era um Brasil amável, cordial e razoavelmente correto, gigante pela própria natureza, que os cidadãos nascidos com menos de cinquenta anos jamais suspeitarão que existiu”, escreveu na *Vogue* de dezembro de 1996. Estava especialmente desesperançado e botou na roda JK, transformado num “megalomaniaco”, responsável pelo “insano processo de chinfrinização do país” ao levar a capital para o sertão goiano. “Varreram para debaixo do tapete o que o Brasil tinha de glamour e charme.”

Sem nenhum humor, fazia um balanço dos últimos anos. Criticava as relações dos ricos com os militares (“a elite, sócia do golpe dos militares, tentou levar a vida como se nada houvesse acontecido, achou que podia manter florescentes os salões, atraindo para a sua festiva órbita o deslumbramento da caserna, mas, ao primeiro arreganhar de dentes do presidente-general Deus-pátria-família, entendeu que o buraco era mais embaixo”). Salvava a pele dos colunistas (“sem a censura, eles enfunaram as velas e foram à luta, a tempo de registrar em todos os seus lances a decadência da vida brasileira e a retratar este novo Brasil, meio chinfrim, meio ordinário”). Era o que achava ter feito em sua carreira.

Fernanda Colagrossi não falava com Zózimo havia algum tempo. Adorava sua inteligência e senso de humor, estrelas das temporadas de verão na serra no início dos anos 1970. Desde que ele se separara de Marcia, os encontros rarearam — e, no clássico problema que se segue às separações de amigos, baixou nela a sensação de que estava sendo evitada por ser mais próxima da ex-mulher. Logo depois de Zózimo ter assumido a coluna no *Globo*, deu um jantar e convidou o antigo amigo mais sua nova mulher, Dorita. A noite foi

agradável, um pequeno grupo da velha sociedade reunida. Dois dias depois, ao procurar a notícia, qual não foi sua surpresa ao notar que nada estava publicado. No terceiro dia também — e se quedou aborrecida. Achava que era uma maneira de o amigo, ou seria ex-amigo?, dizer que as relações estavam estremecidas.

Evidentemente, não era isso que queria dizer a não nota. Fernanda Colagrossi, uma das senhoras mais citadas em toda a década de 1970, não percebeu que Zózimo no *Globo*, como já estava acontecendo no *JB*, passara a ignorar os jantares e as festas. Ele comparecia cada vez menos a esses eventos. Quando ia, a presença não significava a garantia de que os leitores, dois dias depois, ficariam babando, invejosos, do ágape para o qual não haviam sido convidados. As senhoras bem-vestidas não eram mais exibidas para suspiro reverente de toda a nação. Aquelas mil e uma noites não inspiravam mais o sonho de ninguém, todos vibravam agora com a possibilidade de uma temporada no castelo de *Caras* — embora dessa chinfrinização Zózimo também quisesse distância.

“Eram noites muito felizes”, lembrava Colagrossi, lamentosa, “e na manhã seguinte ele me telefonava para fazermos os comentários, para perguntar se tinha lhe escapado alguma observação, e depois vinha a maravilhosa notícia no jornal. Dessa vez, Zózimo foi ao jantar, mas não só não me telefonou para comentarmos, como não deu uma linha.” Não foi por mal, Colagrossi precisava compreender. Essa coisa de ontem foi há muito tempo. Yonita Salles Pinto, numa nota de 5 de fevereiro de 1994, agora ia à luta como corretora de imóveis, exclusiva dos condomínios dos edifícios Chopin, Prelúdio e Balada (“Que disposição!”, comentava Zózimo). Carmen Mayrink Veiga, que declarou jamais desse amargo ter que provar, também trabalhava. Escrevia uma coluna de etiqueta e sociais no jornal popular *O Dia* e colaborava com os figurinos

da peça *Está lá fora um inspetor*. Não que ela gostasse disso (“não nasci para esta época, adorava depender de marido e até toparia ser decapitada no final e ser Maria Antonieta em Versailles”), só que 1995 exigia. No seu caso, a roda da fortuna mudara de rotação.

Em 11 de maio daquele ano, às nove da manhã, dois oficiais de Justiça e um funcionário do Banco do Brasil haviam batido na porta de Carmen, a mesma onde bateram outrora os Agnelli e os Rothschild. Não estavam para festa. Vinham em missão de penhora por conta de uma dívida de 23 milhões de reais, fruto de maus resultados de operações financeiras de seu marido. Era uma imensa trapalhada envolvendo calotes em vários bancos. Tony pegara 1 milhão de reais com Carlos Villar, seu colega do Country e dono do Banco Duarte Rosa. Não saldara a dívida, os juros se avolumaram, juntaram-se a empréstimos também não pagos com o Banco do Brasil. O Banco Duarte Rosa quebrou — era a vez de Tony.

“Meu Deus, é uma tragédia que se abate sobre mim”, disse Carmen, abrindo alas para que os homens listassem os bens que poderiam servir como pagadores da dívida: quarenta quadros (Volpi, Portinari, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Guignard e outros), um piano de cauda Steinway, tapetes persas, aparelho de chá de prata da Companhia das Índias Ocidentais, joias etc., sem esquecer o Rolls-Royce 51 na garagem do apartamento em Paris. O apartamento do Rio, um dos cenários mais elegantes da cidade nas três últimas décadas, já estava hipotecado. Antes da *razzia* no Morro da Viúva, os confiscadores passaram pelos cinco andares que a Casa Mayrink Veiga mantinha na cidade, a empresa que desde a Guerra do Paraguai intermediava negociações de armamentos. Não havia muito a pegar. O negócio também estava decadente. Zózimo deixou que Ricardo Boechat tratasse do assunto e anunciasse o arresto de bens do empresário para

pagar as dívidas. O drama que se abatia sobre a amiga confirmava: o *high* devia ser deixado na paz de sua tumba e memória.

Quando Fernando Collor tomou posse, em março de 1990, ele e Dorita foram até Brasília, num jatinho de Maurinho Viegas, da Concremat — e na cobertura, que se estendeu por três dias, em notas políticas e bem-humoradas, não havia uma única referência ao que pudesse ser o social da festa. Era o mesmo Zózimo que na posse de Costa e Silva tinha visto a barata saindo da casaca de um distinto. O olho agora estava em outras coisas.

Ele não foi ao aniversário dos cinquenta anos de Gisela Amaral nem aos quarenta de colonismo de Ibrahim. Os dois amigos captaram a mensagem sem reclamação. Zózimo quase não saía de casa, bastava ler a coluna. Rareavam as notas em que ele observava as cenas com seu olhar especial. Uma delas foi em setembro de 1996. Jantava com Dorita quando o quadro se formou à sua frente:

- O ministro Sergio Motta protagonizou quinta-feira no restaurante Arlecchino, em Ipanema, uma cena patética.
- Titular da pasta das Comunicações, não carregava um celular, o que o obrigou a recorrer ao telefone da casa.
- Passou boa parte da noite engalfinhado com o aparelho até conseguir, depois de muito esforço, disparar a ligação.
- Sentiu na carne a inapetência do ministério que administra.

Nas velhas e boas terças-feiras do *JB*, Zózimo publicava resumos de seus rolés pelas festas no fim de semana, um pulo ao palacete dos Catão na Urca, depois a esticada ao *apê* de Jorginho Guinle na praia do Flamengo, 284, e a saideira com os Souza Campos na rua Marechal Mascarenhas de Moraes, em

Copacabana. Agora o rolé era pela TV a cabo. Na terça, 28 de janeiro de 1997, noticiava como havia sido o “finde” (expressão de Hildegard Angel):

- O fim de semana, de tão pródigo em transmissões esportivas pela TV, foi uma encrenca.
- Na madrugada de sábado, ficou-se espremido entre o boxe (Globo), o basquete na NBA (ESPN) e a final feminina do tênis na Austrália (SporTV).
- Já no domingo, acavaram-se o quarto tempo do Superbowl (Band) e a pancadaria do *Ultimate* (SporTV).
- Chegou a sair fumaça do controle remoto.

O fato de estar numa empresa do grupo Globo não inibia as críticas (“é *pain, pain, fromage, fromage*, como diz a elegante Carmen Mayrink Veiga”). Nenhum elogio nem paparico aos artistas da casa. A coluna informava que as locadoras de vídeo estavam faturando os tubos porque as TVs não exibiam um filme que prestasse (“são verdadeiras abacaxitecas”). Zózimo, capaz de um laço de Windsor impecável, caçoava até do que andavam amarrando ao pescoço dos locutores dos telejornais:

- Quase todas as gravatas exibidas no *Jornal nacional* por Sérgio Chapelin e Cid Moreira só podem ter sido ganhas de presente — dadas por alguém muito sacana.
- Ninguém compra aquilo, para aparecer na televisão, de moto-próprio.

A eterna possibilidade de ir ao ar e mostrar o valor de uma gravata, ainda mais agora que estava nas Organizações Globo, piscava a todo momento — e logo parava. Ricardo Boechat brilharia mais adiante apresentando notícias no *Bom Dia, Brasil* e mais ainda quando improvisava. Não era o caso de

Zózimo. Continuava com a gagueira, discreta no dia a dia, porém expressiva quando evidenciada pela exposição aos microfones.

Escrever um texto, lapidá-lo ao infinito até encontrar a palavra certa, acertar as vírgulas e mostrar um bom resultado era diferente de se apresentar em close, com rapidez de raciocínio. Um tímido pode ser o melhor escritor do mundo, todavia falar com graça num programa ao vivo da TV requer outros talentos. Zózimo admitia não tê-los — e isso ficou mais uma vez claro na entrevista que deu a Luis Erlanger, seu ex-colega na redação do *Globo*, e agora na TV, num telejornal noturno de 16 de fevereiro de 1996.

“Você revela namoro de artistas? Gostaria que fizessem isso com você?”, perguntou Erlanger.

“Só revelo o que é público”, respondeu Zózimo, “um jogador que namora em churrascaria, por exemplo, o que torna o caso oficial. Nada que aconteça só entre quatro paredes. Não gostaria que fizessem comigo, mas quando faço essas coisas faço bem-feitas.”

“Você disse que coluna não precisa de exatidão, que isso é coisa de relógio suíço.”

“É uma brincadeira. As colunas tentam ser precisas, quando não são é por falta de talento. Desde que a coluna social passou a ser feita por jornalistas, essa fama não existe mais. Acho apenas que não é só informação que conta. Humor é importante.”

“Você sofre assédio de pessoas interessadas em comprar espaço?”

“De início as pessoas confundiam as coisas, mas já rodei tanto que elas já sabem com quem estão falando.”

“Você é responsável pela fama no Brasil de um suco de banana com o rótulo de Beaujolais Nouveau. Como se sente?”

“Não é verdade que se fala mais do Beaujolais Nouveau no Brasil do que na França. São 60 milhões de garrafas vendidas na França. É um bom vinho.”

“Então, Zózimo, boa noite, boas notícias e muito Beaujolais que não seja *nouveau*.”

O Beaujolais Nouveau era um ícone da coluna desde o início dos anos 1980 e fruto das relações de Zózimo com o casal Anette e Robert Bergé, do Hotel Le Méridien, embaixadores dos prazeres da França no Rio. Foi com eles, em viagens gastronômicas repletas de paradas em vinícolas, que aperfeiçoou o paladar. O lançamento das garrafas, na terceira quinta-feira de novembro, ganhava ares de coleção de moda francesa e era anunciado com estardalhaço. No Le Méridien, depois das sucessivas notas de Zózimo, o evento ganhou um ar francês, com banda, acordeão e um *chansonnier* autêntico. Zózimo gostava do vinho, considerado moço e macio demais pelos *experts*, mas publicava o outro lado:

- Um paulista endinheirado entrou no três estrelas Jamin, do *chef* Joël Robuchon, em Paris, e com ar de grande *connaisseur* perguntou ao *maître d’hôtel* se a casa já tinha recebido o Beaujolais Nouveau. Ouviu o que não queria:
— Perdão, *monsieur*, aqui nós só servimos vinho.

Em 1995, o Rio de Janeiro era uma cidade brasileira quase desaparecida — e o Beaujolais Nouveau, os espigões da Barra, tudo parecia confirmar isso. A coluna estava de acordo quanto ao fato de o Rio estar diferente. Em 16 de fevereiro daquele ano, Zózimo dizia que “as balas perdidas, o *must* dos céus do Rio”, haviam encontrado dois novos alvos ilustres. Esburacaram a casa do conde Modesto Leal, a mansão de Laranjeiras onde havia se realizado o casamento de Antenor e Patrícia, e a do advogado Antonio Alberto Gouvêa Vieira, em

Botafogo. Em alguns momentos, quando não havia bala perdida, divertia-se com o anúncio dessa decadência.

Na nota “Que delícia de cidade”, contava a história da integração sociorracial de um amigo, mantido anônimo, com uma moradora da favela. Zózimo ainda colocou tudo no plural para evitar que a mulher do cidadão o identificasse — de resto, é tudo verdade, mais uma crônica e o retrato do ano em que a sociedade dançou na boquinha da garrafa.

- O Rio é uma cidade realmente extraordinária de tão aberta e democrática.
- Que o digam os representantes de mais recente aliança celebrada sob o sol tórrido do fim de semana. Junta esculturais jambetes da Rocinha e atléticos golfistas de meia-idade que se exercitam nos *greens* da Gávea.
- O ponto de encontro é o buraco 11, próximo à praia, e no último sábado, graças à intermediação de um *caddy*, formou-se um grupo de jambetes e golfistas que só conseguiu se desfazer depois de um banho de piscina com *champagne* na casa de um deles, por volta das quatro da madrugada.

As referências à cidade, aos seus problemas, aos seus modismos de rua ou de salão diminuiram — e o jeito de João do Rio, flanando pelo Centro e lamentando o estado do Largo da Carioca, virara coisa do passado. Trancado na redação, Zózimo burilava as sacadas. Um dos grandes momentos da temporada no *Globo* foi em 25 de abril de 1995. Ele tinha a nota de uma aproximação sentimental entre dois personagens da cena nacional, no entanto não quis bancar o romance abaixo do manjado “Novo par”. Arrumou uma saída tecnicamente original — e para bom entendedor a sutileza bastaria. Dividiu a coluna ao meio, atravessada por uma foto

vertical da estonteante Leila Schuster (“nas pistas agitadas do fim de semana no Rio”). De um lado, à esquerda, misturada a outras notas, colocou:

- Depois de espairecer uma semana em Paris, incógnita, está de volta ao Brasil a bela Thereza Collor.
- Voltou a sorrir.

De outro lado, à direita, o mesmo texto, os mesmos verbos e vírgulas, só que tudo regido por um sujeito masculino:

- Depois de espairecer uma semana em Paris, incógnito, está de volta ao Brasil o empresário Sérgio Alberto Monteiro de Carvalho.
- Voltou a sorrir.

Mesmo separadas pelo enorme par de coxas de Leila Schuster, qualquer um juntaria as notas, redigidas com a mesma estrutura. Foi o que a própria Thereza fez — e pediu a um assessor que ligasse ao colunista: “Zózimo, a Thereza me garante que em Paris só falou com o Sérgio Alberto por telefone.” Do outro lado da linha, Zózimo boquiabriu-se, fingindo surpresa, e obtemperou, cínico: “Mas eu nem sabia que eles tinham se falado por telefone.”

O politicamente incorreto ainda estava liberado e o alvo podia ser a terceira idade (“O enterro do ex-presidente Ernesto Geisel registrou a maior concentração jamais vista de senhores de cabelos pintados em tons de acaju. Parecia um funeral de irlandeses”) ou a mulher feia (“A semana da moda em cartaz no Jockey tem o seu casal 20: Túlio e Entúlio”). A reação era a de sempre. Havia quem gostasse e quem se dirigisse, agora por e-mail, ao chefe de redação, pedindo providências — ou cortaria a assinatura. Uma feminista reclamou quando,

noticiando a festa de Natal do Hippopotamus, ele disse que José Luca de Magalhães Lins saíra de lá brandindo como troféu a bela modelo Dominique Scudera: “Onde já se viu reduzir a mulher a um troféu?”

Zózimo não respondia a e-mails desaforados. Era do tempo em que o leitor lia o que lhe fosse posto na mão, e não um reizinho a ser ouvido, publicado e reconhecido como um encaminhador do que se deveria dizer no jornal. Fazia a sua parte, mesmo que a plateia estranhasse a ousadia:

- Se Luiza Brunet se candidatar a prefeita de Búzios, muda tudo. Em vez de eleição, Búzios terá uma ereção.
- Visto que a maior obra de integração da cidade, a Linha Amarela, vai ligar a Barra ao Fundão, por que não chamá-la desde logo de Via Bundão?
- Julia Roberts está comendo o seu *personal trainer*, Pasquale.
- O frango pode estar em alta, mas o pinto está em baixa.
- Fernanda Venturini está namorando Mauricio, os dois das seleções de vôlei. Ambos são levantadores. Quem corta?
- Estaria prestes a ir para as bancas uma nova *Playboy* destinada a homens casados. A mesma mulher todo mês.

Em 15 de setembro de 1994, bem dentro desse espírito da mais bem fornida sacanagem carioca, Zózimo outra vez recorreu a uma memória dos bancos escolares do Andrews. O título da nota era “Verão de ouro”:

- O sutiã Wonderbra, que empina e encorpa as peitocas do mulherio, está chegando às praias.
- A sua modelagem está sendo usada na confecção de biquínis. Vai ser o verão da gata peituda.
- Faz lembrar o ideal de mulher de um grande amigo desta coluna, o jornalista Renato Machado, que na adolescência, época da gandaia rasgada, só curtia mulheres magras de busto farto.
- Costumava defini-las de modo singular:
 - Eu gosto mesmo é de fiapo com peitão.

Todos torciam pelo príncipe que tratava o contínuo e Roberto Marinho com a mesma atenção. Henrique Caban, diretor de redação, já casado com Marcia Barrozo do Amaral, o que serviu para estreitar as relações com Zózimo, preocupava-se. Dizia-lhe do desgaste que as suas ausências na redação, cada vez mais frequentes, podiam provocar na grife. A temporada que os dois passaram nos Estados Unidos, na Copa de 1994, tinha impressionado Caban. Zózimo precisava de proteção e *O Globo* faria tudo para mantê-lo. Era um patrimônio do Rio. Sem ele em cena, imprimindo charme em papel-jornal, poderia ser colocada na entrada da cidade a placa da qual Paulo Francis havia muito desconfiava que ela era merecedora: “Fim do asfalto.” Telmo Martino achava o mesmo: “O Rio e as pessoas só ficam interessantes quando o Zózimo quer. Quando ele se ausenta ou se distrai, os bárbaros emergem e atacam. Inutilmente. Nunca são vistos. A miopia deliberada do Zózimo é a melhor defesa que a cidade tem. Dorme-se em elegante paz no Rio.”

Julio Rego era o consultor de moda que ajudava o apresentador Jô Soares na arte de misturar as listras verticais do paletó com as horizontais das calças e, ainda assim, atrás de seus óculos com aros vermelhos, parecer bem-vestido. Era referência fundamental na vestimenta masculina carioca. Por mais que lançasse mão de elementos disparatados, Julinho mostrava-se sempre um homem com absoluto controle do equilíbrio — o que, infelizmente, não acontecia em sua vida particular. Durante o jantar, tomava uma garrafa de uísque inteira. De sobremesa, uma de licor.

Ricardo Amaral conta que Julinho um dia saiu da Sucata, uma de suas casas noturnas, e entrou num táxi (Julinho não pode confirmar a história porque não se lembra, mas acha-a verossímil). “Para onde o senhor vai?”, perguntou o motorista. “Nunca saberás”, devolveu Julinho — e desabou, bêbado, no banco do carro. O motorista deu a volta na Lagoa Rodrigo de Freitas e, como o passageiro não acordasse, desovou-o de volta na entrada da boate. Era apenas mais um vexame que, devido a outros eventos tristes provocados pela bebedeira, resultaria na proibição de frequentar as casas de Amaral. Julinho não perdia tempo com vinhos e “refrescos”. Mamava exclusivamente vodca e uísque, transformando-se num monstro de mau comportamento. A doença era resistente — por isso, solidário, lá estava ele agora tentando convencer o amigo Zózimo, de tantas noitadas, de que era possível enfrentá-la.

Zózimo estava morando num apartamento alugado no Arpoador. Separara-se de Dorita pelo motivo de sempre, o abuso do álcool. Foi ela quem telefonou a Julinho, relatando o novo blecaute do colunista. Naquele segundo semestre de

1996, o produtor de moda comemorava os primeiros meses de abstinência depois de quarenta anos de luta. Internara-se por cinquenta dias na Clínica Vila Serena, em Santa Teresa, e, feliz, começava longo périplo por reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Queria se dar como exemplo a Zózimo.

Doze anos antes, em meados de 1984, Julinho gerenciava um Centro de Treinamento de Cavalos de Corrida, outra de suas paixões, em Itaipava, na Região Serrana do estado, quando recebeu a visita de Zózimo, que precisava relaxar da roda-viva do Rio. “Vamos iniciar os trabalhos” foi a primeira frase do visitante, referindo-se à bebida alcoólica. Julinho estava a seco. O dono do centro, Henrique Schiller de Mayrinck, havia proibido bebidas justamente porque seu gerente fazia mau uso delas. Ao tomar conhecimento da proibição, Zózimo devolveu, com humor: “Isso é uma falta de cortesia. Convidar para um fim de semana na serra, mas sem bebida?! Vamos tratar disso.” E carregou Julinho para a Estrada de Três Rios, quilômetros adiante, onde entraram num supermercado e compraram uísque para abastecer o bar. O porre foi inevitável e a demissão de Julinho também.

Doze anos depois, Julinho tinha saído da fissura e não queria garrafa na frente dele nem do amigo. As inúmeras conversas entre os dois sobre aquele desperdício de talento e de saúde não tiveram êxito no caso de Zózimo. Por isso foi com certa resistência que Julinho atendeu à convocação de Dorita. Quando chegaram ao apartamento do Arpoador, o aspecto de Zózimo era lamentável. Olhos embaçados, pele molenga, cheia de manchas e farelos de descascamento, além de delírios verbais. Mais uma vez Julinho explicou que ele precisava de tratamento, que havia passado pela mesma tragédia e ressuscitara. Zózimo respondia aos palavrões. Dorita e Julinho deram-lhe um Valium, como havia receitado o doutor Pedro Henrique de Paiva, e esperaram o grande colunista dormir.

Continuando daquele jeito, em breve se tornaria um grande ex-colunista.

Assim que Zózimo dormiu, vasculharam a casa em busca de garrafas. Nada descobriram e foram embora tentar dormir em suas camas. Não demorou e Julinho foi despertado pelo telefone. A voz que saía do outro lado parecia dublagem de pesadelo. Não se entendia quase nada em meio ao monte de sílabas pastosas, que não se definiam e pareciam desinteressadas de fazer sentido. O emissor era evidentemente Zózimo, mais uma vez bêbado e, no que se podia entender, tentando contar vantagem. Ele tinha seus truques de esconder garrafas e a *razzia* de Julinho e Dorita deixara escapar uma, embaixo do tampo da mesa, entre as fraldas compridas da toalha. Era um Johnnie Walker Red Label o responsável por aquele estrago.

Estranhamente, porém, Zózimo pediu que o amigo o visitasse de novo. Julinho aprendeu no doloroso programa de recuperação da saúde que a persistência era um item essencial. Não podia desperdiçar aquela janela aberta por Zózimo. Chegando ao apartamento, fez o mesmo discurso da véspera. Disse ao amigo que ele já havia perdido a mulher, a família estava preocupada e o próximo passo seria perder o emprego no *Globo*. Zózimo riu. Garantiu que colocara uma cláusula segundo a qual o jornal era obrigado a mantê-lo a despeito de problemas como aquele. Blefava, mas parecia diferente. “Ou você para ou morre”, dizia Julinho. “Vamos para a clínica ou para o cemitério.”

Julinho estava no meio de uma frase, relatando sua experiência, seu inferno pessoal, e como conseguira sobreviver, quando Zózimo colocou as duas mãos espalmadas na cama. Fez o apoio para se levantar e com esforço ficou de pé. Com o corpo curvado, olhando para o chão, foi na direção do banheiro e disse as palavras que todos os amigos, familiares e leitores do

jornal estavam querendo ouvir: “Vamos lá pra porra dessa clínica.”

Constança Teixeira de Freitas era amiga dele, personagem da coluna e ex-mulher do decorador Helinho Fraga. Nos anos 1970 experimentara a cocaína com certa insistência (“como todo mundo, ainda não havia a associação daquilo com a bandidagem do tráfico”). Era convidada de prestígio nas festas da Zona Sul, salões onde o pó era servido em bandeja de prata com canudo de ouro. Alguns convidados carregavam ao pescoço um tubinho ornado de pedras preciosas, uma bijuteria que servia também como armazenador da droga. Outro modismo que Constança viu: a joia em formato de gilete presa ao bracelete. “Eu e Zózimo éramos companheiros da ‘ativa’”, diz. “Bebíamos e usávamos a droga socialmente e, no caso, a palavra ‘socialmente’ se emprega bem, porque tudo acontecia em ambientes da mais fina sociedade. A droga nos anos 1970 e 80 era quase chique. Havia um grupo que se reunia em torno disso, com cocaína e canapé rolando na mesa sem cerimônia.”

Constança percebeu que estava indo longe demais no “uso social” (numa noite, ela e Zózimo foram flagrados cheirando cocaína na pizzaria Bella Blu, ao lado do Hippo). Internou-se nos arredores de Londres, na Farm Place, a clínica de reabilitação em que estiveram Ringo Starr, Eric Clapton, Anthony Hopkins e Elton John. No Brasil era diferente. Rico não tomava porre: tinha crises alcoólicas. Ela livrou-se do vício e capacitou-se a trazer o método para o Brasil. Era uma adaptação dos passos dos Alcoólicos Anônimos para um público de classe social elevada. Além da terapia, havia a compreensão de que o paciente precisava ficar cercado de referências do seu mundo.

O lançamento da Clínica Solar do Rio, na tranquila rua Santa Cristina, 132, em Santa Teresa, foi coordenado pelas assessorias de imprensa de Anna Maria Tornaghi e Sergio

Zobaran, os escritórios mais prestigiados da cidade em 1994. Acostumados a divulgar as festas, divulgavam agora como salvar as suas vítimas. Os pacientes faziam hidroginástica em piscina aquecida e *tai chi chuan*, e na alimentação, no lugar da comida sem gosto dos hospitais, ganhavam pratos regulados pela boa gastronomia. Os terapeutas e assistentes eram de famílias da alta sociedade.

Logo a Solar do Rio ficou conhecida como Clínica dos Vips. Era mais que isso. A dependência química ainda não atendia por esse nome no Brasil, um país cercado de clínicos gerais que, diante de um alcoólatra, diziam ser necessário o cidadão pegar leve e não passar de uma dose. Desconhecia-se que era preciso fugir do primeiro gole. Como a diabetes ou o câncer, tratava-se de doença com método próprio de tratamento. “Não é autodestruição, é neuroquímico”, tentava explicar Constança. “Existe uma predisposição, uma relação genética nessa dependência. É como o olho azul. Mas como olho azul se sua mãe é morena e o pai também?! Você vai investigar e descobre que tinha aquela bisavó suíça...”

Ela fazia um genograma com o paciente, percorria as relações com os irmãos mais velhos, indagava se alguém bebia em geração anterior, se alguma tia comia muito etc. No genograma de Zózimo havia evidências de uma formação do problema em seu núcleo familiar. A boemia do pai, o alcoolismo do tio, a depressão da mãe. A clínica era administrada por Constança e o terapeuta Tito Gomes, também reabilitado em Londres. Havia conseguido uma forma de juntar a técnica de sua atividade com a afetividade natural que colocavam no trato do problema — sabiam na carne do que tratavam.

A atriz Vera Fischer, viciada em cocaína e álcool, esteve internada por dois meses na clínica, numa rotina de palestras, meditação, boa alimentação e convivência com outros

dependentes. Estava na novela *Pátria minha*, porém chegava atrasada, faltava às gravações, sempre às voltas com escândalos. Seu marido, o ator Felipe Camargo, chegou a dar entrada na clínica de Ivo Pitanguy com um corte no rosto feito por ela. Sérgio Marques e Gilberto Braga, os autores da trama, precisaram reescrever vinte e cinco capítulos quando Vera apareceu com o braço engessado em consequência de outra briga com Felipe. Para resolver o problema, abriu-se um incêndio no roteiro e colocaram a personagem de Vera dentro dele.

Vida real é diferente. O roteiro parece indomável, toma o rumo que deseja e não adianta pedir ao autor que mude o caminho do personagem. Depois dos bons resultados da primeira internação, Vera foi denunciada por uma babá por ter lhe aplicado golpes de tesoura. Perdeu a guarda do filho. O inferno e o inferno, de novo, só que agora ela já sabia o caminho. Voltou à clínica e, pelo menos até o fechamento desta edição, nunca mais. Dorita estava decidida no dia em que, ajudada por Julinho Rego, chegou à Solar do Rio levando Zózimo. Carregava as roupas dele numa pequena mala Louis Vuitton.

“Você vai ficar aqui e eu vou para Miami”, disse, enérgica.

Zózimo começou a tentar responder bem do seu jeito:

“Eh, amorzinho... Ah...”

Mas Dorita interrompeu:

“E tem uma coisa. Quando eu chegar, se você não estiver bom, eu nem volto para casa.”

“Eh... Ah, amorzinho...”

“Eu não quero nem saber!”

Zózimo chegou à clínica em agosto de 1996. Os resultados seriam uma incógnita. Havia componentes psicológicos, médicos e espirituais envolvidos. O ex-diretor da TV Globo Walter Clark passara uma noite lá, também levado por

Julinho. Disse que precisava resolver problemas de trabalho e que ao final deles se entregaria à internação. Não voltou. Morreria em decorrência da doença em março de 1997. O alcoolismo não oferecia uma fórmula única para ser combatido, advertiam os médicos. Era preciso um algo a mais inexplicável. Será que Zózimo teria essa força?

Tempos depois, Dorita encontraria um texto que Zózimo fez na clínica sobre aqueles primeiros momentos:

Acredito que quando transpus os murais do Solar estava disposto não só a renunciar ao álcool, mas a ir além e tentar encontrar a minha espiritualidade. Acredito nessa relação espiritual com a Força Superior, e que se tem de trabalhar no sentido de estabelecer a ligação eu-Ele.

Sempre tive, desde o Colégio Santo Inácio, dirigido com mão de ferro pelos jesuítas, certa dificuldade de tratar com Deus. Sempre o fiz com negligência, via orações decoradas, e que eram pronunciadas com o mesmo entusiasmo, ardor e interesse com que alguém lê uma bula de remédio.

É de uma relação verdadeira e íntegra com Deus que estou atrás. Estou aqui para isso — recuperar meu eu interior afetado pelo consumo do álcool. Já percebi que a primeira qualidade a ser incorporada por alguém que se proponha a chegar a esse tipo de conhecimento — Deus — é a humildade. Reconheço que ainda é pouco, e a única coisa que posso fazer no momento é prometer a mim mesmo a total honestidade e integridade na tarefa de perseguir esse objetivo.

Zózimo dividiu o quarto com o economista Carlos Fernando Muniz Freire e algum companheiro eventual, com as tarefas cotidianas rachadas entre os hóspedes. Glamour nenhum. A família passava o fim de semana no Solar, retirando-se apenas

para dormir. Fernando, sempre presente, tomava café da manhã com o pai e participava de dinâmicas e *workshops*. No almoço, o interno botava e tirava a mesa.

No início, Zózimo trancou-se, sem conversar com os outros internos. Não queria comer e Constança passou a lhe servir a sopa na boca. Fazer o tipo “neném” era um comportamento característico — afinal, o doente perdera o grande prazer do álcool. Teve tremedeiras, o coração disparou, delirava, os outros ao redor pareciam-se mais com fantasmas — foi como reagiu à abstinência. “Somos dependentes químicos”, Constança explicava a Zózimo. “Isso vem de uma predisposição genética. Você não será nem o primeiro nem o último”, e citou amigos que frequentaram a clínica. Citou o próprio caso deles dois. “Lembra da gente na Bella Blu? Eu doida, cheirando cocaína? Então...”

No terceiro dia, o novo interno saiu do quarto, meio cabreiro. No quinto estava participando do tratamento no modo tradicional da clínica. “Meu nome é Zózimo, e aparentemente estou aqui porque sou alcoólatra” foram as primeiras palavras do colunista na primeira reunião com seus novos companheiros. O terapeuta Tito Gomes coordenava os trabalhos e completou a frase, apresentando-se também com humor. “Meu nome é Tito e aparentemente eu vou fazer o possível para ajudar você”, e todos caíram na gargalhada.

Tito, ex-dependente químico do tipo radical, atravessou o mundo em busca das últimas novidades em drogas e dedicou especial atenção à cocaína, numa temporada de mergulho absoluto na matéria, em Londres. Sua avaliação era de que a inteligência e o humor de Zózimo poderiam ser uma concentração tanto maligna quanto benigna para o encaminhamento do caso. Dividir o quarto com outra pessoa, por exemplo, poderia ser risível. O colunista estava ali, a princípio, num movimento clássico. Não acreditava, mas era

um aceno a Dorita. Queria demonstrar que se esforçava, queria ficar com ela e, em seguida, se reencontrar consigo mesmo. “O sujeito passa uma temporada, faz tudo que lhe é ordenado e sai de novo para o vício, com a sensação de culpa diminuída: ‘Tentei, a culpa não é minha’”, avaliava Tito.

Zózimo fazia além da sua parte. Subiu até Santa Teresa, um bairro que não frequentava desde os tempos das festas no casarão dos Monteiro de Carvalho. A co-habitação do quarto, segundo a terapia, reforçava o espelho de ver refletida no outro a sua condição de doente, era uma provação com os institutos básicos. Colocava o paciente numa escala de humilhação — uma situação que, se admitida por ele, ajudaria no tratamento. Saiu-se bem no exercício — ao seu jeito, é claro.

Num sábado à noite, quando todos deveriam começar a dormir a partir do horário liberal das vinte e três horas, e não às vinte e duas horas do resto da semana, ele e Carlos Fernando chegaram ao quarto e encontraram, já dormindo, o empresário Eduardo Richer. De pura molecagem adolescente, acordaram Richer aos gritos dizendo que já era de manhã, que o café estava na mesa. O empresário se levantou imediatamente (o blecaute do quarto dava sempre a mesma falta de luz ao ambiente), tomou banho apressado e, quando saiu do banheiro, encontrou os dois deitadinhos, dormindo. Ficou furioso e deu queixa a Constança.

O único privilégio era deixar que Zózimo telefonasse para Luiz Eduardo Borgerth, o Lulu Borgerth, diretor da Rede Globo, que naquele momento considerava seu melhor amigo. No mais, disciplina férrea. Era um ouvinte atento das palestras, e ele estava na primeira fila quando o psiquiatra argentino Eduardo Kalina, uma das maiores autoridades do continente, falou sobre drogadição. De vez em quando, recebia visita de amigos, como num domingo em que José Hugo Celidônio, Ricardo Amaral e outros subiram até a clínica

depois de um almoço regado a bons drinques na Zona Sul. Constança encontrou o grupo na piscina, todos conversativos. Não gostou, porém, do que percebeu em uma das visitas. “O que é isso, gente? Aqui não entra álcool nem em forma de bafo!” Diante do constrangimento dos amigos, Zózimo deu sua risadinha, como se dissesse: “Dessa vez eu não tenho culpa.”

Numa terapia de dinâmica de grupo, Tito propôs que cada um citasse quem gostaria de ser quando crescesse. Zózimo foi o primeiro a participar. “Quero ser Elio Gaspari”, disse e, como muitos não conhecessem o jornalista do *Globo*, ele fez uma pequena biografia. “É o jornalista mais completo que existe.” Tito tinha certeza de que as referências do trabalho daquele seu interno ajudariam a fazer com que a temporada corresse bem. O terapeuta via Zózimo pegar o exemplar do *Globo* e avançar até a sua coluna. Lá estava o seu nome num logotipo maior que o de todos os outros colunistas. Não havia qualquer menção à sua ausência. Graficamente, tudo normal. O conteúdo, claro, mudara. Todos os melhores profissionais do jornal poderiam se transferir para a baía da coluna a fim de suprir o espaço com notas. Seria esforço debalde. A fórmula das notas era propriedade de Zózimo, pessoal e intransferível. Assim, ele sofria quando pegava o exemplar, uma rara concessão ao contato com o mundo exterior que Tito permitia por perceber sua validade terapêutica. “Não é possível que eu tenha feito isso”, dizia rindo e apontando uma notinha ou outra.

Zózimo se confessava desconfortável com o que saía debaixo do seu nome. Não que fosse ruim, só que não era seu estilo e, pior, estava assinado por ele. Principalmente — e isso foi fundamental para seu embate contra o álcool — sabia-se o responsável por aquela situação. Estava atrapalhando a marca, infernizando a vida das suas colegas, que tentavam

canhestramente imitar suas piadas, e obrigando o jornal a lhe dar um tratamento que nenhum outro profissional receberia.

Numa das conversas no fim do primeiro mês, quando ficou claro que havia abandonado o ceticismo irônico da chegada e mergulhado no projeto de vencer o vício, Zózimo sintetizou sua meta: “Quero resgatar a minha dignidade. Não vou ficar mais refém de ninguém. Vou trabalhar duro como sempre fiz e ser reconhecido por isso. Não vou mais ser refém de ontem à noite.” A autoestima, essa derrota fragorosa do alcoólatra, estava de volta. Primeiro, e desde o momento em que chegara à clínica isso já estava declarado, ele admitiu a doença. Depois, mantida a sobriedade, a luta era para fazer uma afirmação daquele tipo. Zózimo já tinha chegado lá e a coluna no jornal servia-lhe de espelho. Ele enxergava ali, impressa, a decadência. Via seu nome e não se reconhecia. Com sua autorização haviam se apossado de sua alma, seu sangue e papel. “O resgate da dignidade” passou a ser o mote usado por Zózimo nas conversas, a necessidade de crescer e ser um Elio Gaspari, profissional que respeitava o próprio talento e era craque também em cumprir as obrigações da rotina funcional. “Como foi que eu não percebi que para parar de beber era preciso simplesmente parar, não levar mais a garrafa à boca?”, espantava-se, num daqueles momentos que Tito anotava com júbilo.

O humor, sempre intocável, persistia entre o sagaz e o adolescente. Durante um tempo, ele, Eduardo Richer e Carlos Fernando Muniz Freire não se chamavam pelo nome, mas pelo apelido — “primeiro-ministro”, “presidente” e “embaixador” —, e faziam reuniões usando a hierarquia. Um dia foram obrigados a parar. Lilia Catão, terapeuta, achou que a brincadeira estava indo longe demais, aquilo começava a parecer mais uma casa de loucos do que uma casa de bêbados.

E, depois de advertência quase escolar, Suas Excelências caíram na real e voltaram a se tratar pelos nomes próprios.

Foram dois meses de mergulho nas adegas mais escuras da alma e um processo de retirar de lá de dentro todas as garrafas, jogá-las ao mar vazias de álcool e com uma mensagem de socorro. Nas reuniões, Zózimo vasculhava as relações familiares e apontava sua importância na doença. “Nasci de parto normal, mas acho que este foi o único acontecimento dentro da normalidade na minha família”, dizia.

A alta liberatória, como é comum nos casos de alcoolismo, foi dada com o título de “em estado de recuperação”. A cura jamais viria. A persistência seria capital para a sobrevivência e isso dependeria de como o paciente se ajustaria às necessidades do seu caso. Dorita, retornada de Miami, foi à clínica. Queria ver se o marido cumprira a pauta (“ou melhora ou fim de caso”) e avaliar o que seria de seu destino (manter-se casada ou livre para desenhar outro futuro).

Zózimo estava com a pele sem as escamações que a bebida provocava, um aspecto saudável e correto, apesar da bermuda com uma marca engraçada numa das pernas. Às voltas com o “faça-você-mesmo”, uma das técnicas de recuperação dos pacientes, ele se preparou como pôde para receber a mulher. Foi até mesmo passar a ferro a bermuda. Como não era do ramo, tacou o ferro direto no náilon — que enrugou e ficou risível. Dorita aceitou. Os sinais de saúde eram evidentes.

Zózimo deixou a clínica em outubro de 1996, dois meses depois de iniciado o tratamento, com o compromisso de continuá-lo, mantendo-se afastado do álcool e frequentando as reuniões do AA. Ao chegar em casa, escreveu um roteiro de vida para os anos seguintes:

Expectativa de prioridades ou raios-X de uma metamorfose ou ainda cenas de um (*nouveau roman*) casamento:

Prioridade AAA: remontagem física — parar de fumar e jamais voltar; isto é igual a: readquirir o gosto pelo esporte; mudança de hábitos alimentares; vida profissional mais racional; colocar de quarentena alguns endereços como Margutta e Antiquarius; só sair para encontro com amigos e profissionais se realmente valer a pena.

Prioridade AAA: providenciar com a urgência possível o divórcio.

Não à toa, Zózimo imprimia a sigla AAA, uma paródia do AA dos Alcoólicos Anônimos, em meio ao texto sobre sua vida futura. O restaurante Margutta, em Ipanema, era um de seus pousos mais constantes com a turma da coluna (“Onde vai ser a laminha, Vanessinha? No Marguttinha?”, dizia ao fim das sextas-feiras para Vanessa Bueno). O divórcio a que se referia era a legalização final da papelada de sua separação de Marcia. Para a remontagem física, além das voltas de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas, começou a fazer ginástica na Training Club, 600, perto de casa, na rua Faro. Os aparelhos da academia viviam enferrujados, alguns quebrados. Zózimo apelidou-a, pelo alto risco de ameaça aos usuários, de “Tétano”. Nos intervalos dos exercícios, conversava com outra malhadora, a assessora de imprensa do escritor Paulo Coelho, Maria Dorotheia Bastos. Pedia-lhe conselhos de vida saudável.

Queria transmitir seu novo estilo a outras pessoas, como Narcisa Tamborindéguy, que continuava aprontando na noite. “Nota dez” saiu na coluna de 26 de dezembro de 1996:

- A alegre e trepidante Narcisa Tamborindéguy levou à loucura ontem de madrugada a *jeunesse dorée* que estava no Hippo. Depois de cear comportadamente com o pessoal mais velho e devagar (quase parando), no segundo andar,

desceu e enfiou o pé na jaca. Entrou na boate, subiu na mesa e deu um show de sensualidade inesquecível.

Zózimo acompanhou pelo menos uma vez Narcisa naquela arte dos bêbados: a falta de noção de escalar mesas de boate. Na nota, ele havia sido elegante. Narcisa publicaria em 2000, em sua autobiografia, um relato mais picante do que acontecera:

Enlouqueci! Subi em uma mesa para dançar. Isso numa famosa boate da Zona Sul do Rio. Dancei, girei, voltei, a sorte é que não caí e a galera vibrava com a minha dança. Quando fui ao banheiro encontrei todos cheirando. Eu dei um “teco” na cocaína. E voltei a usar a mesa como palco de um show trepidante diante dos amigos. Nas boates da Zona Sul que eu frequentava, havia filas enormes e constantes nas portas dos banheiros. As pessoas se relacionavam intimamente naquele espaço exíguo e quase sempre promíscuo. Muitos ficavam horas e horas trancados na cabine.

Zózimo, sem mais loucuras desse tipo, frequentou reuniões no Grupo Posto 11 dos Alcoólicos Anônimos, na rua General Urquiza, no Leblon. O início foi difícil. Nada contra a terapia. Ele tinha se dedicado à leitura do método dos doze passos do AA, organização fundada em Ohio por um médico e um corretor da Bolsa de Valores — e acreditava que depois da temporada na Clínica Solar do Rio aquele seria o caminho a seguir para se proteger da dependência. Não gostou foi do assédio.

Os alcoólatras do Posto 11 eram leitores ou personagens da coluna. Ao fim da rodada de depoimentos (“Meu nome é Zózimo, sou alcoólatra e há três meses estou limpo”), todos

queriam um dedo de prosa a mais com a celebridade jornalística e, agora se via, também em tentativa de se reerguer do fundo de um poço que ninguém imaginava existir. Percebiam que Zózimo era “gente como a gente”, o que podia ser bom na terapia, mas depois da reunião virava um mote para todos se animarem — e “vamos lá falar com ele”. Até naquele local, onde não se esperava exibicionismo, os malas o perseguiram. Ou queriam sair na coluna, com alguma nota em que aparecessem bem na fita, longe, claro, do AA, ou queriam testar a paciência da grande grife jornalística e retirar do contato uma história, boa ou ruim, que mais tarde pudessem contar numa roda de amigos.

Em fuga, Zózimo passou para o AA da Nossa Senhora de Copacabana, 435, décimo andar. O jornalista Roberto Mota, fonte de notas bem-humoradas, foi seu padrinho. Toda semana os dois atravessavam a porta onde um cartaz anunciava “Um é muito, mil é pouco”, referindo-se ao perigo do primeiro gole e como ele se transformaria numa sede insaciável de destruição. O colunista chegou a receber três fichas, o símbolo do AA. A primeira pela inscrição e as demais por tempo percorrido.

Abrigou-se depois no posto do AA nas proximidades do Campo de Santana, área barra pesada do Centro. Era um terreno tomado pelos não leitores do jornal, gente que passaria por ele e acharia tratar-se apenas de mais um bêbado arrependido. À garantia de anonimato somavam-se dois outros pontos: o posto ficava próximo do *Globo* e tinha entre seus frequentadores Olavo Monteiro de Carvalho, também ex-interno da Solar do Rio. Zózimo levava o empresário para o tratamento na clínica depois que ele confessou estar “pegando pesado”. A relação com a família e o trabalho estava péssima. A ida para o AA do Campo de Santana também seguia a orientação terapêutica de Tito; era um lugar para “levar porrada da vida”, conforme disse para Olavinho. O empresário,

diante de alguns depoimentos, achou-se prestes “a perder os sentidos”.

O mais impressionante, para sempre em sua memória, foi o do sujeito que tinha assassinado a mãe. A pobre mulher, desesperada para que o filho não bebesse, pôs-se entre ele e a cristaleira onde estavam as bebidas. Pedia chorando que parasse e atracou-se com o filho na tentativa de empurrá-lo para longe das garrafas. O homem atirou para que ela liberasse o caminho — e agora, depois de cumprir sua pena, estava ao lado do mais importante colunista social do país e de um grande empresário, os três nivelados pelas cadeiras de plástico em que se sentavam e a doença que a todos atormentava.

Houve momentos divertidos também. Na primeira vez que foram ao Campo de Santana, Olavo, Zózimo e Constança encontraram uma reunião especial com mais de duzentas pessoas. Comemoravam os quarenta anos do posto. O terror de serem reconhecidos aumentou quando Olavo viu entre a multidão o padre de Santa Teresa que costumava rezar missas de Natal em sua mansão. Pediu ao religioso que não comentasse nada em casa, pois ele, à guisa de desculpa para desaparecer e ficar em tratamento na clínica, mentira. Dissera que ia fechar negócios no exterior. Todos o julgavam em Londres, não no Campo de Santana. A súplica foi vã: logo os Monteiro de Carvalho saberiam, via padre, que um dos seus estava no AA.

Narcisa, depois de dançar nas mesas e dar “tecos” nos banheiros, percebeu o mesmo que Olavinho: o Black Label da noite anterior no dia seguinte deixava efeitos lamentáveis em seu moral, e a vida, aí sim, tornava-se um *black* total. Também apadrinhada por Zózimo, ela se internou em Santa Teresa. Tempos depois recebia o troféu de Mulher do Ano, no Copacabana Palace. O slogan da festa era “O barato é ser careta”.

Constança acompanhava Zózimo e percebia melhoras em suas manifestações mais sutis. Uma delas foi a seleção acurada dos relacionamentos pessoais. Ela achava que alguns amigos podiam ter percebido que o caso de Zózimo não era o de curtidor social de álcool, mas de um doente. Não deviam ter lhe oferecido tanta bebida, e de graça. Constança viu ainda ganhos jornalísticos com o fim do alcoolismo: “Um dia ele me telefonou para saber como estavam as coisas, aquele jeito dele discreto de ver se encontrava uma nota. Eu disse que a princesa Diana começaria uma viagem de apoio às vítimas das minas em Angola e depois passaria pelo Brasil, quando visitaria a clínica. O Zózimo disse ‘duvido, pago pra ver’, e eu o convidei para ver a carta do Palácio de St. James. Ele foi a Santa Teresa, depois deu a nota. Ele estava checando com rigor. Achei que aquilo era mérito do tratamento.”

Entusiasmado com a vida sem álcool, Zózimo se permitia fazer piadas sobre ela. Um de seus colegas de temporada na clínica foi o estilista Frankie, da dupla Frankie e Amaury. A convivência criou uma intimidade que acabou sendo usada de jeito abusivo. Frankie passou a telefonar pedindo nota. Certa vez, depois de um desses telefonemas, Zózimo desabafou com as colegas da coluna: “O Frankie ficou tão chato, mas tão chato, que eu vou dar uma caixa de uísque pra ele.”

Como se viu na carta de desejos, ele estava livre do álcool e nem listou a necessidade de continuar afastado dele. Considerava-se curado. Só um mês depois livrou-se do cigarro. Se a coluna no passado manifestava-se simpática ao uso do álcool, contra o cigarro Zózimo sempre bateu firme. “É uma merda”, dizia nas entrevistas. E deu dezenas de notas apontando os males da fumaceira.

“O fumo é o principal fator de mortalidade na nossa sociedade, antes do álcool e dos acidentes de estrada”, já dizia numa nota de 27 de julho de 1979, com o título “Espécie em

(auto)extinção”. Fazia campanha cerrada, enquanto fumava seus maços. “Não ao fumo”, atacou em 1º de dezembro de 1978, dizendo que parar de fumar estava virando moda no Brasil, o que já o era nos Estado Unidos e na Europa (“Renunciar ao cigarro e a todo o seu enorme e pavoroso cortejo de horrores indica hoje não apenas educação, mas sobretudo civilização”).

Uma vez ele estava na redação, ao telefone, e três senhores o esperavam. Foram três cigarros em dez minutos. Quando desligou, os homens foram sinceros: “Olhe, houve um equívoco. Nós somos da Sociedade Sul-Riograndense e estamos fazendo uma campanha nacional contra o fumo. Pelas notas que o senhor publica, achamos que era a pessoa ideal para ser nosso patrono. Vimos agora o engano. Nós o congratulamos pela campanha, mas o senhor não serve para patrono.”

José Hugo Celidônio foi portador de um convite da Souza Cruz para que Zózimo botasse um cigarro na boca e aparecesse na TV ao lado da marca Minister, que fumou em outro período. Declinou. “Esse mal eu já tenho comigo, não quero para os outros. A grana é preta e o pulmão também fica”, disse ao amigo.

Liberto do álcool e do cigarro (“Há muito poucos prazeres maiores do que o vício do cigarro, entre eles certamente abandoná-lo”), falava com amigos da disposição de escrever um livro alertando para os perigos da dupla maligna. Enquanto isso, mudava radicalmente o tom da coluna. Já não fazia piadinhas cúmplices com uísque ou vinho. Dava notas exaltando a Coca-Cola, que lançava sua versão *diet*, e radicalizava o cerco ao cigarro. Começou a colocar a coluna ao lado de autoridades médicas para divulgar as relações do hábito da bebida com o cigarro. Seriam tantas as notas citando a Souza Cruz que a empresa moveu uma ação contra o

colunista. Até mesmo o companheiro da Copa de 1994 levou puxão de orelhas em “Coisa de amigo”.

- Recado ao fraterno amigo João Ubaldo, companheiro de pelo menos uma gloriosa e triunfante jornada:
- Nem tabagista nem tabaquista — o fumante inveterado, compulsivo, é um rematado idiota.

Não dava mais para imaginar nota como aquela do início de 1996, quando ele reproduziu trecho da entrevista em que, na semana anterior, o ator George Burns comemorava cem anos de vida no programa *Good morning, America*. Burns admitiu que fumava quatro charutos por dia e, entre as baforadas, mandava para dentro talagadas de *dry martini*.

- E o seu médico, o que diz disso?, perguntou o repórter.
- O meu médico? Ora, o meu médico já morreu há muito tempo.

Compenetrado da necessidade de se manter sempre alerta e seguir o tratamento, um dia encontrou no AA de Copacabana ninguém menos que a cantora americana de jazz Diane Schuur. Deu uma nota informando que ela havia almoçado no Mistura Fina e esticara até o Alcoólicos, “onde ouviu duas horas de depoimentos com intérpretes do lado”. Nenhuma brincadeira entre as linhas. Seco, não mais como o *dry martini*, mas como devem estar os passos de um alcoólatra em recuperação. No Réveillon de 1997, recebeu Constança e Roberto D’Ávila em Miami e os dois constataram: nem uma gota de álcool.

Ainda em dezembro de 1996, a revista *Vogue* publicou uma edição especial de fim de ano estrelada por vinte páginas sobre Zózimo. Não se fez qualquer referência à passagem dele pela

Solar do Rio. O repórter Ruy Castro, encarregado de perfilá-lo, percebeu o momento e começou o texto: “Zózimo Barrozo do Amaral nunca se sentiu tão bem nos últimos cinquenta e cinco anos.” Duas páginas da matéria foram feitas pelo próprio Zózimo. Era uma coluna fictícia com o título “As notícias que ele gostaria de dar”, uma espécie de presente de Natal. Essas notas se apoiavam no elenco e nas situações daqueles últimos anos. Só que agora as críticas e as estocadas ficavam de fora. Só valia o pensamento positivo. Era a torcida de um colunista, cheio de saúde, pela saúde da cidade — e a primeira notícia que ele torcia para ser verdade no futuro não podia ser sobre outro assunto, conforme diz em “Droga letal”:

- A Organização Mundial de Saúde, em decisão que certamente causará uma grande polêmica internacional, acaba de reconhecer oficialmente o álcool como droga perigosa. Pede aos governos de todos os países que incluam a substância que tem como fórmula C_2H_5OH no mesmo rol de drogas como a cocaína e a heroína — cujo consumo causa profundas alterações de humor e personalidade.

Em “Mais uma”, saudava seu quintal:

- A prefeitura vai inaugurar amanhã uma nova — a terceira — prainha artificial na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em frente à Sociedade Hípica, o novo espaço de lazer terá a equipá-lo até trampolins com a indispensável área de saltos.

Em “Ela merece”, torcia pela amiga em dificuldades:

- Conseguiu-se finalmente chegar à identidade da misteriosa apostadora que cravou seu volante numa casa

lotérica do Largo do Machado, acertou a Mega-Sena, acumulada há várias semanas, e levou para casa R\$ 54 milhões e quebrados.

- Carmen Mayrink Veiga.

Em “Aclamação”, elegia o amigo:

- O PT, único partido ainda recalcitrante, reviu sua posição e passou desde ontem a integrar a frente ampla que apoia o empresário Ricardo Amaral para prefeito do Rio.
- Candidato único, sem concorrentes, apoiado agora por todos os partidos, Ricardo já pode festejar desde hoje a eleição — na verdade, aclamação — para a prefeitura carioca.

Em “Superfla”, vibrava o “arquibaldo”:

- E o Flamengo, hem?
- Tricampeão mundial vencendo em Tóquio o Barcelona de Ronaldinho por 5 a 0, com quatro gols de Romário, é uma façanha que nem o mais apaixonado dos rubro-negros imaginou um dia que iria comemorar.

E em “Roda-viva”, debochava do diabo:

- O Beaujolais Nouveau deste ano tem um gosto extremamente peculiar: cajá-manga, também conhecido como taperebá-do-sertão ou cajarana.

Desde o fim dos anos 1980, Zózimo tinha trocado o costume de passar o aniversário em Paris pelo de apagar as velinhas em South Beach, na sua recém-querida Miami. O 28 de maio de 1997, data dos cinquenta e seis anos, seria num cenário mais surpreendente ainda. Seu roteiro de viagens, sempre concentrado no perímetro urbano de grandes capitais, hotéis cinco estrelas, garfos estrelados do *Guia Michelin* em cima da mesa, seria subvertido por uma ideia ao gosto da mística Dorita. Se o trabalho no *Globo* estava estressante, se a operação de colocar uma coluna de pé todos os dias havia lhe tirado toda a calma interior, por que não recuperar as energias indo ao centro mundial de meditação? Que tal pegar um avião para o Nepal, conhecer Katmandu? Depois da purificação no alto de Santa Teresa, no Rio, deixando o tabagismo e o alcoolismo, por que não desintoxicar a mente? Ele se assustou. Quando disse “sim” estava claro que se tratava de mais uma prova de amor, uma sinalização da vontade de se aquietar e reinventar o destino.

O *tour* começou por Bangcoc, capital da Tailândia, e o 28 de maio Zózimo passou ali, dentro de uma antiga barca de arroz adaptada para excursões turísticas. Era um roteiro pelo rio Chao Phraya, e a cada parada visitavam um templo budista, o outro lado da civilização cheia de grifes. Abaixo do equador, estava o colunista social, o dia todo olhando para a frase “Enquanto houver *champagne*, há esperança”. No Nepal, ele se curvava diante de imagens de Buda, aquele que pregava como princípio de vida a mais radical renúncia aos prazeres mundanos. “Não deseje e não sofra”, garantia Buda. “O desejo é a alma do sofrer.”

Dorita apresentava Buda como um sorridente companheiro de viagem para a nova vida, agora sem vícios, a não ser o de seguir em calma, mantendo, como diz uma canção de Walter Franco, a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo — o brasão reescrito de Zózimo. Sua conversão ao judaísmo para casar-se com Marcia fora um esforço para ficar com a mulher amada. Não foi em frente. Apesar da iniciação repressiva com os padres do Santo Inácio, de ter achado a fé desligada da vida cotidiana, ele gostaria de dar novas chances aos mistérios do sagrado. Ao amigo Sergio Bermudes dizia que em algumas igrejas sentia vontade de se ajoelhar, de se reconciliar com Deus e rezar — como adotara o judaísmo, ficava em dúvida. Agora aparecia o budismo. Quem sabe Buda ganharia o jogo?

A próxima parada foi em Katmandu, capital do Nepal, com seu incrível tráfego urbano regido pelos humores das vacas sagradas que passeiam entre carros e motos sem terem de cumprir regras impostas aos humanos pecadores. Tempos atrás, Zózimo teria se trancado no hotel para não participar da cena. Achou estranho, depois relaxou. Em Bhaktapur, um dos maiores centros de visitação turística do mundo, não há espaço para drinques regados a água-benta de doze anos. O papo agora era a sabedoria dos séculos. Ouvir o guia contar histórias desses deuses hindus e reverenciar Shiva, aquele que disse o que Zózimo estava querendo ouvir: “Pessoas que caminham sem rumo jamais encontrarão seu porto seguro.”

Em Nepalgunj, Zózimo e Dorita eram os únicos hóspedes do Karnali Lodge, com seus exóticos quartos de telhado em sapê. Não havia luz elétrica. O menu da chegada era arroz com suco de lentilha, jaca frita com pimenta e cabra ensopada com *curry*. Zózimo já havia andado de gôndola em Veneza. Voou de Concorde. Subiu no lombo de um camelo no Marrocos. Andava de *bike* na Lagoa Rodrigo de Freitas. Cruzou Londres em

ônibus vermelhos de dois andares. Em Nova York foi pelo menos uma vez ao Studio 54 a bordo de uma limusine. Mergulhou de escafandro em Fernando de Noronha. Viajou na montanha-russa da Disney. Em Nepalgunj, ia passear de elefante. O casal subiu no lombo do bicho, turisticamente coberto por um tabladinho de madeira, uma espécie de cadeira sem encosto. As costas de Dorita apoiadas no corpo de Zózimo. No pescoço do elefante ia o “motorista”. Na parte de trás — o bicho era enorme, sempre cabia mais um — seguia um rastreador, que chegou ao cocoruto do elefante escalando-o com uma corda.

Pela primeira vez, Zózimo fazia um safári e, a bordo da elefanta Sonja Kali, seguia em silêncio pelas matas do Nepal. Ia em busca do grande acontecimento da região, um privilégio que poucos viajantes conseguiam ver. Os guias começaram a perceber pelo caminho restos de veado e as suas parceiras de sempre, as pegadas de tigre. “Ele está por perto”, diziam, enquanto Zózimo desconversava, garantindo a Dorita que era truque para valorizar o passeio. “Não tem tigre nenhum por aqui.”

Os primeiros a gritar foram os próprios guias, e só depois ouviu-se o rugido do tigre. Ele tinha resolvido sair da espreita e pulara sobre a elefanta, atingindo-a entre a pata e a tromba. Ou tudo estava muito bem montado, e a agência de viagens combinava certinho até com os animais, ou vivia-se de fato um pesadelo. O tigre era imponente e ameaçador. Sonja Kali recuava, nervosa. O clima era de pânico — ali estava, ao vivo, um tigre-de-bengala, muitos anos depois de os turistas sobre a elefanta terem visto um ascendente dele na TV, no seriado *Jim das Selvas*. Zózimo abraçou Dorita, como se a defendesse de um segundo ataque, o que acabou não acontecendo.

O tigre viu que aquilo não ia levar a nada e, depois do primeiro bote, deu por concluído seu espetáculo — que em

seguida certamente repetiria com outra turma de turistas. Suas presas estavam muito altas para serem alcançadas e aos poucos ele sumiu na floresta. Dorita e Zózimo, apavorados, pediram o caminho de casa. De início queriam voltar imediatamente para o Brasil. Tomaram um Lexotan, dormiram e no dia seguinte riram da maluquice.

“Achei que a situação ia ficar preta, depois pensei e senti que uma coisa destas não poderia acontecer”, disse Zózimo no café da manhã.

“Por quê?”, Dorita perguntou.

“Porque seria ridículo! Você pode imaginar as manchetes nos jornais do Brasil?”

“Acho que posso: ‘Zózimo Barrozo do Amaral, o famoso colunista, e sua mulher, comidos vivos por um tigre!’”

“Que nada: ‘Dois babacas engolidos por uma fera solta!’”, brincou Zózimo. “Acho que nossas famílias e nossos filhos ficariam arrasados, mas nossos amigos iriam rolar de tanto rir.”

O casal ainda ficou alguns dias no Nepal. Zózimo precisou dar uma parada para se recuperar de uma febre altíssima, surgida de repente e que da mesma maneira se foi. Era um sinal vermelho de problemas com a saúde, logo justificado como um acontecimento natural, certamente provocado pelo cansaço.

Havia templos para as várias nuances de elevação espiritual e Dorita queria visitar todos. Em Pashupatinath, foram a um erigido em louvor a Kama Sutra, com esculturas em que as divindades desenhavam com os próprios corpos as posições do ato sexual. Zózimo era um homem do mundo. Tinha levado o filho, Fernando, ao Quênia, à Tanzânia e à Rodésia, assim como vira de perto, com ele, a cena religiosa de Israel. Não conhecia apenas os templos do prazer — as lojas da Brooks Brothers, em Nova York, as *caves* do Dom Pérignon, na

França. Mas nunca tinha visto tanto templo religioso. No lugar de *directrices e restaurateurs*, deuses quase em carne e osso. Um dia, visitando uma casa, um guia lhe informou que ali era o *Bahal*, a casa da Kumari, a deusa viva! A deusa virgem! E por um segundo a viram passando numa janela.

Nem tudo era compreensível a olhares pouco afeiçoados àqueles acontecimentos. À beira de um rio, Zózimo viu a cremação pública, em cima de uma pedra, de cadáveres humanos. Corpos cobertos por um tecido branco e laranja eram jogados num monte de lenha e logo viravam fogueira, todos ardendo ao mesmo tempo. O corpo físico não importa, dizem os hindus. O importante é a alma, o plano astral, as reencarnações e, quem sabe, um dia, o Nirvana, a Iluminação. Dias depois, Zózimo ficou horrorizado quando subiu até a montanha do templo Dakshinkali, o maior da deusa Kali, uma das companheiras de Shiva. Ela só se satisfaz com sangue. Em tempos mais bárbaros, sacrificavam-se pessoas, agora eram animais.

Zózimo e Dorita postaram-se em uma fila em meio a uma multidão que levava cabras, bodes e galos, todos machos, para serem imolados em honra à deusa. O fiel entregava seu bicho ao sacerdote que, com uma faca, zás, num golpe só, arrancava-lhe a cabeça. O sangue banhava a estátua da deusa, e assim ela ia comandando todo o processo de vida do cidadão, do nascimento até a morte. Acredita-se também que, com a degola, libertam-se antepassados aprisionados em forma animal. Zózimo e Dorita, como se estivessem num coquetel macabro, circulavam chocados por entre bodes que, sem a cabeça, ainda corcoveavam nos estertores.

Era hora de voltar ao Brasil. Quando chegaram ao hotel, tomaram um banho caprichado para limpar todo aquele sangue e a energia pesada. No Rio, duas semanas depois, a excursão mereceu reportagem na revista *Caras* com o título

“Férias do outro lado do planeta”. Segundo Dorita, Zózimo fez um balanço positivo da viagem. Não gostou da comida, do perfume enjoativo de algumas delas. Garantia, porém, que recomendaria a todos o mesmo processo que percebera nas ondas do budismo: mais espiritualização e menos estresse. Eram seus planos para o futuro.

“Amorzinho”, chamegou para a mulher, “e se a nossa próxima viagem fosse ao Butão?”

Zózimo era míope. Usava lentes de contato de vidro, duras, e de uma maneira um tanto extravagante: sem se preocupar com a higiene apropriada, ficava dias e noites com elas. Dormia, inclusive. Ao se deitar, empurrava cada uma para um canto do olho, na parte branca. De manhã, com outro toque, retornava-as ao centro. O resultado eram olhos sempre vermelhos ao acordar. Esse hábito foi o primeiro suspeito. Quando as dores na cabeça começaram, Dorita deu uma bronca e apontou o dedo para as culpadas. O que se podia esperar depois de anos seguidos fazendo uso das lentes daquela maneira?

Desde a volta do Nepal, no fim de junho de 1997, o marido reclamava que lhe doía o frontal, com irradiações para o lado direito, impactando forte por debaixo do olho. No início de julho, assistindo a um jogo do Flamengo no Maracanã, comentara com o botafoguense Armando Nogueira — os dois não iam ao estádio havia tempos — que num lance tivera a sensação de ver a bola pela metade. Caíram na gargalhada.

Uma tarde, escrevendo na redação, as dores não só se tornaram insuportáveis, como foram seguidas de uma pane visual de segundos, numa espécie de continuação do que acontecera no Maracanã. “Engraçado”, comentou com Valéria Blanc, “vejo só metade da letra.” Como esses episódios iam e vinham, Zózimo, como lhe era do feitio, foi deixando de lado qualquer providência. Passariam. Anunciou para Kiki Garavaglia que voltaria às quadras com Kiko Malzoni, estava curado do *tennis elbow*, dor que acomete jogadores de tênis, e queria prosseguir o projeto saúde, espantar também por meio de raquetadas a assombração do cigarro e do álcool. “O

problema é que agora estou vendo as coisas meio turvas”, disse para Kiki.

Magro, a expressão abatida, quem o encontrou naquele mês de julho ficou impressionado com a mudança. Envelhecera, ninguém lhe dava apenas cinquenta e seis anos. Afora essa impressão estética, trabalhava normalmente. Sem os problemas do alcoolismo, tornara-se um funcionário-padrão, batendo o ponto todo dia. Abriu julho com a nota “Fim da picada”, acusando a Souza Cruz de ter usado de má-fé ao esconder num anúncio o alerta obrigatório de que cigarro faz mal (“expediente torpe e por se tratar de fraude contra a saúde do cidadão merece punição exemplar”). Fechou o mês dizendo que Antônio Carlos Magalhães, Michel Temer e Edison Lobão, todos do Congresso Nacional, estavam em Paris — e que diante de tais visitantes Paris podia estar tudo, “menos uma festa”. A julgar pelas estocadas, o humor parecia bem.

No início de agosto foi até Itaipava com Dorita, o arquiteto Sergio Rodrigues e a mulher deste, Vera. Estava interessado em comprar um terreno para, juntando ao projeto Miami, construir uma casa e radicalizar o desejo de uma vida mais sossegada, longe das badalações. Deixaria o jornal, abriria um escritório perto de casa, numa sala que já havia escolhido e que podia ser vista da cobertura de Dorita. Trataria de viver da publicação de livros e de outros projetos menos estressantes que a coluna diária. Estresse, só o benigno, na hora de escolher se passaria dias de folga nas praias de Miami ou em meio ao verde de Itaipava.

O quarteto viu terrenos, subiu e desceu morros, almoçou no Mes Amis, de Geraldo Casé, e, num intervalo dessas movimentações, Sergio ouviu o amigo se queixar da dor de cabeça. Estava cansado e pediu que suspendessem a procura, que deveria se estender também pela tarde. No fim de semana seguinte voltariam para recomeçar a busca de um cantinho

com a cara do que Dorita e o marido desenhavam para o resto de seus dias.

Zózimo só resolveu se mexer e investigar o que acontecia com a saúde após um jantar com Paulo Marinho no Cipriani, no Copacabana Palace. Ao sair do restaurante, não percebeu a porta de vidro e bateu de cara. Poderia ter cortado o rosto, mas o vidro, duplo, não se espatifou. Novamente tinha tido uma súbita cegueira — e aí, no dia seguinte, pressionado por Marinho, o mesmo que o obrigara a visitar um cardiologista em São Paulo no fim dos anos 1980, marcou um oftalmologista do plano de saúde, perto de casa.

O diagnóstico do médico foi servido horas depois na redação do *Globo* numa visita ao aquário de Merval Pereira. “A velhice é mesmo o diabo”, comentou às gargalhadas, entremeadas de tosses. “O médico disse que eu tive enfarte nos olhos. Vê se pode uma coisa dessas? Ainda bem que não foi no coração. Vou dar uma nota dizendo que a coisa anda tão feia que os olhos estão enfartando.”

Em condições normais, a nota poderia até ter ficado boa. Zózimo, porém, não chegou a escrevê-la. Precisou sair mais cedo. As dores de cabeça voltaram após deixar a sala de Merval, os “enfartes” começaram a ficar mais próximos um do outro e ele foi direto para o consultório do oftalmologista Almir Ghiaroni. Na sala de espera encontrou a embaixatriz Glorinha Paranaguá e conversaram animadamente. Ela ficou com a impressão de que a consulta do amigo devia ser de rotina, para acertar o grau das lentes. Não notou nada estranho.

Um exame de campimetria feito no consultório observou uma lesão homônima, com alteração do campo visual. Havia compressão da área, com todo o jeito de ter origem neurológica. Preocupado, Ghiaroni pediu que Zózimo fizesse uma ressonância do cérebro e procurasse seu clínico, Pedro

Henrique de Paiva. O resultado da ressonância, na clínica de Luiz Felipe de Queiroz Mattoso, foi recebido por Dorita em duas etapas. A primeira em forma de suspeita: no fim do exame, ao passar pela clínica para pegar Zózimo, notou que o rosto de Felipe Mattoso, o médico, um homem bonito, dos mais sedutores da sociedade carioca e personagem da coluna, ganhara coloração assombrada. A segunda veio mais tarde, por telefone, do mesmo Mattoso. Ele confirmava a impressão inicial que motivara o espanto percebido por Dorita. “Dorita, há dois tumores no cérebro, em estado adiantado, provavelmente uma metástase.”

A providência imediata foi marcar consulta com o neurocirurgião Paulo Niemeyer, principal referência nacional na especialidade. As urgências eram evidentes. Zózimo foi operado no dia 3 de setembro na Clínica São Vicente. Os dois tumores foram extirpados pelo bisturi firme do cirurgião e mandados para biópsia. A cicatriz na cabeça não estava bonita, típica de filme de terror, mas logo desapareceria com o crescimento do cabelo. E quem lhe deu a terrível notícia, ainda no CTI, foi o amigo Paulo Marinho. Era o primeiro a pronunciar o nome da doença na frente dele. A guerra apenas começara. Todos os ataques seriam desfechados agora contra o pulmão, onde estava o início do câncer produzido por aqueles anos regados a até oitenta cigarros por dia. Um pulmão estava atacado, o outro funcionava bem, por isso ele não sentia dor na região. O alarme, “o enfarte nos olhos”, se deu com a metástase. A chance de sobrevivência era razoável.

Zózimo ficou com os olhos marejados, todavia não chorou ao receber a notícia. Tinha vencido a batalha do cérebro, a confusão visual cessara imediatamente e se sentia capaz de partir para a próxima. Como sempre na vida, usou de humor para lembrar que estava sem fumar e sem provar sequer uma gota de álcool: “Poxa, que sacanagem, logo agora que eu estava

cheio de saúde...” Quando José Hugo Celidônio o visitou, levando um chá indiano raro, continuou a brincar com a sua infelicidade: “Xi, quando começa com isso é sinal de que o caso é sério. Em seguida virão os amuletos.”

Um ano antes, acometido pela depressão e pelas crises de alcoolismo, poderia até ter admitido a doença como alívio final, uma solução do destino para o que ele não conseguia realizar. Não era o caso agora. Andava feliz, com projeto de futuro sem a companhia dos vícios. Depois do diagnóstico, a sós com Sergio Bermudes, revoltado com a má sorte, decidiu chutar o balde da saúde tão arduamente conquistada. Ela não tinha sido leal, não merecia respeito de volta — e pediu um cigarro. Sergio achava que se desse abalaria ainda mais o quadro do doente. Negou e pelo resto da vida se arrependeu de não ter presenteado o amigo com a felicidade daquelas baforadas.

A boataria sobre a saúde do colunista se espalhou por todos os cantos e a Clínica São Vicente, na semana em que ele precisou ficar internado, transformou-se numa coluna social. Todos os personagens a que dera vida no jornal resolveram aparecer para votos de pronta recuperação ao criador. Parecia um coquetel. Na coluna, daria até um daqueles *name-droppings* extensos em que ele antigamente elencava os presentes às festas.

A visita mais emocionante foi a da mãe. Mesmo com o passar dos anos, a relação com Elza não melhorara. Ela se separara de Boy no início dos anos 1970. Deixara a casa da Frei Leandro, no Jardim Botânico, e fora morar na Fonte da Saudade, na Lagoa, com um novo companheiro. O encontro na São Vicente foi provocado por Izabel, que, ao contrário do combinado com o irmão, não foi junto, forçando os dois a conversar. Zózimo comentou com Paulo Marinho que ainda se sentia um estranho diante dela. Para Izabel, disse que gostaria

de vê-la outras vezes e finalmente se aproximar. Ao filho, Fernando, Zózimo dedicou uma conversa profunda e íntima, “daquelas que se tem duas ou três vezes na vida”, segundo o rapaz. Falou da disposição de enfrentar a doença com dignidade e frisou: “Nem que seja para te dar um último exemplo.”

Os amigos ficaram aborrecidos de não terem a entrada permitida na São Vicente, quando a família passou a evitar que Zózimo fosse visto com as sequelas de um pós-operatório na cabeça. Dorita contratou um segurança para o trabalho desagradável de informar que as visitas estavam restritas aos parentes. Em casa, o telefone não parava, movido pela ânsia benigna de todos quererem saber como estavam as coisas. Assim, era impossível cuidar de um doente que respirava com dificuldade. Os médicos recomendaram que Dorita aproveitasse o apartamento em Miami e se mudasse. Zózimo teria privacidade e ficaria a poucas quadras do Mount Sinai Medical Center, o hospital que era uma das maiores referências internacionais de combate ao câncer e com um médico brasileiro de grandes recursos, Rogerio Lilenbaum.

Quando chegou aos Estados Unidos, o quadro geral do paciente era bom, se é que isso podia ser dito de alguém diagnosticado, depois da biópsia, como portador de um carcinoma raro e agressivo, um vilão que se instalara nos pulmões e já dera como manifestação paralela de sua hediondez a metástase no cérebro. Zózimo mantinha-se esperançoso. Na primeira consulta com Lilenbaum teve um choque de ordem. Como evitava falar o nome explícito da tragédia, fugindo como fez pela vida toda em relação a outros assuntos graves, foi forçado pelo médico a pronunciá-lo com todas as letras. E o que o paciente identificava nas conversas como “doença” passou a ser referido com toda a crueldade semântica pelo nome próprio: câncer.

Zózimo chegou em meados de setembro à sua Miami querida (“isso aqui é bom até com câncer”). Estava com Dorita e Fernando, que ficariam a seu lado durante toda a internação. Logo, Paulo Marinho se juntaria ao grupo, levando a empregada e sua receita de picadinho. De início, Zózimo ganhou peso. Entre uma passagem e outra pelo Mount Sinai, também ia ao Joe’s Stone Crab, restaurante especializado em caranguejo. Aos domingos, o casal frequentava a igreja de Saint-Patrick. Dorita comprou um santinho com o poema “Don’t quit” (Não desista). Lia os versos como se fosse uma prece. Tentava fazer com que cada palavra penetrasse a alma de cada célula, seguindo o processo de reconstrução celular de Carmen Viana, com quem se mantinha em contato por telefone. Acreditava que ajudaria a travar a chegada da morte.

Tudo tinha sido muito rápido. Num passeio, encontraram uma brasileira. “Mas eu te vi outro dia no Rio e você estava tão bem”, ela disse. “Pois é, querida”, respondeu Zózimo, “por fora, bela viola, por dentro, pão bolorento.”

Entre os telefonemas, recebeu o de Nelita, agora já com o sobrenome Leclery. O tom da conversa era o de balanço de uma existência. “Você, junto com a Marcia e a Dorita, foi das três mulheres mais importantes da minha vida”, disse o cavalheiro Zózimo para a ex, que telefonava de Nova York. “Olha, querido, não vou mentir”, devolveu Nelita, rindo, “mas numa lista dos meus homens você não está nem numa lista de dez.” E os dois caíram na gargalhada.

Outra manifestação de bom humor (além de só chamar Lilenbaum de “doutor Lullaby”) era a imprecisão contra o químico americano Linus Pauling. Prêmio Nobel por duas vezes, garantia que com altas doses de vitamina C evitava-se uma série de doenças, inclusive câncer. Zózimo (e o mundo inteiro) acreditara. Na tentativa de atingir a quantidade de mil gramas por dia da vitamina mais outros tantos de outros

minerais indicados por Linus, chegou a um coquetel de catorze pílulas por dia, incluindo Prozac. Tomava, é claro, uma pílula de cada vez. Numa manhã, atrasado para um compromisso, jogou todas dentro da boca. Só não morreu engasgado porque, em busca de socorro, pulou um andar inteiro de escada, dentro da cobertura de Dorita, e na queda as pílulas saíram goela afora. Linus Pauling que esperasse: “Gastei uma fortuna em vitamina C, quando eu sair dessa vou pedir ao Sergio Bermudes para requerer judicialmente meu dinheiro de volta.”

A quimioterapia foi lhe devastando o cabelo e coube a Paulo Marinho passar a máquina zero para acabar com o que restava. “Eu sou o novo Yul Brynner”, pilheriou. Para melhorar a aparência, Marinho enfeitou o amigo com um chapéu estilo Indiana Jones. Como se estivesse no papel do aventureiro das telas de cinema, Zózimo pedia que empurrasse sua cadeira de rodas em movimentos audazes e fingia domar um potro bravo. Estavam sempre juntos. Um dia, Zózimo beliscava uma comida na lanchonete do hospital. Pediu uma Coca e, depois, com ênfase, acrescentou o *diet*, para deixar claro que por maior que já fosse o estrago não só o humor sobrevivia, como também a força de vontade.

As cenas de medo ante o futuro apareciam. Num lindo dia de sol, depois do golfe, foram comer pizza em Fisher Island. No restaurante vazio, o sol se pondo na hora da ave-maria, Zózimo teve uma crise de choro. “O que eu posso fazer pra te ajudar, meu irmão?”, perguntava Marinho com seu sotaque carioca. “Eu estou chorando porque foi o primeiro dia feliz que tive neste último mês, o primeiro em que não me senti um doente. É um choro de alegria.” Eram altos e baixos, uma montanha-russa emocional. O empresário Roberto Kreimer estava no quarto quando, depois de uma dieta de cinco dias sem comer ou beber, a enfermeira ofereceu um copo d’água a Zózimo.

“Melhor que um Château Petrus”, balbuciou, sem perder a piada.

Constança Teixeira de Freitas, da Clínica Solar do Rio, e o amigo Julinho Rego telefonaram. Aos dois, Zózimo reforçou o novo credo. “Não bebi, hein, não bebi”, dizia em sua defesa contra o antigo inimigo, agora superado por outro mais cruel. “Estou com a espada na cabeça, mas se sair dessa, garanto, vou continuar, nunca mais vou beber.”

O médico indiano radicado nos Estados Unidos Deepak Chopra foi consultado, graças à interferência da amiga em comum Anna Maria Tornaghi. Autor de *best-sellers* de autoajuda como *A cura quântica* (“Todas as grandes mudanças são precedidas pelo caos”), atendeu a um telefonema de Zózimo. Chopra estaria na lista que a *Time* publicaria no fim daquela década com o nome das cem personalidades mais importantes do século XX. Tentava-se de tudo.

Em Miami, nos dias em que pouca coisa acontecia além da agenda de tomar remédios, Dorita e Zózimo tinham longas conversas. Continuariam a procurar terreno fora do Rio e manteriam o projeto de dividir seus dias entre a serra carioca e o mar de Miami — longe do *carnet social*. Ele escreveria um livro que denunciasse os malefícios do álcool e do cigarro e outro reproduzindo suas melhores notas. Contaria os bastidores da coluna. Poderia se meter em projetos especiais, como cobrir a Copa de 1998, na França. Redação, nunca mais.

A primeira sessão de quimioterapia foi devastadora. Zózimo começou um processo de infecção que não cedia. José Hugo Celidônio e Marialice, Marcia, Ricardo Amaral e Gisela, Regina Marcondes Ferraz e Roberto D’Ávila foram visitá-lo. “Será que se eu continuasse de porre esse câncer não ficava lá no canto dele e me deixava em paz?”, brincava. “Agora que eu apostei na saúde, me aparece isso. Acho que era melhor morrer bêbado.” Numa internação motivada por uma febre alta, uma

enfermeira tentou injetar boas palavras no quarto e, diante da janela, fez-se vibrante: “Que bela vista o senhor tem...” Ao que Zózimo respondeu, imediatamente: “Oh, como eu sou sortudo...”

Dorita foi testemunha do dia em que, numa enfermaria, todos acompanhavam um jogo de beisebol entre Marlins e Indians. Entubado, Zózimo não podia falar, e no justo momento em que os Marlins pontuaram ele acenou para a enfermeira pedindo que levantasse mais a cabeceira da cama. Torcedora dos Marlins, ela entendeu a mão estendida como tentativa mal-ajambrada de o brasileiro comemorar com um americaníssimo *gimme five* — e assim o fez, batendo na mão espalmada do enfermo.

A quimioterapia trouxe efeitos dilacerantes sobre partes antes saudáveis do corpo, tudo já agravado por comprometimentos passados, como o enfisema pulmonar. O câncer não regredia. Dorita nem sempre concordava com a submissão dos médicos aos poderes daquelas máquinas — “elas podiam salvar vidas, mas matavam outras tantas, pela depressão e pelo sofrimento a que submetiam o paciente”.

Durante todo o drama hospitalar, Dorita e Carmen Viana tentavam fazer com que a Reprogramação Genética do DNA tivesse efeito. Faziam “um trabalho espiritual buscando ajuda em outras dimensões, na esperança de refazer os glóbulos brancos de Zózimo”. Depois de passar noites em claro nesse esforço conjunto, Dorita chegava de manhã ao hospital, consultava os exames e eles estavam normais. Ouvia dos médicos que era quase um milagre. Ela não receava o que os cientistas pudessem achar. Acreditava na sua fé, na energia do processo provocado por Carmen. Diante da possibilidade de mais uma entubação de Zózimo, pediu que não o fizessem.

“Recebi uma mensagem de que entubá-lo será o começo do fim.”

“De quem é a mensagem?”, quiseram saber os médicos.

“Acho que foi Deus.”

“Como?”

“É, tenho certeza. Foi Dele mesmo.”

Dorita responsabilizou-se pelas consequências de se contrariar as ordens médicas. E daquela vez a entubação não só não prosseguiu, como Zózimo, segundo ela, foi manifestando melhoras. Dias depois, porém, Carmen foi clara ao telefone. A luta chegara ao fim: “Perdi a conexão.” A partir daí não houve manifestação de melhora.

“Não sofra, está ruim viver. Não me segure aqui”, Zózimo disse, como numa nota telegráfica para Dorita. Ela sussurrou aos prantos a sua despedida: “Amorzinho, estamos juntos há mil anos e vamos continuar mais mil. Busca a luz, vai em paz. Você não queria conhecer teu anjinho? Chegou a hora. Chama ele. Você foi tão corajoso, vai ser agora também. Eu só quero um presente. Me dá um pouco da tua força. Boa viagem, companheiro.”

Zózimo morreu no dia 18 de novembro. Era terça-feira, a terceira do mês de novembro, a antevéspera da data que todo ano ele esperava ansioso. Deixava o mundo dois dias antes da chegada do Beaujolais Nouveau 1997.

O piloto do avião, ar compungido, chegou para Gisela Amaral, sentada numa das primeiras filas, e ofereceu-lhe a mão em cumprimento: “Meus pêsames, minha senhora, que seu marido descanse em paz.” A bordo, no bagageiro, fazendo o trajeto Miami-Rio, estava o corpo de Zózimo. O comandante, sabendo que Gisela era a acompanhante do caixão e também de sobrenome Amaral, julgou-a a viúva (Dorita embarcara antes para o Brasil). A senhora Ricardo Amaral aceitou os cumprimentos. Aquela confusão teria dado uma boa nota na coluna.

Na quarta-feira, 19 de novembro de 1997, enquanto o corpo de Zózimo viajava para o sepultamento no São João Batista, em Botafogo, o *Globo* publicava a última coluna com seu nome no alto da página. Ela já estava fechada, com o *Segundo Caderno* impresso, quando chegou a notícia do falecimento (ocorrido às vinte horas e quarenta e sete minutos de terça-feira, dia 18 de novembro, hora de Brasília). Não houve jeito senão mandá-la para as bancas, como se fosse um fantasma fazendo a última visita a seus leitores. Era ilustrada, em dia tão triste, pela foto de uma jovem sorridente, vestido vaporoso, com a legenda: “Com o coração batendo a mil, Betina Haegler só podia estar mesmo com esse ar de felicidade.” Foi sem querer, mas Zózimo aprovaria a despedida alto-astral.

Havia dois meses, Valéria Blanc responsabilizava-se em manter a meia página com respiração artificial, na esperança de que o titular voltasse e tudo não tivesse passado de mais uma ausência. O *mix* de notas daquela última coluna seguia a fórmula aprimorada por Zózimo. Incluía notícias sobre o governo FHC, um festival de cinema em Búzios, a venda da

fábrica de água San Pellegrino para a Nestlé, a onda de violência no Rio — e, claro, a nota do Beaujolais Nouveau 1997, que, já no dia seguinte, na mesma quinta-feira que os franceses, poderia ser degustado no Rio. Embaixo da coluna, um enorme anúncio convidava a cidade a abrir suas garrafas e informava os restaurantes que já teriam o privilégio de poder oferecê-las. Pelo menos em duas notas Valéria tentava a difícil arte de emular o humor do chefe e dar a impressão de que ele estava na redação. Com o título “Crescido”, noticiou:

- Com a sua longa existência, o El Niño já pode ser chamado El Hombre.

A nota “Tem lógica” era inspirada no espírito moleque de Zózimo:

- E Tóquio, hem?
- Mexeu os pauzinhos para as bolsas levantarem.

Se no *Segundo Caderno* Zózimo ainda estava vivo, na capa o jornal anunciava a sua morte com o título “O Rio perde o seu colunista” e o subtítulo “O jornalista que criou o jeito carioca de dar notícia”. Zózimo foi pranteado num obituário carinhoso que somou sete páginas ao longo de três dias seguidos (contra sete páginas de Ibrahim em duas edições). O presidente Fernando Henrique Cardoso disse que desaparecia uma expressão do espírito do Rio. O Senado aprovou, por iniciativa de Antônio Carlos Magalhães e Guilherme Palmeira, inserção em ata de voto de pesar.

O sepultamento seguiu ritual católico, com seiscentas pessoas. O caixão estava coberto com a bandeira do Flamengo (discretamente, o assessor de imprensa Roberto Mota, seu padrinho no posto de Copacabana, colocou junto ao corpo

fichas dos Alcoólicos Anônimos) e emoldurado por quarenta coroas de flor. Foi carregado pelo filho, Fernando, o cunhado, João Paulo dos Reis Velloso, o amigo Sergio Bermudes e o inevitável Jaiminho, tipo folclórico da cidade que pegava carona nas alças dos caixões famosos para virar celebridade. Paulo Marinho e Ricardo Amaral acompanharam o féretro. Dona Elza aproximou-se do caixão já na cova, jogou uma rosa e murmurou: “Vá em paz, meu filho.”

Havia no São João Batista uma multidão de personagens da coluna, um *name-dropping* interminável que ia da atriz Mila Moreira ao advogado Luis Octavio da Motta Veiga, do colunista Maneco Muller, o Jacinto de Thormes, à modelo Adriane Galisteu. Todos deram depoimentos emocionados aos jornalistas dos principais jornais brasileiros, que publicaram o falecimento em suas primeiras páginas. Joyce Pascowitch fez na *Folha de S.Paulo* o perfil do colunista social, atividade que ela também exercia, com influência das inovações de Zózimo. O título do artigo era “Ele sabia das coisas”:

Segurar a barra de ser colunista “social” não é tarefa das mais fáceis. Tem seus encantos, mas o preço é também muito alto, tipo vale quanto pesa — ou talvez pese mais do que valha. Depois de mais de 20 anos de batalha, ele já estava cansado. Cansado, aliás, era pouco — ele parecia exausto de todo aquele brilho, aquele congestionamento de egos inchados, aqueles falsos brilhantes. Como foi ele o primeiro a sacar a mudança, isto é, a sair daquele mundinho *high society* e ver o que estava por trás de tudo, o poder, a política, o estado das coisas, foi para ele que a desilusão deve ter chegado primeiro.

Nas páginas internas do *Globo*, o título mais forte era “O último tributo da corte ao príncipe do colunismo”. Paulo

Marinho fez texto revoltado, com o título “O que ele não conseguiu dizer”:

Digo-o como alguém que acaba de testemunhar o fim de um irmão querido e com o sentimento de estar tornando público o protesto que o destino não lhe deu tempo de fazer. Zózimo morreu vítima do cigarro, um flagelo capaz de produzir mais vítimas que todas as guerras. Tenho esperança de que algum dia nossos governantes tomem decisões efetivas para impedir a continuação desse massacre. Era isso, acredito, que Zózimo pretendia dizer se não partisse tão cedo.

Coube a Telmo Martino, no caderno *Ela* do sábado seguinte, redigir a crônica social do evento. Não se fez tão venenoso, evidentemente, mas uma víbora nunca economiza os dentinhos afiados quando tem oportunidade de exibí-los. Com o estilo que Zózimo sonhara ter a seu lado desde os tempos do *JB*, traçou rápidos perfis do comportamento de alguns personagens da coluna no momento em que foram se despedir do criador:

Noel Rosa deixou instruções, exigindo, por exemplo, o nome dele na fita amarela. Zózimo, bem mais experiente, não exigiu nada. Tinha certeza de que tudo aconteceria dentro do *comme il faut* carioca. Sabia que Marcia e Dorita não iriam disputar o papel de viúva. Era inevitável que Paulo Marinho roubasse esse papel para desempenhar com uma primorosa perfeição por todos observada.

Os grandes amigos, como Ricardo Amaral, solene como um remador, e Sérgio Figueiredo, agitado como um coelho sem cartola, comportaram-se com a honestidade de suas emoções. Nada como Hélio e Silvinha Fraga, que saíram do

carro e caminharam rápido e em linha reta, como se decoração tivesse outra realeza que não fosse aquela emprestada com o humor de um colunista irônico. (...)

Karmmita Medeiros estava com aquele destaque de sempre. Totalmente diferente de Glorinha Paranaguá. Não só na bolsa que usava, como também na maneira diferente de carregá-la. O jeito de Glorinha era de amiga da família. Tânia Caldas também foi vista vestindo uma rede como se tivesse sido pescada. É verdade. Elas estão sendo protegidas.

É claro que nenhuma das presentes caminhava de maneira tão discutível como a Glória Maria, de bolsa Vuitton e aquele jeitinho de quem não usa todas as peças da *lingerie*. Glória Maria provocou o interesse total do grupo de favelados que a tudo observava. “É ela mesmo. Foi ela que apareceu na *Xica da Silva*.”

Do mundo dos espetáculos, Maitê Proença se destacou com uma abertura de grande profundidade. Era tão inquietante a abertura, que o suspiro de Adriana Marinho foi quase tão profundo quanto o do Zózimo quando a Maitê se retirou da sala. (...)

Hélio e Silvinha Fraga não se demoraram. Não havia nenhum *faux bois* no caixão importado dos Estados Unidos. Como a paulista Bia Duarte, que estava lá como parte do sempre encantador séquito do Amaral. Por falar nisso, Perico e José Hugo Celidônio conversavam amenamente. Outros *restaurateurs* de menos prestígio também estavam. Zózimo era adepto de um picadinho nunca modesto para recuperar as forças depois de um longo dia de furos, sempre preocupado com o *mot just* que o colunista de muito boa leitura nunca dispensa.

Ninguém se atreveu a falar. Principalmente os que ganharam sua melhor fama como personagens da coluna.

Ivo Pitanguy sempre se destacava por mais importante que fosse a celebridade que com ele conversava. Mesmo quando não fosse o Gilberto Chateaubriand seu grisalho companheiro de prosa. Pitanguy era o único que ainda conservava escuros os seus cabelos.

Pouco faltava para o fim do velório, quando um carro que se abriu mostrou que Adriane Galisteu e seu Julio chegavam para se despedir de quem lhes deu a melhor existência impressa. Ela, surpreendentemente, estava vestida, mas rotineiramente de preto. Se mostrava alguma preocupação só poderia ser decorrente da dúvida de quem escreveria sobre ela com verve parecida, já que idêntica não será mais possível.

Elio Gaspari, o jornalista-referência, escreveu que Zózimo “era um craque”:

Era capaz de acordar um amigo, puxar meia dúzia de assuntos, jogando a conversa da última crise do ministério para a cruzada de pernas de Sharon Stone em *Instinto selvagem* e sair com duas ou três informações sem demonstrar a menor ansiedade em obtê-las. Fazia assim porque era bem-educado. Se as pessoas que cruzam o caminho das outras sem jamais aborrecê-las, dispostas a ouvir mais do que falar, são uma prova da existência de Deus, ele foi um missionário numa grã-finagem tapuia.

Entre as declarações recolhidas pelos jornalistas estavam as de autoridades do Rio, algumas atingidas por duras críticas de Zózimo, como o governador Marcello Alencar e o jogador Zico (“talvez por ser torcedor fanático, algumas notas eram do torcedor e não do colunista”), todas elogiosas e sentidas. Manoel Francisco do Nascimento Brito, do *JB*, parecia não ter,

quatro anos depois, digerido a saída do funcionário. Das declarações publicadas no dia 19 de novembro, a sua foi a mais lacônica: “Eu conheci o Zózimo, foi um grande jornalista do Brasil.” Horrível, mas podia ter sido pior. Meses antes, quando Sergio Bermudes lhe comunicou o câncer do ex-colunista e ex-grande amigo, Brito foi ainda mais fundo: “O Zózimo procurou isso.”

Na *Veja*, Marcos Sá Corrêa, seu ex-diretor de redação no *JB*, traçou um perfil de página e meia com o título “Colunista colunável”. Lembrou a elegância de Zózimo ao escrever e como ele dissipou a saúde no embalo de muito trabalho, muito cigarro, drinques não só de champanhe e noites maldormidas. “Essa era a marca registrada de Zózimo. Tratava todo mundo muito bem. Mas se tratava muito mal.”

Ricardo Boechat, entrevistado por Timóteo Lopes, primeiro colaborador de Zózimo na volta para o *Globo*, lembrou o lado crítico do amigo:

No fundo, Zózimo foi um verdadeiro anarquista, um Groucho Marx, que observava com elegante desdém o *grand monde* que circulava em sua coluna. Ele sabia aproveitar o que esse mundo tinha de gostoso, no sentido do tato e do paladar, mas não o reverenciava, não era seu escravo, não era um devoto. A sua morte apressa o fim desse colunismo de variedades, um jornalismo em extinção por viver da pretensão suicida de dar um furo diário nas editorias de Economia, Esporte, Política, Cultura. É uma forma de jornalismo que caminha para o mesmo despenhadeiro da coluna social, que foi irremediavelmente morta com a derrocada dos palácios, dos personagens, dos grandes capitais.

Carmen Mayrink Veiga não foi ao enterro. Um vírus tropical a atacara da cintura para baixo, o que lhe provocava desequilíbrios e dificuldades de locomoção. Depois de muitos anos de bengala, usava cadeira de rodas. O problema apareceu em 1985, logo após o casamento da filha, Antonia, que tentaria a carreira de atriz e trabalharia em novelas da *Globo*, ostentando o sobrenome Frering por casar-se com o herdeiro de um grupo de mineração de ferro e manganês (o casal ajudava Carmen e Tony, em situação financeira ainda ruim devido à falência). Carmen seria diagnosticada com uma espécie de esclerose múltipla e vivia à custa de altas doses de cortisona, surgindo daí novos problemas. Dizia que podia entrar no *Guinness Book*, tantas ressonâncias magnéticas tinha feito.

Manuel Ribeiro Romar, o Manolo, do Antonio's, já fechado, estava no interior da Espanha, vivendo como padre num mosteiro. A baronesa Sílvia Amélia, que acabara de comemorar em seu castelo próximo a Paris os vinte e quatro anos de casada com Gérard Waldner, mandou telegrama sentido. Odile Marinho, que depois de casar com o cunhado, Luiz Carlos Marinho, irmão de Paulo, virou hippie, casou-se de novo com James Moss, roqueiro americano dezesseis anos mais novo que conheceu em 1985 no primeiro Rock in Rio. Em 2015, continuavam juntos numa casa de campo em New Hampshire, Estados Unidos. Ela passava os dias pintando e lendo. A última notícia que enviou ao Brasil foi numa carta para a amiga Kiki Garavaglia. Vinha em forma de uma foto em que Didile, aos sessenta anos, posava de biquíni de oncinha. No verso da imagem, dava a informação que Zózimo adoraria publicar: “Diga a todos que a bundinha de Didile continua a mesma.”

O *Jornal do Brasil* deixou de circular em papel no dia 31 de agosto de 2010. Manteria apenas a versão digital, para onde carregou suas duas colunistas de notas: Hildegard Angel e

Heloisa Tolipan. O jornalismo impresso vivia uma crise provocada pelo noticiário on-line, que agora despejava gratuitamente informações que antes eram tornadas públicas apenas por jornalistas. Quando Zózimo se tornou o Carlos Swann do *Globo*, no longínquo 1965, a cidade ainda contava com duas dezenas de jornais diários. Em 2016, havia apenas *O Globo*, *O Dia*, *Extra*, *Meia Hora*, *Expresso* e *Lance!*. Nas ruas, *Destak* e *Metro* eram distribuídos gratuitamente.

A prefeitura fez duas homenagens a Zózimo. Na Zona Norte, colocou seu nome em um Centro de Referência de Assistência Social nas vizinhanças do Mercado de Madureira, a maior reunião de lojas consagradas ao comércio de artigos de umbanda da cidade. Na Zona Sul, em 25 de novembro de 2001, levantou uma estátua na praça no final do Leblon, de frente para a praia e de lado para uma estação de tratamento de esgotos. Zózimo está de pé, com o rosto que tinha em 1982, olhando para a orla. Sorri com a boca fechada. Com a mão direita, segura o paletó jogado sobre os ombros. O cotovelo apoia-se num muro, que abriga uma máquina de escrever, uma agenda de telefones e reproduções de dois artigos publicados no dia de sua morte: o “Era um craque”, de Elio Gaspari, e o de Armando Nogueira (“escrevia deixando escondida, atrás de cada frase, uma segunda intenção, nos fazia ver o fato com os olhos entreabertos da sutileza”). A placa com o seu nome e as informações fundamentais (“Carioca, jornalista e Flamengo”) foi roubada na semana seguinte.

A marca de Zózimo permaneceria sendo lembrada pelos colunistas que nas décadas seguintes tentariam preservar a saga de fazer diariamente um jornal dentro do jornal. Danuza Leão continuou até 2001 no *JB*, pautando suas notas pela descrição detalhada dos vestidos das madames nas festas e a modernização das etiquetas, aquele tópico que um século atrás já era criticado pelo escritor Lima Barreto. No *Globo*, Ancelmo

Gois daria muitas notas com o título “À la Zózimo” e o bordão “e o fulano de tal, hem?”. Fred Suter, no *Dia*, carregava num humor que, segundo Marcos Sá Corrêa, “era capaz de cortar a língua de um personagem sem lhe arranhar a fisionomia”.

Quem sucedeu Zózimo foi o ítalo-paulista Alessandro Porro, que havia anos trabalhava em redações da Editora Abril. O *Globo* fez uma pequena mudança para abrigá-lo: Ricardo Boechat, que assinava a coluna *Swann*, passou a ter seu nome no alto da página e continuou no primeiro caderno. Porro assumiu *Swann*, com a coluna transferida para o *Segundo Caderno*, no espaço onde Zózimo tinha reinado.

A partir do retrato de Porro no alto da coluna, com o pescoço coberto por uma gravata-borboleta que nem Jacinto de Thormes toparia, tudo logo se mostrou um equívoco. Porro criou uma personagem de extremo mau gosto, uma mulata a quem observava da janela de seu apartamento em *stripteases* diários — parecia querer fazer uma ode ao verão do Rio e seu liberalismo comportamental, mas só aumentava a saudade que os leitores sentiam do colunista anterior. Não tinha fontes, não acertava o tom da piada, não conhecia o carioca. Procurava encarnar um papel de dândi decadente solto nos trópicos. Ficou no cargo por oito meses. Fracassou em parte por culpa dos próprios equívocos. Poucos jornalistas, no entanto, não teriam sido escanteados para a mesma vala comum da derrota. Os leitores tinham se acostumado com o padrão Zózimo de qualidade.

Para lembrá-lo, Fernando Barrozo do Amaral, trabalhando como economista em São Paulo, fez uma homenagem mais profunda. Em 2005 lançou uma biografia fartamente ilustrada, com a colaboração dos jornalistas Fred Suter e Maurício Villela. *Diariamente* trazia na capa uma foto que era uma celebração do espírito alegre do pai. Em preto e branco, em meio a uma pista de desfile do Sambódromo do Rio

no Carnaval de 1982, aparece Zózimo, rindo, com o cigarro que ainda usava o tempo todo no centro da boca. Ele é carregado no colo por um homem bem mais forte, que usa para a operação de levantá-lo apenas um dos braços. Zózimo parece, divertidamente, querer se livrar da situação, enquanto ao fundo a multidão assiste à brincadeira daqueles dois no meio da avenida Marquês de Sapucaí. O crédito da foto, em preto e branco, perdeu-se pelos arquivos, mas, apesar da qualidade sofrível da imagem, dá para ver que o homem que carrega o peso-pena Zózimo, como se levantasse uma pasta, é um peso-pesado do jornalismo, Elio Gaspari.

Fred Suter fez entrevistas para o livro e estava combinado que participaria de sua elaboração final, mas, com o temperamento difícil de sempre, desentendeu-se com Fernando e abandonou o projeto. Em outubro de 2007, publicou um perfil carinhoso de Zózimo na revista *J.P.*, de Joyce Pascowitch (“Foi o professor que todo mundo aprendeu a respeitar e a admirar porque era ético, culto, viajado, brilhante e inteligente. Viveu a vida que sempre quis e que sempre teve”). Depois do *Dia*, passou pelo *Jornal do Commercio*, sempre com colunas em que seu nome vinha no alto da página. Como Zózimo, Fred também tratou muito bem o texto, mas se tratou muito mal. Morreu em 2011, com Alzheimer, paupérrimo, pedindo dinheiro emprestado a todos os nomes que constavam em sua agenda de telefones.

Dona Elza alugou a casa da rua Frei Leandro para o cineasta Guilherme Fontes usar como escritório de produção da cinebiografia de Assis Chateaubriand, o ex-marido de Branquinha, irmã de Boy. No final de 2016, o imóvel não pertencia mais à família e abrigava uma escola de sapateado e dança urbana da coreógrafa Gisela Saldanha. Elza morreu de câncer em 2003, aos noventa anos.

Dorita fechou as lojas de paisagismo e continuou dividindo sua vida entre Miami, a cobertura do Jardim Botânico e São Paulo, onde manteve uma casa. Na primeira semana de dezembro de 1997, publicou na contracapa do *Segundo Caderno do Globo* um depoimento emocionado sobre seus últimos momentos com Zózimo. O título, “Amorzinho... *Merry Xmas...*”. O texto era ilustrado com foto do casal, Zózimo de bermuda e boné, pronto para entrar no jipe que o levaria para mais uma aventura na sua derradeira viagem, ao Nepal. No livro *Relatos de uma alma*, lançado em 1999, Dorita trataria de seus encontros místicos e também da vida com Zózimo, dando um destaque especial à viagem feliz pelos templos budistas e depois à dolorosa via-crúcis pelos corredores do Mount Sinai:

No final, já quando mal podia falar, resolvi testá-lo e perguntei:

“Zózimo, como eu me chamo? Qual é o meu nome?”, insisti.

E ele, piscando o olho, cheio de charme, balbuciou:

“Amorzinho...”

Foi sua última palavra.

A mística Dorita continuou sentindo a presença de Zózimo pela vida. Sempre brincalhão, ele lhe apareceu num sonho, numa banheira cheia de mulheres. Quando fazia um cruzeiro pelo Caribe, o famoso médium americano James Van Praagh perguntou a Dorita de quem era a foto na mesa de cabeceira dela — era de Zózimo. Praagh disse que estava se comunicando com ele. “Ele me diz”, continuou o vidente, “que ficou aborrecido e contrariado de ter de partir. Não queria de jeito nenhum. Ama você.”

Em 7 de abril de 1998, dia de seu aniversário, Dorita pegou a cachorrinha, batizada por Zózimo de Penélope, e foi dar uma volta na orla da lagoa. Mal chegou ao parque, Penélope avistou

uma folha de jornal e resolveu fazer xixi em cima dela. Dorita reconheceu algo e se aproximou. Era uma página do *Globo* com uma coluna de Zózimo. Ela afastou a cachorra, salvando a página. A coluna era a de 31 julho de 1997, uma semana antes de Zózimo ser diagnosticado com câncer e parar de trabalhar. Entre as notas, Dorita encontrou uma com as marcas que consagraram o estilo do marido — um *swing* carioca de charme, inteligência e bom humor. Com o título “Barbas brancas”, tratava do “chupa-cabra”, uma lenda urbana que impressionara o interior do estado do Rio. A nota provocou uma das últimas gargalhadas com que Zózimo, durante vinte e oito anos, desde que passou a assinar seu nome no *Jornal do Brasil*, ajudou a melhorar o café da manhã do brasileiro. Dorita, feliz, abraçada a Penélope, começou a caminhar por aquele belo dia de sol e parecia ouvir a voz de Zózimo enquanto lia a nota:

- Suspeita-se que o Chupa-Cabra seja um velhinho. Se fosse moço, comia.

Agradecimentos

Eu, evidentemente, não sabia, mas a apuração de dados para esta biografia começou em outubro de 1983, quando Zózimo Barrozo do Amaral era o editor do *Caderno B* e eu fui contratado para ser seu repórter. Se soubesse da tarefa que trinta anos depois receberia de Jorge Oakim, à frente da editora Intrínseca, teria anotado tudo a respeito de nossa convivência por todos aqueles maravilhosos anos no *Jornal do Brasil*, de onde saí em 1990. Faltou tamanha clarividência editorial, mas fiquei com a observação fundamental, a de ter trabalhado com um grande profissional, um homem culto, charmoso e divertido. Espero que *Enquanto houver champanhe*, há esperança esteja à altura de seu perfil, que busquei traçar ao longo dos últimos três anos com a ajuda de muita gente, a quem, agora, agradeço.

Em primeiro lugar, houve o apoio da família. Izabel Velloso, irmã de Zózimo, relembrou com graça e emoção as histórias da infância no Jardim Botânico e abriu o álbum de fotos dos Barrozo do Amaral. Marcia, a primeira esposa de Zózimo, e Dorita, a segunda, foram de extrema generosidade ao revelar lembranças do parceiro inesquecível. Sem a colaboração de Fernando, filho único de Zózimo e Marcia, guardião zeloso de uma coleção com todas as colunas do pai, este trabalho teria sido bem mais difícil. A todos, o meu muito obrigado pelas informações e, principalmente, pela confiança.

A lista que se segue é a dos demais coautores deste livro, gente que cedeu horas de suas agendas para que a trajetória de um dos mais importantes jornalistas brasileiros fosse contada

com exatidão e riqueza de detalhes. Vários foram entrevistados mais de uma vez, como Paulo Marinho, amigo e quase irmão de Zózimo, e se esforçaram por garimpar no fundo da memória cenas, fatos e palavras que, felizmente, a passagem do tempo não apagou. Viajamos juntos por redações, salões de festa, restaurantes e boates, cenários de alguns dos melhores momentos da vida do Rio de Janeiro — espaços que já fecharam fisicamente, mas ficaram, em grande parte por causa da presença de Zózimo neles, para sempre na história da cidade. Obrigado por suas entrevistas: Adair José Roberto Carneiro (Bagual), Alberto Dines, Alberto Flaksman, Alfredo Sirkis, Ali Kamel, Almir Ghiaroni, Ancelmo Gois, Anna Maria Ramalho, Anna Maria Tornaghi, Antonio Augusto Dunshee de Abranches, Antonio Carlos de Almeida Braga, Antonio D'Ávila, Antonio Kämpffe, Armando Araújo, Armando Strozenberg, Arnaldo Jabor, Arnaldo Niskier, Ary Coslov, Augusto Nunes, Belisa Ribeiro, Bob Wolfenson, Carlinhos Docelar, Carlos Eugênio Lopes, Carlos Fernando Muniz Freire, Carlos Lemos, Carlos Leonam, Carlos Marchi, Carlos Roberto Flexa Ribeiro, Carmen Mayrink Veiga, Carmen Viana, Celina Affonseca, Cezar Mota, Chica Granchi, Chico Caruso, Chiquinho Brandão, Cleusa Maria, Constança Teixeira, Cristina Granato, Dacio Malta, Dalal Achcar, Deborah Dumar, Denis Moraes, DJ Jorge Luiz, DJ Saddam, Dorita Moraes Barros, Duda Cavalcanti, Edson Afonso, Elba Ramalho, Elio Gaspari, Emília Silveira, Fafá de Belém, Fernanda Bruni, Fernanda Colagrossi, Fernando Barrozo do Amaral, Fernando Bicudo, Fernando Brito, Fernando Carlos de Andrade, Fernando Cesar Mesquita, Fuad Atala, Geórgia Quental, Gilberto Chateaubriand, Gilse Campos, Glória Maria, Glorinha Paranaguá, Helena Costa, Helinho Ferraz, Helô Assad, Henrique Caban, Hildebrando Aleluia, Humberto Saade, Irene Singery, Izabel Velloso, Jaguar, Janjão Garcia, Jeff Thomas, João Carlos Athayde, João

Paulo dos Reis Velloso, João Roberto Marinho, Joaquim Vaz de Carvalho, Jorge Elias Salomão, José Antonio do Nascimento Brito (Josa), José de Paula Machado, José Hugo Celidônio, José Mario Pereira, José Wilker, Juliana Galvão, Julio Rego, Karmmita Medeiros, Kiki Garavaglia, Léa Maria, Leleco Barbosa, Ligia Azevedo, Lourdes Catão, Lucia Madeira Moraes, Lucinha Lins, Luis Erlanger, Luiz Garcia, Luiz Roberto Londres, Luiza de Almeida Braga, Maneco Muller Filho, Manoel Francisco do Nascimento Brito (Kiko), Marcia Barrozo do Amaral, Marcos Rodrigues, Marcos Santiago Verdeja, Maria Dorotheia Bastos, Maria Lucia Dahl, Maria Lucia Rangel, Marilene Dabus, Marly Gonçalves, Marta Alencar, Maurício Dias, Merval Pereira, Michael Koellreutter, Miele, Miguel Pires Gonçalves, Mirian Lage, Mirtia Gallotti, Myriam Atalla, Narcisa Tamborindeguy, Nelita Leclery, Nelson Savioli, Olavo Monteiro de Carvalho, Olga Mello, Paula Peixoto, Paulo Lima, Paulo de Deus, Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Paulo Jabur, Paulo Marinho, Pedro Flexa Ribeiro, Pomona Politis, Regina Marcondes Ferraz, Regina Martelli, Regina Quintela, Regina Rito, Renata Suter, Renato Garavaglia, Renato Machado, Renato Maurício Prado, Ricardo Amaral, Ricardo Boechat, Ricardo Cravo Albin, Roberto D'Ávila, Roberto Irineu Marinho, Roberto Kreimer, Roberto Mota, Rogério “Senador” Monteiro, Ronaldo Zanon, Roselyne Malamud, Rosental Calmon Alves, Sebastião Lacerda, Sergio Bermudes, Sergio Noronha, Sidney Pereira, Silvio Ferraz, Susana Schild, Suzana Velloso Bouças, Timóteo Lopes, Tito Gomes, Valéria Blanc, Valter Bezze, Vera Bocayuva, Vera Flexa Ribeiro, Vivi Nabuco, Walter Fontoura, Washington Olivetto, Wilson Figueiredo e Yacy Nunes Suarez.

A construção de uma biografia se faz com diversos tipos de tijolo, e eu queria agradecer a uma outra multidão de pessoas, gente que, mesmo não tendo sido entrevistada de modo

formal, permitiu levantar este prédio por meio de pequenas delicadezas. Alguns descobriram um arquivo precioso, outros localizaram fontes indispensáveis, ou deram um toque para que não ficasse de fora certo fato até então negligenciado, ou, ainda, preocupados com o sucesso da operação, fizeram sugestões de nomes e acontecimentos. Marialice Celidônio abriu seu arquivo de fotos para me mostrar imagens raras. O crítico de cinema Sérgio Augusto me ofereceu, de sua coleção, um DVD de *A embriaguez do sucesso*, o que levou à abertura de um capítulo importante. O jornalista Renato Fernandes, cultivador das vedetes do *showbiz* e das glamorosas chiques dos anos 1960 e 70, me emprestou toda a sua coleção de revistas envolvendo essas últimas. Rita Marques, do Centro de Documentação da Rede Globo, me permitiu ver as imagens de Zózimo em entrevistas na emissora. Com a soma de tantas gentilezas é que se põe um livro em pé. O meu agradecimento a todos: Alfredo Ribeiro, Arthur Dapieve, Aydano André Motta, Beatriz Bonfim, Beatriz Horta, Bebeto Chateaubriand, Carlo Mossy, Carlos Schlesinger, Christovam de Chevalier, Cora Rónai, Débora Chaves, Denise Assis, Eduardo Athayde, Eliane Lobato, Flávio Pinheiro, Geneton Moraes Neto, Guilherme Fontes, Gustavo Alves da Silva, Humberto Werneck, Ingo Ostrovsky, Ivanir Yazbeck, Jason Tércio, João do Corujão, Lu Lacerda, Luiz Alberto Py, Marialice Celidônio, Maurício Vilella, Norma Couri, Palmério Dória, Pedro Paranaguá, Plínio Fraga, Raul Quadros, Regina Zappa, Renato Fernandes, Ricardo Bruno, Ricardo Noblat, Ricardo Setti, Romildo Guerrante, Ronaldo Câmara, Sérgio Augusto, Sonia Racy, Sylvio Capanema, Xico Vargas, Ziraldo e Zuenir Ventura.

Determinante também foi a equipe da Intrínseca, com Livia de Almeida, Rosana Caiado e Renata Rodriguez, além dos meus anjos da guarda mais diretos, Kathia Ferreira e Rosana Agrella da Silveira, atentas na fiscalização dos mínimos

detalhes do bom uso da língua e da correção das informações. É um escrete luxuoso da indústria editorial e agradeço a Jorge Oakim por tê-lo colocado ao meu lado.

Em mais de quatro décadas de trabalho nas redações do Rio, cruzei com personagens essenciais de *Enquanto houver champanhe, há esperança*, infelizmente falecidos quando comecei esta pesquisa. Em 1970 entrevistei Maneco Muller, já comentarista esportivo, e mais ou menos na mesma época o seu sucessor na revolução do colunismo social, o extraordinário Ibrahim Sued. O fato de ter editado uma coluna de notas, a *Gente Boa*, entre 2003 e 2013, no mesmo espaço que Zózimo ocupou entre 1993 e 1997 no *Globo*, também me ajudou a entender os bastidores, os dramas e as alegrias desse tipo de operação, uma das mais pesadas do jornalismo diário. A Agostinho Vieira, que me deu a oportunidade de experiência tão valiosa, o meu agradecimento. Ao elegante Rodolfo Fernandes, que trabalhava com ele na direção do jornal, a mesma gratidão e a eterna saudade.

Bibliografia

Livros

- ABREU, Alzira Alves et al. *Eles mudaram a imprensa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ALMEIDA, Mario de. *Antonio's — Caleidoscópio de um bar*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ALZER, Luis André; CLAUDINO, Mariana. *Almanaque dos anos 80*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- AMARAL, Fernando Barrozo do. *Zózimo — Diariamente*. Rio de Janeiro: EP&A, 2005.
- AMARAL, Ricardo. *Vaudeville*. São Paulo: Leya, 2010.
- BARRETO, Lima. *O Rio de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Edições Rio Arte, 1983.
- BARROS, Dorita Moraes. *Relatos de uma alma*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BLASS, Suzana (coord.). *Memórias de repórter — Lembranças, casos e outras histórias de jornalistas*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2010.
- BOECHAT, Ricardo; PAGANO, Sérgio. *Copacabana Palace — Um hotel e sua história*. São Paulo: DBA, 2009.
- BULCÃO, Clóvis. *Os Guinle — A história de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*. Organização de Flávio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CARDOSO, Tom. *Tarso de Castro, 75kg de músculos e fúria*. São Paulo: Planeta, 2005.
- CARNEIRO, Ariani (org.). *Playboy, 35 anos de fotografia*. São Paulo: Abril, 2009.
- CASTRO, Ruy. *A noite do meu bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____. *Ela é carioca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *O amor de mau humor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CATÃO, Lourdes; ROCHA, Daisy Munhoz. *Sociedade brasileira 2012*. Rio de Janeiro: Catálogo Social, 2012.
- CHAVS, Nina. *Paris via Varig*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CHEVALIER, Scarlet Moon de. *Dr. Roni e Mr. Quito — A vida do amado e temido boêmio de Ipanema*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto — A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DIEGUES, Carlos. *Vida de cinema*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 4^a ed., 1997.

- DUAILIBI, Roberto. *Das citações*. São Paulo: Mandarim, 2000.
- FELJÓ, Leo; WAGNER, Marcus. *Rio cultura da noite*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo — A bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- FERRAZ, Silvio. *Antes do título (Como fazer entrevistas, conseguir informações e escrever perfis e reportagens)*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006.
- FONTOURA, Ana Carolina Freitas. *Cunismo social na imprensa carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite: 1964, o que vi e vivi*. São Paulo: Francis, 2004.
- FRANCO, Gustavo; GIAMBIAGI, Fábio. *Antologia da maldade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2^a ed. rev. e ampl., 2014.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- GUINLE, Jorge; SILVA, Mylton Severiano. *Um século de boa vida*. São Paulo: Globo, 1997.
- HERKENHOFF, Alfredo. *Memórias de um secretário — Pautas e fontes*. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2010.
- JABOR, Arnaldo. *O malabarista*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- _____. *Amor é prosa, sexo é poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- JORDAN, André. *O Rio que passou na minha vida*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2006.
- JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora como ela era*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- LEÃO, Danuza. *Quase tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Na sala com Danuza*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- LEONAM, Carlos. *Os degraus de Ipanema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LOPES, Fernando. *A noite começa agora*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- LOYO, Reynaldo. *A hora do prazer*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- _____. *O caçador de tempestades*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- MACHADO, Carlos. *Memórias sem maquiagem*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.
- MARTINO, Telmo. *Serpente encantadora*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- MEDEIROS, Benício. *A rotativa parou — Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MIELI, Luis Carlos. *Poeira de estrelas — História de boemia, humor e música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MORAES, Denis de. *O rebelde do traço — A vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- MORAIS, Fernando. *Chatô — O rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- NOBRE, Lucas; FABRETTI, Fábio Fabrício. *Neusinha Brizola, sem mintchura*. Belo Horizonte: Interface, 2013.
- NORONHA, Luiz. *Perfis do Rio — Carlos Machado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana — Culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- OLIVEIRA, José Carlos. *O homem na varanda do Antonio's*. Organização de Jason Tércio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- ORSINI, Elisabeth; CEZIMBRA, Márcia. *Os emergentes da Barra*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- PEIXOTO, Mário. *Ipanema de A a Z — Dicionário da vida ipanemense*. Rio de Janeiro: AA Cohen Editora, 1999.
- _____. *Ipanema anos 60*. Rio de Janeiro: Espaço Cultural Toca do Vinicius, 1997.
- PERDIGÃO, João; CONRADI, Euler. *O rei da roleta — A incrível vida de Joaquim Rolla*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- PETTERZZONI, Sérgio. *Rio para não chorar*. Rio de Janeiro: Catau, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos — Como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2^a ed., 1986.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Leila Diniz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Feliz 1958 — O ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. *A canção no tempo — 85 anos de músicas brasileiras*. São Paulo: Editora 34, vols. 1 e 2, 1997.
- SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *Cidade dos artistas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- SUED, Ibrahim. *30 anos de reportagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *O segredo do meu SU...CESSO*. Rio de Janeiro: Top Promoções e Publicidade Ltda., 1976.
- _____. *20 anos de caviar*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.
- SUED, Isabel. *Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- TAMBORINDEGUY, Narcisa. *Ai, que loucura!*. São Paulo: Caras, 2006.
- _____. *Ai, que absurdo!*. São Paulo: Matrix, 2010.
- TÉRCIO, Jason. *Órfão da tempestade — A vida de Carlinhos Oliveira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- THOMAS, Jeff. *Celebridade de verdade (15 minutos de fama e de infâmia)*. Rio de Janeiro: Jeff Thomas, 2008.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VENTURA, Zuenir. *1968 — O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- WERNECK, Humberto. *Sonhos rebobinados*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

Jornais

Correio da Manhã • Diário Carioca • Diário de Notícias • Folha de S.Paulo • Jornal do Brasil • O Estado de S. Paulo • O Globo • O Pasquim • Tribuna da Imprensa • Última Hora

Revistas

Caras • Ele Ela • Excelência • Histórica • Ilustração Brasileira • Interview • IstoÉ • Joyce Pascowitch • Manchete • Mundo Jovem • O Cruzeiro • Playboy • Revista do Rádio • Rio • Rio Magazine • Sombra • Status • The Gallery • Veja • Veja Rio • Vogue • We

Artigos e reportagens em jornais, revistas e internet

AMARAL, Ricardo. “Ricardo Boechat e Zózimo Barrozo do Amaral — Duelo de titãs no colunismo carioca”, *We*, 1990.

AMARAL, Zózimo Barrozo do. “Totalmente nua”, *Playboy*, 1991.

_____. “Aqui estão todas as atrações (e os segredos) da noite carioca. Sirva-se”, *Status*, jan 1976.

ANDRADE, Evandro Carlos de. “Ibrahim, repórter”, *O Globo*, 2 out 1995.

BARROS, Dorita Moraes. “Amorzinho... Merry Xmas...”, *O Globo*, 8 dez 1997.

BRAGA, Suzana. “Um trabalhador na alta-roda”, *Última Hora*, 3 nov 1989.

CARDOZO, Ivo. “Playboy entrevista”, *Playboy*, 1981.

CASTRO, Ruy. “As notícias que ele gostaria de dar”, *Vogue*, dez 1996.

_____. “O homem que sabe tudo do *society*”, *Status*, ago 1977.

CERQUEIRA, Sofia. “Carla Knoplech: o estigma da bola preta”, *Veja Rio*, 2013.

CORRÊA, Marcos Sá. “Colunista colunável”, *Veja*, 26 nov 1997.

ESTEBAN, Maria Helena. “Ney Reis. Ele não usa *black tie*”, *Ele Ela*, 1991.

FERNANDES, Renato. “A última locomotiva”, *Joyce Pascowitch*, mai 2008.

FERRAZ, Silvio. “O colunista mais *chic* do Brasil faz bodas de charme”, *Interview*, ago 1995.

FONTOURA, Walter. “Um amigo incomparável”, *Jornal do Brasil*, 10 fev 2003.

GASPARI, Elio. “O missionário da atenção”, *O Globo*, 19 nov 1997.

_____. “O caravaneiro Sued”, *Veja*, 29 nov 1972.

MARIA, Maurício de Fraga Alves. “Das *gossip columns* às novas colunas sociais brasileiras”, *Histórica*, revista eletrônica do Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

MARTINO, Telmo. “E o Zózimo, hem?”, *O Globo*, 22 nov 1997.

MEDINA, Ricardo. “Zózimo julga a nossa burguesia”, *Excelência*, nº 2, jun 1991.

MEKLER, Telma. “A marca do Zózimo”, *The Gallery*, ago 1993.

MOTTA, Aydano André. “Notas custaram duas prisões”, *Caras*, 1994.

NASSIF, Luis. “O Vogue e o fim de uma era”,

< www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cidbr/rj/rj07.php >, s.d.

_____. “O café-*society*”, < www.lainsignia.org/2007/enero/cul_001.htm >, 10 jan 2007.

NETO, Geneton Moraes. “Jacinto de Thormes (O dia em que o criador do moderno colunismo social enganou a rainha da Inglaterra no Maracanã)”,

< www.geneton.com.br >, 20 mar 2004.

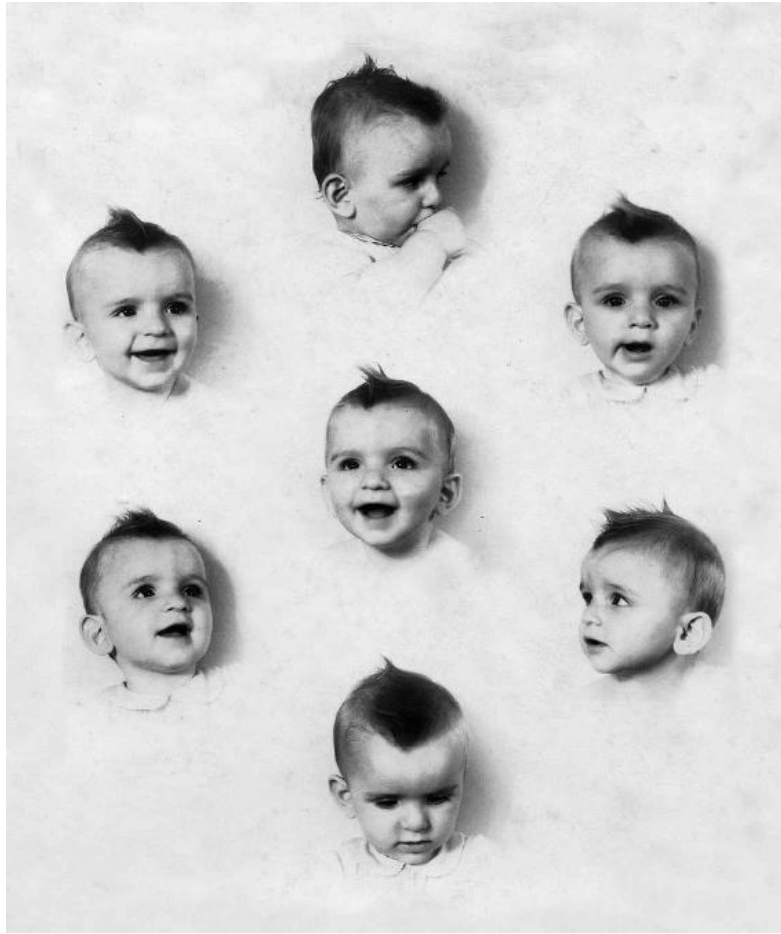
NUNES, Augusto. “O homem que agonizou sorrindo”, *Jornal do Brasil*, 25 nov 2001.

RIBEIRO, Alfredo; VIEIRA, Marcia; ALVARENGA, Telma. “Os anos penhorados”, *Veja Rio*, 1995.

SAMPAIO, Paulo. “Vaporosa Kiki”, *Joyce Pascowitch*, nov 2014.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. “Zózimo, o boa-praça”, *Jornal do Brasil*, 25 nov 2001.

- SCHLEDER, Claudio. “Tarso de Castro (É só ser medíocre neste país que dá certo)”, *Interview*, 1981.
- SODRÉ, Muniz. “Gente boa e gente fina”, < www.observatoriodeimprensa.com.br>, 2003.
- SOUZA, Rogério Martins de. “O cavalheiro e o canalha: Maneco Muller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial”, texto apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, set 2007.
- SUTER, Fred. “O colunista que ninguém esquece”, *Joyce Pascowitch*, 2007.
- _____. “Ele é carioca”, *Joyce Pascowitch*, 2003.
- TAVARES, Marisa. “É ótimo viver no Rio”, *Veja*, 6 abr 1988.
- TRAVANCAS, Isabel. “Informação sem rodeios (Ibrahim Sued elevou o status da coluna social com bom humor e atenção a fatos políticos)”, < www.revistadehistoria.com.br>, 13 jan 2011.
- VASCONCELLOS, Marcos de. “Editorial”, *Mundo Jovem*, 1968.
- VENTURA, Mauro. “Nem tudo pelo social”, *Jornal do Brasil, Domingo*, 1989.

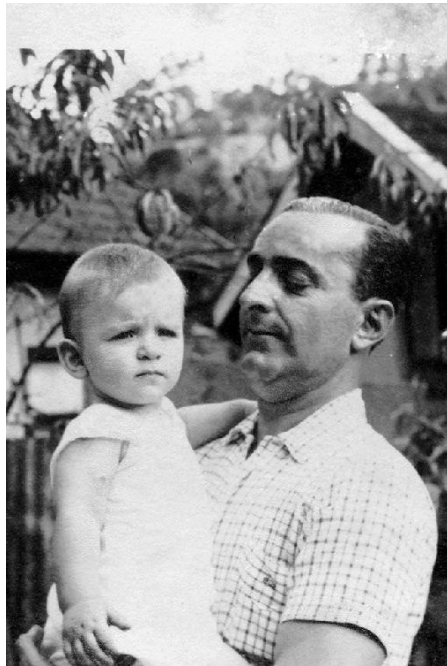


A versão “Sete carinhas” de Zózimo, no final de 1941.
[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



O engenheiro cearense Zózimo Barrozo do Amaral, avô do colunista,
foi o primeiro Zózimo.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



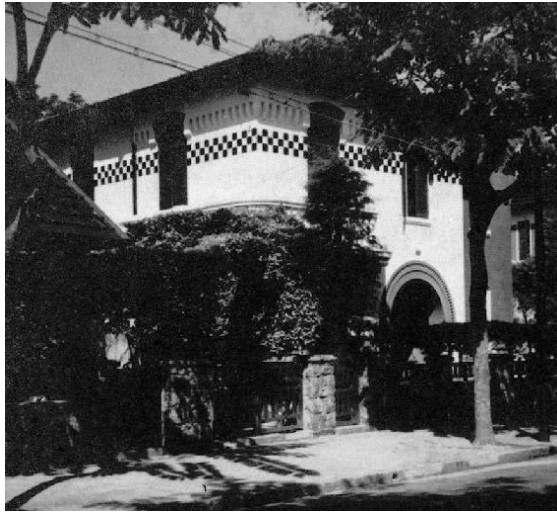
Zózimo Bráulio, o futuro colunista, no colo do pai, também Zózimo, mais conhecido como Boy.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



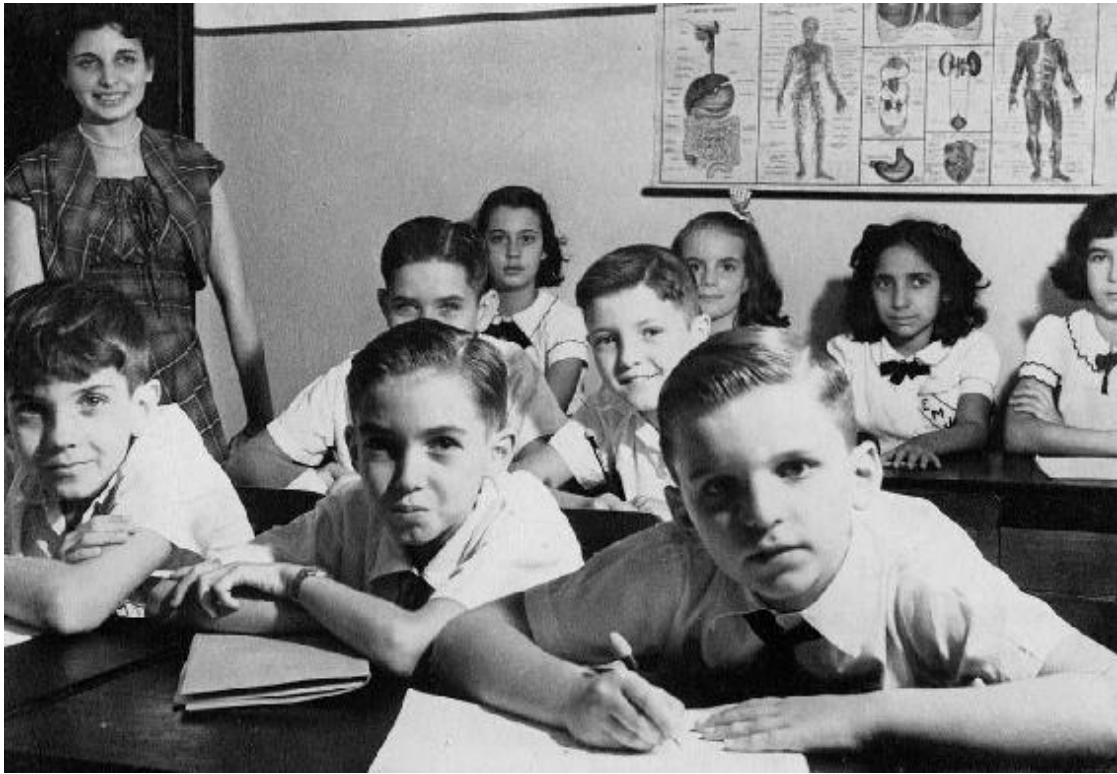
Elza e seus dois filhos, Izabel e Zózimo, em 1945.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



A casa da família, antes da reforma, no número 35 da rua Frei
Leandro, no Jardim Botânico.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



Zózimo, em primeiro plano, com os colegas do Externato Menino Jesus, no Jardim Botânico, onde fez o curso primário.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



A família comemora um aniversário na cantina Don Ciccillo, em Copacabana: Zózimo, Izabel, Elza, Laura Taunay (amiga de Elza e madrinha de Izabel) e Boy.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]



O playboy Jorginho Guinle, presença constante nas colunas sociais, conversa na boate Vogue com as atrizes Dorothy McGuire e Elaine Stewart, sua namorada; ao fundo, Waldemar Schiller.

[Luis Piududo/Agência O Globo]



O Vogue, na divisa entre Copacabana e Leme, foi o primeiro grande ponto de reunião, em público, da alta sociedade carioca.

[Carlos Moskovics/Acervo Instituto Moreira Salles]



Maneco Muller construiu um tipo sofisticado, sempre de cachimbo, e se protegeu atrás de um pseudônimo, Jacinto de Thormes.

[Arquivo/Agência O Globo]

A SOCIEDADE

BOM DIA, SENHORES

Jacinto de Thormes

O ANO é o espaço de tempo gasto pela Terra numa translação completa em volta do sol. Espaço de doze meses. O ano "agrícola" é o tempo que decorre entre as sementeadas e as colheitas. O meu ano não foi em volta do sol, não houve tanta luz, tanta vitamina, não foi uma parada só de dias claros e bons. Nem foi "agrícola" o meu ano com colheitas fartas, com lucros certos para cada semente, com época de festa e comemoração. Tampouco foi "comercial" o meu ano, porque alguns meses terminaram muito antes dos trinta dias obrigatórios. Isso graças a essa maldita facilidade de fazer vales. Não foi um "ano letivo", porque as "aulas", as aulas de aprender a ser esperto, não terminaram em férias, com direito a Petrópolis e uma mesada extra do inexistente papai. Não foi um "ano lunar", porque as lunações foram tão incertas e imprevisas quanto irreverentes. Não foi "trópico" nem "sideral", porque 1948 existiu desordenadamente.

Para mim 1948 foi a princesa Juliana subindo, o príncipe inglês nascendo, Stalin fumando, Truman vencendo, o Papa rezando, Dutra presenciando, Bing Crosby cantando, Villa-Lobos voltando, Alexander visitando, Calder "mobilezando", Helia-co chegando e a vida passando.

Quando 1948 quis ser esportivo personificou-se na figura engraçada de um cachorro. Quando 1948 quis ser elegante foi o baile das debutantes, quando quis ser forte foi à Escola Naval, quando quis ser tão amável quanto imbecil foi o aumento do funcionalismo, quando quis ser dinâmico foi o prefeito e foi tristeza com Virgílio de Melo Franco morrendo.



Muller inovou com sua coluna social no *Diário Carioca*.

[Acervo da Fundação Biblioteca Nacional/Brasil]



Terceiro ano ginásial no Colégio Santo Inácio, comandado pelos padres jesuítas: Zózimo é o quarto, da esquerda para a direita, na fila do meio dos alunos em pé. Foi um período de muita repressão que acabou com sua expulsão, ao repetir a quarta série.

[Acervo CSI]



Terceiro ano do Clássico no Colégio Andrews, de direção liberal, com meninas na turma: um período de bom aproveitamento escolar para Zózimo, o mais alto, no meio da última fila. Ao seu lado, de camisa branca, o futuro jornalista de TV Renato Machado. Marcia Kuperman, com quem Zózimo se casaria, é a segunda, da esquerda para a direita, na primeira fila.

[Acervo pessoal/Ary Coslov]



Ibrahim Sued, em 1958, com Gloria Drumond, sua primeira mulher.

[Arquivo/Agência O Globo]

Reportagem SOCIAL de Ibrahim Sued



Em uma noite elegante no Golden Room: a Sra. Nicole Hume e o Sr. Francisco Eduardo de Paula Machado, (foto da revista "Rio").

UM CASAL SIMPÁTICO

O Sr. e Sra. Vitor Coelho, em dos simpáticos casais que surgiram no novo "locaz", principalmente no Country Club, insistiram em participar do casamento.

— É por falar no Country, o deputado Carlos Roberto de Aguiar Moreira, um dos ranchos-palácios desta cidade, criou o Jockey Club, que frequenta diariamente pela Cidra de Ipanema, onde agora é visto sempre.

— Parece que o Sr. Claudio Siqueira está decididamente muito pacífico... Falou um dos preferidos do senhor em questão é a presença dos Cavalos da Cruzeira do Sul, que agora está transportando com mais rapidez para os Estados Unidos...

A SRA. LUCIA SEQUEIRA COSTA recebe hoje em sua residência para um "cocktail", a fim de mostrar os seus trabalhos de decoração.

— No desfile da Canadá, a presença mais jovem foi a de Nininha da Sra. Walter Heilborn, que deu vários passos sobre os vestidos.

— Numa destas noites, no Vogue, o cronista Ruben Braga dava lições de socialismo ao Sr. Jango Goulart. A certa altura, quando a animação era maior, o Sr. Ricardo Fassanello tentou malhar o jornalista. Mas o esministro do Trabalho pediu ao Sr. Fassanello que deixasse o jornalista falar porque ele gostava de aprofundar-se nas coisas...

NA LISTA que o cronista Fernando Augusto vai apresentar, das dez senhoritas mais elegantes do Rio, parece que duas jovens recentemente laureadas serão incluídas.

— Hoje, a Sra. Karin Oellers, filha do Embaixador da Alemanha, vai oferecer uma grande festa.

— Domingo próximo, o Sr. Arnaldo Brechajoi é preta de cabelo preto, camisa preta e saia preta.

— É por falar em elegância masculina, a "foto dos dez" que apresentaram na segunda quinzena de Janeiro, já me está dando muito trabalho.

NO LARGO do Belcario, um acontecimento parvete e bem frequentado aconteceu para homenagear a Embaixada da Itália e Sra. de Fornari. O Sr. e Sra. Bob Winans receberam para um elegante jantar. Escreveram presentes: Senador e Sr. Arthur Bernardes Filho; Sr. e Sra. Carlos Eduardo Souza Campos; Sr. e Sra. Roberto Singer; Sr. e Sra. Cláudio Matarazzo; Sr. e Sra. Ermelinda Matarazzo; Sr. e Sra. Alvaro Cabal; Sr. e Sra. Celso Rocha Miranda; Sr. e Sra. Vicente Galles; Sras. Iogme Monteiro, Nininha Leitão da Cunha, Maria Helena Nobre e Edialda Braga; e Srs. Harry Stone, Nelson Soares e outros.

— Está no Rio, em lua-de-mel, o casal Arnaldo Carrara — Lia Arnaldo, hospedado no apartamento-41, do anexo do Copacabana-Parade.

A coluna de Sued, *Reportagem Social*, começou a ser publicada em *O Globo* em 1954: notícias e “furos” de política e economia passaram a dividir espaço com festas.

[Arquivo/Agência O Globo]



Tereza de Souza Campos e Carmen Mayrink Veiga: destaques nas festas e nas listas das mais elegantes feitas pelas colunas sociais.

[Pinheiro/CPDoc JB]



Cena da noite elegante do Rio de Janeiro nos anos 1950: a pista de dança cheia, com mulheres de longo no ambiente mais chique dos anos dourados carioca, o Golden Room do Copacabana Palace.

[Carlos Moskovich/Acervo Instituto Moreira Salles]



Ainda no Golden Room, o jantar *black tie* à luz de candelabros.

[Carlos Moskovich/Acervo Instituto Moreira Salles]



Playboy em tamanho gigante, Baby Pignatari conversa, sorridente, com amigos.

[Arquivo/Agência O Globo]



Entre as várias revistas que se dedicavam apenas aos eventos sociais estava a *Sombra*, com edições lançadas em festas onde o *dress code* era o mais fino *black tie*.

[Carlos Moskovics/Acervo Instituto Moreira Salles]



Alunos e familiares posam na porta da igreja Santa Margarida Maria, na Lagoa, no final de 1960, logo após a missa de formatura do Colégio Andrews. Zózimo, de óculos escuros, está no meio da última fila.

[Acervo pessoal/Ary Coslov]



Os irmãos Izabel e Zózimo dançam em festa de formatura no Clube da Aeronáutica.

[Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso]

NO TEATRO DE ARENA O
GRUPO DE ORLA
 DO RIO DE JANEIRO
Estréia Amanhã às 20,30 hs.
 3 peças num só espetáculo
A BOLA — A SERRA — A LIÇA
 DE TITE DE LEMOS
Reservas pelo fone 4192

grupo de orla apresenta
 dois textos didáticos de tite de lemos

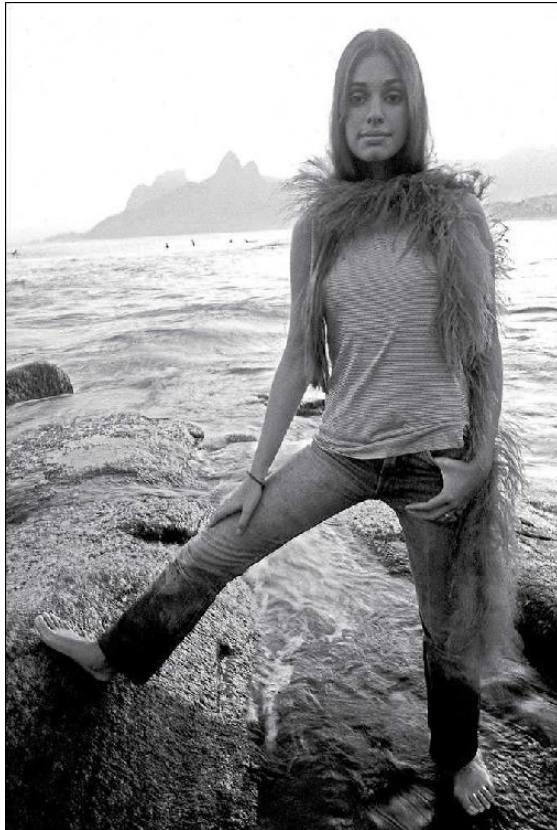
A BOLA

apanhador	—	tite de lemos
faladora	—	isa fig
falado vivo	—	zózimo brasília
falador morto	—	aby flaksman



Da esquerda para a direita: Zózimo Bráulio, Renato Machado, Marcia Kuperman, Alberto Flaksman, Heitor O'Dwyer e Marcos Flaksman: participantes do Orla, grupo que fez montagens teatrais inspiradas na vanguarda do início dos anos 1960.

[Acervo pessoal/Alberto Flaksman (imagens no alto), Acervo pessoal/Izabel Barrozo do Amaral dos Reis Velloso (primeiro retrato enfileirado à esquerda), Acervo pessoal/Alberto Flaksman (cinco retratos enfileirados à direita)]



Duda Cavalcanti, que integrou o Orla por um breve período antes de começar sua vitoriosa carreira de modelo.

[David Zingg/Acervo Instituto Moreira Salles]

Obrigado por ser seu amigo
Zózimo
23-7-62

O autógrafo de Zózimo no programa de uma montagem.

[Acervo pessoal/Alberto Flaksman]



Álvaro Americano, de *black tie*, entre duas senhoras da sociedade carioca.

[Arquivo/Agência O Globo]

Reportagem SOCIAL *Carlos Swann*



As belas e elegantes senhoras Paula Paranaíba, Heronno Braun e Alvaro Dias de Toledo no "sapper" dos Tenda Verde.

CARAPUÇA

NO discurso pronunciado ontem em Brasília pelo Sr. Juscelino Kubitschek, na lançamento de sua candidatura à Presidência da República pela seção do PSD da Capital Federal, há um trecho muito significativo, que faz jus a uma imediata transcrição:

"Em cinco anos de Governo, sem um dia de desceita, sem uma hora ferlada, pude levar a Nação à perspectiva de um destino radiante, dando-lhe a coroa em si mesma e favorecendo o clima construtivo da confiança entre o povo e a autoridade constituída, e isto foi possível graças à fiel execução da direção republicana, que é o lema de nossa bandeira.

Mantida a ordem, com a vigência do princípio da autoridade, sem ferir direitos nem alimentar ódios e ressentimentos, estes procurando desfazê-los ou atenuá-los, pôde acelerar o progresso do País, alcançando com o programa de metas de minha ação administrativa o mais alto índice de desenvolvimento de todo a nossa História."

cerupulosa? Uma subterfuga? Uma crise de crescimento? Enfim, qual dessas coisas? Você o que acha?"

REMÉDIO

MUITO se ataca a Indústria farmacêutica e o Presidente da República vem de baixar decreto criando o GEIPAR, que terá o objetivo de evitar daquela Indústria, principalmente com vistas à baixa dos preços dos produtos. Esperamos que o novo órgão consiga realmente fazer alguma coisa, pois os remédios são pela hora da morte. Mas não são só os laboratórios os responsáveis por isto. As farmácias e drogarias (algumas delas, pelo menos), também abusam. Vejamos o que aconteceu a uma ilustre senhora minha amiga. Saiu de casa para comprar três caixas de 6 empólas de Emelina Bruneau, de 6 centigramas. Foi à Droguaria Econômica, na Rua Figueredo Magalhães. Só havia uma caixa e lhe cobraram pela mesma 2.335 cruzeiros. Surpreendida, pagou e levou. Procurando de mais duas caixas, dirigiu-se à Farmácia Lemos, na esquina da Copacabana com Santa Clara. Venderam-lhe o mesmo remédio por 1.400 cruzeiros. Em outra farmácia, na esquina do Barão de Ipanema com Barata Ribeiro, cobravam 1.450 cruzeiros. No mesmo dia, passando pela Droguaria

Com o pseudônimo de Carlos Swann, Americano substituiu Ibrahim Sued em 1963 no comando da *Reportagem Social*.

[Arquivo/Agência O Globo]



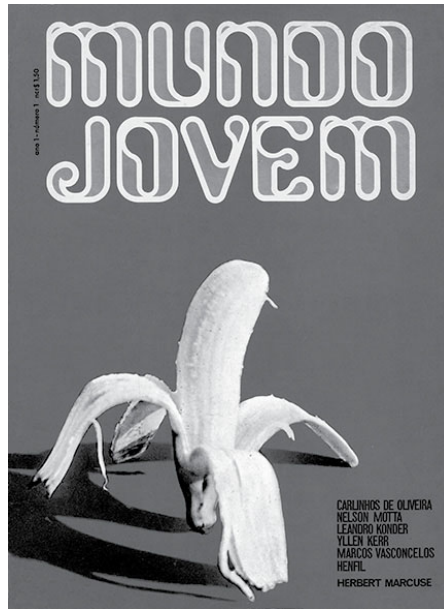
A redação de *O Globo*, basicamente masculina, no final dos anos 1950.

[Arquivo/Agência O Globo]



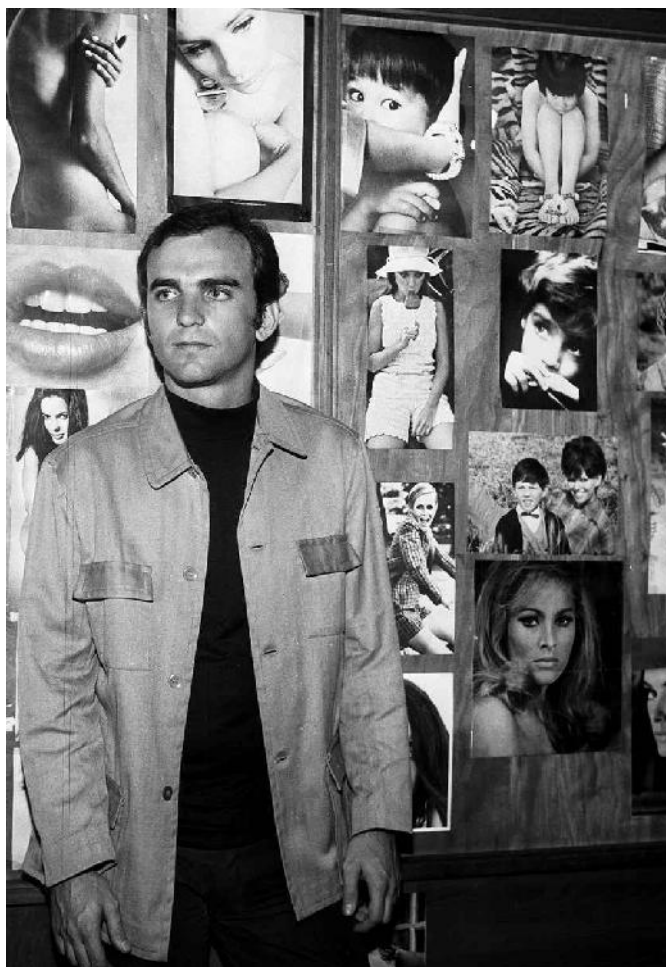
Os irmãos Marinho (Rogério, Roberto e Ricardo), da família proprietária de *O Globo*, onde Zózimo começou no jornalismo.

[Arquivo/Agência O Globo]



A revista *Mundo Jovem*, editada por Zózimo em 1968.

[Reprodução da revista *Mundo Jovem*]



Zózimo, em 1968, quando já assinava a coluna social de *O Globo* sob o pseudônimo de Carlos Swann: posando diante de um mural de fotos na redação.

[Arquivo/Agência O Globo]



Com pé-direito alto e grandes espaços, a redação do *Jornal do Brasil* criou, em seu novo prédio, inaugurado em 1973, um novo desenho para o trabalho dos jornalistas. Nessa época as mulheres começaram a aparecer atrás das máquinas (à esquerda, a jornalista Míriam Leitão, em foto dos anos 1980).

[Mauro Nascimento/CPDoc JB]

Zóximo

Obras e árvores

Evidentemente não sou, e não sei alheio se o Brasil, com a realização das obras públicas, que estão mudando a face do Rio e, em muitos casos, adaptando a cidade às suas atuais condições de metrópole com mais de quatro milhões de habitantes. Mas confesso que me entristece ver a destruição de árvores, com certeza algumas belas, como aconteceu na Avenida Ventuzelas Brito, quando se tratou de retirar as relíquias para pedestres, a fim de dar maior espaço ao trânsito. Nessas relíquias ergueram-se lindas árvores, que foram impiedosamente destruídas. O mesmo aconteceu com muitas árvores da praça de Botafogo, por causa da construção da Viaduto Pedro Álvares Cabral, que se inaugurará, afinal, no próximo dia 10. Não seria possível transplantar essas árvores para outro local. Afinal de contas elas fazem parte do patrimônio vegetal da cidade.

É já que estou falando em árvores e em paisagem, aqui vai uma recomendação que se dirige tanto ao Departamento de Parques como ao Serviço de Parques, Hortas e Jardins. Resolvam reformar o Passeio Público e, para protegê-lo da nova destruição, façam outra vez colocadas grades ao seu redor. Até aí muito bom. Mas, por que manter nos parques esquecidos, obras de famoso Mestre Valentim? Por que substituir a medalha com as efígies de Rainha D. Maria I e de seu esposo D. Pedro II, por um medalhão falso com as armas de Guanabara? Aquilo medalha tinha valor histórico e artístico. Qual a justificativa para a sua substituição? É crime adular monumentos históricos.



A Sr. Heleninha Bresha, de viagem retornada para Lisboa, de onde se regressará, em 15 de março. Vai comemorar o aniversário, de ano, de uso de seu marido, o Sr. Arnaldo Bresha

Ponto final

- Guilherme de Almeida foi convidado a ir a conselheiro do Museu de Capangira pelo Prefeito Rui Novaes que, na semana passada, lhe prestou grande homenagem naquela cidade.
- Com Teresa Barre, como novo redatora, a revista Casa e Jardim vai aparecer diferente e muito mais moderna e atualizada a partir de março próximo.
- Pediu aposentadoria o desembargador Aklino Paulo Falcão, do Tribunal de Justiça de Guanabara.
- O Ministro Costa Cavalcanti convocou a sua paião no Ministério do Interior juntamente com um grupo de amigos no Rio, no sábado.
- Receberam no domingo para almoço, em seu apartamento, Vera e Charles Ritchlin.
- Ráspede, no Rio, de Helene e Ernesto Malmgren, o casal Guilherme Roda, de sociologia de marabá. Ela, Mãe Sandra de solteiro, pertence a uma das famílias mais ricas e importantes do México.
- Encontrou-se no Rio o diplomata Oscar Lorenzo Fernández.
- O Generalissimo Franco (que está morto na Sociedade dos Atores de Espanha com o pseudônimo de Jaime de Andrade) está resignado de suas memórias.
- Voltou ontem para São Paulo, após uma semana no Rio, a gravadora Maria Bonini.
- Condição Bergen, que talvez conheça, double de atriz de cinema e jornalista, deverá participar, no Rio, do próximo Festival Internacional do Filme, onde se sabe em qual das duas condições.

Zóximo Barrozo do Amaral

A primeira coluna de Zóximo no JB foi publicada em 4 de fevereiro de 1969.

[CPDoc JB]



O Painel do Ego, com fotos das andanças de Zózimo pela noite, decorava a parede da sala do colunista.

[Flávio Rodrigues/Tyba]



Manoel Francisco do Nascimento Brito dirigiu o *JB* na grande reforma editorial que começou no fim dos anos 1950 e, em 1969, teve um de seus capítulos mais importantes com a contratação de *Zózimo*.

[Rubens/CPDoc JB]



Zózimo trabalhava com Fred Suter e Marly Gonçalves.

[Foto de Luiz Carlos David]



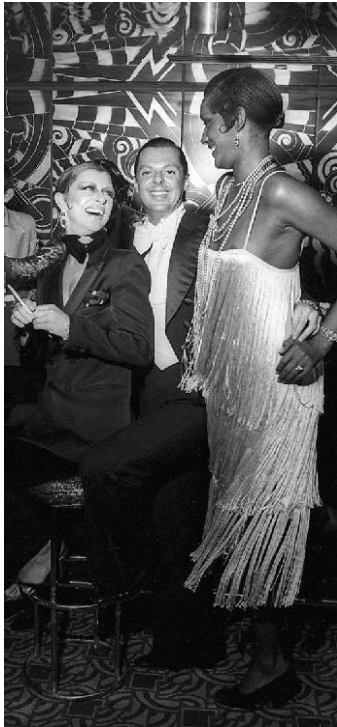
Cena da grande festa do Regine's: a decoração de espelhos e luzes consagrou a casa do Leme como a primeira discoteca frequentada pela alta sociedade.

[Vidal Trindade/CPDoc JB]



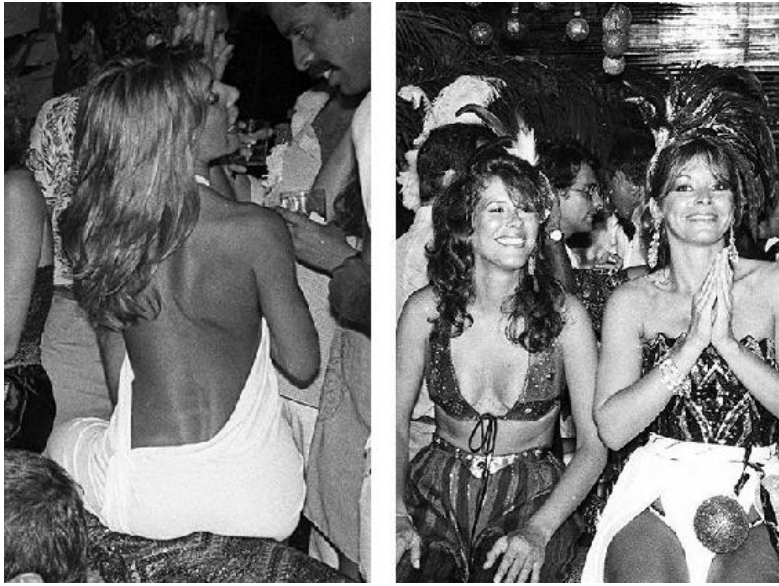
Jorginho Guinle dança com Tônia Carrero.

[Arquivo/Agência O Globo]



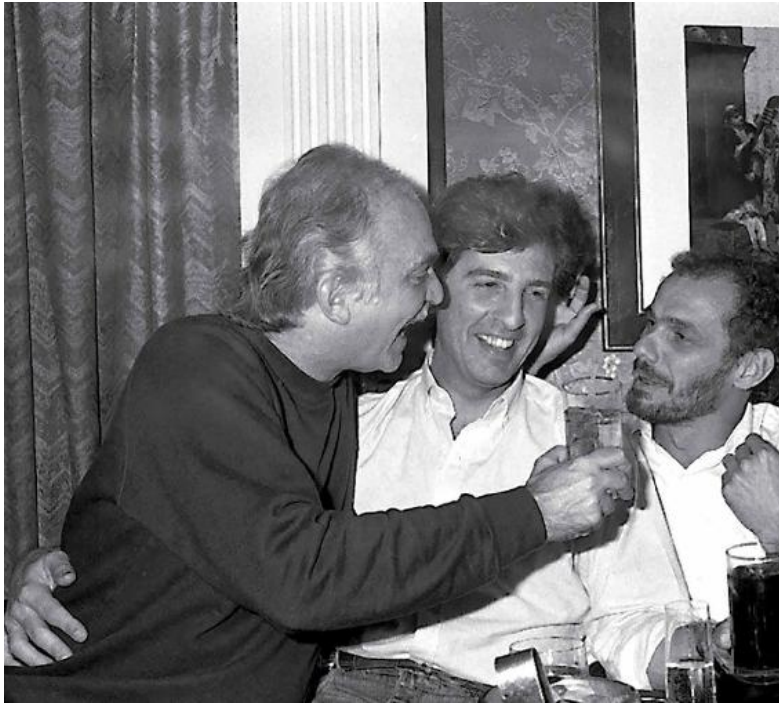
A conversa de Danuza Leão, o estilista Guilherme Guimarães e Laretta.

[Antonio Nery/Agência O Globo]



O grande show dos decotes generosos: a miss Brasília 1974, Mariza Sommer, e as atrizes Tânia Loureiro e Alcione Mazzeo.

[Athayde dos Santos/Agência O Globo]



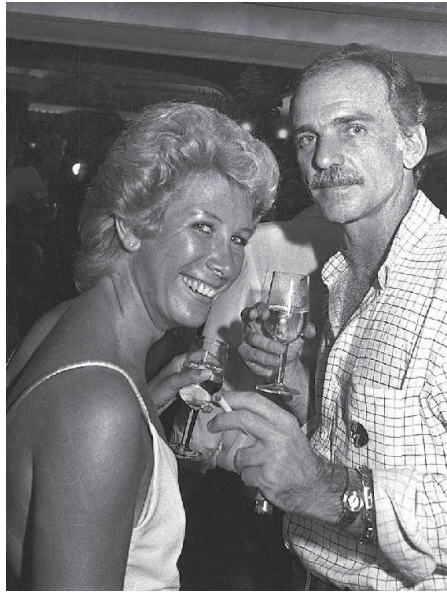
Com os amigos inseparáveis, o empresário Paulo Marinho e o jornalista Ricardo Boechat.

[Acervo Cristina Granato]



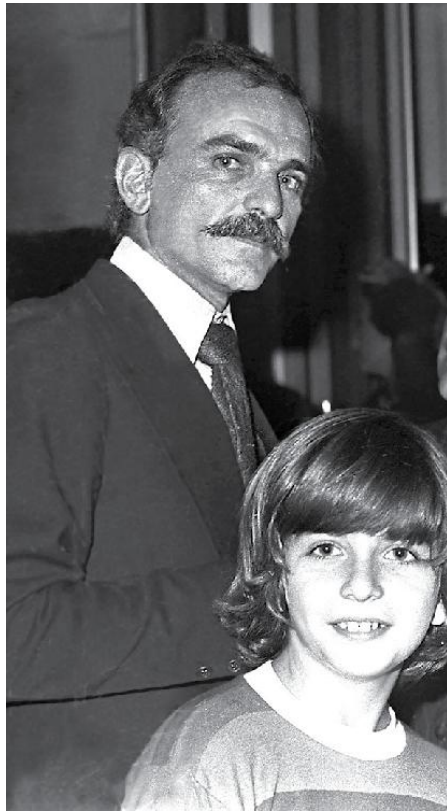
O empresário Olavo Monteiro de Carvalho: parceiro nos eventos sociais, na troca de informações e nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

[Bruno Veiga/Tyba]



Com Marcia, a primeira mulher, mãe de Fernando: uma história de amor com início dificultado pela religião.

[Acervo Rogério Ehrlich]



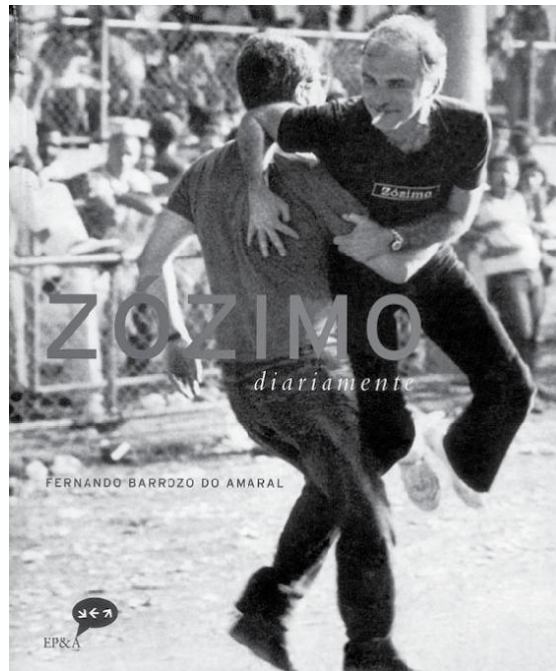
Com Fernando, o único filho, futuro economista.

[Acervo Rogério Ehrlich]



Com a turma do *Dia D*, programa da Rede Bandeirantes, entre Marcos Sá Corrêa e Edgar Flexa Ribeiro. À frente, Scarlet Moon, Belisa Ribeiro e Paulo Marinho.

[Marco Rodrigues]



Capa do livro que Fernando Barrozo do Amaral escreveu sobre o pai: o homem que carrega Zózimo no braço, no intervalo de um desfile de Carnaval, é o jornalista Elio Gaspari.

[Mariana Bernd]



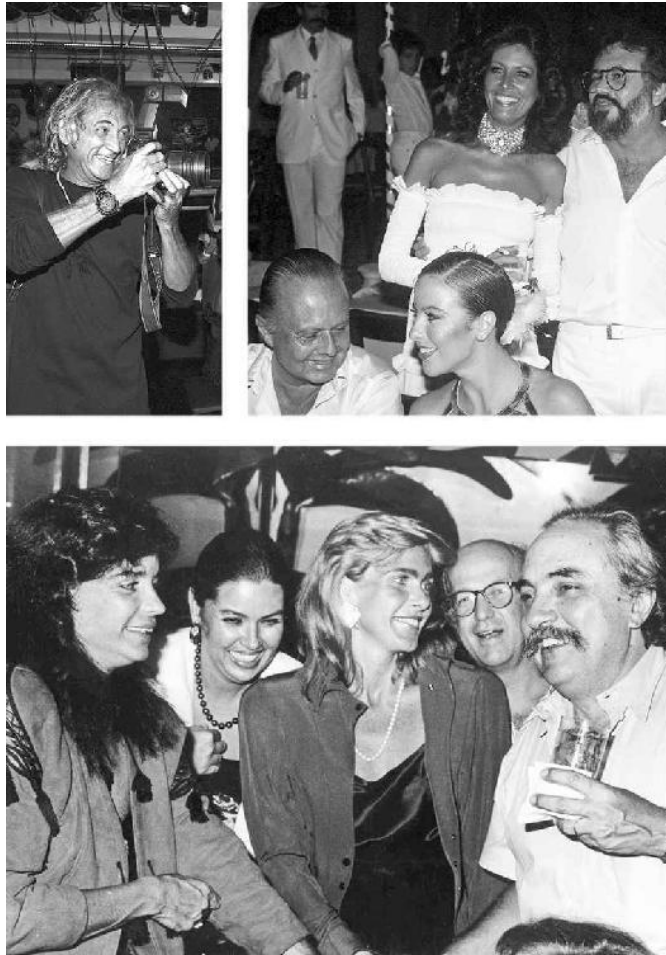
A boate Hippopotamus, em Ipanema, reunia a sociedade que queria se encontrar para conversar e jantar (na foto acima, Sônia Gadelha, Aloysio Queiroz e Silvia Fraga, Moema Jafet, Cristiano Kerti e Angela Carvalho são alguns dos colunáveis às mesas).

[Ari Gomes/CPDoc JB]



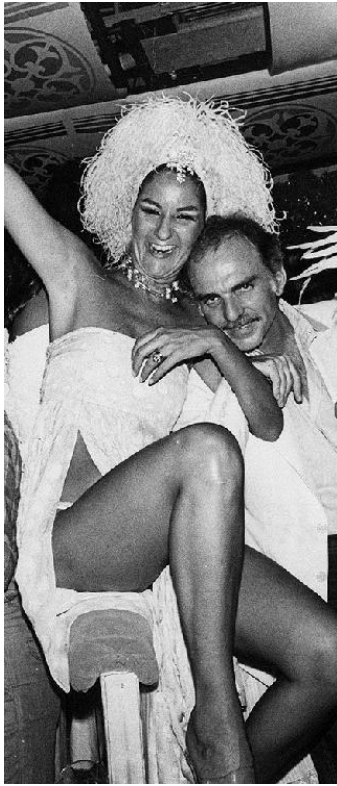
Outros preferiam a pista de dança, como a atriz Christiane Torloni e o cirurgião plástico Robi Tulli.

[Arquivo/Agência O Globo]



No alto, Ronaldo Zanon, um dos principais fotógrafos das noites do Hippopotamus; ao lado, os casais Gisela e Ricardo Amaral (proprietário da casa) e Jorginho e Ionita Guinle; acima, um grupo fiel de frequentadores: Guide Vasconcelos, Katia Vita, Betsy Monteiro de Carvalho, Rodolfo Garcia e José Hugo Celidônio.

[Marcos Ramos/Agência O Globo (acima, direita), Vieira de Queiroz/Tyba (acima, esquerda), Ronaldo Zanon/CPDoc JB (abaixo)]



Carmen D'Alessio e Zózimo.

[Acervo pessoal/Fernando Barrozo do Amaral]



Irene Singery.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



Yolanda Figueiredo e Iara Andrade.

[Antonio Nery/Agência O Globo]



Odile Marinho.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



Lourdes Catão.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



Marialice Celidônio.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



Mirtia Gallotti.

[Rubens Monteiro/CPDoc JB]



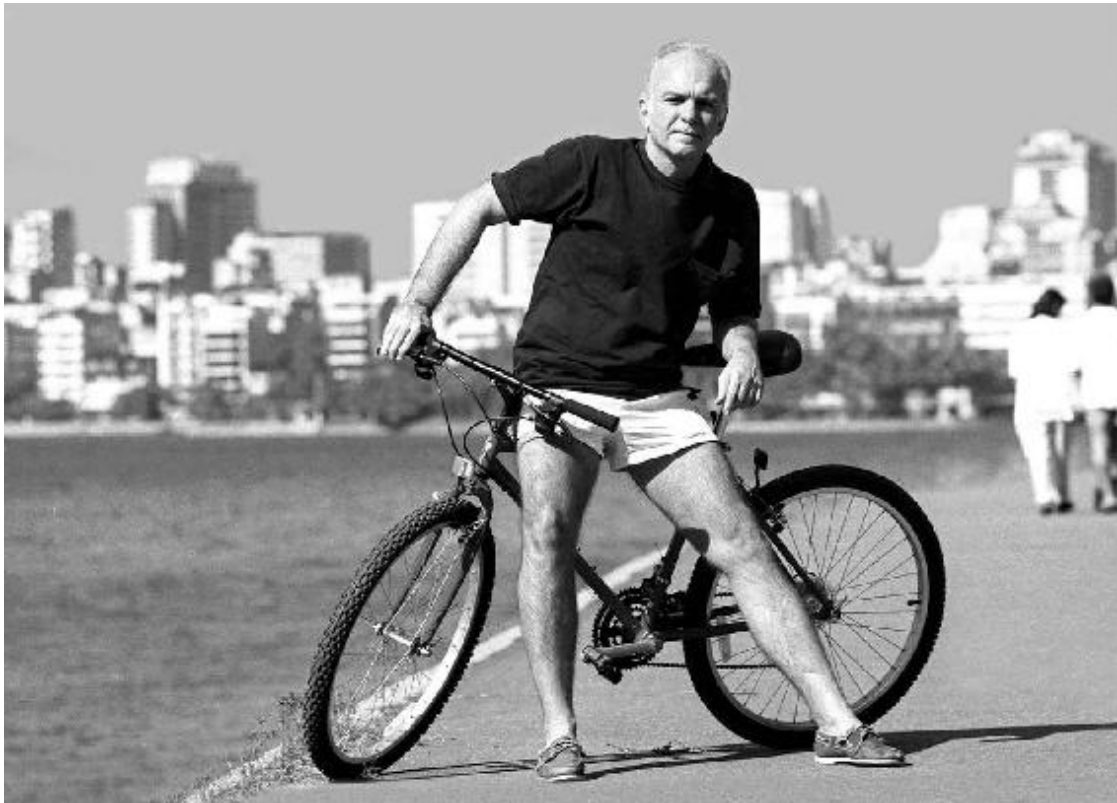
Sílvia Amélia Marcondes Ferraz.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



Kiki Garavaglia.

[Autor desconhecido/Todos os direitos reservados/CPDoc JB]



O colunista tira o *black tie*: Zózimo posa de short e camiseta, na ciclovia da Lagoa Rodrigo de Freitas, para a foto que *O Globo* usaria ao anunciar sua volta ao jornal, em 1993.

[Monique Cabral/Agência O Globo]



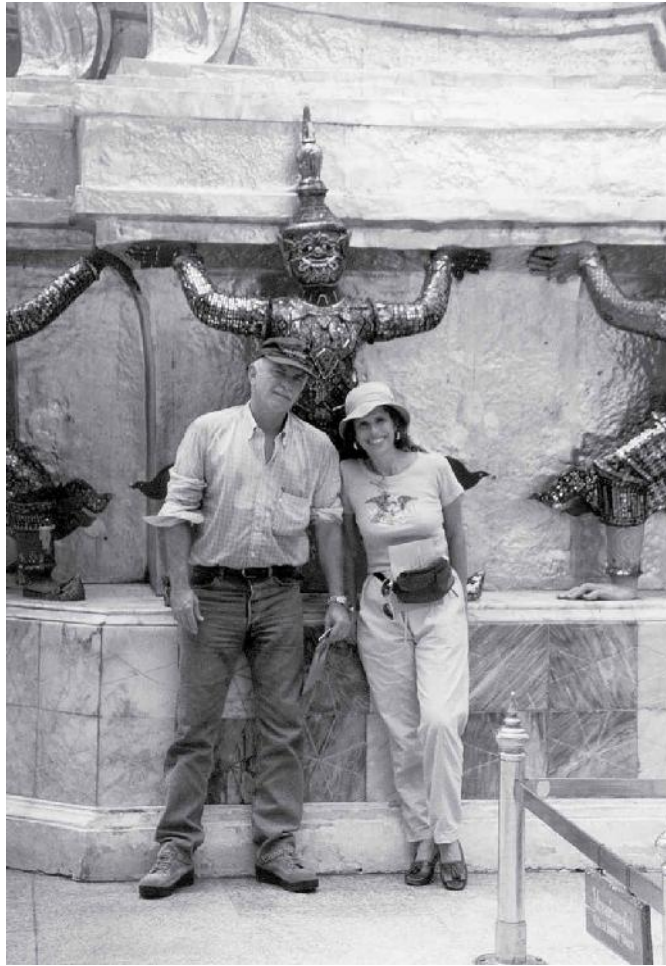
Carmen Viana juntou psicanálise, física quântica e regressão para conduzir Zózimo até vidas passadas.

[Luciana Leal/Agência O Globo]



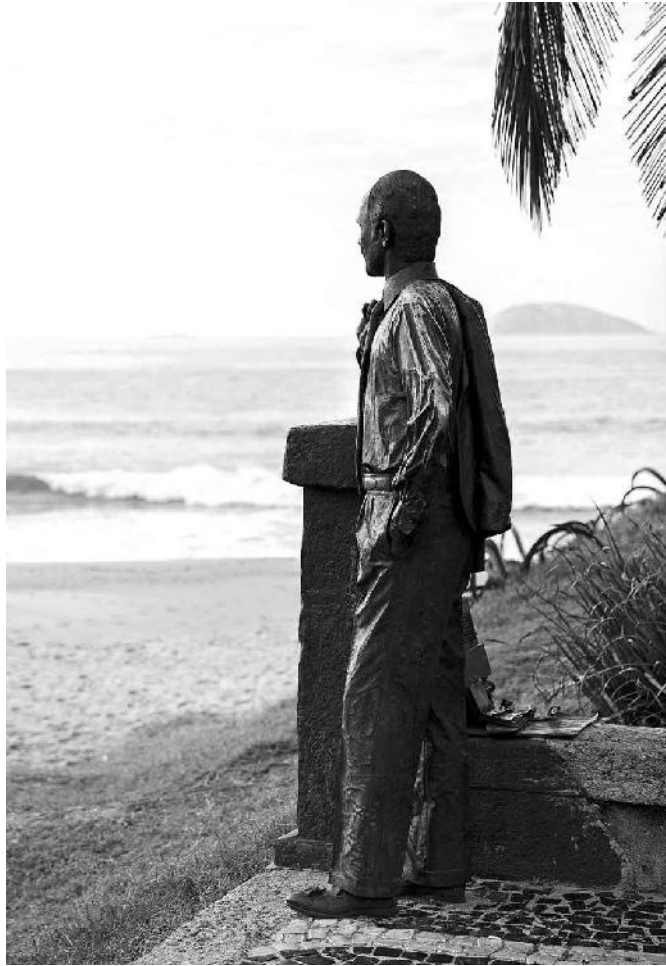
A *Vejinha* carioca deu destaque à transferência do colunista para *O Globo*. Karmita Medeiros (à direita) chegou à capa da *Playboy* apresentada por texto de Zózimo, seu “criador” em dezenas de notinhas.

[*Veja Rio*/Abril Comunicações S/A (esquerda), Ricardo Siqueira/Abril Comunicações S/A (direita)]



Zózimo e Dorita Moraes Barros, sua segunda mulher, que o levou ao roteiro espiritualizado de templos e divindades budistas do Nepal e da Tailândia.

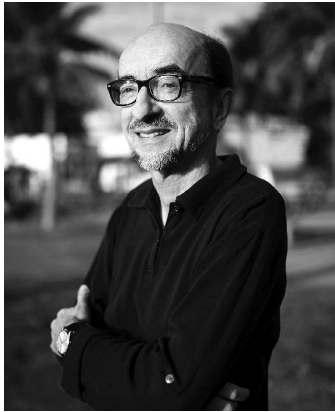
[Acervo pessoal/Fernando Barrozo do Amaral]



A estátua de Zózimo, no final do Leblon, de frente para o movimento na praia: em tamanho natural, com as roupas que o colunista costumava usar. Na amurada, a máquina de escrever e a agenda de telefone.

[Leo Aversa]

Sobre o autor



Joaquim Ferreira dos Santos nasceu no Rio de Janeiro. Começou no jornalismo como repórter do *Diário de Notícias*, em 1969, e ocupou diversos cargos em veículos como a revista *Veja*, o *Jornal do Brasil*, *O Dia* e *O Globo*. Neste último, criou uma coluna de notas no mesmo espaço ocupado anteriormente por Zózimo Barrozo do Amaral. É autor de diversos livros de crônicas, tendo textos incluídos em antologias com o melhor do gênero. Publicou ainda *Feliz 1958 — O ano que não devia terminar* e as biografias de Antônio Maria e Leila Diniz.

Leia também



Poder, estilo e ócio
Joyce Pascowitch



Os Guinle
Clóvis Bulcão



Um brinde a isso
Betty Halbreich